

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

CAMILA LIMA COIMBRA

POSSO TE FALAR DO MEU SONHO? Lugares remexidos da docência

UBERLÂNDIA

2023

CAMILA LIMA COIMBRA

POSSO TE FALAR DO MEU SONHO? Lugares remexidos da docência

Memorial apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos exigidos para Promoção da Classe de Professora Associada IV para a Classe de Professora Titular da Carreira de Magistério Superior, conforme a portaria do Ministério da Educação 982/2013 e a Resolução 3/2017 - do Conselho Diretor da Universidade Federal de Uberlândia.

UBERLÂNDIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C679p  
2023

Coimbra, Camila Lima.

Posso te falar do meu sonho? : lugares remexidos da docência /  
Camila Lima Coimbra. -- Uberlândia: FAGED/UFU, 2023.  
395 p.: il.

ISBN: 978-65-86084-92-4

Livro digital (e-book)

Disponível em : <https://repositorio.ufu.br/>

Inclui bibliografia

1. Educação - Formação de professores. 2. Educadores - Biografia  
3. Memorial descritivo - Professor. 4. Freire, Paulo, 1921-1997.  
II.Título.

CDU: 371.13

Paulo Sérgio Coelho de Sá Filho  
Bibliotecário/Documentalista – CRB 6/933|

Folha de aprovação

---

Malvina Tuttman (Unirio)

---

Márcia Ângela Aguiar (UFPE)

---

Marcos Daniel Longhini (UFU) - Presidente

---

Maria Eliete Santiago (UFPE)

---

Maria Ines Marcondes (PUC-RIO)

Lembrar, desse modo, é perfilar o tempo. É trazê-lo às suas responsabilidades humanas. Trata-se de assumir o tempo como medida humana, como História. Cada um dos passos dados modifica o futuro e, simultaneamente, re-explica o passado. É postura ante o presente, não se tenha dúvida... (NOGUEIRA, 2020, p. 11)

Dedico esse Memorial às minhas professoras das escolas públicas  
(Escola Estadual Enéas de Oliveira Guimarães,  
Escola Estadual Bueno Brandão,  
Escola Estadual de Uberlândia,  
Universidade Federal de Uberlândia),  
em nome da Professora Stela Maria de Paiva Carrijo.

“Em cada palavra pulsa um coração.”

(LISPECTOR, 1999, p. 10)

Cada mudança, cada projeto novo causa espanto: meu coração está espantado. É por isso que toda a minha palavra tem um coração onde circula sangue.

(LISPECTOR, 1999, p. 10)

## Resumo

Este Memorial cumpre requisitos para promoção da classe de professora associada IV para a de professora titular na Universidade Federal de Uberlândia. O Memorial tem como objetivo discorrer sobre a trajetória acadêmico-profissional e, para isso, recebeu o título: Posso te falar do meu sonho? Lugares remexidos da docência. Nesse exercício de recriação das memórias, ao longo da narrativa das histórias remexidas, assumo a docência como protagonista. Não nasci professora, mas me tornei professora quando fiz minha escolha de formação e profissão. Ser professora é condição para uma professora-pesquisadora, para uma professora-extensionista, para uma professora-gestora. As dimensões do trabalho em uma Universidade pública só estão como possibilidades porque sou professora. Partindo dessa premissa, o Memorial foi organizado em duas partes. A primeira parte, em que organizei tudo o que me constitui. Quais tempos, momentos, espaços profissionais que foram e fazem parte de mim. Estão comigo. Por isso a nomeei de “Constituinte Professora”. Cada memória foi nomeada e narrada a partir de sua importância em minha constituição. São 20 (vinte) seções que correspondem aos momentos do processo, iniciada com uma linha do tempo desenhada por Felipe Menegheti. Cada seção começa com um trecho do glossário do Memorial Virtual Paulo Freire, de acordo com o conteúdo tratado. Na segunda parte, apropriei-me do termo freireano e a intitulei de “A teoria do fazer”. Cada uma das 9(nove) seções começa com uma imagem de diversos/as artistas. Nessa parte, trago o que faço, o que penso e como tenho sido e vivido como professora na Universidade Federal de Uberlândia, desde o momento em que escolhi a minha área de conhecimento, o meu lugar na pesquisa, o espaço institucional que tenho trilhado, a partir dos vários caminhos constitutivos já descritos na primeira parte. Dois apêndices completam o Memorial, com a Linha do Tempo contada e o Glossário da Família. Criar, escrever e finalizar esse Memorial foi um exercício exigente mas necessário para a assunção de nossos sonhos. O sonho-projeto como ato político que acredita na transformação social necessária, na liberdade como condição humana, na democracia como base da sociedade, no direito e no respeito para todos/as. Posso te falar do meu sonho?

Palavras-chave: Memorial Acadêmico. Formação de Professores/as. Categorias Freireanas. Práxis revolucionária.

## Abstract

This Memorial fulfills requirements for promotion from associate professor class IV to full professor at the Federal University of Uberlândia. The Memorial aims to discuss the academic-professional trajectory and, for that, received the title: Can I tell you about my dream? Stirred places of teaching. In this exercise of recreating memories, throughout the narrative of the remixed stories, I assume teaching as the protagonist. I wasn't born a teacher, but I became a teacher when I made my choice of education and profession. Being a teacher is a condition for a teacher-researcher, for a teacher-extensionist, for a teacher-manager. The dimensions of work at a public university are only possibilities because I am a teacher. Based on this premise, the Memorial was organized in two parts. The first part, in which I organized everything that constitutes me. What times, moments, professional spaces that were and are part of me. They are with me. That is why I named it the "Professor Constituent". Each memory was named and narrated based on its importance in my constitution. There are 20 (twenty) sections that correspond to the moments of the process, starting with a timeline drawn by Felipe Menegheti. Each section begins with an excerpt from the glossary of the Paulo Freire Virtual Memorial, according to the content covered. In the second part, I appropriated the Freirean term and called it "The theory of doing". Each of the 9 (nine) sections begins with an image of different artists. In this part, I bring what I do, what I think and how I have been and lived as a professor at the Federal University of Uberlândia, since the moment I chose my area of knowledge, my place in research, the institutional space that I have been treading, from the various constitutive paths already described in the first part. Two appendices complete the Memorial, with the Counted Time Line and the Family Glossary. Creating, writing and finalizing this Memorial was a demanding but necessary exercise for the assumption of our dreams. The dream-project as a political act that believes in the necessary social transformation, in freedom as a human condition, in democracy as the basis of society, in law and respect for all. Can I tell you about my dream?

Keywords: Academic Memorial. Teacher Training. Freirean categories. Revolutionary praxis.

## Lista de Siglas

AARE - Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais  
Adufu-ss - Associação Docente da UFU – Seção Sindical  
Anfope – Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação  
Anped – Associação Nacional de Pesquisa em Educação  
BNC – Base Nacional Comum  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
CEMEPE – Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz  
CEPES - Centro de Pesquisas Econômico-Sociais  
CEPF – Círculo de Estudos e Pesquisa Freireanos  
CEU – Centro de Educacional Unificado  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
CNPq – Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
Congrad – Conselho de Graduação  
Consun – Conselho Universitário  
COPPA - Comissão Permanente para Acompanhamento e Avaliação  
DCE – Diretório Central dos Estudantes  
DCM – Diretrizes Curriculares Municipais  
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais  
DGP – Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil  
Difdo – Divisão de Formação Docente  
DIRAC – Diretoria de Administração e Controle Acadêmico  
Diren – Diretoria de Ensino  
Dlice- Divisão de Licenciaturas  
Eiforpecs – Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado  
Endipe – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino  
Eseba – Escola de Educação Básica da UFU  
ESPE - Estágio Supervisionado de Prática Educativa  
Estes – Escola Técnica de Saúde da UFU  
Faced – Faculdade de Educação  
Facip – Faculdade de Ciências Integradas do Pontal  
Gepae – Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional  
GEP AIS – Grupo de Estudo, Pesquisa e Ações em Inclusão Social  
IC – Iniciação Científica  
IFMG - Instituto Federal de Minas Gerais  
IFNM – Instituto Federal do Norte de Minas Gerais  
IFSEMG – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
IFSULMINAS - Instituto Federal do Sul de Minas Gerais  
IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro  
IPUFU – Instituto de Psicologia da UFU  
ISE – Institutos Superiores de Educação  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
Monape – Movimento Nacional em Defesa da Formação de Professoras/es – Curso de Pedagogia

ND – Núcleo de Didática  
NDE – Núcleo Docente Estruturante  
Nespe – Núcleo de Estágio e Prática Educativa  
OIT - Organização Internacional do Trabalho  
OPP – Observatório de Políticas Públicas  
OSC – Organização da Sociedade Civil  
PEF- Princípios éticos freireanos  
PET – Programa de Educação Tutorial  
Pibid – Programa Interinstitucional de Bolsas de Incentivo à Docência  
Pipe – Projeto Integrado de Prática Educativa  
PMDB - Partido do Movimento Democrático Brasileiro  
PPC – Projeto Pedagógico de Curso  
PPGED – Programa de Pós-Graduação em Educação  
PPP – Pesquisa e Prática Pedagógica  
PPPC – Projeto Político Pedagógico de Curso  
Procap – Programa de Capacitação de Professores de Minas Gerais  
Prograd- Pró-reitoria de Graduação  
Prointer – Projeto Interdisciplinar  
PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil  
RP – Residência Pedagógica  
SC – Santa Catarina  
SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior  
Sintet – Sindicato dos Técnicos Administrativos da UFU  
SME – Secretaria Municipal de Educação  
SRE- Superintendência Regional de Ensino  
UEMG – Universidade do estado de Minas Gerais  
UEPA – Universidade do Estado do Pará  
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UFG – Universidade Federal de Goiás  
UFGD – Universidade Federal de Grandes Dourados  
UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora  
UFLA – Universidade Federal de Lavras  
UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais  
UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto  
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco  
UFPR – Universidade Federal do Paraná  
UFRAPE - Universidade Federal Rural do Agreste de Pernambuco  
UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro  
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos  
UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei  
UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro  
UFU– Universidade Federal de Uberlândia  
UFV – Universidade Federal de Viçosa  
UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

UnB – Universidade de Brasília

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas

UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá

Unifesp – Universidade Federal de São Paulo

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros

## Lista de Ilustrações

FIGURA 1 – Comprovante de pagamento da Anfope de 2011	33
FIGURA 2 - Cartaz do XII Encontro Regional Sudeste Anfope	37
FIGURA 3 – Cartaz da Anfope Minas Gerais	37
FIGURA 4 – Cartaz do Dia de Mobilização em Minas Gerais	38
FIGURA 5 – Logo do Fórum Mineiro	39
FIGURA 6 – Logo do Monape	41
FIGURA 7 – Cartas às professoras da Eseba	46
FIGURA 8 - Fotos da Atividade Integrada em 2017	49
FIGURA 9 - Fotos do Painel no Endipe 2020	49
FIGURA 10 – Livro e Autora da Atividade Integrada em 2018	51
FIGURA 11 – Fotos da Atividade Integrada em 2018	53
FIGURA 12 – Foto da apresentação do PPPC em Ituiutaba	57
FIGURA 13 - Folder do Projeto de criação da ZDP (2007)	57
FIGURA 14 - Folder do Projeto de extensão (2007)	58
FIGURA 15 – Jornal da Cidade de Ituiutaba (2008)	59
FIGURA 16a – Registros do Primeiro Círculo de Cultura (2008)	60
FIGURA 16b - Organização dos PIPEs no Campus do Pontal	60
FIGURA 17 - Organização dos Estágios no Campus do Pontal	61
FIGURA 18 – Folder do Núcleo de Licenciaturas	62
FIGURA 19 – Convite para professora homenageada	64
FIGURA 20 - Cartas sobre a saudade, na aula da saudade (2011)	64
FIGURA 21 - Entrega do manuscrito da Pedagogia do Oprimido	65
FIGURA 22 - Momento de escrita no Círculo de Cultura	65
FIGURA 23 - Momento de escrita no Círculo de Cultura	67
FIGURA 24 – Carta e professora no Círculo de Cultura	67
FIGURA 25 – Fotos do Movimento Estudantil	69
FIGURA 26 – Cartaz da Campanha para a Direção da Faced	69
FIGURA 27 – Eixos da Proposta de Trabalho para a Direção da Faced	70
FIGURA 28 – Slide da Reunião do Gepae no dia 28 de novembro de 2015	70
FIGURA 29 – Depoimentos de apoio à Campanha	70
FIGURA 30 – Cartazes problematizadores da Campanha	71
FIGURA 31 – Folder com a Proposta de Trabalho	71
FIGURA 32 - Um dos Cartazes que ficaram na sala	73
FIGURA 33 – Foto da Prograd	76
FIGURA 34 - Organograma criado para a Diren (2010)	78
FIGURA 35 – Fotos dos Bolsistas do PLI em Coimbra	79
FIGURA 36 – Cronograma da Isadora	80
FIGURA 37 – Site da Difdo e Diversa Prática	81
FIGURA 38 – Site do Sistema de Graduação (SISGRAD)	81
FIGURA 39 – Gráfico da evolução dos Grupos PETs Institucionais	82
FIGURA 40 – Imagens das publicações da Diren	82
FIGURA 41 – Foto da Comissão Reuni/UFU (2009)	83
FIGURA 42 - Foto das amigas da UFU com a Clarice no colo	84
FIGURA 43 – Foto da Turma do Doutorado 2003	86
FIGURA 44 – Anotações das aulas do Chizzotti	87

FIGURA 45 – Anotações das aulas do Alípio	88
FIGURA 46 – Fotos do CEU Vila Atlântica	88
FIGURA 47 - Anotações das aulas da Saul	89
FIGURA 48 - Anotações das aulas da Mere	89
FIGURA 49 – Fragmento de Memória de Aula (01/10/2003)	90
FIGURA 50 – Recados da Adriana, Verena e Lucinha	90
FIGURA 51 - Anotações das aulas da Marina	91
FIGURA 52 - Anotações das aulas de Maria Malta	91
FIGURA 53 - Anotações das aulas do Alípio II	92
FIGURA 54 - Fragmentos de pensamentos, ideias e estudos nos cadernos	93
FIGURA 55 - Letra da Mere no registro de orientação	93
FIGURA 56 – Fotos do XIV Endipe	96
FIGURA 57 - Carta de aceite no XV Endipe	97
FIGURA 58 – Cartaz do XV Endipe	97
FIGURA 59 – Site do XVII Endipe	97
FIGURA 60 - Site do XVIII Endipe	98
FIGURA 61 – Fotos do Painei no XIX Endipe	99
FIGURA 62 – Fotos do Painei no XIX Endipe II	99
FIGURA 63 – Comitê Científico do XXI Endipe	100
FIGURA 64 – Cartaz da Sessão Especial 2	100
FIGURA 65 – Foto da Mesa Redonda durante o XI Eiforpecs	101
FIGURA 66 - Logo do XII Eiforpecs na UFU	101
FIGURA 67 – Fotos das Atividades do XII Eiforpecs em Ituiutaba	102
FIGURA 68 - Fotos das Atividades do XII Eiforpecs em Uberlândia	102
FIGURA 69 - Encerramento das atividades do XII Eiforpecs em Uberlândia	103
FIGURA 70 – Passagem da UFU para a Unimontes	103
FIGURA 71 – Logo do XIII Eiforpecs na Unimontes	104
FIGURA 72 – Organização da PPP	112
FIGURA 73 – Carta do Dom José	118
FIGURA 74 - Placa homenagem (2005)	121
FIGURA 75 - Placa homenagem (2006)	121
FIGURA 76 – Cartaz da Live	127
FIGURA 77 – Cartazes do Ciclo de Debates	130
FIGURA 78 – Logo do II SIAVA e I SEMAVA	133
FIGURA 79 – Fotos de Reunião do Gepae	134
FIGURA 80 – Foto da Oficina de Fractais	135
FIGURA 81 – Foto da Turma de Domingos Fernandes	135
FIGURA 82 – Foto de Domingos Fernandes com um Grupo da Turma	136
FIGURA 83 – Foto das Coordenadoras do 2º Encontro do Gepae em 2019	136
FIGURA 84 – Foto de apresentação do “Enrola não, desenrola”	138
FIGURA 85 – Alteração da logo do Gepae	138
FIGURA 86 – Foto da Coordenação da Reunião em 2020	139
FIGURA 87 – Organização da práxis	140
FIGURA 88 – Convite da Reunião do dia 08 de agosto	140
FIGURA 89 – Desenho do Antônio Augusto	141
FIGURA 90 – Post de divulgação do Gepaecast	141
FIGURA 91 – Reportagem do Jornal sobre as eleições no DCE	143

FIGURA 92 – Reportagem do Jornal sobre o impeachment do Collor	144
FIGURA 93 – Programação da I Semana Estudantil	144
FIGURA 94 – Logo do OPP	145
FIGURA 95 - Equipe do Projeto Prossiga – PROOVE	146
FIGURA 96 – Imagens dos Boletins do OPP	148
FIGURA 97 – Cartazes do Ciclo de Debates do OPP	149
FIGURA 98 – Cartazes do Ciclo de Debates do OPP (2021)	150
FIGURA 99 – Foto do Grupo de Pesquisa em 2016	153
FIGURA 100 – Foto do Grupo de Pesquisa na casa da Mere	155
FIGURA 101 – Capas dos três primeiros livros do Grupo de Pesquisa	155
FIGURA 102 – Capa do quarto livro do Grupo de Pesquisa	157
FIGURA 103 – Capa do quinto livro publicado pelo Grupo de Pesquisa	159
FIGURA 104 – Capa do sexto livro publicado pelo Grupo de Pesquisa	160
FIGURA 105 – Foto do Grupo de Pesquisa na PUC/SP	161
FIGURA 106 – Foto do Grupo de Pesquisa na PUC/SP II	162
FIGURA 107 – Registro dos encontros virtuais	163
FIGURA 108 – Capa do Livro Janelas para o mundo	164
FIGURA 109 - Convite do lançamento do livro	165
FIGURA 110 – Slide de apresentação da pesquisa de IC	169
FIGURA 111 – Blog Curriculando	170
FIGURA 112 – Certificados da Pesquisa de IC	172
FIGURA 113 – Fotos das apresentações da IC	172
FIGURA 114 – Slide de apresentação da pesquisa de IC II	173
FIGURA 115 – Foto de três pesquisadoras em Salvador	174
FIGURA 116a – Mapa de localização de Uberlândia	180
FIGURA 116b - Abertura do II Seminário Internacional de Avaliação	180
FIGURA 117 – Organização da Rede em Movimento	182
FIGURA 118 – Organização das ações do Gepae	183
FIGURA 119 - Reportagens do dia 20 de setembro de 2018	183
FIGURA 120a – Notas divulgadas	183
FIGURA 120b - Postagens diárias	184
FIGURA 121 – Organização da rede municipal de ensino	185
FIGURA 122 – Caminho para organização do texto	185
FIGURA 123 – Princípios orientadores	186
FIGURA 124 – Diretrizes Metodológicas	186
FIGURA 125 – Capas das Diretrizes Curriculares Municipais	186
FIGURA 126 – Números de COVID-19 no Brasil	190
FIGURA 127 – Cartaz do Curso O direito à educação	191
FIGURA 128 – Foto do meu escritório na sala de casa	195
FIGURA 129 – Foto de estudantes em-quadrades em telas	195
FIGURA 130 – Cartaz do Provifor	196
FIGURA 131 – Cartazes do Faced presente	197
FIGURA 132 – Cartazes de algumas atividades realizadas	197
FIGURA 133 – Registros das reuniões da Pesquisa Interinstitucional	199
FIGURA 134 – Capa do livro, fruto da Pesquisa Interinstitucional	200
FIGURA 135 – Estrutura Curricular do Curso de Pedagogia da Católica	207
FIGURA 136 – Reportagem sobre o Campus do Pontal	208

FIGURA 137 – Foto de professores do Campus do Pontal	210
FIGURA 138 – Os ciclos de formação do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal	210
FIGURA 139 – Evento do Pibid	214
FIGURA 140 – Foto de reunião do Pibid	216
FIGURA 141 – Foto de bolsistas do Pibid	216
FIGURA 142 – Folder do I Encontro	217
FIGURA 143 – Mesas coloridas pelo Pibid	218
FIGURA 144 – Sala de aula do Pibid	218
FIGURA 145 – Cápsula do Tempo	219
FIGURA 146 – Logo do Pibid Interdisciplinar – Educação do Campo	220
FIGURA 147 – Folder do Seminário Internacional de Educação do Campo	220
FIGURA 148a – Cartas Trocadas no Pibid	220
FIGURA 148b – Capa do livro com um artigo sobre Pibid	221
FIGURA 148c – Exposição de Trabalhos do Pibid	221
FIGURA 149 – Estrutura Curricular do Curso de Especialização	227
FIGURA 150 – Princípios basilares do Curso de Especialização	228
FIGURA 151 – Diretrizes metodológicas do Curso de Especialização	229
FIGURA 152 – Quadro dos Percursos Formativos do Curso de Pedagogia	233
FIGURA 153 – Folder do evento do Curso de Pedagogia	234
FIGURA 154 - Reportagem sobre o Programa Bolsa Escola	240
FIGURA 155 – Espiral das Categorias Freireanas	254
FIGURA 156 – Categorias freireanas	254
FIGURA 157 – Logos de eventos freireanos	260
FIGURA 158 – Foto do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire	260
FIGURA 159 – Artigos apresentados	261
FIGURA 160a – Site do VII Colóquio Internacional Paulo Freire	262
FIGURA 160b – Eventos do Centro Paulo Freire	263
FIGURA 161a – Site do II Congresso Internacional Paulo Freire	264
FIGURA 161b – Certificado do Curso no IPF	264
FIGURA 162a – Folder do Encontros Freireanos	265
FIGURA 162 – Participação em eventos freireanos	265
FIGURA 163 – Participação no 4º Café com Paulo Freire	266
FIGURA 164 – Folder do evento sobre a Pedagogia da Autonomia	267
FIGURA 165 – Slide de participação IV Simpósio Internacional	268
FIGURA 166 – Participação na VI Semana Acadêmica da Pedagogia	268
FIGURA 167 – Participação na Webconferência	268
FIGURA 168 – Participação no Curso de Formação	269
FIGURA 169 – Participação na VII Semana da Integração	269
FIGURA 170 – Participação no XV Seminário Nacional	270
FIGURA 171 – Participação no I Seminário Avançado	271
FIGURA 172 – Aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana	274
FIGURA 173 – Passos da aula expositiva dialogada freireana	283
FIGURA 174 – Cartaz de divulgação da disciplina	287
FIGURA 175 – Momentos da disciplina	290
FIGURA 176 – Foto de plantação do Bonsai na UFU	292
FIGURA 177 – Fotos dos bonecos	292
FIGURA 178 – Imagens do Ensinar é... aprendi o quê? (Remoto)	293

FIGURA 179 – Imagens do Ensinar é... aprendi o quê? (Presencial)	293
FIGURA 180 – Registro da Aula	294
FIGURA 181 – Premiação do Pelejantes	295
FIGURA 182 – Logo do Podcast Pelejantes	296
FIGURA 183 – Fotos da viagem à Unicamp	296
FIGURA 184 – Linha do tempo musicada	297
FIGURA 185 – Fotos da Turma Aceroleira	297
FIGURA 186 – Síntese da Turma Mangueira	298
FIGURA 187a – Registros da Turma Esperança	300
FIGURA 187b – Turma da Karine Morgan na UERJ	301
FIGURA 188 – Cartaz da Série	303
FIGURA 189 – Cartaz da <i>Live 1</i> : Nima Spigolon	305
FIGURA 190 – Cartaz da <i>Live 2</i> : Ana Paula Cavalcanti	306
FIGURA 191 – Lançamento do Memorial Virtual Paulo Freire	307
FIGURA 192 – Site do Memorial Virtual Paulo Freire	307
FIGURA 193 – Cartaz da <i>Live 4</i> : Mônica Lopes Folena Araújo	309
FIGURA 194 – Cartaz da <i>Live 5</i> : Walter Kohan	311
FIGURA 195 – Logo e convite do primeiro dia	314
FIGURA 196 – Desenho metodológico do CEPF	316
FIGURA 197 – Circulantes iniciais	316
FIGURA 198 – Princípios do Curso	319
FIGURA 199 – Verbos operativos do Curso	320
FIGURA 200 – Desenho metodológico do Em-leitura	321
FIGURA 201 – Capas dos livros de Freire lidos no CEPF	322
FIGURA 202 – Convite Em-contros I	322
FIGURA 203 – Folder da V Jornada Político-Pedagógica Paulo Freire	323
FIGURA 204 – Convite Em-contros II	323
FIGURA 205 - Convite Em-contros III	323
FIGURA 206 – Momentos do Em-práxis	324
FIGURA 207 – Princípios para o Em-pesquisa	326
FIGURA 208 – Linhas-síntese da Pesquisa	326
FIGURA 209 – Logo do Observatório Paulo Freire	327
FIGURA 210 – Com-par-trilhar	328
FIGURA 211 – Portal do Bicentenário	330
FIGURA 212 – Instagram do CEPF	331
FIGURA 213 – YouTube do CEPF	331
FIGURA 214 – Site do CEPF	331
FIGURA 215a – Selo comemorativo do Centenário	337
FIGURA 215b – Divulgação do selo comemorativo	338
FIGURA 216 – Cartazes do Café com Pipoca I, II e III	340
FIGURA 217 – Cartazes do Café com Pipoca IV e V	340
FIGURA 218 – Mesa Dialógica I	341
FIGURA 219 – Mesa Dialógica II	341
FIGURA 220 – Mesa Dialógica III	342
FIGURA 221 – Mesa Dialógica IV	342
FIGURA 222 – Mesa Dialógica V	342
FIGURA 223 – Mesa Dialógica VI	343

FIGURA 224 – Mesa de abertura e Cátedras	343
FIGURA 225 – Instituto, Centro e Fátima Freire	343
FIGURA 226 - Kit da Adufu-SS para o Dia do/a Professor/a	344
FIGURA 227 – Edição Especial da Revista Educação Popular	346
FIGURA 228 – Calendário Freireano 2022	347
FIGURA 229 – Calendário Freireano 2021	348
FIGURA 230 – Logo da Exposição Paulo Freire 100+	351
FIGURA 231 – Programação da Exposição	352

## Lista de Imagens

Imagem 1 - Artista: Andrea Mendes	248
Imagem 2 - Artista: Kaji Pato	252
Imagem 3 - Artista: Tiago Dequete	259
Imagem 4 - Artista: Felipe Menegheti	273
Imagem 5 - Artista: Roberto Gonçalves	285
Imagem 6 – Artista: Eduardo Gomes	302
Imagem 7 - Artista: Maria Júlia	313
Imagem 8 - Artista: Lana Maciel	334
Imagem 9 - Artista: Suellen Vilela	350
Imagem 10 – Fotos da Exposição Paulo Freire 100+	353
Imagem 11 – Fotos das experimentações das/os artistas	354
Imagem 12 – Artista: Maria Guilhermina	355
Imagem 13 – Artista: Lionizia Goyá	356
Imagem 14 – Artista: Marilane Melo	357
Imagem 15 – Artista: Osvanda Guerra	358
Imagem 16 – Artista: Soraia Lelis	359
Imagem 17 – Artista: Marileusa Reducino	360
Imagem 18 – Artista: Maria Rosalina Pereira	361
Imagem 19 – Artista: Silvana Rocha	362
Imagem 20 – Artista: Sergio Naghettini	363
Imagem 21 – Artista: Alexandra Cardoso	364
Imagem 22 – Artista: Léa Zumpano	365
Imagem 23 – Artista: Cristiane Rocha	366
Imagem 24 – Artista: Eliane Tinoco	367
Imagem 25 – Artista: Iris Avelar	368
Imagem 26 – Artista: Maristela Bigulin	369
Imagem 28 – Artista: Mara Rúbia Coli	370
Imagem 29 – Artista: Ana Issa Barcelos	371

## Sumário

Introdução	18
Parte I: Constituinte Professora	24
Linha do tempo desenhada	25
1.1. Identidade: quem eu sou constituída de muitos	26
1.2. Anfope	33
1.3. Atividade Integrada	45
1.4. Campus do Pontal	56
1.5. Candidata a Diretora	69
1.6. Diren	76
1.7. Doutorado em Educação	86
1.8. Eventos Científicos	96
1.9. Faculdade Católica	110
1.10. Fórum de Licenciaturas	123
1.11. Gepae	133
1.12. Grupo de Pesquisa: OPP	143
1.13. Grupo de Pesquisa: Currículo: questões atuais	153
1.14. Iniciação Científica	168
1.15. Licença Capacitação	180
1.16. Na pandemia	190
1.17. Os Cursos de Pedagogia	203
1.18. Pibid Interdisciplinar	214
1.19. Projetos que carregam água na peneira	226
1.20. Secretaria Municipal de Educação	238
Parte II: A teoria do fazer	246
2.1 . A linguagem	248
2.2. Categorias freireanas	252
2.3. Eventos freireanos: dialogicidade	259
2.4. A aula expositiva dialogada	273
2.5.Princípios Éticos Freireanos	285
2.6.Entre-mundos_a Série	302
2.7.Círculo de Estudo e Pesquisas Freireanos	313
2.8.Centenário Freireano Circulante	334
2.9.Exposição Paulo Freire 100+	350
Posso te falar do meu sonho?	375
Referências	379
Apêndices	
I. Linha do tempo contada	388
II. Glossário da família	392

## Introdução

Eu acho que não há outro caminhar para chegar a ele a não ser o do respeito, o da amorosidade e da compreensão enquanto diferente e não se zangar porque é diferente, entendeu? Eu não posso te impor o meu sonho, mas **posso te falar do meu sonho** e posso brigar até, não no sentido de murro, eu posso lutar e é isso que eu acho que tenho que fazer para que tu acredites que meu sonho vale. Eu acho que é isso que faz a gente chegar ao outro sem recusas. (Verbete: Afetividade, Paulo Freire, grifo nosso)

O movimento para a escrita desse Memorial, como já anunciado, foi custoso, como diria minha avó Maria. Custoso de trabalhoso, de penoso, de árduo. Não considerei que fosse mexer tanto comigo. Muitas dúvidas para começar. De onde começo? Por onde caminharei? Será que tenho o que dizer? Será que não seriam obviedades? Penso que todo mundo que tiver que escrever deve passar pelas mesmas dúvidas/incertezas que eu. A pergunta é: o que é interessante que merece ser contado? Até achar o jeito de escrever, caminhei por algumas possibilidades: quis fazer um memorial sob a forma de cartas à minha mãe, em cada capítulo um personagem diferente, com histórias diferentes. Não consegui. Seria um exercício muito exigente de escrita. Guardei essa ideia. Como a forma estava imobilizando a minha escrita, decido parar de pensar na forma e começar a escrever. Começar de algo que considero imprescindível. E assim, nessa escrita, desenfreada, de mão dada com a memória, vou atropelando a cronologia e buscando sentido naquilo que me constitui. As cartas aparecem em vários momentos, estão nas memórias, mas não são as memórias. Essa foi a diferença.

Contar é muito, muito dificultoso.

Não pelos anos que já se passaram.

Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se **remexerem dos lugares**. [...]

Tem **horas antigas** que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data.

(Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas*, grifo nosso)

Esse balancê, esses lugares remexidos. As horas antigas que se aproximam. Fiquei saudosista nesse período inicial da escrita. Disparei a mandar fotos para as pessoas com quem estivera em diversas ocasiões. Contar é muito dificultoso, tenho que concordar com Guimarães Rosa (ROSA, 1986). Mineira que sou, lembrar faz a gente viajar sem sair do lugar. O Memorial foi esse movimento de raiz, de achar o lugar – mundo onde nossas experiências se encontram.

Tem um vídeo de uma entrevista<sup>1</sup> de Paulo Freire a Sérgio Guimarães, que se chama “Arapucas da memória”, de janeiro de 1993, em que Freire conta um pouco como foi escrever o livro *Pedagogia da esperança* (FREIRE, 1993a). Tem uma frase dele que me acompanhou ao longo dessa escrita: “Fazer memória é recriar o que foi feito” ou “a experiência da memorização funcionou como possibilidade de um conhecimento novo”. Nesse conhecimento novo, recriado, eu falo de minhas concepções, de minhas práticas, de meus erros, de meu caminho, de uma práxis revolucionária no ser professora.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=m5\\_ZlqU19Z8&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=6&t=321s](https://www.youtube.com/watch?v=m5_ZlqU19Z8&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=6&t=321s). Acesso em: 10 mar. 2023.

Minha memória criada é carregada de tantas gentes. Por isso, em cada seção da primeira parte, termino com uma lista de gentes. Tantas gentes que fazem parte de minha história-memória. Que me constituem como professora. Que me constituem como pessoa. Em todos os papéis que eu exerço nessa vida. Mas antes de chegar nas partes que compõem essa história-memória, que foram feitas em tempos-didáticos que denunciam-anunciam uma jornada docente inteira de desafios, enfrentamentos e lutas, nessa recriação de um conhecimento novo, lembrei da frase atribuída a Marighela, no filme documentário de Wagner Moura, direcionada ao filho: “seja leal, amoroso e honesto”. Tentei ser, na escrita, leal, amorosa e honesta.

Também não considerei justo a minha família ficar de fora dessa memórias-histórias, por isso ela faz parte do Apêndice. De acordo com as Normas da ABNT, apêndice é o “texto ou documento elaborado pela autora, a fim de complementar sua argumentação, sem prejuízo da unidade nuclear do trabalho”. Complementa toda a minha argumentação. Sem eles e elas, eu nada seria. E não causa prejuízo à academia.

Chegar a esse momento da carreira docente, em uma universidade pública, ainda me causa borboletas no estômago. Parece que ainda tenho muito pela frente e muito também vivido. Quero aprender a ser uma professora com toda essa aprendizagem que tive, ao realizar uma síntese de minha carreira, por meio desse Memorial. Esse foi meu objetivo, ao final, sintetizar a minha carreira docente até aqui: quem sou e como faço. Concordo com Freire<sup>2</sup>, quando diz: “o que eu faço é o que fala de mim e não o que eu falo”, por isso, tratei de escrever sobre as coisas que faço.

**Curiosidade** foi a minha primeira escuta. Foi o que mobilizou a minha escrita. O que mobiliza minha curiosidade? Onde quero visitar minha história? A curiosidade foi minha companheira na escrita. Não hesitei em aceitar sua companhia, pois já a considero um par nesse mundo tão cheio de repostas e de formas para as soluções mais fáceis e rápidas. A curiosidade exige tempo. Por isso criei, ao longo do Memorial, alguns momentos de histórias e busquei em Guimarães Rosa o nome de **horas antigas**, porque elas ficam mais perto da gente.

Quanto mais à **curiosidade** se faz crítica, tanto mais aprofunda a leitura do mundo que já era feita antes da mente ficar ou virar epistemológica. Porque há uma leitura do mundo que se faz ao nível da ingenuidade mental, quer dizer, ingenuidade da consciência, na medida em que você agora critica a capacidade indagadora da **consciência**. O que é que vai acontecer? Vai acontecer uma releitura da leitura anterior, que é o rigor. Quer dizer a releitura da leitura anterior se faz a base da aprendizagem da **rigoriedade**. (Verbete: Rigoriedade, FREIRE, 2020, grifo nosso)

Nesse trecho de Freire, retirado do glossário do *Memorial Virtual Paulo Freire*, parece que sou eu nessa curiosidade de conhecer as “leituras de mundo” de outras tantas coisas que ainda quero conhecer e viver. Por isso, movida pela curiosidade, as epígrafes da Parte I foram retiradas do glossário do *Memorial Virtual Paulo Freire*. Todas elas. Sem exceção. Todas falas freireanas que vão compondo a minha leitura de mundo. Optei por captar as falas, pois o glossário retrata tempos de falas de Paulo Freire. Um encontro dialógico. Cada seção recria as

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZSmBOcrqXRE&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=28>. Acesso em: 10 mar. 2023.

memórias, provoca reflexões, pois emerge de uma práxis. Escrevo perguntando: o que é o “pensar certo” de Freire?

Não saberia definir em poucas palavras o “pensar certo” de Freire, em *Pedagogia da autonomia*, mas entendo que é quando conseguimos vivenciar a práxis no sentido de provocar transformação (em nós mesmos e no outro), nesse caso, com quem me torno professora cotidianamente. “Percebe-se, assim, a importância do papel do[a] educador[a], o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo” (FREIRE, 1996, p. 14).

Explico que minha leitura do “pensar certo” freireano está ancorada em três categorias que sustentam a minha trajetória, as minhas memórias e a minha escrita nesse Memorial, penso em categorias, são elas: práxis, politicidade e utopia.

Ao fazer o estudo da compreensão freireana da **práxis**, trago uma síntese. Talvez aqui já esteja o anúncio de que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, ser o saber síntese da categoria práxis em *Pedagogia da autonomia*. Várias vezes esse saber aparece. Fiori (1970) anuncia Paulo Freire como um pensador comprometido com a vida (princípio ético estruturante) e um educador que materializa a sua pedagogia em uma busca pela prática da liberdade (princípio ético fundante). A vida e a liberdade como categorias para pensar a educação (COIMBRA, 2021, p. 138).

As reflexões temáticas desse Memorial partem de uma experiência concreta, que une o agir, na perspectiva transformadora, e o pensar, em uma perspectiva progressista. Escolhas que buscam a coerência na práxis, em um jeito de “pensar certo”. Dialoga com diversos autores e autoras, subverte a técnica da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) que, às vezes, “turva” nossa leitura. Sigo o que considero essencial no respeito à criatividade da escrita.

Nessa práxis como “constitutiva do mundo humano”, que pressupõe a consciência crítica na reflexividade, no par dialético objetividade e subjetividade, na relação homem-mulher e o mundo-cultura, no tempo histórico, e por isso seres condicionados e não determinados, é que me faço nesse Memorial. Por isso, uma palavra que representa a transformação talvez seja a práxis, porque ali mora o agir, o pensar, o libertar, o solidarizar, o esperar, o amar, o refletir, o alegrar, o criticar freireanos (COIMBRA, 2021, p. 140).

Me parece fundamental, neste exercício, deixar claro, desde o início, que **não pode existir uma prática educativa neutra, descomprometida, apolítica**. A diretividade da prática educativa que a faz transbordar sempre de si mesma e perseguir um certo fim, um sonho, uma utopia, não permite sua neutralidade. (FREIRE, 2001, p. 21, grifo nosso)

Tomo partido em minhas escolhas, em meus diálogos, com meu reconhecimento do que considero ter sido constituinte nessa jornada. Por isso não fiz a escolha de escrever de forma cronológica. A história, para mim, é em espiral, é movimento, é feita por gentes. Invisibilizada também por gentes. Opressora. Por isso conto o que significa e justifico onde estou na história. Tem horas que a memória fica doce. Cria lapsos. Esquecimentos. Por isso Paulo Freire chamou de “arapucas da memória” (FREIRE, 1993a).

Uma das bonitezas da prática educativa está exatamente no reconhecimento e na assunção de sua **politicidade** que nos leva a viver o respeito real aos educandos ao não tratar, de forma sub-reptícia (oculta) ou de forma

grosseira, de impor-lhes nossos pontos de vista. (FREIRE, 2001, p. 21, grifo nosso)

Não é imposição, mas é posicionamento. As perguntas são claras e estão explicitando a favor de quê e contra o quê lutamos. Desde a apresentação inicial, até o final do movimento de escrita, com os sonhos e utopias presentes, **assumo a defesa da vida** e das pessoas na problematização com a realidade, o direito à liberdade, os direitos constitucionais previstos em uma sociedade democrática: saúde, moradia, alimentação, educação, lazer.

Para Freire (2011, p. 90), “a verdadeira utopia implica a dialetização da denúncia e do anúncio”. É assim que escrevi o Memorial. Pode não parecer, mas também é um projeto de utopias. A denúncia está carregada de utopias. De sonho como projeto.

A utopia implica essa denúncia e esse anúncio, mas não deixa esgotar-se a tensão entre ambos quando da produção do futuro antes anunciado e agora um novo presente. A nova experiência de **sonho** se instaura, na medida mesma em que a história não se imobiliza, não morre. Pelo contrário, continua. (FREIRE, 1992, p. 47)

A utopia, nessa perspectiva, faz com que nós, seres humanos, na perspectiva freireana, portanto relacionais, históricos, culturais, dialógicos, inacabados, sejamos pensamento e ação, sejamos transformação e criação, estejamos na luta cotidiana por uma sociedade “genuinamente justa, democrática e inclusiva”. Utopia, sonho e esperança são categorias que aproximo, pois as vejo como importantes para materializar o pensamento de Freire. Utopia é o caminho. Sonho é o projeto. Esperança é o movimento.

Em síntese, esse Memorial fala de uma práxis, assumindo uma posição no mundo, a politicidade, e, ao mesmo tempo, a utopia, o sonho, o projeto. A denúncia está embargada de anúncio, de construção de possibilidades. A posição assumida não é solitária, ela se faz com pessoas e histórias que me constituem nessa trajetória como professora. “Sou leal ao sonho. Minha ação tem sido coerente com ele. Exigente com a ética, considero que ela tem a ver com a coerência com que se vive no mundo, coerência entre o que se diz e o que se faz” (FREIRE, 2001, p. 135). Assim encerra-se a carta de Paulo Freire, quando se despede da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.

Por isso o título: Posso te falar do meu sonho? Eu farei o impossível com as palavras “para que tu acredites que meu sonho vale”. Eu usaria até sonhos, no plural, pois descobri que não tenho apenas um. Um deles é essencial, o de transformar essa sociedade em uma sociedade justa. Com eles, outros tantos sonhos se desdobram e já entendi que isso me faz essa professora humana que tento ser. Com contradições. Mas humana.

Também nesse exercício de recriação das memórias, vão perceber em toda a minha história remexida, como a docência assume o papel protagonista. Não nasci professora, mas me tornei professora quando fiz minha escolha profissional. Ser professora é condição para que eu seja uma professora-pesquisadora, para que eu seja uma professora-extensionista, para que eu possa ser uma professora na gestão. As dimensões do trabalho em uma Universidade pública só estão como possibilidades porque sou professora. Nada faz sentido, em minha existência, se não for porque sou professora. A base é a docência, talvez por isso seja anfopeana.

Com tudo isso, o Memorial foi organizado em duas partes. A primeira parte, em que organizei tudo o que me constitui. Quais tempos, momentos, espaços profissionais que foram e fazem parte de mim. Estão comigo. Por isso a nomeei de “Constituinte Professora”. Nessa primeira

parte, tenho uma linha do tempo desenhada por Felipe Menegheti. Está presente, caso seja necessário localizar a cronologia. A seção I é composta pela forma como eu me vejo no encontro com os olhares de outras, por isso nomeei de Identidades. As seções, nessa primeira parte, estão em ordem alfabética. Cada memória foi nomeada e narrada a partir de sua importância em minha constituição. Essas seções correspondem aos momentos do processo. Como eu disse, iniciei cada parte desse processo de constituição com uma epígrafe de um verbete do glossário do *Memorial Virtual Paulo Freire*, verbete achado para articular ao conteúdo de cada seção. E finalizei cada seção com a lista de gentes que estiveram junto comigo. Fazem parte dessa jornada.

Na segunda parte, apropriei-me do termo freireano e a intitulei de “A teoria do fazer”. Nessa parte, trago o que faço, o que penso e como tenho sido e vivido como professora na Universidade Federal de Uberlândia, desde o momento em que escolhi a minha área de conhecimento, o meu lugar na pesquisa, o espaço institucional que tenho trilhado, a partir dos vários caminhos constitutivos já descritos. Um pouco da história de como faço. As seções contam essa história. Uma busca freireana. Contínua. Permanente. Sem fim. Para falar do que faço, tenho também que trazer o que penso, em síntese, mas esse é o movimento de uma práxis, que já disse aqui revolucionária, em busca do “pensar certo”, tarefa de uma educadora progressista. Cada seção da segunda parte inicia com uma imagem de um/a artista diferente que compôs o calendário que fizemos (2021 eletrônico e 2022 impresso). A segunda parte termina cada seção de um jeito diferente, a depender do que insistia em dizer. Muitas imagens fazem parte desse caminho. A ordem dessa segunda parte precisou fazer sentido, talvez de forma mais cronológica, para conseguir entender o que acontece primeiro, pois há, nesse caso, um desencadeamento de fatos e situações que provocam a “teoria do fazer”.

Nos apêndices, trago uma linha do tempo comentada, caso seja necessária. Pois, como já disse, não fiz uma memória cronológica linear e, sim, uma memória de sentidos e significados. A compreensão de alguma memória solta no tempo-espaço das lembranças pode ter a contribuição da linha do tempo desenhada (no início) ou da linha do tempo comentada (no final). E, por fim, ainda no apêndice, trago um glossário com as pessoas da minha família. Foi feito também sob a forma de verbetes. Cada pessoa da família, que explica as minhas raízes, que explica a minha defesa incondicional da vida, que explica a minha teimosia, que explica os meus sonhos, que explica os exemplos que tive para usar a minha existência na busca em “ser mais”.

Enfim, ao assumir as histórias, as memórias e as trajetórias remexidas da docência, entendemos que a leitura de mundo, coerente com a leitura freireana que fazemos, nega o imobilismo ou o fatalismo. “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de **possibilidades** e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade”. (FREIRE, 1996, p. 22, grifo nosso)

O que importa é que somos seres, de tal maneira constituídos, que o presente, o passado e o futuro nos enlaçam. A minha tese, então, é a seguinte não pode existir um ser permanentemente preocupado com o vir a ser, portanto, com o amanhã, sem sonhar. É inviável. Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar, significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã. (FREIRE, 2020)

Sonhar implica, em uma perspectiva freireana, projetar, arquitetar e, sendo assim, faz parte da existência humana, ao pensar no presente, no passado e no futuro. Entrelaçadas estão as categorias da historicidade e do sonho. Um ser de possibilidades, em um tempo de possibilidades, com sonhos na realidade.

(...)questão fundamental é saber com que sonho e contra que sonho. Porque eu não posso sonhar em favor de alguma coisa senão sonho contra outra, que é exatamente aquela que obstaculiza a realização do meu sonho. Eu não posso sonhar se eu não estou claro, também, **a favor de quem eu sonho**. Daí que o ato de sonhar seja um ato político, um ato ético e um ato estético. Quer dizer, não é possível sonhar sem boniteza, sem moralidade e sem opção política. (FREIRE, 2020, grifo nosso)

O ato de sonhar é um ato político, em um sonho-projeto no qual não existe neutralidade. Aliás, para Freire o ser humano é um ser político. Suas ações, decisões, têm concepções expressas. Esse sonho carregado dos princípios, em uma base democrática, faz parte de um projeto-sonho de sociedade, de um projeto-sonho de educação que transforme sujeitos e sociedade.

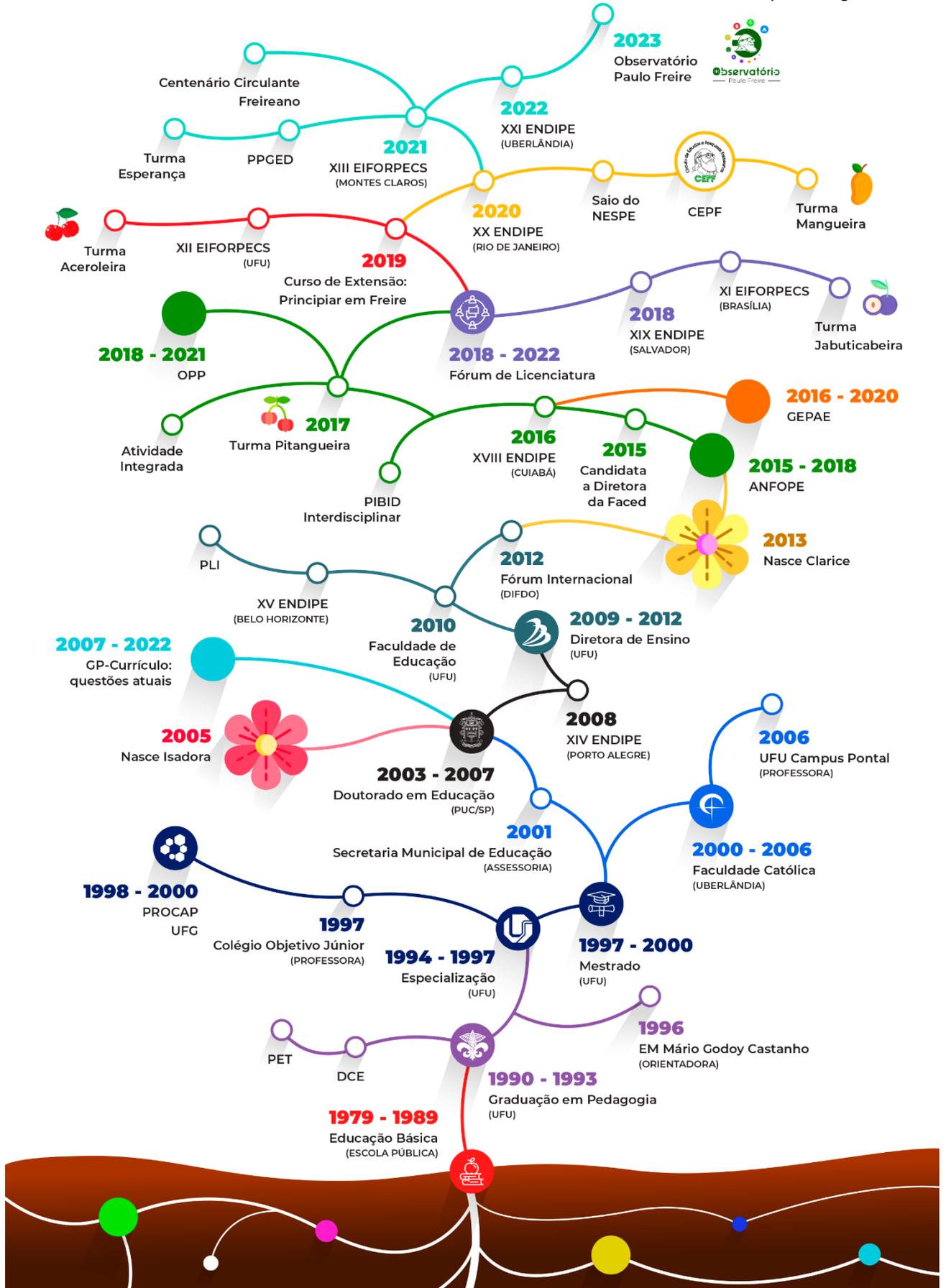
O meu sonho fundamental é o sonho pela liberdade que me estimula a brigar pela justiça, pelo respeito do outro, pelo respeito à diferença, pelo respeito ao direito que o outro tem e a outra tem de ser ele ou ela mesma. Quer dizer, o meu sonho é que nós inventemos uma sociedade menos feia do que a nossa de hoje, menos injusta, mas que tenha mais vergonha. Esse é o meu sonho. O meu sonho é um sonho da bondade e da beleza. (FREIRE, 2020, grifo nosso)

O sonho-projeto como ato político que acredita na transformação social necessária, na liberdade como condição humana, na democracia como base da sociedade, no direito e no respeito para todos/as. Posso te falar do meu sonho?

## **Parte I: Constituinte Professora**

Essa primeira parte, que nomeei Constituinte Professora, compreende a Linha do tempo desenhada do Felipe Menegheti, uma reflexão sobre como me vejo, acrescida do olhar de outras, com o título da seção: Identidade, quem eu sou, constituída de muitos/as. Essa seção Identidades também faz a apresentação desses momentos que serão retratados posteriormente. As seções estão em ordem alfabética: Anfope, Atividade Integrada, Campus do Pontal, Candidata a Diretora, Diren, Doutorado em Educação, Eventos Científicos, Faculdade Católica, Fórum de Licenciaturas, Gepae, Grupo de Pesquisa: OPP, Grupo de Pesquisa: Currículo: questões atuais, Iniciação Científica, Licença Capacitação, Na pandemia, Os cursos de Pedagogia, Pibid Interdisciplinar, Projetos que carregam água na peneira, e Secretaria Municipal de Educação.

Linha do tempo desenhada  
Por: Felipe Menegheti



## **Identidade: quem eu sou, constituída de muitos/as**

Para mim, tu amas na medida em que tu não te aproprias do sujeito e nunca do objeto do teu amor. Dizendo isso, em outras palavras, quer dizer, tu amas na medida em que tu experimentas uma busca de liberdade no outro e com o outro. (Verbetes: Amor, Paulo Freire)

Tudo tem um começo. Esse Memorial foi um exercício de escrita reflexiva muito trabalhoso. A vida toda eu falei sobre a minha péssima memória. Perto de meu irmão mais velho, eu nem tenho memória. E tive que enfrentar os monstros. Assumir as ausências e construir algo que faria sentido para mim. Sempre tive dificuldade de entender as coisas que são feitas porque tem que fazer. Minha pergunta companheira é: por quê? Para quê? Qual o sentido? Giro a roda e encontro sentido. Sou assim; mesmo que seja um parecer técnico de um processo também técnico, penso: para ser a professora que gosto, também tenho que aprender e fazer trabalhos técnicos. Assim me convenço e faço do meu melhor jeito.

Para dar coerência a essa que ora estou, esse ser aprendente que desde criança brinca de contente com as palavras para achar solução. Criança-adulta que acha um jeito de encontrar a possibilidade, mesmo quando tudo parece impossível. Por isso, achei que tinha que me identificar da forma como me vejo. Do uno ao diverso. Do eu ao outro. Se não me conheço, como conhecer o outro?

Sou movida a desafios. Sou constituída de utopias. Vida jabuticabeira não quero. Não sei viver planta. Sei viver intensidade. Sei viver com convicção pelas coisas que penso e faço. Sou intensa. Não me acostumo com pequenezas.

Sou constituída de gentes. Tudo que eu estou foi porque alguém me ensinou a ser. Cada momento do processo são mais gentes que me constituem e todas elas, citadas nesse Memorial, percorrem comigo a jornada.

Sou inquieta. Ao resgatar a minha trajetória, parece que eu nunca estava contente. Não achei parada que me abrigasse completa. Sou feita de incompletudes. Não parava num lugar quieta. Olho para meu tio Lelei, irmão da minha mãe que viveu sua jornada profissional inteira como caixa do Banco do Brasil, e pergunto: por que não sou assim? Minha vida parece ser feita de ciclos. Parece que não sou adepta de monotonia, de estar em um mesmo lugar durante muito tempo. De repetição. De coisas muito encaixadas em um lugar. Isso me desanima, me desespera.

Sou pragmática. Não gosto de debater abstrações. Meu campo é a prática. Preciso visualizar, enxergar, identificar as possibilidades concretas. Por isso adotei o sinônimo de práxis freireana – teoria do fazer – como título da segunda parte do Memorial. Da minha formação, ainda guardo muito material que vez ou outra revisito. Sinto falta de teoria. Sinto falta de estar em ação com a teoria.

Sou corajosa. Tive que aprender muito cedo a cuidar das palavras, pois delas terei que me responsabilizar. Não tenho medo de dizer o que penso. Digo com muito cuidado com o outro, mas digo. Sou boa no debate. Se é por um projeto ou algo em que eu acredite, não desisto fácil. Não quero dizer que ache que sou a razão ou que seja constituída de certezas. Minhas

certezas são provisórias, são contextualizadas, são históricas, são culturais, mas são também apaixonadas.

Os registros me acompanham. Uma pessoa que não tem boa memória precisa compensar de alguma forma. Gosto dos registros. Gosto de fotos. Gosto de guardar cartas, recados, figurinhas; tudo que ganho, se pudesse, guardava. São 231 figuras ao longo do Memorial. E ainda as obras de arte. Descobri que, assim, precisava de uma casa maior. Por isso, tenho que jogar fora algumas coisas de tempos em tempos, mas sempre me arrependo. Sou apegada às pessoas que transformam em versos nosso bem viver ou conviver.

Interessante e contraditório. Somos assim. Eu não me vejo só de um jeito. De muitos jeitos. Também depende de como as pessoas me veem. Por isso, pedi para 5 colegas-pares e 5 estudantes-pares, que participam de minha trajetória profissional, que escrevessem sobre como elas também me veem. Somente mulheres. Mulheres que me ajudaram em minha constituição em busca do “ser mais”.

Tive a chance de morar fora de Uberlândia. Morei em Ituiutaba por 2 (dois) anos. Poderia ter ido para outro lugar, mas nunca quis. Gosto de voar, mas sabendo onde é meu ninho. Minha segurança, meu lugar. Talvez por isso não tenha medo de voar para onde quer que seja, porque sei onde estão minhas origens e delas não me desgrudo fácil, por isso o glossário da família.

Na minha jornada profissional, guardo algumas lembranças de pessoas que sempre se assustavam com a minha idade.

**Horas antigas.** (1) No Colégio Objetivo Júnior, a Diretora pediu que eu não contasse que tinha 17 anos para as mães. Que deixasse elas me conhecerem primeiro. (2) No Procap, quando fui participar de uma reunião com professores/as das Universidades, um deles falou apontando para mim: Chame essa menina, por favor. A menina era eu. (3) Quando assumi a assessoria da SME, achavam que eu era a filha do José Eugênio que, por coincidência, tem o mesmo nome que o meu. (4) Na passagem do cargo de Diretora de Ensino, da Prograd, UFU, a colega insistia que eu não daria conta das atividades do cargo, pois era muito nova e o cargo, muito exigente.

Sou humana. Tenho também meus medos e inseguranças, mas, mais que isso, tenho a coragem e a ousadia. Isso eu devo ao meu pai. Teve muitos erros, mas acertou nisso. O seu olhar acreditava em mim. Ele sempre me olhou sonhando. Essa é uma forma de amar.

Tenho muitas ideias, parece que elas não cabem no meu tempo e nem nas pessoas do meu tempo. Escuto muito: mas pra quê? Você vai mexer mesmo com isso? (Essa frase escuto com muita frequência). Por isso, aprendi a fazer. Antes de falar o que estou pensando, faço. Se der certo, tem o exemplo, se não der, aprendo. Talvez essa seja uma característica adquirida no meu exercício profissional por ter iniciado muito jovem, sempre trabalhando com pessoas mais velhas. Aprendi a mostrar. Minha palavra não tinha muita credibilidade.

Talvez esse seja o jeito como me vejo, temporariamente, a partir desse movimento reflexivo que foi a escrita desse Memorial. Cada dia que percorro uma jornada, fico querendo levar gentes junto comigo. Demorei a entender que já estão comigo. A frase do Paulinho da Viola, em seu documentário “Meu tempo é hoje”, traduz o que compreendo nessa minha relação com o mundo, com as gentes, com a educação, com o papel social, com a minha esperança (como ato) na mudança, na transformação. “Eu não vivo do passado. O passado vive em mim”.

Sou constituída desses passados no presente. Por isso o olhar do outro só é liberdade. Foram convidadas cinco professoras e cinco estudantes que acrescentaram seus olhares: Camila (primeira Turma do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal), Denize (primeira orientanda de IC), Diva (companheira da disciplina Princípios éticos freireanos), Iara (companheira da Faced), Izabela (primeira Turma de Princípios éticos freireanos), Laís (primeira Turma do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal), Leonice (companheira no primeiro Círculo de Cultura do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal), Lucia (companheira na construção do Projeto Pedagógico do Curso de pedagogia do Campus do Pontal), Maria Simone (companheira na Atividade Integrada do Curso de Pedagogia da Faced) e Thaís (primeira Turma do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal). Essas 10 mulheres representam também outras tantas que me fizeram continuar sonhando.

*Talvez ela nem se lembre, mas a Camila me apresentou a universidade pública já no meu primeiro dia. Eu, uma garota de 17 anos que acabara de concluir o ensino médio e alimentava imensuráveis expectativas com aquele universo desconhecido do ensino superior, me deparei com uma moça simpática e acolhedora no prédio provisório do que foi por alguns anos a sede administrativa da recém chegada Universidade Federal de Uberlândia em Ituiutaba. Camila estava sentada em uma cadeira escolar, em um espaço aparentemente improvisado, recepcionando os ingressantes. Ela era uma das professoras que realizava as matrículas das primeiras turmas de uma universidade ainda sem campus, mas com muitas pessoas a construindo, elaborando projetos, planejando ações e alimentando sonhos. Ao pegar minha documentação, ela se apresentou como minha xará e minha futura professora do curso de Pedagogia. Com a matrícula feita, saí desse encontro com coração carregado de felicidade e ansiosa pelo início dessa que seria uma das experiências mais significativas da minha vida. Eu mal sabia que a minha futura professora se tornaria uma grande referência para mim. Camila apresentou para aquela minha jovem e inexperiente versão, que acreditava que para ser pedagoga bastava gostar de criança, a "Identidade, teoria e prática" da Pedagogia, uma Ciência complexa e cheia de fundamentos pela qual eu me apaixonaria e traria propósito à minha existência. Foi com Camila que conheci Paulo Freire e me identifiquei com um projeto de educação e de sociedade socialmente referenciadas. Sempre exigente como docente, nunca aceitava que nosso desempenho como educandos fosse menos do que realmente poderíamos ofertar. Em virtude disso, há quem diga que os estudantes ou a amam, ou a odeiam. Eu sempre estive, sem dúvidas, no time do amor por ela. Talvez por sua didática como professora, por sua amorosidade ao ensinar, por sua coerência em construir os processos de ensino e aprendizagem com a gente ou talvez apenas por suas exigentes cobranças que comunicava o quanto ela acreditava na potencialidade de cada um de nós. O fato é que suas virtudes como educadora não escondem os valores e princípios que a movem nesse mundo. Camila é engajada na construção de um outro mundo possível e eu me vejo de mãos dadas com ela nessa empreitada. Quanto orgulho e gratidão eu sinto por ter a minha voz composta pela voz de pessoas como ela. Carrego em mim muito do que me foi apresentado por ela e sou grata pela oportunidade de ter na minha história as influências de seu estar no mundo. Que ela possa ainda compor muitas e muitas vozes através da sua atuação sempre generosa e comprometida com a função social do projeto de educação e de sociedade que acredita, defende e constrói.*

Camila Rodrigues

*A Professora Camila Coimbra me acompanhou desde o quarto período da graduação, como orientadora de três trabalhos. Sendo, duas iniciações científicas e o trabalho de conclusão do curso. Foram meses de orientações, conversas, reuniões. Dias exaustivos finalizados com*

*sucesso. Camila é visivelmente apaixonada pelo que faz. Sempre muito disciplinada, organizada e disposta a ensinar. Dona de uma sensibilidade especial com o estudante. Uma experiência ímpar de aprendizado sobre a ciência por trás do currículo e sobre a vida do professor.*

Denize Rodrigues Freitas

*Camila*

*significa pra mim:*

*Acolhida*

*Sombra para pegar fôlego*

*Sensibilidade*

*Empatia*

*Doação*

*Cuidado*

*Amor*

*Sinceridade consigo e com o outro*

*Uma mulher encharcada de vida e ânimo*

*Sorriso de completude*

*Diálogo*

*Ensino*

*Transparência*

*Verdade*

*Ideias bem fundamentadas para defender o que acredita*

*Pode ver de outra forma, mas é “osso duro de roer”, só vai se estiver convencida.*

*Você percebe que seu companheiro e suas filhas tem sorrisos que expressam “somos uma família real e nos amamos por isso”.*

*Amiga de todas as horas*

*Mulher destemida*

*Ama a docência e sempre nutre a possibilidade de mudar o mundo*

*Olhos brilhantes e cheios de sonhos*

*Luta*

*Compaixão*

*Compromisso*

*Profissionalismo aliado com os sentidos*

*Esperança*

*E tem um ímã que nos atrai a estar por perto, porque o amor sempre será servido e compartilhado.*

Diva Souza Silva

*Escrever sobre minha amiga Camila é algo paradoxal, pois é altamente desafiador e prazeroso ao mesmo tempo. Camila é uma amiga querida que a UFU me apresentou há 15 anos. Eu já sabia de sua existência, pois era Diretora de Ensino, antes mesmo de ser minha colega na Faced. Trabalhamos juntas no Estágio Supervisionado. Quanto aprendizado, quanta criatividade e competência, adorei! Logo fomos estreitando os laços, foi empatia imediata. Compartilhamos o Núcleo de Didática. Pensamos e construímos juntas com mais alguns e algumas colegas sua candidatura à Direção da Faced. A Camila é dessas pessoas que mergulham no que faz. Aprendemos muito e pudemos construir juntas a minha candidatura à*

*Coordenação do Curso de Pedagogia e percorremos unidas essa experiência. Debates os inúmeros problemas do Estágio Supervisionado na Pedagogia, no curso de Enfermagem, compusemos os NDEs, fomos para o Fórum de Licenciaturas, estivemos firmes na criação do Nespe. Tomamos muito café a fim de terminar nossas conversas intermináveis. Eu sempre digo à Camila que ela é minha mestra e, nesse momento, tenho o prazer de dividir com ela (para ser honesta, de aprender com ela) a turma de Princípios Éticos Freireanos. Nossas conversas se estendem em pautas extra laborais, pois junto com nossa amiga Diva, formamos o trio das mariposas que usam de suas asas para se abraçarem e se sustentarem para além de profissionais, mas como seres humanos e aprendentes que somos.*

Iara Longhini

*Fui aluna, monitora e orientanda da professora doutora Camila Lima Coimbra e esse encontro me ensinou o amor pela docência, um amor que é verbo, ação, inquietude, reflexão, inspiração, novos significados e ressignificações. Esse sentimento traz a certeza de que nunca estamos prontos ou finalizados, mas sempre em busca de aprender, melhorar e buscar novos sentidos. A professora Camila nunca me trouxe respostas, mas sempre trouxe perguntas, as quais me mostraram caminhos para trilhar e me aproximar da Professora que eu quero ser. Com uma habilidade e determinação singular de transformar palavras em ações, a professora Camila me ensinou, sobretudo com exemplos, como tratar estudantes e colegas e que o ensino, a pesquisa e a extensão devem ultrapassar a universidade e alcançar a educação básica. E também com exemplo, inspira e ensina a ter humildade para aprender enquanto ensina, ser professora ao mesmo tempo em que se é aprendiz. Por fim, cada vez mais vejo e sinto sua presença na minha docência, sou feliz e grata por isso.*

Izabela Amaral Cunha

*Camila é fonte de inspiração, encorajamento, ousadia, leveza, confiança e companheirismo. É mulher que se dedica ao que faz, que irradia o esperançar freiriano, que concretiza as mudanças que busca, mesmo que a pequenos passos.*

*Camila fez parte (fisicamente) de minha formação desde o surgimento do curso de pedagogia da UFU em Ituiutaba e mesmo depois que a aquele espaço não pertencia mais, continuava presente em mim com seus ensinamentos e contribuições que ecoavam e ainda ecoam em minhas escolhas e caminhos trilhados como professora. Sua voz de quem repreende com amorosidade ainda soa nitidamente em meus ouvidos, os quais tiveram de enfrentar uma fala que ao mesmo tempo me chamava atenção ao meu potencial e me repreendia por não ter me dedicado o quanto deveria em um processo avaliativo. Recordo-me disso com suavidade e a certeza de que era exatamente o que eu precisava para acreditar mais em mim e me colocar a postos a agir. Camila sempre foi “cirurgicamente precisa” em suas palavras, sabia dosar o peso entre o rigor e o amor. Como professora, sempre tinha uma pergunta pra nos instigar, uma imagem pra nos inquietar e um poema ou música pra nos afagar, não necessariamente nessa ordem. Ao ocupar seu papel de professora problematizadora, me fez me mover em diversos momentos, colocar a cabeça para refletir em coisas que nunca havia parado para pensar antes, me colocando em conflito com a sociedade, com a ordem vigente das coisas, o que me instigava e ainda instiga a ser uma professora que busca a transformação. Como pessoa, Camila quebrava as barreiras de diferenciação entre professores e alunos e se aproximava de nós, saía de um possível status de superioridade que poderia assumir pra estar ao nosso lado ouvindo de nossas vidas, vibrando a cada conquista, caminhando como iguais, compartilhando as angústias e durezas da vida. Passou por atribuições que a fizeram mais*

*forte e sábia. Uma mulher linda por dentro e por fora, com um coração gigante que faz com que muita gente nele caiba.*

*Há muito para se falar de Camila, mas as palavras pecam em descrever sua magnitude como profissional, como mulher, como pessoa humana.*

Laís Alice Santos

*Há pessoas que passam por nossas vidas e há pessoas que deixam marcas ... vejo você Camila como alguém que provoca, mobiliza, transforma as pessoas e, assim, com sua presença viva e ativa, transforma o mundo. Mas em qual direção vejo a sua transformação no/e do mundo? Vejo você como uma pessoa que luta em busca de um mundo melhor, mais humano e justo, em todos os sentidos. Realmente admiro isso e, muitas vezes, me sinto mobilizada por você! Sinto muita força em você. Uma mulher intensa, que não tem receio de enfrentar as forças repressoras, conservadoras, capitalistas, machista... E, o mais importante, enfrenta com amorosidade, criatividade, esperança e dialogicidade.*

Leonice Matilde Richter

*Conheci Camila em 1997 (de vista), uma jovem mestranda que atuava no Programa de Capacitação de Professores (Procap) que atendia todo Estado mineiro. Porém, meu contato mais próximo ocorreu em 2006, quando fizemos concurso para a UFU e fomos com um grupo de 33 professores para Ituiutaba ajudar a criar o Campus Pontal. Naquele momento, o curso de Pedagogia contava apenas com cinco professores e tínhamos a tarefa de elaborar o projeto pedagógico. Começamos o diálogo, e de forma natural, Camila demonstrou sua capacidade de liderança e articulação na condução desse processo. Nesse período enfrentamos muitos desafios, mas graças a sua liderança e engajamento, conseguimos elaborar um projeto com a identidade do grupo que ali estava. Dezessete anos se passaram... fui desafiada a escrever em um parágrafo como vejo Camila. Tentei resumir Camila em três tempos. À primeira vista: uma mulher bonita, simpática, inteligente, personalidade forte, independente, determinada e de bem com a vida. Companheira de trabalho: Super comprometida com as tarefas que assume, líder nata, questionadora, justa e coerente com seus valores e princípios. Amiga: parceira sensível, de alma poética, empática, generosa, amorosa, acolhedora e que sabe dizer as palavras certas na hora certa. É um privilégio conviver com essa pessoa e espero que essa amizade se estenda por toda a vida!*

Lucia de Fatima Valente

*Falar sobre a Camila Coimbra em 1 (um) parágrafo. Que desafio!!!! Afinal, são muitos anos e teria que me remontar à década de 1990 para iniciar a reflexão. Cruzamos diferentes espaços/tempos: graduação em Pedagogia, PET, Faculdade Católica, Facip/UFU, até trabalharmos, efetivamente juntas, na Faced quando aqui cheguei em 2016. Dividimos disciplina na Enfermagem; participamos de várias reuniões do Nespe; planejamos/sonhamos e vivenciamos uma escola possível no trabalho integrado do Curso de Pedagogia da Faced, já que a ideal ainda está distante de sua materialidade; Anfope; eventos... Uma parceira de sonhos, utopias (aquelas que segundo Galeano é o que nos motiva a caminhar), lutas, esperanças, mas também algumas desesperanças... Muitas coisas nos aproximam e outras nos distanciam... Em muitos momentos, em longas conversas que mudam de pauta com a maior facilidade, pois um fio vai puxando outro (somos mestres nisso), falei "Camila,*

*importante não pensar com o fígado, necessário usar a razão, respirar e continuar acreditando na possibilidade. A mudança chegará, não podemos desistir, pois ainda estaremos aqui!!!” Hoje, nesse momento importante da sua vida pessoal e profissional, quero te dizer: “temos mais passado que futuro, mas ainda temos muito tempo nessa caminhada educacional. Espero que não percamos a capacidade de manter o diálogo franco, respeitoso e, principalmente, sigamos firmes acreditando na educação e com a certeza que “amanhã há de ser outro dia”, pois essa utopia ainda é o que tem nos motivado a caminhar.*

Maria Simone Ferraz Pereira

*Falar da Camila é sentir o quanto o movimento do mundo vive em mim. É olhar para 16 anos atrás e lembrar de alguém que me ajudou a me "encontrar" junto dela e com toda sua leitura de mundo, sua forma freireana de ser e estar no mundo me fez conseguir encaixar peças soltas e desencontradas em mim, a cada diálogo, trocas, círculo de cultura, disciplinas foi organizando peças já existentes em mim, construindo outras, mudando algumas existentes, assim, montando o meu quebra cabeça da vida. Tudo aqui dentro ganhou forças para caminhar. Ela é uma profissional que sente e acredita, e é por todo esse sentir, toda essa verdade que faz com que alunxs como eu consiga se encaixar, caminhar com esperança. Foram várias disciplinas e em todas elas, há um acesso interno imensurável e é tudo isso que fica, que faz o fazer acontecer no cotidiano escolar, a prática na qual busco perpetuar. Foi encontrar uma mão para dar passos desconhecidos, não, não foi amuleto, não foi faz de conta. Mas sim foi estar ao meu lado auxiliando no meu desenvolvimento e possibilitando a compreensão de concepções e práticas pedagógicas em prol de uma educação consciente, crítica e de qualidade.*

*A cada síntese uma dificuldade, mas foi por meio dela que a compreendi como instrumento de consolidar a aprendizagem, cada pergunta na devolutiva me ensinava a encontrar caminhos... assim foi ... Não me ensinou a pensar, mas sim a refletir sobre que eu pensava. Não me ensinou a escrever, mas sim como a escrita é um instrumento no qual não só consolida o aprendizado, mas também aponta novas ideias, é pela escrita que se concretiza. Enfim dizer dela é sem dúvida dizer de fonte de inspiração. E um pouquinho de tudo que tem dentro de mim em relação a nossa história. Você uma humana que erra, acerta mas sem dúvida acredita no que faz e é por acreditar, por esse jeito "caçador de mim(ti)" que faz diferença no mundo.*

Thaís Freitas Gomes

## Anfope

(Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação)

Eu acho que o papel dos movimentos sociais é um papel importantíssimo de natureza política, de natureza ética, de natureza estética. Eu não afasto a boniteza de nada, quer dizer, eu acho que os movimentos têm que, tem a própria, os movimentos teriam que encarnar a **boniteza da libertação**, entende, e lutar por ela, também, a poesia da libertação, que para mim não existe sem ela. (Verbete: Movimentos Sociais, Paulo Freire, grifo nosso)

Desde a minha graduação em Pedagogia na UFU, iniciada em 1990, tenho muita simpatia pela Anfope. Na graduação, tive professores/as anfopeanos, dois eram o que chamamos de “anfopeanos raiz”, Olga e Marcelo. Olga foi uma professora que eu tive muita dificuldade de entendê-la, quando era estudante. Não entendia muito bem as categorias marxistas de que ela falava. Minha mente não entendia como essas categorias se apresentavam na realidade, em minha sala de aula. Como boa parte das estudantes do Curso de Pedagogia, estava eu preocupada em como “usar” o conhecimento em minha sala de aula. Essa ideia de aplicação do conhecimento parecia que estava impregnada em mim. Talvez por isso também que a práxis seja uma categoria tão cara em minha trajetória. Fico me perguntando como eu não compreendia, à época, o que ela dizia? Enfim, foram exemplos. Especialmente no campo epistemológico, desde lá sempre encampei a compreensão do curso de Pedagogia como uma licenciatura. Uma das teses da Anfope em que me encontro é a de que a base do Curso de Pedagogia é a docência. A base dos cursos de licenciatura deve ter a base docente. Nisso acredito e defendo, de lá até cá. Fui aprofundando, compreendendo melhor e identificando meu lugar de militância na área.

**Horas antigas.** Ao procurar as memórias, encontrei o pagamento de minha filiação à Anfope em 2011.

FIGURA 1 – Comprovante de pagamento da Anfope de 2011

Comprovante	
SISBB - Sistema de Informações Banco do Brasil - 18/02/2011 - Autoatendimento BB - 07:49:21 Agência: 2918-1 - Conta: 1226-2 - Cliente: CAMILA LIMA COIMBRA	
Debitado	Creditado
Agência:2918-1 Conta:1226-2 Nome:CAMILA LIMA COIMBRA	Agência:4405-9 Conta:8889-7 Nome:ANFOPE ASSOC NAC FORMACAO
Data: Nesta data	Valor: 80,00

Fonte: Arquivo da Autora

Considero-me uma afopeana. De quais princípios compartilho com a Anfope? De muitos dos princípios anfopeanos. O primeiro deles, a defesa da formação inicial, presencial e em nível superior. Durante muito tempo ainda tentei flexibilizar esse pensamento, mas estou convencida de que a formação inicial, para a professora e o professor da Educação Básica nesse país, deve ser presencial, na graduação e, ainda, prioritariamente, em uma Instituição pública de Educação Superior.

O segundo princípio, a luta pela transformação do sistema educacional na articulação com a mudança estrutural e conjuntural visando à construção de uma sociedade democrática, justa e igualitária. O terceiro, a gestão democrática da educação na escola e demais instituições educativas, em todos os níveis, como parte integrante da democratização da sociedade

brasileira. O quarto, a defesa da autonomia universitária como expressão da afirmação da liberdade acadêmica, científica e administrativa nos diversos espaços institucionais. O quinto, o entendimento da reformulação dos cursos de formação de professores/as como processo constante e contínuo, próprio ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos e tecnológicos e das demandas socioculturais. O sexto, a superação do caráter fragmentário e dicotômico da formação do/a pedagogo/a e dos/as demais licenciandos/as, que se materializa na organização curricular, reafirmando a docência como a base da identidade de todos os profissionais da educação. O sétimo, que defende os princípios da base comum nacional que dão ancoragem epistemológica e prática aos currículos de formação de professores/as (ANFOPE, 2010, p. 1416).

Ancoradas nesses princípios, Anfope e eu defendemos a base comum nacional:

- a) sólida formação teórica e interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, bem como o domínio dos conteúdos da educação básica, de modo a criar condições para o exercício da análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional;
- b) unidade teoria-prática atravessando todo o curso e não apenas a prática de ensino e os estágios supervisionados;
- c) trabalho coletivo e interdisciplinar como eixo norteador do trabalho docente;
- d) compromisso social, político e ético do educador, com ênfase na concepção sócio-histórica de leitura do real e nas lutas articuladas com os movimentos sociais;
- e) gestão democrática entendida como superação do conhecimento de administração enquanto técnica e compreendida como manifestação do significado social das relações de poder reproduzidas no cotidiano escolar;
- f) incorporação da concepção de formação continuada visando ao aprimoramento do desempenho profissional aliado ao atendimento das demandas coletivas da escola;
- g) avaliação permanente dos cursos de formação dos profissionais da educação, como responsabilidade coletiva a ser conduzida à luz do projeto político pedagógico de cada curso/instituição (ANFOPE, 2018, p. 14).

Talvez eu ainda não tenha participado de um espaço coletivo entre colegas ou pesquisadores/as da área que discordem dos princípios ou da base comum nacional defendida pela Anfope. O grande ponto de divergência entre os/as estudiosos/as está na docência como base do Curso de Pedagogia, tese com que concordo e que compreendo, como já disse, ser a consolidação de defesas históricas no campo da formação no Curso de Pedagogia. Desde lá na minha tese de doutorado, senti a necessidade de compreender as diferenças, respeitá-las, mas também de assumir um lugar, um posicionamento. Por isso a categoria politicidade é um par tão representativo em minha trajetória. São pressupostos da Anfope:

O eixo da formação no curso de Pedagogia é o trabalho pedagógico, escolar e não escolar, que tem na docência, compreendida como ato educativo intencional, o seu fundamento.

A base dessa formação, portanto, é a docência em seu sentido amplo, enquanto trabalho e processo pedagógico construído no conjunto das relações sociais e produtivas, e, em sentido estrito, como expressão

multideterminada de procedimentos didático-pedagógicos intencionais, passíveis de uma abordagem transdisciplinar.

O curso de Pedagogia, porque forma o profissional de educação para atuar no ensino, na organização e gestão de sistemas, unidades e projetos educacionais e na produção e difusão do conhecimento, em diversas áreas da educação, é, ao mesmo tempo, uma Licenciatura e um Bacharelado. (Anfope, 2020)

A defesa de que o Curso de Pedagogia é um curso de licenciatura e bacharelado compreende, assim, a formação mais ampla, abrangente e compreende o trabalho pedagógico em sua totalidade. Nesse sentido, não entende que ser licenciatura seria “reduzir” o Curso de Pedagogia, e sim significá-lo. Dar uma base de formação para qualquer profissional que seja formado/a para uma práxis educativa: a docência. Isso considero ser digno da profissão de professor/a e de pedagogo/a. A Anfope não defende as hierarquias criadas no golpe militar como habilitações no Curso de Pedagogia. E assim, compreende que “os cursos de Pedagogia comprometidos com a formação de professores/as têm a ciência da educação como um dos seus objetos são comprometidos com a educação crítica com bases sólidas, voltada para a formação humana omnilateral, emancipadora” (Anfope, 2020).

Entendemos que a complexidade do trabalho pedagógico não suporta parcelarizações, que prejudicam a organização do trabalho na escola, defendemos uma formação unitária no curso de Pedagogia. Ao defender esta tese, é importante destacar que a ANFOPE não nega e, nunca negou, a produção do conhecimento científico do campo da educação no âmbito do curso de Pedagogia, ou seja, ao defender que a Pedagogia é ao mesmo tempo uma licenciatura e um bacharelado é reconhecer que a Ciência da Educação é objeto do curso de Pedagogia. (Anfope, 2020)

Nessa aproximação, que se faz por meio de referências que tive na graduação em Pedagogia e por meio do encontro epistemológico, metodológico e praxiológico, em 2019, durante o XII Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado (Eiforpecs), convidamos a presidenta da Anfope, professora Lucília, e resolvi associar-me à Anfope novamente, agora com a intenção de participar ativamente da Associação. Em 2023, completo 5 anos de Anfope, como docente. Na época de estudante também me associei, mas depois me distanciei da mesma; apenas a acompanhava como professora nos Cursos de Licenciatura.

Em 2020, começamos, eu e Simone, um movimento de mobilização no Estado de Minas Gerais, pois naquele ano a Anfope não contava com uma coordenação estadual. Esse trabalho de mobilização, bem como a ação desenvolvida na coordenação estadual da Anfope, eu e Ivana relatamos durante o XIII Seminário Nacional de Formação de Professores com o tema Formação de Professores, compromisso social e direito à educação: (re)construindo uma agenda democrática, ocorrido na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), de forma presencial, de 21 a 23 de setembro de 2022.

Busco de lá essa história, para descrever o movimento em Minas Gerais e hoje, em 2023, a Anfope conta com coordenação e vice-coordenação estadual e foi muito importante no processo de resistência à Resolução CNE/CP nº02/2019, bem como a outras proposições do Governo Jair Bolsonaro e Governo Zema, os quais consideramos um retrocesso na área da educação e, especialmente, na formação de professores/as.

No dia da plenária de Minas Gerais, 30 de outubro, construímos a Carta de Minas Gerais, construída e aprovada na plenária, com uma análise crítica do cenário do Estado, e a reiteração de alguns posicionamentos da Anfope, em relação, principalmente, aos seguintes pontos:

- importância de fortalecer a ANFOPE em MG e em nossa região;
- lutar contra o desmonte da Educação Especial: fortalecer a luta, somar a outras associações;
- resistir às legislações que separam formação inicial e continuada;
- reafirmar os princípios da epistemologia da práxis;
- caracterizar e explicitar com mais detalhes a defesa das Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia de 2006, especialmente em relação à base docente, a unitária formação do/a pedagogo/a e na pluralidade e interdisciplinaridade proposta;
- enfrentar e se opor à BNCC e à forma de controle com a qual o Ministério da Educação tem conduzido todas as políticas públicas para espelhamento da BNCC;
- analisar, avaliar e produzir a defesa necessária ao Pibid e à Residência Pedagógica (como parte de uma política de valorização profissional), e incluindo as especificidades necessárias desses programas para atender cursos ofertados a partir da pedagogia da alternância;
- fortalecer e lutar pela composição democrática de um Conselho Nacional de Educação;
- reafirmar o PNE – Plano Nacional de Educação – como plano central da política educacional brasileira;
- valorizar o conhecimento científico produzido pelas pesquisas acadêmicas, integrando-os na práxis pedagógica do universo investigado, com as ideias, resultados e projeções advindas delas;
- incentivar, divulgar, ampliar e compartilhar o fortalecimento dos Fóruns (licenciaturas, Fórum Nacional Popular) e Conselhos e Comissões<sup>3</sup> (Estaduais e Municipais) como espaços político-pedagógicos de resistência propositiva.

Com essa mobilização no estado de MG, eu e Ivana compusemos a chapa para eleição da Diretoria da Anfope 2020-2022. Participamos da organização do XII Encontro Regional Sudeste, com a temática Políticas de Formação e Valorização dos Profissionais da Educação: Projetos em Disputa e Resistência Democrática, nos meses de outubro e novembro. Como parte desse XII Encontro Regional Sudeste, fizemos uma Live, no dia 03 de novembro, com o título A Anfope em Minas Gerais: história, memória e perspectivas<sup>4</sup>, com os professores Olga e Marcelo.

---

<sup>3</sup> Em Minas estamos cobrando que o governo Zema respeite e trabalhe com a Comissão Permanente da Educação do Campo. Instituída pelo Decreto Estadual nº 46.218, de 15 de abril de 2013, alterado pelo Decreto Estadual nº 46.233, de 30 de abril de 2013 e Decreto Estadual nº 46.939 de 21 de janeiro de 2016. Desde a entrada do Zema no Governo que a Comissão não se reuniu mais.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PmUI5p7Chjk&t=943s>. Acesso em: 25 maio 2022.

FIGURA 2 - Cartaz do XII Encontro Regional Sudeste Anfope



Fonte: Arquivo da Autora

Eleita a Diretoria da Anfope, em fevereiro de 2021, começamos como coordenadoras estaduais, com reuniões mensais da Comissão Estadual com o objetivo de continuar a mobilização do estado, especialmente para conhecimento das realidades mineiras. No estado de Minas Gerais, temos as seguintes Instituições Públicas de Ensino Superior: CEFET - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais; IFMG - Instituto Federal de Minas Gerais; IFNM – Instituto Federal do Norte de Minas Gerais; IFSEMG – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais; IFSULMINAS - Instituto Federal do Sul de Minas Gerais; IFTM – Instituto Federal do Triângulo Mineiro ; UEMG – Universidade do estado de Minas Gerais; UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora; UFLA – Universidade Federal de Lavras; UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais; UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto; UFSJ – Universidade Federal de São João Del Rei; UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro; UFU– Universidade Federal de Uberlândia; UFV – Universidade Federal de Viçosa; UFVJM – Universidade Federal dos Vales Jequitinhonha e Mucuri; UNIFAL – Universidade Federal de Alfenas; UNIFEI – Universidade Federal de Itajubá; Unimontes – Universidade Estadual de Montes Claros.

Como diz Guimarães Rosa, “Minas, são muitas. Porém, poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais.” E nesse aprofundamento para conhecer melhor a nossa realidade, em meados do ano de 2021 nos dividimos, a partir de duas grandes ações de nossa participação no Estado: a participação no Fórum Estadual e a criação e participação no Fórum Mineiro em Defesa da Formação de Professoras e Professores. Ainda antes dessa nossa organização interna, parte do movimento da Regional Sudeste, houve a realização de uma Live por estado, em Minas o tema foi “Horizontes mineiros na análise das políticas públicas de formação de professores/as<sup>5</sup>”, realizada no dia 15 de junho de 2021.

FIGURA 3 – Cartaz da Anfope Minas Gerais

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=go-mhzw0-M&t=379s>. Acesso em: 25 maio 2022.



Fonte: Arquivo da Autora

Por princípio, a Anfope esteve na organização e constituição do Fórum Mineiro em Defesa da Formação de Professoras e Professores, ação capitaneada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), que teve como marco o dia 18 de agosto de 2021.

FIGURA 4 – Cartaz do Dia de Mobilização em Minas Gerais



Programação do Dia de Mobilização

Como ponto de partida, o Fórum assumiu a concepção de docência, conforme a Resolução CNE/CP 2/2015:

Compreende-se a docência como ação educativa e como processo pedagógico intencional e metódico, envolvendo conhecimentos específicos, interdisciplinares e pedagógicos, conceitos, princípios e objetivos da formação que se desenvolvem na construção e apropriação dos valores éticos, linguísticos, estéticos e políticos do conhecimento inerentes à sólida formação científica e cultural do ensinar/aprender, à socialização e construção de conhecimentos e sua inovação, em diálogo constante entre diferentes visões de mundo. (BRASIL, 2015, p. 9)

Já escrevi em outro momento que a Resolução n. 2/2015 busca sua coerência teórica, a partir do momento em que propicia a existência de um curso de formação que declara a

sua intencionalidade, que materializa quais as concepções, finalidades e princípios de formação são pretendidos, e expressos por meio de definições como essa (COIMBRA, 2020a).

Para além dessa definição, também elegemos 4 (quatro) princípios que sustentam o consenso em relação à formação de professoras e professores para a Educação Básica no estado de Minas Gerais, conforme registro:

1. Diversidade e flexibilidade para a construção de projetos formativos próprios e criativos. Esse princípio é a base da autonomia didático-científica das universidades, prevista no artigo 207 da Constituição Federal de 1988.
2. Indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, essencial à compreensão e domínio de instrumentos próprios ao processo de construção do conhecimento pedagógico e científico e sua socialização.
3. Unidade teoria-prática e equilíbrio curricular na definição dos conhecimentos teórico-práticos necessários à formação de professoras e professores.
4. Trabalho coletivo e interdisciplinar como eixo norteador do trabalho docente.

Esses foram os pontos de partida do movimento do Fórum Mineiro em Defesa da Formação. Defendemos a formação ancorados em qual referência? E assim começamos a construção do trabalho no âmbito do Fórum Mineiro.

FIGURA 5 – Logo do Fórum Mineiro



Fonte: Arquivo da Autora

Dessa forma, o dia 18 de agosto marca a mobilização do Estado de Minas Gerais, um convite às IES para a participação no Fórum. De agosto em diante as reuniões foram mensais, com a discussão de ações e encaminhamentos para o debate. Construímos a Carta Aberta às IES Mineiras<sup>6</sup> em dezembro de 2021, em que o Fórum se posiciona em relação à Resolução CNE/CP 02/2019 e convida professores/as da Educação Básica e

<sup>6</sup> Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1HkuSF-StBX64dQ41t58nx9od5vJ7-vhB/view?usp=sharing>. Acesso em: 25 maio 2022.

Superior e estudantes para o posicionamento em relação ao que defendemos na formação de professores/as.

O fato é que muitos de nós ainda não têm clareza sobre o tamanho do prejuízo que a Resolução CNE/CP n. 02/2019 trará às licenciaturas brasileiras, tanto no trabalho docente quanto na formação inicial dos professores(as) de Educação Básica que, hoje, são os(as) discentes das licenciaturas. E é preciso estar a par desses prejuízos para se sentir motivado(a) a resistir.

Sobre essa resistência à Resolução CNE/CP n. 02/2019, o primeiro aspecto que queremos ressaltar aqui é que não estamos sozinhos. Hoje, resistir a essa Resolução não é uma luta apenas mineira. Há fóruns de resistência em vários estados brasileiros trabalhando arduamente contra essa mudança. E muito material bom e elucidativo tem sido produzido sobre o tema. Por isso, o Fórum Mineiro preparou para você uma síntese das mudanças que mais nos prejudicarão caso a Resolução CNE/CP n. 02/2019 seja mesmo integralmente implantada e uma *playlist* com materiais sobre o tema disponíveis na Internet. Isso tudo é para que você tenha acesso facilitado às melhores e mais atualizadas informações sobre a questão. (Carta Aberta)

Acompanhava a Carta Aberta um vasto material de consulta, de informação e conhecimento em relação à Resolução 2/2019, além de um link para a inscrição no Fórum Mineiro. Em 2022, fomos 82 participantes. Ainda em 2022, elegemos a coordenação colegiada do Fórum Mineiro. Além da decisão de funcionar com a coordenação colegiada, o Fórum também decidiu sua organização a partir de comissões de trabalho: Comissão de Comunicação (criação de mídias e divulgação); Comissão de Secretaria (elaboração e revisão de documentos, organização das reuniões, e-mails); Comissão de Relações Públicas/Políticas (contatos e parcerias); Comissão de Eventos (planejamento e proposição).

Esse movimento coletivo, em que represento a Anfope, tem trazido força, coragem e disposição para os enfrentamentos institucionais que cada participante relata e compartilha. Para além desse movimento, construímos também um formulário *google* para fazer um mapeamento das IES Mineiras em relação à Resolução CNE/CP n. 2/2019, e construímos um relatório com esses dados.

A área de formação de professores/as constitui-se, assim, minha área de atuação: sou professora de Didática e de Princípios Éticos Freireanos, nos cursos de licenciatura; sou pesquisadora na área em que atuo, pois integro Paulo Freire na formação de professores/as; coordeno o GT de Formação de Professores da Anped-CO e participo da coordenação estadual da Anfope, em Minas Gerais. Vejo articulação e integração nas coisas que faço e que defendo.

Nesse caminho, nesse lugar, faço aqui o que não farei em outras seções: registro os artigos que já publiquei sobre a formação de professores/as que fazem sentido para quem estou na Anfope.

COIMBRA, Camila Lima. Os Modelos de Formação de Professores/as da Educação Básica: quem formamos? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e91731, 2020a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362020000100604&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362020000100604&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 abr. 2021.

Este artigo advém de um projeto de pesquisa sobre os modelos curriculares que norteiam a formação docente, e tem como objetivo traçar o percurso histórico da formação de professores/as da Educação Básica no Brasil. São identificados três modelos nesta trajetória: modelo conteudista, modelo de transição e modelo de resistência. Os marcos regulatórios para esta formação são objeto de análise para a compreensão dos contextos históricos, culturais e sociais construídos desde a década de 1930 até 2015, em uma perspectiva de educação e formação progressistas. A pergunta inicial: quem formamos? nos leva a constatar a coabitação dos três modelos no cenário atual e a necessária valorização ao modelo de resistência por suas características históricas na busca da dialogicidade como dimensão importante de uma educação transformadora.

COIMBRA, Camila Lima. Um modelo anacrônico para os cursos de licenciatura no Brasil: uma análise do Parecer CNE/CP nº 22/2019. *Formação em Movimento* v. 2, i. 2, n. 4, p. 621-645, jul./dez. 2020b. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/623>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Este artigo tem como objetivo trazer ao debate a formação de professores/as para a Educação Básica, a partir de uma análise crítica do Parecer CNE/CP nº 22/2019. São interpretações dialéticas de unidades temáticas que podem materializar o delineamento do perfil de professores/as para o Brasil, desdobrados posteriormente na aprovação da Resolução CNE/CP nº 02/2019. Quais perspectivas são apresentadas por esse marco legal, para a formação de professores/as no Brasil? Esta é a problematização deste artigo. Para isso, analisa-se o Parecer que tem os referenciais que deveriam sustentar as proposições da Resolução. Nesse sentido, compreende-se como fundamental esta análise pormenorizada, levantando os pontos que justificam a denominação deste, como um modelo anacrônico para a formação de professores/as da Educação Básica.

COIMBRA, Camila Lima. O inédito viável na formação de professores/as da educação básica: por onde vai uma práxis educativa. *Formação em Movimento*, v. 4, i. 1, n. 8, p. 152-176, 2022d. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov/article/view/211>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Este relato de experiência reflete sobre uma práxis educativa na formação de professores/as da Educação Básica, iniciada em 2017, com a disciplina Princípios Éticos Freireanos, optativa para os cursos de licenciatura e ofertada pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia que culminou na criação do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF-UFU). Assim, torna-se objetivo deste relato revelar os inéditos viáveis que foram construídos nessa práxis. Como romper com uma lógica disciplinar? Quais os desafios para uma práxis freireana? Como aprender a teoria e a prática em uma perspectiva freireana? Problematizações que acompanham as contradições de uma práxis educativa desenvolvida coletivamente. Também foi abordada a necessidade de uma práxis compartilhada em um exercício docente rigoroso e amoroso, em busca de perspectivas para a formação de professores/as para a Educação Básica.

Para finalizar, o Fórum Mineiro também participa do Movimento Nacional em Defesa da Formação de Professoras/es, com dois representantes e uma suplente: eu, Regina e Sirleine. Esse Movimento Nacional (Monape) tem representações de todos os Fóruns estaduais existentes e que se organizaram para resistir à Resolução 2/2019. Criamos uma

coordenação executiva do Monape: eu, Lucília, Shirleide, Eliacir, e Lisete como coordenadora geral.

FIGURA 6 – Logo do Monape



Fonte: Arquivo da Autora

Participar, organizar, estar dentro desse movimento de resistência e, ainda, representando a Anfope, tem sido árduo e ao mesmo tempo prazeroso; a coletividade, a união, a ajuda mútua têm sido vivenciadas tanto no âmbito da Regional Sudeste como em nossa “dupla mineira”, e também dentro do Fórum e do Monape. Exercício de engajamento, militância e muito trabalho que tem nos gratificado com conquistas históricas e de reinserção do Estado na luta em defesa da formação e valorização de formação de professores/as.

Já escrevi em um dos artigos citados (COIMBRA, 2020a), resistências são práticas. No plural. Afirmar e reafirmar que a realidade é assim mesmo, de forma cética ou fatalista, não condiz com a forma como concebemos a educação e, por consequência, a formação de professores/as. É por isso que as perguntas, as problematizações realizadas no cotidiano inundam de possibilidades de resistência qualquer práxis educativa, desde que democrática.

Participar da Anfope, como disse Freire na epígrafe, considero “um papel importantíssimo de natureza política, de natureza ética, de natureza estética”. Andar junto é solidário. Estar junto é uma boniteza só. Envolver-se, posicionar-se é um compromisso ético de nossa profissão. Por isso, a Anfope me constitui.

Pessoas que estão junto:

Alcilene Abreu  
Alessandra Peternella  
Alessandra Santos de Assis  
Ana Abreu  
Ana Rosa Peixoto Brito  
Andréa Silva Gino  
Andreia Nunes Militão  
Celi Nelza Zucke Taffarel  
Celso Ferrarezi  
Cristiane Aparecida Baquim  
Daniele Cristina de Souza  
Deise Ramos da Rocha  
Denise Silva Araújo  
Dirce Zan  
Eduardo A. Moscon Oliveira  
Eliane Matesco Cristovão  
Fábio Luiz Alves de Amorim  
Geovana Ferreira Melo  
Gyzely Suely Lima  
Helena Costa Lopes de Freitas  
Iduína Chaves  
Iria Brzezinski  
Isabel Maria Sabino de Farias  
Ivana Cristina Lovo  
Jacqueline Magalhães Alves  
Karine Morgan  
Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva  
Laís Alice Oliveira Santos  
Lana Ferreira de Lima  
Lisete Jaehn  
Lucília Augusta Lino  
Luiz Aparecido Alves de Souza  
Magali Aparecida Silvestre  
Malvina Tânia Tuttman  
Marcelo Mocarzel  
Marcelo Soares Pereira da Silva,  
Márcia de Souza Hobold  
Maria Célia Borges  
Maria de Fátima Barbosa Abdalla  
Maria Nilceia de Andrade Vieira  
Maria Renata Alonso Mota  
Maria Simone Ferraz Pereira  
Marina Ferreira de Souza Antunes  
Micael Pereira Matos  
Noeli Prestes Padilha Rivas

Olga Teixeira Damis  
Raquel Cruz Freire Rodrigues  
Renato Barros de Almeida  
Rita de Cássia Cavalcante Porto  
Sergio Inácio Nunes  
Silvana Bretas  
Sirleine Brandão de Souza  
Sonia aparecida Faleiros Almeida  
Suzane da Rocha Vieira Gonçalves  
Wallace Cabral  
Yuna Lelis Beleza Lopez

### Atividade Integrada

Na verdade, o conflito parteja, é a parteira mesmo da consciência. O conflito ilumina, o conflito te muda, te reeduca, te educa, inclusive, você tem que **aprender a enfrentar o conflito** para também não se machucar muito, entende. (Verbete: Conflito, Paulo Freire, grifo nosso)

Não sei precisar de onde surge a ideia da atividade integrada, mas penso que dessa necessidade de ruptura da estrutura de uma educação bancária, de um ensino muito fragmentado em disciplinas, na ausência do diálogo entre docentes de um mesmo Curso de formação de professores/as. A pergunta que me acompanha sempre é: como romper essa lógica? Como romper essa estrutura, já que a gente ensina que a escola deve integrar, deve dialogar? Como dizer isso se não fazemos? Mais uma vez, a ideia da práxis como uma categoria estruturante na formação de professores/as. Por isso, encontrando pares na jornada, fui buscando fissuras nessa estrutura.

Nos anos de 2016 e 2017, ao assumir a disciplina de Didática II no Curso de Pedagogia em Uberlândia, assumo também a importância de estabelecer uma parceria com a nossa escola de Educação Básica (Eseba), uma relação importante entre professores/as em formação e professores/as em exercício. Enxergar as possibilidades de atuação de nossa profissão por meio do olhar de quem está, dá, em nossa análise, um outro significado para quem ouve. Traz a práxis concreta.

De acordo com a ementa da disciplina, temos como função dialogar sobre a “Avaliação educacional e prática avaliativa no contexto do sistema e da educação escolar. Formas de organização da prática educativa escolar e os desafios da realidade de nosso tempo.” Ou seja, são as dimensões do ensino. Temos uma escola de educação básica, temos estudantes egressos do Curso em atuação, então como fazer esse diálogo? Algumas colegas-professoras do Curso assumem também, no segundo ano, a ideia de fazermos o que denominamos integração entre as disciplinas, ou seja, “Atividade Integrada”. Traçamos como objetivos abaixo.

- a) Integrar os componentes curriculares do 2º ano a partir do eixo destinado ao Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE).
- b) Conhecer a realidade de escolas públicas e privadas do município de Uberlândia.
- c) Compreender a relação teoria e prática na realidade das escolas.
- d) Problematizar a realidade concreta de escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental.
- e) Refletir sobre problemas presentes na realidade das escolas e pensar alternativas rumo à construção de práticas pedagógicas diferenciadas.

Nesse sentido, o componente curricular PIPE seria o articulador dessas reflexões sobre e com a prática educativa, ao compreender a escola que temos na perspectiva da escola que queremos: rumo a uma escola melhor.

Para isso, elegemos um livro que seria lido pelas turmas do 2º ano (matutino e noturno): MACBEATH, John; SCHRATZ, Michael; MEURET, Denis; JAKOBSEN, Lars Bo. **A história de Serena**: viajando rumo a uma Escola melhor. Portugal: Edições ASA, 2005.

A partir da leitura do livro, apenas da primeira parte, buscamos as seguintes problematizações: E se as histórias fizessem parte da escola? E se os sujeitos se identificassem com a escola? E se a gente aprendesse na escola? E se o que a gente aprende na escola fosse interessante? E se as pessoas fossem importantes para a escola? E se a escola fosse parceira da família? E se os estudantes fossem o centro da escola? E se os profissionais da educação fossem bem remunerados? E se a escola fosse para a vida? E se ... professores, estudantes e pais fossem os atores/chave no palco do sistema educativo? E se... mudássemos a escola através da autoavaliação partilhada?

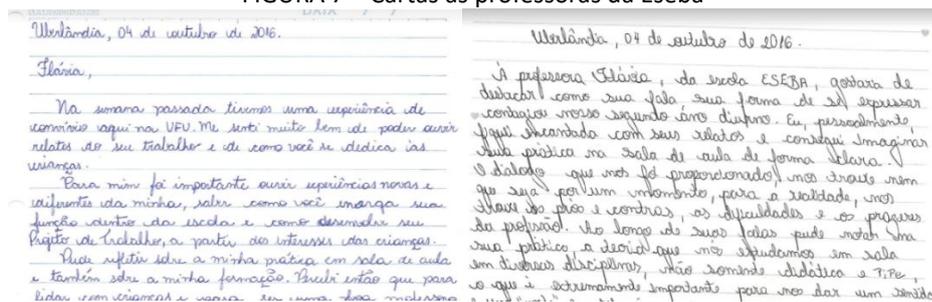
De acordo com o *Dicionário de filosofia*, de Abbagnano, alteridade significa ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro. A alteridade é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença. A partir do reconhecimento de minha identidade é que consigo re-conhecer o outro, ou seja, a partir de histórias individuais a escola lida com a diversidade, o outro, a diferença, a pluralidade num contexto coletivo de interações sociais que se contrapõem e se interagem.

Buscando outras linguagens que definam a relação com o outro/diferente, chegamos ao que denominamos de amigas críticas, professoras em exercício que pudessem dialogar sobre e com a escola. Sabemos que nossa sociedade tem cultuado, historicamente, a competição e a individualização de processos sociais. Na concepção progressista que habitamos, devemos desenvolver valores éticos, em respeito aos direitos humanos, em busca de uma sociedade mais justa, humana e solidária. Por isso, buscamos interações, trocas, na perspectiva de enxergar a escola como centro de mudança, que significa conduzir a responsabilidade para o desenvolvimento de seu próprio currículo, identificando a diversidade presente em seu contexto histórico e cultural e vivenciando o conflito proveniente destas diferenças na realidade.

Viver na escola é viver socialmente. Como conviver com o outro diverso? Em qual perspectiva? E assim, as amigas críticas foram uma forma dialógica de aprendizagem, de professoras em formação com professoras em exercício. Convidamos 4 (quatro) professoras: Bruna Jordana, da Escola Municipal Itamar Franco; Clarice Carolina Ortiz de Camargo – Escola de Educação Básica da UFU (Eseba); Keila Resende, da Escola Navegantes; Flávia Pimenta de Souza Carcanholo - Escola de Educação Básica da UFU (Eseba), e Laís Santos - Mestranda em Educação/PPGED/UFU.

A atividade integrada consiste em um dia por mês de “aula integrada”, com todas as professoras e componentes que fazem parte do movimento. Assim, após o diálogo com as professoras, pedimos que as estudantes escrevessem uma carta dizendo o que acharam da troca.

FIGURA 7 – Cartas às professoras da Eseba



Fonte: Arquivo da Autora

Encontrei, nos “achados” do Memorial, um relato sobre o diálogo da Bruna e da Carol. Um registro mesmo de como foi. No dia 27 de setembro de 2016.

“Bruna começa contando sua trajetória, que formou na UFU, no Curso de Pedagogia, em 2011, teve uma experiência inicial na Escola Navegantes. Hoje é professora de educação infantil na rede municipal e pedagoga na Escola Estadual Itamar Franco, no Shopping Park. Ao iniciar o trabalho de pedagoga, a visita à escola Reggio Emilia na Itália a ajudou, bem como os conhecimentos aprendidos no Curso. A equipe gestora da escola estava bem animada com a possibilidade de reorganizar a escola e isso contribuiu para que a Bruna pensasse a sua atuação na mesma. É mais nova que a maioria dos professores da Escola e disse que a discussão da reorganização curricular foi a primeira tentativa e caminho seguido por ela. É responsável por 16 turmas. Tinha a segurança teórica do que queria e começou a trabalhar com projetos. Não há mais cadernos por disciplinas, mas apenas dois cadernos sobre os projetos. Tinha uma inquietação das crianças com as corujas que estavam fazendo ninho na escola. Bruna incentivou a partir daí, começar a trabalhar com os projetos. Percebeu que queriam mas não sabiam. Fazer um projeto sobre as aves, mas elas não criavam, queriam usar as matrizes que já estavam prontas. Fizeram um momento com as professoras, a partir das comidas de inverno para demonstrar como podem iniciar um projeto. Hoje ela tem professoras que estão mais flexíveis para compreender a reorganização curricular por meio de projetos, outras mais resistentes, outras que tem dificuldade na criação de momentos e ideias para o projeto.

A relação com a família é algo complicado, mas que ela enxerga que na educação infantil estão mais presentes. Tem escolas que estão mais presentes e outras não. O que ela tem feito é questionar o que queremos da família? Reflexão que tenho feito é questionar sempre o que tem sido feito e que não tem surtido efeito na aprendizagem. Questionando e refletindo sobre as possibilidades que temos. “O meu papel como pedagoga é mediar o processo de ensino-aprendizagem. O nome supervisor é muito feio, não traz as características da profissão na perspectiva que eu acredito.” Deu exemplos de uma relação com as professoras que ela entra em sala, assiste aula e troca as experiências realizadas em sala de aula, durante os 50 minutos de módulo que ela dispõe. Algumas coisas temos que abrir mão, outras a gente não pode abrir mão, do que é essencial. O Diretor fez uma reunião com o grupo e disse que quem não quisesse trabalhar na perspectiva da escola, poderia pedir para sair. Contou sobre a professora do 4º ano muito tradicional e que começou a sua conquista com ela. A empolgação da professora que resiste, mas que também começa a perceber como o envolvimento e participação são diferentes.” (Registros de uma professora)

“A Carol começou encantando com a letra da música do Jeneci, falando do nós coletivo e dos nós que essa relação estabelece. Contou de sua prática como alfabetizadora. Tenho que pedir as imagens para a Carol... Não consegui registrar e ver... Avaliação formativa beneficia todo tipo de aluno e possibilita diferentes abordagens.” (Registros de uma professora)

Concluimos essa Atividade Integrada nos anos de 2016 e 2017, com novas problematizações: Que marcas foram deixadas pela escola? Quais imagens? Como pensar a partir dessas Histórias que não serão mais somente de Serena, mas de cada uma/um. Imagens. Marcas. O que a escola deixou em cada uma... como sujeito dessa escola e em formação para atuar nessa escola. Que histórias eu trago? Que histórias precisamos ressignificar em busca de uma escola melhor?

A cada encontro com as professoras de componentes diversos, do mesmo ano de formação, traçávamos uma reflexão a partir do livro e que se encaixava também em nossas unidades curriculares. A partir da problematização, as turmas escolheram as categorias: reconhecimento do saber do/a estudante; avaliação/Autoavaliação/Resultados escolares, currículo, organização/Gestão da escola/Propostas de solução/Eficácia, aprendizagem/Motivação, interações humanas/Trabalho conjunto, professores/as, organização da aula, interdisciplinaridade, autonomia, concepção de sociedade/educação.

Em grupo, solicitamos às turmas para problematizar e relacionar a categoria escolhida com o processo formativo, pensando as seguintes questões:

- Como a categoria escolhida esteve presente em seu processo formativo?
- Quais marcas foram deixadas?
- Quais as diferenças e semelhanças entre as experiências compartilhadas?
- Que pistas podem ser pensadas, a partir das experiências compartilhadas, para pensarmos uma escola melhor?

Com essas perguntas, a atividade era identificar na história de Serena pistas que nos ajudassem a pensar “os rumos de uma escola melhor”.

Associado às pistas, em um Encontro que denominamos “Pistas e identidades”, trouxemos o conceito de inédito viável, de Paulo Freire:

Nós nos tornamos hábeis para imaginativa e curiosamente “tomar distância” de nós mesmos, da vida que portamos, e para nos dispormos a saber em torno dela. Em certo momento não apenas vivíamos, mas começamos a saber que vivíamos, daí que nos tivesse sido possível saber que sabíamos e, portanto, saber que poderíamos saber mais. O que não podemos, como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inédito viável” demandando de nós a luta por ele. (FREIRE, 1992, p. 98)

Em busca do “inédito viável”, encontramos em Serena pistas para pensar a escola de qualidade. Essas pistas-inéditos viáveis nos acompanharam na reflexão.

1. “Nos fez recordar que no centro de qualquer escola está o aluno, a verdadeira razão da existência das escolas.”
2. “Talvez fosse a Prof. Esperança, que dizia insistentemente que cada um podia ser um artista e que naquela aula todos o eram.”
3. “Literatura não era História e História não era Biologia, mas conseguir relacionar todas as disciplinas deste modo era, do facto, bastante divertido. Estava a conseguir fazer algumas associações.”
4. “Estava a ser uma surpresa agradável constatar que os outros adultos ouviam atentamente os alunos e os tomavam a sério.”

Eis o desafio para esse semestre: a partir da escola que temos, possível campo de nossa atuação, problematizar uma realidade observada para pensar/construir o “inédito viável”. Para viajar rumo a uma prática pedagógica de qualidade.

Esse foi o encerramento da Atividade Integrada. Inspirada em Oswaldo Montenegro, ousamos pensar com a realidade em nossos sonhos. E terminamos com uma problematização e síntese.

Pensemos sobre o processo de formação vivenciado até agora no Curso de Pedagogia, sobre o futuro campo de atuação (medos, inseguranças, incerteza, MAS principalmente sobre os rumos, sonhos, desejos). Como me vejo nesse processo de formação inicial (Pedagogia) que a projeção de futuro sinaliza para o exercício de uma prática docente de qualidade/melhor? Quais são meus sonhos? Pessoais, profissionais e sociais? “Agora, quatro anos mais tarde, Serena conseguia fechar os olhos e revisitar os lugares, até mesmo os cheiros e os sons da cidade que a Prof. Fátima os ajudara a criar tão vivamente nas suas mentes.” (p. 26)

Nessa atividade de síntese, construímos um teatro para apresentar para as estudantes no último dia. Eram cenas de uma educação bancária, por isso criamos personagens para representar aquilo que debatemos tanto ao longo do ano. Isso foi em 2016.

FIGURA 8 - Fotos da Atividade Integrada em 2017



Fonte: Arquivo da Autora

No ano de 2017, com a experiência de 2016, com a certeza de que esse movimento foi importante para nós, como professoras, e para as estudantes, que também tiveram a oportunidade de conviver, ouvir, dialogar com professoras experientes, conviver com espaços culturais diversos, identificamos a necessidade de continuar com as atividades integradas no Curso de Pedagogia.

Na ideia de trabalhar com o respeito às diferenças, 2018 surge com a nossa intenção de mudar o livro base para a atividade integradas. Ouvimos algumas críticas. Algumas estudantes acharam o livro chato e, por isso, propusemos a sua mudança. Eu e Simone escrevemos sobre essa experiência e a apresentamos no Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino - EndiPE 2020. O título do artigo foi: “Insurgências curriculares: uma práxis integradora sobre a educação de crianças feministas no Curso de Pedagogia”, no painel intitulado “O/a professor/a e sua formação: dos cursos de formação de professores/as ao exercício da docência.”

FIGURA 9 - Fotos do Painel no EndiPE 2020



Fonte: Arquivo da Autora

Neste lugar de diálogo, o trabalho apresentado foi o registro dessa Atividade Integrada realizada em 2018, pois o que se tem percebido é a negação de sujeitos, excluindo-os do processo educativo. Enquanto as minorias não aparecerem como parte deste contexto diverso, a escola continuará excludente, sem capacidade de lidar com as identidades e as relações de alteridade que a compreendem.

Pôr em relevo uma visão do/a professor/a como agente da inovação e do desenvolvimento curricular, cuja aplicação, disposição e ética profissional podem levá-lo/a a um posicionamento sobre a sua prática que lhe permita aprender no contexto do seu trabalho do dia-a-dia, tanto gerando conhecimento a partir da sua prática como no contexto deliberativo do trabalho com seus pares, significa entender a escola como centro de aprendizagem contínua e permanente.

Neste sentido, pode e deve ter lugar uma luta ideológica preocupada em definir e debater linguagens, sentidos e significados através de um discurso progressista, que busque a identificação e o respeito às diferenças, especialmente em uma sociedade tão machista quanto a nossa e em um Curso com 99% de mulheres.

Ser crítico, neste sentido, exige não só dispor de um discurso que se auto proclame como tal, mas também colocar em prática este discurso, desenvolvê-lo e reconstruí-lo, tendo em conta as opiniões, valorações, situações de trabalho e perspectivas da educação escolar e dos/as próprios/as professores/as. Para além disso, criar as condições para que este discurso seja elaborado socialmente pelos diversos agentes educativos em espaços e contextos em que a teoria pedagógica e a prática educativa se encontrem numa relação dialética.

**Horas antigas.** Quando apresentei o livro na reunião com as professoras/es do Curso de Pedagogia, mais especificamente do 2º ano do Curso, no dia 20 de março de 2018, uma professora disse: “Não entendo por que vamos discutir a questão das mulheres apenas, e os homens? Eu tenho um casal de filhos e tenho que pensar nos dois.” Ao sair da reunião, entendi que a questão é muito mais complexa do que eu poderia imaginar.

Também tenho que admitir aqui que a Atividade Integrada demanda tempo docente, planejamento, encontro, mais aulas, disponibilidade para o diálogo, e sei o quanto romper essa estrutura e organização individualista da Universidade nos custa; por isso, na experiência nesses três anos, tivemos poucas mas importantes participações.

Nesse sentido, no ano de 2018, apenas os componentes de Didática e PIPE participaram da Atividade Integrada.

Convencidas de que a interdisciplinaridade se configura como um princípio norteador do Curso, de que um currículo na ação tem sua manifestação na realidade, de que a práxis educativa é desveladora e mobilizadora de um processo formativo, as professoras de Pipe e Didática convidaram as demais professoras do segundo ano para participarem de uma ação interdisciplinar a partir da leitura de um livro articulador das discussões entre os componentes curriculares daquele ano. O livro escolhido foi: Para educar crianças feministas: um manifesto, de Chimamanda Ngozi Adichie. (COIMBRA; PEREIRA, 2020)

Uma mudança expressiva do que aconteceu nos anos anteriores, e explicamos a mudança:

Em que se pautou a escolha deste livro? Várias dimensões foram identificadas nesta escolha: ser autora, a feminização da profissão docente, o lugar da mulher na sociedade, nas relações; a dimensão do respeito ao outro – respeito ao diverso, pensar as relações humanas mais significativas, a multidimensionalidade do humano, africanidade, dentre outras tantas que foram agregadas durante o processo.

Para a realização do trabalho traçamos como objetivos: formar pessoas que participam da formação de outras pessoas, em uma perspectiva humanizadora; problematizar “verdades” reproduzidas pela escola; desconstruir os papéis, de gênero, postos socialmente (filas, cor). O princípio norteador da escolha coletiva do livro e mobilizador do tema foi o respeito pela diversidade. Partimos da premissa de que se não trabalhamos questões de desigualdade na formação inicial, as estudantes do curso tendem a continuar reproduzindo comportamentos/atitudes muitas vezes nutridas de pré-conceitos cultuados por uma sociedade machista e conservadora. (COIMBRA; PEREIRA, 2020)

FIGURA 10 – Livro e Autora da Atividade Integrada em 2018



Fonte: Arquivo da Autora

Para apresentar algumas considerações em relação ao tema deste trabalho, uso o título do documentário feito pelo diretor mineiro Cao Guimarães, pois esta discussão sobre a diversidade, sem perder de vista o caráter identitário (prefiro entender o Brasil como um país diverso e não apenas plural), não terá um fim imediato. As discussões, organizações sociais e políticas são recentes e pretendem avançar ainda muito sobre as contribuições no contexto escolar e na formação de professores/as. Por isso, o fim do sem fim... As questões relativas a gênero e raça precisam e devem ser debatidas na formação e na escola. Aprofundar esse debate, considero uma urgência.

Sou constituída de muitos sonhos e um deles é que a questão de gênero e raça seja conteúdo dos cursos de formação de professores/as. Especialmente no Curso de Pedagogia, universo predominantemente feminino, como já dissemos.

Isto significa alistar nossas pedagogias a serviço das pessoas pobres, despossuídas e oprimidas. Significa interrogar, perturbar, desmistificar, descentrar criticamente os sistemas de inteligibilidade que guiam a sociedade panóptica e disciplinar, que gesta a soberania, a lógica da divisão e autoridade, sintomaticamente reveladas pela crise do politicamente correto. Isto também significa uma guerra sem reservas contra o capitalismo. (MCLAREN, 1997, p. 52)

Buscando o consenso universal, negamos o outro, negamos a nós mesmas, a nossa identidade, a nossa cultura, o que somos e como resistimos. Por isso, nos identificar como mulheres e

descobrir formas de viver, lutar e existir, em uma sociedade tão machista, torna-se importante.

De acordo com Coimbra e Pereira (2020), a questão problematizadora foi: Como nos posicionamos frente ao/a outro/a que muitas vezes tem uma concepção/posição diferente da nossa? Incluímos ou repulsamos? Em 2018, foram 6 (seis) encontros, totalizando 35 horas/aula de Atividade Integrada. Os encontros foram realizados da seguinte forma:

1. **Sensibilização para a leitura do livro.** Foram utilizados alguns vídeos curtos sobre o papel da mulher veiculado por meio de propagandas televisivas. O debate ocorreu em grupos e pudemos identificar e levantar as posições/concepções dos/as estudantes sobre as questões de gênero. Ao longo do mês, a atividade coletiva era ler o livro. A partir da leitura, identificar a relação entre a questão do gênero/a temática do livro e a sua história/experiências vivenciadas (identidade de cada um/a) e registrá-la com um fragmento/exemplo de uma situação/momento que marcou sua trajetória formativa.

2. **Compreensão da leitura do livro.** As “sugestões” descritas no livro foram colocadas nos cartazes e, em círculo, fomos contando os fragmentos/exemplos de nossas histórias e aproximando-as destas “sugestões” do livro. Neste dia, criou-se uma estratégia de fala, a partir de uma boneca caracterizada como Frida Kahlo, que foi o “microfone” empoderado por nós para que todas/os estivessem acompanhadas/os no momento de dar voz às histórias.

3. **Momento de acolhimento.** O que a Universidade tem ou faz para acolher estas histórias? Conhecemos alguns projetos e ações em nosso espaço institucional. Dividimos e compartilhamos as possibilidades de viver a sororidade na Universidade.

4. **Compartilhamento de histórias.** Além de pensar nas identidades que nos constituem, ampliamos o olhar para o outro em uma perspectiva de identificar mulheres que também nos constituem. O exercício feito foi identificar quais mulheres são exemplo em minha trajetória. Quais mulheres são referência para nossa constituição?

5. **Aula fora da sala de aula.** Fomos ao teatro assistir ao Grupo EmCantar, com o espetáculo: Canto da Gente. Um espetáculo que teve a música popular como fio condutor, revisitando artistas como Milton Nascimento e Chico Buarque. Esta temática da identidade, que inicia esta práxis integradora, permanece na sensibilidade da escuta e da presença em um espaço não formal, repleto de aprendizagens incluindo outras linguagens.

6. Organização da **Exposição das mulheres de nossa vida.** “Por trás de uma mulher, sempre há uma grande história”, que aconteceu durante o Seminário de Práticas Educativas do Curso de Pedagogia. A Exposição durou 3 (três) dias e aconteceu no Centro de Convivência da Universidade, com as histórias das mulheres de nossas vidas. Idealizamos um formato de apresentação e fizemos um Varal das Mulheres, com o objetivo de compartilhar estas referências femininas em nosso universo. (COIMBRA; PEREIRA, 2020)

FIGURA 11 – Fotos da Atividade Integrada em 2018



Fonte: Arquivo da Autora

Com os relatos das estudantes que participaram da Atividade Integrada, as autoras categorizaram dois grupos: o currículo como uma questão social mais ampla, em que as estudantes não acreditam ser necessário educar crianças feministas, e outro grupo que entende que sim, devemos educar crianças feministas, que nomearam o feminismo como uma proposição curricular. No primeiro grupo dizem:

*Não é necessário educar crianças feministas e sim educar crianças para a igualdade. Que seus pensamentos não façam essa distinção de gênero e sim que desde cedo elas compreendam que homem e mulher têm os mesmos direitos e podem realizar as mesmas atividades. Logo, devemos trabalhar princípios de liberdade, equidade, justiça dentre outros. (Açucena)*

O segundo grupo:

*É necessário educar crianças feministas e é uma questão emergente na sociedade. O patriarcado ainda se faz presente na família, no trabalho e nas escolas. Pensar a educação feminista é questionar o status quo, é respeitar o feminino e formar crianças para um mundo mais justo. (Capuchinha)*

Com a reflexão sobre esse movimento no Curso, as autoras consideram incorporar os desafios provocados por Candau (2011), sendo esses: o resgate de processos de construção das identidades socioculturais, a promoção de interação sistêmica com os outros e, por fim, o favorecimento de processos de empoderamento. E concluem com a pergunta:

Talvez estes desafios anunciados por Candau (2011) possam, nesta práxis integradora, ser considerados como insurgências, pequenas rebeliões em um curso de Pedagogia, predominantemente feminino, que não tem em seu currículo, de maneira central, a discussão em torno da mulher e seu papel nesta sociedade. Tal constatação nos faz questionar: a questão da identidade, da relação com o outro e do empoderamento feminino são elementos importantes para um curso composto majoritariamente por mulheres? Devem constituir o currículo? (COIMBRA; PEREIRA, 2020)

Eu respondo hoje, com convicção, que sim. É fundamental discutir questões de gênero no Curso de Pedagogia. É fundamental discutir o racismo no Curso de Pedagogia, pois só assim poderemos construir uma escola antirracista. Essas questões tornam-se fundamentais para que não reproduzamos a sociedade patriarcal, machista, homofóbica e excludente. Apenas com o conhecimento sobre a história, a sociedade, a cultura, em uma perspectiva progressista, constrói-se a possibilidade de transformação.

Em 2019, ainda trabalhei no Curso de Pedagogia, mas não conseguimos conciliar os horários, especialmente eu e a Simone. Precisamos ter um par para essas ousadias e nos perdemos uma da outra em 2019. Em 2020, com a pandemia, não tivemos condições de pensar em nada,

apenas sobreviver. Em 2021, dei uma saidinha do Curso de Pedagogia. Estou voando por outras licenciaturas e volto para casa em breve.

Gosto muito disso, da possibilidade que o Núcleo de Didática me traz de poder perambular por vários cursos de licenciaturas. Gosto dos olhares diferentes. Gosto de me ver no olhar do outro. As diversas áreas da formação de professores/as me ajudam a ser mais crítica com a Didática. A compreender seu importante papel. A me responsabilizar pela busca da coerência na formação de professores/as, especialmente agarrada a um dos saberes que me fazem presente nesse mundo: “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”, como já disse na Introdução. Por isso busco a práxis. Não é na separação, mas na junção de quem sou e o que penso com o que faço. Tarefa difícil, mas, para mim, existencial.

Assim como pensar em currículos integradores, em áreas de conhecimento que se relacionam, que se interpenetram. A Pedagogia tem o dever ético de assumir essa articulação não só na teoria, mas no quefazer, apresentando as possibilidades de colocarmos as nossas teorias em ação. Penso que, como característica de nossa área, perdemos quando assumimos o conhecimento apenas em seu caráter teórico. Defendo, há algum tempo, desde que decidi fazer o doutorado na PUC-SP, que as pesquisas em educação devem estar articuladas a uma práxis. Sei que é polêmico, nesse momento, mas assumo a reponsabilidade de propor algumas revoluções em busca de uma formação e uma educação, de fato, libertadora. Por isso farei algumas provocações que se delineiam nessa trajetória.

Pessoas que estiveram junto:

Aléxia Pádua Franco

Aline Souza da Luz

Bruna Jordana

Cátia Simone Becker Vighi

Clarice Carolina Ortiz de Camargo

Flávia Pimenta de Souza Carcanholo

Iara Mora Longhini

Iara Vieira Guimarães

Keila Resende da Escola Navegantes

Laís Santos

Luciana Guimarães

Marcelo Soares Pereira Silva

Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves Pinto

Maria Irene Miranda

Maria Simone Ferraz Pereira

Marília Villela de Oliveira

Olenir Maria Mendes

Rita de Cássia Morem Cósio Rodriguez

## Campus do Pontal

Conhecimento, por isso mesmo, não se come, não se engole. Conhecimento se produz, se cria, **se inventa na práxis**. (Verbete: Conhecimento, Paulo Freire, grifo nosso)

Já escrevi muito sobre a experiência do Campus do Pontal, mas gostaria de apontar, aqui, coisas sobre as quais ainda não escrevi-refleti. Quando chegou, em setembro de 2006, alguns mais cedo, outros mais tarde, um grupo de professores/as recém-concursados, empossados e com moradia em Ituiutaba-MG, tínhamos como função elaborar os Projetos Pedagógicos de Curso (PPCs).

A criação do Campus do Pontal foi aprovada pela Resolução n.02/2006, do Conselho Universitário da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), instalado na cidade de Ituiutaba, como Unidade Acadêmica denominada Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (Facip)<sup>7</sup>.

Quando chegamos, 33 professores/as de diversos Cursos (História, Geografia, Ciências Contábeis, Administração, Pedagogia, Matemática, Química, Física e Ciências Biológicas) fomos nos organizando para a elaboração dos PPCs. Mais do que isso, tínhamos que conhecer os documentos da UFU, a realidade de Ituiutaba e as concepções dos/as colegas sobre a formação de professores/as.

Já tratei em um artigo recente das “situações limite” do Campus e das dificuldades que tivemos em começar o trabalho, sem espaço físico, sem material e numa cidade nova, para a maioria dos/as colegas. (COIMBRA, 2022b). Assim como para mim. Mudei de Uberlândia para Ituiutaba.

Como consta na Introdução do PPC de Pedagogia, de cuja elaboração participei, tivemos um movimento interno de discussões para a realização dessa atividade.

O I Encontro de Qualidade Acadêmica realizado no Campus do Pontal em Ituiutaba nos dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2006. Nesse encontro foram abordadas questões referentes à criação da FACIP e ao processo de construção do projeto pedagógico como expressão do currículo dos cursos, assim como aspectos relacionados à avaliação numa perspectiva formativa e comprometida com o trabalho pedagógico. Tendo como referência as palestras proferidas pelas professoras Dra. Ilma Passos Alencastro Veiga, Dra. Olenir Maria Mendes, Dra. Marisa Lomônaco de Paula Naves, as oficinas ministradas e os documentos produzidos pela Universidade Federal de Uberlândia, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia (Parecer CNE/CP e Resolução nº 1, de 15 maio de 2006), além de outras referências bibliográficas, o corpo docente do curso de Pedagogia do Campus Pontal, composto pelos(as) professores(as) Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro, Camila Lima Coimbra, Lucia de Fatima Valente, Maria Célia Borges Dalberio, Sauloéber Tarsio de Souza, realizou reuniões ao longo do mês de novembro, para a elaboração do Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia. (PPPC, 2007, p. 3)

---

<sup>7</sup> Em 2018 houve um desmembramento da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal (Facip) em 3 (três) unidades acadêmicas. O Curso de Graduação em Pedagogia passa a habitar, desde então, o Instituto de Ciências Humanas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (ICHPO/UFU) criado em 28 de fevereiro de 2018, mediante a Resolução n 01/2018, do Conselho Universitário.

FIGURA 12 – Foto da apresentação do PPPC em Ituiutaba



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse processo de leitura da realidade, a mim e Maria Célia propusemos em 2007 dois projetos de extensão. O projeto sob a minha coordenação chamava-se “Criação de uma Zona de Desenvolvimento Profissional – ZDP” no município de Ituiutaba, com o objetivo de criar estratégias de aproximação entre a Universidade e as escolas-campo de estágio da FACIP–UFU, a fim de produzir, compartilhar e divulgar reflexão e saber pedagógico didático derivados das contribuições da pedagogia e da didática contemporâneas. Configurou-se como um primeiro projeto do Curso de Pedagogia da UFU para a formação continuada de professores/as, coordenadores/as, orientadores/as e diretores/as de escolas. Um primeiro movimento com a rede municipal, para ser coerente com o Projeto Pedagógico do Curso.

FIGURA 13 - Folder do Projeto de criação da ZDP (2007)



Fonte: Arquivo da Autora

Conforme o Relatório de avaliação do Projeto de extensão, a função primordial da avaliação seria a de identificar o que foi realizado, o que ainda seria necessário realizar, considerando estas funções como subsídios para a reorganização do trabalho pedagógico, tendo em vista a continuidade dos projetos de extensão.

Consta ainda que as avaliações foram feitas ao final de cada atividade, buscando falas e registros do participantes no que se refere ao objetivo do projeto: contribuir para a aproximação entre a Universidade e as escolas-campo.

Nesse sentido, o Relatório apontou que 80% das avaliações foram positivas, indicando esse projeto como o início de um longo caminho para essa aproximação. “Parabéns pela iniciativa, mas queremos a UFU dentro da escola” (Diretora do CESEC).

Na avaliação da coordenadora do projeto, no caso, eu,

Esse projeto de extensão já foi criado com a perspectiva de continuidade. Não esperávamos estabelecer essa Zona de Desenvolvimento Profissional no município de Ituiutaba em apenas 4 meses. Isso requer um tempo maior para a consolidação da ZDP.

Porém, como o Campus do Pontal é uma criação também muito recente, não temos as condições ideais de trabalho, o que exige que o projeto tenha seus próprios recursos. Sendo assim, acredito ser fundamental que o projeto que pretende dar continuidade a esse tenha, de fato, recursos para sua execução.

As condições de um campus fora da sede de uma IES não são as ideais. Muitas dificuldades ou “situações-limite” foram vivenciadas por nós. Fomos o primeiro movimento de expansão da Universidade Federal de Uberlândia e os recursos só aparecem com estudantes matriculados. Tudo isso traz, em certa medida, um desalento para a condição dessa interiorização que eu tanto defendo. É preciso oferecer melhores condições de trabalhos aos professores/as fora de sede. É uma característica que precisa ser estudada e pensada para políticas públicas mais eficazes.

Além desse projeto de extensão, como eu já disse, Maria Célia também coordenou outro, a pedido de colegas que trabalhavam na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, um projeto de extensão, denominado: Círculos de Estudos em Metodologia do Ensino Superior, dirigido a professores/as universitários interessados em redimensionar a sua prática docente, em função da melhoria da qualidade do ensino. Foi uma atividade que considero ter sido fundamental, já que queríamos “quebrar” a imagem de professores/as intrusos na cidade. Tivemos a oportunidade de conhecer colegas de outras Instituições de Ensino Superior de Ituiutaba e região.

FIGURA 14 - Folder do Projeto de extensão (2007)

**CÍRCULOS DE ESTUDOS EM METODOLOGIA DO ENSINO SUPERIOR**

O projeto "Círculos de Estudos em Metodologia do Ensino Superior" tem como objetivo criar espaços de reflexão conjunta para pensar estratégias didáticas e caminhos teóricos alternativos que possam contribuir para a superação dos desafios pedagógicos que se apresentam no cotidiano da sala de aula universitária. Direcionado a Docentes do Ensino Superior interessados em estudar, ensinar, aprender e buscar experiências. Como metodologia serão realizados "círculos de estudos" com encontros mediados por um professor coordenador que promoverá debates, discussões, propondo leituras, recursos e textos, filmes, seminários, trabalhos individuais e em grupo, além da utilização de diferentes técnicas e recursos de ensino.

De outubro a janeiro (04 sábados)

27/10 - Teorias pedagógicas

24/11 - Planejamento: organização da prática educativa

15/12 - Sala de aula universitária: um lugar de...

12/01 - A avaliação na berlimda.

Local: Anfiteatro do Bloco A - FEIT/UEMG

Horário: 09:00 as 12:00

**AVALIAÇÃO:** Será qualitativa a partir da reflexão da prática pedagógica e a busca de novas estratégias, recursos e o repensar da própria dinâmica.

**COORDENAÇÃO AUTARCA RESPONSÁVEL:**  
 Maria Célia Borges Toledo  
 Assessora Pedagógica  
 Centro de Ciências e Letras - Alameda  
 Ciências das Letras, Artes e  
 Ciências da Saúde - Uberlândia  
 Uberlândia - Minas Gerais

Fonte: Arquivo da Autora

Para além desse Círculo de estudos, também realizamos, em 2008, o Círculo de Cultura do Curso de Pedagogia, componente do Projeto Pedagógico, como um movimento de síntese ao longo do processo formativo. Nas palavras de Gonçalves (2016, p. 121):

O PPC de Pedagogia da FACIP/UFU traz uma concepção de educação/formação que toma como base os princípios freireanos, e, portanto, segue —uma linha de pensamento que se pretende progressista, em que se vislumbra uma educação que respeite os direitos de todos em busca de uma cidadania crítica. [...]. Nessa concepção, alguns conceitos são trazidos à tona a fim de direcionar o processo formativo: o caráter político da educação, a ética, a democracia, o diálogo com respeito às ideias e posições, respeito ao contexto cultural e social dos estudantes, a perspectiva de compreender o uno e o diverso, o eu e o outro em uma relação dialógica, a incorporação dos sujeitos (professores e alunos) como fazedores de sua própria história.

Também já produzi, junto com Leonice, um artigo denominado “Sons, imagens e contatos na tessitura do Círculo de Cultura: espaço-tempo de aprendizagem criativa”, publicado no livro organizado por Nima e Camila: *Círculos de cultura: teorias, práticas e práxis*, de 2016. Nele, compartilhamos o processo de desenvolvimento dos dois primeiros Círculos de Cultura vivenciados no Curso de Pedagogia em 2008 e 2009. Resgatamos as premissas, os princípios freireanos do Curso, bem como a organização por ciclos de formação, com os Círculos de Cultura costurando um movimento de síntese.

A relação pedagógica estabelecida no Círculo de Cultura é uma atividade criadora e permeada pelo diálogo, se constitui em vida e em troca cultural. O termo Círculo de Cultura foi definido na década de 1950, por Paulo Freire (1992, p.155) que segundo ele “eram espaços em que dialogicamente se ensinava e se aprendia. Em que se produzia conhecimento em lugar da justaposição ou da superposição de conhecimentos feitos pelo educador e ou sobre o educando. Em que se construía novas hipóteses de leitura do mundo”. (COIMBRA; RICHTER, 2016, p. 144)

FIGURA 15 – Jornal da Cidade de Ituiutaba (2008)



Fonte: Arquivo da Autora

Eu só participei no ano de 2008, pois em 2009 e 2010, quando ainda morava em Ituiutaba, já estava na Diretoria de Ensino em Uberlândia, o que me impossibilitou de participar mais ativamente do planejamento e das ações dos Círculos de Cultura. Meu tempo de Campus do Pontal foi de setembro de 2006 até julho de 2010. Prestei um novo Concurso na Faced em 2008, para a área de Didática, e fui chamada em 2010.

FIGURA 16a – Registros do Primeiro Círculo de Cultura (2008)



Fonte: Arquivo da Autora

Foi em 2008, nesse Círculo de Cultura, que conheci a Nima; ela se apresentou como professora e propôs a articulação com a Fundação Banco do Brasil, para a realização da exposição da Mostra Paulo Freire durante o nosso primeiro Círculo. Uma amizade que completa 15 anos. Dali surgiu uma relação de amizade, de afeto, de companhia, de camaradagem nesse mundo. De lá para cá, andamos juntas. Ela vai aparecer em outros momentos de minha trajetória.

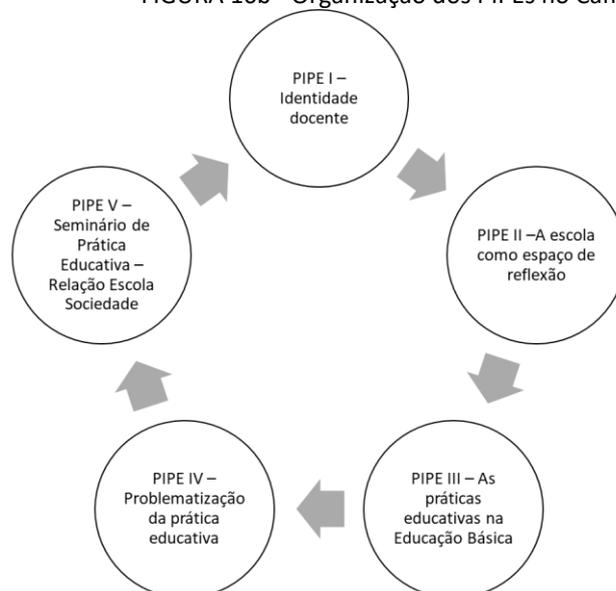
Para além do movimento no próprio Curso de Pedagogia, o Campus do Pontal também propiciou encontros e possibilidades de diálogo com outros professores/as dos Cursos de Licenciatura. A primeira experiência importante nesse sentido foi a criação de uma proposta de prática (400 horas), do que o nosso Projeto Institucional chamava, à época, de Projeto Integrado de Prática Educativa (PIPE).

Adoro o termo que Paulo Freire usa para definir a práxis: teoria do fazer.

É preciso que fique claro que, por isto mesmo, que estamos defendendo a práxis, **a teoria do fazer**, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1970, p. 72, grifo nosso)

A teoria do fazer, dessa citação que dá nome à segunda parte desse Memorial. Nessa teoria do fazer, que é comum em minha trajetória, construímos uma proposta de PIPE temático para os Cursos de licenciaturas, inclusive a Pedagogia.

FIGURA 16b - Organização dos PIPEs no Campus do Pontal



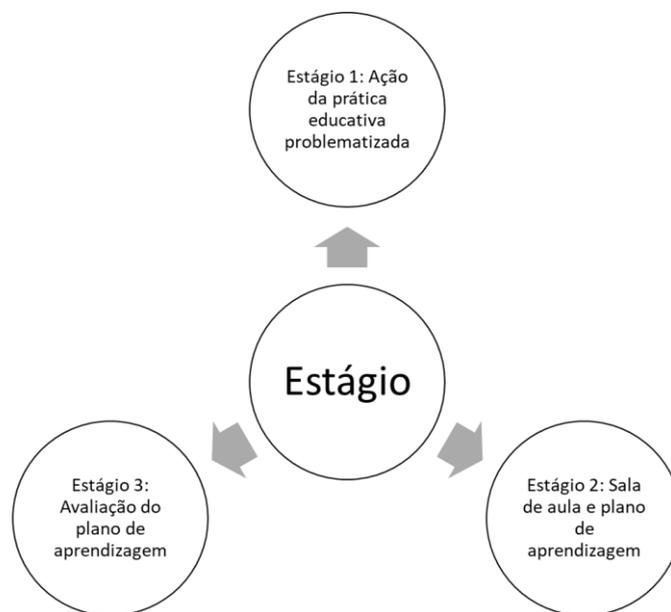
Fonte: Arquivo da Autora

Nessa configuração foram objetivos dos PIPEs:

oportunizar a prática dos alunos na realidade social, portanto em instituições escolares e não-escolares; suscitar momentos de reflexão avaliativa constantes sobre os efeitos da ação na prática pedagógica; gerar uma atitude científica e didática do aluno e do professor, contribuindo para que o processo de formação seja marcado pela experiência de pesquisa; ampliar a concepção de Educação; oportunizar a reconstrução dos saberes acadêmicos, possibilitando um questionamento e reflexão contínuos sobre a prática pedagógica, de um modo mais articulado; propiciar estudos e reflexões interdisciplinares com as diversas áreas do conhecimento que compõe o currículo do curso. (PPPC, 2007, p. 42)

Assim, os PIPEs e os Estágios Curriculares Supervisionados também estavam articulados.

FIGURA 17 - Organização dos Estágios no Campus do Pontal



Fonte: Arquivo da Autora

Interessante aqui registrar que essa proposta foi a elaborada originalmente por nós, conforme consta no histórico e nas apresentações que fizemos dos PPCs. Em outro artigo já citado, conto esse movimento. Na Unidade acadêmica, nessa época dirigida pela Professora Leila, criamos uma rotina de apresentações de cada PPC entre nós, com esclarecimentos de dúvidas e exposição de cada Curso.

Esse movimento foi bem interessante, pois foi a primeira defesa pública de um Projeto elaborado coletivamente, e que após esse tempo passaria pela aprovação do Conselho de Graduação da UFU. Esse foi o segundo momento, a aprovação no Conselho de Graduação, em Uberlândia. Cada Curso teve duas pareceristas: uma da Pró-reitoria de Graduação (Prograd) e outra do Conselho de Graduação (Congrad). Foi um tempo de disputas e debates até a aprovação de todos os PPCs do Campus do Pontal. A maioria dos PPCs do Campus do Pontal são diferentes dos PPCs dos Cursos da sede, o que provocou, em alguns casos, estranhamentos. Mas reafirmo que o movimento coletivo de construção dos PPCs foi

possibilitador de diálogos. Uma oportunidade única: ter os/as docentes, antes dos/as estudantes, para a elaboração dos PPCs.

Nessa relação também nasceu o Nucli, Núcleo de Licenciaturas do Pontal. A Universidade Federal de Uberlândia já contava com o Fórum de Licenciaturas, mas um grupo de professores/as do Pontal entendeu ser importante montar um Núcleo de Licenciaturas no Campus. Eis que surge o Nucli. Como gosto de pensar que participei de movimentos coletivos, propositivos, de muita crítica, de denúncia, mas também de anúncio, o Campus do Pontal marca a minha trajetória de forma muito contundente.

Sou constituída de muitos sonhos e o Campus do Pontal foi a realização de muitos deles. Um processo de interiorização de uma Universidade Federal levou, de fato, possibilidade de mudança social para aquela comunidade. Ter a oportunidade de construir um projeto de curso de Pedagogia dos sonhos também foi uma oportunidade coletiva maravilhosa.

E o Nucli assim se apresentava:

O Núcleo de Licenciaturas da FACIP congrega os professores envolvidos com a área de ensino dos cursos de licenciatura existentes na unidade. A FACIP é uma unidade multidisciplinar que reúne licenciaturas de diferentes áreas do conhecimento. Abre-se, portanto, um caminho para a formação de professores que contemple a interdisciplinaridade e a pesquisa de pontos comuns ao ensino da matemática, física, química, biologia, pedagogia, história e geografia.

Construímos um folder para que pudéssemos registrar a nossa existência, as nossas finalidades e nossos objetivos comuns.

FIGURA 18 – Folder do Núcleo de Licenciaturas (2009)

REALIZAÇÃO	
Cursos de Graduação da FACIP-UFU	
Ciências Biológicas	Vanessa Suzuki Kataguirí vanessa@pontal.ufu.br
Física	Debora Coimbra deborac@pontal.ufu.br
Geografia	Gerusa Gonçalves de Moura gerusa@pontal.ufu.br
História	Marcelo Santos de Abreu mabreu@pontal.ufu.br
Matemática	Cristiane Coppe de Oliveira criscopp@pontal.ufu.br Odaléia Aparecida Viana odalea@pontal.ufu.br
Pedagogia	Leonice Matilde Richter rieonice@pontal.ufu.br Lúcia Valente lucia@pontal.ufu.br
Química	Alexandra Espôsiou alexandra@pontal.ufu.br

Coordenação do NUCLI/PONTAL  
Prof. MSc. Marcelo Santos de Abreu  
(mabreu@pontal.ufu.br)

Setor de Graduação e Programas Especiais de Ensino:  
Anelisa Barbosa Musse (anelisa@pontal.ufu.br)  
Francisvânia Rodrigues Silva (francisvania@pontal.ufu.br)

Sede Administrativa II  
Rua Aldorando Jorge Azeite, n. 145 B. Setor Universitário  
Telefone: (34)3268-4722

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
CAMPUS DO PONTAL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL  
(FACIP-UFU)



NUCLEO DE LICENCIATURAS DA FACULDADE DE  
CIÊNCIAS INTEGRADAS DO PONTAL (NUCLI/PONTAL)

**PROJETO DE CAMPO DE ESTÁGIO  
SUPERVISIONADO**

2009

Fontes: Arquivo da Autora

Faço parte dessa história de luta do Campus do Pontal, de resistência, de existência, de construção de um espaço universitário em uma cidade do interior e de memórias afetivas intensas.

**Horas antigas.** Quando fui tomar posse, dia 15 de setembro de 2006, na Rua Duque de Caxias, em Uberlândia, onde ficava parte da Pró-reitoria de Recursos Humanos, encontro na antessala da assinatura da posse um casal, super jovens, que estavam vindo de Recife: Wallisom e Eva.

Convidei-os para morar comigo, que já tinha casa em Ituiutaba. Mudamos no feriado de 7 de setembro. Nossa amizade dura até hoje, 17 anos depois.

Um contexto importante para entender a outra parte do Campus do Pontal. Até aqui, eu estive lá, junto, dando aula, atuando, lotada e vivendo em Ituiutaba. Como já contei, em 2008 tive uma licença médica que obrigou-me a ficar em Uberlândia. Como os médicos não podiam fazer uma previsão de tempo para o tratamento, como a nossa casa era em Ituiutaba, como eu precisava de um lugar em Uberlândia (minhas tias me acolhiam com todo amor, mas éramos 3 pessoas), decidimos nos mudar para Uberlândia, em 10 de dezembro de 2008. Mudei mas continuei dando aula em Ituiutaba até julho de 2010, quando fui lotada na Faculdade de Educação, em Uberlândia, após assumir o cargo para o qual fui aprovada no Concurso público realizado em 2008.

Minha despedida do Campus do Pontal, em 2010, foi muito difícil. Escrevi um e-mail para as estudantes, que gostaria de compartilhar:

*Queridas alunas,*

*Do fundo do meu coração, o mais difícil está sendo para mim, compartilhar com vocês a minha saída do Pontal... difícil porque assumimos compromissos imensuráveis juntas (perdoem-me os poucos homens, mas sintam-se incluídos) ...difícil porque apesar da exigência exagerada, penso que já entenderam que quero o melhor para vocês, para o mundo, para a educação e, como diria Paulo Freire não há amor sem rigor...*

*Quando cheguei em Ituiutaba, compartilhei sonhos e construí possibilidades a partir da participação na elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia. Isso para mim, significa que continuarei existindo aí, em minha essência... com o melhor que pude dar naquele momento e, para aquelas que sofreram e sofrem com minhas exigências, vocês só vão ficar com a parte boa...(rsrs)*

*Para que todas entendam, pois nem todas estão tão próximas...*

*Prestei um concurso na FACED em 2008 e fui classificada em 4º lugar, para duas vagas existentes. A terceira colocada foi chamada por uma outra vaga da Didática aberta por uma redistribuição e a 2ª colocada pediu exoneração do cargo, portanto, chamaram a 4ª classificada. Nesse caso, eu...*

*Tenho um compromisso ético com o curso de pedagogia do pontal por diversas razões: por acreditar nele, por acreditar no grupo de professores que o sustenta, por acreditar em um processo freireano de formação e transformação...*

*Por isso, não estou despendendo de vocês, estou dizendo: agora vamos nos encontrar de outras formas. Quais são? Tenho a certeza de que vamos criá-las, pois sabemos o tanto e o quanto isso será necessário para a nossa sobrevivência humana... ou seria freireana?*

*Apreendi tanta e quanta coisa diferente com vocês... a primeira turma, as perdas, as conquistas, as despedidas, os amores, os ódios...*

*as demais turmas, cada uma à sua medida e à sua forma, também fizeram marcas que ficarão para toda a minha história...*

*Vou sentir falta das coisas boas e vou esquecer das coisas ruins...isso é a nossa memória... o que fica! E a vida exige da gente o tempo todo: ou isto ou aquilo, como diria Cecília Meireles e não tem como ficar com os dois...*

*Compartilho e reafirmo meu compromisso com vocês daquilo que é essencial e, lembrem-se o essencial é invisível aos olhos, como diria o Pequeno Príncipe... e... afinal de contas, continuaremos nos encontrando, pois o mundo gira e "berlândia é muito pertim..."*

*Sintam o meu carinho, meu respeito e meu orgulho por vocês...*

*Camila*

*Obs. Por favor, garotas divulguem a todas as alunas do Curso de Pedagogia. Não gostaria que soubessem por outra pessoa que não fosse eu. Infelizmente não tenho o e-mail de todas...*

Foi mesmo um caso de encontro, de identificação, de construção de sonhos. O Campus do Pontal foi e é parte de quem sou-estou sendo nessa constituição. E quando vejo pessoas que ainda não conseguiram vivenciar experiências como essas e, por isso, não acreditam, sinto muito. O Campus do Pontal foi, para mim, lugar de sonho.

Vou contar apenas duas situações em que estive no Campus do Pontal, depois de minha saída, em 2010. A primeira foi a aula da saudade que dei, na 1ª turma do Curso, turno noturno, no dia 12 de dezembro de 2011, primeira vez que pisei no Campus Tupã. Até julho de 2010, ainda dávamos aulas e desenvolvíamos as atividades no Campus da UEMG.

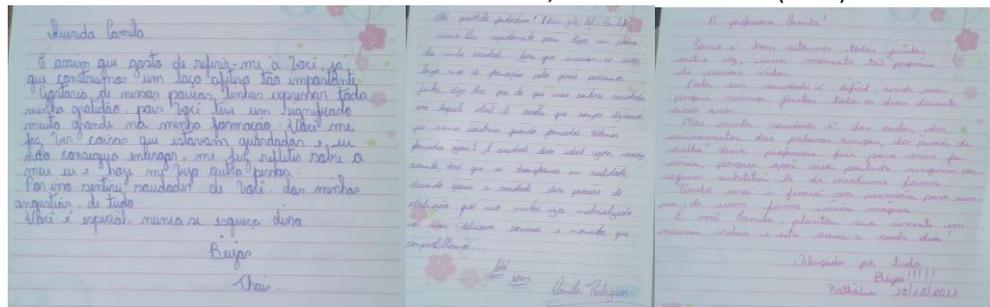
FIGURA 19 – Convite para professora homenageada



Fonte: Arquivo da Autora

Essa aula foi cheia de emoção. Voltar a Ituiutaba, no campus novo. Construído pela Universidade. Como esperamos e lutamos por isso. Nessa aula, trabalhei mesmo com o conceito de saudade, trazendo Paulinho da Viola, José Martí, e as estudantes escreveram cartas retratando aquilo que vão "levar" do Curso. Tenho todas ainda comigo. Disso não me desfiz e nem de tudo que aprendi ali.

FIGURA 20 - Cartas sobre a saudade, na aula da saudade (2011)



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse caminho, outro encontro importante que tive, dentre tantos outros, foi a minha participação no Círculo de Cultura, começo dessas histórias, os Círculos, o movimento, a relação, a interação, a participação, o diálogo, a amorosidade. Tudo isso esteve presente. Da saudade até a presença. Já outro grupo, que eu não havia participado da formação, mas fui viver o Círculo. (Já disse outras vezes, mas vou reafirmar aqui o meu encantamento com o movimento criativo que professores/as, estudantes e técnicos fazem na organização de cada Círculo de Cultura. Fico cada ano mais encantada que no anterior, pois, mesmo à distância, acompanho quando posso).

O convite foi no ano de 2019, eu, Nima e Débora faríamos parte de momentos diferentes do Círculo e eu ficaria com a síntese do último ciclo de formação, ou seja, com as formandas. O 3º Ciclo de formação era “Espaços e tempos dialógicos em construção”. Ainda com a Atividade Integrada muito presente em meus pensamentos, fiz uma proposta com o tema: Escritos de autonomia: mulher, professora, intelectual e política nos diversos espaços educativos.

FIGURA 21 - Entrega do manuscrito da Pedagogia do Oprimido



Fonte: Arquivo da Autora

A problematização foi: Como entrelaçar estes tempos e espaços com a nossa identidade profissional? O que o Curso propiciou de aprendizagens, angústias, vivências e experiências? O título da oficina: “Toma um chá cumnóis?”, pois eram dois dias de atividades. Como objetivos, pretendia: discutir as angústias, vivências, experiências na formação; refletir sobre o lugar de fala no Curso de Pedagogia, curso majoritariamente feminino; problematizar a trajetória formativa.

Para chegar na atividade proposta pensei no desenvolvimento, com a ideia do chá para trazer para uma discussão mais afetiva, mais aconchegante e acolhedora. Usei vídeos curtos sobre situações cotidianas de machismo... Quais histórias para contar sobre como o curso ajuda a empoderar-se da identidade profissional: mulher...

A partir dos vídeos, os sentimentos, as impressões, percepções, sensações despertadas e, a partir dali, levei alguns dados sobre a condição da mulher na sociedade. Terminamos o primeiro dia com essa problematização: com essa realidade, o que fazemos? Como enfrentar essa realidade?

Como anunciei, gosto muito de Paulinho da Viola, especialmente de seu documentário “Meu tempo é hoje”, em que ele diz uma frase que para mim representa muito do que sou, do que penso: “Meu tempo é hoje. Eu não vivo do passado. O passado vive em mim”. Como já disse na Introdução, essa frase marca a minha história.

Assim, no segundo dia, propus a escrita de uma carta que seria guardada em uma “mala de memórias”. Registro de um tempo para outro tempo. Guardar e depois reencontrar... A preparação para a escrita. Escrita de uma carta com os sentimentos aflorados na problematização. Minha sugestão é que a carta seja escrita a uma professora do Curso. A pergunta foi: o que sonha para você? Uma decisão coletiva: Quanto tempo guardaremos as memórias? Será em um novo Círculo? Guardo a mala até hoje. E, a partir das cartas individuais, construímos coletivamente uma carta para a coordenação do Curso de Pedagogia, que transcrevo.

FIGURA 22 - Momento de escrita no Círculo de Cultura



Fonte: Arquivo da Autora

*À coordenadora do Curso de Pedagogia e Comissão Organizadora do Círculo 2019,*

*Informamos que o 3º Ciclo de Formação, reunido no dia 23/05/2019, durante o Círculo de Cultura, com o tema: Escritos de autonomia: mulher, professora, intelectual e política nos diversos espaços educativos, teve a oportunidade de depositar os sonhos, vivências, experiências e sentimentos.*

*No primeiro dia, nossos sentimentos foram problematizados por meio de vídeos curtos sobre o papel da mulher na sociedade atual. Estes sentimentos foram entrelaçados às experiências no Curso de Pedagogia e nossas experiências pessoais enquanto mulheres.*

*Assim, ao sermos provocadas pela Professora Camila sobre nossos sonhos, no segundo dia, registramos os mesmos.*

*Elaboramos uma carta com a situação mais marcante vivenciada ao longo do curso endereçada a uma professora.*

*Assim, neste processo reflexivo, gostaríamos de uma oportunidade de encontrarmos neste Campus daqui a cinco anos, durante um Círculo de Cultura, para abrimos a Mala das Memórias onde guardamos todos os registros feitos nestes dois dias.*

*Neste Círculo tivemos a oportunidade de: compartilhar experiências em volta do chá, representando a amizade, o aconchego, a afetividade e também*

*recebemos o manuscrito da Pedagogia do Oprimido das mãos das Professoras Nima e Débora, da Unicamp.*

*Por ser nosso último Círculo ficamos bastante emocionadas e abertas para este compartilhamento e com uma grande responsabilidade de sermos libertadoras, emancipadoras de todos/as os/as educandos/as que se passarem por nosso caminho.*

*Palavras que registram nosso momento:*

*Acolhimento, Empoderamento, Esperança, Realização, Concretização, Resistência, Oportunidade, Destemida, Conclusão, Reflexão, Produção, Confiança, Gratidão, Emoção, Pertencimento, Autonomia, Aconchego, Agradecimento, Reconhecimento, Transformação, Amorosidade.*

*Gostaríamos de agradecer aos professores que contribuíram com a nossa formação.*

*Esperamos que as próximas turmas sejam beneficiadas como fomos em nossa formação.*

*Parabéns à organização do Círculo de Cultura, somos gratas pelo aprendizado, pelo apoio, pelo carinho de nos proporcionar este momento.*

*Com orgulho, chegamos ao fim deste ciclo e início de um novo, porque agora conhecemos seu sentido e sempre, ao terminarmos um, iniciaremos outro.*

*Com lágrimas nos olhos,*

*Terceiro Ciclo do Círculo de Cultura de 2019.*

FIGURA 23 - Momento de escrita no Círculo de Cultura



Fonte: Arquivo da Autora

Penso que, com elas, encerrei um ciclo, quase 10 (dez) anos depois de deixar o Campus do Pontal, com essa imagem e presença de algo que me constitui como professora e encerrou com a carta produzida por uma colega, que esteve conosco no Círculo.

FIGURA 24 – Carta e professora no Círculo de Cultura



Fonte: Arquivo da Autora

E uma sociedade justa também se faz com um projeto nacional de formação de professoras e professores da Educação Básica, assumidos pela universidade pública, como espaço-lugar principal de sua formação, onde haja condições de fazer ensino, pesquisa e extensão. Onde a profissional da educação tenha a base docente e que isso a mobilize para lutar também pela educação pública, laica e gratuita em nosso país.

Essa era a função desse texto, ou seja, contar um pouco das memórias desse momento de elaboração e aprovação do PPC de Pedagogia do Campus do Pontal, ouvindo a música de Chico Buarque que me acompanhou nessa Roda Viva:

E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão  
Sonhar mais um sonho impossível  
Lutar quando é fácil ceder

Pessoas que estão junto:

Alexandra Epoglou  
Anelisa Barbosa Musse  
Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro  
Cristiane Coppe de Oliveira  
Débora Coimbra  
Débora Mazza  
Gerusa Moura  
Karina Kinkle  
Leila Bitar Moukachar Ramos  
Leonice Richter  
Lucia de Fátima Valente  
Lucia Helena Moreira de Medeiros Oliveira  
Marcelo Abreu  
Maria Célia Borges  
Marisa Lomônaco de Paula Naves  
Nima Imaculada Spigolon  
Odaléa Aparecida Viana  
Vanessa Suzuki Kataguirí

E todas as estudantes que tive a oportunidade de conviver nesse tempo. O papel seria pequeno para constar a lista enorme de nomes. Sintam-se representadas pela Laís, pela Thaís e pela Camila, que assinam o olhar de como me veem.

## Candidata a Diretora

A questão que se coloca a nós para experimentar autenticamente a democracia não é acabar com a autoridade de um lado ou liquidar a liberdade do outro, mas é experimentar a tensão entre ambas, é viver a tensão entre ambas. (Verbetes: Democracia, Paulo Freire)

Não tem como iniciar esta seção sem expressar o quanto acredito, defendo e luto pela universidade pública. Sou uma filha da educação pública. Apenas a Educação Infantil e o doutorado fiz em instituições privadas. Desde minha época de estudante, no movimento estudantil, parte do DCE em 1993, com a chapa: O pulso ainda pulsa<sup>8</sup>, defendo uma Universidade pública, gratuita e laica.

FIGURA 25 – Fotos do Movimento Estudantil



Fonte: Arquivo da Autora

Depois de participar da Gestão da Universidade Federal de Uberlândia como Diretora de Ensino, da Pró-reitoria de Graduação, de 2009-2012, de licença maternidade em 2013, com o nascimento da Clarice, ao retornar à Faced, havia um grupo de professores/as e técnicos-administrativos/as que queriam mudanças na Faculdade de Educação (Faced). Procuraram-me para ver se toparia o desafio e, naquele tempo, acreditando nas possibilidades de mudança na Faced, assumi o desafio de concorrer à Direção.

FIGURA 26 – Cartaz da Campanha para a Direção da Faced



Fonte: Arquivo da Autora

Construímos coletivamente uma proposta de trabalho a partir de escutas sensíveis feita com professores/as, técnicos/as e estudantes da FACED, nos dias 21 e 22 de outubro de 2015. “Suas proposições carregam esperanças, sonhos, presenças, compromissos, responsabilidades, envolvimentos e realidades de pessoas que, de fato, acreditam nos sujeitos como construtores da História e no papel social, político e transformador da Educação Superior.” A partir dessas e outras escutas que foram feitas por e-mails e mensagens, elaboramos o Programa de Trabalho e o organizamos em 6 (seis) eixos que indicavam caminhos possíveis para a Faculdade de Educação.

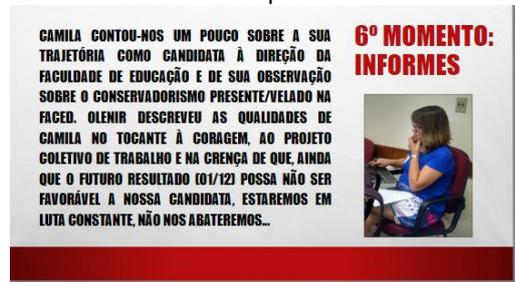
<sup>8</sup> Referência à música do Titãs, O pulso ainda pulsa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=koRghY51FR0&list=RDkoRghY51FR0&index=2>. Acesso em: 14 fev. 2023.

FIGURA 27 – Eixos da Proposta de Trabalho para a Direção da Faced



O Gepae declarou apoio a nossa candidatura.

FIGURA 28 – Slide da Reunião do Gepae no dia 28 de novembro de 2015



O processo de disputa eleitoral, durante a campanha, foi muito difícil. Tivemos poucos mas importantes apoios. A eleição foi no dia 1º de dezembro de 2015.

FIGURA 29 – Depoimentos de apoio à Campanha

**Olenir Maria Mendes** está com **Camila Lima Coimbra**.  
16 de novembro de 2015 · Uberlândia · 🗣️

Precisamos de transparência e sensibilidade valorizando pensamentos, discursos e práticas diferentes e divergentes.  
Precisamos de uma pessoa que esteja sempre presente nas reuniões tanto dos cursos de graduação, de pós e do Conselho da FACED. Que nesses espaços, pratique a escuta sensível e que leve as posições coletivas da FACED para as instâncias deliberativas superiores.  
Precisamos de uma pessoa que seja sensível aos problemas de nossos cursos de graduação e, claro, sensível às necessidades de nossos estudantes.  
Precisamos de quem valorize a pós graduação em seu processo de pesquisa com responsabilidade e qualidade, mais do que quantidade. Que entenda a importância da pesquisa para além do mero produtivismo acadêmico.  
Precisamos de uma pessoa que ouça as vozes dos/as estudantes da pós no sentido de garantir o direito de contar com as orientações seguras e o acompanhamento que merecem de seus professores/as orientadores/as. Com certeza, uma direção comprometida com uma gestão coletiva não se omitirá em discutir os problemas buscando sempre soluções.  
Precisamos da Profª Camila Coimbra para diretora da FACED!  
Participem desse processo democrático!

**Camila Rodrigues**  
18 de novembro de 2015 · 🗣️

Todo apoio à Profª Camila Coimbra - Candidata à Diretora da FACED.  
Tive a honra de ser sua aluna no curso de graduação em Pedagogia da UFU/Campus Pontal e não tenho dúvidas de que ela representa a melhor opção para a direção da Faculdade de Educação em Uberlândia. Admiro sua trajetória e partilho dos seus princípios. Estou na torcida!!

**Cival Filho Dos Reis** · **Camila Lima Coimbra**  
19 de novembro de 2015 · 🗣️

Sou doutorando na Faced e Técnico em Assuntos Educacionais na UFU. Tive a oportunidade de trabalhar sob a coordenação da professora Camila quando ocupou o cargo de Diretora de Ensino da UFU na gestão anterior. O que mais me marcou em relação a ela foi sua disposição e coragem no enfrentamento dos desafios inerentes ao cargo de Diretora de ensino, sempre de forma muito competente e transparente, sempre "olho no olho". É uma pessoa que, para além da competência, é muito íntegra e humana e sua história de vida e trajetória profissional lhe gabarita à direção da Faced. CONTE COMIGO ... COM MEU VOTO E COM MEU APOIO.

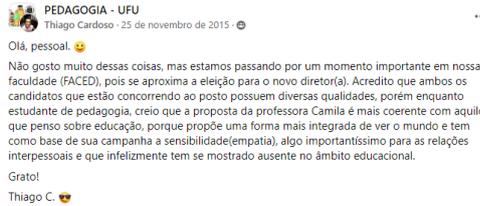
65 10 comentários

**Curte** Responder 7 a

**Jane Maria Santos Reis**  
Camila Coimbra você tem nosso total apoio. Realmente, quem teve a oportunidade de trabalhar com você sabe que sua competência e postura ética são inquestionáveis. Estamos na torcida pela sua vitória!

**Curte** Responder 7 a

**Antônio Machado**  
Somente restou endossar a fala do Cival, pois, qualquer coisa que tentar acrescentar será meramente plágio. Camila Coimbra transcende a integridade e humanidade.



Fonte: Facebook da Autora

Fizemos uma campanha com provocações para a reflexão sobre a forma de organização institucional da Faced. Criamos cartazes com uma impressão maior (em letras maiores/em uma fonte maior) para problematizar a realidade. Colamos nos corredores. Mobilizamos o espaço para as críticas que temos e fazemos à Universidade, mesmo que em sua defesa incondicional.

FIGURA 30 – Cartazes problematizadores da Campanha



Fonte: Arquivo da Autora

FIGURA 31 – Folder com a Proposta de Trabalho



Fonte: Arquivo da Autora

Nos debates que tivemos, entre os dois candidatos existentes (uma candidata e um candidato), as perguntas eram bélicas; não imaginei que viveria um processo assim na Faculdade de Educação. Algumas das perguntas formuladas que fizemos questão de registrar e responder, já que não tivemos tempo para responder a todas:

- a) Você nos disse que seu plano de gestão foi pensado e elaborado em conjunto. Que conjunto é esse? É composto por técnicos, professores e estudantes? Caso seja eleita... este Grupo continuará pensando junto com você? Como irá expandir essa coletividade que até agora é restrita?
- b) A Lei 10.639/2003 instituiu a obrigatoriedade da educação das relações étnico raciais. Como diretora de ensino nada fez!!! Como diretora vai fazer algo? O quê?

- c) Sobre a brinquedoteca, durante a sua atuação na Diretoria de Ensino houve alguma proposta de abrir a brinquedoteca que foi rejeitada? Por que ela foi rejeitada e qual foi o seu papel neste processo especificamente?
- d) Você se considera carreirista (assunção de cargos burocráticos: gestão/coordenação/controle)?
- e) Você considera a educação laica? Então... por que a logo de sua campanha é cristã? (Mãos voltadas ao céu, amparando pombinhos...)
- f) O Curso de Jornalismo foi lembrado em seu Programa no Eixo 3, como meio para ampliar a comunicação na Faced com a comunicação externa à UFU e com a comunidade acadêmica. É apenas isso a sua proposta para o Curso? Qual é, de fato, a sua proposta para o Curso de Jornalismo?
- g) Como você vê o processo de avaliação na Plataforma Sucupira? E quais ações que o PPGED deve ter para subir a nota do programa de 5 para 6? Quais serão suas ações para alavancar os conceitos do PPGED de 5 para 6 e 7?
- h) Como você pensa a gestão de pessoas na Faced?
- i) Como tabular dados, registrá-los? Sempre será possível reunir técnicos? Professores e alunos? Nos explique como ocorrerá.
- j) Quais são os números da Faculdade de Educação hoje? (números de alunos, professores, técnicos, núcleos, linhas, receitas, despesas)
- k) Você disse em ampliar a estrutura física da Faced. Como? E como deve se dar essa ampliação?

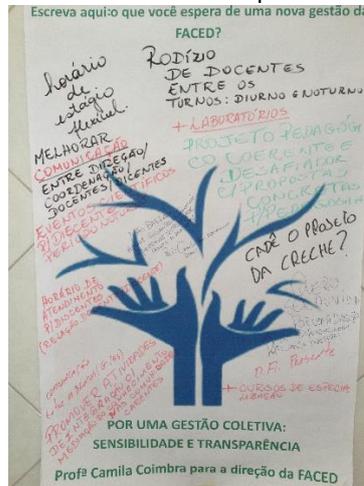
**Horas antigas.** Lembro do momento da apuração. Em uma sala do Bloco G, colegas reunidos, fazendo piadas, desrespeitando a nossa campanha. Aguentei firme. O presidente da Comissão deu o resultado e só depois saí da sala, mas quando saí, chegando no estacionamento, chorei compulsivamente. Saí da sala de apuração após o resultado da derrota e chorei, chorei tudo que aguentei ao longo do processo. Lágrima que lavou a alma. Lavou o sonho. Mas ficou a denúncia. Foi muita pressão. Foi muito desrespeito. Fui super acolhida pelo Grupo de colegas que estiveram junto. Fomos para um restaurante, era noite. Levaram uma caixa de som, flores, e rimos e choramos muito de tudo que vivemos nesses tensos momentos.

Com estudantes, deixamos cartazes em forma de árvores, nas salas, para coletar sugestões, propostas, reclamações e registros de como viviam e o que esperavam da Faculdade de Educação, e dissemos:

Para começar, quero dizer que a escolha da imagem de uma árvore para nos representar na campanha partiu de uma definição: “Ela cresce em posição vertical, perde as suas folhas e se regenera por incontáveis vezes, morrendo e renascendo de modo cíclico, de modo que também é um símbolo de fertilidade” (Dicionário de Símbolos). Fertilidade de ideias, de práticas e de possibilidades. Árvore como devir, realidade e rizoma. Tudo isso só pudemos e poderemos fazer a partir do encontro e do diálogo, uma escuta sensível e uma troca real.

Processo desgastante que, infelizmente, esvaziou meu sonho de lugar. Nesse lugar, com essas pessoas, não acho mais possível plantar palavras-sementes, criar utopias, vivenciar relações de afeto, apostar em uma universidade pública, gratuita e laica. Até mesmo na apuração dos votos, senti desrespeito por parte de alguns colegas. Processo bem dolorido.

FIGURA 32 - Um dos Cartazes que ficaram na sala



Fonte: Arquivo da Autora

Ao terminar o processo, escrevi uma carta que foi lida no Conselho da Faculdade de Educação, que gostaria de transcrever aqui.

*Caros/as colegas professores, caros/as técnicos administrativos, queridos/as estudantes dos cursos de Jornalismo, Pedagogia e dos programas de Pós-Graduação, como professora, que escolheu esta profissão como forma de interagir com o mundo, não posso deixar de ressaltar que nesse processo todos aprendemos muito! Ganhamos! Ganhamos espaço para o debate, provocamos o diálogo em um tempo muito curto, mas como Caetano pergunto.....: o que é o tempo, se não nosso inimigo? Tudo isso só pudemos e poderemos fazer a partir do encontro e do diálogo, uma escuta sensível e uma troca real. Obrigada pela participação de todas e todos e de cada um de vocês! Se resgatarmos o histórico da participação nas últimas eleições para a direção da Faced, vamos enxergar a efetividade desse movimento.*

*Encerro nossa campanha me apropriando das tarefas emergentes descritas por Danilo Streck:*

*A primeira delas é **cultivar e exercitar a arte de fazer perguntas**. Começamos a campanha com a frase do Saramago: “Tudo no mundo está dando respostas, o que demora são as perguntas”. Que a pergunta e a diferença não sejam compreendidas como raiva ou baderna, pois se não é na Universidade, se não é na Faced, onde estará o espaço para isso?*

*A segunda reflete sobre o momento que vivemos em nossa sociedade, com tanta violência, que nossa capacidade de indignação não fique anestesiada, ou seja, é **preciso educar a indignação e a esperança**. Passar nas salas de aula, escutar os/as estudantes, trouxe a dimensão necessária para refletirmos sobre o nosso papel e nosso compromisso profissional em uma instituição pública de Ensino Superior.*

*E a terceira, **ter como horizonte “uma sociedade onde caibam todos”**, para isso pensar em “uma sociedade que tenha lugar para todos será necessariamente uma sociedade transformada ou uma sociedade em movimento de transformação”. O horizonte, a saída assim compreendida duplamente, só se dá e se dará pela transformação... pelo movimento e fizemos isso por meio de problematizações, cartazes temáticos, árvores interativas... Um exemplo nessa perspectiva é enxergar os/as professores surdos/as que temos na Faced. Com a saída do Cepae da Faced, esses/as professores/as ficarão sem o plantão de intérpretes e terão que entrar na demanda universal de estudantes de graduação. Outro exemplo foi a denúncia dos/as estudantes do sentimento de invisibilidade. Desvelamos questões sérias e importantes a um/a gestor/a na Faced.*

*Não posso enxergar apenas o lado positivo da história e sabemos que também vivenciamos situações constrangedoras durante esse processo, mas, enfim, penso que poderíamos ter construído um processo ampliando o debate e evidenciando as diferenças de leitura de mundo e de universidade, já expressas em nossas atitudes. A Faculdade de Educação pode ser o exemplo nesse exercício democrático de forma ética. Discutir política, discutir ideias deveria ser o nosso caminho... e aqui tenho que fazer um agradecimento especial ao grupo que construiu esse programa de trabalho. Pessoas diversas, criativas, sensíveis... Fica o convite para que todos/as que chegaram a mim dizendo que esse Grupo era um problema, que deixem as aparências e conheçam-no de fato, essa é a riqueza de um trabalho coletivo, conflituoso mas extremamente inteiro/integro no que pensa e no que faz.*

*E alguém ainda poderia perguntar: continua na luta? Continuo compromissada na luta, pela existência coletiva, por minhas concepções, por aquilo que fui me constituindo e estarei permanente, contínua e eternamente em construção. Mas da campanha para a direção da Faced é hora de encerrar.*

*Uso as palavras de Fernando Pessoa: "Sempre é preciso saber quando uma etapa chega ao final. Se insistirmos em permanecer nela mais do que o tempo necessário, perdemos a alegria e o sentido das outras etapas que precisamos viver. Encerrando ciclos, fechando portas, terminando capítulos. Não importa o nome que damos, o que importa é deixar no passado os momentos que já se acabaram. As coisas passam, e o melhor que fazemos é deixar que elas possam ir embora. Deixar ir embora. Soltar. Desprender-se."*

*Desejo à nova administração sucesso! Desejo que possa provocar o diálogo e assim permitir a participação coletiva na gestão do que é de todos e todas! Comprometo-me publicamente que estarei disposta, criticamente, a contribuir para o fortalecimento da Faced.*

E assim encerro um tempo-memória de minha trajetória na UFU como candidata a diretora, percebendo o quanto aprendemos com as dificuldades, os/as amigos/as que conquistei e, também, aqueles e aquelas colegas de quem prefiro manter distância ou ter uma relação cordial e profissional, como uma boa educação nos ensina.

Quando olho para as lembranças, percebo como fomos ingênuos. Talvez eu tenha entrado nessa campanha como participei da campanha para o DCE, em 1993, com muito sonho, muita vontade de transformar, mas sem entender a dinâmica da vida política. Costumo dizer que é preciso ter estômago para isso. Eu confesso que se o debate fosse de ideias, eu participaria mais vezes, o problema é que as ideias são pessoalizadas, somos julgadas com tanta convicção pelas pessoas que a gente quase acredita no que elas dizem, mesmo sabendo que não é verdade. A tensão democrática, como diz Freire, em um processo eleitoral ainda corre em meus sentidos.

Pessoas que estão junto.

Adriana Pastorello Buim Arena

Benerval Pinheiro Santos

Diva Souza Silva

Elise Mendes

Elizabeth Lannes Bernardes

Iara Maria Mora Longhini

Joelma Lúcia Vieira Pires

Marcos Daniel Longhini

Marília Vilela Oliveira

Olenir Maria Mendes

Sandra Cristina Fagundes de Lima

Selmo Haroldo de Resende

Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende

**Diren**

(Diretoria de Ensino)

A minha preocupação ao estar escrevendo esse livro é mostrar as vezes mais do que saberes, mostrar certas sabedorias indispensáveis ao professor ou a formação do[a] educador[a] por exemplo talvez o primeiro saber que deve virar uma sabedoria é o seguinte, a prática educativa se funda não apenas na inconclusão antológica do ser humano, mas na consciência da inconclusão. (Verbete: Ensino, Paulo Freire)

Particpei da gestão da Universidade Federal de Uberlândia de 2009 a 2012, como Diretora de Ensino, da Pró-reitoria de Graduação. Na época, era professora do Campus do Pontal. Em 2008, após um segundo aborto espontâneo, tive o que a medicina denomina de “doença trofoblástica gestacional<sup>9</sup>”. Por causa disso, estava, no final de 2008, em licença médica e iniciei um tratamento de quimioterapia com metotrexato. Uma vez por semana tinha que tomar essa injeção, o que fez com que, em dezembro de 2008, eu me mudasse para Uberlândia, pois residíamos em Ituiutaba até então.

Quando já estava em Uberlândia, ainda no final de 2008, recebi o convite para ser Diretora de Ensino, do Waldenor, que assumiria a Pró-reitoria de Graduação. Eu e Waldenor já havíamos trabalhado juntos no Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais (Procap) nos anos de 1997 e 1998, quando ainda era estudante do Mestrado em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU.

Lembro de dizer a ele duas coisas: não votei nessa gestão e que eu estava “em tratamento” e isso poderia comprometer o meu ritmo, já que na manhã seguinte à quimioterapia eu não passava muito bem e não conseguiria trabalhar. Ele ouviu e insistiu que gostaria de trabalhar comigo. Resolvi aceitar o desafio e assumi a diretoria de ensino em janeiro de 2009. Ainda em 2008, participei do processo de transição, devagarzinho, mas para me inteirar da dimensão do cargo que me esperava.

Foram 4 anos de muitas aprendizagens, desafios, choros, mas também de muitas alegrias e muito, muito, mas muito trabalho. Já havia trabalhado com o Waldenor e o considero um *workaholic*, por isso já imaginava o que me reservava. A intenção, nesse Memorial, é identificar as principais ações, ou as mais marcantes que permanecem em minha memória (recriadas) e que foram importantes para eu ser quem estou sendo hoje, que constituem.

FIGURA 33 – Foto da Prograd



Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

<sup>9</sup> “A doença trofoblástica gestacional é um grupo de tumores raros que se desenvolvem devido ao crescimento anormal dos trofoblastos, que são células que se desenvolvem na placenta e produzem o hormônio hCG, podendo causar sintomas como dor abdominal, sangramento vaginal, náuseas e vômitos intensos.” Disponível em: <https://www.tuasaude.com/doenca-trofoblastica-gestacional/#:~:text=As%20causas%20da%20doen%C3%A7a%20trofobl%C3%A1stica,a%20se%20multiplicar%20de%20forma>. Acesso em: 15 fev. 2023.

**Horas antigas.** Uma das coisas que aprendi com o Waldenor é que, numa gestão pública, a gente não deve “pensar pequeno”. Ele insistia muito comigo sobre isso. Eu tenho uma visão muito do agora, e ele dizia que a gente tinha que “sonhar” a UFU daqui a 10 anos. E se assim for, como gostaria que ela estivesse? Isso foi muito importante, “pensar grande”.

**Horas antigas.** A segunda história com o Waldenor é que quando completamos 2 anos de gestão, eu disse a ele que queria sair. Estava muito cansada, com muitas ações e achava que já tinha contribuído e que precisava buscar outros espaços de atuação na UFU que não fosse a gestão. Ele sabiamente pediu que eu tirasse 30 dias de férias e que depois conversássemos. Eu tirei e descansei. Continuei até o final da gestão. Isso é um aprendizado para mim até hoje, tudo precisa de tempo, e meu corpo, minha cabeça, a forma como eu trabalho são exigentes de tempos de parada.

Essa foi uma administração de direita, na Universidade, diferente de toda a minha história e trajetória. Era interessante, pois em toda reunião que eu ia, com a gestão, o Waldenor me apresentava e dizia: ela é petista. Por lá, num campo de direita, confesso que me sentia respeitada, pois todos já sabiam quem eu era e o que pensava. Senti uma pressão maior do campo da esquerda, que não entendeu, não entende e nem entenderá a minha presença ali. Isso foi tão forte em mim, que um dia escrevi um trabalho, que apresentei no III Seminário do Laboratório de Geografia e Educação Popular (Lagepop), em novembro de 2019, em que precisei me reafirmar no campo da esquerda.

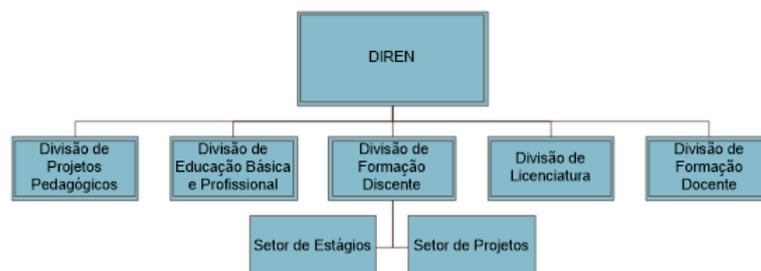
A expressão da minha voz, de minhas trajetórias, de minhas concepções são e espero que estejam até que minha existência seja justificada, presentes em uma visão de mundo e de sociedade, de esquerda. Por mais que esquerda e direita tenham, nessa nossa sociedade, perdido muitas de suas características históricas. Refirmo que meu sangue é vermelho, minhas palavras correm sangue. [...] reafirmo que meu sangue, meu coração, meu pulmão, minha existência estão no campo da esquerda, pela sensibilidade do olhar, pela diversidade do olhar e da prática, pelas concepções que sustentam esse lugar. Acredito e luto por um projeto de sociedade em que as desigualdades não sejam a razão de tantas arbitrariedades, que a fome e a miséria não sejam naturalizadas como parte de um sistema capitalista, que os seres humanos sejam o princípio, o meio e o fim de todas as políticas públicas para os direitos básicos, que a população tenha seus direitos constitucionais assegurados, que os direitos humanos sejam promovidos e incentivados. Tem um autor (Enrique Dussel) que diz sobre a ética da libertação, só podemos pensar em seres humanos em liberdade se tiverem estes direitos básicos de sobrevivência garantidos: educação, saúde, moradia, segurança. Qualquer sociedade que despreze ou parcele estes direitos, não pode ser considerada como este sonho coletivo de uma esquerda. Apesar da polaridade dada a este termo na atualidade, penso que o campo da esquerda, com seus erros e acertos, sempre declarou o projeto de sociedade que defende: uma sociedade democrática e justa. Neste lugar eu me filio. (COIMBRA, 2019)

A primeira lembrança que tenho da Diretoria de Ensino refere-se a sua organização. Na estrutura organizacional da Prograd, a Diren não aparecia. Ela existia, de fato, mas não estava na estrutura organizacional. Assim, criamos a estrutura organizacional da Diretoria de Ensino – Diren por meio da Resolução nº 02/2010 do Conselho Universitário, de 26 de março de 2010. Com isso, a Diretoria de Ensino – Diren passa a fazer parte da Prograd, exercendo as funções

antes desenvolvidas e outras que se iniciaram com a sua institucionalização. Ou seja, apenas em 2010, essa Diretoria passa a existir e a funcionar com cinco divisões e seus respectivos setores. Esse foi um movimento exigente, pois tivemos que acolher tudo o que ela já fazia e também aquilo que esperávamos para os próximos anos.

Algumas conquistas foram demarcadas nessa estruturação da Diren, primeiro a criação de uma Divisão de Licenciaturas. Quase desisti, pois toda hora ouvia a pergunta: precisa mesmo de uma Divisão para isso? E com a ajuda de meu companheiro, coordenador Institucional do Pibid na época, Helder, assumimos e brigamos pela existência desse lugar institucional para as licenciaturas. Segundo, a criação de um lugar, dentro da Pró-reitoria de Graduação, na Diretoria de Ensino, para articular as ações com nossa Escola de Educação Básica (Eseba) e Escola Técnica de Saúde (Estes). Defendemos que o ensino era o lugar de aproximação. E, por fim, uma Divisão para a Formação Docente. Na época, a Formação docente era (e é) responsabilidade da Pró-reitoria de Recursos Humanos (hoje Pró-reitoria de Gestão de Pessoas), o que debatemos era a necessidade de trazer para a Diretoria de Ensino as questões relativas à formação. Ainda hoje sei que tem um grupo que não concorda, mas a nossa ideia na época é que a Prograd precisaria ser repensada e ser ampliada em cima dos processos que dão maior sustentação a sua atividade-meio, por isso estruturamos a Diren de forma “grande”, pensando na estrutura do “coração” da Prograd. O que era vital para o ensino, as relações importantes tanto para docentes quanto para discentes. As demais divisões, não preciso afirmar sua importância, pois elas já existiam, de fato, na Diren.

FIGURA 34 - Organograma criado para a Diren (2010)



Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

Esse foi o primeiro passo, organizar a casa para o trabalho. Feito isso, precisávamos de servidores/as para o trabalho na Diren. A estrutura das divisões foi pensada para que um docente assumisse a supervisão das mesmas, e essa também não foi uma tarefa rápida. Os processos, em uma gestão pública, têm um tempo diferente do tempo de uma vida privada e é assim que tem que ser, mas isso exige da gente paciência, perseverança e atitude. Assim caminhamos.

**Horas antigas.** Um dia, estava na sala da Diretoria, no Bloco B do Campus Santa Mônica, pois não havia ainda o prédio da reitoria (mudamos para o prédio no final da gestão, em 2012), aguardando um servidor que chegaria para a Diren. Estava com a cabeça abaixada e escuto: Tia Camilaaaa. Era o José Mariane, que foi meu aluno no Colégio Objetivo Júnior, com 5 (cinco) anos de idade, e agora estava ali para assumir a posse de seu cargo de técnico-administrativo na UFU.

Também criamos a Divisão de Projetos Pedagógicos – Diped, pois o trabalho era feito na Diren apenas com assessores/as e pareceristas e isso não dava a necessária condição para o trabalho

minucioso que era realizado. A Diped orienta a elaboração dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) da UFU. Acompanha o processo desde o surgimento dos PPCs nos Colegiados de Curso, a aprovação nas Unidades Acadêmicas ou Especiais de Ensino e no Conselho de Graduação, até o cadastro no Sistema de Informações para o Ensino (SIE). Após essa etapa interna, a Diped realiza, em parceria com as coordenações dos Cursos de Graduação, os processos de avaliação e regulação do Ministério da Educação (MEC) para reconhecimento e renovação de reconhecimento dos Cursos.

Como já anunciada, a criação da Divisão de Educação Básica e Profissional – DIEBP teve como objetivo apoiar e assessorar a Diretoria de Ensino nas questões referentes às políticas educacionais do Ensino Básico e Profissional. Para isso, assumiu as funções de coordenar e executar ações relativas ao planejamento e avaliação da educação básica e profissional na UFU, bem como de integrar as Unidades Especiais (Escola de Educação Básica e Escola Técnica de Saúde) às Unidades Acadêmicas da UFU (Faculdades e Institutos).

A Divisão de Formação Discente – DIFDI é responsável por coordenar, planejar e articular as ações relacionadas às atividades desenvolvidas pelos discentes ao longo de sua formação acadêmica, aos assuntos relacionados à graduação e à criação de meios informativos para os estudantes. Para desenvolver as suas funções, a Divisão contava com dois setores – Setor de Projetos e Setor de Estágio – cujas ações configuravam-se nos Programas de Bolsas de Graduação (PBG), Monitoria, Programa de Educação Tutorial (PET), Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), publicações (caderno de graduação, catálogo de cursos de graduação e guia acadêmico) e estágios.

A Divisão de Licenciatura – Dlice, como já anunciado, foi criada com o objetivo de apoiar as ações dos Cursos de Licenciatura da UFU, coordenar e supervisionar diversos Programas e ações, tais como: Programa Institucional de Incentivo à Docência – PIBID, Programa de Consolidação das Licenciaturas (Prodocência), Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI), Plano Nacional de Formação de Professores para a Educação Básica (Parfor) e a Rede Mineira de Formação de Educadores, além de participar junto com a Divisão de Educação Básica e Profissional das atividades do Fórum de Licenciaturas.

Especialmente no Programa de Licenciaturas Internacionais, participamos da 1ª edição, em 2010, na Universidade de Coimbra, com 7 estudantes e 3 docentes. Na 2ª edição, em 2011, também na Universidade de Coimbra, participamos com 7 estudantes e 3 professores. A 3ª edição, em 2012, foi realizada por nós, para 28 estudantes e 12 docentes. Com 6 (seis) cursos de licenciaturas contemplados: Letras/Português, Química (Uberlândia e Ituiutaba), Ciências Biológicas, Física e Matemática.

FIGURA 35 – Fotos dos Bolsistas do PLI em Coimbra



Bolsistas do PLI em nossa missão de acompanhamento

**Horas antigas.** Em 2011, fui para uma missão de acompanhamento de estudantes na Universidade de Coimbra, em Portugal, com meu colega-par Deividi, do Instituto de Química. Fomos passar 15 dias. Primeira viagem de tanto tempo longe de minha primeira filha, Isadora, na época com 5 anos de idade. Nesses encontros-achados de registros me deparei com o cronograma da Isadora. Tive que fazer um roteiro, dia por dia, indicando quem ia acompanhá-la e como ia viver a Isadora nesses dias sem a mãe. Acho importante esse registro de que a condição da mulher-mãe precisa ser visibilizada em sua trajetória profissional. Uma viagem requer um planejamento e uma estrutura para que tenhamos a condição de saída.

FIGURA 36 – Cronograma da Isadora

CRONOGRAMA-DA-ISADORA¶

05/09	segunda-feira	Sr Carlos-busca-na-escola-às-17:30.¶
06/09	terça-feira	Fonoaudióloga-e-ballet—Silvânia.¶
08/09	quinta-feira	Karla-e-Vovô-Teco-buscam-na-escola-às-17:30.¶
12/09	segunda-feira	Sr Carlos-busca-na-escola-às-17:30.¶
13/09	terça-feira	Fonoaudióloga-e-ballet—Silvânia-leva-às-9-horas-Tio Lelei-e-Tia Maria-Inês-buscam-às-11:20. (se-quiserem-almoçar-com-ela-e-levar-na-escola-é-só-avisar-a-Silvânia-para-levar-o-uniforme)¶
15/09	quinta-feira	Ballet—Silvânia-leva-às-9-horas-Tio Lelei-e-Tia Maria-Inês-buscam-às-11:20. (se-quiserem-almoçar-com-ela-e-levar-na-escola-é-só-avisar-a-Silvânia-para-levar-o-uniforme)¶
15/09	quinta-feira	Tia Enoy-e-Tio Eduardo-buscam-na-escola-às-17:30.¶
19/09	segunda-feira	Karla-e-Vovô-Teco-buscam-na-escola-às-17:30.¶
20/09	terça-feira	Fonoaudióloga-e-ballet—Silvânia-leva-às-9-horas-Tio Lelei-e-Tia Maria-Inês-buscam-às-11:20. (se-quiserem-almoçar-com-ela-e-levar-na-escola-é-só-avisar-a-Silvânia-para-levar-o-uniforme)¶
22/09	quinta-feira	Tia Iolanda-busca-na-escola-às-17:30.¶
22/09	quinta-feira	Ballet—Silvânia-leva-às-9-horas-Tio Lelei-e-Tia Maria-Inês-buscam-às-

Fonte: Arquivo da Autora

A Divisão de Formação Docente – Difdo fomentou a criação de diversos espaços e tempos de formação continuada para os docentes da UFU, especialmente nas questões relativas aos saberes e práticas docentes na universidade. Realizamos o I e o II Fórum Internacional Sobre Prática Docente Universitária, em 2011 e 2012. Criamos a Revista DiversaPrática, uma revista científica sobre prática docente universitária com a publicação de artigos científicos sobre temáticas relacionadas à prática docente universitária, com o intuito de promover a discussão interdisciplinar, o aprofundamento teórico e a troca de experiências pedagógicas nas diversas áreas do saber. Sob a responsabilidade da Difdo, foram ofertados workshops e atendimento Moodle-presencial. Também criamos a Biblioteca Digital, um espaço para a troca de artigos e materiais de interesse que possam auxiliar o desenvolvimento das práticas de sala de aula. Cada participante postava o material (arquivos em PDF, vídeos ou links) e indicava sobre o que ele tratava em um breve resumo na mensagem. Cada leitor/a poderia comentar os textos postados. O objetivo foi criar meios de compartilhar saberes de áreas comuns. Para facilitar a disponibilização dos textos que se queria compartilhar, a Biblioteca Digital oferecia seis áreas distintas, que contemplavam os cursos da UFU: Ciências Agrárias, Exatas e da Terra; Ciências da Saúde e Biológicas; Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Engenharias e Multidisciplinar. Por fim, criamos a Área do/a Docente, que oferecia, também, alguns fóruns sobre temas considerados caros a todo/a docente de qualquer área de conhecimento. Neste fórum, se discutia, por exemplo, formas de avaliação em ambientes presenciais e à distância, experiências de avaliação nas diferentes áreas, de maneira a refletir sobre os processos de avaliar e seu impacto na formação dos/as estudantes.

FIGURA 37 – Site da Difdo e Diversa Prática



Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

Para além dessa ação estrutural, outras ações foram criadas, desenvolvidas, realizadas, e aqui citarei apenas algumas delas, que estão registradas no Relatório de Gestão Prograd<sup>10</sup> (2009-2012).

Também criamos o Programa de Bolsas de Graduação, implementado por meio da Resolução nº 08/2010 do Congrad. Destinado ao desenvolvimento de atividades extracurriculares, criando a oportunidade de discentes vivenciarem experiências não presentes em estruturas curriculares convencionais, a fim de contribuir para a formação integral do discente e para o fortalecimento de ações no universo do ensino, articuladas com a pesquisa e a extensão. Foi organizado em oito subprogramas temáticos, com focos específicos, sendo eles: Subprograma InclUFU; Subprograma Cursos Noturnos; Subprograma Aprimoramento Discente; Subprograma Educação Básica e Profissional; Subprograma Experiência Institucional; Subprograma Apoio aos Laboratórios de Ensino; Subprograma Projetos Pedagógicos dos Cursos; e Subprograma Tutoria. Este Programa financiou bolsas destinadas aos discentes de graduação da Universidade Federal de Uberlândia, para o desenvolvimento de projetos contemplados em edital publicados anualmente.

Como a estrutura da Diren cresceu, precisávamos de um sistema que pudesse organizar os Programas e Projetos, criamos o SISGRAD, Sistema de Gestão para o Programa de Bolsas de Graduação.

FIGURA 38 – Site do Sistema de Graduação (SISGRAD)



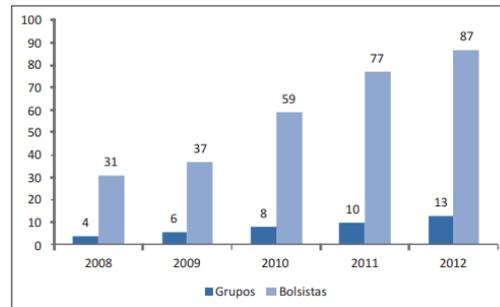
Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

Fizemos o compromisso de ampliar do número de bolsas de PET Institucional. O Programa de Educação Tutorial – PET Institucional foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram ensino, pesquisa e extensão. Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET Institucional propicia aos estudantes participantes, sob a orientação de um professor tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do discente e atendam às necessidades do próprio curso de graduação. Cada grupo PET é composto por até 12 estudantes bolsistas, até 50% desse total como não bolsistas, e 1 professor/a. Os/as discentes podem permanecer no grupo até se formarem e recebem bolsa

<sup>10</sup> Disponível em : [http://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/arquivo/relatorio\\_prograd\\_gestao\\_2008-2012\\_final\\_03122012.pdf](http://www.prograd.ufu.br/sites/prograd.ufu.br/files/media/arquivo/relatorio_prograd_gestao_2008-2012_final_03122012.pdf). Acesso em: 20 fev. 2023.

auxílio durante esse período, podendo receber certificado a partir do segundo ano. A Universidade Federal de Uberlândia possui o PET Institucional, criado em 2006, pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) e regulamentado pela Resolução nº 28/2011 do Conselho de Graduação, de 15 de julho de 2011.

FIGURA 39 – Gráfico da evolução dos Grupos PETs Institucionais



Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

Algumas publicações foram criadas pela Diren, como forma de comunicação com comunidade interna:

- **Caderno de Graduação:** meio de divulgação no qual eram publicadas matérias que, pelo seu conteúdo, pudessem contribuir para a difusão de informações para a comunidade acadêmica dos diferentes cursos de graduação da UFU. O Caderno era publicado anualmente e distribuído à comunidade acadêmica.
- **Catálogo de Cursos de Graduação:** tinha como foco principal fornecer subsídios à sociedade a respeito dos cursos superiores oferecidos pela Instituição, com informações essenciais sobre o perfil profissional, contribuindo assim nas decisões das escolhas profissionais. Foi um meio de divulgação útil à comunidade interna e, principalmente, à externa, na busca de informações sobre os diversos cursos ofertados pela UFU.
- **Guia Acadêmico:** meio de divulgação que orientava o/a estudante sobre a UFU, sua estrutura e os serviços que oferece, visando contribuir para o acompanhamento acadêmico em sua vivência na Universidade. Apresenta um panorama introdutório, as normas da UFU e o funcionamento de cada curso. Buscava-se, por meio deste instrumento informativo, orientar o/a estudante sobre como agir no âmbito da Instituição, a quem se dirigir e como encaminhar sua vida acadêmica.

FIGURA 40 – Imagens das publicações da Diren



Fonte: Relatório Prograd – Gestão 2009-2012

Participei da Proposta de implantação do Campus de Monte Carmelo. Foi criado, pela Portaria R nº 712, de 19 de maio de 2009, um Grupo de Trabalho interinstitucional composto pelos seguintes participantes: Waldenor Barros Moraes Filho, Camila Lima Coimbra, João Jorge Ribeiro Damasceno e Júlio Cesar Portella Silveira, da Universidade Federal de Uberlândia, e Saulo Faleiros Cardoso (prefeito de Monte Carmelo), Dinorá de Fátima Gonçalves Moraes,

Lucia Regina Mendes, Guilherme Ghelli, Wilson Dornelas Rodrigues, João Batista Cunha, Francly Mateus Sousa e Gilberto Neves, da comunidade externa. Esse Grupo de Trabalho reuniu-se ao longo dos meses de maio e junho de 2009, com encontros em Uberlândia e Monte Carmelo, com a finalidade de levantar as necessidades e possibilidades para a elaboração da proposta de inserção da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) na Região do Alto Paranaíba, com a apresentação do projeto de criação de um campus avançado localizado no Município de Monte Carmelo, Estado de Minas Gerais.

Esse Grupo de Trabalho, por meio da administração municipal na Secretaria Municipal de Educação e Cultura e com o apoio da União Estudantil de Monte Carmelo, realizou pesquisa em todas as turmas do 3º ano do Ensino Médio do município, com o intuito de constatar quais os cursos que teriam maior aceitação. Esta pesquisa apontou, pela ordem, os cursos de Direito, Engenharia Agrônômica, Medicina, Engenharia Civil, Psicologia, Ciência da Computação, Engenharia Química, Nutrição, Medicina Veterinária e Educação Física como os mais desejados pela comunidade estudantil. Nesse projeto de implantação elaborado por esse Grupo de Trabalho, a criação do Campus Monte Carmelo iniciaria com quatro cursos superiores de graduação plena, com a oferta de Bacharelado nos cursos de Engenharia Agrônômica, Engenharia de Alimentos, Turismo e Educação Física. Do projeto para a realidade, o Campus de Monte Carmelo é constituído pelos seguintes cursos: Agronomia, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica, Engenharia Florestal e Geologia. Do projeto para a realidade, tivemos algumas alterações.

Particpei também da Comissão REUNI/UFU, instituída por Portaria do Reitor em 2009, para acompanhar a execução do Plano de Expansão da Universidade Federal de Uberlândia. Essa Comissão reuniu-se semanalmente com o objetivo de tomar as decisões acerca do REUNI/UFU. Participavam da Comissão: João Jorge R. Damasceno (Presidente), Clésio Lourenço Xavier, Cleuza Maria da Silva Ribeiro, Jimi Naoki Nakajima, Márcia Cristina Cabrera Souza, Paulo Rais de Freitas, Renato Alves Pereira e Sezimária Saramago.

FIGURA 41 – Foto da Comissão Reuni/UFU (2009)



Fonte: Arquivo da Autora

Muitas aprendizagens, revisitando as ações desenvolvidas, penso no que faria diferente, nas pessoas que eu chamaria para o diálogo, na gratidão que tenho às pessoas com as quais pude conviver, aprender e estar em um cargo de gestão da forma mais inteira que eu pude estar. Fiz muitas amizades e também desafetos. Vou enaltecer a parte boa da história. Desde 2012 até hoje, em 2023, formamos o Grupo das Amigas UFU. Antes da pandemia, nos encontrávamos uma vez por mês para colocar os assuntos em dia. São pessoas que foram e são referências profissionais e pessoais. Quando crescer, quero ter em mim um pouquinho de cada uma delas: Flavinha, Sezi, Cleuzinha, Geni e Márcia.

FIGURA 42: Foto das amigas da UFU com a Clarice no colo



Fonte: Arquivo da Autora

Ao revisitar essas memórias, fico aqui pensando se assumiria novamente um cargo de gestão na Universidade. Não sei a resposta ainda, mas tenho uma convicção, só assumiria se fosse em uma gestão que tivesse um projeto de universidade pública, gratuita e laica. Voltando à epígrafe, termino essa experiência na Diretoria de Ensino com a consciência de minha inconclusão.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana Borges de Paiva  
Antônio Machado  
Cinval Filho dos Reis  
Clésio Lourenço Xavier  
Cleuza Maria Silva Ribeiro  
Deividi Márcio Marques  
Delma Faria Shimamoto  
Dimone Tiemi Hashiguti  
Dinorá de Fátima Gonçalves Moraes  
Edson Mundim Filho  
Flávia Aparecida Vieira de Araújo  
Francy Mateus Sousa  
Geni de Araújo Costa  
Gilberto Neves  
Gilmar da Cunha Sousa  
Guilherme Ghelli  
Hélder Eterno da Silveira  
Inê Luci Machado Carrijo  
Isabel Maluf Wutke  
Jane Maria dos Santos Reis  
Jesiel Cunha  
Jimi Naoki Nakajima  
João Batista Cunha  
João Jorge Ribeiro Damasceno  
José Mariane Amaral Alves  
Josiane Francia Cerasoli  
Júlio Cesar Portella Silveira  
Leila Floresta  
Lucas de Aquino Melo  
Lúcia de Fátima Estevinho  
Lucia Regina Mendes  
Luciane Márcia de Oliveira Teodoro e Silva  
Magna Ferreira de Lima  
Márcia Cristina Soares Cabrera de Souza  
Natália Luiza da Silva  
Paulo César de Freitas Santos Filho  
Paulo Rais de Freitas  
Renata do Carmo Oliveira  
Renato Alves Pereira  
Saulo Faleiros Cardoso (Prefeito de mOnte Carmelo)  
Sezimária de Fátima Pereira Saramago  
Simone Tiemi Hashiguti  
Susana dos Santos Teobaldo  
Valéria Aparecida Dias Lacerda de Resende  
Veridiana Resende Novais Simamoto  
Waldenor Barros Moraes Filho

## Doutorado em Educação

A boa educação é aquela que primeiro ou uma das coisas que a educação boa deve fazer é primeiro jamais inibir a curiosidade do educando e a curiosidade do educador. (Verbetes: Educação, Paulo Freire)

Esse foi um sonho realizado. No ano de 2002, tive uma perda que marca a minha história: Sirvaldo, meu amigo Negão, aos 33 anos. Fiquei mesmo desolada. Parece que a vida perde um pouco o sentido, quando nos deparamos com a morte. Tive uma ajuda importante na elaboração do projeto de pesquisa: Cidinha e Antonio. E quando passei no doutorado, senti como se fosse a possibilidade de ressignificar a minha existência. Início em 2003 o curso de doutorado na PUC-SP, no Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, com a orientadora e professores/as que conviveram com Paulo Freire. Era isso que eu queria e foi assim, apesar de muito trabalho concomitante (Católica e assessoria na SME), que vivi o Curso.

**Horas antigas.** Professor Jefferson era muito crítico, à escola, ao funcionamento da escola. Foi meu professor no Mestrado, na UFU. Um dia, meu lado pragmático perguntou a ele: como fazer, em sua concepção, de que forma deveria funcionar uma escola, idealmente? E ele respondeu: para mim, uma escola precisava começar a funcionar um ano antes, começar a estudar juntos sobre o que vão fazer na escola, construir o projeto pedagógico e depois a escola abriria, de fato. Tão interessante. Nunca poderia imaginar naquela época que viveria isso no Campus do Pontal. Os/as professores/as chegaram antes dos/as estudantes.

Essa foi a época que estudei com mais prazer em minha vida. Tinha meus professores/as como referências e isso fez com que tudo fizesse sentido. Vivia lá em São Paulo dois dias da semana, na casa da minha avó paterna, Fernanda. Tive o privilégio de estudar e conviver com a minha avó ao mesmo tempo. Minha avó, nesse tempo, fazia a Universidade da Terceira Idade, também na PUC/SP. Várias vezes fomos juntas estudar.

Pude conviver com professores/as muito queridos/as: Alípio Márcio Dias Casali, Ana Maria Aparecida Avella Saul, Antonio Chizzotti, Marcos Tarciso Masetto, Maria Malta Campos, Marina Graziela Feldmann, Mario Sérgio Cortella e Mere Abramowicz, que foi minha orientadora.

FIGURA 43 – Foto da Turma do Doutorado 2003



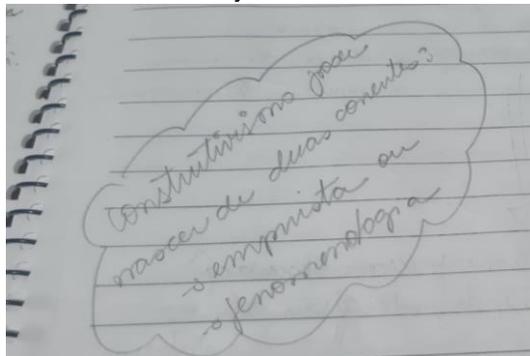
Fonte: Arquivo da Autora

Cláudio (professor de Letras na PUC), Alex-Calex (Engenheiro, do IBGE), Tânia Garbin (Psicóloga), Luís Carlos (Administrador), Ivone (Professora da PUC), Luiz (Professor do Ensino Superior), Josefa (Professora de Administração), Crestine (Professora-Fisioterapeuta), Ana (Professora do Curso de Pedagogia), Adriana (Professora da Educação Básica e Educação Superior), Ivan (Educação e Consultoria em Informática), Jodete (Professora da UFSC),

Eronildes (Professora nos Curso de Serviço Social), Lurdes Caron (Professora do Ensino Religioso), Mary Angela (Professora da Educação Básica e Educação Superior), Malu (Professora da Educação Básica e Educação Superior), Verena (Professora da Educação Básica), Lucinha (Professora da Educação Básica e Educação Superior), Alessandra (Computação), José Antonio (Supervisor Educacional).

Em 2003, a primeira disciplina foi Epistemologia e Educação, com Chizzotti. No mestrado, fiz essa disciplina na UFU, com o Jefferson. Aprendi muito sobre as concepções de educação, especialmente no campo da filosofia da educação. Estudamos, lemos, debatemos sobre o racionalismo, o empirismo, o positivismo e o neopositivismo, o construtivismo, o idealismo, criticismo, marxismo. Naquele tempo, o Chizzotti estava escrevendo seu livro *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*, e nós fomos os/as leitores/as críticos/as desse trabalho. Ele usava muita referência em inglês e tínhamos colegas que traduziam os artigos para a turma.

FIGURA 44 – Anotações das aulas do Chizzotti

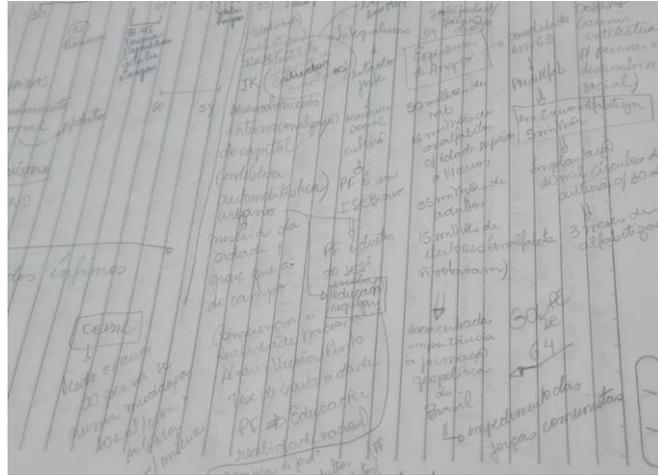


Fonte: Arquivo da Autora

A PUC/SP, no Programa de Doutorado, adota três linhas condutoras: a primeira é que as disciplinas têm claramente um fio condutor, que é o projeto de pesquisa do/a estudante. Nada é feito sem colocar em foco o projeto de pesquisa. Cada disciplina, com seu conteúdo, faz essa pergunta: como esse conhecimento contribui para a sua pesquisa? A segunda linha é que a práxis é um eixo estruturante da pesquisa. Todas as disciplinas nos provocam a pensar em como a pesquisa pode refletir sobre uma prática concreta: uma práxis. E a terceira é a utilização de Paulo Freire como referência. Em todas as disciplinas, Paulo Freire aparece nas referências e no conteúdo das aulas. Isso fez com que eu tivesse, finalmente, a oportunidade de conhecer Paulo Freire, com histórias, memórias, leituras e muito debate.

Ainda em 2003, também escolhi fazer a disciplina de Ética e Currículo em Paulo Freire, com Alípio. A leitura básica dessa disciplina foi o livro de Enrique Dussel, *A ética da libertação*. A ideia da ética como vida humana. Quem é que diz sobre a ética da libertação? Os excluídos, as vítimas, aqueles e aquelas que têm a vida negada. O professor articulou esse livro ao livro de Freire, *Educação como prática da liberdade*. Alípio é um professor provocador. Faz as perguntas e não as responde. Deixa com a gente. Delineia e explica o contexto, os tempos históricos de cada conceito e, muitas vezes, a raiz filosófica desse tempo. Entende essa obra de Freire no campo da fenomenologia. Aprendi muito.

FIGURA 45 – Anotações das aulas do Alípio



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Ao final da disciplina, fomos almoçar com o Alípio. Ele pediu uma cerveja de trigo. Foi a primeira vez que tomei cerveja de trigo em minha vida. Era uma especial da Brahma.

Fiz a Cátedra Paulo Freire com a Saul. Parece que a gente passa as disciplinas todas esperando chegar a hora de fazer a Cátedra. Desde o primeiro dia, a ideia expressa pela professora é que a gente pudesse vivenciar Freire. Ela conta muitas histórias. Conviveu com Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação em São Paulo. Na primeira semana, ela solicitou que lêssemos *Pedagogia da autonomia*, depois levantar 5 (cinco) conceitos e fazer um registro. A partir dali, quando a gente levantou os conceitos, ela organizou os grupos temáticos e nós trabalhamos em grupo durante todo o tempo. Eu fiquei com o tema Formação de Professores/as. Na segunda semana, ela pediu para identificar, na leitura, o conceito escolhido. Na terceira semana, ela solicitou que construíssemos um plano de investigação daquele conceito e o relacionássemos com as nossas experiências.

Saul vai conhecendo a turma pouco a pouco e, com isso, identificando as possibilidades. Havia um colega na turma que tinha relação com a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Fomos conhecer um Centro de Educação Unificado (CEU), de Vila Atlântica. E a problematização foi: qual a relação do CEU com a pedagogia freireana?

FIGURA 46 – Fotos do CEU Vila Atlântica

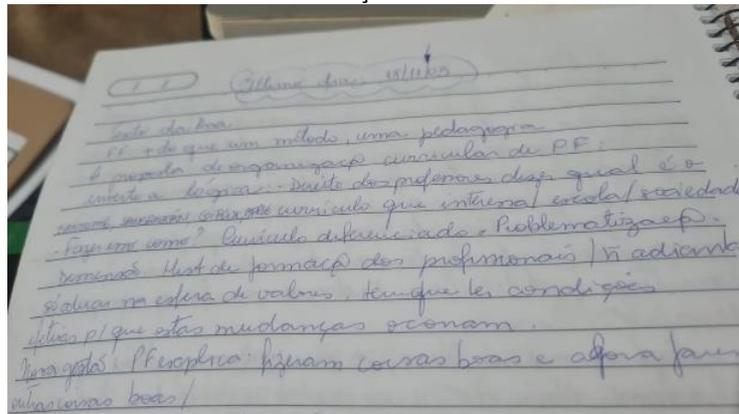


Fonte: <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/CEU-Vila-Atlantica--Informacoes-Gerais>

Foi uma experiência muito interessante. Voltamos dessa experiência com a indicação de incorporá-la a nossa investigação sobre Formação de Professores/as. Elaboramos o primeiro

roteiro de nosso trabalho em grupo: identidade do grupo, movimento realizado na Cátedra (descrição, sentimentos e reflexões) e a relação com as diversas práticas do grupo: formação inicial, formação continuada e formação permanente. Além desse, criamos outras problematizações para a escrita. Dentro do tema estudado, deu para perceber o significado de formação de professores/as para Paulo Freire? Relate a relação percebida. Você(s) participou/participaram de alguma experiência na formação de professores/as que tenha utilizado pressupostos freireanos? Registre(m) as reflexões em um retalho para montarmos uma colcha. A cada relato, o grupo deve apresentar os conceitos freireanos sobre formação de professores/as. Se houver oportunidade, neste momento cada um pode relatar sobre o seu texto.

FIGURA 47 - Anotações das aulas da Saul

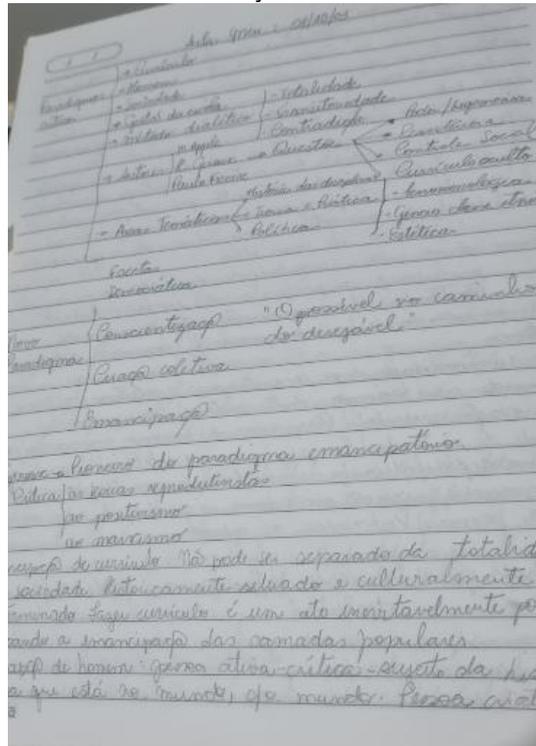


Fonte: Arquivo da Autora

Marcos Masetto trabalhou com a disciplina de Seminários de Pesquisa. Lembro-me de um texto que o Masetto trabalhou conosco, com o título: PBL na Educação? Tinha apresentado o texto em um Congresso de Didática e Práticas Educacionais. E isso me acompanha. A importância da práxis. Não só produzir conhecimento, mas agir. Masetto tem uma característica bem problematizadora de dar aula. Com ele, estava a responsabilidade de entender um problema de pesquisa, objetivos e metodologia. Um esforço danado, pois, mesmo com a minha experiência no mestrado, fui aprender isso no doutorado (se é que aprendi!).

Minha orientadora, Mere, foi professora da disciplina Estudos Avançados em Currículo. Além de uma superior orientadora, Mere também foi uma professora que, além de conteúdo, pensava também na forma. Entendia que era importante fazer a reflexão teórica de currículo a partir de nosso objeto de pesquisa. Fez uma roda com as práticas de cada um/a e, a partir disso, uma reflexão teórica sobre currículo, em uma perspectiva crítica. Ela sempre pedia que alguém fizesse a memória da aula. De cada aula tínhamos uma memória. Toda aula começava com uma discussão teórica da leitura feita e, depois, havia a apresentação de práticas. Começava sempre com informações culturais, de coisas que aconteciam na cidade de São Paulo. E as práticas eram a forma da discussão teórica ser articulada por nós, além de conhecer melhor os/as colegas.

FIGURA 48 - Anotações das aulas da Mere



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Engravidei da minha primeira filha, Isadora, quando estava terminando a disciplina da Mere. Quando contei, ela olhou para mim e perguntou: você dará conta de dois projetos ao mesmo tempo? Fiquei muda. Tinha uma colega-par, Rita, do lado, que respondeu prontamente para mim: claro que ela vai dar conta, Mere. Você tem alguma dúvida?

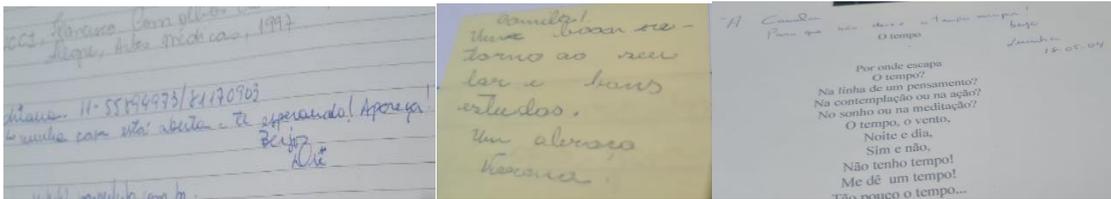
FIGURA 49 – Fragmento de Memória de Aula (01/10/2003)

- MERE Acrescentou à indicação da Jodete a leitura da esposa de Torres, Rosa Maria Torres, dizendo que a mesma escreveu um clássico sobre conteúdo: O que e como ensinar.
- TANIA: Informou sobre um Encontro da rede estadual realizado pela UNICAMP. Mandará por e-mail maiores detalhes.
- MERE Finalizando a etapa de informações culturais, citou um trecho do samba: "Roupa um tantão assim, Tanquinho um tiquinho assim." para explicar a importância de respeitarmos os 15 minutos previstos para as apresentações das práticas.

Fonte: Arquivo da Autora

Os registros das Memórias de Aulas contribuíram para as articulações necessárias entre as concepções e as práticas. Um movimento bem interessante. A Turma do Doutorado que tive foi muito especial. Pessoas solidárias. Um grupo que se ajudava nas dificuldades. Uma turma afetiva. Nas anotações que revivo agora, encontro diversos bilhetes que registram isso.

FIGURA 50 – Recados da Adriana, Verena e Lucinha

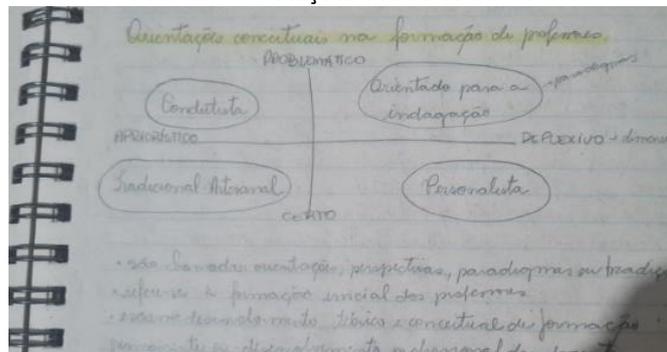


Recados da Adriana, Verena e Lucinha

A disciplina de Formação de Professores: fundamentos teóricos e práticas pedagógicas foi com a Marina. O primeiro livro foi do António Nóvoa: *Os professores e sua formação*, com três problematizações. Análise dos sentidos e significados que o autor empresta à reflexão quando categoriza a formação profissional do professor como uma semi-profissão. Como as concepções epistemológicas subsidiam o fazer do professor/a? Como se situa a questão da relação entre o pensar e o agir na formação de professores/as?

Marina dividiu a disciplina em três momentos: o primeiro, que ela denominava “construindo referências”, que girava em torno da problematização: o que é ser professor/a no mundo contemporâneo e no contexto social brasileiro? O segundo momento, denominado “conhecendo e discutindo práticas pedagógicas em diversas modalidades”: presenciais, semipresenciais e à distância. E por fim, o terceiro momento, que ela denominava “refazendo o trajeto”: concepções, reflexões e projetos.

FIGURA 51 - Anotações das aulas da Marina



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Meu primo Marcelo sempre me levava na rodoviária. Eu passava dois dias em São Paulo. A depender das disciplinas: segunda e terça ou terça e quarta. Também era uma exigência do Programa, bolsistas tinham que ficar 2(dois) dias no Programa.

Ao final da disciplina, escrevemos um artigo intitulado “Formação de professores: contextos, concepções e relações”. Com Mary, Crestine, Lucinha e Lurdes. De acordo com o Resumo, o estudo objetivou construir referenciais de análise sobre a formação de professores/as na atualidade. Para atingir o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica, cuja investigação centrou-se na questão norteadora: “O que é ser professor no mundo contemporâneo e no contexto social brasileiro?” O processo investigativo em torno dos fundamentos teóricos sobre a temática foi construído coletivamente, tendo como pressupostos as contribuições de Burbules, Feldmann, Imbernón, Garcia, Mizukami, Nóvoa, Perrenoud, Sacristán e Tardif. A primeira parte da pesquisa trata da formação de professores: contextos e relações. Traz presente a questão da globalização e suas consequências. A segunda aborda as diferentes concepções sobre formação, inicial e continuada, e profissionalização docente. A terceira parte discute sobre o que move a prática educativa e a

relação teoria/prática. Os referenciais construídos evidenciam que há um vínculo estreito entre as tensões sociais e aquelas vividas pelos/as professores/as no exercício de sua profissão, exigindo-lhes um novo perfil docente para atuar neste contexto de mudanças, tanto locais como globais. Não publicamos.

Com Maria Machado Malta Campos, fiz a disciplina “Educação, currículo e sociedade”. De acordo com a ementa, a disciplina examina as principais correntes que interpretam o fenômeno educativo de uma perspectiva sociológica. Analisamos autores/as nacionais e internacionais contemporâneos mais representativos, que discutem as relações entre o sistema educacional, escola, currículo e sociedade. Talvez tenha sido a disciplina mais difícil que fiz no Doutorado. Ela relaciona a sociologia, a psicologia e a filosofia com autores que eu nunca tinha lido. Foi quando li Bourdieu, Baudelot, Petit, Bowles e Gintis, dentre outros. Tanto que escolhi para apresentar o Seminário o único livro que eu conhecia: *Documentos de Identidade*, de Tomaz Tadeu da Silva.

FIGURA 52 - Anotações das aulas de Maria Malta

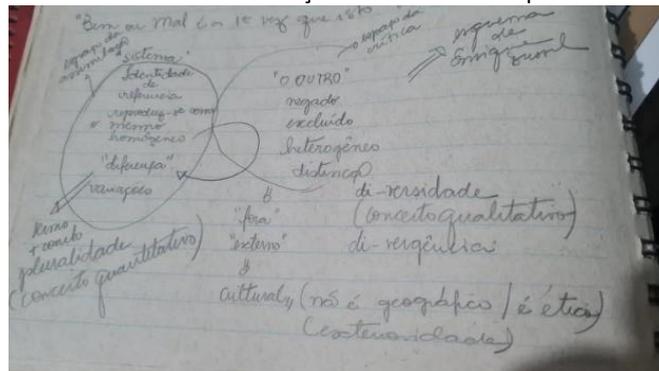
MODELO	EX. AUTOR	RELAÇÃO SOCIEDADE X INDIVÍDUO
Individualista	Mead	Indivíduo cria a sociedade
Determinista	Durkheim	A sociedade determina o indivíduo
Dualista	Bourdieu Baudelot	Os indivíduos criam a sociedade, mas são também o seu produto
Globalizante	Gintis	Os indivíduos produzem e são transformados pela sociedade

Alguns temas em Educação (Antropologia)

Fonte: Arquivo da Autora

Fiz outra disciplina com Alípio, “Currículo e cultura brasileira”, que também teve a participação do Mario Sérgio. Foi aqui que li Álvaro Vieira Pinto, Geertz, Renato Ortiz, Marilena Chauí, dentre outros. De acordo com a ementa, a disciplina tinha como objetivo investigar os fundamentos epistemológicos e culturais do currículo, considerando-o como componente da cultura, ou seja, como instituição do saber que reproduz e recria significados e poderes. Escrevi o trabalho final, intitulado “Somos o que devemos ser? Um percurso cultural”. O trabalho registrou a busca de um processo identitário como professora/pesquisadora e, ao mesmo tempo, desvelou reflexões feitas no início deste processo, que pretende ser contínuo, sobre o universo cultural que nos re-define como agente sociais. A reflexão baseou-se na ideia de que o conceito de identidade está imbricado no de cultura, ou seja, conceitos diversos se entrecruzam: o singular e o universal, a alteridade, pluralidade e diversidade. Esse trabalho foi publicado na Revista *Interações*, em 2006.

FIGURA 53 - Anotações das aulas do Alípio II

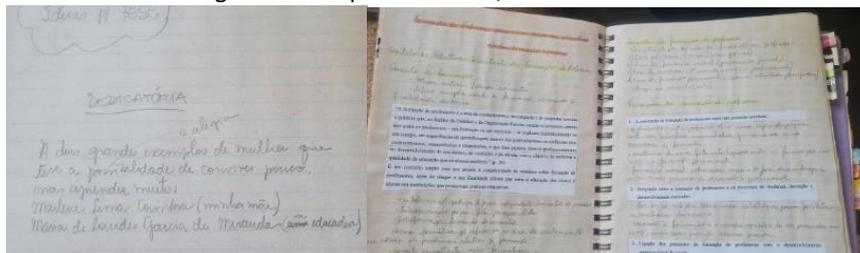


Anotações das aulas do Alípio

**Horas antigas.** Uma passagem interessante com o Cortella é que a PUC/SP tem uma regra de que os doutores do Programa só podem participar de banca de defesa de doutorado depois de dois anos de doutoramento. Eu havia defendido minha tese há menos de um ano e o Cortella fez uma solicitação para que eu participasse na banca da Maria Célia. Nesse dia as borboletas na barriga me consumiram.

Completo, nesse ano de 2023, 20 anos do início do doutorado. Quanta coisa vivi de lá para cá. Mas a ideia de retomar os cadernos, os registros nos fazem compreender que não havia, naquele tempo, tanta utilização de internet, tablets, celulares. Os materiais para leitura eram em papel. Eu tenho 3 (três) cadernos com os registros das aulas, dos estudos, dos anos de 2003, 2004 e 2005. Um para cada ano. Os cadernos são como álbuns de fotografia. Estão registrados neles os pensamentos, os conhecimentos, as angústias. Ao longo das anotações das disciplinas, aparece a preocupação com o projeto de pesquisa, com aquilo que precisava pensar. Além disso, os cadernos também são entremeados de escritas do trabalho, comunicado aos professores/as da Católica, e-mail para as pessoas que queria enviar. Era um tempo em que a gente escrevia primeiro para depois digitar e enviar. Eu não tinha notebook. Outros tempos. Hoje, a minha filha de 9 anos tem um notebook, herança da pandemia, mas tem.

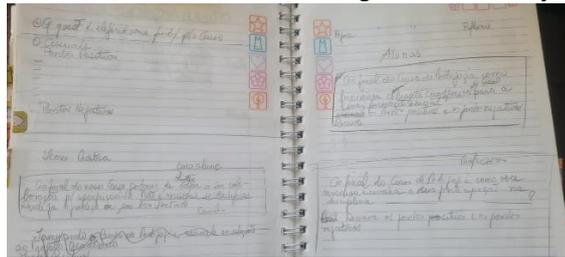
FIGURA 54 - Fragmentos de pensamentos, ideias e estudos nos cadernos



Fonte: Arquivo da Autora

Finalizadas as disciplinas, começamos um movimento muito solitário de escrita. Quando terminamos as disciplinas, já sabemos o que queremos, como vamos fazer e por que vamos fazer daquela forma. Isso foi muito importante. Encantei-me, nas aulas de Masetto, pela pesquisa-ação e pelos grupos focais. Não havia artigo em português sobre os grupos focais. Era uma metodologia nova. Assim, decidimos o que pesquisar e como fazer a pesquisa. Mere foi uma orientadora muito presente. Gostava de marcar as orientações em sua casa. Sempre tinha um cafezinho, um bolo, um afeto. Também não lia nada eletrônico, tinha que ser impresso. Fazia anotações no texto e gostava de dar a devolutiva pessoalmente.

FIGURA 55 - Letra da Mere no registro de orientação



Fonte: Arquivo da Autora

A pesquisa desenvolvida relacionava-se à minha prática, ao momento que vivia na Católica, em Uberlândia, na implementação do Projeto Pedagógico do Curso, com um componente denominado Pesquisa e Prática Pedagógica. Fizemos grupos focais. Fazer não foi o problema, o mais difícil foi a transcrição. Muito material, muito tempo. Ainda na qualificação, tive a sugestão da banca de coletar mais dados. E a Mere, sempre presente, me ajudou na criação dos quadros-sínteses, na melhor forma de tratar os dados. E a banca de qualificação me ajudou a distanciar-me do objeto.

**Horas antigas.** Conto que, quando saí do exame de qualificação, nos corredores da PUC, não sabia se a saída era à direita ou à esquerda, de tão tonta que fiquei. Não levei nada para gravar e tive que anotar tudo. Foi com pessoas amorosas e rigorosas que só fizeram contribuições importantes ao trabalho.

Também deveríamos sair da defesa com um mapa de como devemos viver a vida como doutoras. Parece que a gente sai e quer dar um tempinho da academia. É deveras extenuante esse exercício da pesquisa e da escrita. São duas ações distintas. Fazer a pesquisa e escrever. Uma não vem, necessariamente, com a outra.

**Horas antigas.** Lembro que, quando estava na fase a escrita, pedi ao meu pai para trabalhar no escritório dele. Já tinha a minha casa, mas eu precisava me desligar das ações cotidianas. Ir para outro lugar. Foi ótimo, passei 15 dias trabalhando 8 horas por dia. Continuei em casa, mas o principal fiz lá. Achei que conseguiria fazer assim também com o Memorial, mas 15 dias não foram o bastante e eu não tenho mais o escritório do papai. Meu escritório está em casa.

Durante o Doutorado, tive muitas mudanças em minha vida pessoal e profissional. Quando entrei, em 2003, estava na assessoria da SME e na Católica. Em agosto de 2003, saí da assessoria. Fiquei apenas na Católica. Em dezembro de 2003 começo a namorar o meu companheiro. Casamos em dezembro de 2004. Engravidei e tive a Isadora em setembro de 2005. Em setembro de 2006, saio da Católica e tomo posse na UFU, no Campus do Pontal. Mudamos para Ituiutaba. Defendi a tese em julho de 2007, quase um ano depois de ser mãe e professora em uma universidade pública, dois sonhos realizados.

O doutorado, hoje vejo, é o melhor exercício de autonomia. Autonomia para pensar. Autonomia para decidir. Autonomia para ousar. Autonomia para criar. A sensação de que a gente consegue fazer o que no início parece impossível é muito boa e faz a gente acreditar em nossas possibilidades. Especificamente o Programa da PUC/SP, com professores/as muito sensíveis, que buscam mesmo uma humanização na relação com estudantes.

**Horas antigas.** Lembro de uma das aulas do Cortella, ele perguntou o que havíamos feito no final de semana. Tódes responderam que estudaram, leram texto, livros, escreveram a tese. Ele deu uma super bronca na gente, dizendo que o lazer e o ócio também eram importantes

para o processo criativo. Disse ele: Na semana que eu voltar, eu vou perguntar de novo e quero vocês me contando que foram a uma roda de samba, ao cinema, tomaram um chopp. Não vou aceitar essa resposta de hoje!

Em 4 anos e meio parece que a gente viveu uma vida inteira. Meu sonho ainda é fazer um pós-doutorado de licença total (no planejamento do ND será em 2026), somente estudar. Sempre fiz tudo junto, e agora necessito da calma, do tempo, da disponibilidade para estudar. Gosto de estudar. Sou curiosa. Tenho diversos livros na fila para a leitura, mas não acho o tempo. Penso que isso (o interesse pelo estudo/ a curiosidade) pode fazer diferença na profissão de professora, na práxis que habito. A curiosidade me move como educadora e como educanda.

Pessoas que estiveram junto.

Alípio Márcio Dias Casali

Ana Maria Aparecida Avella Saul

Antonio Chizzotti

Crestine Rebellato

Lucia Helena de Andrade Gomes

Lurdes Caron

Marcos Tarciso Masetto

Maria Amélia Santoro Franco

Maria Malta Campos

Marina Graziela Feldmann

Marina Graziela Feldmann

Mario Sérgio Cortella

Mary Angela Teixeira Brandalise

Mere Abramowicz

Regina Giffoni

## Eventos Científicos

(Endipe e Eiforpecs)

A educação enquanto formação humana é um esforço indiscutivelmente ético e estético. Quer dizer, não há como separar também a decência da boniteza, entende. Quer dizer, a educação enquanto busca de boniteza, necessariamente, procura a decência também, a decência do ser. (Verbete: Educação, Paulo Freire)

Como entrei na UFU em 2006, no Campus do Pontal, os eventos fazem parte de minhas atividades como professora da Educação Superior: desenvolvo ensino, pesquisa, extensão e gestão. Nesse sentido, alguns eventos foram importantes na constituição de quem estou hoje. O primeiro deles é o Encontro Nacional de Didática e Prática Educativa (Endipe). Quando entrei para a área de Didática, por meio de um Concurso Público na UFU, entendi que essa seria minha área e nela deveria permanecer e conhecer um pouco mais as pessoas e referências que andam com a gente na caminhada profissional. Por isso, frequento o Endipe desde 2008. Consta no histórico<sup>11</sup> dos Endipes que o primeiro foi em 1979, importante evento na área e no encontro de pesquisadores/as da área.

Em 2008, o XIV Endipe aconteceu na PUC-RS, em Porto Alegre, de 27 a 30 de abril, com a temática: “Trajetórias e processos de ensinar e aprender: lugares, memórias e culturas”. Apresentamos um painel com o título: “Desenvolvimento profissional dos professores: uma análise de três propostas de formação inicial e continuada”. Eu, Roberto e Marília.

Com o Grupo do Pontal, apresentamos um Pôster sobre a experiência do Projeto de Extensão que fizemos, como já relatado nas histórias do Campus. Intitulamos: “Círculos de estudos em metodologia do ensino superior: uma proposta de formação continuada”.

FIGURA 56 – Fotos do XIV Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2010, o XV Endipe ocorreu em Belo Horizonte, na UFMG, com o tema: “Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais”. Apresentamos um painel: “Currículo, saberes e práticas: tempos e espaços dialógicos na formação”. Eu, Leonice e Yara. Apresentamos um debate acerca da formação de professores/as, baseado em princípios freireanos, com a experiência do Campus do Pontal. O foco de atenção foi o Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, articulando três aspectos fundamentais: os saberes necessários à prática educativa, o currículo e uma experiência praxica do Círculo de Cultura.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://xiendipe.com.br/home#historico>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FIGURA 57 - Carta de aceite no XV Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

O XVI Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE) foi realizado na cidade de Campinas, no campus da UNICAMP, em 2012, com a temática: “Didática e Práticas de Ensino: compromisso com a escola pública, laica, gratuita e de qualidade”. Chegamos a organizar um painel com o título: “Qualidade para quem? Percursos de um Grupo de Pesquisa em Currículo”. Eu, Marcos e Rita. Queríamos socializar a forma e o conteúdo do trabalho desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais da PUC/SP, sob a coordenação de Mere Abramowicz. “Éramos 30 pesquisadores/as de diversas instituições de ensino superior públicas e privadas. No ano de 2011, o foco definido foi a qualidade na educação e esse painel é fruto do trabalho de três pesquisadores do Grupo que utilizaram referenciais teóricos e metodológicos para a definição do termo qualidade. Esse processo inicia-se a partir da problematização em torno do conceito de qualidade. O que esse Grupo compreende para esse conceito? Como trabalhar com um termo tão utilizado pelo mundo globalizado e com definições tão diversas, por vezes antagônicas? A trajetória do Grupo de Pesquisa e os resultados preliminares do movimento da pesquisa iniciada em 2011 são o objeto desse painel.”

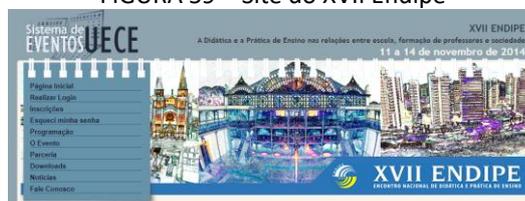
FIGURA 58 – Cartaz do XV Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2014, realizou-se o XVII Endipe, com o tema: “A Didática e as práticas de ensino nas relações entre escola, formação de professores e a sociedade”, em Fortaleza, na Universidade Estadual do Ceará. Clarice nascera em 2013, estava apenas com um ano e achei difícil participar desse, pela distância.

FIGURA 59 – Site do XVII Endipe

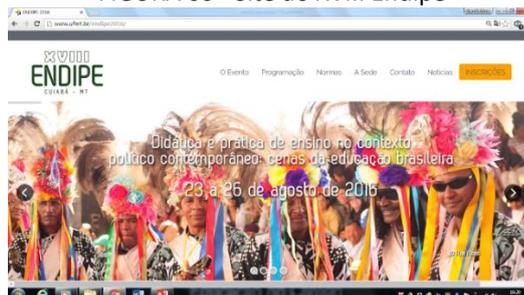


Fonte: Arquivo da Autora

Em 2016, no XVIII Endipe, “Didática e Prática de Ensino no contexto político contemporâneo: cenas da educação brasileira”, em Cuiabá, na Universidade Federal de Mato Grosso, consegui voltar a minha vida acadêmica. Apresentamos um painel: “Formação dialógica: saberes práticos em movimento”. Eu, Rita, Antonella e Maria Isabel.

Conforme o Resumo, a proposta desse painel surgiu do trabalho do Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais, da PUC/SP, onde compreende-se a docência como espaço de interação e possibilidades teóricas e práticas. “Assim, a dialogicidade tem papel fundamental na construção de parâmetros que movimentam a formação continuada de educadores, em especial nas direções epistemológicas e pedagógicas com vistas à construção de um perfil alicerçado na autonomia profissional, na criatividade, na busca do ‘inédito viável’. Diálogos possíveis entre práticas vivenciadas e pesquisadas em um movimento permanente de reflexão sobre a prática. São três instituições diferentes em que os eixos ensino, pesquisa e extensão estão fortalecidos. Embora esses aspectos sejam considerados como indissociáveis na perspectiva da construção do conhecimento (identidade epistemológica), em nosso entendimento. Deve-se destacar que não são entes separados e que não existe ensino sem pesquisa. O conhecimento pedagógico que se constrói no cotidiano, a partir de referenciais diversos (modelo de professores, autores que leram, experiências vividas...) e a contribuição das instituições, por meio de políticas de formação para a docência que vão compondo os movimentos, num processo contínuo, quer via autoformação, no confronto com a prática, quer via cursos de formação continuada buscados por esses profissionais ou oferecidos pelas instituições em que atuam. Esses movimentos realizados pela ação-reflexão na prática da docência se constituem em alicerce para a elaboração de saberes docentes próprios. Nessa perspectiva, a intencionalidade, a conscientização e a reflexão crítica são aspectos importantes não só para a formação docente como também para o projeto emancipatório educacional que se pretende. Formações dialógicas em um princípio solidário de compartilhar aprendizagens e práticas que contribuam para um cenário propositivo no campo educacional, esse é o objetivo desse painel.”

FIGURA 60 - Site do XVIII Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

Foi nesse painel e nesse Endipe que apresentei, pela primeira vez, a “Aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana”. Lembro-me do receio das críticas que poderia receber ao propor algo da práxis em um evento de Didática. Recebi algumas críticas, mas também elogios. Assim é quando a gente escreve algo e publica. Comecei a aprender aqui.

No XIX Endipe, em 2018, em Salvador, na Universidade Federal da Bahia, o tema foi: “Para onde vai a didática? O enfrentamento às abordagens teóricas e desafios políticos da atualidade”. Até hoje escuto colegas brincarem: descobriram para onde vai a Didática? Penso que esse não tenha sido um bom nome, especialmente para as críticas históricas que temos em relação ao nosso estatuto científico. Nesse Endipe, inspirada pelos ares baianos, participei

de dois painéis. Um com meu Grupo de Pesquisa da PUC/SP, intitulado: “Saberes da docência constituídos em diversas práxis educativas”. Eu, Yara e Rita.

FIGURA 61 – Fotos do Painel no XIX Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

O outro painel, apresentei um texto com minha orientanda de IC (Iniciação Científica), Izabela, com o título: “Calcanhar de Aquiles no curso de Pedagogia: reflexões e contradições na voz das estudantes”. O painel tinha como título: “Continuidades e rupturas na prática pedagógica e no estágio supervisionado: desafios para o Curso de Pedagogia”. Eu, Izabela, Maria Simone e Sangelita.

FIGURA 62 – Fotos do Painel no XIX Endipe II



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2020, em meio à pandemia, o Rio de Janeiro se reinventou e transformou o que seria presencial, em um evento remoto. Com o tema: “Fazeres-Saberes pedagógicos: diálogos, insurgências e políticas”, as Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro sediaram o evento. Nesse ano, participei, junto com Simone, do painel intitulado “O/A professor/a e sua formação: dos cursos de formação de professores/as ao exercício da docência”. Eu, Simone, Aline, Graça, Rita e Cátia. O nosso artigo retratou a experiência que vivemos com a Atividade Integrada, e o nomeamos: “Insurgências curriculares no curso de Pedagogia: uma práxis integradora sobre a educação de crianças feministas”.

FIGURA 63a – Logo do XX Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

Na história dos Endipes, sabemos que quando um termina, na assembleia que sempre ocorre em seu final, já é escolhida a cidade sede do próximo. No Rio, Uberlândia apresentou a sua candidatura. Na época, a Diretora da Faculdade de Educação também era Diretora do ForumDir e apresentou a proposta de sediar, que foi vencedora. Um grande desafio, pois, como sempre lembrava a Geovana, seria a primeira cidade do interior a sediar um Endipe. Na incerteza da pandemia, decidiu-se por realizar o XXI Endipe de forma remota.

Quando comecei a frequentar o Endipe, em 2008, não imaginava que um dia estaria em sua coordenação. E assim foi, a Geovana, como coordenadora geral do evento, me convidou, junto com Roberto<sup>12</sup>, para coordenar a Comissão Científica. Assim, o XXI Endipe, em 2022, teve como temática: “A Didática e as Práticas de Ensino no contexto das contrarreformas neoliberais”. Por uma questão ética, em virtude da função assumida no XXI Endipe, não pude apresentar trabalho, mas tive muito trabalho. (Um trocadilho).

Participar da organização de um evento do tamanho do Endipe é um exercício de ousadia e coragem. Trabalhamos com uma equipe de 3 bolsistas e depois, na semana do evento, ampliamos o grupo. Nosso trabalho era diretamente com 9 Coordenadores(as) gerais dos Eixos Temáticos, 30 Coordenadores(as) executivos(as), 204 Pareceristas, 100 Monitores/as. Foram feitas 3.348 inscrições no evento. 850 trabalhos submetidos. 643 trabalhos apresentados entre painéis, pôsteres e minicursos. Foram abertas, ao longo da semana, 245 salas na plataforma Zoom. Tudo isso, sob a coordenação do Comitê Científico.

FIGURA 63b – Comitê Científico do XXI Endipe



Fonte: Arquivo da Autora

Para além desses números, que parecem não refletir a dimensão do trabalho, havia os desafios do tempo remoto. A dependência da internet, da chuva, dos computadores, enfim, toda vez que termino a organização de um evento, prometo não mais fazer isso, mas esqueço rápido e logo estou novamente nessa atividade, apesar de ser muito sofrida para mim. Prefiro sala de aula, prefiro a orientação, prefiro a roda, prefiro estar na atividade e não organizá-la. Mas tive a oportunidade e a honra de mediar uma sessão especial no XXI Endipe, com Afonso e Maria Inês, sobre o Paulo Freire Internacional<sup>13</sup>.

FIGURA 64 – Cartaz da Sessão Especial 2



Fonte: Arquivo da Autora

<sup>12</sup> No meio do caminho de um intenso trabalho, Roberto saiu.

<sup>13</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=P21rSGxi4aU&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=2&t=1430s>. Acesso em: 4 mar. 2023.

Participar da Comissão Organizadora de eventos científicos em uma Instituição pública, significa que você terá que cuidar de tudo, do café ao pano... qual pano?, ao registro, ao Certificado, aos Anais. Enfim, considero muito trabalho. O encontro vale a pena, mas um evento tão grande quanto o Endipe, não sei. Estou para eventos menores. Com mais possibilidades dialógicas.

## Eiforpecs

(Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado)

Quando estava na coordenação do Nespe, em 2017, na Faced, fui convidada a participar de um evento na Unimontes, o IX Congresso Norte-mineiro de Pesquisa em Educação, com o tema “Currículo: desafios e implicações político pedagógicas”. Nesse evento, as colegas de lá disseram que havia um combinado interinstitucional para realização do Eiforpecs, entre a UFU (por meio da Sonia Santos), a UnB (Liliane) e a Unimontes (Ellen). A cada ano, uma das instituições sediaria o evento.

Nessa responsabilidade, entrei na roda em 2018, junto com Simone, Cairo e Astrogildo, que também estavam no Nespe. Fomos participar do evento em Brasília, na UnB. Já estava no XI Eiforpecs, e o tema foi: “Diversidade, saberes e práticas inovadoras: os entre lugares da formação de professores e estágio curricular”. Participamos da organização e de uma Mesa Redonda, com o título: “Estágios e Práticas Educativas: formação docente e práticas na Educação Básica”. Eu, Simone, Ireuda e Rosana.

FIGURA 65 – Foto da Mesa Redonda durante o XI Eiforpecs



Fonte: Arquivo da Autora

Nós 4, do Nespe, que lá estávamos em Brasília, aceitamos o desafio de fazer o Eiforpecs na UFU, em 2019. Assim realizamos, com o envolvimento do Nespe, do Fórum de Licenciaturas, da Faculdade de Educação, da Prograd, da PROPP e da Proex, o XII Eiforpecs.

FIGURA 66 - Logo do XII Eiforpecs na UFU



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Papai faleceu no dia 21 de novembro de 2019. Cinco dias antes do evento. Meu pai foi a pessoa, nesta vida, que me ensinou a amar rigorosamente. Já estava muito adoecido, completava 7 (sete) anos de Doença de Alzheimer.

Juntamos vários eventos no Eiforpecs, unimos forças e fizemos concomitantemente em Uberlândia e Ituiutaba. Tudo que aconteceu em Uberlândia aconteceu também em Ituiutaba. Isso exigiu muito trabalho, envolvimento e apoio de diversas pessoas e setores na UFU.

Foram 1.188 inscritos, 864 pagantes. Optamos por fazer o XII EIFORPECS simultaneamente no Campus Santa Mônica, em Uberlândia e no Campus Pontal, em Ituiutaba, onde estão abrigados a maioria de nossos Cursos de Licenciatura. Foram 6 eixos temáticos que organizaram os temas das 8 mesas redondas com mais de 40 pessoas internas e externas convidadas. Foram 24 sessões de Comunicação Oral e 30 Rodas de conversa em 2 dias. Nestes momentos de compartilhamento, tivemos 422 Trabalhos enviados para Uberlândia e 124 Trabalhos enviados para Ituiutaba. Para dar dinamismo ao evento em seus intervalos, contamos com a Feira de Artesanato e a Feira Agroecológica. Tivemos lançamento de Livros e o Lançamento do Observatório do Ensino de História e Geografia (GEPEG). Um evento, em sua essência, acolhedor e múltiplo. (Anais, 2020, p. 13)

Com nosso jeito mineiro de ser, reforçamos que, “em eventos como este, para além do que é acadêmico/científico (nós produzimos ciência) é evidente que os olhares, os abraços, os conflitos, as conversas, o conhecido e o desconhecido revelam que “o que tem de ser, tem muita força”. E a nossa força é a nossa coragem, nossa coragem é o tempo que dedicamos às pessoas, nossa coragem é o tempo que nos dedicamos à pesquisa, nossa coragem é a caminhada feita de trajetórias diferentes que trouxeram cada um e cada uma de nós até aqui, nossa coragem é a resistência feita de civilizações e de mundos diferentes que coexistem, nossa coragem é a perseverança que nos move rumo a fazer de cada momento aqui “um rasgar-se e um remendar-se”. Estivemos e nos inspiramos em Guimarães Rosa. As salas de apresentação de trabalhos levavam os nomes de seus contos. Foi um evento corajoso e mineiro.

FIGURA 67 – Fotos das Atividades do XII Eiforpecs em Ituiutaba



Fonte: Arquivo da Autora

FIGURA 68 - Fotos das Atividades do XII Eiforpecs em Uberlândia



Atividades do XII Eiforpecs em Uberlândia

**Horas antigas.** A Propp, da UFU, contribuiu com uma passagem internacional. A outra, foi da Prograd. Com a passagem paga pela Propp, convidamos Abílio José Maroto Amiguinho, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Portalegre, em Portugal. Havíamos feito o convite com antecedência, ele havia aceitado e, no dia 13 de setembro de 2019, depois de já termos efetuado a compra das passagens, ele envia um e-mail dizendo: “Acresce a responsabilidade que assumo por me ter deixado ‘levar’ pelo vosso carinhoso e simpático convite, para retorno e partilha de um dos momentos mais ricos e formadores da minha vida pessoal e profissional. A situação do vosso enorme país acrescentou um bom laivo de solidariedade, também. Talvez por terem decorrido quase 20 anos sobre a última das várias vezes que estive no vosso país, esqueci-me das dificuldades para viajar nele e que, reconhecidamente, agradeço, terem tentado minorar. Esqueci-me, sobretudo, que tenho mais 20 anos e problemas de saúde que, para ser sincero, não sei sequer se iriam aguentar as 10 horas de voo de Lisboa a Campinas. Por causa das maleitas nas costas quase ‘não tenho posição’, agravadas sobremaneira nos últimos dois meses (quase me afastando da minha dose de militância e prática da pequena agroecologia), resistindo à cirurgia que os médicos me querem fazer. Há, pois, também por este motivo, um receio que nestes dias se avolumou. E, aqui, penso, e se tenho mesmo que ser operado e, por isso impossibilitado, vos vou dizer que não poderia mesmo ir, em cima do evento. Prefiro já tomar a decisão, com esta distância ainda do evento, lamentando profundamente o vosso desapontamento e todos os transtornos que vos tenha causado.” Ou seja, perdemos uma passagem internacional.

FIGURA 69 - Encerramento das atividades do XII Eiforpecs em Uberlândia



Fonte: Arquivo da Autora

No final, fizemos o ritual de passagem para a Unimontes, pois em 2018 fora na UnB, 2019 na UFU, e o próximo seria 2020 na Unimontes. Criamos o símbolo do ipê amarelo, feito por uma artista que a Renata nos indicou.

FIGURA 70 – Passagem da UFU para a Unimontes



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2020 vivemos no isolamento e a Unimontes sugeriu que nosso evento passasse a ser bianual. Compreendemos e apoiamos a proposta. Em 2021, a Unimontes realizou o XIII

Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado, nos dias 20, 21 e 22 de outubro, com o tema: “Uma leitura freireana da realidade da educação durante a crise sanitária global”, em homenagem ao Centenário de Paulo Freire.

FIGURA 71 – Logo do XIII Eiforpecs na Unimontes



Fonte: Arquivo da Autora

Apresentei um trabalho intitulado “Os inéditos viáveis na formação de professor (es) da Educação Básica: os saberes e princípios éticos freireanos”, no qual sistematizo um pouco a experiência da disciplina de Princípios Éticos Freireanos. O evento tratou de homenagear Paulo Freire, por ser e comemoração do seu Centenário, e muitas de nós envolvidas com as comemorações.

Talvez essa seja a parte desse Memorial que terá mais gente envolvida, e eu só tratei de dois grandes eventos de que participo, com suas respectivas histórias e reflexões que fazem sentido para quem sou como pesquisadora e como professora. Esses eventos foram habitados por mim, por entender que são lugares de minha práxis. Lugares em que eu amplio o olhar, compartilho com as pessoas que também os habitam.

## Pessoas que estiveram junto.

Adevalton Bernardo dos Santos  
Adriana Auxiliadora Martins  
Adriana Pastorello  
Adrielle Teixeira Rosa  
Ágatha Cristina de Oliveira Matos  
Alda Aparecida Vieira Moura  
Aldeci Cacique Calixto  
Alessandra Pavolin Pissolati Ferreira  
Alessandra Riposati Arantes  
Aline Souza da Luz  
Almir José dos Santos Nunes Júnior  
Ana Cláudia M. C. Resende Morato  
Ana Júlia Alvim Carvalho  
Ana Laura Thezolin  
Andréa Longarezi  
Angela Aparecida Teles  
Angela Fagna Gomes de Souza  
Angeline Aléxia de Souza  
Antonio Santiago da Silva  
Ariane de Souza Siqueira  
Arlindo José de Souza Júnior  
Arthur Monteiro Galhardi  
Astrogildo Fernandes Silva Júnior  
Aurélia Pereira Pego  
Aurelino José Ferreira Filho  
Baltazar Siqueira Macedo  
Beatriz Akiria de Assis Quaresma  
Benerval Pinheiro Santos  
Brenner Ferreir Aquinio  
Bruna Miranda Martins  
Bruna Rossi Silva  
Cairo Katrib  
Camyla Strack de Oliveira  
Carla Cristina Barbosa  
Carlos Eduardo Moreira de Araújo  
Cátia Simone Becker Vighi  
Cida Satto  
Cíntia Thais Morato  
Cinval Filho dos Reis  
Claudia Simone P. S. Quadros  
Cristiane Coppe de Oliveira  
Damaris Martins Matias Prates  
Daniel Gonçalves Cury  
Daniel Mazzaro Vilar de Almeida  
Danielle Ferreira de Souza  
Dayse Magna Moura  
Dayse Magna Santos Moura  
Deivid Marcio Marques  
Diego Batista Santana Gomes  
Dilma Maria de Mello

Diva Souza Silva  
Dulce Pereira Santos  
Edeli Barbosa  
Elisete Maria de Carvalho Mesquita  
Elizabete Figueiredo Palma  
Ellen de Cássia Sousa Parrela  
Elliot Amorim Parize  
Elmo Rodrigues Neto  
Emerson Luiz Gelamo  
Fabiana Fiorezi de Marco  
Fabrício Aparecido Gomes da Silva  
Felipe Cavalcanti Vieira  
Fernanda Oliveira Rodrigues  
Fernanda Paula Gomes  
Francielle Amâncio Pereira  
Francisco José Rengifo Herrera  
Francisco Thiago da Silva  
Gabriel Lupe Rodrigues dos Santos  
Gabriela de Oliveira  
Gabriele Nogueira Firmo da Cruz  
Georgia Cristina Amitrano  
Geovana Ferreira Melo  
Geuvana Viera de Oliveira Maia  
Giovanna Tannous de Sousa  
Gislene Alves do Amaral  
Giulia Viana Bariotti  
Glauca Signorelli de Queiroz Gonçalves  
Guilherme Exedito de Campos  
Guilherme Mendonça Rodrigues  
Gustavo Brandão Garcia  
Huagner Cardoso da Silva  
Iara Bites Leite Santana  
Iara Maria Mora Longhini  
Iara Vieira Guimarães  
Igor Borges Pacheco  
Ilza Maria da Silva Alves  
Ireuda da Costa Mourão  
Isabella Dias de Oliveira  
Ivanise Melo Alda Vieira Moura  
Ivanise Melo de Souza  
Jahdy Andrade de Brito  
Jamilka Oliveira Tiano Santos  
Jane Maria dos Santos Reis  
Janete Aparecida Gomes Zuba  
Jefferson Albernaz Resende  
Jhone Marcelo Ribeiro de Oliveira  
João Pedro Souza Alves Barro  
Joeli Teixeira Antunes  
Joni Braga Julia Moreira  
José Gonçalves Teixeira Junior  
José Luis Villar Mella  
Jovenna Karla Silva Pereira

Juliana Antônia Fraga Dos Santos Rodrigues  
Juliano Soares Pinheiro  
Karen Jane Santos Silva  
Karen Regina Silva Costa  
Karina Rodrigues Santos da Silva  
Kathleen Suzane Carvalho Alves  
Klívia de Cássia Silva Nunes  
Kyara Karolyne Ferreira da Silva  
Lailson dos Reis Pereira Lopes  
Laira Nayara Machado Sampaio  
Laís Bez Fontana  
Laís Félix de Andrade  
Laíse Aparecida Rocha  
Lara Beatriz Almeida Cardoso  
Lázara Cristina da Silva  
Leandro Silveira de Araujo  
Leonardo Augusto Couto Finelli  
Leonardo Henrique Biazotto  
Leonardo Silva Alves  
Leonice Matilde Richter  
Letícia Araujo Rodrigues  
Letícia Ferreira Nicomedes  
Lídia Andrade da Silva  
Lilia Neves Goncalves  
Liliane Campos Machado  
Lívia Freitas Fonseca Borges  
Lorraine Silva Gonçalves  
Lorrayne Vieira Temer  
Luciane Ribeiro Dias Gonçalves  
Luciano Senna Peres Barbosa  
Luciene Maria Torino  
Luiz Henrique Gomes Silva  
Luiza Soares Féo Castro  
Luzimara Silveira Braz Machado  
Mânia Maristane Silveira  
Marcela de Fátima Rosa Oliveira  
Marcelo Soares Pereira Silva  
Marco Antonio Caldeira Neves  
Marco Antônio Peixoto  
Marcos Flávio Alves Leite  
Marcus Augusto Bronzi  
Maria Andréa Angelotti Carmo  
Maria Beatriz Junqueira Bernardes  
Maria Clara Lunardi  
Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves Pinto  
Maria Eduarda Barbiéri Machado Soares  
Maria Eduarda Martins Oliveira  
Maria Eduarda Tavares de Moraes  
Maria Eugênia Rocha de Menezes  
Maria Irene Miranda  
Maria Lúcia Vannuchi  
Maria Rachel Alves

Maria Simone Ferraz Pereira  
Mariana Batista do Nascimento Silva  
Mariana Bueno Zandoná  
Mariana Rafaela Batista Silva Peixoto  
Marili Peres Junqueira  
Marília Villela de Oliveira  
Marina de Mello Bezerra  
Marina Ferreira de Souza Antunes  
Marta Emília Jacinto Barbosa  
Mary Aparecida de A. Duraes  
Mateus Xavier Teixeira  
Matheus Henrique Nogueira Ribeiro  
Mical de Melo Marcelino  
Milena Martins de Oliveira  
Milton Antônio Auth  
Mônica de Faria e Silva  
Murilo Pedreira Souza  
Natália Ferraresi  
Paula Godoi Arbex  
Paulo Celso Costa Gonçalves  
Pedro Fernandes de Freitas Pitelli  
Prisciele Cristina Bottaro de Melo  
Rafael Henrique dos Reis  
Rahyan de Carvalho Alves  
Rangel Magno Feitosa Parente  
Raquel Mello Salimeno de Sá  
Raquel Ribeiro de Oliveira  
Realina Maria Ferreira  
Regina Ilka Vieira Vasconcelos  
Renata Carmo de Oliveira  
Renata dos Santos Melo  
Rhayan de Carvalho Alves  
Ricardo Ribeiro de Freiras Filho  
Rita de Cássia Morem Cossio Rodriguez  
Rita Silvana Santana dos Santos  
Roberta Garibalde Clemente  
Roberto Barboza Castanho  
Roberto Valdés Puentes  
Rogério Fernando Pires  
Rosana Cássia Rodrigues Andrade  
Rosianne Maria Carvalho Ferreira  
Rosimeire Gonçalves  
Sabrina Coimbra  
Sandro Prado Santos  
Sandro Rogério Vargas Ustra  
Sara Aline Azevedo da Silva  
Sérgio Luiz Miranda  
Sílvia Cristina do Nascimento Pereira  
Simone Aparecida dos Passos  
Sônia Santos  
Tarcio Camargos Teixeira  
Thaís Cristina Barbosa

Thalys Felipe  
Thaynah Yumi Kobayashi  
Túlio Barbosa  
Valeria Daiane S. Rodrigues  
Valéria Moreira Rezende  
Vanessa Fonseca Gonçalves  
Vânia Aparecida Martins Bernardes  
Vicente de Paulo da Silva  
Vilma Aparecida de Souza  
Vilma Campos dos Santos Leite  
Vitória de Faria Polaquini  
Vitória Normandia Barra  
Viviane Rodrigues Alves de Moraes  
Viviani Alves de Lima  
Vlademir Marim  
Wallace Alves de Moura  
Wane Elayne Soares Eulálio  
Wesley Alexander Da Silva

## Faculdade Católica de Uberlândia

No meu entender a educação é absolutamente indispensável para a mudança de qualquer sociedade, mas ao mesmo tempo a educação não é em si a chave das mudanças. É um negócio contraditório, a gente não pode entender esse discurso numa lógica formal. (Verbete: Educação, Paulo Freire)

Em 2000 resolvo pedir exoneração da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Catalão. As viagens estavam muito difíceis, o salário atrasava. Na época, era uma parceria entre a Prefeitura de Catalão e a Universidade Federal, e quem nos pagava era o Município. Uma coisa hoje inimaginável, mas que eu vivi e muitos outros tantos colegas viveram.

**Horas antigas.** Em Catalão tinha um grupo de professores/as dos quais tenho muita saudade. Tenho saudade das tardes em que íamos comer pamonha com café. Tenho saudade do lugar em que a gente tomava caldos à noite. Era um *self-service* de caldos. Eu vivi, o pouco tempo que lá estive, de forma intensa. Nos dois anos morei com colegas: Toni, Luzia e Alex.

**Horas antigas.** Fiz algumas amizades lá. Uma delas, Tania. Estava no processo do mestrado, que já narrei em outro momento. Muito difícil, e essa amiga criou o verbo camilar. Significava se preocupar demais da conta com as coisas. Tania era paz. Me chamava de camilário.

Ainda em Catalão, em 2000 começo a trabalhar com um grupo de professores/as aposentados da UFU, na elaboração do Projeto Institucional da Faculdade Católica de Uberlândia. Foram dois anos de trabalho “voluntário” com esse grupo, na elaboração dos Projetos Pedagógicos e no delineamento de como seria a Faculdade. Tive o prazer e a honra de trabalhar ao lado de pessoas que vivem em mim, dentre elas, destaco a professora Maria de Lourdes Miranda Garcia, a Diretora Acadêmica da Faculdade, com quem eu pude aprender coisas que até então ainda não havia vivido. Uma pessoa, ser humano. Se acreditei nesse sonho, foi por sua coerência humana e acadêmica.

Foram dois anos de trabalho até que a Faculdade Católica de Uberlândia foi autorizada a funcionar em 2002. Esse grupo de professores/as elaborou os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Normal Superior, Geografia, Filosofia e Pedagogia. Começamos assim, com um projeto de uma Instituição confessional e com a experiência de professores/as e professoras aposentados/as da UFU e eu.

Os sonhos, as utopias compartilhadas ao longo desses dois anos foram materializadas no projeto da Faculdade Católica. A Delourdes (assim que eu a chamava) não queria uma Faculdade qualquer e estava sempre atenta e animada com nossas propostas. Várias delas se materializaram. Vou aqui contar algumas em que pude participar mais ativamente.

**Horas antigas.** Delourdes tem uma filha que se chama Mariane. Algumas vezes, as pessoas perguntavam se eu era Mariane. De meu lado, era assim que me sentia, ao lado de uma mãe-referência.

Um movimento da Faculdade Católica, que eu considero ter sido de enorme aprendizagem para mim, foi a constituição do GEPAIS – Grupo de Estudo, Pesquisa e Ações em Inclusão Social formado por professores/as e estudantes da Faculdade. Tinha como finalidade a promoção de estudos, pesquisas e ações para a inclusão social, tanto no que se refere à criança como ao adulto com necessidades educacionais especiais, criando possibilidades de ampliar estratégias

de ação em um grupo interdisciplinar. A Valda, a Lavine a Guilhermina, a Maria Helena foram as propulsoras dessa ação.

Dentro desta proposta do GEPAIS foi elaborado o Projeto Transforma-Ações. O objetivo desse projeto foi contribuir na aprendizagem de crianças residentes em um Abrigo, em parceria com a escola regular que frequentavam. Para início do trabalho, tivemos um contato com a assistente social da instituição, para diagnosticar a realidade dessas crianças. Para este grupo de crianças também foram desenvolvidas atividades de formação de regras sociais e vínculos afetivos. Nos encontros eram realizadas atividades lúdicas, expressivas e corporais. Através de visitas à escola regular e à instituição, foram relatadas algumas diferenças significativas na aprendizagem e no convívio social dessas crianças participantes do projeto.

Para além desse, outro Projeto do Gepais foi o acompanhamento de crianças com câncer que tinham que se ausentar das atividades escolares para tratamento. Fizemos, durante um tempo, o trabalho de reinserção dessas crianças na escola. Até hoje tenho vivos em mim depoimentos das famílias e das crianças sobre essa ação.

Outra ação da Católica em que me envolvi muito, por acreditar no sonho, foi o Projeto Político Pedagógico da Escola de Aplicação da Faculdade Católica de Uberlândia. A Católica queria ter uma escola de aplicação, para que os/as estudantes das licenciaturas pudessem fazer os Estágios naquele espaço. Acreditava muito nesse Projeto. Isso aconteceu nos anos de 2003 e 2004.

No projeto, definíamos que iríamos “atender a uma clientela de 6 a 10 anos de idade, compreendendo o princípio da extensão do Ensino Fundamental de não transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos.”

A Escola de Aplicação surge da necessidade de constituir-se como um campo de experimentação e renovação educacionais. Assim sendo, o seu papel extrapola o mero atendimento quantitativo aos alunos que nela deverão ingressar, uma vez que se propõe a estudar e a sugerir caminhos para os desafios do cotidiano escolar. A Escola será um espaço pedagógico necessário para a permanente reflexão sobre o processo de ensino e de aprendizagem tanto de nossos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, quanto dos alunos da graduação dos cursos de formação dos profissionais da educação.

Assim, pretende-se através da implantação de uma escola de Ensino Fundamental vinculada à Faculdade, oportunizar aos profissionais da Instituição, bem como aos seus alunos e comunidade em geral a vivência de um Projeto Político-Pedagógico para a Educação Básica em consonância com os princípios norteadores defendidos por estudiosos e pesquisadores da área. (Projeto da Escola de Aplicação, 2005)

Um projeto sonhado, elaborado, criado a partir de uma ideia e de um desejo de um grupo que ousou chamar de idealistas. E continua a descrição da proposta:

Dentro do espírito das escolas católicas, a Escola de Aplicação pretende ser uma instituição não elitista, na medida em que adequa os seus custos para poder atender a uma população de baixa renda que aspira uma formação cidadã. Sendo Católica, procura trabalhar a formação dentro de uma Filosofia

Humanista voltada para o social. Busca uma boa qualidade que esteja associada ao processo de produção do conhecimento e de intervenção em realidades sociais que dela necessitem. Assim, o Ensino, a Pesquisa e a Extensão complementam-se no alcance dos objetivos socialmente relevantes.

O eixo articulador entre a Faculdade e a Escola de Aplicação, em termos acadêmicos, se dará especialmente pela disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica que é responsável pelo trabalho de aproximação da realidade educativa aos nossos alunos da graduação. As demais áreas do currículo também poderão apresentar seus projetos e ações coletivas em relação aos objetivos com a escola.

A ideia de produzir, compartilhar e divulgar reflexão e saber pedagógico-didático, encontra, assim, muitas formas de acontecer e manifestar-se através da Escola de Aplicação da Faculdade Católica de Uberlândia. (Projeto da Escola de Aplicação, 2005)

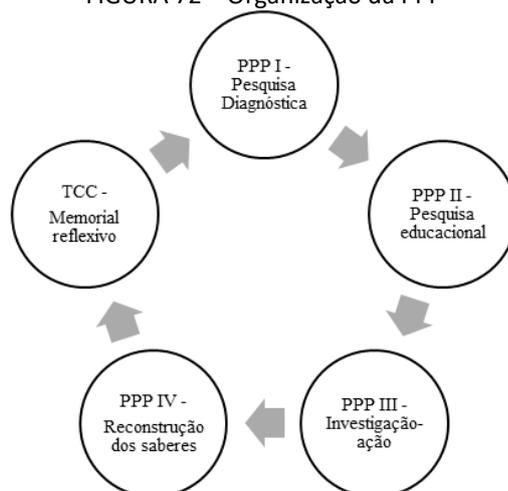
Infelizmente, esse Projeto não se materializou e atribuo isso ao falecimento da Delourdes, em fevereiro de 2004. Morre a inspiração da Católica para os projetos mais inovadores que eu tinha conhecido até ali.

Os projetos pedagógicos dos cursos de Pedagogia, Normal Superior e Filosofia tinham em comum um componente curricular denominado à época de Pesquisa e Prática Pedagógica (PPP). Essa proposta foi elaborada pela Elsa Guimarães Oliveira, professora da UFU. Meu doutorado foi fruto dessa experiência na Católica. Do projeto à construção de sua viabilidade, inclusive com o pagamento de hora-aula para professores/as estudarem e participarem de reuniões pedagógicas. Essa realidade em uma Instituição privada não foi nada fácil.

Os Projetos Pedagógicos foram elaborados à luz da Resolução CNE/CP2, de 19 de fevereiro de 2002, que institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior. A PPP nasce como um ponto de convergência dos cursos de licenciaturas, para a realização da síntese dos demais conteúdos curriculares, na articulação entre teoria e prática em projetos coletivos em que a pesquisa se torna uma força pedagógica. Desenvolve-se ao longo dos cursos com a proposta de uma vivência dos vários momentos do trabalho pedagógico. Articula-se o saber acadêmico, a pesquisa e a prática pedagógica.

Nesse sentido, criamos uma lógica de organização dessa disciplina de modo que pudesse cumprir seus objetivos e finalidades.

FIGURA 72 – Organização da PPP



Fonte: Arquivo da Autora

Os Projetos Pedagógicos dos Cursos da Católica eram anuais, portanto, a cada ano de formação havia um foco e um conjunto de ações que iam sendo discutidas semanalmente pela equipe de professores/as responsáveis por esse componente curricular. Havia a necessidade de envolvimento de todos os/as professores/as dos Cursos, pois cada professor/a era responsável por 15 estudantes. Semanalmente, os/as estudantes tinham uma hora de orientação.

Esse processo formativo, a partir da PPP, era construído por meio de várias ações para chegar até o momento de orientação: reuniões semanais com a equipe de PPP, discussão com o grupo de professores/as dos Cursos, Formação Continuada dos/as professores/as e Seminários de socialização da Pesquisa e Prática Pedagógica. Construímos essa lógica para dar sustentação à PPP.

Para o primeiro momento, de registro, precisávamos de um material sobre a importância e o caráter de um registro em uma pesquisa diagnóstica, assim, nossas colegas Lavine e Delma elaboraram um material sobre isso, denominando-o de Diário de Bordo.

O Diário de Bordo é um instrumento utilizado para registro dos dados colhidos no trabalho de campo, enriquecido e complementado com a análise reflexiva que inclui atitudes, ações e conversas do estudante com os participantes.

Sendo o objetivo do trabalho dos alunos do 1º ano, “contextualizar a prática pedagógica vivenciada nos diversos espaços educativos”, isto só será viável com a presença efetiva do estudante no espaço selecionado, munido de um planejamento que delimite “o que” e o “como” trabalhar.

Neste aspecto, o aluno do 1º ano vai utilizar, com frequência: observações, entrevistas, questionários, testemunhos e análise documental, cujos resultados integrarão a coleta dos dados para a realização da pesquisa diagnóstica.

Para garantir a validade e a fidedignidade desta etapa, além da delimitação do “que” e “como” trabalhar, deve-se também atentar para a precisão, objetividade e clareza dos registros. Estes registros devem ser diários, trazer o local e data e basear-se no “conteúdo” do trabalho do dia. Nestes conteúdos deve-se distinguir a **parte descritiva** e a **parte reflexiva**.

Segundo Bodgan e Biklen (1982 apud LUDKE & ANDRÉ, 2003, p. 30), a parte descritiva, em se tratando de **observação**, compreende um registro detalhado do que ocorre no “campo”, ou seja: descrição dos sujeitos; reconstrução dos diálogos; descrição dos locais; descrição dos eventos especiais; descrição das atividades; os comportamentos do observador.

Já a parte reflexiva, segundo os mesmos autores, inclui as observações pessoais do pesquisador, feitas durante a fase da coleta: suas especulações, sentimentos, problemas, ideias, impressões, pré-concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções. Podem ser: reflexões analíticas; reflexões metodológicas; dilemas éticos e conflitos; mudanças na perspectiva do observador; esclarecimentos necessários.

Em relação à entrevista, Thiollent (1980 apud LUDKE & ANDRÉ, 2003, p. 36) chama a atenção para uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validade do que foi dito.

O Diário de Bordo representa assim, o registro fiel do trabalho de campo, redigido, tanto quanto possível, de forma significativa para espelhar melhor a situação. Este será um valioso instrumento para a análise e interpretação dos dados coletados que guiará a elaboração do relatório final, permitindo um vaivém entre os dados descritivos e a reflexão realizada. (CARDOSO; REIS, 2003)

Para além das questões metodológicas, tínhamos que discutir também os princípios da pesquisa, as questões epistemológicas, pois naquele tempo muitos professores/as achavam que a pesquisa deveria ocorrer apenas na pós-graduação, por que discutir pesquisa na graduação? Achavam isso “fora da ordem”. Por isso, nos espaços de formação, tínhamos que “popularizar” a pesquisa como uma possibilidade para todos/as, inclusive na graduação. Um dos autores que nos ajudou muito nessa discussão foi o Pedro Demo.

pesquisa como princípio científico e educativo faz parte integrante de todo processo emancipatório, no qual se constrói o sujeito histórico autossuficiente, crítico e autocrítico, participante, capaz de reagir contra a situação de objeto e de não cultivar os outros como objeto;

pesquisa como diálogo é processo cotidiano, integrante do ritmo de vida, produto e motivo de interesses sociais em confronto, base da aprendizagem que não se restrinja a mera reprodução, na aceção mais simples, pode significar conhecer, saber, informar-se para sobreviver, para enfrentar a vida de modo consciente.

[...]

Uma coisa é aprender pela imitação, outra pela pesquisa. Pesquisar não é somente produzir conhecimento, é sobretudo aprender em sentido criativo. É possível aprender escutando aulas, tomando nota, mas aprende-se de verdade quando se parte para a elaboração própria, motivando o surgimento do pesquisador, que aprende construindo. (DEMO, 2001, p. 42, 44)

Nesse movimento formativo, fomos articulando as necessidades que surgiam com o que o Projeto de PPP demandava, com aquilo que os/as professores/as traziam de seus momentos

de orientação. Ao final, na elaboração do TCC, depois de muita discussão sobre a coerência entre o processo formativo e seu final, entendemos que a melhor forma seria produzir um Memorial do processo de formação de cada um/a. Por isso, construímos um roteiro. Entendíamos, à época, que essa seria uma boa forma de fazer com que eles e elas se apropriassem de sua formação, em um movimento reflexivo.

#### FIO CONDUTOR

Qual o significado de processos educativos vivenciados antes e durante a formação inicial? Qual a relação entre a história de vida e a fundamentação teórica trabalhada nos cursos?

#### OBJETIVOS

- ✓ Fazer uma reflexão sobre as experiências vivenciadas ao longo da história de vida dos formandos, identificando representações e significados que são traduzidos na prática do futuro profissional.
- ✓ Identificar situações importantes para o processo de formação inicial do profissional da educação.
- ✓ Propor mudanças significativas individual e coletivamente, a partir da comparação entre a vida escolar e a fundamentação teórico-prática da formação inicial.
- ✓ Descrever as formas de pesquisa utilizadas durante o curso, apontando o objetivo a cada ano.

Como forma de materializar esses objetivos, criamos um roteiro com perguntas que pudessem ajudar na elaboração desse Memorial. E hoje estou aqui escrevendo um... ah, como o mundo dá voltas... Segue o roteiro da elaboração do Memorial.

#### CAPÍTULO I : DIFERENTES LUGARES, DIFERENTES OLHARES

##### 1. Vida Escolar

Conte como foi a sua história escolar. Entrou na escola com quantos anos? Fez Educação Infantil? Lembra como era? Onde foi alfabetizado(a)? Onde fez a primeira série? E as demais séries do Ensino Fundamental, onde cursou? Fez magistério? Onde cursou o Ensino Médio? Descreva fatos marcantes desta história.

##### 2. Alfabetização

Como você se alfabetizou? Você se lembra de sua primeira professora? Ela costumava ler para os/as estudantes? Você conhece alguma cartilha? Qual? Você utilizou alguma para se alfabetizar? Na prática da escola que você frequentou, havia “rituais” que acompanhavam o uso da cartilha? E fora da escola, quais eram as práticas de leitura e de escrita de que você participava? Como se sentia participando delas? Na sua infância, que sentido tinha ler e escrever? E hoje, em que circunstâncias você lê e escreve? Você diria que a palavra escrita e os livros são elementos frequentes nas atuais instituições de Educação Infantil? De que maneira? Que tipo de leitura você acredita que agrada mais as crianças de hoje? Elas gostam de literatura infantil? A escola incentiva os/as estudantes a ler, aproximando-os da palavra escrita? Como os/as estudantes da sua escola são alfabetizados? O que você acha das práticas atuais de alfabetização? Quais as semelhanças e diferenças que elas apresentam em relação às práticas “do seu tempo”? Qual o referencial teórico utilizado em seu curso que sustenta as mudanças de hoje?

## **2. Literatura Infantil**

Qual sua lembrança mais remota da entrada das letras, das palavras, das histórias escritas, no seu mundo infantil? Como isso aconteceu? Na sua infância, como eram seus momentos de leitura? Você se lembra do que mais gostava de ler? Há um livro que tenha tido valor especial para você? Qual? Descrevas suas razões. E na escola, sua professora lia para os/as estudantes? Vocês frequentavam a biblioteca da escola? E alguma outra?

## **3. Livro Didático**

A escola em que estudou utilizava livros didáticos? Você se lembra de algum livro, em especial, por quê? Os livros com os quais você estudou eram parecidos com o que hoje é utilizado? Você se recorda da maneira como os/as seus/suas professores/as trabalhavam com o livro didático na sala de aula? Que tipo de coisas você se recorda de ter aprendido no livro didático? Que lugar o livro didático tem ocupado na sua sala de aula e que tipo de relação você tem estabelecido com este material na sua vida profissional? E os/as seus/suas estudantes, que tipo de relação têm com o livro didático? Você acredita que a maneira como se relaciona com o livro didático influencia a maneira como os seus estudantes estão construindo o conhecimento? De que forma?

## **4. Áreas de Conteúdo: Português, Matemática, História, Geografia e Ciências**

Qual foi a imagem marcante de ciência, cientistas e conhecimento científico que você teve? Justifique. Você se lembra de algum experimento que realizou? Relate-o. O que mais marcou a sua experiência de estudante ao estudar Ciências, História, Geografia, Matemática e Português? Têm algumas destas que gosta mais? Por quê? O que você pretende que seus estudantes aprendam de História na escola? Por quê? O que você pretende que seus estudantes aprendam de Geografia na escola? Por quê? O que você pretende que seus estudantes aprendam de Português na escola? Por quê? O que você pretende que seus estudantes aprendam de Matemática na escola? Por quê?

## **5. Artes e outras linguagens**

Qual a sua vivência em Arte-educação? Teve Educação Artística na escola? Como foi? O que aprendeu? Qual era a importância disso? O que mudou com o curso que você fez? Qual a sua vivência em Educação Física? Teve Educação Física na escola? Como foi? O que aprendeu? Qual era a importância disso? O que mudou com o curso que você fez? Qual a concepção que tem hoje sobre as outras linguagens na aprendizagem escolar?

## **6. Avaliação**

Ao longo do curso vocês vivenciaram várias provas. De que maneira você costumava se sentir em situações de prova? Você se lembra de alguma boa experiência de avaliação? Qual foi? Quando e como aconteceu? Você se lembra de alguma experiência traumática de avaliação? Qual foi? Quando e como aconteceu? Você tem algum material guardado (prova, boletim, caderneta, trabalho corrigido) que possa ilustrar essas experiências? Descreva. Quais finalidades tiveram essas situações de avaliação? Justifique. Você considera que essas finalidades foram cumpridas nas situações – boas e traumáticas - relatadas? De que maneira? Como você acredita que seus estudantes se sentem em situações de avaliação? Como você os vê nesta situação?

## CAPÍTULO II: A PESQUISA E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: TEMPO, LUGAR E SIGNIFICADO

### 1. PPP I

Como foi o trabalho realizado na PPP I? Qual a metodologia de pesquisa utilizada? Qual o campo diagnosticado? Qual o objetivo de realização desta pesquisa diagnóstica para a sua formação?

### 2. PPP II

Como foi realizado o trabalho da PPP II? Qual a metodologia de pesquisa utilizada? Qual o campo em que foi realizada? Qual o problema identificado? Quais as ações propostas? Qual a fundamentação teórica utilizada? Qual o objetivo da elaboração do projeto de pesquisa-ação para a sua formação?

### 3. PPP III

Como foi o trabalho realizado na PPP III? Quais as maiores vantagens em atuar, executando o projeto de pesquisa-ação? Quais as desvantagens na relação teoria e prática? Qual o objetivo de realização do relatório descritivo para a sua formação?

### 4. Questões articuladoras

Qual a importância do Seminário de Pesquisa e Prática Pedagógica? A proposta do curso conseguiu articular a pesquisa e a prática pedagógica? Qual a importância da pesquisa em sua formação? Quais as dificuldades encontradas para a realização da disciplina PPP? Quais as possibilidades criadas pela disciplina PPP?

## CAPÍTULO III: CURRÍCULO E PROFISSÃO

Dentre as disciplinas que compõem o seu currículo, escolha 3 (três) que considere fundamentais para a sua formação inicial. Descreva e justifique cada uma, respondendo: por que foram importantes? Explique os principais conteúdos, metodologia e avaliação. Qual a importância do planejamento para o sucesso destas disciplinas? Qual a função destas disciplinas para a profissão de professor?

## CAPÍTULO IV: O EXEMPLO INESQUECÍVEL

Na sua história de vida escolar, você tem um “professor inesquecível”? Por quê? Qual a importância dele na sua prática profissional? Os exemplos são marcantes? De que forma?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, o que foi importante na sua formação inicial? O curso atendeu a suas expectativas? Por quê? O perfil de professor-pesquisador crítico e reflexivo, almejado pelo curso, conseguiu ser trabalhado? Por quê? Aponte vantagens e desvantagens de ter feito o seu curso. Qual o campo profissional que te espera? Quais as suas aspirações profissionais?

Olhando para esse material hoje, fico pensando que foi muito direcionado, talvez pudéssemos ter deixado espaço para criação, mas a nossa realidade naquele contexto exigiu que fizéssemos algo muito detalhado e assim fizemos. Em tudo que eu vejo, enxergo possibilidades de ser ainda melhor, mas como eu estou hoje, não estava há 20 anos atrás, por isso tenho que contextualizar os tempos, as histórias...

**Horas antigas.** Um dos professores da Católica, Melchior, que fez parte desse processo de construção da PPP na Católica, também passou em um Concurso para a UFU, no Campus do Pontal, e quando nos encontramos lá, nos PIPES, ele chegou para mim e disse: Nossa, Camila, tenho que te confessar que quando você falava isso lá na Católica, eu não entendia nada. Hoje é que entendo o que você falava lá sobre pesquisa e prática. Tempo, tempo, tempo....

Fizemos 3 (três) Seminários de Formação – Seminários de Práticas, o último foi em 2005.

Esta proposta pretende dar continuidade ao processo de Formação Continuada dos/as professores/as da Faculdade Católica de Uberlândia, iniciado em Fevereiro de 2004.

No I Seminário de Formação de Professores, foram trabalhados textos com a fundamentação teórica do projeto pedagógico da Católica. O objetivo foi proporcionar o conhecimento e aprofundamento das diretrizes pedagógicas que embasam os cursos de formação dos profissionais da educação na Faculdade.

Na busca da aproximação entre a teoria e a prática, no II Seminário de Formação de Professores, os protagonistas foram os/as professores/as relatando as suas práticas pedagógicas. A partir destes relatos, buscou-se a sustentação teórica que acompanha tais situações pedagógicas.

Neste III Seminário de Formação de Professores, propõe-se, a partir da sugestão dos/as professores/as, realizar uma “prosa pedagógica”. Este formato incluirá exposição de questões teóricas e metodológicas, pois, dessa forma, pretende-se favorecer a aproximação dos conceitos apresentados e discutidos ao trabalho do cotidiano do/a professor/a.

Vários temas foram sugeridos pelos/as professores/as na Avaliação do II Seminário; optou-se, assim, pela realização da Prosa Pedagógica com questões atuais e emergentes na área educacional, variando a metodologia e construindo, ao final desta prosa, os objetivos de cada ano de formação dos cursos da Faculdade Católica de Uberlândia.

Assim, definimos um texto para leitura prévia, e combinamos a metodologia do trabalho embaladas na ideia da prosa:

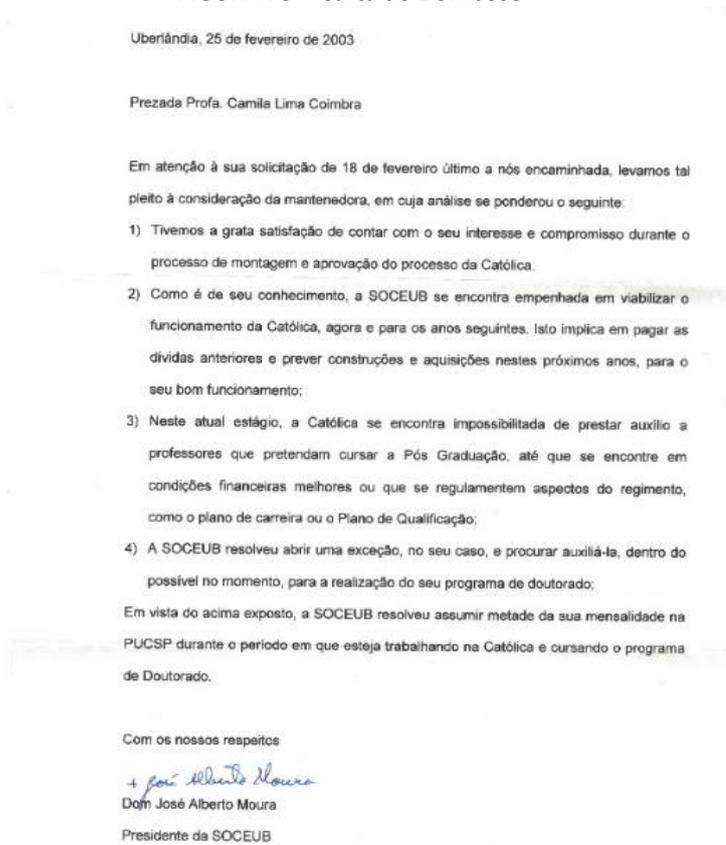
Serão cinco períodos de trabalho em que se espera a participação de todos/as, pois terá uma continuidade da prosa. O dicionário Houaiss define a prosa como uma expressão natural da linguagem escrita ou falada, sem metrificacão intencional e não sujeita a ritmos regulares, ainda acrescenta que “ter uma boa prosa” significa ser um interlocutor interessante e agradável. Este é o princípio metodológico deste III Seminário de Formação de Professores.

Fui professora, coordenadora do Curso Normal Superior e coordenadora da PPP, durante o tempo que lá estive. Apesar de minhas severas críticas ao Curso Normal Superior, por uma exigência legal, tivemos que criar o Curso na Católica e fizemos o melhor projeto que pudemos. Sem aligeirar, com os mesmos propósitos e finalidades que tínhamos nos demais cursos da Católica.

Nesses papéis diversos assumidos, quando passei no Doutorado, na PUC de São Paulo, em 2003, tive que pedir ajuda financeira para a Católica, pois o meu salário não daria para pagar

as contas e fazer o doutorado. Recebi uma carta do Dom José, que guardo até hoje. Meu mundo é feito de cartas mesmo...

FIGURA 73 – Carta do Dom José



Fonte: Arquivo da Autora

Foi uma ajuda, mas naquele dia vi que não seria a Instituição de minha vida, pois não assumia a formação como parte fundamental para uma IES, sonhada por tanto tempo por nós. Foi difícil reconhecer isso, mas vários foram os inícios dessa constatação, assim como afirmo em minha tese-livro.

Para compreender essa dimensão, é fundamental descrever o processo de mudanças, o que efetivamente ocorreu na realidade institucional vivenciada não só pelo curso de Pedagogia, mas também pela IES. A diretora acadêmica, autora e inspiradora de todos os projetos acadêmicos construídos, faleceu em fevereiro de 2004. Desde então, o grupo de professores e coordenação pedagógica da IES começou a sentir dificuldades nos encaminhamentos administrativos relativos ao projeto de PPP. Em dezembro de 2005, a coordenadora do curso de Pedagogia, também autora e idealizadora do PPC, foi demitida. (Lúcia Helena)

Estes fatos marcam a trajetória de uma instituição que iniciou com o grupo e com uma intencionalidade que foi se modificando ao longo do tempo e das ações tomadas pela direção geral da IES. Isso interfere, de forma significativa, em um projeto de formação que se pretendia diferente. Uma questão prática modificada foi o pagamento dos professores para a orientação das alunas. No primeiro ano, os professores recebiam 6 horas/aula extras para realizar esse trabalho. Do segundo ano em diante, os professores começaram a

receber uma “ajuda de custo” muito abaixo daquilo que seria o desejado. (COIMBRA, 2011)

E assim, com muitas críticas ao processo vivenciado na Católica, vou encerrando a minha participação como parte desse Projeto. Resgatei a minha fala na formatura da primeira turma do Curso Normal Superior, em 28 de julho de 2005.

*Falar para vcs hoje tem dois significados muito importantes para mim: constatar que o nosso projeto de Faculdade foi multiplicado e ainda identificar o princípio humanista da Católica impresso em cada rosto de cada colega de profissão de hoje em diante.*

*Participar deste processo de formação foi muito gratificante. Última turma do Curso Normal Superior da Católica com todas as características próprias, uma turma que fez a sua história aqui dentro cheia de elogios por parte dos professores, do quanto o grupo, de uma forma geral, era responsável, interessado e envolvido com a processo de ensino e de aprendizagem.*

*Lembrar de vocês, desde o primeiro ano, é um privilégio, pois como coordenadora hoje posso olhar para cada uma e ver o quanto esta formação trouxe aprendizagens tanto de ordem prática, quanto teórica, o que certamente influenciou e influenciará cada vez mais as experiências pessoais e profissionais de todas vocês.*

*Lembro também de nossas dificuldades iniciais superadas pela maioria, por conta de muita vontade e disposição para acertar. Duas cenas que estão registradas em minhas lembranças eternas: o primeiro dia de aula, os exemplos de solidariedade vividos por todos e, por fim, a aprendizagem com o outro e do outro, ou seja, a oportunidade de conviver coletivamente em um grupo tão diverso, o que se tornou ferramenta tanto capaz de fazer-nos melhores educadores, como de nos fazer melhores neste espaço, onde também somos educados.*

*Aprendi muito com vocês! Quero encontrá-las em ocasiões que nos façam mais humanos, quero compartilhar com vocês experiências marcantes e inovadoras nessa área da experiência humana que se confunde com o próprio homem: a educação.*

*Nesta troca é que quero, ainda, dizer que agradeço pela turma ter escolhido meu nome, saibam que terei uma responsabilidade eterna em honrar esta homenagem.*

*O curso Normal Superior nasceu como existe até hoje, um curso impetuoso (impossível de conter; vivo) e audacioso (que é atrevido) que reluta e relutará contra o seu fim, posto que acreditamos em uma formação de professor que possa abarcar, como no projeto da Católica, tantas dimensões imprescindíveis ao exercício da docência. O nome escolhido representa este perfil traçado pelo curso: Alexandre José Molina. Daí, fica sabido, que o nosso caminho é árduo, mas temos a competência oferecida por uma sólida formação e o desejo de compartilhar e operar mudanças necessárias na história de formação de professores no Brasil. Por isso, fazemos parte desta história, e tenho a certeza que como atores e não como receptores. Para tanto, sejam autônomos, para educar com autonomia. Se necessário for, releiam o livro Pedagogia da Autonomia, trabalhado nos primeiros anos de seus cursos.*

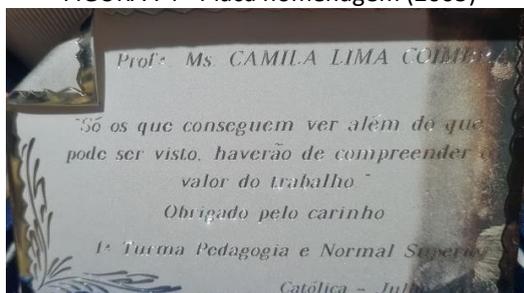
*Para finalizar, inspirada em Paulo Freire, gostaria de deixar uma mensagem: não deixe que o medo do difícil paralise vocês, caras e caros colegas de trabalho. Muitas vezes o ambiente de trabalho e as relações humanas estabelecidas nos imobilizam como agentes sociais e, em um momento complexo e delicado como este vivido por nós, temos que resgatar palavras esquecidas em nosso dicionário e revivê-las, tais como: democracia, luta, solidariedade, amizade, honra, diálogo e amor.*

*É pensando e agindo assim que me sinto coerente com minha opção política como educadora e mulher, por isso convoco a todos e a todas aqui presentes para continuarem partilhando deste processo ético de não se omitir e de se fazer autônomo para gerar autonomia. Parabéns pela formatura, mas isto é só o começo! E como as nossas histórias e as do mundo são cíclicas, nos encontraremos por aí e espero, quando isso acontecer, ter o mesmo orgulho que hoje tenho de vê-los aqui.*

*Camila*

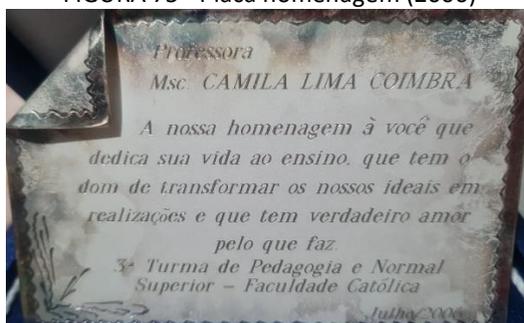
Nos anos de 2005 e 2006, recebi placas de homenagens e expresseo o quanto o tempo de Católica está em mim, me constitui e me faz buscar sempre esse espaço de melhores condições de trabalho para os professores/as, seja da Educação Básica, seja na Educação Superior. Essa é uma defesa incondicional, pois muitas vezes exige-se do professor/a sem dar as condições para nosso exercício profissional.

FIGURA 74 - Placa homenagem (2005)



Fonte: Arquivo da Autora

FIGURA 75 - Placa homenagem (2006)



Fonte: Arquivo da Autora

Ao buscar os achados-memórias, encontrei um artigo de Lúcia Helena (coordenadora do Curso de Pedagogia demitida em 2005), Luzia Marivalda (conhecida por Valda que foi MUITO importante na organização do Gepais) e De Lourdes (diretora acadêmica até seu falecimento, uma referência humana e acadêmica em minha história), de 1990, quando eram professoras da UFU.

CARVALHO, L. H. B. de; COSTA, L. M. B. da; GARCIA, M. de L. M. Pré-escola: pretensão e realidade, um diagnóstico das instituições assessoradas pela Universidade Federal de Uberlândia. *Educação e Filosofia*, v. 5, n. 9, p. 97–110, 2008. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/1232>.

Somos as 3 (três) mulheres que considero terem sido fundamentais para a existência do sonho-Católica, além da Maria Aparecida Salazar (Doca), que organizou e criou a nossa Biblioteca da Católica. Pessoa imprescindível para contar essa história. São recortes de memórias, mas essas andam comigo. Por onde for, quero ser seu par.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana Auxiliadora Martins Bernardes  
Adriana Pires de Vasconcelos Camin  
Alessandra de Faria Marques  
Alexandre Molina  
Ana Beatriz Mugnatto Pacheco  
Ana Paula Martins Gerino  
Beatris Lomônaco de Paula Zago  
Carlos Roberto Vieira  
Delma Vieira Reis  
Dom José Alberto Moura  
Fernando Antonio Leite de Oliveira  
Francisco José Gonçalves Dutra  
Gerusa Gonçalves Moura  
Gilca dos Santos Vilarinho Oliveira  
Helenice Camargos Viana Diniz  
Helenice Maria Tavares  
João Augusto de Freitas  
Joaquim da Costa Porto  
Jusélia Auxiliadora Rezende  
Lavine Rocha Cardoso  
Lúcia Helena Borges de Carvalho  
Luzia Marivalda Barreiro da Costa  
Manoel Messias de Oliveira  
Maria Aparecida Salazar  
Maria de Lourdes de Miranda Garcia  
Maria Guilhermina Coelho de Pieri  
Maria Helena Dias Fratari  
Maria Rita da Silveira Barbosa  
Maria Simone Ferraz Pereira  
Marilane Santos  
Melchior José Tavares Júnior  
Odete Dan Ribeiro Roldão  
Paulo Roberto de Oliveira Santos  
Silma do Carmo Nunes  
Sônia Aparecida Alvares de Oliveira  
Vânia Aparecida Martins Bernardes  
Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes

## Fórum de Licenciaturas

A esperança não é a expressão de uma necessidade, ou de um desejo, ou uma necessidade do homem, da mulher e dos povos, em si um certo gosto de esperança, mas a esperança faz parte da natureza socialmente construindo-se historicamente, construindo-se no ser o humano. (Verbete: Esperança, Paulo Freire)

Entendo que desde que entrei na UFU me envolvi, de certa forma, com a formação de professores/as da Educação Básica. Lá no Campus do Pontal, com a experiência de elaboração do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia, com o Projeto de Pipe do Pontal e com a criação do Nucli. No período em que estive na Diretoria de Ensino, tratamos de retomar as reuniões do Fórum de Licenciaturas. De 2009-2012. Dessa forma, participei de um outro lugar.

Volto às discussões do Fórum, em 2017, por meio da Portaria Prograd nº 13, de 1º de setembro de 2017, como representante da Faculdade de Educação. Nessa representação permaneço até julho de 2022, logo, 5 anos. Nos tempos em que estive fora, muitas coisas aconteceram. O Fórum passou a ter Regimento, passou a ser um órgão consultivo da Prograd. Institucionalizou-se. De acordo com a Resolução n. 09/2017, do Conselho de Graduação, é atribuição do Fórum: “assessorar a Prograd constituindo-se como um espaço institucionalizado, de caráter consultivo, sistemático e coletivo de reflexão, debate e análise sobre as políticas de formação dos profissionais da educação”. É composto por docentes por curso de licenciatura, discentes, SRE, Secretarias de Educação (Uberlândia e Ituiutaba), Sintet, Pibid, RP, representante da Faced e IPUFU, Eseba e Estes.

Em 2015, com a aprovação da Resolução CNE/CP nº 02/2015, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada, a UFU constituiu uma Comissão para a elaboração da proposta de alteração da Resolução nº 03/2005/CONSUN, no sentido de adequar o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento Docente às novas DCNs (Resolução CNE/CP nº 2/2015).

Na aprovação de nosso segundo Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação, tivemos uma divergência em relação ao texto encaminhado pelo Fórum ao Conselho Universitário (Consun). Por isso, unimos forças para defender os princípios e, naquele caso, as condições de trabalho para o/a professor/a de Estágio Curricular Supervisionado nos Cursos de Licenciaturas.

Explico, para compreendermos que esse é um elemento constitutivo da discussão sobre formação de professores/as da Educação Básica: a questão do Estágio. Em 2015, o Fórum escreveu um documento intitulado: “O trabalho e a carga horária do docente do estágio supervisionado como componente curricular obrigatório: posicionamento do Fórum de Licenciaturas da UFU”. Sou super orgulhosa desse documento, mesmo não tendo participado de sua elaboração. Dentre outras defesas da função do Estágio na formação, também discute-se o reconhecimento institucional desse/a professor/a-orientador/a de Estágio, com a seguinte defesa:

Para que possa dar conta da complexidade e da amplitude de atividades que exigem o Estágio Supervisionado na perspectiva delineada, o professor desse componente curricular precisa **dedicar a ele sua carga horária semanal teórica e prática de atividades de ensino integralmente**. Esse professor deve

ter domínio do conhecimento na área de ensino da Licenciatura que englobe também a didática específica e seus fundamentos estabelecidos pelas pesquisas nessa área. Para que possa orientar e acompanhar os estagiários com todas as exigências desse trabalho formativo na universidade e no campo de estágio, não pode ter sob sua responsabilidade um número maior de alunos do que o estabelecido pela Res. 24/2012 CONGRAD. Precisa conhecer bem o projeto do curso e acumular experiência no componente curricular para que possa aperfeiçoar continuamente a prática pedagógica em um campo de atividades de grande amplitude e complexidade envolvendo instituições, sujeitos e conhecimentos em contextos distintos e, por vezes, conflituosos. Para tanto, esse docente não pode ser professor substituto e precisa que a carga horária do componente curricular, teórica e prática, quando o caso, seja considerada integralmente para efeito de atribuição de encargos didáticos para o semestre letivo e de avaliação de desempenho docente para progressão ou promoção na carreira ou avaliação de estágio probatório, quando ingressante. (Documento do Fórum, 2015, p. 7)

Quando chegamos à aprovação do Projeto Institucional em nosso Consun, a carga horária de prática do docente não seria contabilizada e isso desencadeou uma mobilização importante em relação à defesa do Fórum e dos/as colegas Diretores/as sobre o exercício, o papel e a função do professor/a de Estágio nos Cursos de Licenciaturas. Fizemos uma Nota de Repúdio ao Consun.

O Fórum de Licenciaturas declara em voz coletiva que não podemos perder a nossa capacidade de indignação e de esperança na possibilidade do diálogo no espaço universitário. Consideramos que esse histórico do Fórum e seu papel na construção de um Projeto Institucional foi desconsiderado por seu órgão máximo - CONSUN. Repudiamos tal decisão do CONSUN e esperamos que nossos representantes conselheiros reconheçam o equívoco de entendimento sobre a natureza de tais componentes curriculares e do perfil docente necessário para tais e que revisem seu voto e sua participação. Ao se negar a atribuição de encargos de ensino ao professor nega-se a articulação indissociável da teoria e da prática. A carga horária prática desenvolvida pelo estudante nas escolas ou outros campos não formais de ensino **deve ser acompanhada pelo docente**. A prática como componente curricular e o estágio são atos educativos supervisionados pela legislação vigente, sendo assim necessitam do docente. Ao alterar a Resolução do CONGRAD, negligencia-se a formação de qualidade dos futuros docentes advindos desta instituição. (Nota de Repúdio, 2017, grifo nosso)

Depois de muitas reuniões, debates, entendimentos, conseguimos uma alteração no texto aprovado que consideramos uma conquista, apesar de não ter ficado como era a defesa inicial do Fórum. Por meio de uma intensa mobilização, inclusive com a participação da Associação Docente (Adufu), conseguimos aprovar a Resolução SEI nº 03/2018, do Conselho Universitário, que alterou a Resolução SEI nº 32/2017, que "Dispõe sobre o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação".

Art. 1º Os arts. 13, 15 e 17 da Resolução SEI nº 32/2017, deste Conselho passam a vigorar com as seguintes redações:

“Art. 13. Nas 405 (quatrocentas e cinco) horas, no mínimo, dedicadas ao estágio supervisionado (Núcleo II) será(ão) atribuída(s), ao(s) professor(es)

responsável(eis) por este(s) componente(s) curricular(es), **carga horária teórica e prática como encargo docente.**

Parágrafo único. Por encargo docente neste componente curricular compreendem-se as atividades de hora-aula, trabalho de campo, orientações e outras discriminadas no projeto pedagógico de curso."

"Art. 15. A carga horária dedicada ao SEILIC terá sua distribuição determinada no PPC, **sendo a carga horária, teórica e prática, atribuída como encargo docente.**".

"Art. 17. A carga horária dedicada ao PROINTER deve figurar na primeira metade do curso, sua distribuição determinada no PPC, **sendo a carga horária, teórica e prática, atribuída como encargo docente.**"

Não conseguimos tudo, mas também não retrocedemos tudo. O texto anterior dizia, nas partes grifadas, "computando-se apenas como hora-aula a carga horária teórica para o desenvolvimento das atividades de ensino." Esse é o movimento político. Para que as licenciaturas tenham espaço-tempo na Universidade, é preciso muita luta. E o Fórum de Licenciaturas na UFU, desde o início do ano 2000, configura-se como esse lugar. Um espaço de disputas, de diferenças, mas de luta.

Antes de minha entrada no Fórum como representante da Faced, o movimento de reformulação do Projeto Institucional já havia sido realizado, como já relatado. Reconheço e identifico como movimento fundamental esse realizado, mas vejo que tivemos algumas questões que considero terem sido também um retrocesso do que já tínhamos, mas como tivemos essa questão maior, da forma como a instituição identifica e reconhece o/a professor/a de estágio, outras questões não foram por nós encampadas. Digo isso, especificamente, em relação às práticas como componente curricular dos Cursos de Licenciaturas, que na UFU, por meio desse novo projeto, passa a se chamar PROINTER (Projeto Interdisciplinar). O anterior era denominado de PIPE (Projeto Integrado de Prática Educativa) e era realizado na totalidade da carga horária. Conforme já descrevi na experiência do Campus do Pontal. O Projeto Institucional atual destina 180 horas, no mínimo, compondo o Prointer, e 180 horas distribuídas e organizadas conforme determinado no PPC. Ou seja, abre-se aqui a possibilidade de "dividir" a carga horária em componentes curriculares, o que considero retrocesso no conceito de prática que já temos discutido.

Durante o XIII Seminário Nacional de Formação de Professores, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), participei da Mesa Redonda intitulada: "Descaracterização do curso de Pedagogia: as ameaças da Resolução nº 02/2019", com a participação das professoras Katia Curado (UnB), Marcia Ângela Aguiar (UFPE), tendo como mediadora a professora Leda Scheibe (SC). Nessa Mesa, fiz a discussão da prática, retomando os modelos de formação de professores/as.

**Horas antigas.** Borboletas na barriga. As minhas referências sentadas à Mesa, juntas. O bom é que o evento foi tão intenso, que não tive a chance de pensar muito. Foi nesse evento, pós-pandemia, que tive a oportunidade de conhecer muitas colegas anfopeanas, com quem já convivia por tela há dois anos.

Retomei desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 9394/96, no artigo 65, que diz: "A formação docente, exceto para a educação superior, incluirá prática de ensino de, no mínimo, trezentas horas." Essa legislação corrobora o que está previsto, desde 1939, como

“prática de ensino” o que denominamos de estágio supervisionado, no modelo conteudista. Neste caso, de 1939 até 2002, passando pela LDB, a prática de ensino era uma exigência para a formação de professores/as na Educação Básica, de 300 horas.

Durante um longo tempo (1939-2002), a prática figurou como a finalização da formação, em uma lógica de formação em que primeiro formava-se o bacharel e depois o licenciado. Por isso e com isso, a concepção por trás exigia que o conteúdo fosse trabalhado antes para que depois, com todos os conceitos aprendidos, a prática pudesse ser o lugar de “testar” os conteúdos ou “aplicar” os conteúdos. Desse modo, os Estágios Supervisionados (Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008) eram localizados (até 2002) no último ano de formação, para que se pudesse fazer esse exercício de aplicação. Essa concepção precisa ser bem compreendida, pois é retomada no modelo anacrônico.

Em 2002, com a Resolução CNE/CP 1/2002, no modelo de transição, há uma distinção entre a prática e o estágio supervisionado, bem como uma ampliação de sua carga horária. Se até aqui eram apenas 300 horas de prática de ensino, agora passávamos para 800 horas. Por meio desta Resolução, ficam estabelecidas 400 horas de prática como componente curricular, vivenciadas ao longo do Curso, além de 400 horas de estágio curricular supervisionado a partir do início da segunda metade do curso, ou seja, um total de 800 horas. Essa Resolução suscitou uma forte crítica em relação à supremacia da prática. Criticava-se e enxergava como um exagero colocar em um currículo de 2800 horas, 800 de práticas. O que aqui ressalto é que essas 800 horas evidenciam, ainda mais, a importância/urgência das Instituições de Ensino Superior elaborarem o seu Projeto Institucional de Formação. É importante a discussão coletiva e o papel dos Fóruns de Licenciaturas nessa construção.

A Resolução do CNE/CP 1/2015 permanece com as 800 horas, o texto da prática mantém-se como 400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular, distribuídas ao longo do processo formativo. Esse modelo foi cunhado de resistência por diversos fatores. Ressalto aqui o que já escrevi em outro artigo: o reconhecimento da formação de professores/as com sua característica prática ou em sua unidade teoria e prática, portanto, práxis, identificado no texto da Resolução. O conceito de práxis aparece no texto legal em dois momentos: no artigo 3º, § 6º, “a inserção dos estudantes de licenciatura nas instituições de educação básica da rede pública de ensino, espaço privilegiado da práxis docente”, quando explicita a composição do projeto de formação, e no artigo 5º “pelo reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como expressão da articulação entre teoria e prática”, quando explicita a formação e sua base comum nacional. Ou seja, resistiu às críticas realizadas sobre a epistemologia da prática e avançou ao compreender que a formação exige esta unidade (COIMBRA, 2020).

Por fim, com a Resolução 2/2019, o modelo anacrônico diz: 800 (oitocentas) horas de prática pedagógica, assim distribuídas: a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.

Esse modelo anacrônico resgata o conceito de prática do primeiro modelo conteudista, entendendo que a prática é DOS componentes curriculares. Ou seja, de forma fragmentada e como uma aplicação de conteúdos, a prática reduz-se a uma parte de cada componente curricular. O que resultaria na fragmentação da prática nos componentes curriculares. Cada

componente teria uma carga horária prática, para que possa “aplicar” a sua teoria. Em nossa análise, essa concepção de prática retrocede naquilo que já avançamos, desde 2002, com a supremacia da prática até a práxis, em 2015.

Por isso é que afirmo que o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do/a Profissional da Educação, ao permitir que 180 horas de práticas sejam definidas, de acordo com o PPC, é uma forma de “desmoronar” com a ideia de práxis que vinha sendo construída historicamente, da prática como componente curricular.

No ano de 2018, com a aprovação recente da BNCC (Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017), o Fórum construiu uma pauta de debates sobre ela. Convidou especialistas e estudou o teor e as características da BNCC. Não tivemos trégua desde o golpe que destituiu a Presidenta Dilma, até o final de 2022. Movimento de muita luta interna e externa, quando foi aprovada, ainda em dezembro, a Resolução CNE/CP nº 2/2019. Quando acabávamos de aprovar o nosso Projeto Institucional, de acordo com a Resolução CNE/CP nº 2/2015. Assim, o Fórum rapidamente articulou-se para montar uma Comissão de Trabalho sobre a Resolução 2/2019: Jane, Marina, Sérgio e eu. Jane e Sérgio tinham participado daquela “audiência pública” no dia 8 de outubro de 2019.

O grupo que representou a UFU na audiência pública organizou um texto, apresentado e analisado no Fórum de Licenciatura no dia 15/10/2019, expressando o posicionamento da Universidade acerca da Resolução nº 2 de 2019.

Esse documento foi enviado via SEI ao Conselho Nacional de Educação no dia 23 de outubro de 2019 (data limite de envio), cujo teor continha as contribuições do Fórum de Licenciatura da Universidade Federal de Uberlândia em relação ao texto de referência - Diretrizes Curriculares Nacionais e Base Nacional Comum para a Formação Inicial e Continuada de Professores da Educação Básica (Processo nº 23117.093567/2019-28 Formulário Contribuições - UFU (SEI nº 1646101).

Mesmo com a pandemia, em 2020, a Comissão de Trabalho realizou os estudos e apresentou uma *Live*, no dia 9 de junho de 2020, com o seguinte título: “Resolução CNE 2/2019: que formação de professores/as é essa?”<sup>14</sup>

FIGURA 76 – Cartaz da Live



Fonte: Arquivo da Autora

<sup>14</sup> Essa *Live* está disponível no Canal do Provifor-UFU: <https://www.youtube.com/watch?v=lcsEpOxslHc&t=419s>

Nessa *live* foram destacados, inicialmente, alguns anacronismos, tais como: a presença de interlocutores estranhos ao campo da pesquisa em educação no Brasil, como a *Varkey Foundation*, o movimento Todos pela Educação (TPE), a Fundação Santillana, o Instituto Canoa e o Movimento Profissão Docente, contrapondo-se à ausência do diálogo com as Universidades, com a Anfope, Anpae, Anped e outras instituições historicamente presentes no âmbito da formação de professores/as.

Destacou-se a incorporação irrefletida da BNCC à Resolução que trata de formação de professores/as, bem como a indicação de conceitos que não estão explicitados ao longo da Resolução, além do reducionismo e a supremacia da epistemologia da prática: em vez de “articulação” entre teoria e prática, o documento propõe “integração, união, associação”, termos que já indicam uma dissociação entre teoria e prática. Ao buscar valorizar a prática, explicita ainda mais a dicotomia. Os avanços conseguidos com a Resolução CNE/CP nº 02/2015, no sentido da práxis educacional, são totalmente perdidos nesta Resolução CNE/CP nº 02/2019.

Nesta *live* questionaram-se aspectos que ficaram ausentes na Resolução, dentre eles: a diversidade, a gestão democrática, a valorização profissional, a formação continuada, a pesquisa e a extensão, a interdisciplinaridade, o compromisso social e o trabalho coletivo. Aspectos fundantes na Resolução 02/2015 e agora ausentes na Resolução 02/2019. Foram apontados também alguns conflitos em relação a outras Resoluções do CNE, como a Resolução 01/2006, que trata da formação do/a pedagogo/a.

A Comissão de Trabalho apresentou todo esse debate na 2ª Reunião ordinária virtual do Fórum de Licenciaturas, ocorrida em 30/06/20, na seguinte ordem: histórico da participação; apresentação da Resolução; a Resolução em suas interfaces com o Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação; apontamentos: resistências, limites e possibilidades.

E, como desdobramento da *live*, a partir de outros questionamentos e das discussões feitas no âmbito das reuniões do Fórum de Licenciaturas, foi elaborado, no campo da resistência e das possibilidades, em 29 setembro de 2020, na 3ª reunião, um documento intitulado “CARTA DA PRIMAVERA: POSIÇÃO DO FÓRUM DE LICENCIATURAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA SOBRE A RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 02/2019<sup>15</sup>”. Esta carta reitera elementos que e “posiciona-se pela resistência propositiva. Não aceitamos este reducionismo proposto pela Resolução CNE/CP nº 02/2019 para a formação de professores/as no Brasil”. A carta expressa as propostas para que a resistência continue.

- a) A inserção da pauta da formação de professores/as junto a ANDIFES/COGRAD (Solicitar a leitura e o envio de nossa Carta).
- b) Interlocução com entidades científicas e políticas ligadas à formação e professores/as (Anped, Anfope, Anpae e Forumdir).
- c) A garantia do debate sobre a matéria em diversos formatos e espaços por meio da gestão democrática na UFU.

---

<sup>15</sup> Disponível em: <http://www.prograd.ufu.br/acontece/2020/10/posicao-sobre-resolucao-cnecp-n022019>  
Acesso em: 1 mar. 2023.

- d) A participação em espaços decisórios (Fórum de Licenciaturas, Colegiados, NDEs, Conselhos; Sindicatos) para somar esforços no sentido de suspender os efeitos dessa Resolução.
- e) A divulgação de forma ampla e irrestrita do posicionamento do Fórum (Congrad, DCE, APG, Adufu, Sintet, unidades acadêmicas, Eseba e Estes).
- f) Preservação do nosso Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação (Resolução SEI n. 32/2017, do Conselho Universitário/UFU), fundamentado na Resolução CNE/CP n. 2/2015.

Findada essa ação de mobilização para conhecimento e posicionamento da UFU em relação à Resolução 2/1019, permanecemos em movimento, como indicava a Carta da Primavera, de resistência propositiva.

Em 2021, a presidente do Fórum propõe a organização de Comissões de Trabalho, dentre elas, uma “Comissão de acompanhamento e proposições de resistência levando em consideração os estudos da Comissão de Trabalho sobre a Resolução CNE/CP nº 2/2019”. Aprovada a Comissão no âmbito do Fórum, eu, Marina e Sérgio anunciamos a disponibilidade em participar, já que havíamos participado da Comissão de Trabalho e a mesma foi ampliada.

Essa Comissão, que nós apelidamos de Comissão de Resistência, foi criada por meio da Portaria PROGRAD nº 29, de 18 de maio de 2021. Parece, no relato aqui iniciado, que as relações internas, de forma linear, foram desencadeadas como deveriam ser. Porém, há que ressaltar que em 2021 assume nova gestão da UFU e com isso novos/as gestores/as na Prograd, o que acarretou, em alguns momentos, dificuldade na comunicação.

No dia 24 de agosto de 2021, finalmente, foi possível (havíamos solicitado pauta para apresentar as propostas por dois meses, mas não conseguimos) apresentar a proposta da Comissão de Resistência, que criou uma lógica de apresentação resgatando a história do Fórum até chegar à Comissão, e a pergunta que fizemos foi: “Resistir ou adequar?” Fomos apresentando o cenário, os argumentos e o objetivo da Comissão: propor ações de resistência para a Resolução CNE/CP nº 02/2019. Para a apresentação, a Comissão retomou algumas das razões para a resistência à Resolução CNE/CP nº 02/2019, pois no Fórum, como a gestão tinha mudado, havia também alteração em sua composição. Pessoas que lá estavam em 2019 não estavam mais em 2021.

A partir dessa síntese de razões para resistir, expressamos a finalidade das proposições que seriam apresentadas: a) ações de resistência com informação e conhecimento para a comunidade UFU, parceiros internos e externos no movimento de resistência; b) um arrastão de conhecimento para que a comunidade UFU fosse esclarecida a respeito do “pacote” de um projeto para a educação brasileira e seus impactos na formação de professores/as no Brasil. Conforme ata da reunião do Fórum de Licenciaturas:

Foram solicitados 3 blocos de encaminhamentos com ações internas do Fórum, ações institucionais e ações interinstitucionais. Foi aberta a palavra e o debate foi estabelecido. Após o debate, Camila solicitou em nome da comissão que os encaminhamentos fossem votados em blocos como expostos. É feita a votação do primeiro bloco, voltado para ações internas, tendo 33 votos favoráveis, nenhum contrário e 3 abstenções. Posteriormente, o segundo bloco de ações institucionais foi votado com os

mesmos 33 votos favoráveis, nenhum contrário e 3 abstenções. O último bloco das ações interinstitucionais obteve o mesmo resultado na votação, 33 votos favoráveis, nenhum contrário e 3 abstenções.

Aprovado o Plano, no âmbito do Fórum, a Comissão de Resistência começou a trabalhar. Foi também solicitado pela Presidente do Fórum que a Comissão apresentasse um cronograma das ações. Assim fizemos, com a previsão de término em julho de 2022. Eu e Marina estávamos já com tempo reduzido no âmbito do Fórum e nesse mês seria a nossa saída. Ou seja, apresentamos o cronograma de um ano de trabalho. As ações da Comissão de Resistência estão descritas em detalhes no dossiê denominado “Resolução CNE/CP Nº 02/2019: a resistência propositiva na Universidade Federal de Uberlândia”.

O movimento foi intenso, extenso e exigiu da Comissão de Resistência muita abertura ao diálogo, pois quando chegava um/a professor/a novo no Fórum, a pergunta logo vinha: por que a gente resiste à Resolução 2/1019?

Eu gostaria de ressaltar nesse Memorial, algumas ações informativas e decorrentes desse movimento. A primeira foi a elaboração de uma Carta à Comunidade UFU. Inspirada na mobilização do Fórum Mineiro em Defesa da Formação de Professoras e Professores, a Comissão de Resistência decidiu por elaborar e encaminhar, em dezembro de 2021, a Carta Aberta à Comunidade dos Cursos de Licenciatura da UFU, por meio do Processo SEI: 23117.088735/2021-88, a ser encaminhado a todos os/as professores/as e estudantes dos Cursos de Licenciatura da UFU, pelo Processo 23117.088732/2021-44.

A segunda foi o Ciclo de Debates, organizado com 3(três) *Lives*, com o objetivo de dialogar com outras Instituições e Associações que estavam na luta pela revogação da Resolução 2/2019.

FIGURA 77 – Cartazes do Ciclo de Debates



Fonte: Arquivo da Autora

Por fim, a última ação desenvolvida pela Comissão foi o vídeo<sup>16</sup> informativo, produzido pela Prograd, que conta as razões pelas quais a UFU resiste à Resolução 2/2019. Essas ações foram importantes para esclarecimento e debate no interior da Universidade e fora dela. Várias outras atividades também ocuparam o tempo dessa Comissão, mas termino com nossas considerações finais no Dossiê/Relatório produzido pela Comissão de Resistência.

Esta Comissão de Resistência acredita que contribuiu não só para a divulgação e produção de conhecimento no campo da formação de

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WGbTf2I5pjj&list=PLXzu7-reEpbLUQQOOUwRV-f6rEJLEebk&index=19&t=2s>. Acesso em: 1 mar. 2023.

professores/as - interna e externamente, mas acima de tudo teve papel importante na escuta, proposição e materialização de ações que realmente fossem capazes de produzir RESISTÊNCIA ao instituído.

As ações realizadas, mesmo com as dificuldades institucionais de comunicação, foram desenvolvidas no sentido de resistir à Resolução CNE/CP nº 02/2019, objetivo da Comissão.

Outro ponto de destaque e que entendemos que a Comissão de Resistência contribuiu foi com ações internas e externas e a articulação com COGRAD e ANDIFES, pois esteve presente nesse diálogo que culminou com o pedido assinado pela Andifes, para prorrogação do prazo da Resolução CNE/CP nº 02/2019 até 2024.

Ainda, insistimos na importância desse espaço do Fórum de Licenciaturas constituído no âmbito da UFU que mobiliza as ações no campo da formação de professores/as, como esse espaço democrático, de junção e de diálogo sobre e com as instituições que formam professores/as.

Ao buscarmos o verbete resistência do Dicionário Paulo Freire identificamos “[...] a resistência deixa de ser um movimento só de reação de autodefesa e passa a ser uma ação ou política ofensiva. As resistências são práticas que contrariam algum aspecto da visão de mundo dominante” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 367).

Não saberíamos afirmar se contrariamos, mas provocamos a instituição, os/as colegas e estudantes dos Cursos de Licenciatura para uma mobilização necessária, para a luta pelo respeito a história, pelo reconhecimento das entidades representativas na área da formação de professores/as, pela compreensão das pesquisas que fazemos nas Universidades.

Ao final desse caminho percorrido, registrado e descrito nesse dossiê, compreendemos que se encerra ou destitui-se a Comissão de Resistência, mas ela se desdobra em outra necessária comissão no interior do Fórum de Licenciaturas, a Comissão Permanente para Acompanhamento e Avaliação (COPAA) de nosso Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento dos Profissionais da Educação. Essa Comissão, já existente em 2005, assume o papel de acompanhar, avaliar e analisar o Projeto aprovado em 2017, com a ideia de uma avaliação permanente e sistemática de nosso projeto.

É um movimento em espiral, cíclico, as lutas vão se transformando mas não deixam de existir. Conforme o Regimento do Fórum, os representantes podem ser reconduzidos uma vez, sendo assim, meu tempo precisou acabar para dar tempo ao outro que assume a próxima luta. Ao sair, como representante da Faced, assume a Leonice. A esperança brota do ser humano.

Ao assumir a minha posição no mundo, assumo, com ela, o compromisso na defesa incondicional pela democracia, pela busca da coerência entre o pensamento e a ação, em que a práxis autêntica, sustentada na solidariedade, possa transformar a formação das pessoas e essas possam transformar a nossa sociedade. A essa luta, pela formação e valorização da formação de professores/as no Brasil, também se soma a defesa incondicional de nossa educação pública, dos direitos constitucionais em defesa dos direitos humanos para todos/as, princípio básico de qualquer projeto progressista de educação nacional que também assume a importância da formação nessa perspectiva.

Pessoas que estiveram junto.

Hugo Vieira da Silveira

Jane Maria dos Santos Reis

João Lucas de Paula Basta

Karina Klinke

Katia Curado

Leda Scheibe

Luciano Senna Peres Barbosa

Magali Aparecida Silvestre

Marcia Ângela Aguiar

Maria Simone Ferraz Pereira

Marili Peres Junqueira

Marina Ferreira de Souza Antunes

Sérgio Inácio Nunes

Sirleine Souza

Suzane da Rocha Vieira Gonçalves

Tania Garbin

Vânia Aparecida Martins Bernardes

## Gepae

(Grupo de Estudos e pesquisas em Avaliação Educacional)

Isso me dá a **esperança** da minha briga e essa esperança tem que ser uma esperança crítica, uma esperança que tem um fundamento sério e isso não significa, por exemplo, que eu esteja absolutamente convencido de que, aos 75 anos, eu ainda vou ver daqui a vinte anos ou trinta anos as mudanças radicais no Brasil, não eu não vou ver, mas ao mesmo tempo em que eu tenho a certeza de que eu não vou possivelmente participar de algumas mudanças pelas quais eu me bato desde que eu tinha vinte anos eu estou certo, porém, de que a vida da sociedade do meu país não se acaba com a minha morte. (Verbete: Esperança, Paulo Freire, grifo nosso)

Quando saio da, à época, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP, em Ituiutaba, e venho para a Faculdade de Educação em Uberlândia, tenho uma forte sensação de solidão. E um grupo que me acolheu foi o Gepae, sob a coordenação da Olenir.

Comecei no Gepae em 2015, na organização do II SIAVA – Seminário Internacional de Avaliação e I SEMAVA – Seminário Municipal de Avaliação, que ocorreu de 28 a 30 de abril de 2015, com a temática: “Avaliação Educacional e Produção da qualidade: para além dos resultados qualitativos”. Naquele momento, tive a oportunidade de conhecer Domingos Fernandes, da Universidade de Lisboa, Portugal, parceiro do Gepae, que depois deu um curso no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, de uma semana, momento de muita aprendizagem sobre avaliação. Participei da Comissão Organizadora e Científica do evento.

FIGURA 78 – Logo do II SIAVA e I SEMAVA



Fonte: Arquivo da Autora

Confesso que o tema da avaliação não havia tido, até o Gepae, muito espaço em minha trajetória como professora. Aprendi muito com todos/as. Permaneci no Gepae por 5 (cinco) anos. De 2015 até 2020, quando me desligo fisicamente, mas continuo gepaeana de coração e alma.

Destaco momentos importantes vividos nesses 5 (cinco) anos de Gepae: uma oficina com Benerval Pinheiro Santos sobre Fractais, o curso com Domingos Fernandes, a Comissão de Comunicação de que participei e a construção dos Cadernos Temáticos. É um grupo que completa, em 2022, 22 anos e com muito mais história do que a que vivi nele, mas que registro a importância de tê-lo vivenciado.

O nosso grupo nasce a partir do interesse de algumas estudantes de licenciatura em Pedagogia, no ano de 2000, em estudar avaliação da aprendizagem. Essa temática aparecia de maneira muito restrita no programa da disciplina Didática Geral do curso. Não satisfeitas, as estudantes mobilizaram a professora, ainda em licença maternidade, e assim se iniciaram encontros semanais na casa dessa docente, sem grandes

pretensões, porém com o desejo de aprender para transformar práticas excludentes de avaliação em práticas incluídas que pudessem garantir as aprendizagens. Desses encontros, constituiu-se o Grupo de Estudos em Avaliação - GEA. Com o passar do tempo, o GEA foi ampliando-se com a participação de professoras da rede pública estadual, particular e logo também da rede municipal. Estudantes de outras licenciaturas e outros professores e professoras do curso de pedagogia também se integraram. (MENDES; RICHTER; MARTINS; CAMARGO; COSTA, 2018, p. 25)

Esse início de história resgata as origens e a forma com a qual o Gepae desenvolve o trabalho com estudos, afetos, pesquisa e extensão. Continuam as autoras:

A dinâmica do Gepae tem sido uma marca importante para os processos de aprendizagens significativas acerca do trabalho coletivo, por isso foi fundamental a opção por práticas descentralizadoras, como: coordenações compartilhadas e rodiziadas e as deliberações de pautas, projetos em consenso, inclusive a escolha dos dias de encontros. Nesse processo, têm sido prática marcante do grupo as diferentes formas de registros, usualmente chamadas por nós de memórias. Nessas práticas, prevalecem a autonomia e a criatividade para registrar de diferentes formas: escrita, áudio, imagens fotográficas, dentre outras, as quais são lidas, compartilhadas e arquivadas em sistema de armazenamento local (nuvem) e impressas em nosso portfólio coletivo, nomeado por nós como “pasta de importâncias”. (MENDES; RICHTER; MARTINS; CAMARGO; COSTA, 2018, p. 26)

O Gepae tem um jeito próprio de buscar a coerência entre o que estudam, em uma perspectiva de avaliação formativa, e aquilo que fazem, como uma metodologia própria de organização do tempo e do espaço do Grupo. As coordenações dos encontros mensais são compartilhadas. O cronograma com a distribuição das atividades e pessoas é feito no início do semestre ou ano e somos sempre surpreendidas pela criatividade, amorosidade e organização das coordenações. Um exemplo disso foi a reunião do dia 22 de outubro de 2016, em que participei da equipe de coordenação com Natalia Justino, e criamos a ideia a partir do poema de Fernando Pessoa “navegar é preciso”. Fizemos vários barquinhos de papel, traçando um caminho até a sala. Com a ideia de construirmos um forro de barquinhos para os cafés que iniciam os encontros do Gepae, levamos retalhos e, com a ajuda dos/as participantes, foram criados e “colados” os barquinhos de todos/as e de cada um. Além da coordenação, tem também a equipe responsável pelo Café, bem como a equipe responsável pelo registro escrito e fotográfico. Nesse dia, tínhamos como pauta a organização da vinda de Domingos Fernandes e o estudo de seu livro *Avaliação interna: dos fundamentos e das práticas*. Assim o fizemos, tendo o diálogo como meio de construção de conhecimento, coletivamente. Foi a primeira reunião em que participei da coordenação. Muito trabalho, mas muitas aprendizagens.

FIGURA 79 – Fotos de Reunião do Gepae



Fonte: Arquivo da Autora

A oficina com Benerval, denominada "FRACTAIS... Novas 'formas', para (re)pensarmos o mundo e a avaliação...", aconteceu no dia 21 de maio de 2016 e foi muito importante para a

abertura ao diálogo em relação aos conceitos que construímos sobre o conhecimento, de forma geral e mais especificamente sobre a educação matemática. Aprendi, naquele dia, o que ainda não havia sido provocada a pensar em tempos. De uma forma leve e, ao mesmo tempo, complexa. Essa oficina também foi inspiração para a criação da nova logo do Gepae, inspirada em fractais, e as reflexões que fizemos a partir dela.

FIGURA 80 – Foto da Oficina de Fractais



Fonte: Arquivo da Autora

Ainda em 2016, o Gepae contou com presença de Domingos Fernandes no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced. Foi uma semana de Curso intensivo. Manhã e tarde. Foi um movimento muito importante vivenciado no Grupo e lembro de Domingos Fernandes, ao final, dizer da felicidade em estar conosco, mas fez logo um pedido: “se me chamarem novamente, eu venho, mas deixem espaço para o passeio”. Ele adora tirar fotos e disse que a quantidade de ações e um curso tão intenso não permitiram que ele conhecesse Uberlândia como gostaria. Com essa lembrança afetiva, também identifiquei esse como momento de muita aprendizagem.

FIGURA 81 – Foto da Turma de Domingos Fernandes



Fonte: Arquivo da Autora

nesse encontro, pudemos ampliar os debates sobre os limites do uso do termo “instrumento”. Para ele, “tarefas de avaliação”, “métodos de avaliação” e “estratégias de avaliação” podem ser mais congruentes com a concepção de avaliação formativa, por isso o professor Domingos tem utilizado mais os termos “tarefas de aprendizagem” e “tarefas de avaliação”. Esse assunto foi motivo de debate entre nós, afinal, no Brasil, a palavra “tarefa” é carregada de um peso escolar, daquilo que é uma obrigação, um sentimento de que é algo difícil ou mesmo chato de se fazer. Em meio a uma riquíssima discussão coletiva, encontramos uma designação mais ampla que poderia abarcar a concepção de avaliação formativa defendida por nós. Assim, por meio da “Convenção de Uberlândia” (denominada carinhosamente pelo professor Domingos Fernandes), construímos o

consenso “Proposta de Trabalho Avaliativo”. (MENDES; RICHTER; MARTINS; CAMARGO; COSTA, 2018, p. 27)

FIGURA 82 – Foto de Domingos Fernandes com um Grupo da Turma



Fonte: Arquivo da Autora

Muito trabalho de reflexão, teorização e práticas de avaliação com um grupo carregado de energias para trabalhar coletivamente. Como desdobramento dessa disposição, decidimos criar os Cadernos Temáticos, com a proposta de trazer um material que pudesse ser utilizado nas escolas para a formação continuada de professores/as da Educação Básica. Levamos três anos na construção desse material, de 2017 até 2019. Tudo pensado e elaborado de forma coletiva.

**Horas antigas.** Na coordenação da reunião de 23 de março de 2019, decidimos ir fantasiadas de Frida Kahlo para comemorar o mês das mulheres. Éramos eu, a Karinne (e sua filha) e a Sonia. Gepae é espaço de criação.

FIGURA 83 – Foto das Coordenadoras do 2º Encontro do Gepae em 2019



Fonte: Arquivo da Autora

A Comissão de Comunicação foi criada em dezembro de 2015, em uma reunião de avaliação do Gepae, ocorrida na casa da Olenir, em 12/12/2015. A reunião de avaliação foi com o objetivo de avaliar e propor ações para o ano de 2016. Surge, assim, a organização e composição da Comissão por: Christian Alves Martins, Elizabete de Paula Pacheco, Natalia Luiza Silva.

Na Comissão de Comunicação, fizemos a proposta de organização dos Cadernos Temáticos da seguinte forma, que foi debatida, re-organizada e ampliada por todo o Grupo.

**Inspiração:** “Enrola não, desenrola”

Biografia do/a artista

Obra do/a artista

**Problematização:** teve como ponto de partida a prática, o concreto, o cotidiano da realidade escolar, objetivamente levantamos os diferentes entendimentos/concepções sobre o tema, a partir da realidade de cada participante.

**Contextualização:** trazer/esclarecer a justificativa dos autores

**Aprofundamento teórico:** apresentou fragmentos de textos/artigos de autores que pudessem contribuir com os elementos teóricos que, a partir da problematização, auxiliam o estudo com elaborações que possibilitam estabelecer novas relações e interpretações sobre o Tema. Ao final dos textos há um Roteiro de Discussão, com algumas questões para provocar o debate.

**Síntese:** possibilidade de verificar

**Plano de Ação:** remete à indicação de ações que transformem a prática que deu origem ao estudo do Tema. Como modificar/alterar ou refletir sobre a realidade a partir do estudo feito? O movimento teoria e prática ou reflexão e ação fazem parte desse processo que busca uma docência com autonomia para sua prática educativa.

**Sugestões:** momento de socializar filmes, documentários, músicas, livros e tudo o que puder complementar/acrescentar as discussões sobre a temática.

Observando esses aspectos, os Cadernos Temáticos foram organizados da seguinte forma:

- a) Volume 1: AVALIAÇÃO E IDEOLOGIA. Organizadoras/es: Dayane Garcia de Oliveira, Janine Cecília Gonçalves Peixoto, Olenir Maria Mendes e Tiago Soares Alves.
- b) Volume 2: FUNDAMENTOS DA AVALIAÇÃO DAS E PARA AS APRENDIZAGENS. Organizadoras: Camila Lima Coimbra, Karinne de Pádua G. Martin, Larissa Ramos Duarte, Ólbia Cristina Ribeiro, Sônia Faleiros Almeida.
- c) Volume 3: PROPOSTAS DE TRABALHO AVALIATIVO. Organizadoras/es: Cecília Camargo Bento, Christian Alves Martins, Clarice Carolina Ortiz de Camargo, Luciana Guimarães, Rafael Martins Mendes, Tiago Soares Alves.
- d) Volume 4: AVALIAÇÃO EXTERNA. Organizadoras: Alesandra Ferreira Bento de Souza, Cláudia Rodrigues Camargo, Elizabete de Paula Pacheco, Fernanda Barros Ataídes, Leonice Matilde Richter, Simone Freitas Pereira Costa.
- e) Volume 5: AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL. Organizadoras: Keila de Fátima Resende, Natália Luiza Silva, Polyana A. Roberta da Silva, Renata Ibias Cardoso da Silva, Tatiani Cristine, Wilma Ferreira de Jesus.

A apresentação dos Cadernos Temáticos foi escrita por mim e pela Olenir, dizendo de nossa inspiração na experiência dos Cadernos Temáticos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, nos anos 2000. Além disso, também explicamos que a ideia dos Cadernos foi fruto de um “projeto intitulado: Grupo de estudos em avaliação educacional na rede municipal de ensino: qual o lugar da avaliação na escola? Foi desenvolvido no ano de 2015, no Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais Julieta Diniz - Cemepe, sob nossa coordenação em nossa licença capacitação.” Ainda assumimos ali que “o objetivo do Gepae, ao elaborar estes

Cadernos, foi compartilhar esta experiência, para que a mesma seja reinventada pelos professores e professoras e para que possamos ampliar o debate acerca desta temática, tão tímida, muitas vezes, nos cursos de formação de professores e professoras.”

Ainda ressalto que convidamos artistas plásticos/as de Uberlândia para compor, com suas obras, o que chamamos de Inspiração para a temática de cada Caderno. Participaram conosco: Hélio de Lima, Dani Lima, Cíntia Guimarães, Elaine Corsi e Alexandre França.<sup>17</sup>

FIGURA 84 – Foto de apresentação do “Enrola não, desenrola”



Fonte: Arquivo da Autora

Ao finalizar a apresentação,

A intenção do Gepae, com esse registro sob a forma de Cadernos Temáticos é de que cada tema proporcione outros tantos que surgem da prática docente. Que este tema ganhe centralidade nas escolas. Que as escolas criem seus grupos de estudos. Que esta metodologia sirva de exemplo para outras tantas que serão criadas. Que este movimento seja parte do projeto pedagógico da escola. Que a escola seja um espaço dialógico e sensível. Que novos e outros movimentos sejam criados dentro de cada escola, em busca de uma formação contínua e permanente.

A amorosidade, a dialogicidade e sensibilidade são características do Gepae, que acredita, luta e atua em defesa da escola pública, em defesa da formação e valorização de professores/as da Educação Básica. O material fica disponível para professores/as que quiserem iniciar os estudos sobre avaliação.

Outra ação desenvolvida pela Comissão de Comunicação do Gepae foi a criação de uma logomarca. O Gepae tinha uma logo que não mais retratava o que os integrantes do grupo gostariam. Assim, fizemos com os/as participantes uma busca por sugestões, ideias, materiais que pudessem inspirar e traduzir as ideias do Grupo. As palavras-chave: afetividade, integração, trabalho coletivo, esperança, transformação, sensibilidade, parceria, compartilhamento, troca, criação, emoção, luta e resistência.

FIGURA 85 – Alteração da logo do Gepae



Fonte: Arquivo da Autora

<sup>17</sup> Os cadernos temáticos estão no site do Gepae. Disponível em: <https://sites.google.com/view/gepaeufu/publica%C3%A7%C3%B5es/cadernos-tem%C3%A1ticos?authuser=0>. Acesso em: 14 fev. 2023.

A criação da logo foi feita por Elizabete e Eduardo e está sendo usada desde 2016. Além de organizar os cadernos temáticos e criar a logo, a Comissão de Comunicação também foi responsável pela organização das redes sociais do Gepae.

a) Criamos uma lista de músicas do Gepae no Spotify:

<https://open.spotify.com/playlist/2pT6ghnGtZ2a6SzXFLaxDD?si=Z1wistMDTqiuMtW3XbLSfg>

b) Mantivemos e atualizamos a página do Gepae no Facebook:

<https://www.facebook.com/gepae.ufu>

c) Criamos um perfil no Instagram:

<https://www.instagram.com/gepaeufu/>

d) Organizamos o canal do Gepae no YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCenY3ARAw29fpRcvwc8tH0Q>

e) Criamos um site, no google sites, organizando todos os canais do Gepae:

<https://sites.google.com/view/gepaeufu/apresenta%C3%A7%C3%A3o>

Ao concluir seu trabalho, em 2020, a Comissão de Comunicação também elaborou um Manual de Comunicação. Assim escrevemos na apresentação:

Esta Comissão, no início de 2020, sentiu a necessidade de construir um Manual de Comunicação para ajudar gepaeanas e gepaeanos na atividade de coordenação e acompanhamento das ações de reuniões de estudo do Gepae.

Nossa maior intenção, ao entender o registro como meio fundamental de nossas práxis educativa, foi o de orientar o caminho para que nossos “meios de caminhos” estejam sempre disponíveis. Sabemos que os afetos e a amorosidade que nos rodeia também se apresentam nesses registros, por isso, façamos a nossa parte nessa história!

A Comissão de Comunicação de que eu participei durou de 2016 até 2019, com a realização dessas ações anunciadas, que foram registradas por meio de um Relatório para que uma nova equipe pudesse assumi-la. O que sei que ocorreu, pois, mesmo sem participar ativamente, acompanho as redes sociais e o Gepae. Caminho que não se separa...

Ainda em 2020, participei de um processo importante de discussão da práxis como categoria do Grupo Gepae. Fui da coordenação da reunião do dia 23 de abril de 2020, junto com Cláudia, Mara, Rafael e Tiago, com a discussão/com o tema que denominamos “A práxis como definidora dos estudos do Gepae”.

FIGURA 86 – Foto da Coordenação da Reunião em 2020



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse dia, fizemos uma reflexão freireana sobre o termo práxis, a partir da *Pedagogia do oprimido*. Ao anunciar a intenção dessa discussão, a coordenação apontou: a história, constituição do Gepae; as avaliações do Gepae, em que aparece uma necessidade de criar uma metodologia para as reuniões de estudo; a primeira reunião de 2020, que sugeriu que a práxis se tornasse o foco para as reuniões de estudo do Gepae. Frente a isso, a coordenação da reunião identificou a necessidade de percorrer um caminho para a definição do termo práxis, para a apropriação do termo, para a materialização do termo em uma metodologia de estudos para o Gepae.

A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela “práxis”, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exânime. Palavra que diz e transforma o mundo. (FREIRE, 1970, p. 11)

Nesse sentido, a Coordenação da reunião criou as dimensões possíveis para esse caminho da práxis com um movimento que inicia-se nas Identidades, percorre as leituras de mundo, encontra os conflitos, cria as autonomias e rompe e esperança, voltando ao movimento que é dialético e permanente. E como a coordenação pensou nessas dimensões para materializarem uma metodologia para os estudos no Gepae? Como primeiro movimento do diálogo, sugerimos que a práxis fosse o meio de denunciar, anunciar, criar, refletir, analisar, compartilhar e registrar.

FIGURA 87 – Organização da práxis

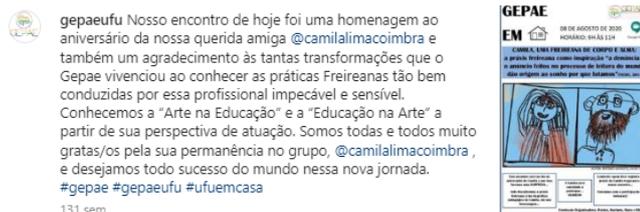


Fonte: Arquivo da Autora

E assim, continuamos o diálogo com duas práxis de Mara e do Tiago fazendo um convite a essa reflexão. Movimento iniciado em 2016, com o barquinho do navegar é preciso, até chegar nessa reflexão sobre a práxis. O Gepae se impregna na gente. Parece que começa a fazer parte de nossa existência. Mas.... ainda em 2020, exatamente em Junho/Julho, tomo a decisão de sair do Gepae para que eu pudesse criar o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF-UFU). Senti muito, mas também senti que era hora de voar...

Na reunião do Gepae, do dia 8 de agosto de 2020, o Grupo fez uma despedida-homenagem que levarei comigo para sempre.

FIGURA 88 – Convite da Reunião do dia 08 de agosto



Fonte: Arquivo da Autora

FIGURA 89 – Desenho do Antônio Augusto

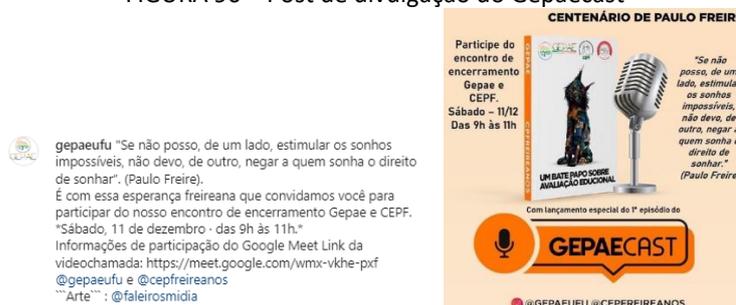


Fonte: Obra do Antônio Augusto, artista e filho da [@mara\\_cristirodrigues](#), em homenagem a [@camilalimacoimbra](#) e sua práxis Freireana

Fizeram um evento maravilhoso, com saxofone na porta de minha casa, com cesta de café da manhã e muitas lindas, sensíveis e amorosas homenagens. Chorei muito de emoção... e felicidade! Planejaram a reunião inteirinha com mensagens, desenhos, vídeos, falas tão especiais que até hoje nem sei se mereço tudo que vivi ali naquele 8 de agosto. Chamaram gente que nem era do Gepae. Fizeram um “arquivo confidencial” com muitos amigos e amigas. Foi um momento emocionante! Saí do Gepae, mas o Gepae vive em mim.

Em 2021, em comemoração aos 100 anos de Paulo Freire, o Gepae apresentou/preparou um Podcast e fizemos uma reunião conjunta. Gepae e CEPF, no dia 11 de dezembro de 2021.

FIGURA 90 – Post de divulgação do Gepaecast



Fonte: <https://www.instagram.com/gepaeufu/>

Separados, mas juntos em muitas ações que envolvem a nossa convicção de que a mudança é possível e que somos nós que fazemos as mudanças, por meio de nossa práxis. Um caminho junto é bem mais leve do que ao lado. Assim nos encontramos hoje, dois Grupos que caminham lado a lado.

## Pessoas que estão junto.

Adriana A Martins  
Alesandra Ferreira Bento de Souza  
Ana Paula Gerino  
Anésia Naves A. Santos  
Carina Aparecida Bento da Costa  
Carla Beatriz R. Silva  
Cecília de Camargo Bento  
Christian Alves Martins  
Clarice Carolina Ortiz de Camargo  
Cláudia da Silva Cunha  
Cláudia Rodrigues Camargo Martins  
Elizabete de Paula Pacheco  
Emiliano Feldner  
Fernanda Barros Ataídes  
Frederico Freitas Vieira  
Gláucia Maria Marcondes Dos Santos  
Gustavo  
Hilda dos Reis Martins  
Iraídes Reinaldo da Silva  
Izadir Diniz Linhares  
Joana D'arc Carrijo C. Gabriel  
Júlia Rossi Rodrigues  
Kamilla Gomes  
Kamyla Andressa de Carvalho  
Karinne de Pádua G. Martins  
Keila de Fátima Resende  
Keila Fernanda Silva  
Kellen Aparecida de Miranda Alves  
Larissa Ramos Duarte  
Leandro Rezende  
Leonice Matilde Richter  
Luciana Guimarães  
Marcelo Antônio da Silva  
Maria Simone Ferraz Pereira  
Mariane Gomes Pereira  
Natalia Justino Btista  
Natalia Luiza Silva  
Olenir Maria Mendes  
Patrícia Aparecida da Silva  
Patrícia de Oliveira Portela  
Paula Cristina S. Francisco  
Paulo Vítor Teodoro  
Polyana Ap<sup>a</sup> Roberta da Silva  
Renata Ibias  
Simone Freitas Pereira Costa  
Thaiane A. da Silva  
Tiago Soares Alves

## Grupo de Pesquisa: OPP

(Observatório de Políticas Públicas)

Como educador democrático e não autoritário, eu defendo a politicidade da educação, mas não posso dar nota seis a um aluno, porque ele faz parte de um partido que não é o meu de maneira nenhuma isso é safadeza, isso é imoralidade. (Verbetes: Politicidade, Paulo Freire)

Estava ainda em licença maternidade, em 2013, quando recebi a ligação do Leonardo me convidando para participar do Grupo de Pesquisa Observatório de Políticas Públicas-OPP. Ele contou o que era, o que faziam, quem participava. Conheço o Leo desde a graduação. Fomos contemporâneos. Ele assumiu o DCE após a nossa chapa “O pulso ainda pulsa”, de 1993. (Talvez a minha memória não seja fidedigna à realidade, mas na foto da Calourada de 1995, o Leonardo está.). Infelizmente não temos a memória institucional desse movimento iniciado em 1992, quando o reitor escolhido pela comunidade universitária, Nestor Barbosa de Andrade, não tomou posse. Foram 90 dias de ocupação no estacionamento da reitoria da Rua Duque de Caxias e alguns dias também na reitoria da Avenida Engenheiro Diniz. Outros tempos. Minha lembrança é de professores/as, estudantes e técnicos na mesma luta. Nas palavras de Pistori<sup>18</sup>, “esse sentimento permitiu que a elite local tentasse impedir a posse do primeiro reitor do campo progressista da UFU, em 1992, eleito pelo voto paritário. Porém, após muita mobilização dos segmentos internos e apoio externo, Nestor Barbosa toma posse.” Sua gestão foi de 1992-1996. E com ele empossado, toma posse a nossa chapa eleita, do DCE.

FIGURA 91 – Reportagem do Jornal sobre as eleições do DCE



Fonte: Arquivo da Autora

O contexto político de 1992 no Brasil teve suas reverberações na UFU, bem como em minha forma de ver a universidade e a sociedade, no movimento estudantil.

**Horas antigas.** Desse tempo, tenho meus melhores amigos da vida adulta: Luciano, Rodrigo, Bilu, Negão, Cidinha, Antônio, Gigante, Gino, Fernanda e outros/as que o lapso de memória não me deixa lembrar. Enquanto tentava resgatar as memórias para essa escrita, o Luciano me enviou o recorte do jornal de 1992, exatamente do dia 30 de setembro de 1992, com a notícia sobre o impeachment de Collor. Nós estávamos nas ruas.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://edsonpistori.medium.com/um-balan%C3%A7o-hist%C3%B3rico-da-ufu-d065ac8e3ba4>  
Acesso em: 15 fev. 2023.

FIGURA 92 – Reportagem do Jornal sobre o impeachment do Collor



Fonte: Arquivo da Autora

Fiz parte da Comissão de Eventos do DCE e realizamos, em setembro de 1993, a I Semana Estudantil da UFU. Com uma programação intensa e extensa, participei de um momento do movimento estudantil que me ensinou muito. Primeiro, a participar da Universidade de uma outra forma, com outro olhar. Trabalho, discussão e formação política que tive a oportunidade de vivenciar ao longo do meu último ano de graduação. Vivi o ano de 1993 intensamente. E foi muito importante participar de um coletivo que comungava dos mesmos princípios: a defesa incondicional da universidade pública na construção de uma sociedade mais justa.

FIGURA 93 – Programação da I Semana Estudantil



Fonte: Arquivo da Autora

Voltemos ao OPP. Recebi o convite do Leonardo com muita honra, sem saber se daria conta, mas senti-me desafiada. Entro mesmo em 2017. O OPP tem algumas dimensões que me convidam a participar: primeiro, ser coordenado por um grande amigo, por quem nutro um enorme respeito e admiração (queria muito que o Leonardo fosse nosso reitor; ele é constituído de todas as características que considero fundamentais, mas, como quero continuar sua amiga, não falo mais sobre isso); segundo, porque é constituído de pessoas de áreas diferentes, essa possibilidade de ampliar o meu olhar me anima, e por último, parte de uma defesa comum, de uma universidade pública gratuita, inclusiva e laica. Princípios que trago do movimento estudantil, por isso começamos essa história por ali. Aceitei o convite e após a minha licença maternidade (quando nasce Clarice), lá estava eu no OPP. “O OPP/UFU é um grupo de pesquisa especializado em análise e avaliação de políticas públicas. Foi criado

em 2016 e atualmente se dedica à pesquisa intitulada Avaliação das políticas de assistência estudantil da UFU: direito à educação e combate à evasão.”(In: @opp.ufu)

FIGURA 94 – Logo do OPP

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS PÚBLICAS



Fonte: Arquivo da Autora

De acordo com o site do OPP, o Grupo de Pesquisa foi criado em 2016, e logo eu chego. Tenho registros de que ingressei em 2017, estudando muito, lendo autores de uma outra área que não a minha de conforto. Foi desafiador e ao mesmo tempo prazeroso. Nosso Grupo de Pesquisa reunia-se semanalmente. Não conheço um igual, mas isso foi importante para estudarmos, debatermos e convivermos. Especialmente para mim, que chegava depois no Grupo, tive que correr atrás do prejuízo. (In: <https://observatorioppufu.wixsite.com/ppufu/apresentacao> )

Quando cheguei, já havia um projeto de pesquisa elaborado pelo Grupo, intitulado: “Avaliação das políticas de assistência estudantil da UFU: inclusão social e direito à educação”; como também estava no Gepae, achei também que pudesse contribuir nesse campo da avaliação. Consta no resumo do Projeto:

O governo brasileiro empreendeu nos últimos anos um esforço importante para ampliar o acesso à educação pública superior no país, expandindo seu sistema, ampliando os mecanismos de acesso, criando políticas de ações afirmativas e de assistência estudantil. A pesquisa realizada pelo Fórum Nacional de Pró-reitores de Assuntos Estudantis (ANDIFES) revela que o perfil discente foi alterado sensivelmente, com crescimento do número de estudantes autodeclarados negros, com origem em escolas públicas, com perfil de renda per capita média familiar inferior a 1,5 salários mínimos. Portanto, as Instituições Federais de Ensino Superior são hoje mais populares e mais negras. Entretanto, nem o Governo Federal, nem as próprias Universidades produziram mecanismos de diagnóstico e acompanhamento para que se possa avaliar se tais políticas de inclusão foram eficazes, efetivas, eficientes, sustentáveis, equitativas e com usuários satisfeitos. Deste modo, não se dispõe de análises que subsidiem gestores e não se conhece a relação dessas políticas com a evasão. Por esta razão pretende-se, valendo-se de um estudo de caso da Universidade Federal de Uberlândia, realizar a avaliação das políticas de permanência na UFU entre os anos 2006 até 2016, evidenciando suas implicações na evasão. Trabalha-se com a hipótese de que muito embora as políticas de assistência estudantil tenham produzido alguma inclusão social, ainda são insuficientes para garantir a permanência de discentes vulneráveis na UFU. Para se efetivar esta pesquisa, a metodologia, em uma abordagem qualitativa, conta com os seguintes instrumentos: revisão bibliográfica, análise documental, grupos focais e entrevistas. Para análise dos dados quantitativos, utilizamos o SSPS (Statistical Package for the Social Sciences).

Muitas novidades e, dentre tantas ações desenvolvidas durante os 5 anos de participação no OPP, destacarei algumas que fizeram parte de meu processo de constituição como professora, pesquisadora e estudiosa de questões que impactam no cotidiano da sala de aula. As políticas públicas parecem distantes de nós, pois não atuamos diretamente nelas, mas elas atuam sobre nós, por isso a importância de investigá-las e compreender essa realidade com uma “leitura de mundo” mais ampla. Assim vivi o OPP nesse tempo, com muitas aprendizagens, convivência e um grupo a que me orgulhava de pertencer.

**Horas antigas.** Digo no passado porque o Leonardo está em um pós-doutorado em Coimbra, Portugal, de 2022 até 2023, quando retomaremos para decidir sobre o OPP.

O projeto, já elaborado, fez com que a gente participasse de uma oficina em 17 de julho de 2017, com a professora Patrícia, sobre o SPSS, objeto desconhecido por mim até então. Conheci, aprendi, mas exige que a gente o utilize para não esquecer a forma de funcionamento. Um campo ainda não habitado por mim, de dados quantitativos para a pesquisa. Estudamos muito ao longo desse tempo, a cada semana debatíamos um texto, escolhido por nós ou sugerido pelo Coordenador.

Ainda em 2017, elaboramos um projeto para concorrer ao Edital Prograd 003/2018 Programa Institucional de Graduação Assistida – PROSSIGA Subprograma Observação da Vida Estudantil – PROOVE, com o título: “Evasão, retenção e permanência na UFU: inclusão social e direito à educação”. Até aqui, o Grupo estudava e a partir daqui tivemos que executar um Projeto elaborado por nós, em um tempo institucional. Sabemos que foi exigente, mas depois que passa, identificamos essa experiência eivada de inúmeras aprendizagens. Tenho muito orgulho desse trabalho que desenvolvemos coletivamente. Era objetivo do Projeto:

Esta pesquisa objetiva caracterizar, analisar e interpretar os fenômenos de evasão e retenção na UFU, dando tratamento aos dados oficiais disponíveis, especialmente nos cursos de Ciências Humanas, evidenciando suas implicações na inclusão social e no direito à educação, bem como indicar possíveis políticas de redução de seus indicadores. Usaremos para tanto o intervalo temporal compreendido entre os anos de 2015 a 2017.

Ressalte-se que concorreremos para a área de Humanas e, como não houve concorrência para a área de Ciências Biomédicas, foi oferecido ao nosso Grupo assumir também essa área. Aceitamos e assim fizemos. Fizeram parte da equipe OPP:

FIGURA 95 - Equipe do Projeto Prossiga - PROOVE

## COORDENAÇÃO GERAL

Leonardo Barbosa e Silva

## EQUIPE EXECUTORA

Ana Carolina Silva Santana	Bolsista do curso de Ciências Sociais
Camila Lima Coimbra	Docente da Faculdade de Educação
Daniela de Melo Crosara	Docente da Faculdade de Direito
Elora Pereira Martins	Bolsista do curso de Ciências Sociais
Francielle Amâncio Pereira	Docente do Instituto de Biologia
Gabriella Mobarak Gardin Ferreira	Bolsista do curso de Pedagogia
Jhonatan Soares Andrade	Bolsista do curso de Ciências Sociais
Julia Mariana Pereira Nascimento	Bolsista do curso de Estatística
Lais Martins Bernardes	Bolsista do curso de Artes Visuais
Leonardo Barbosa e Silva	Docente do Instituto de Ciências Sociais
Maria de Fátima Oliveira	Assistente Social aposentada
Natália Cristina Dreossi Costa	Bolsista do curso de Ciências Sociais
Sérgio Inácio Nunes	Docente da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia
Vitorino Alves da Silva	Docente do Instituto de Economia e Relações Internacionais

Fonte: Arquivo da Autora

Em resumo, o Relatório da pesquisa, entregue à Prograd, diz:

O Relatório foi elaborado a partir de cinco unidades de sentido: Revisão bibliográfica da evasão, retenção e “sucesso” acadêmico, Relatório do Banco de Dados, Análise dos Dados, Cadernos de Proposições e Glossário. A análise dos dados realizada por meio de estatísticas descritivas, através de frequências simples e cruzamentos entre variáveis, e análise multivariada, por meio da construção dendrogramas que possibilitou aproximar cursos com perfis de evasão e retenção semelhantes.

A partir dos dados disponibilizados pela Prograd ao Grupo, tivemos condições de realizar essa análise e, ao mesmo tempo, o diálogo com os referenciais teóricos em que acreditamos e que sustentam as nossas análises. Trabalhar com duas categorias de análise: evasão e retenção foi um grande desafio, pois cada uma delas requer atenção e olhares distintos. Aprendemos muito sobre a UFU, sobre a evasão e a retenção e chegamos a alguns pontos que considero fundamentais para a gestão de uma universidade pública observar:

1. Em relação aos resultados inicialmente pode-se dizer que o banco de dados disponível para a realização deste estudo possui obstáculos severos para a definição precisa dos perfis de evasão e retenção na UFU.
2. Verificou-se a urgência de promover a revisão das definições e mensuradores dos fenômenos em tela, bem como de um acompanhamento da gestão da universidade de forma integrada e permanente.
3. A evasão e a retenção são dois fenômenos que precisam ser incorporados institucionalmente em uma pauta ininterrupta de articulação e enfrentamento das questões que implicam diretamente nos processos de ensino e aprendizagem dos/as estudantes nos Cursos de Graduação.
4. Tamanha complexidade revelada requer uma atuação de forma intensa e rigorosa, com princípios e métodos que devem nortear as ações de uma política pública desta dimensão.

Nosso Relatório termina com um caderno de proposições, pois não bastava, para nós, apenas “denunciar”, mas também anunciar. Foram 34 ações propositivas, das quais destaco algumas a seguir.

- a) Aperfeiçoamento do banco de dados da UFU. “Elaborar uma política pública exige, antes de tudo, o diagnóstico do problema. Fazê-lo implica descobrir seu contexto (ambiente em que ocorre), amplitude (quantas pessoas atingidas), intensidade (como são atingidas) e tendência (a previsão de como deve se comportar no futuro) (SECCHI, 2016a)”.
- b) Criação de uma comissão permanente com perfil técnico, lotada na PROGRAD, com habilidades no campo do manejo de banco de dados, análises estatísticas, com reflexão sobre políticas públicas para o ensino superior brasileiro, evasão, retenção e sucesso acadêmico.
- c) Atenção especial para o público com os seguintes marcadores sociais: com 25 anos ou mais, indígena, não coberto por políticas de assistência estudantil, não participante de atividades acadêmicas, de cursos de licenciatura, não retidos e muito atrasado. Estes marcadores apresentaram um comportamento evasivo 297 relativamente maior e conduz à percepção de que ações pontuais podem ser desenvolvidas.
- d) Os dados nos mostram que a faixa de reprovações que mais está associada à evasão é a de 6 a 10 durante todo o curso. Ela não representa a faixa com maior número de reprovações. Aliás, como o relatório comprovou, há um contingente volumoso que se evade sem reprovações ou na faixa mais baixa. Logo, os dados apontam que as reprovações podem não ser o indicador a balizar as políticas de enfrentamento da evasão.
- e) Ampliação da cobertura das políticas de permanência e a ampliação das oportunidades acadêmicas, com ou sem bolsa. A justificativa para esta proposição encontra-se no fato de que a assistência estudantil e as oportunidades acadêmicas mostraram-se fortemente associadas a volumes mínimos de evasão.
- f) Acompanhamento dos estudantes com integralização em atraso no curso. Os dados são muito claros quanto ao perfil predominante de integralização atrasada e evasão. Note-se, este atraso ocorre ainda antes da retenção. Aliás, a maior parte dos evadidos sai da universidade antes de se encontrar em retenção. Portanto, a política de enfrentamento da evasão deve se atentar para o período mínimo de integralização indicado pelo PPC, antecipando a ação sobre estudantes que se encontram em atraso com o cumprimento de créditos.
- g) Atenção destacada à evasão nos cursos de Ciências Humanas, uma vez que os indicadores para os cursos desta área são normal e levemente superiores aos dos cursos de Biomédicas, o que deve indicar a necessidade de algum nível de cuidado especial.

Esses são alguns dos elementos que compõem o caderno de proposições e que considero elementos que a UFU tem, se quiser, para enfrentar os fenômenos da evasão e da retenção. Infelizmente não identifico a continuidade desse trabalho que se encerrou em julho de 2019, com a entrega do Relatório e posterior apresentação do trabalho à Prograd.

**Horas antigas.** As confraternizações no OPP foram momentos importantes para nossa convivência, aproximação, respeito e admiração. Nem só de pesquisa vivemos.

Outra ação importante do OPP, ao longo dessa caminhada, foi a produção de Boletins. Foram 3 Boletins produzidos em 2017 e 1 em 2018, com as temáticas: O PNAES e os impactos financeiros do ajuste fiscal; Racismo institucional; A UFU aos olhos do censo da Educação Superior; Retenção na educação superior: repensando conceitos.

FIGURA 96 – Imagens dos Boletins do OPP



Fonte: Arquivo da Autora

Várias pessoas foram convidadas a participar de nossos encontros, com o objetivo de trocar e compartilhar estudos e pesquisas. Essa ação denominamos como Ciclo de Debates e fez com que estivéssemos isolados mas ainda juntos/as em 2020.

Em 13 de julho de 2020, tivemos com César da Ros (Fonaprace) e Margarida Salomão um debate sobre Assistência Estudantil. Nesse mesmo dia, lançamos o livro: *Assistência Estudantil em debate: análise dos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional brasileiro*, organizado pelo Leonardo Barbosa e Silva e Daniela Crosara Melo.

FIGURA 97 – Divulgação do Livro do OPP



Fonte: <https://www.instagram.com/opp.ufu/>

Nesse livro, fiz o prefácio. Conversei com Bartolomeu Campos de Queirós, que em seu livro *Correspondência* diz sobre as palavras que sabem muito mais longe e precisam ser acordadas e sobre as palavras que precisam dormir, pois revelam a nossa desigualdade, opressão, violência, dentre outras. Nesse jogo de brincar com as palavras, resgato os direitos humanos como categoria universal para a análise que o livro apresenta sobre a Assistência Estudantil. Assim vivo, assim vivencio e assim atuo no OPP, como um grupo que defende os direitos humanos como uma categoria ética para a existência humana.

Este livro, em minha análise, como participante do OPP/UFU, é um marco em nossa observação, diagnóstico e acompanhamento dos Projetos de Lei que anunciam o campo da Assistência Estudantil em diversas perspectivas. Desvelar estas concepções e práticas embutidas em cada um destes Projetos foi o grande desafio deste Grupo. Já na Introdução, a ideia da Assistência como direito constitucional aparece. Por isso as palavras escolhidas para prefaciar este Livro: liberdade, direito e democracia. (COIMBRA, 2020e)

Em 29 de setembro de 2020, estivemos com Celi Taffarel (UFBA), para debater o “Materialismo histórico dialético aplicado à pesquisa em educação”. “O debate foi importante para o resgate de categorias que dão sustentação ao OPP/UFU, tais como: historicidade, identidade cultural, práxis, realidade social e a própria função social da pesquisa.” Dizia o nosso post no Instagram. No dia 2 de outubro, com Paulo Lima Júnior (UnB), para o debate

sobre “Metodologia para estudo da trajetória de estudantes na educação superior”. Em 14 de outubro, recebemos José Silva Santos Júnior (UFGD) para conversarmos sobre “A gestão da evasão nas políticas educacionais brasileiras”. Em 15 de outubro, o Luiz Bertolucci Júnior (CEPES/UFU) para conversarmos sobre “Estudos demográficos e sua aplicação às pesquisas educacionais”. No dia 20 de outubro, Valdemar Sguissardi (UFSCar). O diálogo com ele foi sobre “Os desafios da educação superior”. No dia 10 de novembro, estivemos com Roberto Leher (UFRJ) para debatermos sobre “A educação superior brasileira e suas congêneres latino-americanas”. E para finalizar o Ciclo de Debates do ano, recebemos Gabriela Schneider (UFPR) para dialogarmos sobre “O uso do Censo da Educação Superior para pesquisas acadêmicas”.

FIGURA 97 – Cartazes do Ciclo de Debates do OPP



Fonte: <https://www.instagram.com/opp.ufu/>

Em 2021, andamos mais devagar com as pernas... Fizemos o Ciclo de Debates e passamos nossas reuniões para quinzenais. A pandemia trouxe várias consequências e precisamos, em 2021, andar mais devagar. No dia 22 de abril de 2021, nosso primeiro convidado deste novo ciclo foi o professor João Teixeira Lopes, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/Instituto de Sociologia, para o debate sobre a “Democratização da educação superior portuguesa e metodologias de pesquisa.” No dia 2 de maio, recebemos Uallace Moreira (UFBA) e Elias Jabbour (UERJ) para o debate sobre “Desenvolvimento Nacional e o papel da Educação Superior em perspectiva comparada – Brasil, Coreia do Sul e China”.

FIGURA 98 – Cartazes do Ciclo de Debates do OPP (2021)



Fonte: <https://www.instagram.com/opp.ufu/>

Para além desses encontros, de nossos estudos, o OPP também tem uma dinâmica de posicionamentos no interior da UFU que me faz sentir muito orgulho em estar junto desse Grupo. Cito alguns desses documentos produzidos por nós.

- a) Posicionamento do Observatório de Políticas Públicas - OPP/UFU diante do não adiamento do cronograma do ENEM pelo Ministério da Educação (MEC) – 2020.

- b) Posicionamento do Observatório de Políticas Públicas - OPP/UFU diante do financiamento do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC) para Iniciação Científica priorizando algumas áreas de tecnologia.
- c) Posicionamento do Observatório de Políticas Públicas - OPP/UFU diante do debate sobre ensino remoto na UFU e a Universidade frente à pandemia da COVID-19.
- d) Posicionamento do Observatório de Políticas Públicas - OPP/UFU sobre a criação do Núcleo de Apoio e Atenção ao Estudante (NAAES) no âmbito da Universidade Federal de Uberlândia.

Todos esses posicionamentos são provocadores de reflexão pela comunidade universitária e esperamos, com isso, também abrigar a ideia de um Grupo de Pesquisa crítico que investiga e que atua na Universidade, buscando dar a nossa contribuição para que esse espaço seja inclusivo, democrático, diverso e que atenda às finalidades da educação superior.

Junto com Leonardo e Natália, fizemos um artigo sobre a evasão, fenômeno que passou a abrigar minhas indagações/curiosidades sobre as características dos cursos de licenciaturas, mais especificamente, lugar em que atuo e que acredito ser importante para a educação brasileira: a formação de professores/as. Cada um que está no OPP tem uma área de pesquisa diferente, mas nos encontramos no objeto universidade e suas políticas que interferem sobremaneira em qualquer dos demais objetos de estudo que possamos ter. Assim, o OPP torna-se ampliador de áreas e de uma atuação, como professora, mais segura das concepções e práticas com as quais comprometo-me, ao defender a educação pública.

No artigo, além de um adensamento teórico sobre a definição de evasão, chegamos ao final arriscando uma sugestão para a reflexão sobre o tema, criando categorias do termo evasão: por exclusão, para inserção ou por externalidades. Como o conceito abriga tudo, fica difícil perceber onde (o setor que) requer uma ação institucional ou uma política pública mais abrangente. Claro que nossa ousadia ainda deve ser alvo de muito debate que esperamos provocar em relação ao tema. (COIMBRA; COSTA; SILVA, 2021, p. 14)

Ao longo desse tempo, fomos inserindo o OPP nas redes sociais. É um Grupo de Pesquisa que tem os seguintes canais de troca: [https://twitter.com/opp\\_ufu](https://twitter.com/opp_ufu)  
<https://www.youtube.com/channel/UC130KG4tDCRkBvQd9WxV9jw>  
[https://web.facebook.com/opp.ufu?rdc=1&rd\\_rdr](https://web.facebook.com/opp.ufu?rdc=1&rd_rdr) <https://www.instagram.com/opp.ufu/>

Para concluir essa experiência coletiva de pesquisar, conviver e defender uma universidade pública, nos princípios democráticos, constitucionais, em uma lógica dos direitos humanos, o OPP também teve momentos de reflexão sobre a sua função, seus objetivos e princípios. Assim, elaboramos nosso Regimento Interno e, para além disso, eu e Fafá (Maria de Fátima Oliveira) fizemos uma proposta de construir um Memorial do OPP. “Para que tenhamos história e que essa história nos ajude a repensar os passos. Em nossas palavras, o Memorial serviria para registrar a trajetória do OPP. A proposta é que façamos este inventário de 5 em 5 anos para que possamos ter uma descrição minuciosa de todo o processo/trajetória percorrida pelo grupo de pesquisa OPP/UFU.”

No OPP eu encontrei pessoas que defendem a mesma Universidade pública, gratuita, laica, inclusiva, democrática, que reconheça os direitos sociais que nelas devem ser evidenciados. Ainda temos muito que acertar, pois em uma estrutura individualizada como está a pós-graduação, fazer pesquisa coletiva, em grupo, é sempre desafiador. Defendemos um mesmo referencial para a pesquisa: a sua função social. Isso nos une. Aprendi sobre o planejamento

e a avaliação de políticas públicas nesses anos de OPP. Leituras que não tinha. Leituras de mundo ampliadas com o olhar do outro.

Pessoas que estão junto.

Ana Carolina Silva Santana

Camila Lima Coimbra

Daniela de Melo Crosara

Elora Pereira Martins

Francielle Amâncio Pereira

Gabriella Mobarak Gardin Ferreira

Jhonatan Soares Andrade

Jullia Mariana Pereira Nascimento

Laís Martins Bernardes

Leonardo Barbosa e Silva

Maria de Fátima Oliveira

Natália Cristina Dreossi Costa

Sérgio Inácio Nunes

Vitorino Alves da Silva

### Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais

Então, eu acho que há o ponto o qual o pesquisador deveria ter explanado, é que se todo tipo de pesquisa tem algo a ver com a educação, a metodologia é participação faz com que o pesquisador use atividades educacionais, ao mesmo tempo, esse tipo de aproximação acaba sendo também que todo tipo de atividade educacional é também pesquisa. (Verbete: Pesquisa, Paulo Freire)

Tive a honra, o privilégio e a alegria de cursar o doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como já descrevi. Imagine a alegria de uma estudante curiosa, que sempre havia estudado na Universidade Federal de Uberlândia (graduação, especialização e mestrado), ter a oportunidade e a condição de conhecer outros/as professores/as, muitos deles/as autores/as com quem eu tive a oportunidade de conviver. Foi mesmo um sonho!

FIGURA 99 – Foto do Grupo de Pesquisa em 2016



Fonte: Arquivo da Autora

Quando a Mere assume a orientação, ela já nos coloca em seu Grupo de Pesquisa, denominado: Currículo: questões atuais. Desde 2004 começo a participar de forma tímida, pois ainda não sabia como fazer um trabalho de pesquisa que fizesse jus ao meu papel como pesquisadora. Minha experiência com o mestrado foi muito traumática. Não gosto nem de ver a minha dissertação (quem dirá ler!), mas penso que faz parte de um trajeto que temos que vivenciar. Considero importante registrar isso, pois sei que muitas pessoas passam pelo que eu passei e desistem. Conto a história para todos/as, que eu já estava trabalhando na Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão, e com tanto sofrimento que o Mestrado estava me causando (em síntese eu e minha orientadora não chegávamos a um acordo em relação ao problema, à forma de escrita, enfim, meu projeto transformou-se por completo do que eu queria para o que foi possível), um dia decidi mesmo que ia desistir. Já trabalhava como professora. Já morava sozinha, mas achava que tinha que contar ao meu pai a minha decisão. Ensaiei e fui ao escritório dele contar:

– Pai, estou sofrendo muito, adoecida do tanto que está difícil fazer o mestrado. Estou pensando mesmo em desistir.

Meu pai olhou para mim, na maior tranquilidade, e disse:

– Desiste mesmo, minha filha, para que fazer uma coisa que te faz sofrer?

Achei aquela resposta dele muito simples. Achei que ele iria me convencer a terminar, a concluir. E ele simplificou de tal forma a minha dor que o efeito foi contrário. Saí dali pensando: mas se para o meu pai foi tão fácil dizer para eu desistir, eu vou terminar. E dali em diante, decidi que não iria mais fazer o mestrado que eu queria, mas aquele que, com as

condições e a situação que eu enfrentava, era possível. Concluí no ano 2000 e só fui pensar em doutorado em 2003, três anos depois.

Queria fazer o doutorado na PUC-SP, pois queria estar na Instituição em que Paulo Freire habitou. Esse era meu sonho. Conviver com as pessoas. Chegar mais perto do Instituto Paulo Freire. Enfim, conhecer, estudar, pesquisar e conviver no espaço em que Paulo Freire habitou.

Minha orientadora foi um exemplo de humanidade, acolhimento, amorosidade. Aprendi a ser e a fazer pesquisa com a Mere. A forma como ela vai nos envolvendo, tanto na sala de aula quanto com o grupo de orientandos/as dela, fica na gente para a vida inteira. Durante meu tempo ainda matriculada no Doutorado, frequentava o Grupo de Pesquisa para aprender. Olhava aquelas pessoas e pensava: um dia eu serei como elas. Foram referências importantes e, além disso, foram companheiras e companheiros importantes numa jornada muito solitária. Mere fazia isso conosco, colocava a gente de mãos dadas.

Abramowicz e Stano(2007, p. 3)

Participar deste grupo de pesquisas representa, para todos os seus integrantes, uma oportunidade não apenas de realizar uma pesquisa coletivamente, mas de aprender a fazer pesquisa ou aprofundar-se em seus procedimentos. Cabe aqui destacar que a temática do grupo independe dos problemas de pesquisa individuais dos mestrandos ou doutorandos. Entretanto, o diálogo entre as temáticas individuais e a do grupo é enriquecedor para ambas as partes, já que elas giram, indiscutivelmente, em torno do Currículo.

Assim, o tema central é o currículo. Aprendemos, debatemos, construímos repertório para nossa compreensão teórico-metodológica sobre currículo. E as autoras ainda continuam:

O trabalho do grupo apoia-se numa metodologia participativa e dialógica. Assim, enquanto o grupo se constitui, a cada encontro, como grupo de pesquisa, cada um dos integrantes constrói sua própria identidade de pesquisador. Todas as etapas das pesquisas se definem durante os encontros presenciais do grupo, que ocorrem mensalmente, e desdobram-se em ações individuais ou de subgrupos, muitas vezes de forma virtual (através de e-mail ou do “blog” do grupo, que apresentaremos adiante), entre um encontro e outro. Isso quer dizer que tanto as temáticas quanto os procedimentos de pesquisa emergem do próprio fazer do grupo. E é esse exercício de definir um problema de pesquisa coletivamente, construir os procedimentos e instrumentos, recolher, organizar e analisar dados e elaborar relatórios, que constitui a riqueza do trabalho de pesquisa coletivo. (ABRAMOWICZ; STANO, 2007, p. 4)

Depois que defendi, comecei a frequentar o Grupo de Pesquisa por opção e decisão política. Não tive, durante toda a minha permanência no Grupo, nenhum recurso institucional que contribuísse com as viagens ou hospedagem em São Paulo. Queria fazer parte daquele coletivo. Comecei a vivenciar, mensalmente, a constituição de um grupo de pesquisa, desde o delineamento do problema, objetivos, projeto, coleta de dados e escrita. Um movimento coreográfico, como bem definiu Stano (2007), em um depoimento no artigo citado acima, quando conclui: “E assim, aprende-se a fazer pesquisa, inquirir a realidade educacional a partir de uma coreografia que não se esgota e não encerra em si mesma, pois assume os contornos

do entrelaçamento entre sujeitos da pesquisa e objeto de estudo” (ABRAMOWICZ; STANO, 2007, p. 13).

FIGURA 100 – Foto do Grupo de Pesquisa na casa da Mere



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse movimento, o Grupo de Pesquisa foi criando laços afetivos e acadêmicos que construíram princípios importantes para nossa trajetória. Nosso objetivo nunca foi a lógica produtivista implementada na pós-graduação. Era um desejo nosso fazer pesquisa, investigar e registrar nossos achados. Nessa lógica, identificamos como importante criarmos uma série, para publicar nossas pesquisas. Fizemos a proposta para a Editora CRV que prontamente aceitou o desafio. Em 2010, na apresentação do Volume 1 da Série Currículo: questões atuais, Abramowicz (2010) afirma que em 2006 iniciaram um projeto de pesquisa denominado “Avaliação dos cenários das Instituições de Ensino Superior”, a partir da Reforma Universitária Brasileira. Já em 2009, iniciamos, de acordo com Abramowicz (2010), “uma nova vertente desse projeto denominada ‘Perspectivas curriculares e avaliação nas IES a partir da reforma universitária: acompanhamento do processo e debates’ entrevistando coordenadores e gestores dos cursos”. E afirma ainda: “os três primeiros livros produzidos pelos Grupo de Pesquisa constituem as primeiras publicações conjuntas destes pesquisadores como resultado de anos de dedicação, rigor teórico e metodológico e verdadeira paixão pelo exercício da pesquisa e da escrita.”

FIGURA 101 – Capas dos três primeiros livros do Grupo de Pesquisa



Fonte: Arquivo da Autora

Como já explicitado, o primeiro volume tratou de um projeto iniciado em 2006. Como nosso Grupo sempre teve pessoas de quase todos os estados brasileiros, os instrumentos aplicados davam conta de termos uma mostra interessante das pesquisas. Neste caso, especificamente, analisou-se a reforma do ensino superior, a partir da implantação do SINAES (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior). Participaram dessa pesquisa, 18 gestores de 11 IES.

Coube a mim e à Moniz analisarmos a pergunta que dizia respeito às aprendizagens das IES com as avaliações internas. Uma das contradições identificadas por nós, nessa análise, foi que “o processo de avaliação instigou a participação, porém, os espaços e tempos coletivos nas IES são quase inexistentes. (COIMBRA e MONIZ, 2010, p. 96) Ao identificar a contradição, inerente à realidade, também concluímos a análise no artigo com perguntas: “Qual a possibilidade dessas aprendizagens constituírem novas posturas institucionais?”

No volume 2 da Série, Gonçalves(2010) abre o primeiro capítulo com a compreensão de sermos um grupo de pesquisa freireano.

Somos todos educadores-pesquisadores: esse é o eixo vertebrador do grupo, para o qual convergem diferentes temáticas e óticas. Nele, a educação é vista como possibilidade. A inter-relação, e não a correspondência, entre objetos de pesquisa de cada um e objeto de pesquisa do grupo, pesquisador e orientador, ligados à mesma linha de pesquisa se constituem no tecido curricular das discussões do grupo que se realizam, mensalmente, em uma das salas da PUCSP. O sentido do caminhar juntos é dado pelas motivações e desejos pessoais e institucionais, impulsionadores do processo de aprendizagem dos seus componentes. (GONÇALVES, 2010, p. 13)

E continua:

A concepção de relação dialógica na horizontalidade, que rompe com a verticalidade e hierarquização, o entendimento da relação pesquisador-pesquisado como unidade dialética sujeito-objeto e o “Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto” (FREIRE, 2004, p.41) dão ao grupo de pesquisa e pesquisado o movimento e o ritmo que marcam o seu processo de produção de conhecimento que se legitima nas reflexões coletivas concretizadas nos diálogos realizados nos seus encontros regulares. (GONÇALVES, 2010, p. 14)

Nesse volume dois, aventurei-me a escrever um artigo sobre aquilo que vivenciava na construção de um currículo, no Curso de Pedagogia, em minha primeira experiência como professora na Universidade Federal de Uberlândia, no Campus do Pontal, em Ituiutaba, no ano de 2006. Um texto-depoimento-reflexão da pesquisadora Camila acerca da construção de currículo na formação de professores/as e o lugar da avaliação neste processo, mostrando que o Grupo de Pesquisa movimenta-se na articulação permanente de prática-teoria-prática. Intitulei depoimento reflexivo, pois estava, naquela época, ainda construindo coletivamente as ideias principais. Mas a práxis sempre como uma curiosidade-parte de minha trajetória.

Do volume 3 não participei, pois o objeto do mesmo dizia respeito à Reforma universitária: sinais do Sinaes, como está no título, e tratou de um contexto histórico das Universidades Brasileiras até a chegada dos Sinaes. Stano (2010) conclui:

Por falta de Políticas Públicas de Educação articuladas e coerentes, as partes desconfiguram a possibilidade de um discurso e de um saber-fazer oriundos das condições reais das Instituições de Ensino Superior do Brasil. Atalhos que podem levar a um arranjo de Universidade remendada e pouco articulada às necessidades urgentes do País. (STANO, 2010, p. 139.)

Fiz questão de trazer fragmentos dessas publicações para que possamos identificar, no Grupo de Pesquisa freireano, uma coreografia no campo das teorias críticas, buscando uma denúncia

a partir dos dados que analisamos nas IES investigadas. Essa é a busca contínua e permanente desse Grupo, a denúncia, para que possamos anunciar uma análise crítica da realidade.

Nesses três volumes, identificamos como o termo “qualidade” da educação aparecia nos dados analisados sobre a reforma universitária, especialmente na implantação do Sinaes. Frente a isso, o Grupo definiu por produzir um volume, o quarto, com autores que definem e que concebem a “qualidade” no campo das teorias críticas de currículo.

Os autores escolhidos para colhemos e analisarmos suas concepções de qualidade da educação foram: Michael Apple, Henry Giroux, Pedro Demo, Licínio Lima, Maria Malta Campos, Paulo Freire, Gimeno J Sacristán, A.I. Pérez Gómez e Antonio Nóvoa. Além da análise realizada, abrimos o livro com uma reflexão acerca dos possíveis conceitos de Qualidade da Educação inseridos nos documentos oficiais do Mec, por meio de seus indicadores. E, como fechamento provisório, encerramos com um capítulo que teve como foco de estudo a identificação e análise dos conceitos de qualidade da Educação inseridos nos documentos da mídia impressa brasileira. (ABRAMOWICZ, 2011, p. 9)

FIGURA 102 – Capa do quarto livro do Grupo de Pesquisa



Fonte: Arquivo da Autora

Nos volumes 4, 5 e 6, começo a contribuir com a organização dos livros e também com os artigos em seu interior. Já me sentia envolvida e em condições de escrever junto com o Grupo. Fazer parte desse coletivo foi muito importante. É de onde brotam as nossas sustentações epistemológicas, metodológicas e humanas. Participar desse Grupo de Pesquisa com essas pessoas fez parte importante de mim, de minhas crenças, de minhas convicções e de meu papel como pesquisadora. Sem vaidades. Sem arrogância. Tive a oportunidade de viver ali a contradição de uma crítica que sempre ouvi e li sobre a pós-graduação. De acordo com Paula (2010), “parafraseando Dilvo Ristoff, poderíamos dizer que coexistem, hoje, nas universidades federais, a universidade do MEC, ou seja, a universidade da graduação e a universidade da CAPES e do CNPq”. Concordamos com a autora quando diz que

As hierarquias, dicotomias, assimetrias e relações de poder existentes na universidade, entre graduação e pós-graduação, ensino, pesquisa e extensão, professores e pesquisadores, entre outras, são fatores que também dificultam a inclusão e a permanência dos estudantes na universidade, assim como a democratização do conhecimento científico em direção à sociedade. (PAULA, 2010, p. 22)

Nessa perspectiva, o Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais, com sua diversidade e princípios, compreende e defende a articulação da graduação com a pós-graduação, concordando com a perspectiva da autora:

Democracia se faz na prática e não no discurso. Portanto, é preciso construirmos cotidianamente espaços abertos e democráticos na universidade, tendo como parâmetros o respeito pelo outro, a solidariedade no trabalho e um espírito de coletividade acima dos interesses pessoais e individuais de cada um. Isto é o que se entende aqui por democracia, que se constrói com a participação de todos os segmentos e atores envolvidos no processo educacional. (PAULA, 2010, p. 22)

Ancorada nesse princípio que faz parte de minha existência no mundo adulto, a democracia parece ser a condição de um Grupo de Pesquisa freireano, na perspectiva de contribuir para as transformações necessárias, tanto institucionalmente quanto socialmente. Aventurei-me, com Eliana de Oliveira, a escrever sobre a qualidade da educação em Freire. Sem a pretensão de esgotar esse assunto, assumimos:

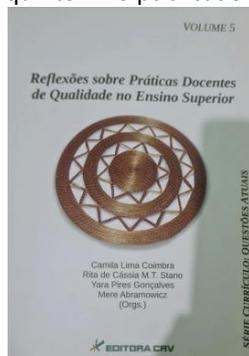
Qualidade, assim, significa numa perspectiva freireana de educação: politicidade, ética, democracia, diálogo, com princípios e práticas que assegurem a dignidade humana, a liberdade e a justiça social. Pensar em qualidade da educação, desse modo, significa estabelecer como parâmetros ou indicadores: o pressuposto político da educação (A favor de quem? Contra quem?), a ética das relações (Como? Quais valores?), a democracia (Com quem?) e o diálogo (Para que?). Para a compreensão desses princípios ou como denominamos agora de parâmetros para a qualidade na educação em Freire, torna-se essencial compreender o movimento em que gravitam. Não há uma ordem e nem sequência necessárias para análise e interpretação da qualidade na educação. São complementares, indissociáveis, articulados, gravitam e circulam em torno do conceito freireano de educação. Esse conceito não é abstrato, para Freire, implica na concretude de uma ação, uma opção a favor de quem luta, implica em um compromisso social assumido em busca de uma sociedade menos excludente e mais humanizada. Esse é o conceito concreto de qualidade na educação freireano, pois se realiza na práxis humana, na potencialidade humana de pensar e agir na e com a realidade. (COIMBRA; OLIVEIRA, 2011, p. 83)

Essa ideia da indissociabilidade entre os princípios e a ação, dessa busca permanente de uma coerência entre o que pensamos e o que fazemos, faz parte de nossa existência como Grupo. A práxis também aparece aqui como uma categoria constituinte do ser humano. E assim surge, no volume 5, a necessidade de refletir sobre as práticas docentes de qualidade no Ensino Superior.

[...] após pesquisas e reflexões acerca das políticas públicas para o ensino superior que tem relação direta com o currículo, o grupo de pesquisadores da PUC de SP focou seus esforços reflexivos e indagatórios na questão das atividades docentes em Educação. [...] A partir de um quadro teórico delineado pelo estudo anterior, os pesquisadores sentiram-se mais preparados para indagar aos professores universitários acerca do que pensam ser uma prática docente de qualidade. Por meio de questionários e, a posteriori, de entrevistas semi-estruturadas, o grupo exercitou-se na construção de um diálogo entre os autores anteriormente estudados e os

docentes que cotidianamente buscam impingir qualidade às suas ações. O resultado dessa dialogicidade teórico-prática encontra-se nestas páginas, em que os capítulos se articulam e conferem movimento à pesquisa que se empreendeu. (ABRAMOWICZ, 2013, p. 5)

FIGURA 103 – Capa do quinto livro publicado pelo Grupo de Pesquisa



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse sentido, no quinto volume, escrevi, com Lourdinha e Rita, uma reflexão sobre as entrevistas, mais especificamente sobre “Os silêncios e cadências das entrevistas efetuadas: os ditos nos não-ditos”, título que anuncia .....?

Assim, as entrevistas, mais que instrumentos de pesquisa, representaram a oportunidade de estabelecer uma dialogicidade entre entrevistado-entrevistador acerca da educação que se faz (prática) e a educação que se deseja (teorias). É a entrevista como meio de objetivar o fazer-docente, num movimento de reflexão-ação-reflexão em que o outro(colega de profissão) e sua prática assumem uma dimensão de referência no estabelecimento de situações exemplificadoras de práticas de qualidade.

Assumir a avaliação como meio de acompanhar e refletir a própria prática é um indício de que a consciência crítica dos professores acerca de seu saber-fazer pedagógico pode contribuir para efetivação e visibilidade de ações docentes marcadas por um caráter de “qualidade em educação” que se faz. Processos de avaliação, pois como a interseção necessária entre cotidiano-não-cotidiano no espaço universitário, em que os professores, como sujeitos do processo educativo, transformam em intencionalidade a ação docente compartilhada, dialogada, ressignificada. (COIMBRA; STANO; POSSANI, 2013b, p. 31)

Nenhuma dessas pesquisas realizadas pelo Grupo apresenta-se como verdade absolutizada; pelo contrário, refletem um conhecimento produzido em determinado contexto, com sujeitos históricos que nos ajudam a compreender o nosso objeto de pesquisa que, a cada tempo, foi sendo organizado para atender as necessidades e interesses do Grupo, bem como as demandas da realidade.

Por fim, o sexto volume que encerra a Série Currículo: questões atuais.

Este volume nasce de uma inquietação e de uma insuficiência de reflexões sobre um tema que sabemos ser relevante e que não tinha sido discutido em nossa série, qual seja o privilegiamento dos bacharéis que trabalham no ensino superior e que não tiveram a sua formação pedagógica contemplada em seu percurso docente. (ABRAMOWICZ, 2015, p. 8)

Nessa pesquisa,

Totalizamos 26 entrevistas junto a professores de instituições públicas (8) e privadas (18), dos cursos de Administração, Ciências Contábeis, Direito, Economia, Teologia, Engenharia de Produção, Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Letras (bacharelado), Ciências Sociais, Tecnologia em Gestão Financeira, Tecnologia em Marketing, dos estados de São Paulo, Minas Gerais e Bahia. (GONÇALVES, 2015, p. 21)

Nesse momento do Grupo de Pesquisa, estava com a Clarice ainda bebê (nasceu em 01/04/2013) e não pude me envolver com a pesquisa, por isso fiquei, junto com Helena, com a discussão dos marcos legais de nosso objeto de estudo. O artigo que abre o livro finaliza anunciando:

A ideia não poderia ser chegar a qualquer consideração ou conclusão final, mas sim a mais perguntas. O tema polêmico não pretende ser esgotado pelo Grupo de Pesquisa, mas a intenção é desvelar questões que parecem “um campo minado” no interior das universidades.

A intenção é que o lugar das incertezas fosse demarcado por esse capítulo que traduz o traçado de um perfil profissional não delimitado: o ser professor no ensino universitário sem formação pedagógica. Lugar e origem de muitos saberes constituídos, porém desconhecidos. Espaço e momento de ousadias e experimentações. Processo. Movimento. Construção. Parte dessa história que a partir de agora será contada pelos próprios sujeitos. (COIMBRA; FELÍCIO, 2015b, p. 40)

FIGURA 104 – Capa do sexto livro publicado pelo Grupo de Pesquisa



Fonte: Arquivo da Autora

Fizemos, dessa forma, um capítulo introdutório com as contradições de um país que exige formação para professores/as da Educação Básica e dispensa formação para os/as professores/as da Educação Superior. Sabemos que a docência universitária agrega dimensões que a caracterizam, mas não deixa de ser a profissão de professor/a. De lá até cá, fica a pergunta: a quem interessa a permanência dessa incoerência no sistema educacional brasileiro?

Ao finalizar esse volume 6, vários outros problemas foram surgindo. Chegamos a eleger a temática da formação de professores/as que teve, em 2015, a Resolução CNE/CP nº2/2015 aprovada. Quais desafios e perspectivas os/as professores/as avistavam, frente à nova configuração? Assim, foi delineado como foco o estudo dos documentos oficiais de 2015/2016

sobre as propostas de formação de professores/as, a partir dos eixos epistemológicos, curriculares, socioculturais e políticos.

Também um parêntese aqui faz-se necessário. Em toda reunião do Grupo elegia-se um/a responsável por fazer a memória da reunião. Cada memória linda. Quem não ia ficava com vontade de ter estado lá. Segue um exemplo da memória do dia 29 de fevereiro de 2016. “Fomos almoçar juntas e depois caímos no ‘madame brigadeiro’. Sabores, amores, afetividades, tudo ao mesmo tempo e deliciosamente sentido por todas nós. Que tenhamos muitos outros tantos encontros que articulem rigorosidade e amorosidade, em um jeitinho bem freireano de viver e pensar a pesquisa em educação com a alma, coração e mente de nossa querida professora Mere.”

FIGURA 105 – Foto do Grupo de Pesquisa na PUC/SP



Fonte: Arquivo da Autora

Esse Grupo de Pesquisa me ensinou a pesquisar, no sentido de buscar a nossa curiosidade e de articulá-la a uma realidade concreta, que faz parte de nossa práxis, de nosso comprometimento com a transformação da nossa sociedade. Aprendi a ousar na escrita, apesar das agruras do Mestrado, bem como a acreditar que a gente aprende a escrever escrevendo, aprende a pesquisar pesquisando, aprende a ser sendo.

Deste estudo iniciado no Grupo de Pesquisa em 2016 é que surge o artigo em que faço o histórico da formação de professores/as da educação básica desde 1939 até 2015, nomeando alguns modelos de formação: conteudista, de transição e de resistência. (COIMBRA, 2020a)

Em 2017, chegamos a construir o Projeto de Pesquisa “Entrelaçamentos curriculares da formação inicial e continuada docente: da oficialidade à cotidianidade possível” com a proposição de entrevistas com professores/as e coordenadores de cursos de nossas IES. Delineou-se como problema de pesquisa, de acordo com o Projeto:

Em que sentido as determinações oficiais do currículo para a formação dos professores viabiliza e contempla esta perspectiva dos saberes e valores próprios que garantem a especificidade da profissão docente? Como as mudanças curriculares de formação docente abarcam as necessidades imperiosas de articulação teoria e prática que subjazem à qualidade da educação pretendida em que os professores irão atuar? De que maneira as propostas advindas de discursos oficiais de currículo impactam no saber-pensar-planejar de professores-formadores, garantindo (ou não) a consecução curricular destas propostas? Como operam as Diretrizes curriculares para formação, não apenas inicial, mas a continuada docente conforme indicado no documento oficial de 2015?

Com esse problema, assume-se como objetivo da pesquisa: efetuar uma análise das Diretrizes Curriculares para a Formação Inicial e Continuada Docente/2015 a partir de dois aspectos: a)

elementos filosófico-pedagógicos fundantes do documento, por meio de estudos teórico-conceituais; b) elementos constitutivos das perspectivas teórico-práticas de propostas curriculares locais, por meio da captação de expectativas curriculares de professores/as e coordenadores/as de cursos de licenciatura.

FIGURA 106 – Foto do Grupo de Pesquisa na PUC/SP II



Fonte: Arquivo da Autora

Os dados dessa pesquisa, por opção nossa em 2017, foram apresentados durante o XIV Congresso Internacional Galego-português de Psicopedagogia, que ocorreu de 6 a 8 de setembro na Universidade do Minho, em Braga, Campus de Gualtar, Portugal. Foram apresentados e publicados os seguintes trabalhos:

COIMBRA, Camila Lima; FELICIO, H. M. S. Ação docente no Ensino Superior: indicativos da articulação teoria e prática. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 28-32, 2017. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2389>. Acesso em: 17 nov. 2020.

GONÇALVES, Yara Vieira; STANO, R. C. M. T. A ausência da articulação teoria-prática nos componentes curriculares. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 06-10, 2017. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2175>. Acesso em: 17 nov. 2020.

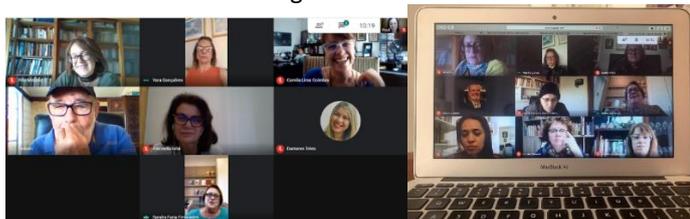
STANO, R. C. M. T.; COIMBRA, Camila Lima. A teoria-prática do professor-formador: contextualizações na formação docente. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 33-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2391>. Acesso em: 17 nov. 2020.

ABRAMOWICZ, Mere; FERNANDES, Sandra Faria. Teoria e prática na formação de professores: os riscos da (des)articulação. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 33-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2193>. Acesso em: 14 fev. 2023.

No ano de 2018, o Grupo realizou o exaustivo trabalho de transcrição das entrevistas e, em 2019, análise e tratamento dos dados. Em 2020, com a pandemia que atropelou o nosso universo, decidimos por fazer reuniões virtuais, via *Google Meet*.

O primeiro encontro foi no dia 28 de maio de 2020, quando foi proposto o seguinte levantamento temático: que processo é esse que estamos vivendo, dentro desse cenário complexo de autocuidado e de cuidado com o outro? O que tem sido isso para a gente? Rita propõe, com toda a sua poesia, uma escrita, do ponto de vista da subjetividade de cada participante desse grupo, do ponto de vista de nossa atividade na educação, sobre o que consegue vislumbrar de “sua janela” por onde olha os rumos da educação: o que contemplo? O que sinto? O que vejo? Meu olhar me leva para onde? Como uma costura coletiva de um Grupo que já convivia há tempos, Lurdinha sugere o título: “Janelas para o mundo: um olhar sobre o currículo em tempos de pandemia”. E assim sobrevivemos o ano de 2020, de mãos dadas, das janelas de cada um/a.

FIGURA 107 – Registro dos encontros virtuais



Fonte: Arquivo da Autora

Na apresentação de nosso primeiro e-book<sup>19</sup>, Mere diz:

Uma das diretrizes desse nosso Grupo de Pesquisa é a conciliação necessária entre o racional e o emocional. Como conseguimos fazer um Grupo de Pesquisa com tantas exigências produtivistas de nossas Instituições, ser tão afetivo? Não temos respostas, temos a pergunta que fazemos da janela: por que não? Aliar a nossa forte preocupação científica e rigor metodológico, com o que somos, o que sentimos e como vivemos o ser e estar na profissão docente, sempre foi o eixo buscado e construído coletivamente.

Assim, este livro é um modo de compartilhar olhares a partir das janelas que tornam cada pesquisador/a deste grupo, autor/as de seus pensares, num diálogo necessário com teóricos do currículo. Singularmente, partindo de suas janelas existenciais, Antonella, Camila, Damares, Lurdinha, Marli, Nelson, Regiane, Rita, Sandra e Yara compõem um mosaico de janelas e, como coordenadora do Grupo, espero que sua leitura seja uma pista para outros olhares de outros diferentes cenários curriculares. (ABRAMOWICZ, 2020, p. 10)

Da minha janela, escrevi “As janelas abertas na pandemia: memórias e histórias. Fiz uma entrevista com os habitantes de minha casa: marido (Estéfani) e duas filhas (Isadora e Clarice), em que tive “a preocupação em torno de estabelecer uma educação voltada para os Direitos Humanos, considerando a importância do processo educacional na promoção da dignidade humana e garantia dos direitos, torna-se o eixo dessa reflexão sobre as histórias e memórias de escola como direito” (COIMBRA, 2020d, p. 19).

E continuo:

Ao ler as histórias, as memórias e as saudades fico retomando a ideia da função social da escola: o que marca nossas trajetórias na escola? Quais

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=I9gnGr8sNhY&list=PLXzu7-reEpbLSA0yqbLinx3\\_pUz2AM5rA&index=29&t=14s](https://www.youtube.com/watch?v=I9gnGr8sNhY&list=PLXzu7-reEpbLSA0yqbLinx3_pUz2AM5rA&index=29&t=14s). Acesso em: 4 mar. 2023.

atitudes, gestos, afetos, estão na escola? “Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua inexorabilidade”. (FREIRE, 1996, p. 22 apud COIMBRA, 2020d, p. 21-22)

E encerro as janelas abertas em um diálogo com Cecília Meireles, que diz que “é preciso aprender a olhar”. Em um tempo tão difícil, com tantas mortes, com tanta tristeza, concluo provisoriamente: “é preciso olhar, para poder vê-las assim. Um olhar sensível, humano, afetivo e solidário. Este é o caminho para um currículo inventado com uma base humanitária, desta premissa parece não restar dúvida de minha janela...” (COIMBRA, 2020d, p. 22)

FIGURA 108 – Capa do Livro Janelas para o mundo



Fonte: Arquivo da Autora

Decidimos por fazer o lançamento de duas formas: a primeira, na aula inaugural do Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo da PUC/SP, no dia 24 de fevereiro de 2021 e também no dia 26 de março de 2021. Aproveitamos a oportunidade para a realização de uma homenagem, à professora Mere, que estava com alguns problemas de saúde e teve que tirar uma licença médica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP. Convidamos ex-orientandos/as, ex-pesquisadores/as, ex-estudantes para gravarem um vídeo de 1 minuto para a confecção de um vídeo homenagem. Construímos um roteiro para o lançamento-homenagem:

Olá! Boa noite. Com imensa alegria, que nós, representantes do Grupo de pesquisa: Currículo: questões atuais, estamos aqui nesse momento para esse lançamento do livro: Janelas para o mundo: olhares para o currículo em tempo de pandemia, sob a organização de nossa querida professora orientadora Mere Abramowicz.

Para dar início, convidamos a pesquisadora Yara Pires Gonçalves para a leitura de um texto.

(Enquanto Yara lê o seu texto, as imagens do livro são colocadas.) Camila

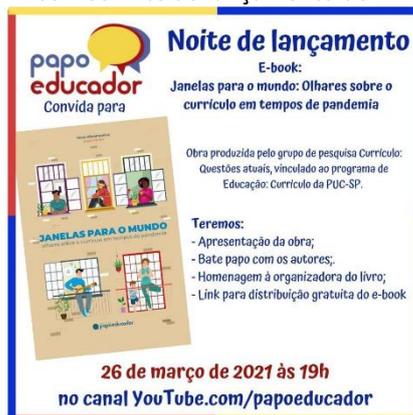
Para continuar esse momento de Lançamento e ao mesmo tempo de reconhecimento da importância da professora Mere nas trajetórias pessoais

e profissionais de cada um e cada uma que passou por ela: engravida-se de Mere. Para essas memórias, convido a pesquisadora Sandra Faria Fernandes.

(Sandra faz uma introdução e colocamos os slides de fotos.) Camila

Singela homenagem de olhares, trajetórias, vidas, histórias e memórias de quem viveu um pedacinho de seu tempo com a Professora Mere. E agora, passamos a palavra para ela, nossa querida, eterna e amorosa Professora Mere.

FIGURA 109 - Convite do lançamento do livro



Fonte: Arquivo da Autora

Encerro esse movimento do Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais retomando a citação da epígrafe dessa seção, utilizada por Stano (2020) em seu posfácio do livro das *Janelas*, intitulado “A amorosidade fundante de um grupo de pesquisa”, em que diz:

A constituição de um grupo de pesquisadores pode-se incluir no rol do que se denomina um “acontecimento”. Acontecimento no sentido de causar uma ruptura (Pereira, 1998), em que os sujeitos são uma processualidade, uma figura existencial praticada e provisória, um desfazer-se e refazer-se contínuo. Estar-sendo-em-grupo é o processo de atualização de forças-fluxo em formações singulares e datadas, temporal e pode provocar uma nova subjetivação ou produzir novos sujeitos. (STANO, 2020, p. 75)

Stano ainda complementa que

A experiência de pesquisa coletiva aponta para a pesquisa que assume um ritmo ora mais lento e ora mais rápido, em função das habilidades e disponibilidades de cada um. O trabalho coletivo de pesquisa exige um aprendizado de saber-fazer com o outro. Através deste aprendizado, cada sujeito se protagoniza na construção/desconstrução da pesquisa impingindo a sua voz e sua singularidade numa obra coletiva. Uma cumplicidade acadêmica porque aberta às diferenças conceituais, porque processo de negociação amorosa permanente entre dos diversos olhares dos sujeitos, marcada pelo exercício da dialogicidade. (STANO, 2020, p. 76)

Essas talvez tenham sido as palavras mais vividas e usadas na homenagem à Mere: amorosidade, dialogicidade, afetividade. No posfácio amoroso, Stano conclui:

À professora-pesquisadora Mere, o nosso reconhecimento de sua capacidade de agregar a singularidade de cada um a um projeto coletivo de pesquisa, possibilitando a construção de saberes que vão além da academia,

ultrapassando protocolos científicos porque fundados na amorosidade do encontro, do diálogo e do respeito. (STANO, 2020, p. 76)

Com essas janelas, essas pessoas deram a abertura do que aprendi no mundo acadêmico. Cada palavra, cada gesto, cada café, cada estudo, cada viagem fazia com que eu renovasse a compreensão de que, como professora, sou uma pesquisadora. Minha visão curiosa do mundo está na beleza da pergunta. Por isso, me considero uma professora que não pensa separado o que é o ensino e o que é a pesquisa. Estão integrados em uma forma de conceber e agir no mundo.

Pessoas que estão junto.

Aldieris Braz Amorim Caprini  
Antonella Bianchi Ferreira Ishii  
Cláudia Kampus Mantovani  
Eliana de Oliveira  
Gisele Alves da Costa Cordeiro  
Helena Maria dos Santos Felício  
Laurindo Cisotto  
Lisie De Lucca  
Lourdes Fátima P. Possani  
Marcelo da Silva Alcantara Duarte  
Marcos Rodrigues de Lara  
Maria das Graças Ferreira de Oliveira  
Maria Isabel A. S. Moniz  
Marilde Queiroz Guedes  
Mere Abramowicz  
Nelson Lambert de Andrade  
Patrícia Machado  
Regina Rizzo Ramires  
Renilda Martins Garcia  
Rita de Cássia M. T. Stano  
Sandra Faria Fernandes  
Sandra Maria Fodra  
Terezinha Cristina Nakamatsu Siraque  
Vivian Alboz  
Viviane Aparecida da Silva  
Yara Pires Gonçalves

## Iniciação Científica

O que é fundamentalmente pesquisar? O que é também agir? pesquisar é buscar, é procurar, é uma ação, é um agir em que quem procura aprende também ao procurar. (Verbetes: Pesquisa, Paulo Freire)

Quando cheguei à Faced, em 2010, fui para o Núcleo de Didática e também dava aula de Estágio. Na época, não havia o Núcleo de Estágio (Nespe). Era um grupo de professores/as que davam aulas de Estágio. Havia três componentes curriculares de Estágio que eram no Curso de Enfermagem, grau licenciatura, assumidos pela Faculdade de Educação: Estágio Supervisionado de Prática Educativa (ESPE) I, II e III. Quando volto da licença maternidade de Clarice, em 2013, sou premiada com o ESPE I. E comecei a assumir esse Estágio todos os anos até 2018, pois alguns colegas, até hoje, entendem que não é responsabilidade da Faculdade de Educação esse componente curricular.

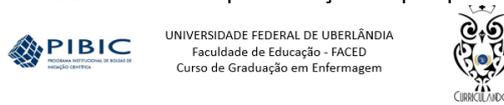
Eu confesso que gostei muito do trabalho no Curso, pois já em 2014 fui procurada por duas estudantes que queriam fazer pesquisa em educação. Que gostavam da área, das leituras que faziam e queriam fazer pesquisa comigo. Gosto quando o começo é assim. Surge do interesse e da vontade delas. Nesse mesmo ano, também comecei a participar da discussão sobre o Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem. Elaboramos, então, um Projeto de Iniciação Científica com o título: “Qual o lugar do/a professor/a? O espaço formativo que integra licenciatura e bacharelado no Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia”. Nosso objetivo foi identificar o lugar do/a professor/a no Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia, em que os graus licenciatura e bacharelado são oferecidos concomitantemente e obrigatoriamente, por meio da voz dos sujeitos/discentes que estão vivenciando o Projeto Pedagógico do Curso.

Realizamos a análise documental do Projeto Pedagógico do Curso, das Diretrizes Curriculares Nacionais que regulamentam o curso de Enfermagem, assim também como realizamos a revisão bibliográfica de revistas, artigos e periódicos que tratam do tema para embasamento teórico. Além da análise documental ainda foram utilizados dois procedimentos de pesquisa: questionários e grupos focais.

Na análise documental, foram analisadas as fontes que subsidiam a organização curricular da instituição, bem como relatórios e atas de reuniões, das quais nos apropriamos as ações institucionais sobre organização curricular do Curso de Enfermagem. (Relatório Técnico Final para atendimento ao Edital Nº01/2015)

Denize e Drielly tiveram a oportunidade de vivenciar o caminho de uma pesquisa qualitativa em educação e queriam sempre mais, por isso também escolhemos o grupo focal para trazer a voz de estudantes sobre o Curso. Foram realizadas 3 sessões com o 1º período, 5º período e 10º período, com a intenção de ouvir o começo, o meio e o fim do Curso de Enfermagem.

FIGURA 110 – Slide de apresentação da pesquisa de IC



**QUAL O LUGAR DO/A PROFESSOR/A? O espaço formativo que integra licenciatura e bacharelado no curso de Enfermagem**

**ENFERMEIRO/A E PROFESSOR/A? O espaço formativo que integra licenciatura e bacharelado no curso de Enfermagem**

Denize Rodrigues Freitas  
Drielly Alexandre Mendes  
Profª. Drª Camila Lima Coimbra

## Slide de apresentação da pesquisa

Nos resultados dessa investigação, traçamos o perfil do/a estudante do Curso de Enfermagem, por meio do questionário aplicado, bem como o perfil da família. Além disso, nos Grupos Focais, ouvimos 58 estudantes do Curso que trataram de temas como: a opção pelo Curso, a impressão inicial do (sobre o) Curso, sobre o Projeto Pedagógico do Curso, expectativas profissionais, a relação entre bacharelado e licenciatura, e foram apresentadas algumas pistas da pesquisa.

O primeiro período do Curso precisa ser repensado em tempos, objetivos e conteúdos.

O Projeto Pedagógico do Curso precisa tornar-se atividade do Curso.

Em um currículo integrado, é importante que a articulação Faced e Famed ocorra e que seja identificada pelos/as estudantes.

Sobre o grau licenciatura: redesenhar o ESPEs, dar sentido às disciplinas de formação pedagógica, repensando a lógica curricular.

Rever finalidade da disciplina de Metodologia de Ensino em Enfermagem e PIPEs que são da docência e também são do bacharelado. Transitam entre dois graus, mas não representam a dualidade do currículo.

Sobre o grau bacharelado é importante rever a relação teoria e prática.

O Curso consegue criar uma ambiência profissional. (Relatório Técnico Final para atendimento ao Edital Nº01/2015)

Como bem expressa a propaganda do *soutien*, as primeiras orientandas de IC a gente nunca esquece... Fazia parte da proposta, ao final do Projeto, criar um *blog* que nomeamos de Curriculando. Elas queriam aproximar a linguagem e a formação entre os graus de bacharelado e licenciatura.

FIGURA 111 – Blog Curriculando



Fonte: <http://curriculandoenfermagem.blogspot.com.br>

Também entre 2014 e 2015, o Conselho da Faculdade de Educação – Confaced, decidiu em abril de 2014 que "[...] a Profª Camila Lima proceda a convocatória dos professores do Núcleo/Grupo/Equipe de Estágio e Prática Educativa para que em sessenta dias apresentem uma proposta ao Confaced sobre organização e funcionamento do Estágio no âmbito da Faced, especificamente nos Cursos de Pedagogia e Enfermagem". O foco desse Grupo deveria estar voltado para os pontos de pauta sugeridos no Confaced. Definição das responsabilidades de cada Núcleo nos encargos do internúcleos, em especial estágios e PIPEs; reavaliação da decisão do Confaced sobre os estágios supervisionados e Avaliação do Estágio Supervisionado de Práticas Educativas na Enfermagem. Esse Grupo iniciou os trabalhos no dia 19 de maio de 2014, quando foi apresentada uma metodologia de trabalho para o Grupo. Foram realizados 8 (oito) encontros.

Dentre algumas proposições desse Grupo, a criação do Núcleo de Estágio e Prática Educativa (Nespe) foi uma delas. Assim, esse Grupo de Professores/as passou a fazer parte de um Núcleo Temático, conforme a estrutura organizacional da Faced. Em disposições futuras, diz o documento elaborado pelo Grupo:

Assim que criado oficialmente pela Faced, o Núcleo de Estágio Supervisionado e Práticas Educativas (Nespe) deverá continuar o processo de discussão sobre a área, bem como sua composição.

O Nespe, configurado como está, com 23 professores, não consegue atender a demanda, em média, de 21 turmas de Estágio anualmente. O Núcleo já é criado com a percepção da necessidade de sua ampliação para atender a demanda de aulas da Faced.

Essa Proposta para o Confaced, com várias proposições, foi encaminhada em dezembro de 2014. Em 27 de agosto de 2015, consta em ata a aprovação da criação do Nespe, por unanimidade. De acordo com a ata, "A Presidência do Conselho informou que este relatório não terá caráter conclusivo, apenas informativo de como foram os trabalhos da área e sobre ele não cabe deliberação." Ou seja, aprovou-se o Nespe, mas não as demais proposições que constavam no documento. Fui coordenadora do Nespe até 2017, quando chegou uma professora, parceira, Simone, exclusiva para Estágio, e assumiu a coordenação.

Mas qual a relação da criação do Nespe com as ICs? Vejo como questões imbricadas. Enquanto a Universidade não reconhecer o campo do Estágio, das práticas como campo científico, portanto de conhecimentos, de pesquisas, reconhecido institucionalmente, penso que não

conseguiremos avançar muito. O Estágio segue sendo esse não-lugar na formação. Hoje não estou mais no Nespe. Fiz uma carta solicitando o desligamento em 1º de setembro de 2020.

Porém, eu tenho outras tantas coisas que sonho, que quero viver nesta Universidade e a participação em dois núcleos não permite que eu possa exercê-las. Por isso, peço o desligamento de minha participação no Nespe.

Quero agradecer a companhia e a convivência neste tempo e dizer que mantereí a minha defesa e meu compromisso com o estágio como campo da práxis, como espaço de diálogo entre a formação e a profissionalização. Estaremos juntos/as em uma construção de uma relação mais próxima com as escolas públicas, no sentido de compreendê-las como parceiras na formação de nossos/as estudantes.

**Horas antigas.** Um dia, em Ituiutaba ainda, chegou uma professora. Veio de outras IES, já com comprovada experiência e disse: “Eu detesto o barulho de sinal de escola. Não chego nem perto”. Eu pensei: Mas como vai trabalhar no Curso de Pedagogia, se não chega perto de escola?

Voltando à pesquisa, tão boa foi a IC de 2015-2016 que as estudantes quiseram continuar, em 2017-2018, com outro Projeto de Iniciação Científica, agora para ouvir a voz dos/as professores/as do Curso de Enfermagem. Intitulamos: “A voz dos professores e professoras do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Uberlândia no processo de Reformulação Curricular”. Traçamos como objetivo o registro da voz de professores/as no processo de reformulação curricular e, desta vez, optamos pelo questionário e entrevistas. No relatório final, alteramos o título para “A voz dos professores do Curso de Enfermagem da UFU: entre o currículo prescrito e o currículo real”.

**Horas antigas.** Lembro da empolgação delas em fazerem as entrevistas com professores/as, e depois o desânimo quando não conseguiam resposta e nem agenda para a realização. Fazer pesquisa não fácil. Elas viveram isso.

Foram realizadas, após esse caminho, 18 (dezoito) entrevistas, o que corresponde a 58% do total de professores, isto é, a amostragem final foi superior à amostragem proposta inicialmente. A primeira entrevista foi realizada no dia 21/11/2016 e a última no dia 26/05/17 e os docentes concordaram em participar da pesquisa, via termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A), de acordo com as orientações do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP). Todas as entrevistas foram realizadas conservando os mesmos procedimentos e garantindo autenticidade das falas. (Relatório Técnico Final para atendimento ao Edital Nº01/2016)

Foram criadas as seguintes categorias de análise: Formação Pedagógica, o currículo prescrito: formas de participação, o currículo prescrito: potencialidades e fragilidades, o currículo real: a metodologia, o currículo real: a avaliação, os graus de licenciatura e bacharelado, contribuições para a Reformulação Curricular. Como uma forma de dar vida a essas memórias, resgato a fala de uma entrevistada:

*Entrevistada C: [...] a pista que eu tenho é: vamos trabalhar as metodologias ativas, vamos integrar a licenciatura com a graduação, o curso específico, trabalhar as disciplinas de maneira integrada pra formar esse profissional por excelência, que é o enfermeiro educador, mas utilizando todas as*

*ferramentas que nós temos nas nossas mãos...* (Relatório Técnico Final para atendimento ao Edital Nº01/2016)

**Horas antigas.** Lembro de quando apresentamos essa pesquisa ao Colegiado e NDE do Curso de Enfermagem, uma colega, ao olhar o relatório, disse: meninas, vocês fizeram uma pesquisa de doutorado?

Minha memória olha para esse tempo e faz algumas perguntas: como deixei entrevistar 18 pessoas em um ano? Por que não escrevemos um artigo sobre isso? Talvez eu tenha cansado demais as duas e elas não tenham tido fôlego para o artigo. Também estavam se formando. Finalizamos a pesquisa com algumas considerações, dentre elas as seguintes observações:

Entre o currículo prescrito, o que está previsto no Projeto Pedagógico do Curso e as legislações que tratam de dar as Diretrizes, e o currículo real, o que acontece, registrado na voz dos professores, percebemos uma distância e, ao mesmo tempo, uma aproximação. Distância quando os conceitos não traduzem uma prática, e aproximação, quando o que está prescrito não tem credibilidade por parte dos professores. Entre o planejado e o realizado, sabemos existir diferença e, por isso, a importância dessa pesquisa em um processo de reformulação curricular: flagrar a voz dos professores sobre o PPC e o trabalho desenvolvido no âmbito do Curso. Conhecer a realidade é premissa para qualquer processo de reformulação curricular, com isso esperamos que essa pesquisa tenha a sua efetiva contribuição social. (Relatório Técnico Final para atendimento ao Edital Nº01/2016)

FIGURA 112 – Certificados da Pesquisa de IC



Fonte: Arquivo da Autora

Também participei da defesa de TCC da Denize e de nosso Seminário de Iniciação Científica, com as duas. Uma relação de muito afeto, muito trabalho e uma possibilidade de trabalho conjunto com a pesquisa.

FIGURA 113 – Fotos das apresentações da IC



Fonte: Arquivo da Autora

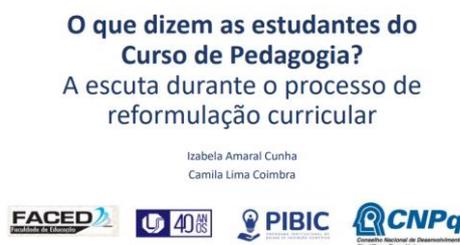
Em 2016, assumo a disciplina de Didática 2 no Curso de Pedagogia. Ainda não tinha trabalhado no Curso e, com a derrota na candidatura à Direção da Faculdade de Educação, tive vontade e condições de assumir uma disciplina na Pedagogia. Ao assumir, também fui procurada por uma estudante, dizendo do desejo de desenvolver uma pesquisa de Iniciação Científica. Veio com a vontade e eu, com a experiência recém desenvolvida com as estudantes do Curso de Enfermagem. Izabela demonstrou vontade de investigar o curso de Pedagogia. Assim,

elaboramos um projeto, denominado “O espaço formativo e a reformulação curricular a partir da ótica das estudantes do curso de Pedagogia UFU”.

Para alcance de nossos objetivos, foram utilizados questionários para traçar o perfil e grupos focais para a escuta das estudantes. Como o curso de Pedagogia é anual, e tem duração de quatro anos, foram realizados 4 (quatro) grupos focais para a apreensão da realidade de cada ano do Curso. Como o curso de Pedagogia funciona em dois turnos (matutino e noturno), sorteamos em qual turno iríamos aplicar o grupo focal. Foram sorteados: 1º ano matutino, 2º ano matutino, 3º ano noturno e 4º ano noturno. (Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica, aprovado pelo Edital Nº02/2017 - PIBIC/CNPQ/UFU).

Foram 92 estudantes do Curso de Pedagogia que participaram dos grupos focais no ano de 2017. Fizemos um movimento semelhante ao Projeto de IC no Curso de Enfermagem, porém, agora, no Curso de Pedagogia.

FIGURA 114 – Slide de apresentação da pesquisa de IC II



Fonte: Arquivo da Autora

Essas duas pesquisas realizadas, em cursos diferentes, evidenciam a pouca participação de estudantes nos processos de reformulação curricular, por isso a necessidade de colocar a voz dos/as mesmos/as para que possam fazer parte desse processo. Os tempos, as exigências, as funções, as demandas e as hierarquias institucionais não favorecem essa aproximação. Em ambos os casos, considero que foi importante a nossa contribuição para essa ação de reformulação dos Projetos Pedagógicos.

As categorias de análise foram: tempos de aprendizagem, organização curricular, a dimensão docente no Curso, a relação teoria e prática. Estas categorias trouxeram alguns achados.

- 1ª) Criar uma identidade entre os tempos singulares e os tempos do Curso.
- 2ª) Dar significado para as vivências curriculares no próprio curso.
- 3ª) Traduzir em nossa práxis, conteúdos e disciplinas do Curso.
- 4ª) Repensar os componentes práticos e sua organização, transpor o distanciamento entre a teoria e a prática. (Relatório Final do Projeto de Iniciação Científica, aprovado pelo Edital Nº02/2017 - PIBIC/CNPQ/UFU).

Esse trabalho de IC teve também uma apresentação ao NDE do Curso de Pedagogia, bem como a apresentação de trabalho no XIX Endipe na Bahia, como parte do painel: “Continuidades e rupturas na prática pedagógica e no estágio supervisionado: desafios políticos, teóricos e metodológicos para a formação de pedagogos(as)”, com o trabalho intitulado: “O calcanhar de Aquiles no Curso de Pedagogia: reflexões e contradições na voz das estudantes”.

FIGURA 115 – Foto de três pesquisadoras em Salvador



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse processo, com as três pesquisas exigentes, com tudo o que aprendi nos Grupos de Pesquisas dos quais participei, com rigor, mas também com amor, estabelecemos relações que levamos para a vida inteira, mesmo que seja à distância. Não dá para encontrar tanto quanto gostaria, mas sei que estão juntas, vivem em mim.

Para além dessas orientações de IC, também participei de orientações de TCC e de pesquisa no PET Conexões da Faced, as quais constituem como professora que sou. E nesse momento de rememorar, considero importante registrar. São relações que estabelecemos para além da sala de aula e que descrevem uma professora da educação superior, em uma universidade federal. O que compreende a nossa Jornada? Uma diversidade de ações, dentre elas o ensino, como o coração, fundamental, mas que precisa de outras dimensões para existir.

Nessa primeira turma de Didática 2, em 2016, no Curso de Pedagogia de Uberlândia pela primeira vez, conheci Lorrane. Ela veio de Patos de Minas e me instigava, pois parecia não estar interessada no Curso. Em uma de nossas aulas, pedi uma conversa com ela e entendi um pouco mais como se sentia. Dali nasceu uma relação de aprendizagem e afeto duradouras.

A primeira relação foi como orientadora de uma IC que intitulamos: “Currículo na educação infantil: uma práxis possível?”.

Este trabalho faz parte do PIVIC/PROPP/UFU, Iniciação Científica realizada no ano de 2018 que tem objetivo revisar bibliografias referentes ao currículo na Educação Infantil, analisar a Base Nacional Comum Curricular para este nível de ensino e, por fim, caracterizar o entrelaçamento da práxis em uma Escola Municipal de Educação Infantil de Uberlândia. Currículo: embora este termo seja frequentemente usado em ambientes escolares, sua efetivação é distinta e variante de uma instituição educacional para outra. Isso porque em cada instituição fundamenta-se em uma concepção curricular que melhor se adequa à sua missão, visão, valores bem como suas influências teóricas. Desta maneira, discorrer sobre currículo é também discorrer sobre identidade. Ou seja, as discussões sobre currículo estão para além de eixos temáticos que orientam as práticas pedagógicas dos/das educadores/as. Antes, essas discussões estão indissociadas com as relações sociais e referências identitárias da comunidade na qual a instituição de ensino está inserida. Para a realização do trabalho percorreu a seguinte metodologia: fundamentação teórica, observação, análise documental e entrevistas. Esta pesquisa registrou as importâncias do alinhamento entre currículo e práxis, bem como lançar o olhar para aquilo que se faz notório nessa relação,

sempre cuidadosamente enxergando o sujeito aprendente em sua totalidade, complexidade e singularidade.

Esse trabalho desenvolvido na IC também foi defendido como seu TCC, do qual também fui orientadora. Tivemos uma Banca composta por professoras que também atuam na Educação Básica: Adriana e Lavine.

Agradeço à minha orientadora, Dra. Camila Lima Coimbra, que me ensinou tanto, que se dedicou às minhas necessidades tanto as pessoais quanto as acadêmicas, que teve um olhar atento e não me deixou passar despercebida, que lutou para que eu fosse assistida de forma a atender às minhas necessidades educacionais especiais, que para mim é mais que uma professora, é aquela professora que marcou minha trajetória, que conquistou minha total e completa admiração.

Admiração recíproca. Depois de se formar em Pedagogia, segue direto para o Mestrado em Educação Brasileira na UFU. Sua orientadora, Vanessa, iniciou a jornada com a Lorrane e eu, de longe agora, participei da banca de qualificação e de defesa do Mestrado. Hoje, Lorrane está no Doutorado. Só orgulho em participar da formação desse ser humano amoroso, sensível e cheio de esperança na vida.

Outro orientando que guardo em minha memória é o Gabriel. Foi bolsista do Pibid Interdisciplinar. Trabalhamos juntos por dois anos. Ele fazia o Curso de História e um dia chegou para mim e disse: ou eu desisto do Curso (já estava faltando apenas o TCC) ou você me orienta. Com esse pedido, claro que aceitei! E o Curso de História, com suas regras, também aceitou que eu o orientasse. O título do trabalho foi: “A sala de aula como ponto de partida: aprendizagens formativas no Pibid/inter/Educação do Campo/UFU (2015-2017)”.

E por último, a minha orientadora Dr<sup>a</sup>. Camila Lima Coimbra, que antes mesmo de ser minha orientadora, deu a oportunidade de trabalhar junto a ela no Pibid, sendo uma excepcional coordenadora de área, transformamos estes anos de trabalho em uma relação de respeito, amizade e confiabilidade. Como orientadora a Camila me ouviu em momentos difíceis, aconselhou, cobrou e nunca me deixou desistir, minha admiração pela Camila em todos os aspectos é enorme e não consigo descrever em poucas palavras. Minha eterna gratidão por me acompanhar neste trajeto final. Muito Obrigado!

Acho que os agradecimentos que fazemos são parte de nossa trajetória, essas pessoas que participam de formas diferentes do nosso processo de escrita. Uma escrita sempre exige da gente escolhas, opções, trajetos, que nos impedem, muitas vezes, de fazer o que gostaríamos. Fazemos o que é necessário para que possamos enfrentar a escrita com seus momentos de angústia, solidão, dificuldades, mas também de alegria.

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo analisar a identidade e profissionalidade docente construída a partir dos relatórios do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) Interdisciplinar, sobre Educação do Campo, da Universidade Federal de Uberlândia, entre os anos de 2015 e 2017. Como caminho metodológico, optou-se pela análise documental dos três Relatórios de Atividades, produzidos anualmente. Em uma perspectiva de pesquisa qualitativa, desta análise documental emergiram três categorias: formação e aprendizagem; materialização da interdisciplinaridade e, por fim, contradições e

reproduções na universidade e na escola. Para cada categoria, várias atividades e reflexões sobre a constituição da identidade e da profissionalidade docente, em formação nos Cursos de licenciatura e na participação no Pibid neste processo formativo. Como o espaço e o tempo do Pibid, a partir desta experiência Interdisciplinar, provocou a reflexão e o diálogo para a formação docente? Quais atividades foram realizadas em uma perspectiva interdisciplinar? Estas problematizações pretendem ser analisadas neste trabalho.

Como já disse lá na seção do Pibid Interdisciplinar, Gabriel reafirma com seu trabalho:

A interdisciplinaridade dentro do Subprojeto Interdisciplinar – Educação do Campo desenvolve empatia, demonstra o quão importante nos vemos como um ser de relações, quando somada em ações como, a elaboração de entrevistas, cartas, visitas, reuniões, formações, encontros e tudo o que foi feito com os bolsistas era “integrado pela interdisciplinaridade”, pois, a partir do momento que são várias licenciaturas para dialogarem, o exercício da tolerância, escuta e do aprendizado com o outro é colocado em prática.

Assim, Gabriel termina sua importante contribuição para a análise do Pibid Interdisciplinar, de um olhar único, pois participou do mesmo como bolsista, não na mesma Escola analisada, mas do Grupo Interdisciplinar.

Daniele esteve comigo na disciplina de Didática 1, no ano de 2020, no Curso de Pedagogia, no início da pandemia, quando a UFU decide o que não vi nenhuma outra IES fazer: criar um calendário facultativo. Chamamos de período especial, e eu, assim como muitos outros colegas, trabalhamos. Essa decisão fez com que hoje, no primeiro semestre de 2023 (ano civil), estejamos iniciando, na graduação, o segundo semestre de 2022. Vai demorar para acertar!

Durante a pandemia, não paramos um dia sequer. Imagino que essa é a realidade de todos/as. Continuei com orientações, como parecerista, com Grupos de Pesquisa (participava de 3 e agora estou em dois, criei o terceiro sob a minha liderança), com reuniões do Núcleo de Didática da Faced/UFU, com reuniões de elaboração construção de um Projeto de Curso de Especialização para educadoras e educadores populares “Tiago Adão Lara”, com participação e estudo para o Fórum de licenciaturas que discute a pauta da Resolução CNE/CP nº 2/2019, com a participação na elaboração de uma pesquisa sobre o Estágio em tempo de pandemia, na realização dos Cursos de Moodle, O Curso de extensão “O Direito à Educação em tempos de COVID 19: experiências, limites e desafios do ensino remoto na Educação Básica”, o curso de extensão: “Paulo Freire: educação enquanto ato político”, com a escrita de um projeto de extensão denominado: “Inéditos viáveis na formação de professor/a”, com a organização, coordenação e mediação da Série “Paulo Freire vai à Universidade”, com 5 lives com professores e professoras de outras Instituições), na criação e organização do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF). Para cada ação dessa descrita, há um ilimitado número de horas de planejamento para sua execução. Estamos na mesma Instituição e sabemos como os tempos e espaços institucionais são exigentes... Com o início das atividades de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais - AARE, nem existo, apenas sobrevivo!

Esse foi um desabafo que escrevi na Carta de solicitação de desligamento do Nespe. Mas enfim, nessas condições, fui professora da Daniele. Aprendendo sobretudo e driblando a

tristeza com a morte de tanta gente, as Turmas foram, naquele tempo, um momento de refúgio, de troca. Tinha que ser muito bom, pois a vida já estava muito difícil. Sobre isso escrevi um artigo, eu e minha amiga-colega Daniela, do OPP, que fará parte da seção intitulada “Na pandemia”.

Mas a Daniele, sempre muito curiosa, quis participar do Grupo de Pesquisa Observatório de Políticas Públicas – OPP, participou e logo passou no processo seletivo para o PET – Conexões e teve que sair do OPP, mas continuamos juntas. Era uma pessoa bem politizada, com vivência em movimentos políticos e sociais. Ela me convidou para ser sua orientadora de pesquisa no PET. Elaboramos um Projeto de IC Voluntário denominado “Revisão bibliográfica sistematizada: definições de autonomia universitária em trabalhos produzidos entre os anos de 2018 a 2021”, no âmbito do PET - Programa de Educação Tutorial, com número de registro DIRPE/PET 00261/2020. O período de vigência da pesquisa e da orientação foi de 30/10/2020 a 18/10/2022.

Foi uma relação construída em tempos muito adversos, cruéis, por isso tão intensa. Daniele faz parte do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos, também desde seu surgimento em 2020, e, hoje, depois de formada no Curso de Pedagogia, passou em concurso público para professora na rede municipal de uma cidade do interior de São Paulo. Dois anos juntas e só abracei a Daniele uma vez, pois nossos encontros foram e são sempre remotos.

Talvez os mais recentes sejam o orientando Ricardo e a orientanda Karen, primeiros que eu assumi com o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação em 2021. Uma relação que começa institucional e depois vai “tomando afeto” é a primeira vez que vivencio, e começamos bem, pois os dois fizeram a disciplina que acabei de ofertar, denominada: “Tópicos especiais em saberes e práticas educativas: Paulo Freire na formação de professores/as”. Com isso, tivemos a oportunidade de nos conhecermos, de nos aproximarmos e agora é só concluir esse breve mestrado de dois anos com uma pesquisa.

Junto com o ingresso no Programa, também ganhei mais uma orientanda de pós-doutorado, a Ivana, minha parceira na coordenação da Anfope Minas Gerais, que disse uma vez que gostaria muito de conhecer Paulo Freire e se aproximou um pouco mais de meu trabalho. Com isso, estamos juntas no Projeto: “Educar como forma de integração humana a partir da perspectiva freireana e feminista”. Apresentamos o trabalho na XVI Anped CO, de 4 a 7 de outubro de 2022, com o título: “Integrar a dimensão humana na formação de professores/as”.

Tenho uma lista de orientandos e orientandas e somando aquelas que constam no Currículo Lattes, são 93 orientações das mais diversas, mas aqui quis nomear, quis dar o nome e o significado que essa atividade tem em nossa trajetória como professora da Educação Superior. Ao nomear essas pessoas, estou também tratando dos que também estiveram comigo nessa relação.

Considero o trabalho de orientação muito importante, fundamental para que uma pesquisa e pesquisadores/as sejam acompanhados nesse processo de investigação. Infelizmente, a nossa educação bancária, que vai tolhendo, matando a curiosidade, faz com que o nosso movimento, primeiro, seja quase sempre o de descobrir a curiosidade em cada um de nós e neles/as. Deixar as respostas prontas e trazer as perguntas, a problematização da realidade. Esse é um movimento primeiro necessário.

Como sou constituída de sonhos, espero um dia ainda ver a nossa escola e a nossa Universidade trabalhando com problematizações, com a curiosidade, que é do humano.

Assim, em nome de todas as pessoas com as quais tive a oportunidade de orientar, nessa trajetória, sintam-se aqui representadas pela Denize, pela Drielly, pela Izabela, pelo Gabriel, pela Daniele e pela Ivana. São muitas pessoas que estão nessas histórias.

Pessoas que estiveram junto.  
Adriana Auxiliadora Martins  
Adriana Pastorello Buim Arena  
Aldeci Cacique Calixto  
Aléxia Pádua Franco  
Andrea Maturano Longarezi  
Antônio Claudio Moreira Costa  
Benerval Pinheiro Santos  
Camila Lima Coimbra  
Daniela de Melo Crosara  
Daniele Lopes Ferreira  
Denize Rodrigues Freitas  
Drielly Alexandre Mendes  
Eliamar Godoi  
Gabriel Barbosa dos Santos  
Geovana Ferreira Melo Teixeira  
Iara Maria Mora Longhini  
Iara Vieira Guimarães  
Ivana Cristina Lovo  
Izabela Amaral Cunha  
Joelma Lúcia Vieira Pires  
Káren Garcia da Silva  
Lavine Rocha Cardoso  
Lázara Cristina da Silva  
Lorrane Stefane Silva  
Marcelo Soares Pereira da Silva  
Márcio Danelon  
Marcos Daniel Longhini  
Marisa Pinheiro Mourão  
Paulo Celso Costa Gonçalves  
Paulo Sérgio de Jesus Oliveira  
Raquel Discini de Campos  
Ricardo Brasileiro de Matos  
Roberto Valdés Puentes  
Sandra Helena Moreira Santiago  
Sarita Medina Silva  
Vera Lúcia Abraão Borges

## Licença capacitação

É, quando ela se articula, porque a palavra em si sozinha, isolada, a palavra não é nada. (Verbete: Palavra escrita, Paulo Freire)

Ao longo desses anos, tirei 4(quatro) licenças na UFU. A primeira, infelizmente, uma Licença Médica para tratar da doença trofoblástica gestacional (câncer) em 2008/2009; a segunda, uma licença maternidade, nasceu Clarice, em 2013, e as duas últimas foram licenças para capacitação, uma em 2015 e outra em 2019.

O Núcleo de Didática, historicamente, tem mais demanda de aulas no primeiro semestre, por isso há um acordo entre nós, para que façamos uso das licenças no segundo semestre do ano. Em 2015, eu e a Olenir conseguimos tirar uma licença-capacitação no mesmo período. Nessa época tivemos o primeiro prefeito eleito do PT, Gilmar Machado, na cidade de Uberlândia.

FIGURA 116a – Mapa de localização de Uberlândia



Fonte: Arquivo da Autora

Em sua história, Uberlândia tem uma predominância de prefeituras alinhadas à direita, com partidos como União Democrática Nacional (UDN), Partido Democrático Social (PDS), Progressistas (PP), Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). A primeira vez em nossa história que tivemos um prefeito do Partido dos Trabalhadores (PT) foi de 2013 a 2016. Nessa gestão, assumiu a Secretaria Municipal de Educação a Gercina Santana Novais, uma educadora, professora da educação básica da Eseba-UFU. Neste cenário, o Gepae já havia realizado, no primeiro semestre de 2015, o II Seminário Internacional de Avaliação e o I Seminário de Avaliação da Rede Municipal de Educação de Uberlândia, em parceria com a SME.

FIGURA 116b - Abertura do II Seminário Internacional de Avaliação



Fonte: Arquivo da Autora

Tanto eu quanto Olenir queríamos continuar o trabalho iniciado pelo Gepae e fizemos um projeto que denominamos: “Qual o lugar da avaliação na escola? A criação de Grupos Formais de Estudo na Rede Municipal de Ensino de Uberlândia”, com o objetivo de estudar, discutir,

debater e pesquisar sobre as questões de avaliação em suas diferentes modalidades (para as aprendizagens, institucional e de larga escala ou sistêmica). No projeto definimos as diretrizes do trabalho.

1. Preocupação com a necessidade de entender os vários e complexos modos que as escolas funcionam. A prioridade para a participação nos Grupos nesse momento de implantação será dos pedagogos e pedagogas das escolas.
2. Compreensão das culturas dominantes de avaliação e seus sistemas de significação baseados nas formas de conhecimento produzidas no seu domínio cultural. Os significados aparentes precisam de uma interpretação coerente com os sujeitos e a ação produzida.
3. A produção da cultura escolar que pode, algumas vezes, ser pensada como uma forma de educação, pois ela gera conhecimento, formata valores e constrói identidades. Neste princípio, a avaliação é pensada como produção cultural de determinado tempo, espaço e história.
4. A centralidade na interpretação – “quer queiramos ou não, estamos todos destinados a ser intérpretes para analisar a partir de limites e descobertas.” (p. 9). A interpretação como caminho principal da busca de compreender a realidade e transformá-la.

A atividade realizada em nossa primeira Licença-Capacitação, então, foi um Grupo de Estudos no Cemepe, sobre avaliação. De 17/08/2015 até 14/11/2015. O primeiro passo foi nos apropriarmos do movimento que estava acontecendo na rede municipal de ensino de Uberlândia. Por meio da Lei nº 11.444, de 24 de julho de 2013, foi instituída a rede pública municipal **pelo direito de ensinar e de aprender** no município de Uberlândia, “uma forma de atuação conjunta de instituições que desenvolvam atividades relacionadas à educação, capazes de agir em cooperação e de estabelecer relações pautadas na autonomia, na complementaridade, na horizontalidade e no interesse comum de contribuir para garantir o direito aos estudantes à educação pública, gratuita, laica, democrática, popular e qualificada socialmente.” De acordo com o artigo 4º, essa rede tinha como atribuições:

I - diagnóstico e análise: leitura e discussão sobre a realidade escolar de cada setor territorial do Município de Uberlândia, com vistas ao desenvolvimento de uma educação de qualidade e pautada em direitos humanos;

II - intervenção educativa: participação na elaboração, implantação e avaliação de programas e projetos, para melhoria do fluxo e do rendimento escolar;

III - sensibilização: estimular a participação da família nas atividades escolares;

IV - organização de informações: fomentar a construção de banco de dados para subsidiar a elaboração de políticas públicas educacionais;

V - criação de ambiência educativa: criar um ambiente de colaboração entre instituições públicas e sociedade civil organizada, tendo em vista a garantia do direito à educação em direitos humanos. (Lei nº 11.444, de 24 de julho de 2013)

Dentre outras disposições, era intenção da rede criar parcerias para que a educação fosse o foco das ações institucionais da Prefeitura de Uberlândia. Assim, várias ações internas e

externas foram delineadas com esse objetivo, criando um conjunto de ações, conforme Relatório de Licença-Capacitação apresentado à UFU.

FIGURA 117 – Organização da Rede em Movimento



Fonte: Arquivo da Autora

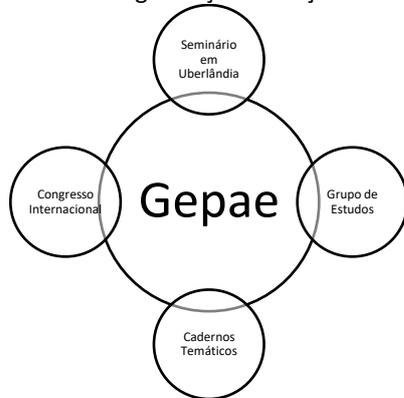
O Grupo de Estudos em Avaliação, no Cemepe, contou com 22 participantes ao longo de 3 meses. O caminho percorrido pelo Grupo de Estudos se deu em duas dimensões: o momento de leitura e estudo dos textos, que foi individual, ou em dupla, ou em grupo, e o momento de discussão coletiva, denominado “Enrola não, desenrola”, em que construímos os momentos a seguir.

- 1) **Inspiração:** criamos um termo denominado “Enrola não, desenrola”, por ocasião de uma exposição da artista plástica Daniela Lima. A partir desse olhar sensível e inspirador, trouxemos outros 4 artistas uberlandenses, com suas obras, para a realização desse momento: Hélio de Lima, Alexandre França, Cintia Guimarães e Elaine Corsi. Como inspirar para o conhecimento? Quais sentidos? Quais significados? Quais interesses e desejos se entrecruzam?
- 2) **Problematização:** teve como ponto de partida a prática, o concreto, o cotidiano da realidade escolar, objetivou levantar os diferentes entendimentos/concepções sobre o tema.
- 3) **Aprofundamento teórico:** apresentou fragmentos de textos/artigos de autores que contribuíram com os elementos teóricos que, a partir da problematização, auxiliam o estudo com elaborações que possibilitam estabelecer novas relações e interpretações sobre as temáticas. Ao final dos textos havia um Roteiro de Discussão, com algumas questões para provocar o debate.
- 4) **Plano de Ação:** remetia à indicação de ações que transformem a prática que deu origem ao estudo do Tema. Como modificar/alterar ou refletir sobre a realidade a partir do estudo feito? O movimento teoria e prática ou reflexão e ação fazem parte desse processo que busca uma docência com autonomia para sua prática educativa.
- 5) **Sugestões:** momento de socializar filmes, documentários, músicas, livros e tudo o que pudesse complementar/acrescentar as discussões sobre a temática.

Desse movimento do Grupo de Estudos em Avaliação é que surgiu a elaboração dos Cadernos Temáticos do Gepae, que são um registro ampliado do que aconteceu nessa experiência. Quando terminamos esse movimento, eu e Olenir sugerimos ao Gepae uma forma de escrever os cadernos para que as escolas tivessem acesso a eles e pudessem estudar, como já relatamos.

Para além disso, também fruto do trabalho realizado no Grupo de Estudos, finalizamos a Licença Capacitação com a nossa participação no VI Congresso Internacional de Avaliação, ocorrido em Fortaleza de 05 a 07/11/2015.

FIGURA 118 – Organização das ações do Gepae



Fonte: Arquivo da Autora

Essa relação estabelecida com a rede municipal de ensino é um dos pontos fortes do Gepae. A Universidade e a escola discutem e pensam juntos/as sobre a avaliação, tema tão necessário a uma escola progressista. Nesses 4(quatro) anos de gestão petista, com Gercina Santana à frente da Secretaria Municipal de Educação, pudemos testemunhar o movimento realizado na rede, por meio das ações da SME. Instituir essa rede pelo direito de ensinar e aprender foi uma delas.

Gercina foi, em minha opinião, vítima daquela cidade que apresentei, com um histórico de prefeituras alinhadas à direita, que não aceitou muito bem perder para uma gestão do PT. Foi vítima de uma das maiores injustiças que eu tenha presenciado. Foi presa, em 20 de setembro de 2018. Durante 6 dias. Dizia a reportagem: “A ex-secretária de Educação, Gercina Santana, no tempo que ficou detida, permaneceu em uma cela da enfermaria, por ter curso superior. Ela teve o habeas corpus deferido pela Justiça e ficou em liberdade.”

FIGURA 119 – Reportagens do dia 20 de setembro de 2018



Fonte: Arquivo da Autora

Fizemos um grupo de apoio. Quem a conhece, ficou indignada/o. A Faced, a Eseba e o Andes-SS se manifestaram em Notas:

FIGURA 120 – Notas divulgadas



Fonte: Arquivo da Autora

Todo dia fazíamos postagem para demonstrar a nossa indignação. Foram 6 dias que pareciam não ter fim, de 20 à 26 de setembro de 2018.

FIGURA 120 - Postagens diárias



Fonte: Arquivo da Autora

Para além de uma comoção, uma indignação, as pessoas mais próximas construíram um projeto para o presídio onde Gercina ficou, Jacy de Assis, pois lá não é permitida a entrada de Livros. Sabemos a calamidade que estão os presídios no Brasil. Mas esse fato me causa indignação até hoje, por conhecer a Gercina e atestar a sua ética e postura ao longo de uma vida profissional que foi marcada por essa injustiça. Não considero ter sido justo. Em todas as manifestações de que pude participar, estive, para demonstrar meu apoio e minha indignação. Uma justa ira.

Em 2019, agora sem a companhia de Olenir, também estive em licença-capacitação. Minha primeira intenção era desenvolvê-la na PUC/SP, no nosso Grupo de Pesquisa, porém, a Mere já estava passando por momentos difíceis com parentes doentes e não conseguimos concretizar essa proposta. Frente a isso, entrei em contato com o Cemepe, que estava em outro momento político, com o retorno da direita clássica ao poder, mas algumas pessoas com quem eu já havia trabalhado estavam na direção e coordenação.

Como o Cemepe estava envolvido com a elaboração das Diretrizes Curriculares Municipais, entendi que poderia contribuir na redação e discussão desse processo. Assim, criamos um Grupo formal de estudo sobre currículo na rede municipal de ensino de Uberlândia, no período de 12/08/2019 até 09/11/2019. Foi uma contribuição mais objetiva, em questões que uniam as Diretrizes Municipais, no sentido de ver o todo da formação humana. Nesse ano de 2019, a rede municipal de ensino de Uberlândia contava com 162 (cento e sessenta e duas) unidades escolares em funcionamento; 1 (um) Campus Municipal de Atendimento à Pessoa

com Deficiência; 1 (um) Cidade da Música; 1 (um) Centro Municipal de Formação de Professores, o Cemepe.

FIGURA 121 – Organização da rede municipal de ensino



Fonte: Arquivo da Autora

O Grupo Formal de Estudo sobre Currículo foi desenvolvido com a assessoria pedagógica do Cemepe, com 14 participantes ao longo dos três meses. Estabelecemos como objetivos: realizar um Grupo Formal de Estudo sobre Currículo na Rede Municipal de Ensino, dentro do Cemepe, para contribuir na elaboração das Diretrizes Curriculares Municipais; fortalecer, por meio de subsídios teórico-práticos, a revisão curricular desenvolvida na Rede Municipal de Ensino; estreitar o vínculo entre a Universidade e a Rede Municipal por meio da parceria e de trocas próprias dos processos formativos.

Para finalizar o trabalho do Grupo Formal de Estudo sobre Currículo, apresentamos um texto, de caráter introdutório, com os princípios e meios que sustentam as Diretrizes Curriculares Municipais. O documento seguiu o seguinte caminho de realização de uma apresentação: um contexto da rede municipal, os princípios orientadores, as diretrizes metodológicas e as diretrizes para a avaliação.

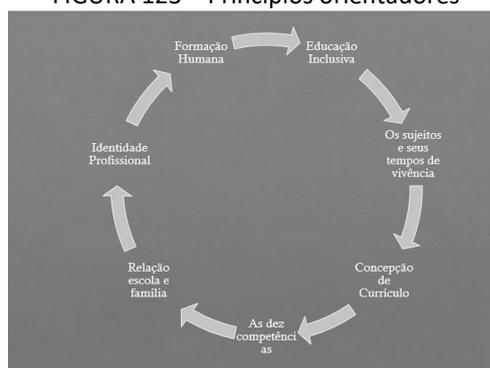
FIGURA 122 – Caminho para organização do texto



Fonte: Arquivo da Autora

A ideia desse caminho surge no coletivo, a partir do Grupo de Estudos. A minha participação foi iniciar o texto sobre esse caminho, para que a rede municipal de ensino de Uberlândia se apropriasse da importância de tais definições. O ano de 2019 já era a finalização de um processo iniciado em 2017, do qual eu não participei, por isso tratei apenas de registrar o caminho percorrido e, ao lermos e analisarmos os documentos produzidos, retirar os pontos comuns, para a elaboração de uma introdução para as Diretrizes Curriculares Municipais. Como princípios orientadores, a Educação Inclusiva, os sujeitos e seus tempos de vivência, concepção de currículo, relação escola e família, identidade profissional, formação humana e as dez competências da BNCC.

FIGURA 123 – Princípios orientadores



Fonte: Arquivo da Autora

Além dos princípios orientadores, também sugerimos as diretrizes metodológicas com a concepção de ensino, a concepção de aprendizagem, a educação especial e a transição nas DCMs.

FIGURA 124 – Diretrizes Metodológicas



Fonte: Arquivo da Autora

E, por fim, as diretrizes para a avaliação da aprendizagem, que também deveriam ser objeto desse texto introdutório. Foi um movimento interessante, porém, não gosto de assumir as ações no final. Gosto de participar desde o começo. No final, resta-nos apenas registrar.

FIGURA 125 – Capas das Diretrizes Curriculares Municipais



Fonte: Arquivo da Autora

As experiências de Licença Capacitação na rede municipal de ensino de Uberlândia, vivenciadas no Cemepe, contribuem para essa relação formação e profissão que considero vitais em minha constituição como docente. A escola é o lugar para o qual trabalhamos na formação de profissionais da Educação. Especialmente a escola pública, quando também estou em uma universidade pública. Esse é o compromisso.

Dentro da escola, a sala de aula é a especificidade do lugar do objeto de estudo da Didática, também meu lugar de formação e atuação profissional. Por isso, lembrei aqui do artigo que

escrevi em 2020, sobre avaliação-portfolio, em que contextualizei como enxergo, vivo, concebo a sala de aula.

E a sala de aula, como é entendida? A sala de aula é compreendida como um momento de formação. Para tanto, pode ser identificada também como o espaço-tempo das aprendizagens, “onde é possível viver a magia e o encantamento de ter nas mãos e diante dos olhos, o mundo para ser visto, pensado, debatido, revirado, para manter vivos os sonhos e desejos de mudança e transformação (GARCIA, 1997, 64).

Utilizando este conceito vivo e dinâmico do espaço da sala de aula, entende-se que ela seja composta por quatro dimensões fundamentais: conhecimento, comunicação, compromisso e relação interpessoal. Para explicar estas dimensões utilizo, nesta prosa, os saberes necessários à prática educativa tais como: ensinar exige rigorosidade metódica e pesquisa. Resgata-se, assim, a ideia de que o conhecimento não se configura como uma verdade absolutizada, mas como objeto mediador para o diálogo. Partir do conhecimento e da realidade do/a estudante (aprendente) se torna condição para esta dimensão, nesta perspectiva, se efetivar. O conhecimento assume papel importante na definição da aula. Qual conhecimento tenho como objetivo? Qual significado este conhecimento assume na vida das pessoas? Estas perguntas devem ser norteadoras de uma práxis docente progressista.

Em relação à comunicação, conclama-se três saberes freireanos: ensinar exige a disponibilidade para o diálogo, exige saber escutar, exige a reflexão crítica sobre a prática. É importante que o/a professor/a (aprendente) medie o processo de construção do conhecimento. Para tanto, planejar, reconhecer, compreender que a busca por diferentes linguagens assume a dimensão de se comunicar em uma aula. Especificamente, aqui, contrapõe-se a um modelo de “educação bancária”, em que o professor deposita, transmite o conhecimento aos estudantes, mas que, sim, aprende junto com os/as estudantes. Comunica-se, significa-se, constrói-se.

A dimensão compromisso associa-se ao ensinar, que exige comprometimento, “não posso escapar à apreciação dos/as alunos/as [...] Enquanto presença não posso ser uma omissão mas um sujeito de opções”. Esta preocupação ou responsabilidade traduz bem o compromisso instaurado como dimensão importante na sala de aula, compromisso com a formação destas pessoas, tendo como objetivo principal a profissão docente.

Por fim, a dimensão da relação interpessoal não segue uma raiz hierárquica, mas assume papel importante na dimensão de uma aula em que as quatro dimensões gravitam, pois ensinar exige querer bem, exige humildade, tolerância, exige estética e ética. Exige o respeito à profissão, à instituição, às pessoas, demonstrados de diversas formas, conduzindo o processo de forma transparente e buscando a autonomia dos sujeitos aprendentes.

Para compreender esta dimensão, é importante um princípio freireano que a antecede, o de que somos seres inacabados, somos seres históricos. Portanto, os saberes que constituem os/as professores/as são diferentes dos saberes que constituem os/as alunos/as, mas não são melhores nem maiores, apenas diferentes. Neste lugar, os seres aprendentes se conectam, se solidarizam em busca da construção do conhecimento (COIMBRA, 2020c).

A sala de aula faz parte de meu processo formativo, que articula essas 4 dimensões que Garcia descreve. A escola, de uma forma mais ampla, também se constitui desses espaços

formativos. A profissão de professora exige um “pensar certo” que significa aprender sempre. Dessa forma, essa jornada de imersão na rede municipal de ensino faz com que eu saia com mais condições de apreender a realidade e estabelecer um diálogo mais próximo nas relações de ensinagem que percorro. Saio do lugar da formação e vou para o lugar da profissão. Frequento, aprendo, estudo e retorno para o lugar da formação com mais condições e sonhos para exercer a minha práxis.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana Auxiliadora Martins  
Ana Claudia da Motta Coelho de Resende Morato  
Carla Barbosa Alves  
Daniela Gomes de Almeida  
Daniela Silva de Paula  
Eliane Gonçalves Noronha  
Gercina Santana Novais  
Kátia Kelly de Sousa Queiroz  
Kellen Cristina Marçal de Castro  
Larissa Maciel Gonçalves Silva  
Lóren Grace Kellen Maia Amorim  
Maria de Fátima Santos Cunha  
Maria do Socorro Ambrósio da Silva  
Marilaine Oro Mayer  
Marina Vargas Tomaz  
Marli Rodrigues  
Olenir Maria Mendes  
Regina Garcia Giaretta  
Selma Vieira da Silva

## Na pandemia

Eu acho que ciência é certo só que o certo científico para ser certo é preciso estar incerto da certeza. Quer dizer, quanto mais incerto eu fique da certeza, tanto mais eu estou certo, porque eu estarei certo na medida em que o certo não é imutável. (Verbetes: Ciência, Paulo Freire)

Penso que, mesmo que esse tempo esteja retratado em outras memórias que me constituem como docente, seria importante dizer de meu sentimento nesse processo. Não deixar passar em branco. Localizá-lo como um momento importante de minha história. Talvez um dos momentos em que eu tenha tido mais medo, como humanidade. E ainda juntou o momento da pandemia com um governo fascista que tivemos, na presidência do Jair Bolsonaro (2019-2022).

**Horas antigas.** Lembro que, em março de 2020, as aulas haviam acabado de começar e eu fui até a Reitoria. Nesse momento me encontrei com o Professor Clésio (assessor do Reitor) e comentamos sobre o que estava acontecendo. Eu, ainda incrédula, dizia: será que precisa mesmo paralisar as atividades na UFU? Tudo vai parar? E eu ainda duvidava da realidade. Parece que levei um tempo para entender o que estava acontecendo.

FIGURA 126 – Números de COVID-19 no Brasil



Fonte: Ministério da Saúde<sup>20</sup>

Mesmo amedrontada com tudo, quase 700.000 mortos. Não parei de trabalhar um segundo, aliás, aqui em casa, tudo se transformou muito rapidamente, pois tivemos que criar as condições de trabalhar em casa. O trabalho parece que ajudou a suportar o isolamento. Tive a chance, oportunidade e condições de trabalhar em casa, sei que muitos, na desigualdade, não tiveram a mesma possibilidade. Até a pandemia, eu trabalhava na Universidade. Tinha a minha sala lá e era menos comum trazer atividades para casa. Apenas quando era leitura, planejamento e outras coisinhas. Mas não tinha um ambiente de trabalho em casa. Tivemos que criar esse espaço para mim e para nossas filhas estudarem.

Tive que aprender muito rápido. Era uma pessoa muito arreada com relação a tecnologias. Fiz curso de *moodle*, fiz um curso com a minha colega Aléxia em que aprendi maravilhas. Fiquei encantada e aborrecida comigo mesma e com meus preconceitos sobre as possibilidades que podemos encontrar nesse mundo.

FIGURA 127 – Cartaz do Curso O direito à educação



Fonte: Arquivo da Autora

<sup>20</sup> Disponível em: [https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html). Acesso em: 1 mar. 2023.

A UFU decidiu, depois de retomar com reuniões e atividades de forma *online*, como seriam as atividades de ensino, por meio do Conselho de Graduação, Resolução nº 7/2020, que dispunha sobre a instituição, autorização e recomendação de Atividades Acadêmicas Remotas Emergenciais (AARE), **em caráter excepcional e facultativo**, em razão da pandemia de COVID-19, e sobre realização de estágio durante a suspensão do Calendário Acadêmico, no âmbito do ensino da Graduação. No artigo 9º, diz que a adesão dos discentes às AARE é voluntária. E o artigo 24 assegurava:

Art. 24. A opção dos docentes e servidores técnico-administrativos que atuam diretamente nas atividades de ensino no âmbito das AARE por não participar dessas atividades não produzirá penalidade funcional ou administrativa em seu desfavor por parte da Administração da UFU. (Resolução nº 7/2020, do Congrad-UFU)

Ou seja, fizemos um calendário em 2020, facultativo e de adesão voluntária. Foram 9 (nove) semanas para cada semestre, mas cumpria-se a carga horária total dos componentes curriculares, pois fizemos atividades síncronas e assíncronas. Mas quando as discussões começaram, escrevi um texto com minha amiga-colega Daniela sobre nossa indignação em ver a universidade retomar as atividades em meio a uma pandemia e não fazer, seriamente, com sua comunidade, uma discussão do que era importante naquele momento, que intitulamos: Ligamos o “play”.

Corre. Corre. A peça vai começar. Talvez esta tenha sido a expectativa criada por alguns, no meio da pandemia. A ansiedade para o momento do retorno era esperado. Vivemos ancoradas na possibilidade de retorno à normalidade. Esperávamos, esperançosas, o retorno nas Universidades Federais. Fosse a forma possível que fosse. Esta esperança nos mobilizou para diversas ações, inclusive formativas.

“Rew” (Voltar). Durante a pandemia, não paramos um dia sequer. Orientações, pareceres, Grupos de Pesquisas, reuniões administrativas, projetos em andamento, fazendo cursos de todos os tipos, fazendo e assistindo a Lives sem fim, escrevendo artigos, lançando livro...

A peça começou. Um vídeo institucional dizendo sobre a preocupação com estudantes. Precisamos voltar, em respeito a eles/elas. Embarcamos na ideia e somos convencidas de que, como professoras, de uma instituição pública de ensino superior, temos que agir (como se estivéssemos inertes), a exemplo dos colegas da Educação Básica, na linha de frente dessa pandemia. Temos que assumir a nossa parcela de responsabilidade social nesse momento. Afinal de contas, somos professoras.

Estamos banhadas pelas discussões empreendidas em nosso grupo de pesquisa, o Observatório de Políticas Públicas da UFU, que inclusive fez uma “Nota sobre as prioridades da Universidade em meio a Covid-19” e escrevemos:

Parece faltar sentido em buscar o aproveitamento acadêmico regular, a retomada dos componentes curriculares, simplesmente mobilizando recursos remotos, mesmo que de forma emergencial. Parece faltar sensibilidade social tranquilizar nossas consciências com a retomada dos cursos. Ao final da crise, teremos como saldo as disciplinas concluídas,

provavelmente com turmas incompletas e uma sociedade destroçada. [...] Portanto, usar o ensino remoto para retomar compromissos acadêmicos do semestre interrompido nos leva na contramão do que é prioritário. (Leia o documento na íntegra <https://www.instagram.com/p/CBDodrtA4hD/>)

A Universidade começa a formulação de como vamos voltar. Nossa primeira decepção temperada com indignação. Um forte movimento institucional no sentido de produzir o convencimento de que esse é o caminho. Primeiro ser perplexo. Depois de quase 3 meses de isolamento social, a Universidade que nunca parou, é certo, retoma as discussões sobre o ensino. Temos mesmo que fazer a nossa parte. Mas o texto e seu subtexto não nos dão a resposta. Com ar de que facultativo é democrático, fizemos uma sopa com todas as letras e, ao final, uma intensa sobrecarga aos colegiados de curso e na individualidade docente. A decisão é sua! A peça é sua! A escolha é sua! Como se os quereres individuais fossem a simples forma de participar, em tempos de pandemia.

Peça no segundo ato. Vamos para o interior de uma unidade acadêmica. Reuniões. Reuniões. Mas, ora, se a decisão é individual, não deveríamos enviar e-mails individualizados? Cada docente diz se vai ou não assumir e o que vai assumir. Mas como? Fundada em quais princípios? Isso é bobagem! Os princípios todos/as nós sabemos. Mesmo? Segundo ser perplexo.

Cá estamos. Professores e professoras em cena. Nada diferente do que vivemos na rede municipal e estadual, com uma exigência urgente de transformação do ensino presencial para um ensino sob a forma remota. Mas o que muda, essencialmente? Muda tudo e em pouco tempo. Muda tudo e com um cenário de pandemia. Muda tudo e com um governo federal que não demonstra a estabilidade necessária para o enfrentamento de uma crise.

Defendemos, como elemento constitutivo de uma educação transformadora, para uma sociedade justa e democrática, as universidades públicas brasileiras. E não é porque somos “funcionárias públicas” que defendemos, corporativamente esse lugar. Defendemos como princípio, defendemos suas finalidades, defendemos a sua organização democrática, defendemos o tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão. Defendemos como produtora de conhecimento. Defendemos como produtora de humanidades. Defendemos como produtora de profissionais em suas dimensões política, ética, técnica e humana. Defendemos como produtora de culturas. Defendemos como produtora de ciência.

Mas... essa defesa não é neutra e não deve ser romantizada. Temos problemas históricos que precisamos enfrentar também. Nesta hora compreendemos o que ouvimos durante a pandemia, quando trazíamos a questão da desigualdade social no Brasil. Essa não é nenhuma novidade, mas a pandemia escancarou, revelou, alargou. Ou seja a pandemia não cria, apenas desvela, revela. Assim, transportamos para a Universidade. Nada foi criado pela pandemia. Ela apenas revelou. O que, especificamente? As nossas contradições. Para explicar melhor esta cena, explicitamos as finalidades da educação superior, pois num mundo de fluidez, temos um ponto de partida, de ancoragem.

[...]

Se em um cenário pré-pandêmico já problematizávamos a concretização de uma educação superior segundo os paradigmas acima, durante a pandemia os questionamentos se tornam mais agudos: Por que nossas ações institucionais se distanciam tanto destes princípios? Qual a importância damos para a produção e difusão da cultura na Universidade? Qual conhecimento do “mundo presente” estimulamos? Qual análise crítica fazemos? Como articulamos o ensino, a pesquisa e a extensão? Histórica discussão, mas será que avançamos? Como nossos indicadores de avaliação de qualidade da educação superior se apropriam destes princípios? Como nossos indicadores para a definição de financiamento da educação superior levam em consideração estes princípios? Qual projeto temos para universalização e aprimoramento da Educação Básica?

Princípios declarados. Problematizações feitas com a realidade. Vamos para o terceiro e último ato. Partimos destes princípios/finalidades, mas a realidade não está alterada, estamos vivendo em um momento de pandemia sanitária e de crise política. Mais de 80.000 mortos no Brasil. (23/07/20) Quais princípios então se apresentam como necessários? Sob quais discussões esperávamos participar na Universidade, com a retomada das atividades de ensino? E antes que nos interpretem mal, esclarecemos: somos favoráveis ao retorno das atividades de ensino. Ligando o play? Não. Não podemos crer que com as nossas finalidades, paramos no dia 20 de março. Apertamos o pause. E Agora, no dia 10 de agosto, ligamos o play. Não podemos compreender que este tempo todo seja “apagado”. Não podemos compreender que a Universidade esteja agora, neste momento de dar o exemplo, se reduzindo a “fazer a coisa séria” que é continuar as nossas disciplinas ou componentes curriculares, ou atividades complementares ou atividades de extensão, como se a almejada normalidade no Brasil estivesse presente, como se a normalidade na humanidade, estivesse presente. Como se nós, pessoas, professoras, estivéssemos na normalidade. Terceiro ser perplexo.

Usamos a perplexidade, os seres perplexos, pois consideramos que um dos processos desumanizadores que temos vivenciado é a nossa incapacidade de ficar assustadas, desacorçoadas, perplexas com a realidade. Naturalizamos, nessa sociedade: a desigualdade, o racismo estrutural, o machismo, a violência contra as mulheres, a homofobia, o obscurantismo, o fascismo, como formas possíveis de convivência social. Não naturalizamos. Assustamos. Ficamos perplexas. Queremos manter a nossa condição humana, por isso a liberdade e a democracia são condições para a nossa existência. Não abrimos mão. Radicais? Talvez, mas precisamos e estabelecemos princípios éticos, valores sociais para a nossa existência. Assim, pensamos ser o caminho para a flexibilidade necessária para a convivência humana.

Nesse movimento de crise mundial, com vidas sendo perdidas diariamente, como afirma Cuban (1984 apud Goodson, 1995, p. 22), “[...] a universidade parece uma concha no meio de um mar revolto”, tudo em nosso entorno está em inconstância e estamos ainda presos às grades, às estruturas curriculares, ao conteúdo que é preciso trabalhar para a formação deste ou daquele profissional. Não podemos acreditar que o mundo passando lá fora, nós nos voltemos para o que enxergamos como “essencial”: nossos componentes curriculares, nossas atividades complementares, nossas

atividades de extensão. Isso seria o essencial? Só se for o olhar dentro de uma concha. Onde perdemos a humanidade na Universidade?

Queríamos ter acreditado no potencial transformador de uma crise social/mundial. Mas parece que nem isso serviu para abrir a nossa concha. Quebrar os nossos castelos. Desestruturar as nossas estruturas. A Universidade e nós, como parte dela, ficamos devendo. Esperávamos mais de sua função social nesse momento. Esperávamos que fôssemos eleger princípios agregadores aos da LDB nestes tempos, em que a solidariedade, o acolhimento, a generosidade, a temperança, a humildade, a paciência pudessem surgir como valores necessários ao enfrentamento. Mas não. Em um momento em que todas as formas de conhecimentos e saberes são convocadas a pensar, criticizar, experienciar ou ao menos enxergar o tempo presente, para que seja possível um novo futuro, escolhemos retomar um passado que não mais existirá, como se ele fosse um paradigma seguro, uma tábua de salvação, como se o passado guardasse a normalidade, agora rompida, sem percebermos que essa normalidade nunca existiu e por isso estamos aqui. Estas questões que deveriam ser o cerne de toda e qualquer ação da Universidade são colocadas de forma secundária, marginal e invisível. Funcionamos como se quiséssemos a todo custo fazer um relógio emperrado voltar a badalar sem perceber que ele não parou. Qual tipo de conhecimento quer se produzir em uma universidade que se coloca no tempo/espço como se estivéssemos em fevereiro de 2020?

[...]

Talvez este texto seja um convite para a construção coletiva de uma realidade que está por vir. Que tenhamos mais professoras e professores convencidos de que nosso papel, nesse momento, não seja apenas ligar o play. Que tenhamos sanidade para enfrentar humanamente estes tempos, sem sermos assolapados pela dimensão técnica (necessária, mas não imprescindível). Que a nossa criatividade, que a nossa visão de mundo sejam princípios para a nossa atividade docente em uma Universidade pública. Que não sejamos cobrados pela história, por termos nos ensimesmado nas soluções e proposições. Que as atividades de ensino não se transformem em atividades de um conhecimento neutro, pois a ciência não é neutra e este texto demonstra claramente uma visão humanitária e progressista de sociedade e de educação.

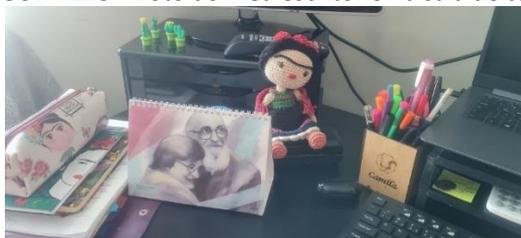
[...]

Talvez a gente precise, de fato, olhar para dentro da concha e aproveitar o momento para fazer as mudanças necessárias. Estamos convictas de que a mudança é possível. Mas não há um jeito só de apreender essa realidade e por isso e com isso, a construção histórica e coletiva deve ser a nossa forma de não ligar o “play”. (COIMBRA; CROSARA, 2020)

Mesmo com esse desabafo, aliás penso que foi a escrita desse texto que fez com que eu conseguisse assumir a minha jornada docente em meio a tanta tristeza, decepção e frustração, trabalhei, nesse ano de 2020, com dois componentes curriculares no Curso de Pedagogia: Didática 1 e Didática 2. Criar uma rotina de retorno, mesmo que fosse com aulas remotas, pareceu-me necessário naquele momento. Foram encontros (atividades síncronas)

importantes para suportar o que era a realidade de cada uma. Criamos uma estrutura de trabalho em casa.

FIGURA 128 – Foto do meu escritório na sala de casa



Fonte: Arquivo da Autora

Na Didática 1, com estudantes do primeiro ano, tivemos uma delas, a Joana, que se dispôs a fazer no início de nossas aulas 10 minutos de meditação. Nessa turma, concluímos o ano, fazendo um Sarau da Didática. Penso que entendemos que o mais importante foi a relação humana estabelecida num tempo de muita solidão, isolamento e dor. A frase “ninguém solta a mão de ninguém” era o lema.

FIGURA 129 – Foto de estudantes em-quadrados em telas



Fonte: Arquivo da Autora

Nomeamos a Turma de Gilberto Gil, pois a música “Andar com fé” foi nossa inspiração. Criamos, no Sarau, três momentos: inspire-se, sinta e abrace. No momento abrace, cada uma tinha que fazer um slide dizendo sua forma de abraçar o outro. Alguns dos abraços:

*No começo não tinha ideia de como seria meu primeiro ano na universidade, entrei quando estava faltando uma semana para começar ensino remoto não tive contato com nenhum colega ou professor e o medo de me sentir deslocada cresceu bastante. Ao longo das aulas fui conhecendo bastante sobre o curso o trabalho maravilhoso de um(a) pedagogo(a), a importância que tem na sociedade, cada matéria que participei me mostrou um pouco sobre a pedagogia que cada dia me faz sentir feliz sobre a minha escolha. (Maria Vitória)*

*Só queria dizer que mesmo nessa distância, acredito ter sentido muitas energias positivas e força de vontade de nós alunos nas aulas da Didática e da nossa professora então nem se fala.... Só tenho a agradecer a todos e todas por essas noites de quinta-feira e espero ter dado meu melhor na disciplina, Camila obrigado!!! Você é incrível e não tem palavras pra descrever isso. Obrigado turma e de coração, eu queria ter um contato pessoalmente e conhecido melhor todas e todos mas mesmo assim eu confio que ainda vai dar certo!!! Recebam meus braços virtuais porém sinceros! E*

*queria deixar uma frase do Djonga que eu gosto muito: “Em tempo de ódio e conservadorismo, amar e mudar as coisa é luxo” (Matheus)*

*Hoje gostaria que abraço fosse “de verdade”, que eu pudesse agradecer a presencialmente a turma pelo primeiro ano que passamos juntos, mas infelizmente não foi possível. Espero logo, logo nos reencontrarmos e assim darmos aquele caloroso abraço! Quero abraçar virtualmente e de forma especial meus amigos que estiveram comigo e nesse ano tão difícil, que não soltaram a minha mão e não me deixaram desistir... Abraço virtualmente e bem apertado também, você professora Camila que não mediu esforços para fazer com que essa nossa caminhada difícil fosse mais leve! (Leandra)*

*Foi muito bom esse momento que passamos, apesar de ser remotamente, conheci muitos colegas, espero encontrar e conhecer todos vocês breve no presencial e a professora Camila também, foi um privilégio participar de suas aulas e aprender muitas coisas. Um abraço para toda turma!! (Rayane)*

E assim, com esses abraços, encerramos o ano de 2020 e iniciamos o ano de 2021, aí sim, com um calendário “válido”, e tivemos que repetir o ano de 2020 em 2021. Por isso, nosso Calendário está com atraso de um ano em relação ao ano civil. Iniciamos em 27 de fevereiro de 2023 o segundo semestre de 2022 na graduação, porque a pós-graduação continua como se nada estivesse acontecendo... a concha no mar revolto...

Fui convidada, em 2020, para fazer uma *Live* no Programa Virtual de Formação da UFU (PROVIFOR), com o título: “E agora, tudo virou live? Diálogos Formativos em Tempos de Pandemia”.

FIGURA 130 – Cartaz do Provifor



Fonte: <https://www.youtube.com/c/proviforufu>

Ainda em 2020, a Faced também criou o Projeto de Extensão: FACED presente! As estudantes do Curso de Pedagogia solicitaram que fizéssemos uma discussão sobre os impactos da pandemia na profissão de docente, e assim, criamos, eu e Simone, duas *lives* sobre isso, uma com professores/as das redes municipal, estadual e privada e outra com a Eseba.

FIGURA 131 – Cartazes do Faced presente



Fonte: <https://www.youtube.com/@FACEDPresente>

Muitas foram as atividades em 2020, pois, como estávamos “em casa”, parecia que não era trabalho, e comecei a trabalhar desmedidamente. Tenho a clareza de que não fui só eu, mas vou dizer que nossa jornada de trabalho ficou insana. Perdemos o limite entre o trabalho, a casa, e como não tínhamos como sair para o lazer, o encontro, o trabalho tomou conta da vida. A pergunta não é se tudo virou *Live* e sim como tudo virou trabalho? Começamos uma série de participações *online* em outras Instituições: Uemg, Unimontes, IFTM e USP.

FIGURA 132 – Cartazes de algumas atividades realizadas



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2021, assumi as mesmas turmas que havia assumido em 2020 (facultativo) e com a experiência passada tivemos a oportunidade de melhorar processos e incorporar outras possibilidades para o processo de ensinagem. Aprendemos a usar melhor as plataformas e penso que isso fez com que o processo ocorresse de forma mais tranquila, mesmo ainda num cenário de muito sofrimento.

A pergunta mobilizadora, na Didática 1, foi: qual é seu sonho na Pedagogia? E a partir das respostas, fomos mobilizando os conhecimentos e saberes necessários à prática educativa, fazendo referência à Pedagogia da Autonomia, de Paulo Freire.

*Conseguir ser uma professora que cativa os alunos, ensine de uma maneira leve e com bastante amor, para ser lembrada como uma professora querida*

*Me encontrar nela.*

*Construir pessoas com a capacidade de utilizar os conteúdos ensinados em sala de aula como suporte para criação de suas próprias ideias e de um pensamento crítico.*

*Aprender o máximo que eu puder, enriquecendo meu conhecimento para que futuramente eu possa contribuir para a formação das crianças, levando a educação e formando futuros cidadãos conscientes.*

*Creio que a educação seja a arma mais poderosa para mudar o mundo. Espero poder fazer alguma diferença nisso.*

*Conseguir me tornar uma boa profissional.*

*Criar um ambiente de aprendizagem, onde se possa demonstrar a criatividade, desenvolver e incentivar aptidões que um aluno não tenha medo de demonstrar, pelo contrário, que o aluno se sinta confortável em expor e seguro para ouvir ensinamentos que o conduzirão de uma melhor forma, no que se propõe à aprender.*

*Eu já tive pensamentos de construir uma escola na minha cidade, onde tenha educação especial e aulas diferentes como de artes, xadrez, etc.. Mas não é algo concreto :)*

*Encontrar dentro da pedagogia uma área onde eu seja realizada profissionalmente, pessoalmente e financeiramente.*

*Meu sonho é poder me tornar uma profissional notável, com todos os erros e acertos para poder lutar pela educação no Brasil.*

*Meu sonho na Pedagogia é clichê mas é aquele sonho de poder transformar positivamente a vida dos alunos, se eu conseguir tocar ou ser inesquecível para um aluno que seja, já vou me sentir realizada.*

Minha percepção com essa experiência é que a gente sonha pouco. Nossos sonhos são pequenos. Parece o retrato da juventude no documentário tão criticado, mas que tenho que citar, quando o jovem diz: nunca me sonharam um advogado, nunca me sonharam um professor. Parece que na Pedagogia nunca sonharam pra gente algo que transforme uma sociedade. Talvez no dia em que acreditarmos nisso, façamos uma importante revolução na escola e na universidade.

Sou constituída de muitos sonhos. Esse é um deles. Participar da mudança necessária no ensino. Sonhar que uma outra escola é possível, que uma universidade popular é possível.

Enfim, em 2022, retomamos o nosso Calendário presencial, especificamente em março de 2022, com máscaras. Na primeira semana de março, primeira semana de aula, contraí a COVID-19. Senti um mal-estar generalizado, parecendo uma gripe forte. Já havia tomado duas doses da vacina. Fiz o teste de farmácia e deu positivo. Não pude dar aula na primeira semana do retorno. Muito frustrante, mas agradecida por ter tomado a vacina, por ter tido sintomas leves e porque, em minha família, ninguém teve, apenas eu.

Isso não me exime da responsabilidade de pensar no outro. Nas condições que tive e muitos que não tiveram. Das pessoas que morreram pelo atraso na vacina. Das crianças órfãs por causa dessas mortes. Das estudantes que tiveram que trancar o curso para trabalhar. Talvez tudo isso possa se traduzir em indignação. Quando a Universidade decide ligar o *play* e trabalhar com as nossas disciplinas, eu, de cá, sonhava em fazer disciplinas com colegas, com temas que pudessem incorporar a fragilidade humana que estávamos vivenciando. Talvez eu não tenha sonhado mais alto para que outras pessoas pudessem participar do sonho, mas o que pensava é que tínhamos que dar aulas interdisciplinares, coletivas, de mãos dadas. Não foi assim dessa vez. Fizemos isoladamente, no isolamento, aquilo que talvez pudéssemos ter feito coletivamente, na solidariedade.

## Pesquisa Interinstitucional

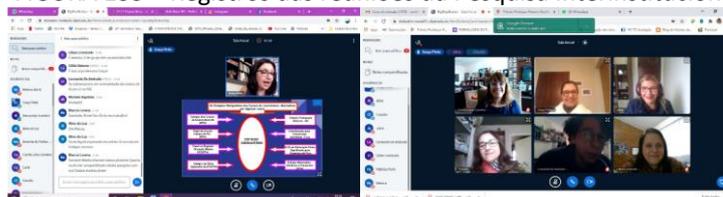
Tenho uma colega que fez o Curso de Graduação em Pedagogia comigo, Graça, que trabalha hoje da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Estudamos juntas. Em 2019, no XII Encontro Internacional de Formação de Professores e Estágio Curricular Supervisionado, na UFU, nos encontramos. Dali, surgiu um convite para participar de uma pesquisa interinstitucional: UFU, UFPEL e Unipampa.

Graça coordena o Grupo de Estudo e Pesquisa em Estágio e Formação de Professores (GEPEFOP) na UFPEL e partiu deste Grupo a iniciativa da pesquisa. “O Grupo analisa os estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios em cursos de formação de professores/as presenciais e à distância. Os trabalhos desenvolvidos decorrem, em grande parte, daqueles relacionados às orientações realizadas em níveis de graduação e, ainda mais, de pós-graduação. Os assuntos pesquisados permitiram ‘desenhar’ um cenário acerca das diversas interfaces que constituem os estágios obrigatórios, contribuindo, desta forma, para a formação de uma rede temática deste campo do conhecimento.”

A pesquisa teve como título: “O estágio obrigatório dos cursos de licenciatura: alternativas por algumas vozes”, com o seguinte objetivo: mapear, por meio de um quadro analítico (teórico-conceitual), as alternativas indicadas por segmentos da comunidade acadêmica para o desenvolvimento dos estágios obrigatórios, em tempos de COVID-19, nos cursos de licenciatura de duas instituições de educação superior do Rio Grande do Sul e uma de Minas Gerais.

O processo metodológico teve como meio de coleta de dados um questionário misto com questões predominantemente fechadas, na plataforma *googleforms*, destinado aos/as estudantes dos cursos de licenciatura e aos/as orientadores/as de estágios de Cursos de Licenciatura presenciais das universidades parceiras. Foram 498 questionários de estudantes respondidos e 47 questionários de docentes. O período de aplicação dos questionários ocorreu, nas três IES, entre os dias 25/08/2020 a 15/10/2020 para ambos os sujeitos da pesquisa, estudantes e docentes, dos cursos de licenciatura.

FIGURA 133 – Registros das reuniões da Pesquisa Interinstitucional



Fonte: Arquivo da Autora

Na UFU, tive apoio para o envio de e-mails com a Carta de Apresentação e os dois links para respostas para as seguintes instâncias: a) Núcleo de Estágio e Prática Educativa (Nespe) da Faced, b) Fórum de Licenciaturas, c) Docentes da Faced, d) Coordenações dos Cursos de Licenciatura, e) Divisão de Formação Discente (Difdi) da Diretoria de Ensino da Pró-reitoria de Graduação, que enviou para estagiários/as cadastrados no Setor de Estágio. Com essa ajuda significativa que tivemos do Setor de Estágio, a UFU foi responsável por mais de 70% dos questionários de estudantes respondidos.

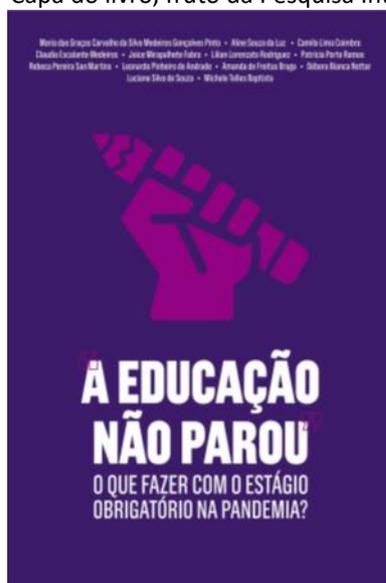
A análise dos dados nos permitiu compreender a importância desse componente como espaço formativo nos cursos de licenciatura, e com relação ao “mapeamento” das alternativas

identificadas entre as três instituições parceiras, o resultado deste trabalho buscou fortalecer as discussões acerca dos estágios obrigatórios nos cursos de licenciatura e outras instâncias de interesse, não exclusivamente neste momento, mas também em futuros processos de recondução pós-pandemia deste componente curricular.

Fazer pesquisa em um momento atípico como o da pandemia exigiu e permitiu certo nível de ousadia, além de consubstanciar-se em um ato de resistência acadêmica e política. Desta forma, o texto legitima a participação e autoria, independentemente do nível e intensidade, de todo o grupo, passando pelas pesquisadoras, mestrandas, doutorandas e estudantes de graduação.

O livro intitulado *A educação não parou: o que fazer com o estágio obrigatório na pandemia?* resulta dessa pesquisa interinstitucional, no qual discute-se e teoriza-se sobre as alternativas adotadas pelos docentes e estudantes das Universidades parceiras para realização do estágio curricular obrigatório durante o ensino remoto emergencial.

FIGURA 134 – Capa do livro, fruto da Pesquisa Interinstitucional



Fonte: <http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul/catalog/download/216/59/313-1?inline=1>

Intitulamos o capítulo 3 “A busca de uma síntese: a educação não parou”. Esse foi um dado da pesquisa. Um dos questionários respondidos trouxe essa ideia de que não paramos, produzimos, nos reinventamos, enfrentamos o desafio e estivemos à frente de nosso exercício profissional, mesmo em meio à pandemia.

Tanto o título quanto a síntese que resgata os objetivos da pesquisa trazem uma fala de um dos sujeitos, em que este afirma que “a educação não parou”. Talvez essa seja uma importante afirmação desta pesquisa: profissionais da educação, envolvidos com o processo de ensinar e aprender, estiveram durante todo o tempo da pandemia repensando e buscando formas de agir para atender a urgência do momento. (PINTO et al., 2022, p. 97)

E assim, enxergamos dois movimentos importantes da pesquisa, de acordo com Pinto et al. (2022):

- a) Houve uma aproximação entre o que foi dito pelos/as estudantes e pelos/as docentes. Mesmo que ambos os segmentos tenham lugares de fala e de formação específicos, percebemos certa sintonia nas concepções manifestadas.
- b) A maior parte dos/as estudantes e dos/as docentes entendia a possibilidade de realizar os estágios remotamente no momento da pandemia. [...] Ambos os segmentos pesquisados concordam que, apesar de não ser o “ideal”, é uma opção frente ao momento vivenciado.

Considero ter sido importante esse movimento, de muito trabalho, muito diálogo, muitas diferenças nas concepções e proposições para a pesquisa. Não foi um movimento fácil, mas conseguimos, sob a coordenação da Graça, fazer aquilo que nos propusemos. E finalizamos com nossa defesa do espaço-tempo formativo do Estágio nos cursos de licenciatura e da universidade como lugar-território dessa formação.

Se podemos falar em certeza, a partir dos dados evidenciados na pesquisa, esta certamente tem a ver com o fato de que a pandemia exigiu adaptações em todos os aspectos da sociedade e, na formação de professores/as não seria diferente, exigiu-se, apesar da dificuldade provocada, a reinvenção dos tempos e espaços formativos, inclusive dos Estágios. Não por escolha, mas por necessidade formativa somada à necessidade imperativa, substituímos emergencialmente os espaços das salas de aulas por plataformas digitais. Substituímos as escolas físicas pelas escolas em plataformas digitais. Nessas substituições, muitas são as perdas e, paradoxalmente, também são as aprendizagens. Mas continuamos na defesa e na luta por uma educação libertadora, crítica e viabilizadora de um processo formativo que também seja permeado de afetos, de solidariedade e de humanidade. Assim esperamos, na luta, porque a educação não parou e não para! Somos movidos/as pelo compromisso com nossa profissão. Ser professor/a e formar professor/a faz parte do mesmo movimento histórico. Se assim compreendemos, a Universidade Pública pode assumir um papel destacado no processo civilizatório, na direção de uma sociedade justa, democrática e diversa.

O caminho de uma pesquisa interinstitucional é importante e necessário para a concepção de pesquisa e de Universidade que carrego e que venho tentando deixar clara aqui, no Memorial, assim como constitui o meu ser professora. São vários obstáculos, mas a relação com o outro me obriga a enxergar de um jeito diferente a realidade.

**Horas antigas.** Ficaram em minha memória nossas reuniões, as colegas do Sul com cobertores, cachecóis e aqui um sol reluzente. Enquanto elas tomavam chimarrão, eu tomava café.

Pessoas que estiveram junto.

Aléxia Pádua Franco  
Aline Souza da Luz  
Amanda de Freitas Braga  
Ana Laura Freitas Silva  
Ana Lyssa Goncalves Arrauda  
Anna Flavia Gomes de Melo  
Breno Rafael da Costa  
Caroline Martins de Oliveira  
Cassila Guimarães Dantas  
Claudia Escalante Medeiros  
Clerismar de Jesus Silva  
Clésio Lourenço Xavier  
Daniela Melo Crosara  
Daniele Lopes Ferreira  
Débora Bianca Nottar  
Esthela Hesse Lisboa  
Gabriela Rodrigues de Alcantara Ferreira  
Gabriele Santos Silva  
Gabrielly Cristiny Bernardes Silva  
Geovanna de Cassia Amaro da Silva  
Isabela Severo Ribeiro de Almeida  
Isabella Ferreira Bernardes  
Joana Darc Cardoso Naves Oliveira  
João Victor Alves Andrade  
Joice Mirapalhete Fabra  
Juliana Ferreira Brito Fernandes  
Karoline Ribeiro Santos  
Laryssa Borges de Oliveira  
Leandra Maria Barrozo  
Leonardo Pinheiro de Andrade  
Lilian Lorenzato Rodriguez  
Louise Lepick Sales  
Luana Marques Santos  
Luciane Silva de Souza  
Mara Dutra  
Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves Pinto  
Maria Eduarda Alves dos Santos  
Maria Eduarda Gomes Ribeiro  
Maria Eduarda Goncalves de Castro  
Maria Eduarda Rocha Viotti  
Maria Simone Ferraz Pereira  
Maria Vitoria Honorato de Almeida  
Matheus Ribeiro Andrade  
Michele Telles Baptista  
Michely D'arc Batista  
Patrícia Porto Ramos  
Rayane Santos Batista  
Rebeca Pereira San Martins  
Rejane Amorim do Carmo

## Os cursos de Pedagogia

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem entorno da escola e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão também. Tudo que a gente pôde fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente. (Verbete: Professores, Paulo Freire)

Fui uma adolescente que nunca teve dúvida do que iria fazer na Graduação. Costumo brincar que nasci professora, mas tive que estudar muito para me tornar uma professora. A maioria das professoras de meu curso de graduação em Pedagogia na UFU se aposentou. Nesse Memorial, tenho que prestar homenagens a essas professoras que fizeram com que eu saísse de uma concepção técnica de ser professora para uma concepção humana-política-ética-social de ser professora. Foi no Curso de Pedagogia que aprendi isso. Antônia Luiza Amorim, Antônio Ricardo Micheloto, Carmelita Vieira dos Santos, Conceção Maria da Cunha, Eneida de Mattos Faleiros, Eraídes Ribeiro Bonilha, Helenice Camargos Viana Diniz, Joaquim Antônio Assis Villar, José Carlos de Souza Araújo, Luzia Marivalda Barreiro da Costa, Marcelo Soares Pereira Silva, Maria das Graças Cunha Campos, Maria de Lourdes de Miranda Garcia, Maria Vieira, Mário Alves de Araújo Silva, Marilza Abrahão Pires Rezende, Marisa Lomônaco de Paulo Naves, Marly Bernardes Araújo, Mirian Omena Costa, Mirna Mameri, Myrtes Dias da Cunha, Nair Masini, Olga Teixeira Damis, Sarita Medina da Silva, Selva Guimarães Fonseca, Stela Maria de Paiva Carrijo, Tiago Adão Lara e Valéria Aparecida Dias Lacerda.

**Horas antigas.** Estudei, nos anos iniciais do ensino fundamental, na Escola Estadual Enéas de Oliveira Guimarães. Nesse momento, perdi minha mãe, e a diretora da escola, na época, era a Tia Stela. Minha lembrança afetiva é de que ela me acolheu, me protegeu e me deu suporte para enfrentar a dureza da perda. Depois volto a vê-la como minha professora no Curso de Pedagogia. O mundo dá voltas.

O Curso de Pedagogia era tanta certeza, que fiz o último semestre do Curso de Magistério, em 1989, concomitante a um Cursinho Pré-vestibular para ajudar com as disciplinas que não temos no Magistério. Já trabalhava no Centro Educacional do Pimplinho. Eram 3 turnos, mas compreendi que foi importante para passar no vestibular.

Considero que fui uma estudante mediana, gostava de aprender, mas não tinha muita paciência e nem muita disposição para estudar. Fazia o básico. Lembro-me que a gente tinha o grupo, na sala, que considerava de estudiosas: Andréa, Adriana e Graça. Andréa não atuou na área. Adriana, somos amigas-pares desde então e a Graça foi com quem desenvolvi a pesquisa interinstitucional na pandemia. Não era, mas estava perto de quem era. Participei do PET, participei do DCE, achava as estudantes do Curso de Pedagogia “alienadas” do mundo ao redor. E busquei, desde lá, formas de ampliar a minha leitura de mundo.

No Curso, vivia muitos dos dilemas clássicos, pois desde o início eu já atuava como professora e achava que as teorias não estavam lá, na minha sala de aula. Tinha os mesmos pensamentos que vejo em minhas estudantes hoje: por que não me ensinam a alfabetizar? Vim de um curso técnico, saí dele cheia de cadernos de atividades e comecei com essas perguntas de uma consciência ingênua da profissão. As minhas professoras no Curso de Pedagogia me ensinaram a pensar. Mas era bastante questionadora dessa relação. Pedia, o tempo todo, exemplos, situações concretas. Minha cabeça pensa melhor com a realidade concreta.

Para cumprir o currículo do Curso de Pedagogia que fiz, ainda com as habilitações, precisei ter 6 meses de experiência docente comprovada para ter o diploma de licenciatura com as habilitações em orientação educacional e supervisão escolar. O Estágio Supervisionado era no último ano do Curso, por isso pedi demissão do Colégio Objetivo Júnior para cursar o último ano. Meu estágio foi na Escola Estadual Maria Conceição Barbosa. Desde essa experiência, o Estágio configura-se como estruturante na formação de professores/as. Vivi um currículo 3+1: teoria primeiro e prática depois. E sempre questioneei essa ordem. Isso sempre me causou incômodo.

**Horas antigas.** O primeiro artigo que escrevi foi no curso de graduação, junto com minhas colegas-amigas. Nenhuma delas foi para a área da educação. COIMBRA, Camila Lima; CECÍLIO, Luciana B ; TIZZO, Neila P . Jogos ortográficos. **Ensino em Revista**, Uberlândia-MG, v. 3, p. 105-110, 1993.

O curso de Pedagogia foi instituído no Brasil no ano de 1939, por meio do Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril, que organizava a Faculdade Nacional de Filosofia e determinava a formação de bacharéis e licenciados para várias seções, sendo: Filosofia, Ciências, Letras e Pedagogia, que incluía a área de Didática. O supracitado Decreto instigou a universalização da formação de professores no país (MOREIRA, 2023, p. 89).

Com o Parecer 251/62, de autoria do conselheiro Valnir Chagas, adequou-se a formação do Curso de Pedagogia à Lei nº 4024/61. Já na ditadura militar (1964-1985), o Parecer 252, de autoria do mesmo conselheiro, em 1969, regulamentou a formação do curso de Pedagogia segundo a prescrição da reforma universitária, Lei nº 5540/68. A organização curricular destinou-se predominantemente à formação do Especialista em Educação (supervisor escolar, orientador educacional, administrador escolar, inspetor escolar). Muito característico do poder e controle necessários à época. Cria-se a formação de habilitações no Curso com um caráter essencialmente de controle.

Os cursos para formação de bacharéis em Pedagogia, também denominados “técnicos em educação”, tinham duração de três anos e para a formação do licenciado era acrescido mais um ano de Didática, sendo amplamente conhecido como “esquema 3+1”. Podemos perceber uma aparente segregação entre as disciplinas do bacharelado e da licenciatura, reduzindo o curso de Didática à forma de ensinar a ministrar aulas, denotando, assim, um forte indício da dicotomia teoria e prática (MOREIRA, 2023, p. 90).

Formar especialistas sem recorrer a uma base de conhecimentos próprios conduziu a embates entre especialistas e professores, uma vez que aqueles, mesmo sem possuir uma formação apropriada, desempenhavam funções que alcançavam status superior na hierarquia escolar. Foi concedida aos especialistas, por regulamentação própria da carreira de magistério, uma maior remuneração pela mesma jornada de trabalho do professor (MOREIRA, 2023, p. 90).

Esse foi o Curso que fiz, criado, em sua origem, como uma hierarquia que se materializa nas relações de poder dentro da escola. Nunca concordei com isso. Quando tive a primeira aula de Princípios da Organização do Trabalho Pedagógico (POTP), em uma perspectiva mais técnica (única vez), em que o professor começou a ensinar como se preenche um diário, como se elabora um horário, percebi que não poderia ser por aí a função de uma pedagoga. Não acredito em uma pedagoga que não tenha a base docente, pois é ela que traduz a essência de uma escola. Ser professora não poderia ser considerado “menor” do que ser uma pedagoga.

Desde ali assim pensava, por isso já tinha simpatia pela Anfope e suas teses, como já testemunhado.

Após a aprovação da Lei nº 5692/71, o CFE, mais uma vez, desencadeou ações para normatizar a formação do/a professor/a e do/a especialista em Educação prevista pela nova legislação, com a criação da organização do sistema educacional em primeiro e segundo grau, hoje denominados Ensino Fundamental e Ensino Médio. Com o movimento de abertura política no Brasil, vários foram os espaços-tempos criados para a definição de um perfil de formação de professor/a especialista no País. Esse histórico realizei na minha tese de doutorado e não pretendo aqui detalhar, apenas chegar até a minha segunda experiência com o Curso de Pedagogia na Faculdade Católica de Uberlândia, no início do ano 2000.

A LDB, Lei nº 9.394 de dezembro de 1996, em seu artigo 64, estabelece que:

A formação dos profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida nessa formação, a base comum nacional. (BRASIL, 1996)

Os preceitos legais estabelecidos indicam, para este curso, a condição de um “bacharelado profissionalizante”, destinado a formar os/as especialistas, seja em cursos de graduação, seja de pós-graduação. O que venha a ser a base comum nacional não fica claro no texto legal. Essa legislação, posso afirmar, foi desastrosa para o Curso de Pedagogia. Retirou a formação de professores/as ao criar o Curso Normal e possibilitou que a formação fosse realizada em Cursos de pós-graduação (360 horas). Ou seja, de 1996 até 2006 passamos o pior momento de nossa história. Pedagogia era um bacharelado, mas também era uma pós-graduação.

**Horas antigas.** Esses/as pedagogos/as estão entrando nos sistemas de ensino com licenciatura nas mais diversas áreas e um curso de pós-graduação, de 360 horas, de formação nas áreas profissionais de administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional. Precisamos pesquisar esse perfil de formação na atuação profissional e tenho de cá minhas suspeitas, pelos relatos das experiências. É fundamental investir em formação continuada para pedagogas/os que tiveram essa formação.

A experiência da Católica, como já relatei, foi constituída de professoras aposentadas da UFU, por isso caminhavam com aquela experiência e com a clareza de que a Pedagogia deveria ter a base docente. Porém, a Católica, como uma Faculdade confessional, não gozava de autonomia didático-científica. Vivi um tempo muito difícil nesse processo de ausência de Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia, pois nos restava cumprir a determinação legal.

Dessa forma, no meio do caminho, a formação do/a professor/a para atuar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi retirada do âmbito dos Cursos de Pedagogia, pois as determinações do Parecer nº 133/2001 impediram os cursos de Pedagogia das Instituições de Ensino Superior não universitárias de formar professores/as de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental.

Depois de muitos embates ocorridos por ocasião da formulação de normas complementares à LDB, a atribuição da formação de professores/as para a Educação Infantil e os Anos Iniciais do Ensino Fundamental ficou assegurada também para o curso de Pedagogia, mas apenas

para aqueles ofertados em instituições universitárias (universidades ou centros universitários). Para os cursos de Pedagogia fora destas instituições não existiu, a partir daí, permissão para a citada formação (Parecer CNE-CES n.º 133/2001). Pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação fica esta formação destinada ao Curso Normal Superior, conforme o artigo 63:

Os institutos superiores de educação manterão:

I - cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o curso normal superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; [...].

A partir do Decreto nº 3554/99 de 07/08/00, modifica-se a exigência em relação ao curso Normal Superior, com o seguinte texto:

A formação em nível superior de professores para a atuação multidisciplinar, destinada ao magistério na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental far-se-á, preferencialmente, em cursos normais superiores.

A questão é que a LDB estabeleceu uma nova estrutura institucional, que são os Institutos Superiores de Educação (ISEs) e suas diversas modalidades de formação, enquanto espaço privilegiado para a formação de professores/as, tal como definido por esse Decreto. O questionamento principal foi sobre a descaracterização do curso de Pedagogia como Licenciatura e a tentativa de colocá-lo como um Bacharelado, uma vez que a legislação determinava que os professores/as para a Educação Básica fossem formados, preferencialmente, nos ISEs, pelo curso Normal Superior.

Pior momento da história para o Curso de Pedagogia vivido por mim, em um lugar institucional que sofreu todas as consequências. Tivemos que transformar o Curso de Pedagogia no meio do caminho e criar os Cursos Normais Superiores. Tanto que assumo, em 2004, a coordenação dos Cursos Normal Superior Educação Infantil e Normal Superior Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Quis resgatar esses fatos, porque a história do Curso de Pedagogia conta a minha trajetória. Além disso, vejo no texto da Resolução nº 2/2019 traços dessa história já vivida para os Cursos Normais Superiores. A ideia de cursos multidisciplinares para a educação infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental, são, para mim, resquícios dessa história, infelizmente. Por isso, defendo a sua revogação, eu e o mundo acadêmico.

Justificava-se, no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Católica:

Os novos estudos e pareceres recentes para propostas de curso de Pedagogia no Brasil, assim como as mudanças feitas para a formação de educadores nas áreas de Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio - levam à necessidade de habilitação de profissionais que atendam às necessidades concretas dos sujeitos a serem educados. Além disto, a demanda por mais profissionais neste segmento, tem, conseqüentemente, aumentado o número de estudantes que vêm buscando ingressar nesses cursos. [...]

O curso buscará formar o pedagogo com uma visão geral da realidade. O Curso de Pedagogia, nesta proposta, oferecerá as seguintes habilitações: Gestão Escolar e Comunitária e Magistério dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental. Na habilitação Administração: Gestão Escolar e Comunitária, o curso estará voltado para as mais diversas instituições de atuação do pedagogo.

Mesmo com tudo ao contrário, a Católica propôs a formação da/o pedagoga/o com a base docente, porém, tivemos que alterar no meio do caminho e isso trouxe muitos transtornos para as estudantes, especialmente. Nessa experiência com o Curso de Pedagogia da Católica, tivemos a oportunidade de criar uma organização curricular que incorporasse um componente do começo ao final do Curso: Pesquisa e Prática Pedagógica (objeto de meu doutorado) e com algumas disciplinas que possibilitaram a ruptura com alguns dos problemas que identificávamos no Curso que fiz. Outras permaneceram.

FIGURA 135 – Estrutura Curricular do Curso de Pedagogia da Católica

ANO	DISCIPLINAS	C. H. SEMANAL	C. H. ANUAL
1º	Problemas Filosóficos e Teológicos Atuais I	02	72
	Fundamentos de História da Educação	04	144
	Políticas Públicas e Educação	02	72
	Teorias Pedagógicas e Trabalho Docente	04	144
	Fundamentos da Educação Infantil	04	144
	Educação e Novas Tecnologias	02	72
	Pesquisa e Prática Pedagógica I	02	72
	Estudos Independentes		40
	Atividades Optativas		40
	Total		20
2º	Problemas Filosóficos e Teológicos Atuais II	01	36
	Homem, Racionalidade e Educação	03	108
	Fundamentos Epistemológicos da Pedagogia	04	144
	Fundamentos Sociológicos da Educação	04	144
	Alfabetização	04	144
	Pesquisa e Prática Pedagógica II	04	144
	Estudos Independentes		40
	Atividades Optativas		40
	Total		20
3º	Desenvolvimento, Ensino e Aprendizagem	04	144
	Educação e Linguagens	04	144
	Educação Matemática	04	144
	Educação e Ciências	02	72
	Fundamentos e Teorias da Administração Educacional	02	72
	Pesquisa e Prática Pedagógica III	04	144
	Estudos Independentes		40
	Atividades Optativas		40
	Total		20
4º	Educação e Geografia	02	72
	Educação e História	02	72
	Gestão Escolar e Trabalho Pedagógico	04	144
	Currículo e Avaliação na Educação Básica	04	144
	Avaliação Institucional	02	72
	Optativa	02	72
	Pesquisa e Prática Pedagógica IV (TCC)	04	144
	Estudos Independentes		40
	Atividades Optativas		40
Total		20	800

Fonte: Arquivo da Autora

Essa foi a estrutura do Curso de Pedagogia, com habilitação em Gestão Escolar e Comunitária elaborada por nós, com a carga horária total de 3200 horas. Uma experiência que, por princípio, tinha que incorporar as bases de uma Instituição católica e, ao mesmo tempo, aquilo que entendíamos dar mais flexibilidade e atualização em um Curso de Pedagogia. Articulação importante realizada pela Diretora Acadêmica. O currículo dos Cursos Normais Superiores foi criado como um espelho dos Cursos de Pedagogia. Atendemos, mas não nos rendemos.

Ao sair da Católica, em setembro de 2006, por ter sido aprovada no Concurso para a UFU, no Campus do Pontal, chegamos 4 (quatro) professoras aprovadas, sendo 3 em um concurso de Didática (era uma área super extensa) e uma em outro concurso, de História e Fundamentos. Teve um professor que também veio pela segunda área, depois de aprovado solicitou redistribuição. Esse processo foi mais demorado, por isso ele chegou depois e participou na medida do possível. No total, 5 (cinco) professores/as área o Curso de Pedagogia. No total foram 33 (trinta e três), com todos os Cursos.

Quando chegamos em Ituiutaba, não havia prédio da UFU. Chegamos nós e começamos a trabalhar em nossas casas. Especialmente na casa da Betânia, que já residia em Ituiutaba. Somente ela do nosso grupo já residia na cidade. Foi muito acolhedora desde sempre conosco. O primeiro movimento foi nos conhecermos, conhecermos a cidade, a Secretaria Municipal de Educação, a Superintendência Regional de Ensino.

FIGURA 136 – Reportagem sobre o Campus do Pontal



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse momento, tivemos a melhor situação para o Curso de Pedagogia, pois as tão esperadas Diretrizes Curriculares foram aprovadas em 15 de maio de 2006. Havia Diretrizes e, além disso, as Diretrizes tratavam do Curso de Pedagogia como licenciatura. Sabemos que isso não aconteceu por acaso e nem gratuitamente. Foram anos de luta, especialmente da Anfope e outras entidades que se mobilizaram para o atendimento dessa reivindicação. Nesse momento, com estabilidade legal, com um chão, um lugar e uma morada para o Curso de Pedagogia, podíamos ousar, sonhar, criar um projeto com a nossa realidade.

A primeira decisão que tomamos foi a de não reproduzir o Projeto Pedagógico de Uberlândia. Era recente, mas não o queríamos, por acreditar que tínhamos que montar um Projeto para Ituiutaba. Não queríamos anual. Com os pontos em comum, do que não queríamos, começamos a pensar qual projeto nos unia. Cada uma de nós, de forma diferente, havia tido experiência com Paulo Freire. O nosso concurso, inclusive, presidido pela Maria Veranilda, teve vários pontos sobre Paulo Freire. Essa foi a união e, dali, partimos para a fundamentação e a materialização do Projeto Pedagógico. Eu e Maria Célia fazíamos doutorado no mesmo Programa da PUC/SP, Lucia com suas experiências freireanas e Betânia com sua dissertação que também passava por essa base epistemológica. Esse foi o ponto de partida: fazer um Projeto Pedagógico com princípios freireanos.

A partir das Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução do CNE/CP nº 1, de 15 maio de 2006), o Curso de Pedagogia destinava-se

[...] à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio de modalidade Normal e em cursos de Educação profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. A formação oferecida abrangerá integralmente a docência, a participação da gestão e avaliação de sistemas

e instituições de ensino em geral, a elaboração, a execução, o acompanhamento de programas e atividades educativas (Parecer CNE/CP nº 5/2005, 13 dez. 2005, p. 6).

O curso de Pedagogia, dessa forma, forma o/a professor/a em um conceito amplo de docência que articula a gestão e a pesquisa. A perspectiva apresentada nas DCNs fundamenta que esta formação caminha para o/a pedagogo/a unitário/a, o princípio anfopeano foi incorporado: a docência assume em seu conceito as demais dimensões formativas possíveis ao/a licenciado/a: gestão e pesquisa. Assim é que eu defendo o Curso de Pedagogia: a docência tem que ser a base.

Talvez o grande marco dessa recente legislação (Resolução CNE/CP nº 1, 15 maio 2006, que institui as Diretrizes Nacionais do curso de Pedagogia) seja a definição do curso de Pedagogia como um curso de Licenciatura, de formação de professores/as prioritariamente para a Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Defende a Pedagogia como campo teórico-investigativo da Educação, do ensino, do trabalho pedagógico que se realiza na práxis social.

A educação do licenciado em Pedagogia deve, pois, propiciar, por meio de investigação, reflexão crítica e experiência no planejamento, execução, avaliação de atividades educativas, a aplicação de contribuições de campos de conhecimentos, como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental-ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural. O propósito dos estudos destes campos é nortear a observação, análise, execução e avaliação do ato docente e de suas repercussões ou não em aprendizagens, bem como orientar práticas de gestão de processos educativos escolares e não-escolares, além da organização, funcionamento e avaliação de sistemas e de estabelecimentos de ensino (Parecer CNE/CP nº 5/2005, 13 dez. 2005, p. 6).

Desaparecem, assim, as terminologias de habilitação no curso de Pedagogia: Orientação Educacional, Supervisão Escolar, Administração Escolar e Inspeção Escolar, e surge um conceito mais amplo sobre as finalidades de formação do/a pedagogo/a, compreendendo-o como um/a professor/a que também desenvolverá ações de planejamento, execução e avaliação de atividades educativas. De fato, as Diretrizes apontam, a partir do histórico já descrito, o currículo como campo de lutas e contradições.

Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado. [...] O currículo, em seu conteúdo e nas formas através das quais se nos apresenta e se apresenta aos professores e alunos, é uma opção historicamente configurada, que se sedimentou dentro de uma determinada trama cultural, política, social e escolar; está carregado, portanto, de valores e pressupostos que é preciso decifrar (SACRISTÁN, 2000, p.17).

Este movimento dialético, que acompanha esta “trama” da elaboração de uma legislação nacional com as diretrizes para o currículo do curso de Pedagogia, precisa ser compreendido neste campo, pois, apesar de acreditar nessa base epistemológica, ela é alvo de tensões e discordâncias. Os territórios contestados do currículo, já diria Tomaz Tadeu da Silva. Por isso, ao mesmo tempo que era um período de calma, pois havia DCNs, também sabíamos da insatisfação de alguns grupos com o teor das DCNs aprovadas.

Assumindo essas contradições e conflitos, o grupo de professoras optou por buscar um caminho, a partir das DCNs, que pudesse expressar as demandas que ouvimos na cidade de Ituiutaba e, ao mesmo tempo, o que acreditávamos no campo educacional da formação de professores/as. Começamos a nossa elaboração pelos princípios. O que sustenta o nosso olhar? Quais são as nossas bases epistemológicas?

**Horas antigas.** Tivemos várias possibilidades institucionais de encontro, debates, estudos. Tivemos Seminários, e esse movimento foi muito importante para integrar, conhecer e planejar junto com os/as colegas.

FIGURA 137 – Foto de professoras do Campus do Pontal



Fonte: Arquivo da Autora

Esse lugar, em que as professoras chegam primeiro, conhecem a realidade e constroem o Projeto Pedagógico do Curso, foi uma experiência em que acredito ter sido possível sonhar. Criamos uma estrutura curricular com ciclos de formação que culminam em uma síntese, realizada pelo Círculo de Cultura. Uma estrutura curricular que pressupõe integração, articulação e interdisciplinaridade.

FIGURA 138 – Os ciclos de formação do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal



Fonte: Arquivo da Autora

Em todas as Fichas de Disciplinas, tivemos o cuidado de colocar uma referência de Paulo Freire, para sustentar o movimento, a compreensão e a apropriação por parte de todos os componentes que compunham o currículo. Em cada final de ciclo, um Círculo de Cultura acontece a partir da temática do Ciclo. Penso que essa organização rompe um pouco a estrutura fragmentada de um currículo composto apenas por disciplinas. Busca as unidades de sentido da formação.

A história do Curso de Pedagogia pode ser contada a partir das experiências vivenciadas com Cursos de Pedagogia, o que fiz na graduação, o que ajudei a elaborar na Católica e o Curso do Campus do Pontal, penso que esse, no contexto em que estivemos, na realidade que conhecemos, foi/é a melhor proposta de Curso de Pedagogia que eu conheço, com muita humildade, mas é.

Talvez seja pelo encontro com o Curso, talvez seja por ser minha formação e profissão, talvez seja porque acredito nos/as profissionais da educação que são formados nas universidades públicas, mas quando vejo um professor/a dando aulas no Curso de Pedagogia, sem conhecer a história do mesmo, sinto muito. Uma vez citei Freire: “Essas faculdades de educação do Brasil precisam virar brasileiras e não ser meias Harvards”, e aqui encerro recriando: as Faculdades de Educação precisam comprometer-se com a formação de professores/as. Essa convocação é urgente.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana Auxiliadora Martins Bernardes

Adriana Pires de Vasconcelos Camin

Alessandra de Faria Marques

Alexandre Molina

Ana Beatriz Mugnatto Pacheco

Ana Paula Martins Gerino

Antônia Luiza Amorim

Antônio Ricardo Micheloto

Beatris Lomônaco de Paula Zago

Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro

Camila Lima Coimbra

Carlos Roberto Vieira

Carmelita Vieira dos Santos

Conceção Maria da Cunha

Delma Vieira Reis

Dom José Alberto Moura

Eneida de Mattos Faleiros

Eraídes Ribeiro Bonilha

Fernando Antonio Leite de Oliveira

Francisco José Gonçalves Dutra

Gerusa Gonçalves Moura

Gilca dos Santos Vilarinho Oliveira

Helenice Camargos Viana Diniz

Helenice Maria Tavares

João Augusto de Freitas

Joaquim Antônio Assis Villar

Joaquim da Costa Porto

José Carlos de Souza Araújo

Jusélia Auxiliadora Rezende

Lavine Rocha Cardoso

Lucia de Fatima Valente

Lúcia Helena Borges de Carvalho

Luzia Marivalda Barreiro da Costa

Manoel Messias de Oliveira

Marcelo Soares Pereira Silva

Maria Aparecida Salazar

Maria Célia Borges Dalberio

Maria das Graças Cunha Campos

Maria de Lourdes de Miranda Garcia

Maria Guilhermina Coelho de Pieri

Maria Helena Dias Fratari

Maria Rita da Silveira Barbosa

Maria Simone Ferraz Pereira

Maria Vieira

Marilane Santos

Marilza Abrahão Pires Rezende

Mário Alves de Araújo Silva  
Marisa Lomônaco de Paulo Naves  
Marly Bernardes Araújo  
Melchior José Tavares Júnior  
Mirian Omena Costa  
Mirna Mameri  
Myrtes Dias da Cunha  
Nair Masini  
Odete Dan Ribeiro Roldão  
Olga Teixeira Damis  
Paulo Roberto de Oliveira Santos  
Sarita Medina da Silva  
Sauloéber Tarsio de Souza  
Selva Guimarães Fonseca  
Silma do Carmo Nunes  
Sônia Aparecida Alvares de Oliveira  
Stela Maria de Paiva Carrijo  
Tiago Adão Lara  
Valéria Aparecida Dias Lacerda  
Vânia Aparecida Martins Bernardes  
Vânia Maria Bernardes Arruda Fernandes

## Pibid Interdisciplinar

O que eu quero dizer é que faz parte da natureza, da nossa experiência histórica que tudo o que fazemos enquanto vivendo o momento de inventividade embute na inventividade a necessidade da reinventividade. Quer dizer, nada pode paralisar-se, imobilizar-se no ato da invenção. Ao ser inventado começa a querer ser reinventado. (Verbetes: Reinvenção, Paulo Freire)

Fui coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar do Campus Santa Mônica, da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, parte integrante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação de Docência – Pibid, com a temática Educação do Campo em duas escolas de zona rural: Escola Municipal Dom Bosco e Escola Municipal Freitas Azevedo, de maio de 2015 a fevereiro de 2018.

Eu talvez seja, com a mais sincera humildade, a pessoa mais defensora do Pibid Interdisciplinar. Um Pibid Interdisciplinar temático e não a junção de áreas afins. Tive a oportunidade de aprender com colegas de outras áreas, com estudantes de outras áreas, como podemos pensar o ensino, como podemos refletir sobre a formação e a escola que queremos, a escola que buscamos. Trabalhei mais perto dos/as professores/as Marcelo Cervo Chelotti (Instituto de Geografia), Luciano Senna P. Barbosa (Instituto de Ciências Sociais), Célia Rocha (Instituto de História), Nicéa Quintino Amauro (Instituto de Química), Fábio Izautino Laura (Instituto de Letras e Linguística). Tenho muitos sonhos, mas um deles é um projeto integrado de formação de professores/as, envolvendo diversas áreas do conhecimento.

FIGURA 139 – Evento do Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

Interessante também aqui ressaltar que vi o Pibid nascer na UFU. Quando estava na Diretoria de Ensino, abrigamos o Pibid na Dlice/Diren e tive a oportunidade de criar com o Hélder o desenho e as medidas iniciais para sua implementação, mas no papel de gestora de 2009-2012. Foi, para mim, uma experiência incrível vivenciar o Pibid Interdisciplinar no chão da escola. Outro lugar, outro olhar, e confesso a vocês que é o lugar que mais gosto de habitar.

**Horas antigas.** Com essa experiência da coordenação institucional do Pibid na UFU, o Hélder Eterno da Silveira foi convidado para coordenar o Programa nacionalmente. No período de 2011 a 2015 foi cedido à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), onde atuou no cargo de coordenador-geral de Programas de Valorização do Magistério, da Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica.

Essa experiência, de coordenar vinte bolsistas e dois supervisores em duas escolas de zona rural no município de Uberlândia, trouxe muitas aprendizagens sobre a temática e, além de outras tantas, uma real aproximação da Universidade com a Escola pública. Talvez a principal contribuição esteja mesmo no campo individual e coletivo, na reflexão sobre as práticas docentes, em meu caso específico, nas disciplinas de Didática Geral e Estágio Supervisionado nos Cursos de Licenciatura e no Curso de Pedagogia. Como vou me transformando nesse confronto com a realidade? Quais conflitos? Quais dúvidas? Quais certezas provisórias?

Este debate sobre a formação de professores/profissionais da educação continua sendo, a cada experiência vivida, o ponto principal de minhas “inquietações” como pesquisadora e professora, em cada momento com o olhar possível e necessário para a compreensão dessa realidade.

Nesse percurso de construção da minha identidade, identifico momentos de conflito e uma eterna busca pelo outro. Um jeito de viver e ver a vida em que os problemas impulsionam a tomada de decisão e as escolhas, tanto profissionais quanto acadêmicas. Tudo com idealismo e realismo entrecruzando-se em busca de significados.

Do mesmo modo que o termo “campo” remete às lutas históricas do campesinato, a expressão educação popular carrega o sentido das organizações populares do campo e da cidade que, na sua caminhada histórica, participam, realizam e sistematizam experiências de educação popular. Estão compreendidas nessas experiências, entre outras, as leituras freireanas (FREIRE, 1979; PALUDO, 2001) e a educação do campo (ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004), em que os movimentos populares desempenham papel central. Tendo por sujeitos coletivos os movimentos sociais populares, a educação do campo não poderia ser identificada senão como educação popular.

A problemática da educação do campo precisa ser discutida permanentemente nos bastidores políticos, nas comunidades rurais e nos cursos de formação de professores. No que se refere à formação de professores, temos a convicção de que a maioria dos projetos pedagógicos sofre de um equívoco, ou seja, a maioria trabalha com uma realidade fictícia, onde as contradições sociais são ignoradas. Os cursos de graduação, principalmente os da universidade pública, deveriam assumir, predominantemente, o compromisso com o social e não apenas com a lógica do mercado. É importante, nesse sentido, que um curso de formação de professores não ignore as demandas sociais, por isso a importância desse PIBID Interdisciplinar com essa temática, por aproximar e comprometer as universidades públicas com essas necessidades concretas.

Nessa história imbricada de conceitos e contradições dignas da condição humana, surge, definitivamente, a necessidade aqui de descrever como esse tempo de Pibid foi importante em minha trajetória. Descrevo algumas das ações realizadas.

1. IDENTIDADES: dos bolsistas às escolas de zona rural. Essa atividade foi realizada no segundo semestre de 2015, com uma reflexão dos licenciandos bolsistas sobre “O que é ser professor?” Produziram uma lauda sobre isso. Além dessa atividade, cada licenciando bolsista entrevistou duas/dois professores da Escola, de acordo com o roteiro definido coletivamente. “Uma produção coletiva em que possamos registrar as identidades” foi o proposto no planejamento e o executado. A identidade da escola, por esse documento, foi revelada por meio das entrevistas com seus professores.

FIGURA 140 – Foto de reunião do Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

2. **DICIONÁRIO DOS ABSURDOS NO PIBID:** casos e acasos nas escolas de zona rural. Os/as estudantes registraram os casos vivenciados na escola. Aprenderam a observar, registrar e analisar. Cada bolsista escreveu um verbete para o Dicionário dos Absurdos no PIBID. Foi feito ao longo do ano.
3. **FORMAÇÃO PERMANENTE:** oficinas e discussões. Discussão dos pressupostos do Paradigma da Educação Rural e da Educação do Campo. Estudo de propostas de educação a partir dos movimentos sociais do campo. Identificar a política de educação para as escolas rurais do município de Uberlândia. Ampliamos a concepção sobre formação docente e a educação do campo, bem como os desafios do processo de ensino e aprendizagem em ambientes de escolas rurais. As discussões em reuniões temáticas foram bem produtivas e ajudaram nas reflexões sobre e com as escolas. Em 2016, em fevereiro, tivemos a Semana Miguel Arroyo, com encontros de leitura e discussão teórica. A atividade de formação permanente consistiu em reuniões quinzenais com todos os bolsistas do Pibid Interdisciplinar do Campo. Foram realizados, ao longo de 2016, 23 (vinte e três) encontros, com textos programados, exibição de filmes, debates e discussões. As atividades de formação foram registradas de forma escrita e fotográfica, fortalecendo a importância de construir nosso acervo sobre o trabalho realizado.

FIGURA 141 – Foto de bolsistas do Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

4. **ENCONTRÃO DO INTER:** momento de integrar, refletir e reinventar. O 1º Encontro do Inter Santa Mônica “Conhecer para cantar junto” aconteceu no Auditório do Bloco 5S do Campus Santa Mônica, no dia 12 de setembro de 2015, de 8 as 18 horas. Integramos as áreas e os saberes, provocamos novas práticas e ideias sobre e com a escola, além de termos construído uma base solidária para os trabalhos no PIBID.

FIGURA 142 – Folder do I Encontro



Fonte: Arquivo da Autora

5. **MUSICALIZAÇÃO E POETIZAÇÃO:** criações da e na educação rural. Trabalho de musicalização e poetização com o objetivo de desenvolver a dimensão artística dos estudantes. Apresentar ritmos musicais brasileiros desconhecidos por eles, visando deixá-los mais cientes da música popular brasileira e de sua cultura. Primeiro, trabalhamos em sala de aula com vídeos. O objetivo era que eles conhecessem a história da MPB, os compositores e cantores influentes, aproveitamos e mostramos também os clips das músicas, foram selecionados materiais de fácil entendimento, tendo em vista a faixa etária dos/as estudantes. Em seguida, interagimos fazendo perguntas sobre o que foi passado e aproveitamos para sanar as dúvidas. Depois que os/as estudantes obtiveram conhecimento suficiente para entender o tema que estávamos abordando, demos início a um coral. Escolhemos a música "Aquarela", de Toquinho e Vinicius de Moraes, por justamente ser voltada ao público juvenil. Começamos ensaiando dentro da sala de aula até eles decorarem a música, posteriormente fomos para a área externa, onde os ensaios passaram ser acompanhados de um violão.
6. **VIVÊNCIAS ESTÉTICAS:** a diversidade cultural no campo. Promover vivências estéticas e produções artísticas dos/as estudantes e o conhecimento trazido dos familiares. Aprimorar o gosto artístico, formação de indivíduos mais críticos, compreensão das suas relações com as diversas culturas existentes, assimilar diferentes manifestações. Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos da tintura. Desenvolver suas habilidades e imaginação através das atividades e através das artes, mantendo uma atitude de busca pessoal e/ou coletiva. A atividade de vivências estéticas foi feita nos espaços comuns da escola, que estavam descuidados e esquecidos, que deixavam a escola com um "ar" triste, e que poderiam ser usados pelos/as estudantes como espaço para diversão. Escolhemos as mesas que se encontram na área externa da escola. Para revitalizarmos as mesas, trabalhamos diversas aulas contando com a ajuda das professoras de artes, que nos orientaram com os desenhos, técnicas que poderiam ser utilizadas e materiais necessários para a realização da atividade. Nas aulas apresentamos o tema "a natureza", fizemos a leitura do livro "Responsabilidade", para trabalharmos a conscientização e a importância da preservação do meio ambiente. Durante as aulas também trabalhamos o desenho com os/as estudantes, a fim de aprimorar e praticar as técnicas aprendidas. Para a realização dos desenhos e da pintura das mesas, utilizamos lápis de cor, para os desenhos sobre a mesa, e tintas, para a pintura dos bancos. Através da atividade, os/as estudantes puderam contribuir para melhorar o espaço escolar e ficaram orgulhosos com o resultado do trabalho. Eles perceberam o quanto a contribuição deles foi importante e, conseqüentemente, darão

maior valor ao espaço. O resultado desse trabalho reflete o gosto e o desempenho dos/as estudantes, porque a natureza faz parte da vida e do cotidiano dos/as estudantes e da escola.

FIGURA 143 – Mesas coloridas pelo Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

7. **RECICLAGEM E JARDINAGEM:** qual a cara da escola queremos? Revitalizar o espaço escolar trabalhando reciclagem e jardinagem. Deixar o ambiente em que os/as estudantes estudam mais agradável para o convívio e conscientizá-los da importância da reciclagem e dos cuidados com o meio ambiente
8. **AS VIOLÊNCIAS PRESENTES NO ESPAÇO ESCOLAR:** enfrentamentos e embates. Decidimos por assumir por um tempo o espaço na sala de aula, por meio de duplas de trabalho. Cada dupla assumiu uma sala durante um horário por semana, para desenvolver as atividades temáticas propostas. O relato das atividades por turma, de forma detalhada e fundamentada, foi realizado por cada dupla. Os trabalhos desenvolvidos pelos bolsistas em sala de aula procuraram debater a temática da violência de forma lúdica, agradável e prazerosa para os estudantes. Ressaltamos aqui que, quando realizamos a dinâmica da escola que temos e a escola que queremos, a maioria dos estudantes disse que o melhor lugar era a quadra de esportes e o pior lugar, a sala de aula. A partir dessa reflexão, foi possível criar espaços e repensar as possibilidades da sala de aula. Os estudantes tiveram a oportunidade de criar vínculos, realizar leitura de livros de literatura e ver filmes sobre a temática.

FIGURA 144 – Sala de aula do Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

9. **DIVERSIDADE CULTURAL:** o encontro com o outro. Como se constitui a cultura local, a cultura dos/as estudantes e dos moradores do campo. Essa temática foi desenvolvida junto com a primeira, sobre a violência, no espaço da sala de aula ou em outros espaços existentes na escola: sala de vídeo, pátio, quadra. A cada semana, os bolsistas tinham dois horários com as turmas para desenvolverem as atividades propostas,

planejadas semanalmente com a supervisora e a coordenadora do Pibid. A ideia da temática da identidade e diversidade cruza-se com a temática da violência, para compreensão de quem são? Como agem? Como e onde vivem? Além disso, as atividades priorizaram ações de tolerância, afetividade, solidariedade e comprometimento com o outro. É importante perceber, nas atividades realizadas, a fisionomia das crianças com uma expressão de alegria, de prazer, de esperança e de envolvimento.

10. VISITAS DE CAMPO: assentamento do entorno da escola. No mês de agosto de 2016, o grupo do PIBID, juntamente com a coordenadora Camila e a supervisora Cristina, fizeram uma visita ao Assentamento Rio das Pedras e ao Acampamento Che Guevara, ambos próximos à escola. O resultado dessa atividade se traduz na busca da aproximação de educador e educando, pois os bolsistas puderam compreender qual a realidade de um assentamento e um acampamento. Muitos dos estudantes dessa escola são oriundos dessa realidade. Conhecer para melhor atuar, para partir dessa realidade em que os estudantes vivem, esse foi o resultado esperado e obtido com essa atividade.
11. CÁPSULA DO TEMPO: memórias escolares. Foi o encerramento de nossas ações dentro da escola no ano de 2016. A ideia da cápsula do tempo foi inspirada no filme “Presságio”, dirigido por Alex Proyas em 2009. Cada sala de aula fez a sua cápsula, confeccionada com uma garrafa pet, pintada de prateado, onde os estudantes guardaram mensagens para eles mesmos desenterrarem no futuro. Além disso, foi realizada uma confraternização com bolos e refrigerantes para os estudantes. As cápsulas foram enterradas no terreno da escola e, em cima, plantada uma magnólia que servirá de referência espacial para a abertura das cápsulas em um prazo de 5 anos. Os resultados dessa atividade foram as expressões e falas dos estudantes em relação ao tempo e suas memórias. A curiosidade para saber o que cada um escreveu, quais são os planos, as esperanças, o que querem do futuro? Registramos com fotos os momentos, para que isso possa fazer parte das histórias destas turmas e desta escola.

FIGURA 145 – Cápsula do Tempo



Fonte: Arquivo da Autora

12. AVALIAÇÃO DA ESCOLA: impressões e percepções. Os bolsistas, ao longo do Projeto, recebem variadas formas de demonstração dos estudantes sobre o trabalho que realizam. Cada ação e cada momento vivido foi fotografado e registrado pelos pibidianos, apreendendo as impressões e percepções dos estudantes.
13. CRIAÇÃO DA LOGO do PIBID Inter\_Campo. Criamos uma identidade visual para o Grupo. Um bolsista do grupo criou várias logos para a escolha dos bolsistas. Em uma das reuniões de formação, foi feita a votação para a escolha da nossa logo. Todos os materiais de divulgação e de organização do grupo têm uma identidade visual.

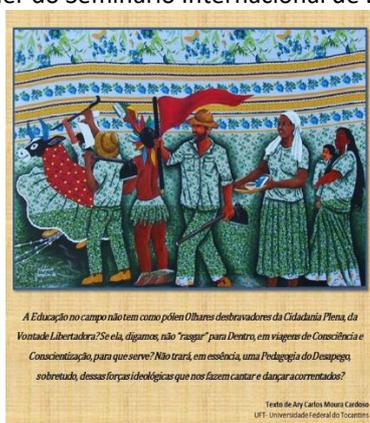
FIGURA 146 – Logo do Pibid Interdisciplinar – Educação do Campo



Logo do Pibid Inter

14. PARTICIPAÇÃO NO SEMINÁRIO INTERNACIONAL de Educação do Campo. O Seminário Internacional de Educação do Campo ocorreu no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, nos dias 22, 23 e 24 de junho de 2016. Cinco trabalhos aprovados em um evento internacional, com o relato de experiência das ações desenvolvidas no PIBID.

FIGURA 147 – Folder do Seminário Internacional de Educação do Campo



Fonte: Arquivo da Autora

15. TROCA DE CARTAS: conhecer e compartilhar. Como forma de integrar os/as estudantes das escolas Dom Bosco e Freitas Azevedo, foi utilizada a atividade da troca de cartas. Com essa atividade, as crianças conheceram mais profundamente uma forma de comunicação importante na história da humanidade, uma vez que atualmente a carta não é mais um meio de comunicação muito utilizado na sociedade, pois em seu lugar as mensagens eletrônicas, como por exemplo, *whatsapp* e *Messenger*, são os meios mais usados pelos seres humanos para se comunicar. Produção de vídeo das turmas para apresentação das cartas escritas.

FIGURA 148a – Cartas Trocadas no Pibid

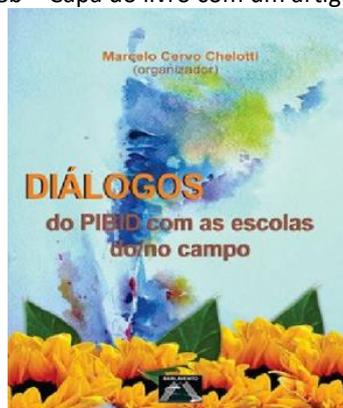


Fonte: Arquivo da Autora

16. PUBLICAÇÃO de artigo em livro. A coordenadora foi convidada a escrever sobre a experiência no PIBID, para o livro: *Diálogos do PIBID com as escolas do/no campo*,

organizado pelo professor Marcelo Cervo Chelotti. Artigo aprovado e publicado no e-book.

FIGURA 148b – Capa do livro com um artigo sobre Pibid



Fonte: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19827/1/E-book%20vers%c3%a3o%20definitiva%20editora.pdf>

17. OFICINAS DE APRENDIZAGEM: aprender a conviver na diversidade. As atividades das oficinas foram planejadas com a supervisora, a partir da realidade dos/as estudantes, trazendo as diversas linguagens para as possibilidades de expressão e criação dos/as bolsistas e estudantes. Duas turmas produziram o caderno da família, com o objetivo de compreender sua identidade e do outro. A terceira turma produziu um caderno de poesia, com reflexões sobre a identidade/realidade do campo.

FIGURA 148c – Exposição de Trabalhos do Pibid



Fonte: Arquivo da Autora

18. ENTREVISTA com os evadidos do PIBID. A partir da formação e da experiência nas escolas, os/as bolsistas começaram a ficar intrigados/as com a frequente desistência de bolsistas do Programa. A partir daí, realizamos entrevistas com os bolsistas que evadiram do PIBID. Cada bolsista ficou responsável por duas entrevistas. Criamos um roteiro de entrevista para atender nossos objetivos.

Despeço-me do Pibid Interdisciplinar em 2018, com a sensação de que foi um tempo de muitas aprendizagens. Ficar mais perto de estudantes faz com que a gente compreenda melhor a nossa função em sala de aula. As dificuldades, as concepções, as festas, os conflitos, cada tempo que tinha com eles e elas era tempo de aprender. E às vezes dar algumas broncas.

**Horas antigas.** Em uma de nossas reuniões, os/as bolsistas deixaram escapar a informação de que tinham um grupo de *whatsapp* em que eu não estava. Já sabia, só não sabia o nome do grupo, que descobri naquele dia que era “Mãe Camila”. Senti um carinho no peito. Cuidei mesmo e também cobrej, mas também abracei. Como adultos, sabemos que não podemos

confundir papéis, mas entendi que aquela era uma forma carinhosa de reconhecer meu jeitinho, com erros e acertos.

Ao encerrar minha participação, à época, registrei minhas reflexões como pontos importantes do Programa vivenciado por nós.

a) A possibilidade interdisciplinar do PIBID, de conviver na docência com estudantes de Geografia, História, Química, Pedagogia, Letras e Ciências Sociais. Isso possibilita a troca, o aprender com o outro, o respeito ao saber do outro. Consideramos que esses são saberes importantes para a formação docente. A forma especialista com que formamos o docente não tem contribuído para a compreensão do conhecimento em sua complexidade, por isso essa experiência, de fato, integra, rompe e possibilita o estabelecimento das relações necessárias nesse processo.

b) A possibilidade de viver o cotidiano de uma escola, estabelecendo relações afetivas, vínculos e responsabilidade.

c) A possibilidade de viver o exercício docente em suas dimensões importantes: planejamento, a execução da aula e a avaliação.

d) A possibilidade de compreender o exercício docente para além da sala de aula, contribuindo de diversas formas com a gestão e organização da mesma.

e) A possibilidade de viver o conflito das diferenças no interior da escola, na relação com os estudantes, aprendendo a intermediar essas relações.

f) A possibilidade de compreender que o curso de licenciatura forma o professor e que podemos contribuir com as experiências vividas no PIBID. Essa possibilidade cria o estudante participativo no desenvolvimento curricular de seu curso.

Esse Grupo do Pibid Interdisciplinar Educação do Campo conseguiu sonhar comigo uma Universidade mais diversa, mais solidária, sem fronteiras. Com muito trabalho e muita juventude, ousamos recriar espaços nas escolas do campo que habitamos no período. Muitas foram as dificuldades, especialmente com o transporte para chegar na escola. Mas reitero o que já disse, esse é um lugar que requer mais atenção no campo das políticas públicas. Como minoria, fica no quando der, e esse tempo não chega nunca. Trata-se de ações simples, mas que exigem sensibilidade no olhar de gestores para uma ação concreta. Os depoimentos das professoras apontam isso.

Escrevi o registro de uma mediação de uma roda de conversa em um dos Seminários do Pibid de que participei e reproduzo aqui para sintetizar esse espaço profissional habitado por mim de diferentes formas.

*Usei, neste texto, abandonar as Normas e Acordos Acadêmicos para falar das aprendizagens em seu sentido mais sensível possível. Aprendizagens que não são inseridas no Lattes, mas incorporadas em minha existência, como pessoa e como professora. Em busca de uma inspiração para o registro desta sensibilidade, encontrei a seguinte manchete: “Salário dos professores é o 3º pior do mundo, dentre 40 países”, de acordo com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), de 2010. Senti um certo constrangimento. O que dizer sobre a contribuição do PIBID neste cenário?*

*Lembrei da fala do Wesley Nogueira Gomes durante o VI Seminário Institucional do PIBID/UFU: “denunciar e anunciar”, da Gercina Santana Novais: “apropriação é uma escolha”, e continuei pensando... Como ser formadora nessa realidade? Como traduzir em esperança a minha prática, a partir deste cenário? Com esses questionamentos, um filme foi passando em minha cabeça...*

*O dia em que conheci o PIBID, pela voz do Hélder Eterno da Silveira.*

*As participações dos Seminários do PIBID como palestrante, como avaliadora, em tantos papéis, mas sempre quis assumir um grupo de trabalho na escola. Quando tive esta possibilidade em 2015, agarrei-a. Tornei-me coordenadora do Subprojeto Interdisciplinar Santa Mônica com a temática Educação do Campo. 20 bolsistas, 2 supervisoras, em duas escolas de zona rural: Escola Municipal Dom Bosco e Escola Municipal Freitas Azevedo.*

*[...]*

*Então, o que aprendi no PIBID, como formadora de professores e professoras? Algumas lições compartilho com vocês...*

*PACIÊNCIA: “a paciência é a arte de sofrer sem perder a compostura”. Tenho aprendido ultimamente o quanto a dimensão do tempo é diferente para cada um e cada uma de nós... Entender e compreender estas diferenças exigiu de mim paciência... uma paciência histórica... Paciência no movimento, paciência para compreender o meu tempo e os tempos dos outros... Um conceito de paciência que assemelha-se ao conceito de esperança freireana.*

*Eu sou esperançoso porque não posso deixar de ser esperançoso como ser humano. Esse ser que é finito e que se sabe finito, e porque é inacabado sabendo que é inacabado, necessariamente é um ser que procura. Não importa que a maioria esteja sem procurar. Estar sem procurar é o resultado, é o imobilismo imposto pelas circunstâncias em que não podemos procurar. Mas não é a natureza do ser. [...] Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? (Freire, entrevista)*

*PERSISTÊNCIA. “característica daquilo que não desiste fácil”. Aprendi a persistir. A cada obstáculo vivido no Pibid, e não foram poucos, respirava e continuava. Vivenciei histórias de vida de bolsistas, que não conseguiria imaginar existir. O transporte, muitas vezes, impossibilitou nossos encontros. Chegar às escolas de zona rural não foi sempre uma atividade assegurada.*

*CONSCIÊNCIA: “capacidade, de natureza intelectual e emocional, que o ser humano tem de considerar ou reconhecer a realidade exterior (objeto, qualidade, situação) ou interior, como, por exemplo, as modificações de seu próprio eu”. Reconhecer as mudanças em mim e no outro foi uma aprendizagem.*

*EXPERIÊNCIA: “Conhecimento, ou aprendizado, obtido através da prática ou da vivência: experiência de vida; experiência de trabalho”. Vivi cada momento como o possível neste tempo e lugar. Partilhei cada experiência do vivido e acolhi cada nova experiência com o/a outro/a.*

*Assim aprendi, assim estou, pois amanhã outras e tantas aprendizagens também farão parte de mim, como diz Paulinho da Viola, “Meu tempo é hoje, o passado vive em mim”. Cada gesto, cada palavra, cada bronca, cada sorriso, fazem parte agora de mim, do meu ser pessoa e professora.*

*A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar como inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se a alegria fosse inimiga da rigorosidade. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. (FREIRE, 1996, p. 53)*

*Como cito Paulo Freire para definir o movimento que fiz enquanto coordenadora de área e quais aprendizagens se consolidaram por meio do Pibid, como formadora de professores e professoras? Para encerrar, queria trazer um conceito dele que anda meio esquecido e que neste cenário de residência pedagógica e BNCC parece nem existir, que é o inédito viável. Falar de nossas crenças, nossas utopias, significa, necessariamente, falar disso*

*O que não podemos, como seres imaginativos e curiosos, é parar de aprender e de buscar, de pesquisar a razão de ser das coisas. Não podemos existir sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o “inédito viável” demandando de nós a luta por ele. (FREIRE, 1992, p. 51)*

*As possibilidades, as rotas de fuga, o anúncio, as escolhas... vivo nesta roda!*

*A Roda de Conversa que mediei, durante o VI Seminário Institucional do Pibid, foi multieixos, com muitos temas e ações na escola, por meio do Pibid. Tivemos a apresentação dos Subprojetos de Ciências Sociais, Filosofia, Física, História e Interdisciplinar do Campus Santa Mônica com um debate importante sobre a representação do Pibid na formação dos/as licenciandos/as da UFU.*

*E, para encerrar, leio uma poesia de Lucas Veiga, estudante do Curso de Letras da UFU:*

*“aprende que  
quem se prende  
se arrepende  
Quem se solta  
Se sol.*

*E nasce dentro da gente”.*

*Decidi ser gente com o Pibid! Escolhi deixar-me humanizar com o Pibid! É uma escolha.*

*A reinvenção da escola passa, a meu ver, pela interdisciplinaridade, pela escuta, pela sensibilidade, pelo respeito, pela criação de processos formativos afetivos e comprometidos com a transformação. Talvez esse seja mais um de meus sonhos.*

As pessoas que estiveram junto.

Amélia Cristina Borges Pereira (Escola Municipal Dom Bosco)  
André Marcelo de Aguiar Petineli (Geografia)  
Angelo Antonio Cordeiro Silva (Geografia)  
Bárbara Souza Mattos (Letras)  
Bianca Borges (Escola Municipal Freitas Azevedo)  
Bianca Rodrigues Cabral (Letras)  
Bruna Cardoso (Química)  
Caroline Rodrigues (Pedagogia)  
Célia Rocha (Instituto de História)  
Cristina das G. F. Costa (Escola Municipal Dom Bosco)  
Deividi Marcio Marques (Instituto de Química)  
Fábio Izautino Laura (Instituto de Letras e Linguística)  
Felipe de Melo Gomes Feitosa (Ciências Sociais)  
Gabriel Barbosa dos Santos (História)  
Gabriel Dutra Lange (História)  
Gisela Barbosa Rocha Resende (Pedagogia)  
Hélder Eterno da Silveira (Coordenador Institucional do Pibid)  
Hugo Ricardo Ribeiro dos Santos (História)  
Jaqueline Mariano Paulista (Geografia)  
Jonathan Meireles Rezende Abreu (Letras)  
Julia Pinheiro Cortês (Letras)  
Júlie da Mata Ferreira (Letras)  
Larissa Ferreira da Silva (Letras)  
Laura Mesquita Carvalho (Pedagogia)  
Laura Rabelo Gonçalves (Letras)  
Leidi Ane Padovan Torres (Geografia)  
Lorrane Stefane Silva (Pedagogia)  
Luciano Senna P. Barbosa (Instituto de Ciências Sociais)  
Marcela Oliveira Fernandes (Letras)  
Marcelo Cervo Chelotti (Instituto de Geografia)  
Márcia Carolina Silva (Geografia)  
Marco Antonio Peixoto (Geografia)  
Marcos Paulo de Assis (História)  
Maria Carolina Vieira de Paiva (História)  
Maria Luiza Araújo Ramos (Ciências Sociais)  
Matheus Campos Miguel (Geografia)  
Nicéa Quintino Amauro (Instituto de Química)  
Rafael Pereira da Silveira (Letras)  
Renata Carmo de Oliveira (Coordenadora Institucional do Pibid)  
Renata Dias Silva (Pedagogia)  
Ruan Moraes Cardoso (Geografia)  
Samara S. Mendes (Química)  
Stefani Mota Matos (Ciências Sociais)  
Tainah do Valle Nogueira Bevilacqua (Letras)  
Vanessa Priscila Cruzeiro Campos (Escola Municipal Freitas Azevedo)

### Projetos que carregam água na peneira

Um dos grandes problemas nossos então, é que somos especializados em inventar, mas não em reinventar. E quando pensamos que estamos reinventando estamos parados, paralisados, imobilizados, porque não fomos capazes de tratar o medo. (verbete: Reinvenção, Paulo Freire)

Ao ler o artigo de Rego (2014), fiquei pensando que também tinha que colocar no Memorial aqueles projetos que não deram certo. Projetos em que estive presente, participei, mas que não foram adiante, como diria a minha avó. Emprestei de Manoel de Barros o título do poema “O menino que carregava água na peneira”.

O primeiro deles, mas do qual tenho poucas memórias, foi um Curso de Especialização que eu e a Adriana montamos, para a Uniminas, uma Instituição que não existe mais, mas que foi criada por ex-professores, aposentados, da UFU. O Curso chamava-se “Metodologia do Ensino Superior: a aula em foco”. Montamos a estrutura curricular, convidamos os/as professores/as, mas não tivemos estudantes. A proposta era “oferecer aos estudantes do curso de Especialização uma formação didático-pedagógica para atuarem no Ensino Superior, em diversas áreas, utilizando a aula como objeto de estudo para a atuação docente, em uma perspectiva reflexiva, tendo a pesquisa como eixo.”

Criamos as disciplinas do Curso:

- \_Profissão Professor: história e identidades.
- \_Planejamento e gestão do ensino.
- \_Teorias pedagógicas e o trabalho docente.
- \_Didática fundamental: uma perspectiva crítica.
- \_Estratégias do processo ensino-aprendizagem.
- \_Oficinas de aprendizagem I: a aula em foco (planejamento, execução, reflexão e registro).
- \_Implicações psicológicas no processo ensino-aprendizagem.
- \_Saberes e práticas docentes: a pesquisa como eixo.
- \_Avaliação da aprendizagem.
- \_Currículo e interdisciplinaridade.
- \_Oficinas de aprendizagem II: a aula em foco (planejamento, execução, reflexão e registro).
- \_Inovações tecnológicas no Ensino Superior.
- \_As políticas públicas para o Ensino Superior.
- \_Educação e as múltiplas linguagens.
- \_Educação e formação humana: aspectos éticos, políticos e epistêmicos.
- \_Oficinas de aprendizagem III: metodologia do trabalho científico.
- \_Seminários de Práticas Docentes.
- \_Orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Horas antigas.** Adriana foi minha colega na graduação. Era uma estudante que eu classificava como muito estudiosa, séria e responsável. Eu era uma estudante mediana. Depois de formadas, continuamos juntas em vários projetos profissionais. Ela é um exemplo de pedagoga. Ela é uma referência.

Dessa experiência, tenho o maior orgulho de ter participado. Achei a organização das disciplinas e a proposta bem condizentes com a necessidade e a realidade do Ensino Superior. Mas parece que só eu e a Adriana é que pensamos isso, afinal de contas, será que

professores/as doutores precisam de formação? Escrevi um artigo sobre isso com a Helena, em que dizemos:

A partir dessa “metamorfose ambulante” que é a docência no Ensino Superior ou esse lugar do “vir a ser”, como agimos nessa docência? Fato é que somos esses cientistas, sem formação específica para a docência, mas estamos na docência e como fazemos? Como construímos os nossos saberes? Como lidamos com as limitações e as possibilidades frente as exigências? Que práticas encontramos, especificamente desses bacharéis na docência? (COIMBRA; FELÍCIO, 2015b, p. 30)

Essa é uma legislação que, a meu ver, carece de mudança. O/a professor/a da Educação Superior precisa de uma formação pedagógica, pois ser professor/a não é somente saber o conteúdo. Mas será que ainda hoje precisamos defender essa tese? Pergunto ironicamente, pois tenho colegas, ao meu lado, que dizem, para estudantes dos Cursos de Licenciaturas, que as disciplinas que trabalhamos são perfumarias. Se assim pensam, não compreendem a importância da formação pedagógica na composição da formação docente. Por isso essa é uma questão até hoje insolúvel. Escutar os/as estudantes faz com que tenhamos mais convicção da necessidade dessa formação. Seja por isso ou por outra razão, eu e Adriana estudamos, elaboramos a proposta, fizemos reuniões, mas o projeto não foi materializado. Fizemos uma proposta de 15 meses de Curso, com 400 horas. Parece que isso era muito tempo para as urgências da profissão e de outros cursos na mesma direção. Morremos na praia. Esse projeto era para ter ocorrido em 2006-2007.

O segundo projeto frustrado foi o Curso de Especialização em Formação de Educadoras e Educadores Populares “Tiago Adão Lara”. Fui convidada a participar desse projeto, pela Adriany, em 2018. Tínhamos reuniões semanais. Debatíamos coletivamente os princípios, as disciplinas, a metodologia, a avaliação. Criamos uma estrutura curricular:

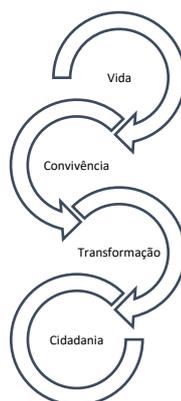
FIGURA 149 – Estrutura Curricular do Curso de Especialização

COMPONENTES CURRICULARES	Carga Horária Total	Carga Horária Presencial	Carga Horária Não Presencial
A Formação Histórico-Social do Brasil: como nos tornamos o que somos	30	24	6
“Humanidades” na Educação Popular: os desafios da luta socioambiental	30	24	6
Modos de Produção na contemporaneidade e Movimentos Populares	30	24	6
Metodologias de Educação Popular	30	24	6
Inclusão na Educação Popular	30	24	6
Educação Popular em Saúde Coletiva	30	24	6
Culturas na Educação Popular	30	24	6
Educação Popular: Discussões Iniciais	30	24	6
Natureza e sociedade na educação popular	30	24	6
Gênero e Educação Popular	30	24	6
O Corpo, os Corpos e a Educação Popular	30	24	6
Educação Popular das relações étnico-raciais	30	24	6
TCC 1	30	0	30
TCC 2	30	0	30
TCC 3	30	0	30
ATIVIDADE OBRIGATORIA – TRABALHO DE CAMPO	30	0	30
<b>TOTAL</b>	<b>480</b>	<b>288</b>	<b>192</b>

Fonte: Arquivo da Autora

Debatemos a metodologia, construímos um texto coletivo, com a participação de muitas pessoas. Anunciamos quatro princípios basilares: a vida, a convivência, a transformação e a cidadania.

FIGURA 150 – Princípios basilares do Curso de Especialização



Fonte: Arquivo da Autora

Um curso de Especialização, para esse grupo, não deveria se dar em outro modelo que não fosse em uma concepção progressista, crítica, em busca da conscientização e da libertação dos sujeitos. Tudo foi pensando e organizado nessa perspectiva. Dessa forma, criamos o caminho do Curso:

O momento inicial parte da apreensão da realidade. Quem somos? Quais identidades trazemos? Um diálogo inicial sobre esta realidade, torna-se o mobilizador para o processo educativo. A ideia é fazer um inventário de nós como sujeitos no processo formativo, escavando as nossas memórias e identidades na busca por desvendar as nossas identidades. Este é um espaço, é um dispositivo pedagógico, portanto, tudo que fazemos é aprendizagem.

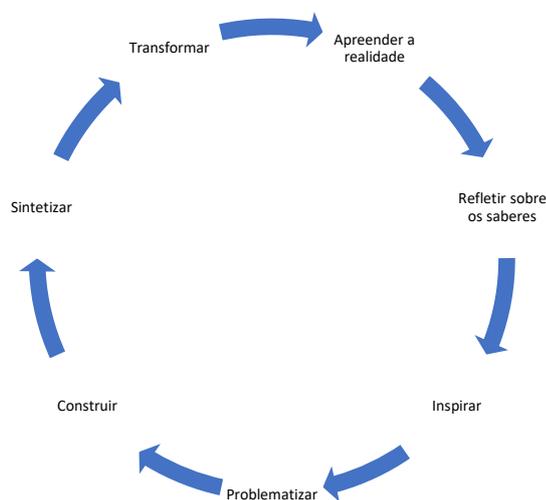
Um segundo momento é aquele em que os saberes da experiência são trazidos para o conflito pedagógico. A experiência é o ponto principal desse processo, pois ela traduz as singularidades dos sujeitos na construção de saberes e não-saberes que se dão na medida em que estes são encarnados, ou seja, na medida em que se tornam corpo. Os saberes diferentes, promovidos pelas diferentes e singulares experiências, são os propulsores de uma compreensão mais ampliada do conhecimento. Quais saberes nos compõem?

O terceiro momento, após a compreensão das pessoas e suas experiências, trata-se da busca por formas de inspiração para os diferentes conhecimentos que se processam como saberes diversos. Qual a razão de existência desses conhecimentos? Por que conhecer é importante para a vida destes/as educandos/as? Como traduzir isso, por meio de outras linguagens que auxiliam a construção de valores imprescindíveis a esta formação? Uma música? Uma pintura? Uma poesia?

A problematização é fundamental para a materialização dos princípios anunciados. Por meio da pergunta que traduzimos a nossa compreensão de unidade e complexidade do conhecimento. Quais perguntas temos e fazemos? Neste momento, a realidade e as identidades provocam as perguntas. As perguntas entonam a concepção da construção do conhecimento, de seu movimento contínuo, algo mutável, histórico e contextualizado. (Projeto)

O desenho metodológico também criado inicia com a apreensão da realidade, reflete sobre os saberes, inspira-se, problematiza-se, constrói-se o conhecimento, sintetiza o conhecimento e transforma a realidade apreendida.

FIGURA 151 – Diretrizes metodológicas do Curso de Especialização



Fonte: Arquivo da Autora

Também definimos coletivamente as diretrizes da avaliação:

Nesta perspectiva, compreende-se a avaliação da aprendizagem como um componente indispensável ao dispositivo pedagógico, a aula nesta compreensão já anunciada. Nesse sentido, entendemos como Hoffman (1998) que a avaliação é a própria ação pedagógica. Ela está centrada no desenvolvimento e na aprendizagem do/a educando/a e não no desenrolar de atividade específica de avaliação com um fim em si mesma. Baseia-se nas interações educador/a/educando/a. É intencional e sistemática, sem deixar de ser intuitiva, considerando os conflitos, por meio de amplas oportunidades de trocas de ideias, inspirações e problematizações. (Projeto)

Talvez tenha considerado mais difícil a discussão sobre a avaliação no grupo de professores/as, mas conseguimos chegar a consensos possíveis sobre o sentido e o significado da avaliação. Ao longo desse processo de construção de um Curso de Especialização tão urgente e necessário, muitos foram os conflitos, as dificuldades, os entraves. Nada foi simples. Vou aprendendo como o diferente incomoda. Trabalhar coletivamente não é fácil. Mas ainda é a forma em que eu acredito, mas não é fácil. Infelizmente, em 15 de junho de 2022, recebemos um comunicado da Coordenação do Curso, dizendo que decidiram pelo arquivamento do Projeto. Foram quase 4 anos de construção e, infelizmente, morremos na praia.

E o último projeto, mas não menos importante, foi a reformulação do Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia da Faced. Desde que cheguei à Faced, em 2010, começo a me inteirar das discussões acerca do Curso de Pedagogia, especialmente sobre a reformulação do PPC. Em alguns deles, fiz parte do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do Curso, mas com muita dificuldade em caminhar nesse sentido. Na gestão da Lázara como coordenadora do Curso, tivemos ações importantes nesse sentido. Reuniões, assembleias, passamos uma semana em

fevereiro (2016) na discussão e elaboração da reformulação do PPC. O texto da minuta do novo Projeto Pedagógico Curricular (PPC) do Curso de Pedagogia foi encaminhado à Direção da FACED em junho de 2017. E é desse Projeto que quero falar. Participei, debati, estive junto com aqueles/as que queriam construir coletivamente.

**Horas antigas.** Lembro de nosso colega Antônio Bosco levantar e dizer em uma de nossas reuniões de reformulação: Não vamos inventar de fazer currículo diferente. Nós somos disciplinares. Por isso, temos que caminhar por aí. Foi quando o conheci. Assustei um pouco, mas depois o admirei. Melhor ser real do que elaborar um PPC que não condiz com o grupo de professores/as que temos.

Nesse processo coletivo, chegamos a elaborar uma proposta que considerei coerente. Traçamos o perfil, buscamos os objetivos. Criamos temáticas por ano, identificamos as possibilidades de flexibilização curricular, criando os percursos formativos. São fragmentos do Projeto:

O Núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos das áreas de atuação profissional, com carga horária de 1.165 (um mil, cento e sessenta e cinco) horas, abrigará os seguintes componentes curriculares: **Prática Educativa, Estágios Supervisionados e Percursos Formativos.**

a. Prática Educativa

Configura-se no componente curricular Projeto Interdisciplinar de Prática Educativa que será organizada por dois grandes eixos (**Docência: como me constituo professor e Escola: espaço de produção/articulação de conhecimentos**), a serem ofertados ao longo de dois anos, sendo um ano para cada eixo. A carga horária total será de 405 (quatrocentos e cinco) horas, dividida em quatro projetos interdisciplinares envolvendo o conjunto de docentes de cada período (Prointer I, II, III e IV) distribuída nos quatro primeiros semestres do curso.

O Projeto Interdisciplinar de Prática Educativa (Prointer I, II, III e IV), entendido como componente curricular de natureza interdisciplinar, de caráter extensionista e coletivo, desenvolvido em conformidade com uma abordagem comprometida com a práxis educativa, com os seguintes objetivos:

- a) promover a articulação entre as diferentes áreas do currículo;
- b) garantir a inserção do acadêmico do curso na realidade concreta das instituições escolares e não escolares (sensibilização, observação, diagnóstico, problematização, elaboração de propostas que atendam a realidade do contexto observado);
- c) promover o fortalecimento da identidade docente;
- d) propiciar condições para a realização inicial de análises sociopolítica, administrativa e pedagógica da realidade.

Os projetos serão organizados em dois grandes eixos:

Eixo I - Nos dois primeiros períodos, os Prointer I e II irão atender ao eixo I, denominado de Docência: como me constituo professor. Este eixo trabalhará os seguintes aspectos:

- a Identidade docente e seus elementos constitutivos, as características e demandas de sua formação;
- as dimensões cultural, relacional, política e histórica, constituintes e constituídas, na formação do docente;
- os conhecimentos específicos e didático-pedagógicos necessários ao exercício profissional e a preocupação com a Instrumentalização necessária para atuar nos processos de ensino e de aprendizagem de todos, considerando os elementos relacionados a cultura local e geral, bem como, a diversidade étnico-racial, de gênero e religiosa, as questões relacionadas aos direitos humanos e a educação especial.

Eixo II - Nos dois semestres seguintes os Prointer III e IV atenderão ao eixo Escola: espaço de produção/articulação de conhecimentos. Este eixo trabalhará os seguintes aspectos:

- a dimensão social e política da produção do conhecimento escolar;
- a escola enquanto produção social e política da realidade;
- a gestão envolvendo as dimensões administrativa, pedagógica e financeira e os elementos relacionados a Cultura local e geral, bem como, os relacionados a diversidade étnico-racial, de gênero, religiosa, dentre outras. Será considerado neste contexto, as questões relacionadas aos direitos humanos e a educação especial.

A carga horária dos Prointer I, II, III e IV encontra-se distribuída até a metade do curso para não ocorrer concomitantemente aos estágios e ao Trabalho de Conclusão de Curso.

As atividades do Prointer acontecerão:

- a) em instituições escolares e não escolares preferencialmente públicas, tomadas como lócus de atuação do futuro licenciado;
- b) de forma interdisciplinar articulando o ensino, a pesquisa e a extensão;
- c) tomando como referência as dimensões do trabalho docente em interação com os sujeitos nos diferentes contextos escolares e não escolares.

Destaca-se que os Prointer serão organizados pela ação coletiva dos professores de cada período, de maneira a articular o conjunto de conhecimentos que abarcam as disciplinas do período com as dimensões previstas nos dois eixos apresentados acima. Ainda, se buscará abranger nestas ações aspectos da extensão. A oferta dos componentes curriculares Prointer acontecerá em um número de turmas correspondente a quantidade de disciplinas do período, sendo que os professores deste mesmo período assumirão as turmas formadas de no mínimo seis e no máximo 15 acadêmicos.

As atividades dos Prointer serão desenvolvidas de forma a abrigar momentos individuais (cada docente com sua turma) e coletivos (todos os docentes e turmas do mesmo Prointer). O planejamento, desenvolvimento, orientação e avaliação dos Prointer I, II, III e IV serão estabelecidos de forma

coletiva pela equipe de professores do período, garantindo que as diferentes turmas tenham uma proposta de atividades articulada.

Nessa construção, os eixos temáticos envolviam as práticas educativas, por meio do Projeto Interdisciplinar (Prointer), nome cunhado pelo Projeto Institucional de Formação e Desenvolvimento do Profissional da Educação da UFU, mencionado em outras seções. Eram dois temas: “Docência: como me constituo professor”, e “Escola: espaço de produção/articulação de conhecimentos”. A partir dessa formação, os estágios supervisionados foram “organizados e desenvolvidos em continuidade e inter-relação com os Prointer, constituindo num espaço curricular privilegiado para o diagnóstico e o desenvolvimento de atividades de intervenção na escola e para o aprofundamento teórico-prático das experiências de iniciação profissional.”

Estudamos os Projetos Pedagógicos de diversas instituições de ensino. Identificamos, por meio de pesquisas e até mesmo a IC da Izabela foi apresentada ao NDE, com a função de contribuir nesse processo. Identificamos a necessidade de construir, de forma a também contribuir para a autonomia da estudante do Curso de Pedagogia, o que denominamos de percursos formativos.

Os **percursos formativos** – são trajetos alternativos compostos por um conjunto de componentes curriculares organizados, a partir do 5º período, com a finalidade de garantir a flexibilização e o aprofundamento do currículo. Sua principal função é proporcionar, ao acadêmico do curso, a possibilidade de agir como protagonista de sua formação, buscando construir a partir de suas expectativas, desejos profissionais e pessoais, caminhos que o levem a aprofundar em algum aspecto da sua futura ação profissional.

Os percursos formativos serão organizados e ofertados, focando na área de atuação profissional, de acordo com proposta dos Núcleos Temáticos da Faced, inclusive possibilitando aos acadêmicos a escolha de componentes curriculares de áreas afins em outras Unidades Acadêmicas, desde que haja disponibilidade. Os acadêmicos poderão organizar seus percursos formativos de forma que abrigue, no mínimo:

- 240 (duzentas e quarenta) horas em componentes curriculares disciplinares optativos;
- 120 (cento e vinte) horas destinadas ao Trabalho de Conclusão de Curso.

Esse também não foi um processo tranquilo de elaboração de um PPC. Primeiro, porque os/as professores/as já têm seus componentes curriculares e não querem abrir mão deles. Segundo, porque poucos colegas têm como objeto de pesquisa o Curso de Pedagogia, e terceiro, porque havia sempre a pergunta de como institucionalmente e administrativamente as proposições seriam possíveis. Entendo que um Projeto deve ter como ponto de partida a realidade, mas também acredito, e apostei ali, na possibilidade de transformação.

A oferta dos percursos formativos será associada às condições da Faculdade de Educação, que terá que manter o seu funcionamento até a integralização no último semestre regular da turma solicitante.

Cada percurso formativo precisará de no mínimo dez e no máximo 20 estudantes matriculados para ser ofertado no turno solicitado. Poderá ser

agrupado acadêmicos de turnos distintos, desde que, formalizados por eles, no período definido no Calendário Acadêmico do Curso e, tal solicitação, não ferir o exposto nas Normas Acadêmicas da Instituição.

Anualmente, ao final do quarto período do curso, após a definição pelo colegiado dos percursos formativos a serem ofertados, os acadêmicos formalizarão na coordenação de Curso a sua opção por um Percurso Formativo, bem como, seu orientador de Trabalho de Conclusão de Curso. A mudança e/ou a adesão a disciplinas de outros Percursos Formativos, deverá ser solicitada pelo acadêmico no período de ajuste de matrícula e aprovado pelo Colegiado de Curso.

São condições para o vínculo com o Percurso Formativo:

- a) Existência de oferta do percurso pelo colegiado de curso;
- b) Adesão realizada, na coordenação, durante o período previsto no Calendário Acadêmico do Curso;
- c) Quantidade mínima de acadêmicos com adesão para formação de turma (10 estudantes);
- d) Existência de vagas;
- e) Existência de orientador para o TCC.

Cada acadêmico terá que cursar a carga horária de 360 horas relativas ao Percurso Formativo para integralização do seu currículo, sendo facultada a troca de percurso uma única vez, após o quinto período, desde que haja vagas para o outro percurso desejado. A desejo do acadêmico e condicionada a existência de vagas, será possível cursar disciplinas de outros percursos formativos. A mudança e/ou a realização de disciplinas de outros Percursos Formativos não poderá impactar no tempo de integralização do curso por parte do acadêmico.

Ainda em 2023, acredito que essa ideia de percursos formativos no Curso de Pedagogia seja uma possibilidade interessante, pois o nosso campo de formação é muito extenso. Por isso, os percursos poderiam ser uma forma de aprofundar um pouco mais na área formativa desejada. Seguem os quadros com os componentes que perfaziam os percursos definidos.

FIGURA 152 – Quadro dos Percursos Formativos do Curso de Pedagogia

Nome do percurso	Disciplinas optativas que o compõem	CH
Educação Especial e inclusão	Fundamentos e História da Educação de Surdos	30
	Alfabetização e Letramento para surdos	60
	Metodologia do Ensino de Língua portuguesa como segunda língua para surdos	60
	Libras: Práticas de Conversação	30
	Literatura surda: Reconto de Histórias em Libras	30
	Escolarização de pessoas cegas e com baixa visão	60
	Escolarização de pessoas com deficiência mental	60
	Escolarização de pessoas com Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD)	30
	Escolarização de pessoas com Altas Habilidades/ Superdotação	30
	Práticas Pedagógicas e Atendimento Educacional Especializado	30
	Tecnologias Assistivas e/ou aumentativas	30

	Educação, alteridade, diferença e diversidade	30
	História e Cultura Indígena	60
	História e Cultura da África e Afro-brasileira	60
	Educação e Direitos Humanos	30
	Gênero e sexualidade	30
	Pedagogia Hospitalar	30
	Educação do campo	30
	Psicopedagogia	60
Gestão Educacional	Gestão Democrática	30
	Estado e Política educacional	60
	Teorias organizacionais e Gestão da Escola	60
	Mudança Social, Trabalho e Educação,	30
	Educação empresarial e organizacional	30
	Análise de dados em Educação	30
	Sociedade, Trabalho e Educação	30
Educação Popular e Movimentos Sociais	Educação e movimentos sociais	60
	Estudos Freireanos	30
	Identidades culturais	30
	Educação em diferentes espaços formativos	30
	A formação do educador popular	30
	Princípios Éticos Freireanos	60
	Movimentos Sociais, participação e cidadania	30
	Práxis pedagógica na educação popular	30
	Educação Popular: Música na educação popular	30
	Educação Popular: as linguagens e os espaços culturais	30
	Educação Popular: Culturas populares	30
	Culturas populares x Cultura Erudita: circularidade, mestiçagem	30
	Culturas empíricas e processos educativos	30
Educação Infantil	Arte e educação	30
	Linguagem e o processo de humanização	30
	Sala de aula: espaço e tempo de autoria e escrita	60
	A aprendizagem da escrita literária no Ensino Fundamental	30
	História da Infância, dos Jogos e das Instituições Escolares	30
	Literatura Infantil	30
	Concepções de Criança na Contemporaneidade	30
	Expressão Lúdica	60
	Imaginário da Criança e Linguagens	60
	Linguagem, Saber e Processos de Arte Educação	30
	Construção do Discurso Escrito	60

Fonte: Arquivo da Autora

Ainda no final de 2017, como parte desse projeto de reformulação coletiva do PPC, participei da Comissão organizadora do Seminário de Prática Educativa com o tema: “Por uma pedagogia da indignação: produzir saberes e lutas”, em que convidamos UFMG, UFSC, Unicamp, Unifesp, UFG, dentre outras IES, para reflexão sobre o Curso de Pedagogia.

FIGURA 153 – Folder do evento do Curso de Pedagogia

**Coordenação Geral**  
 Ina Maria Maia Longhini – Fases/ UFU  
 Maria Simone Pires Pereira – Fases/ UFU  
 Valéria A. Dias Lourenço de Resende – Fases/ UFU

**Comitê Organizadora**  
 Betta Castro – graduação Pedagogia/UFU  
 Elizabeth Lamas Biazatchi – Fases/ UFU  
 Ina Maria Maia Longhini – Fases/ UFU  
 Liana Fátima Aguiar e Pereira D.A. Pedagogia/UFU  
 Maria Inez Mizaniti – Fases/ UFU  
 Maria Simone Pires Pereira – Fases/ UFU  
 Mônica Dias da Cunha – Fases/ UFU  
 Sílvia Malm – Fases/ UFU  
 Valéria A. Dias Lourenço de Resende – Fases/ UFU

**Comitê Acadêmica**  
 Cássia Liana Coimbra – NESP/UFU/UFU  
 Cássia Malm – NESP/UFU/UFU  
 Liana Coimbra da Silva – NESP/UFU/UFU  
 Maria Rêgina Pires Almeida – NESP/UFU/UFU  
 Maria Simone P. Pereira – NESP/UFU/UFU

**Comitê Docente**  
 Alina Aparecida Ribeiro Silva Gomes  
 Betina Gomes do Couto  
 Cristine Krieger Pasinato  
 Juliana Nizande Pissinato  
 Juliana Rodrigues Góes  
 Karina Honorato  
 Laila Jovi de Oliveira  
 Liane Cristina Bragança Rodrigues  
 Liana Paula  
 Mônica Rodrigues Lourenço  
 Mônica Salm – UFU  
 Sora Pádua de Oliveira

**Realização**  
 UFU FACED UFMG

**Curso de Pedagogia Presencial**  
 Curso de Pedagogia e Distância  
 D.A. da Pedagogia Maria Montessori  
 Gestão – 2017/2019

**Apoio**  
 NESP/UFU UFMG UFRMG

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 PRORETORIA DE GRADUAÇÃO (GREN)  
 FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
 CURSO DE PEDAGOGIA  
 CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

**APRESENTAÇÃO**  
 A Pós-Graduação em Educação e sua Doutorado de Ensino, a Faculdade de Educação, o Programa de Pós-graduação em Educação, a Coordenação, o Colegiado e o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Pedagogia Presencial e do Curso de Pedagogia a Distância, o Núcleo de Ensino Superintendente e o Núcleo de Ensino a Distância, assim como o curso de Pedagogia e o Seminário Online para o curso de Pedagogia e o Seminário de Prática Educacional e Registro Superintendente para o mestrado. Por esse pedagógico de pesquisa pedagógica e de prática pedagógica do Curso segue adiante o planejamento acadêmico, metodológico e avaliativo, no qual se busca a qualidade e a ampla e ampla participação dos discentes e a sua participação no desenvolvimento do curso de Pedagogia Presencial/UFU.

**OBJETIVOS**  
 1. Desenvolver atividades de ensino de acordo com o curso de Pedagogia de acordo com o currículo de formação de docentes de educação básica e de áreas específicas educacionais.  
 2. Contribuir para o processo de desenvolvimento acadêmico do Curso de Pedagogia Presencial/UFU.  
 3. Estruturar o curso de Pedagogia a Distância e o currículo de acordo com o currículo de formação de docentes de educação básica e de áreas específicas educacionais.  
 4. Promover a melhoria da qualidade do curso de Pedagogia a Distância e o currículo de acordo com o currículo de formação de docentes de educação básica e de áreas específicas educacionais.

**PÚBLICO-ALVO**  
 Estudantes e professores do Curso de Pedagogia presencial e a distância. E, assim, alunos de licenciatura e de pós-graduação, nos cursos de graduação e pós-graduação de áreas correlatas no campo de atuação do curso de Pedagogia.

**PERÍODO DE REALIZAÇÃO**  
 De 04 a 06 de dezembro de 2017.

**PERÍODO DE INSCRIÇÕES**  
 De 04 a 17 de dezembro de 2017 (sem apresentação de currículo). E de 18 de dezembro de 01 de dezembro de 2017 (com apresentação de currículo).

**LOCAL**  
 Auditorio do S5.

**CATEGORIAS E VALORES**  
 Estruturação do curso de pedagogia: FACED/UFU  
 - atividade obrigatória: formação da taxa  
 Estruturação do curso de pedagogia: FACED/UFU  
 Estruturação de Pós-Graduação: R\$120,00  
 Estruturação de Pós-Graduação: R\$120,00  
 Professores de Educação Básica: R\$20,00  
 Professores de Ensino Superior: R\$30,00

**PAGAMENTO** - O pagamento da inscrição será realizado exclusivamente em cheque, em nome de:  
 Ina - Casa Debetur: Emitir até o tempo

**ORIENTAÇÕES PARA INSCRIÇÃO COM APRESENTAÇÃO DE TRABALHO**  
 A inscrição de trabalhos em Seminários de Prática Educacional e Registro Superintendente deve ser feita sob o título de inscrição e apresentada aos sites de inscrição. Para maiores informações, entre o página Pedagógico Presencial UFU em Fases/UFU e o site de inscrição de trabalhos em: <http://www.faced.ufu.br/inscricao>

**PROGRAMAÇÃO**  
 Data: 04/12/2017  
 7h30 - Check-in: Heli do Auditório do S5  
 8h30 - Atividade inicial  
 9h30 - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 10h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 11h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 12h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 13h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 14h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 15h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 16h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 17h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 18h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 19h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 20h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 21h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 22h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 23h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 24h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 25h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 26h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 27h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 28h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 29h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 30h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 31h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 32h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 33h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 34h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 35h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 36h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 37h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 38h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 39h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 40h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 41h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 42h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 43h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 44h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 45h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 46h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 47h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 48h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 49h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 50h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 51h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 52h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 53h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 54h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 55h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 56h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 57h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 58h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 59h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 60h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 61h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 62h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 63h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 64h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 65h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 66h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 67h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 68h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 69h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 70h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 71h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 72h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 73h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 74h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 75h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 76h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 77h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 78h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 79h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 80h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 81h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 82h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 83h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 84h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 85h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 86h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 87h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 88h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 89h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 90h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 91h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 92h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 93h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 94h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 95h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 96h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 97h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 98h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 99h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU  
 100h - Mesa de abertura: Curriculo de area de Pedagogia em UFU

Fonte: Arquivo da Autora

Esse projeto ficou na burocracia de 2017 até 2019, quando tivemos uma assembleia do Curso de Pedagogia, a última presencial antes da pandemia, em que a diretora da Faculdade de Educação o enterra de vez, em minha concepção, dizendo que “O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia de 2017 é inviável administrativamente”. Com essa frase gravada em mim, desisto de lutar por esse projeto. Estarei junto com quem quiser enfrentar mais uma vez essas discussões internas, mas não voltarei a discutir o Projeto de 2017. Morremos na praia.

Com esse Projeto, encerro o que nomeei de Projetos que carregam água na peneira. São três projetos de que tive muito orgulho em participar. Projetos que buscavam uma transformação da realidade. Causam frustração, decepção, descrença. Mas é com eles e por eles também que a gente continua. Por causa da poesia de Manoel de Barros, o menino que carregava água na peneira.

Com o tempo aquele menino que era cismado e esquisito, porque gostava de carregar água na peneira.

Com o tempo descobriu que escrever seria o mesmo que carregar água na peneira.

Quero continuar fazendo peraltices como o menino de Barros. Claro que esses fracassos também me constituem, com mais dor do que outros, mas fazem parte da trajetória de quem sonha. E eu quero continuar sonhando... Que o medo não nos imobilize de ousar.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana A. Martins Bernardes  
Adriana Pastorello Buim Arena  
Adriany de Ávila Sampaio  
Aldeci Cacique Calixto  
Alexia Pádua Franco  
André Cruz  
Andrea Longarezzi  
Angela Fagna Gomes de Souza  
Antônio Bosco de Lima  
Antonio Carlos Freire Sampaio  
Aparecida Rocha Rossi  
Arlete Aparecida Bertoldo Miranda  
Benerval Pinheiro dos Santos  
Benjamin Xavier de Paula  
Cairo Mohamad Ibrahim Katrib  
Cândida Rosa Neta  
Carlos Alberto Lucena  
Carlos Henrique de Carvalho  
Elenita Pinheiro de Queiroz Silva  
Eliamar Godoi  
Elizabeth Lannes Bernardes  
Elsa Guimarães  
Fabrício Vilela  
Falcão Vasconcelos  
Fernanda Pena  
Fernando Araujo  
Geovana Melo Teixeira  
Guilherme Saramago de Oliveira  
Heloisa Helena Fernandes  
Iara Vieira Guimarães  
Iria Brzezinski  
Jarbas Siqueira Ramos  
João Carlos Oliveira  
Jorgetânia da Silva Ferreira  
Lavine Rocha Cardoso  
Lázara Cristina Da Silva  
Luiz do Nascimento Carvalho  
Luiz Gonzaga Falcão Vasconcelos  
Mara Rúbia Pinto Almeida  
Marcelo Soares Pereira Da Silva  
Márcia Verssiane  
Marcio Danelon  
Marcos Daniel Longhini  
Maria Guilhermina Coelho de Pieri  
Maria Helena Dias Fratari  
Maria Irene Miranda

Maria Simone Ferraz Pereira  
Maria Veranilda Soares Mota  
Maria Vieira Silva  
Mariani de Ávila Resende  
Marilane Santos  
Marília Vilela de Oliveira  
Mário Costa de Paiva Guimarães Júnior  
Marisa Dias Lima  
Marisa Lomônaco de Paula Naves  
Marisa Pinheiro Mourão  
Mateus  
Mauro Machado Vieira  
Myrtes Dias da Cunha  
Olenir Maria Mendes  
Patrícia Chavarell  
Paulo Celso Gonçalves  
Raquel Discini de Campos  
Roberto Valdés Puentes  
Robson Luiz de França  
Romana Isabel Brázio Valente Pinho  
Sandra Horani  
Sarita Medina Silva  
Selva Guimarães  
Silvana Malusá Barauna  
Sônia Maria dos Santos.  
Tamyres Cristina De Alcantara Danta  
Valéria Ap. Dias Lacerda de Resende

## Secretaria Municipal de Educação

Como fazendo educação, em uma perspectiva crítica, progressista, nos obrigamos por coerência a enredar, a estimular, a favorecer na própria prática educativa o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao fazer educativo. (Verbete: Democracia, Paulo Freire)

Fui trabalhar na Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia, como assessora do Secretário Municipal de Educação, pelas mãos da professora Maria de Lourdes Garcia Miranda. Ela era muito amiga do secretário José Eugênio Diniz Bastos e foi convidada a assessorá-lo. Ela não estava em condições de assumir tamanha demanda de trabalho e indicou o meu nome ao Secretário. Já estávamos trabalhando juntas na Católica. Era uma gestão de coalizão, com vários partidos que integraram o segundo mandato de Zaire Rezende (PMDB) à Prefeitura de Uberlândia.

**Horas antigas.** Minha tia-madrinha Iolanda de Lima Freitas foi a primeira Secretária de Cultura do município, no primeiro mandato de Zaire Rezende, de 1983 a 1988. Vivi uma vida com muito orgulho de ser sua sobrinha-afilhada.

O José Eugênio me chamou para uma entrevista, lembro até hoje, na sede do Partido PMDB em Uberlândia, para nos conhecermos e ele ver se concordaria com a indicação de Maria de Lourdes. Ele era Professor da UFU, mas não nos conhecíamos até aquele dia. Começo a trabalhar com o José Eugênio em janeiro de 2001 e tenho memória de duas situações com ele, que penso descrevem o ser humano que tive a oportunidade de conhecer, admirar e trabalhar.

A primeira foi a reportagem, ainda em janeiro, com o novo secretário, em que o José Eugênio afirma que iria abrir as escolas nos fins de semana para dar merenda para as crianças. Já naquela época, pensei: “que ousadia e ingenuidade!” José Eugênio é assim. Carregado de ideias, de humanidade, de desejo de mudar uma realidade injusta com que a gente se deparava cotidianamente. Não fizemos isso ao longo da gestão, infelizmente.

A segunda situação foi um dia que eu agendei uma reunião com ele, pois tinha muitos assuntos que precisava “despachar” e precisava da decisão, opinião, e sentei, com minha agenda, na sala do Secretário. Acho que havia conseguido 10 minutos na agenda dele. Começo a fala rapidamente sobre os pontos, o que precisávamos decidir. Ele ouviu tudo e ao final me disse:

– Agora você repete tudo, mas calmamente, porque eu não entendi nada que você falou tão rápido.

Esse é o José Eugênio em minhas memórias, um sujeito da paz, da calma, da observação, de poucas palavras, mas que enxergava o mundo ao seu redor, sempre da forma mais humana, ingênua e ousada que eu conheci. Foi um prazer trabalhar com ele.

Mas nós éramos 7 assessoras, estávamos assumindo uma Secretaria antes habitada por outro partido que havia acabado de perder, democraticamente, nas urnas. Isso exigiu que fizéssemos um movimento que chamamos de planejamento participativo nas escolas. Tivemos uma formação com a Lilian Machado de Sá e, depois, fomos (as assessoras) para a escola, para uma escuta e uma forma de planejar junto com a equipe escolar.

Esse foi um movimento muito importante de conhecimento da rede municipal, fomos a TODAS as escolas municipais. Com isso, a intenção do Secretário era fazer um diagnóstico para que pudéssemos planejar as ações da Secretaria Municipal de Educação. Assim, nesse planejamento, na época, fomos “atropelados” pela Medida Provisória 2.140, de 13 de fevereiro de 2001, aprovada pelo Congresso Nacional em 27 de março e sancionada pelo Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, por meio da Lei 10.219, de 11 de abril de 2001, que cria o Programa Nacional de Renda Mínima vinculado à educação – “Bolsa Escola”.

Com isso, José Eugênio me colocou como responsável pela criação do Programa Bolsa Escola na Secretaria Municipal de Educação, bem como pelo processo de transição das creches, lotadas na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, para a Secretaria Municipal de Educação. Penso que José Eugênio foi, mais uma vez, sábio. Deixou comigo as ações que seriam iniciadas, pois eu não era uma servidora do município no ano de 2001 (como já explicado, me exonerei de meus dois cargos: professora e orientadora educacional), e a maioria das outras assessoras era. Dois grandes desafios. Aprendi na práxis.

De acordo com Araújo (2009), o Programa Bolsa Escola faz parte dos Programas de Transferência Condicionada de Renda (PTCR) que atuam como um custo de oportunidade tanto para o rendimento das crianças quanto dos adolescentes.

O programa Bolsa Escola representa uma das primeiras iniciativas mundiais de PTCR. A proposta surgiu a partir de um ciclo de discussões iniciado em 1986 no Núcleo de Estudos do Brasil Contemporâneo, coordenado por Cristovam Buarque e vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília (UnB) (ARAÚJO, 2009, p. 69).

A autora explica o que caracteriza o Programa em sua origem:

Quando assumiu o posto de governador do Distrito Federal, em 1995, Cristovam Buarque tornou esta proposta de assistência plataforma de seu governo. Neste mesmo ano, lançou as bases do programa que viria a ser conhecido como Bolsa Escola. As características do programa abarcaram vários elementos previamente discutidos no Núcleo de Estudos sobre o Brasil Contemporâneo. Em termos, trata-se de um PTCR direcionado às famílias carentes com filhos matriculados em escola pública. Devido à escassez de recursos, adotaram-se vários critérios de seleção das famílias beneficiárias: (i) o grau de necessidade das famílias, definido com base em um índice de pontuação que abarcava aspectos tais como composição da família (monoparental, número de filhos etc.), situação sócio-econômica (valor dos bens acumulados), frequência de incidência de doenças etc.; (ii) renda familiar per capita de até ½ salário mínimo; (iii) ter todos os filhos com idades entre sete e 14 anos matriculados em escolas públicas; (iv) residir no Distrito Federal no mínimo há cinco anos (v) e, na existência de desempregados ou autônomos na família, estes deveriam comprovar a inscrição em programas de emprego e renda da secretaria do trabalho do Distrito Federal. (ARAÚJO, 2009, p. 70)

Ancorado nessa experiência, o Governo Federal lança, em 2001, o Programa Federal Bolsa Escola.

Em coordenação com os municípios, o governo financia os programas municipais e, simultaneamente, homogeneiza os critérios de seleção e a

estruturação do programa. Eram concedidos benefícios no valor de R\$15,00 por criança de 6 a 15 anos de idade matriculados na escola com taxa de frequência escolar acima de 85%, até um limite de três crianças beneficiadas por família (ou R\$45,00 mensais). As mães recebiam um cartão magnético que dava acesso ao benefício através do sistema de pagamentos da Caixa Econômica Federal. O controle da frequência escolar ficava a cargo das escolas, que informavam às autarquias públicas responsáveis pela educação e esta, por sua vez, informava o Ministério da Educação que, então, autorizava o pagamento dos benefícios às famílias (AGUIAR; ARAÚJO, 2002 apud ARAÚJO, 2009, p. 70).

Ou seja, para implantar o Programa no município de Uberlândia, tivemos que contar com uma grande rede de assistência que já funcionava em outras Secretarias, mas não na Secretaria Municipal de Educação. Um forte movimento de formação teve que ser desencadeado nas escolas, com as famílias e com a sociedade de forma geral. De acordo com Araújo (2009),

O programa federal Bolsa Escola diferia em aspectos importantes do programa brasileiro, a saber: (i) enquanto o primeiro tem por foco a criança, o segundo foca a família; (ii) enquanto o programa brasileiro sucedeu a anos de debate que culminaram em uma proposta de programa, a implantação da Bolsa Família federal não levou em conta toda a sorte de recursos e demandas por sistematização necessárias para atender adequadamente as metas definidas; (iii) a descentralização do processo de seleção e acompanhamento, que ficara a cargo das administrações municipais, engendrou perdas de eficiência e desvio dos objetivos centrais (devido à escassez de profissionais habilitados a dar suporte em muitos benefícios), a fraudes e a utilização do programa para fins coronelistas. (ARAÚJO, 2009, p. 71)

Iniciar um Programa dessa magnitude, sem profissionais habilitados e criando uma nova cultura de Programa de Transferência de Renda na educação, foi inaugurar buscando as experiências, mas aprendendo fazendo. Um dos princípios que penso que conseguimos começar, junto com a existência do pagamento, foi a cultura do acompanhamento.

FIGURA 154 - Reportagem sobre o Programa Bolsa Escola



Fonte: Arquivo da Autora

De acordo com Morais (2007, p. 112), no ano de 2002 foram atendidas 6.789 famílias pelo Programa Bolsa Escola em Uberlândia. Cadastro e acompanhamento era função da coordenação que criamos para esse fim. Morais (2007) fez uma entrevista comigo para sua tese, de onde minha memória foi retirar as lembranças desse tempo de Coordenadora do Programa Bolsa Escola. “Em março de 2006, entrevistei a pedagoga Camila Lima Coimbra, assessora da Secretaria Municipal de Educação durante o segundo governo de Zaire Rezende e responsável pela implementação do programa Bolsa Escola na cidade” (MORAIS, 2007, p. 192).

**Horas antigas.** Tive a oportunidade de ir à Espanha, a Córdoba, participar de um evento sobre a realidade social dos/as estudantes que eram atendidos/as pelo Programa Bolsa Escola.

Conforme Morais (2007), a forma de organizar as ações socioeducativas giravam em torno de três projetos. Um primeiro, ligado ao esporte, que consistiu em uma parceria com os poliesportivos dos bairros para prioridade no atendimento ao estudante atendido pelo Programa. Um segundo, denominado “Serviço Civil Voluntário”, um curso de formação que abordava questões de cidadania, ética, valores humanos, e ao mesmo tempo oferecia uma formação profissional. Um terceiro, denominado “Adolescente Aprendiz”, ancorado na Lei nº 10.097, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece as normas para contratação de menor aprendiz.

Para a realização dos dois projetos de ações socioeducativas no município de Uberlândia, contamos com a parceria da Fundação Conscienciarte, de Paracatu, que já tinha experiência com o Programa Bolsa Escola e com as ações de acompanhamento para o mesmo. Minha lembrança registra que foi muito importante essa parceria.

A Fundação Conscienciarte considera que o exercício da cidadania, a inclusão social e cultural, o cuidado com a natureza e a educação em valores humanos é, diante da realidade brasileira, um instrumento fundamental para a promoção do ser humano e, sobretudo, para a promoção da melhor qualidade de vida para todos, principalmente para as crianças e jovens, que são o futuro do país. Temos a convicção de que os recursos públicos direcionados aos projetos sociais, quando adequadamente aplicados, podem gerar renda e melhorar a qualidade de vida da população menos favorecida. (LIRA, 2006, p. 8)

Uma Fundação séria que nos ajudou a desenvolver as ações de acompanhamento com as mais de 6.000 famílias do Programa Bolsa Escola. Conforme Morais(2007), eu disse:

Como a gente começou sem ter muita orientação como o que era. Como era? Como deveria ser feito? Eles vieram nos ajudar. Nós fizemos uma parceria entre Prefeitura e Fundação Conscienciarte. Esta fundação ajudou muito a gente ter este olhar, dar importância às ações socioeducativas, dar importância a outras atividades a estas crianças que estavam sendo beneficiadas por este Programa. Então nós fizemos algumas ações de parcerias. A gente então chamava de **oficinas informativas e formativas**, porque ao mesmo tempo em que a gente ia com estas oficinas para informar o que era o Programa, a gente buscava fazer alguma formação do responsável, do pai e da mãe. O que mais eles queriam saber era sobre como educar os filhos. Como dar limites? Eles tinham muitas dificuldades em lidar

com os filhos. Isso foi muito interessante, muito. Aí a gente foi atrás de voluntários, de psicólogos voluntários, gente que poderia falar sobre isso com os pais, e tal. Fomos atrás dos amigos, para fazer isso nas próprias escolas. Nós fizemos um cronograma e conseguimos atender a todas as escolas. Se não me engano, talvez tenhamos falhado em uma, ou duas (ou em um pouco mais)... (COIMBRA apud MORAIS, 2007, p. 195)

Interessante que hoje leio o que eu disse e penso: como não qualifiquei melhor a minha fala e a minha ação? Um trabalho dessa dimensão, com a importância que o Programa Bolsa Escola tem para a correção de injustiças sociais, de uma sociedade de classes como a nossa. Não sei como faria esse trabalho novamente, depois de tantas aprendizagens. Essa experiência tem 20 anos e tenho que contextualizar a minha fala no momento em que foi proferida.

No Brasil, é importante ressaltar que os direitos da infância e da adolescência à educação e ao resguardo das atividades danosas ao seu desenvolvimento se tornaram uma obrigação do Estado após a promulgação da Constituição de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, apesar de coexistirem com legislações que favorecem o trabalho de crianças e adolescentes (caso da lei nº 10.097, promulgada em 2000 e denominada lei do aprendiz). Além destas peças legais, destacam-se as diversas iniciativas de combate ao trabalho infanto-juvenil, tais como os programas de bolsa escola engendrados pelos municípios e pelo governo federal e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI). (ARAÚJO, 2009, p. 14)

Como implementar um Programa, sem ações de informação e de formação? Trabalhar com voluntários e amigos não é a forma como vejo hoje o papel do Estado, a importância de assunção de seu papel, frente a uma sociedade tão desigual quanto a nossa. Pensar a educação nesse contexto significa e implica uma defesa do papel do Estado no estabelecimento do direito à educação, conforme preceitua a Constituição Federal de 1988.

Na tese, Morais (2007) também entrevistou os/as beneficiários pelo Programa; são palavras de Jessi:

*Eu participo, todas as vezes que tem, sempre participo. Eu nunca deixo de assinar o papel, né... é importante a lista de presença... mostrar que a gente foi... e... aí eu sempre assino. Eles falam sobre o negócio de não deixar o menino faltar na escola... é que... a pessoa que precisa bastante então... é... o negócio que é pouco... mas ajuda um pouquinho, negócio do material escola, a criança tem que ir sempre limpinha... bem cuidadinha, com higiene e tudo... é sobre isso que eles explica.*

*O que mais me marcou foi o negócio da violência que a advogada vem e falou, né. A advogada, detetive, falou que briga de marido e mulher os vizinhos têm que meter a colher sim, porque tem que denunciar o agressor. E eu acho assim, que tem muito homem que tanto agride a criança como agride a mulher dentro de casa, então o que mais me marcou foi aquilo. Eu achei muito bom que eu não sabia, nem eu sabia, que... a gente podia denunciar, por exemplo: um... um agressor, alguma pessoa que faz alguma coisa pra gente. Não que a gente queira ver o mal das pessoas, mas muitas vezes alguém mexe com a gente e a gente não sabe que tem esse direito, né, de denunciar e falar. Então eu achei bom.*

Em sua crítica, Morais (2007, p. 200) diz que

aos beneficiários dos programas sociais em Uberlândia, o que tendia (e ainda tende) a criar um componente de vinculação ‘subjéitiva’ dominante entre ‘bolsistas’ e poder público era justamente a ideia de que a melhoria da vida aconteceria se as regras, as orientações e as perseveranças na criação dos filhos, na ‘boa conduta’ social, fossem fielmente seguidas (MORAIS, 2007, p. 200).

O que compreendo ser importante na reflexão sobre a implementação desse Programa é o ineditismo de sua ação, a necessidade de uma rede de profissionais de diversas áreas e a abertura para aprender com o outro.

**Horas antigas.** Como era muito novo, e o José Eugênio não gostava muito de aparecer nas mídias, em tudo que era do Programa Bolsa Escola eu é que ia. Com isso, participei de muitos programas de TV, de muitas entrevistas para Jornal. Um desses dias, fui a um Programa de TV que era do jornalista Neivaldo Silva Magoo, para falar sobre o Programa. O Programa era ao vivo. Eu usava um sapato com “plataforma”. Quando entramos ao vivo, o jornalista começa assim:

– Estamos aqui com a Camila Lima Coimbra, assessora da SME, filma o sapato dela, por favor, você paga IPTU para usar esse sapato? Fiquei completamente desconcentrada e nem sei mais o que respondi depois daquilo.

Naqueles anos de 2001 até 2003, que foi quando eu saí, antes do fim da gestão, pois havia passado no doutorado e estava muito difícil conciliar as 3 (três) atividades: doutorado, Católica e Secretaria Municipal de Educação, tínhamos pouco acesso à internet, ao *youtube*, e as memórias são em papel, em fotos e em registros de memória mesmo.

Por isso, do processo de transição das creches lembro muito pouco. Mas o que me lembro é que algumas creches do município ainda estavam lotadas na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e, pela LDB que incluiu as creches na Educação Básica e o Plano Nacional que exigia o tempo para essa adequação, recebi mais esse desafio do José Eugênio. Tratar dessa transição. O trabalho, em síntese, consistiu em identificar as condições de cada creche, pois já tínhamos a Resolução Estadual das condições para uma creche na Secretaria Municipal de Educação.

Naquele tempo, tínhamos os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil – RCNEI (1998) e alguns marcos legais que consolidaram a necessidade de realização dessa alteração. O artigo 208, inciso IV da Constituição Federal de 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990; e a Lei no 9.394/1996 (LDB) de forma mais direta.

- a) No Título III, Do Direito à Educação e do Dever de Educar, art. 4o, IV, se afirma que: “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade”<sup>21</sup>. Tanto as creches para as crianças de zero a três anos como as pré-escolas, para as de quatro a seis anos, na época, eram consideradas como instituições de educação infantil. A distinção entre ambas é feita apenas pelo critério de faixa etária. A educação infantil é considerada a primeira etapa da educação básica (título V,

---

<sup>21</sup> A LDB foi alterada nesse inciso somente em 2013, pela Lei nº 12.796, de 2013 que diz: II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade.

capítulo II, seção II, art. 29<sup>22</sup>), tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança. O texto legal marca ainda a complementaridade entre as instituições de educação infantil e a família.

- b) O Título IX, Das Disposições Transitórias, art. 89, diz que: “As creches e pré-escolas existentes ou que venham a ser criadas deverão, no prazo de três anos, a contar da publicação desta Lei, integrar-se ao respectivo sistema de ensino”.

Nessa perspectiva, em 2001, o município de Uberlândia já estava atrasado com a transição das creches para o sistema de ensino e, por isso, tivemos que planejar o procedimento dessa organização. Assim, o RCNEI foi o documento disponível que pudemos ter como referência. Nele estava a concepção de criança:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. A criança tem na família, biológica ou não, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que estabelece com outras instituições sociais. (BRASIL, 1998, p. 21)

O respeito à criança nessa faixa etária era o nosso maior desafio, pois o espaço, a infraestrutura das creches não tinha, historicamente, a preocupação com o educar e, sim, com o cuidar. Transformar essas instituições criadas como instituições assistencialistas para a finalidade educativa era mesmo um grande desafio, pois não tinham o espaço adequado e, muitas vezes, os/as profissionais que trabalhavam com as crianças também não tinham formação. Fizemos uma parceria com a Universidade Federal e Uberlândia para essa formação emergencial de “educadores/as infantis”.

Conhecer essa realidade social das famílias que participaram do Programa Bolsa Escola, conhecer todas as escolas do município de Uberlândia fez com que eu pudesse conhecer melhor a realidade educacional, bem como acreditar e lutar desde sempre pela escola pública. É um direito e, por isso, precisamos habitá-la, debater com esses/as profissionais que lá estão, para que possamos reinventá-la.

A experiência como assessora da SME trouxe uma visão de totalidade importante para identificar a complexidade da educação. As soluções não são simples. É necessário muito estudo, muita sensibilidade e escuta para as políticas públicas no campo da educação. Talvez essa tenha sido a minha melhor aprendizagem nesse lugar.

**Horas antigas.** O coordenador geral da Fundação Conscienciarte, Lucivaldo, é meu amigo até hoje. Fui a sua defesa de mestrado. Já fui visitá-los em Vinhedos, pois hoje o casal trabalha no Instituto Federal.

---

<sup>22</sup> A LDB foi alterada nesse inciso somente em 2013, pela Lei nº 12.796, de 2013 que diz: Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Pessoas que estiveram junto.

Adriana Duarte do Nascimento

Elia Maria Silva

Jose Eugênio Diniz Bastos

Lilian Machado de Sá

Lucivaldo de Paz Lira

Maria de Lourdes Garcia Miranda

Maria Dorcina

Mércia de Oliveira

## Parte II: A teoria do fazer

O que é preciso é analisar a prática para desembutir de dentro dela a teoria que está lá e não é vista ou a teoria que ainda não está lá e que precisa ser vista é que é o trabalho da gente. (Verbete: Prática, Paulo Freire)

Como já disse, em 2023 completo 20 (vinte) anos do início de meu doutorado. Completo, em setembro, 17 (dezessete) anos de UFU, como professora. Se somar o tempo de estudante, 4 (quatro) anos na graduação, 2 (dois) no Curso de Especialização e 3 (três) anos no mestrado, totalizo 25 anos na UFU no ano em que se comemora 45 anos de federalização. Um quarto de século em uma Instituição que defendo, pela qual luto e que honro com todas as minhas atitudes diariamente. Tenho minhas críticas à forma conservadora como agimos, mas também tenho a convicção da importância da Universidade pública brasileira para a transformação social em que acredito. Por isso, a Universidade não é somente meu lugar de trabalho, mas meu lugar de causa.

Nesse caminho, por minhas convicções e concepções, não poderia e nem queria apenas estudar Paulo Freire. Esse autor, para além da contribuição na leitura de mundo, também nos faz pensar e agir de forma revolucionária. Para ler Freire, em minha compreensão, é necessário que façamos inéditos viáveis diários, é necessário que tenhamos a **justa ira** que nos faz lutar por sonhos-utopias-esperanças que nos fazem vivos, que nos fazem vida. Não sei agir de outro jeito que não seja nessa intensidade da defesa e da luta pelos/as esfarrapados/as (FREIRE, 1970) desse mundo. Esse é o princípio que me acompanha: em um país desigual, eu tenho lado. Estarei do lado de quem não teve a oportunidade, a chance e viveu a injustiça de ser quem é. Esse é meu ponto de partida na construção dessa **práxis**.

Costumo dizer, e é assim que penso, que sou uma curiosa em Freire. Ainda não me considero uma pesquisadora, pois ainda sou muito nova nessa forma institucionalizada de fazer pesquisa sobre e com Paulo Freire. E, digo mais uma vez, não é simples. Paulo Freire é um autor complexo, dialético, contraditório e exigente. Por isso, sigo na permanente ideia de uma aprendizagem sem fim, em um caminho sem volta, que tem dias em que penso em desistir, mas no outro levanto, “sacudo a poeira” e sigo.

**Horas antigas.** Quando começo a habitar o meio acadêmico, dizendo que estudava Paulo Freire, escuto muitas perguntas: Mas você é da Educação Popular? E eu dizia: Não, sou da formação de professores/as. E as pessoas têm dificuldade de ver Paulo Freire em outro lugar. Eu, pelo contrário, tenho dificuldade em limitar o lugar de Paulo Freire. Cada um/a se apropria a partir de sua práxis. Assim o vejo e o leio.

Por isso, essa segunda parte revisitará artigos, pesquisas, reflexões e experiências que fazem parte de minha trajetória profissional no encontro com esse tema, mais especificamente com a teoria do fazer e pensar certo. Tenho, nesse Memorial, a oportunidade de reencontrar meus escritos sobre Freire e “clarear ângulos”, como disse Freire em *Pedagogia da esperança* (1992), ou assumir os erros e reinventar possibilidades.

Cada seção dessa parte II inicia-se com uma imagem, imagem que representa o seu conteúdo interno. Um dos saberes necessários à prática educativa, em *Pedagogia da autonomia*: ensinar exige estética e ética.

A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou não deve ser feita à distância de uma **rigorosa formação ética ao lado sempre da estética**. Decência **boniteza de mãos dadas**. Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. (FREIRE, 1996, p.16)

Tenho tentado com os princípios e pessoas que me constituem, ficar de mãos dadas à boniteza, à sensibilidade e à amorosidade. Categorias freireanas que também assumo como partes de mim, em um exercício permanente pela busca do ser mais. Fazer uma Exposição poderia ser visto por muitos como um detalhe, mas, para mim, era fundamental que o Centenário Freireano Circulante fosse também constituído de arte. Constituído de imagens que podem trazer um exagero de problematizações da realidade e do próprio autor referenciado.

O movimento de artistas compondo a nossa reflexão freireana considero fundamental para suportar os descaminhos, as dificuldades, pois ajuda na permanência do sonho, como constitutivo do humano. Quero estar de mãos dadas nessa busca. Até quando minha existência justificar uma prática educativa em uma perspectiva democrática e ética.

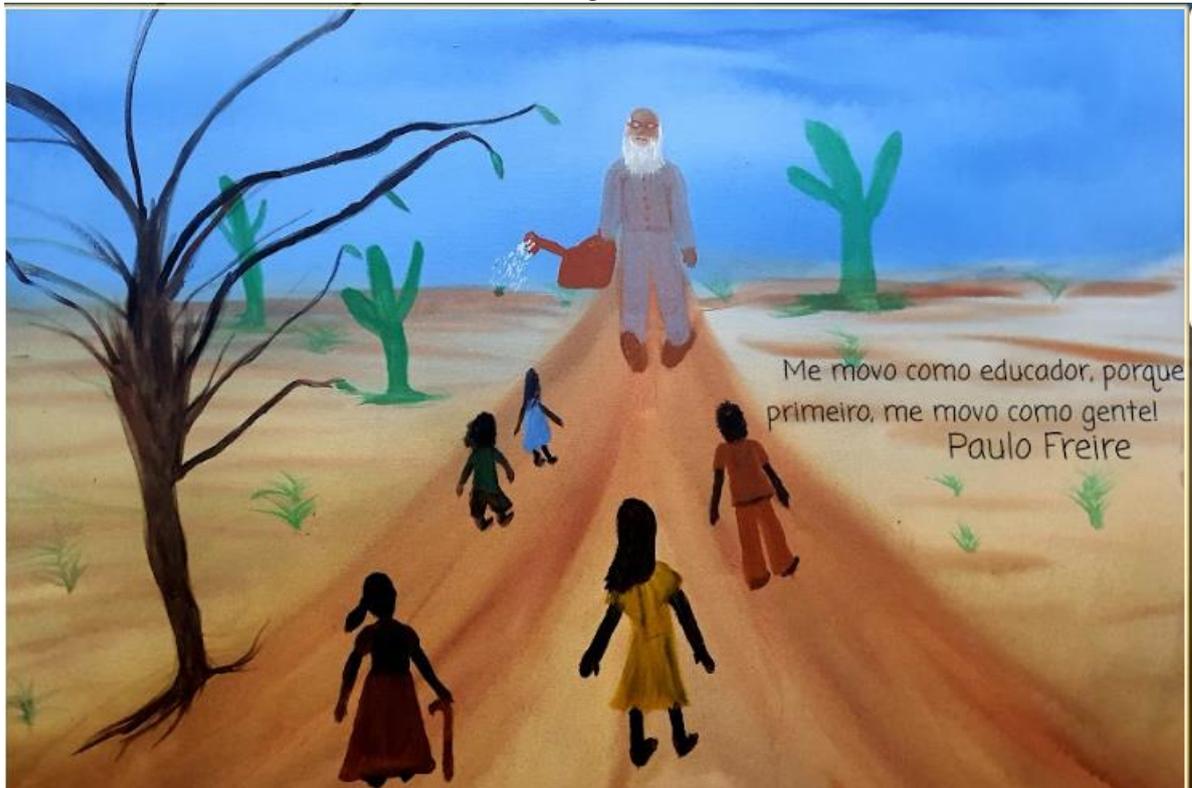
Nessa parte II, a teoria do fazer, são 9(nove) seções em que conto sobre como me faço professora, como mencionado, esclarecendo como a Linguagem é um ato político, as Categorias freireanas que fazem parte dessa trajetória remexida, os Eventos freireanos pelos quais aprendi e aprendo no movimento, a reescrita da Aula expositiva dialogada freireana, a disciplina de Princípios éticos freireanos (que foi a materialização de muitos sonhos), o que nomeei de Entre-mundos a Série, pois foi entre a disciplina e a criação do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF) existiu a realização da Série Paulo Freire vai à Universidade, o Centenário Freireano Circulante e, por fim, a Exposição Paulo Freire 100+.

A teoria do fazer é o jeito de mostrar como tenho feito. Como tenho sido professora. Uma professora que faz extensão, que faz pesquisa, que já teve sua experiência na gestão e que continua no movimento, na busca. A parte II é o lugar onde crio essa práxis educativa freireana. Onde busco essa práxis educativa. Onde estão meus encontros e desencontros com aquilo que faço. E o que faço fale por mim...

## A linguagem

E por que não também as mulheres?

Imagem 1



Artista: Andrea Mendes @pretaacao

Faço um esclarecimento que considero necessário. Temos, nacionalmente, uma diversidade de nomenclaturas para designar o pensamento de Paulo Freire: “freireano”, “freiriano”, paulofreireano, elza-freireano, dentre outros. Para explicar desde o começo, conto uma história, como gosto de fazer. Em uma das prosas, numa atividade que fizemos e denominamos “Paulo Freire vai à Universidade” (relatada aqui no Memorial), encontro com uma professora com formação em Letras, que, na tentativa de contribuir, já que identificara em nosso material a “grafia errada”, me envia gentilmente a regra: “Atendendo a que só os adjetivos terminados em e tônico exibem a forma sufixal -eano, recomenda-se freiriano, com sufixo -iano, porque o “e” de Freire é átono. Escreva, portanto, freiriana”.

Esta é a recomendação da Norma culta, mas, como acredito que ler e viver Paulo Freire é um exercício de assumir uma postura rebelde, revolucionária, assumo a rebeldia de transgredir a Norma culta e utilizar a forma que respeita a identidade de Freire e que não o “uniformize”, que não o enquadre em uma mesma regra ou forma de organização da linguagem, sem levar em consideração a radicalidade de sua história, sua recifidade, sua unicidade. Como ele mesmo diz, “mudar a linguagem faz parte do processo de mudar o mundo. A relação entre linguagem-pensamento-mundo é uma relação dialética, processual, contraditória” (FREIRE, 1992, p. 36).

Sabemos que aqui ele está falando de uma sociedade machista, especialmente quando assume em sua linguagem a relação de gênero, mas a compreensão é de que essa regra, a gramática, uniformiza e não respeita um dos saberes necessários à prática educativa: o reconhecimento e a assunção da identidade cultural. Assim, assumo minha rebeldia e a radicalidade necessária ao utilizar freireano, por respeitar a raiz (a ideia de enraizamento, de Freire, presente em *Educação como prática da liberdade*) do nome, a identidade, a história, a cultura, o tempo de quem estamos adjetivando, subjetivando, dando sentido e significado ao nome que designa um educador como Paulo Freire.

Ao recusar a Norma culta, também permito-me transgredir e analisar Paulo Freire a partir dele mesmo, do que escreveu, de quem foi e das interpretações possíveis no contexto do termo, da definição e do uso, contínuo ou não, da práxis em seu pensamento.

Por isso, escreverei de forma transgressora em todos os espaços e tempos até que outra mudança seja possível e necessária. Uma das convicções que me alimenta é a de que a “mudança é possível”, por isso insisto no poder da linguagem, na criatividade, na justificativa das escolhas que fazemos, sempre políticas, de uma forma de ver e viver o mundo. Por isso, preservar o radical da palavra Freire assume a preservação da essência do nome e, ao mesmo tempo, uma transgressão à Norma. Defendo, assim, que usemos freireana/freireano por ser uma transgressão à linguagem, como poder de mudança de uma forma de escrita para uma dimensão concreta da politicidade, conceito-chave para entender Freire. Uma reflexão conceitual do freireano, da radicalidade na palavra que reconhece Freire como uma raiz que não pode ser alterada, está enraizada na palavra-ação.

Reitero, a transgressão também se faz coerente com a radicalidade do pensamento freireano no que se refere ao ato revolucionário que se dá no reconhecimento dos seres humanos como sujeitos históricos, sociais, comunicacionais, dentre outros. Preservar a raiz do nome que define a essência de um pensamento transformador, libertador e humanizador, também considero um ato revolucionário. Por isso a insistência em defender o nome que damos e os sentidos que damos à palavra. (COIMBRA, 2021d).

Nessa mesma linha da coerência, faço as flexões de gênero incluindo a mulher que sou, por acreditar no poder da linguagem, como dizia ele em *Pedagogia da esperança*:

Nesta fase da retomada da Pedagogia, irei apanhando aspectos do livro que tenham ou não provocado críticas ao longo desses anos, no sentido de explicar-me melhor, de **clarear ângulos**, de afirmar e de reafirmar posições.

Falar um pouco da linguagem, do gosto das metáforas, da marca machista com que escrevi a Pedagogia do oprimido e, antes dela, Educação como prática da liberdade, me parece não só importante mas necessário.

Começarei exatamente pela **linguagem machista** que marca todo o livro e de minha dívida a um sem-número de mulheres norte-americanas que, de diferentes partes dos Estados Unidos, me escreveu, entre fins de 1970 e começos de 1971, alguns meses depois que saiu a primeira edição do livro em Nova York. Era como se elas tivessem combinado a remessa de suas cartas críticas que me foram chegando às mãos em Genebra durante dois a três meses, quase sem interrupção.

De modo geral, comentando o livro, o que lhes parecia positivo nele e a contribuição que lhes trazia à sua luta, falavam, invariavelmente, do que consideravam em mim uma grande contradição. É que, diziam elas, com suas palavras, **discutindo a opressão, a libertação, criticando, com justa indignação**, as estruturas apressaras, eu usava, porém, uma linguagem machista, portanto **discriminatória**, em que não havia lugar para as mulheres. Quase todas as que me escreveram citavam um trecho ou outro do livro, como o que agora, como exemplo, escolho eu mesmo: “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se 'apropriam' dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles”. E me perguntavam: **“Por que não, também, as mulheres?”**.

Me lembro como se fosse agora que estivesse lendo as duas ou três primeiras cartas que recebi, de como, condicionado pela ideologia autoritária, machista, reagi. E é importante salientar que, estando nos fins de 1970 e começos de 1971, eu já havia vivido intensamente a experiência da luta política, já tinha cinco a seis anos de exílio, já havia lido um mundo de obras sérias, mas, ao ler as primeiras críticas que me chegavam, ainda me disse ou me repeti o ensinado na minha meninice: “Ora, quando falo homem, a mulher necessariamente está incluída”. Em certo momento de minhas tentativas, puramente ideológicas, de justificar a mim mesmo, a linguagem machista que usava, **percebi a mentira ou a ocultação da verdade que havia na afirmação**: “Quando falo homem, a mulher está incluída”. E por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo.”? Nenhum homem se acharia incluído no discurso de nenhum orador ou no texto de nenhum autor que escrevesse: “As mulheres estão decididas a mudar o mundo”. Da mesma forma como se espantam (os homens) quando a um auditório quase totalmente feminino, com dois ou três homens apenas, digo: “Todas vocês deveriam” etc. Para os homens presentes ou eu não conheço a sintaxe da língua portuguesa ou estou procurando “brincar” com eles. O impossível é que se pensem incluídos no meu discurso. Como explicar, a não ser ideologicamente, a regra segundo a qual se há duzentas mulheres numa sala e só um homem devo dizer: “Eles

todos são trabalhadores e dedicados?”. Isto **não é, na verdade, um problema gramatical mas ideológico**. (FREIRE, 1992, p. 35, grifo nosso)

Talvez uma citação demasiadamente longa para as Normas técnicas da academia, mas são imprescindíveis para compreendermos o poder da linguagem. No meu doutorado, não me ensinaram a escrever de forma coerente. Não fiz lá a flexão de gênero. As palavras precisam ser coerentes com aquilo que elas estão dizendo. Como vou escrever sobre Paulo Freire, com Paulo Freire, usando uma linguagem excludente, opressora?

**Horas antigas.** Na primeira turma de Princípios éticos freireanos em Uberlândia, o Leonardo diz: Ah, Camila acho muito chato essa coisa de ficar ele e ela, polui muito o texto. Fica chato de ler! E eu disse: você se acostuma. Daqui a pouco, achará imprescindível. Não sei como ele estará hoje, mas eu não consigo mais escrever de outra forma, e fere meus olhos um texto apenas no gênero masculino. Penso que essa deveria ser a orientação de todos os Programas de Pós-graduação em Educação, pelo menos. No livro que fizemos com a Editora do IF Sul, os editores já têm essas diretrizes e alteram os textos que estejam apenas no masculino. Bravo, IFSul!

A escolha da linguagem também é uma escolha política. Também traduz uma forma de ler e ver o mundo. Com tudo o que vivemos ao longo dos últimos 4(quatro) anos com o Governo de Jair Bolsonaro, precisamos assumir o lado em que estamos. A favor de quem? Contra quem? Não há conhecimento, educação e nem linguagens neutras. A omissão é uma escolha. Não querer se envolver com essa pauta é uma escolha. Eu assumo, onde posso, minha condição feminina em uma sociedade que me subjuga cotidianamente, em uma academia que expressa seu machismo diariamente, por isso não posso, não devo e nem quero me calar. Que minha linguagem também seja portadora de incômodos e de mudanças.

Essa defesa da linguagem fiz em um artigo em que trouxe a práxis freireana para o debate. Assim tenho feito onde tenho habitado. Por isso, ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo. A linguagem não é um detalhe. Assumir a norma culta nesse mundo racista, machista e desigual pode parecer neutralidade quando precisamos assumir a nossa politicidade. Remexo um lugar que parece de consenso acadêmico, mas que precisa ser problematizado: essa linguagem dita “universal” atende a quem?

Um dos meus sonhos é que eu possa lutar por uma Pós-graduação menos elitista, mais democrática e mais plural. A linguagem não muda isso sozinha, nem tampouco a educação, mas com elas, estou convencida nas possibilidades de mudança. Segue o lugar onde começo a escrever sobre isso.

COIMBRA, Camila Lima. A (in)completude da práxis no pensamento freireano. *In: PAIXÃO, Alexandre H.; MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima I. (org.) Centelhas de transformações: Paulo Freire e Raymond Williams*. São José do Rio Preto, SP: HN, 2021d.

## Categorias freireanas

Imagem 2



Artista: Kaji Pato @kaji\_pato

A primeira forma que enxerguei de ler Freire foi a partir de categorias, que nomeei de categorias freireanas. Não conseguia ver outra lógica em seus pensamentos. Não percebia uma linearidade. Tinha dificuldade em apreender por obra, ou até mesmo por ordem cronológica. A cada obra que lia, via relação com a outra. O pensamento e a escrita de Freire, para mim, são dialéticos. Tudo gira em espiral, nada fica enquadrado em meu pensamento. Se assim o é em meu pensamento, como vou explicar Freire para as/os estudantes? Como vou conseguir me fazer entender para que eu consiga que também entendam? Esse sempre foi um dilema. Por isso, as categorias freireanas me ajudam a entender e a explicar Freire.

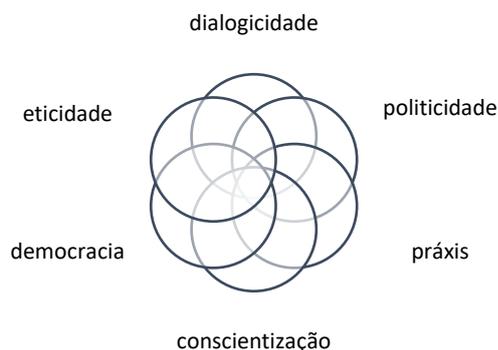
**Horas antigas.** No Curso de Pedagogia do Pontal, trabalhamos com a *Pedagogia do oprimido* no terceiro período do Curso. Tive uma estudante, Nildair, que um dia em aula me perguntou: Camila, eu sou obrigada a gostar de Paulo Freire? E eu disse: a gostar não, mas a conhecer, sim. E a partir daí, meu desafio foi maior. Como fazer com que compreendam Freire? Gostar ou não gostar não era minha preocupação, mas não poderia permitir que parassem antes de conhecê-lo.

Quando escrevi meu primeiro artigo sobre Freire, com a Eliana, em 2011, falava da definição de qualidade em Freire; trouxemos ali a politicidade, a práxis, a ética, a dialogicidade, a democracia, a conscientização como categorias freireanas.

Qualidade, assim, significa numa perspectiva freireana de educação: politicidade, ética, democracia, diálogo, com princípios e práticas que assegurem a dignidade humana, a liberdade e a justiça social. Pensar em qualidade da educação, desse modo, significa estabelecer como parâmetros ou indicadores: o pressuposto político da educação (A favor de quem? Contra quem?), a ética das relações (Como? Quais valores?), a democracia (Com quem?) e o diálogo (Para que?). Para a compreensão desses princípios ou como denominamos agora de parâmetros para a qualidade na educação em Freire, torna-se essencial compreender o movimento em que gravitam. Não há uma ordem e nem sequência necessária para análise e interpretação da qualidade na educação. São complementares, indissociáveis, articulados, gravitam e circulam em torno do conceito freireano de educação. Esse conceito não é abstrato, para Freire, implica na concretude de uma ação, uma opção a favor de quem luta, implica em um compromisso social assumido em busca de uma sociedade menos excludente e mais humanizada. Esse é o conceito concreto de qualidade freireana na educação, pois se realiza na práxis humana, na potencialidade humana de pensar e agir na e com a realidade. (COIMBRA; OLIVEIRA, 2011b, p. 83)

Esse trecho do artigo indica o ponto de partida de uma compreensão freireana com que concordo. Para entender Paulo Freire, é importante contextualizar Freire, buscar o seu ponto de partida, para não desvincular análises que pressupõem outras. Essa é a forma de compreender Freire em categorias de análise e, a depender do contexto histórico, podemos enxergar nuances diferenciadas. É complexo, curioso e instigante. Parece que a gente ainda não compreendeu a categoria em sua totalidade. Sempre tem algo mais a acrescentar na análise. Esse é o movimento em espiral.

FIGURA 155 – Espiral das Categorias Freireanas

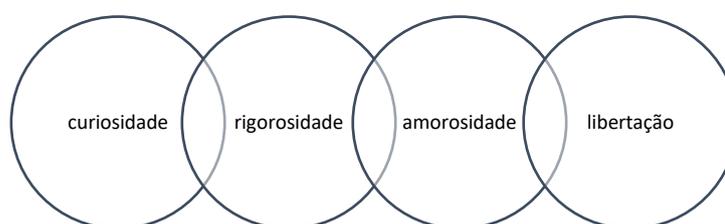


Fonte: Arquivo da Autora

Nesse primeiro ciclo, considero as categorias estruturantes do pensamento. Categorias de base. Fundamentais para compreender o antes, o durante e o depois de Freire.

A curiosidade, a rigorosidade, a amorosidade, a libertação, são categorias que se somam às demais, e eu vou compondo um reservatório (copiando de Gauthier et al, 2013) de categorias freireanas que me ajudam a compreender a realidade e a atuar nessa mesma realidade.

FIGURA 156 – Categorias Freireanas



Fonte: Arquivo da Autora

O segundo ciclo de categorias articula-se ao primeiro, complexificando o pensamento, à medida que carrega conceitos que conseguem explicá-lo.

Práxis, utopia, sonho, esperança, são outro grupo de categorias que enxergo em imbricada relação entre si e que se avolumam quando no contato com as demais, sem hierarquia, sem uma estar mais do que a outra. Parece que ficam em órbita, equilibrando-se umas nas outras. Assim são as categorias freireanas da forma como eu as leio, da forma como eu materializo a compreensão freireana, um exercício de equilíbrio, de elos, de relação inquebrantável para elucidar o sujeito histórico, cultural e social freireanos: o ser humano.

Em alguns artigos, trato dessas categorias, re-escrevendo, ora para reafirmá-las, ora para reiterá-las de outra maneira. A categoria fundante do pensamento denomina-se sujeito, o ser humano. Como diz Freire em *Educação e mudança* (2013, p. 22), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. Por definição, o ser humano é denominado de sujeito por entendê-lo como um ser de relações, um ser social. Este ser social inclui uma multiplicidade de seres, pois também é um ser cultural e um ser histórico.

O pensamento freireano não isola e nem divide a compreensão de totalidade do ser humano, essa premissa é importante para o entendimento de sua complexidade. Um ser também da comunicação, por isso o diálogo existe como o meio para o processo educativo ocorrer nessa perspectiva. “O homem existe – *existire* – no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se” (FREIRE, 1967, p. 41).

Esse ser temporal, portanto, histórico, cultural, social, que age, também é um ser da práxis. Um ser que pensa e age a partir da realidade. Essa concepção de ser humano freireano considera o princípio de que somos seres inacabados e condicionados. A ideia do inacabamento provoca a transformação, especialmente pela educação, onde há a possibilidade de mudança.

Essa categoria ser humano, esse ser da práxis desdobra-se, no campo da docência, em diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos, ou seja, a compreensão de que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 1996, p. 38). Este fundamento que serve de âncora para a ideia de práxis, em uma perspectiva freireana, sustentáculo de uma concepção de educação, também se relaciona à necessária articulação entre a teoria e a prática na formação docente e, portanto, no exercício profissional. Existe na relação com o outro. Freire (1996, p. 38) complementa: “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Dessas categorias já anunciadas, outras parecem que vão brotando para nos fazer entender, quando Paulo Freire apresenta as palavras em forma: situações limite, inéditos viáveis, pensar certo, a teoria do fazer. São palavras em forma, que já vêm com o jeito de fazer. E outras, ele apresenta como palavras em pares: denúncia-anúncio, finitude-infinitude, saber-ignorância, mudança-permanência. As palavras em pares opostos demonstram a contradição.

Com tudo isso, já vamos delineando a forma como a curiosidade em Freire é permanente em mim. Parece que não desassossego enquanto não faço essas categorias dançarem, colocarem a vida em dança (movimento), com princípios e ações que busquem a transformação desse mundo feio, como diria Freire, injusto, desigual, machista e racista em um mundo de esperança.

Nesse caminho até aqui, parece que fica claro que algumas dessas categorias vivem junto de mim, convivem comigo diariamente. A dialogicidade é uma delas.

E que é diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 1967, p. 107)

Gosto dessa ideia de que o diálogo não é inato. Não nasce com a gente. É uma construção social-cultural. Aliás, para Freire, o diálogo se dá na relação, horizontal, crítica, amorosa, em que a comunicação se estabeleça. Não é dizer e nem ouvir o que se deseja, mas abrir-se para a escuta e para a presença de pessoas que podem se relacionar. Na definição de diálogo em Freire, vejo a diferença aparente.

**Horas antigas.** Quando participei do *podcast* sobre o livro *Educação e mudança*, com o Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire (GEPPF), da Ana Paula, ela me perguntou como deveríamos dialogar com os bolsonaristas, naquele tempo, estimados em 30% da população brasileira. Eu prontamente respondi: não tem jeito. Melhor a gente cuidar dos 70% para que não virem o que já temos nesses 30%. Ela se assustou comigo. Dizendo que uma freireana não poderia desistir do diálogo. Não desisto, mas entre antagônicos ainda não vejo possibilidades concretas.

A partir do diálogo, da comunicação, da democracia, do respeito é que os seres humanos podem se libertar, por meio da educação. A convicção de que a educação transforma configura-se um dos saberes necessários à prática educativa. Por isso, a práxis foi se transformando em uma categoria vital, tanto para minha leitura freireana quanto para minha existência como professora.

Nesse caminho de investigar o termo práxis ao longo de algumas obras de Freire, identifiquei algumas categorias importantes para a compreensão do pensamento freireano (COIMBRA, 2017b). Essas categorias são fundamentos basilares, são condições para que possamos adentrar uma compreensão mais profunda do legado freireano. A questão da coerência freireana também está associada ao conceito de práxis. A busca constante do conceito de práxis em Paulo Freire ajuda a compreender também o caminho de minha trajetória profissional.

Analisei o conceito de práxis em três obras, por enquanto, *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia da autonomia*. Os três livros, as três pedagogias que trazem, como os próprios nomes dizem, uma práxis, em uma perspectiva de educação libertadora.

A primeira vez que a palavra práxis aparece em *Pedagogia do oprimido* é na pergunta problematizadora do livro:

Quem, melhor que os[as] oprimidos [e oprimidas], se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles [e elas], os efeitos da opressão? Quem, mais que eles [e elas], para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas **pela práxis de sua busca**; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos [e as oprimidas], será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1970, p. 17, grifo nosso)

Aqui entende-se que a libertação se dá pela práxis. É o mecanismo para a luta pela liberdade. Freire (1970) ainda insiste na análise social de uma sociedade desigual, que nomeia como sociedade de opressores e oprimidos. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. A sociedade, nessa dimensão do real, aprisiona, desenraiza, acomoda, adapta os seres humanos à lógica do capital, o que também os objetifica. Por isso e para isso, a libertação ser, por meio da práxis, a forma de transformar esse mundo. “Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca” (FREIRE, 1970, p. 21).

Práxis significa busca, práxis implica luta, práxis impele à libertação. Na práxis está a possibilidade da construção da consciência crítica para a libertação. Freire continua:

Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isto é que, só através da práxis autêntica, que não sendo “blablablá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. (FREIRE, 1970, p. 21)

É ação e reflexão. Com isso, não posso substituir a práxis freireana por uma ideia de saberfazer. A práxis é um conceito dialético, de que tantos outros fazem parte. Um conceito ontológico, epistemológico e metodológico de objetivar a transformação, à medida que ela se adjectiva como práxis autêntica. Ao complexificar o conceito, o autor reitera: “Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica” (FREIRE, 1970, p. 21).

Freire reitera, na *Pedagogia do oprimido*, a definição dessa práxis autêntica, autenticamente humana, a partir da perspectiva do direito, da transformação, da esperança, da solidariedade e da libertação, como a práxis revolucionária, originária de Lênin. “A tão conhecida afirmação de Lênin: ‘Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário’ significa precisamente que não há revolução com verbalismo, nem tampouco com ateísmo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (FREIRE, 1970, p. 70).

E ainda afirma: “a práxis revolucionária somente pode opor-se à práxis das elites dominadoras. E é natural que assim seja, pois são quefazeres antagônicos” (FREIRE, 1970, p. 71). Ou seja, na práxis revolucionária aparece o Freire em sua radicalidade, em sua leitura de mundo, ao desvelar a sociedade de classes em que vivemos: dividida em classes sociais e que requer uma práxis revolucionária.

Reitera com a clareza do que precisa ser compreendido, ainda na *Pedagogia do oprimido*:

É preciso que fique claro que, por isto mesmo que estamos defendendo a práxis, **a teoria do fazer**, não estamos propondo nenhuma dicotomia de que resultasse que este fazer se dividisse em uma etapa de reflexão e outra, distante, de ação. Ação e reflexão e ação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1970, p. 72, grifo nosso)

É preciso simultaneamente desvelar a realidade e compreender o conhecimento para conhecer essa práxis freireana, em um movimento permanente de reflexão-ação-reflexão-ação. E para isso defende:

Por tudo isto é que defendemos o processo revolucionário como ação cultural dialógica que se prolongue em “revolução cultural” com a chegada ao poder. E, em ambas, o esforço sério e profundo da conscientização, com que os homens [e as mulheres], através de uma práxis verdadeira, superam o estado de objetos, como dominados, e assumem o de sujeito da História. (FREIRE, 1970, p. 91)

Gosto da radicalidade revolucionária freireana. Se não é para revolucionar as estruturas, não me chame. Da práxis autêntica à práxis revolucionária. A palavra, a ação que se constitui de uma práxis revolucionária é o meio pelo qual homens e mulheres se conscientizam de sua relação com o mundo, em especial da forma como essa sociedade desigual e injusta precisa

ser transformada. A práxis é “constitutiva do mundo humano”, que pressupõe a consciência crítica na reflexividade, no par dialético objetividade e subjetividade, na relação homem-mulher e o mundo-cultura, no tempo histórico, e por isso seres condicionados e não determinados. Por isso uma palavra que representa o poder da transformação talvez seja a práxis, porque ali mora o agir, o pensar, o libertar, o solidarizar, o esperar, o amar, o refletir, o alegrar, o criticar freireanos. Uma palavra que expressa isso tudo ao mesmo tempo.

Para encerrar, uma categoria que anda junto na teoria do fazer nesse Memorial é a ideia do pensar certo. Na leitura que fizemos no CEPF-UFU da *Pedagogia da autonomia* demoramos um tempo nessa palavra-par: pensar certo. É um conjunto. O que é pensar certo? Não há uma resposta. As perguntas é que brotam. Pensar certo é você não ter certeza. Pensar certo é você viver seu inacabamento. Pensar certo significa aprender a perguntar.

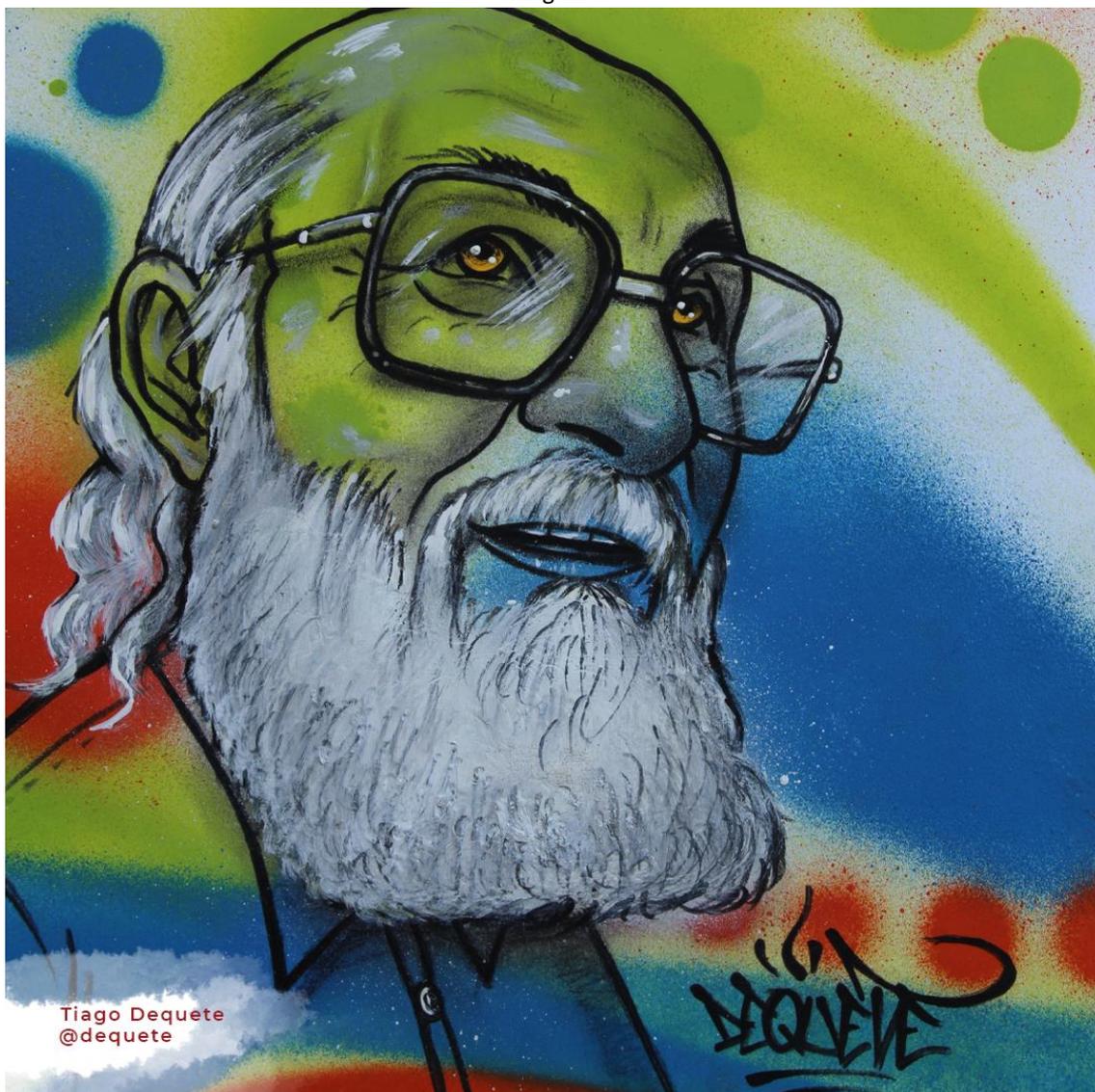
Práxis. Dialogicidade. Politicidade. Eticidade. Democracia. Conscientização. Curiosidade. Rigoriedade. Amorosidade. Libertação. Utopia. Sonho. Esperança. Inéditos Viáveis. Pensar Certo. Teoria do Fazer. São categorias que movimentam as possibilidades na compreensão do pensamento freireano. Por isso o nome, categorias freireanas. Seguem os lugares em que tenho escrito sobre isso.

COIMBRA, Camila Lima. Categorias freireanas na práxis. *e-Mosaicos*, v. 6, p. 55-67, 2017b. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31162. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/31162>. Acesso em: 15 jul. 2021.

COIMBRA, Camila Lima. Categorias freireanas na práxis: uma atualização. *Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia (FINOM)*, [S. l.], v. 32, p. 259-277, out./dez. 2021g. ISSN: 1809-1628. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/viewFile/2091/1417](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/viewFile/2091/1417). Acesso em: 2 fev. 2023.

Eventos freireanos: dialogicidade

Imagem 3



Artista: Tiago Dequete @dequete

**Horas antigas.** Uma vez a minha filha Isadora me perguntou: Mãe, você tem mesmo que participar de eventos? Você não está de férias? E eu tive que sentar e explicar a ela as características da profissão de professora na Educação Superior. Que meu tempo-espaço na docência não era somente em sala de aula. E que o evento era a melhor forma do encontro, de compartilhar os pensares e os fazeres da docência.

Assim entendo a importância de participação em lugares-espços que tenho a oportunidade do encontro com pessoas que também tem feito outras tantas coisas que precisamos compartilhar. Sejam elas pesquisas, experiências e até mesmo uma para conversas e trocas sobre a vida. A convivência acadêmica se dá nesses espaços-tempos. Por isso importante escrever e refletir sobre eles. Por isso usei no subtítulo a categoria dialogicidade.

Por isto, **o diálogo é uma exigência existencial**. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1970, p.45)

O diálogo, como uma exigência existencial, é a forma de encontros que tive nos eventos freireanos. Momento entre pares. Momentos de problematização. Momentos de reinvenção. Momentos de criação. Tenho diversos cadernos com anotações das ideias que as escutas nesses eventos provocaram. Assim que vivo os eventos, não como número, mas como o lugar do diálogo.

FIGURA 157 – Logos de eventos freireanos



Fonte: Arquivo da Autora

## 2008

Em 2008, já tínhamos dois anos da experiência com o PPC do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal. Estávamos com muito desejo de compartilhar e aprender com o olhar do outro. Assim, o primeiro evento freireano de que tive a oportunidade de participar foi o VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, com o tema: “Globalização, educação e movimentos sociais: 40 anos da Pedagogia do Oprimido”, em São Paulo, de 16 a 20 de setembro de 2008.

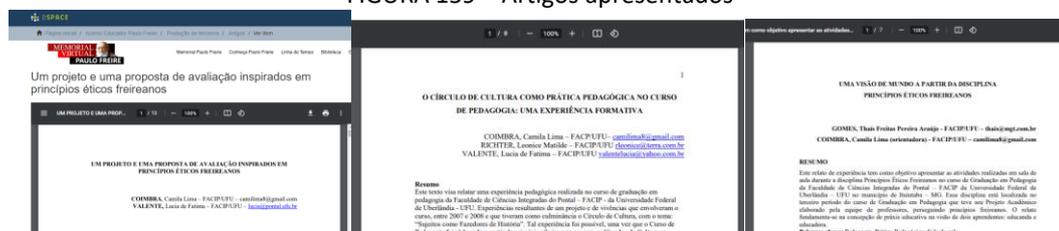
FIGURA 158 – Foto do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire



Fonte: Arquivo da Autora

Foi na PUC/SP, no Tuca, um evento cheio de humanidades. Fomos eu, Lucia, Leonice e a Thais, estudante do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal. Conheci Tiago de Mello, Oscar Jara, Moacir Gadotti, Angela Antunes, Ladislau Dowbor, dentre outros/as estudiosos/as. Apresentamos diversos trabalhos. A primeira vez que saímos de Ituiutaba, com a intenção de dialogar sobre a nossa práxis.

FIGURA 159 – Artigos apresentados



Fonte: Arquivo da Autora

Eu e Lucia escrevemos “Um projeto e uma proposta de avaliação inspirados em Princípios Éticos Freireanos”. Era a disciplina que dividíamos no Curso de Pedagogia do Campus Pontal. Eu, Leonice e Lúcia escrevemos “O Círculo de Cultura como prática pedagógica no Curso de Pedagogia: uma experiência formativa”. Eu e Thaís escrevemos “Uma visão de mundo a partir da disciplina de Princípios Éticos Freireanos”. Três apresentações de trabalho muito importantes para nós, recém-ingressadas na carreira docente e com muita vontade de conversar com o mundo sobre o que estávamos experienciando. Além da possibilidade do diálogo, lembro que ficamos encantadas com as rodas-círculo de cultura que foram criadas.

**Horas antigas.** Nesse evento tive um sangramento e, pela segunda vez, tive uma gravidez perdida. Tenho lembranças boas, mas lembranças muito amargas. Foi dessa segunda vez que, ao fazer um procedimento de curetagem que não resolveu, descobri a doença trofoblástica gestacional. Essa foi a razão de nosso retorno a Uberlândia, no final de 2008. Para fazer tratamento quimioterápico.

**2010**

Em 2010, participei do VII Seminário Internacional Paulo Freire, com o tema “PAULO FREIRE: o andarilho da utopia, a utopia não morreu”, no Centro de Convenções da Unicamp, nos dias 16 e 17 de agosto de 2010. Fui convidada pelo Genezio para participar de uma Mesa. Genezio obteve meu contato com a Nima. Esse mundo freireano não é muito extenso, conhecemos as pessoas, indicamos as pessoas. Na maioria das relações, há uma solidariedade que une. Participei de uma Mesa Redonda com o título: “A participação Político - Pedagógica da mulher no Pensamento e na práxis Freireana”. Foi o meu primeiro movimento para escrever sobre a aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. Em linhas gerais, falei do lugar que ocupo, da leitura de mundo que me acompanha, do processo criativo em que me faço e do processo dialógico em que existo. Nesse caminho fui me constituindo professora, não mais para fazer o que esperam, mas para me fazer coerente com aquilo em que acredito.

Escrevi um artigo sobre essa experiência, na convivência com cubanos, venezuelanos, mexicanos durante esse evento, nomeei de “Desculpe o transtorno: estamos lutando pela educação”. O título foi retirado de um cartaz, em uma das marchas do ano de 2013, em que brasileiras e brasileiros foram às ruas manifestar sua insatisfação com os rumos da política brasileira. Terminei o artigo dizendo:

Volto a refletir sobre isso: “a gente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar”... Associo a expectativa daquele momento, em 2010 e hoje, em junho de 2013, com a sociedade indo para as ruas dizer que as gestões públicas, os políticos precisam aprender a ouvir. Há algo mais freireano que isso? Aprender a ouvir... Talvez seja essa a aprendizagem desse momento de releitura crítica e de rever o momento que tive essa oportunidade freireana de vivenciar os princípios na convivência com as pessoas. Aprender a ouvir para que o diálogo possa, de fato, ocorrer. (COIMBRA, 2013c, p. 105)

Uma primeira aprendizagem que me compõe: aprender a ouvir.

Ainda em 2010, participamos do VII Colóquio Internacional Paulo Freire: contribuição para a educação e cultura popular, de 16 a 19 de setembro, no Campus da UFPE, em Recife, organizado pelo Centro Paulo Freire. Raiz mais Freireana do que esse evento não poderia existir.

FIGURA 160a – Site do VII Colóquio Internacional Paulo Freire



Fonte: Arquivo da Autora

Eu, Lúcia e Leonice fomos. Apresentamos dois trabalhos: “O pensamento de Paulo Freire e o projeto de formação de professores: aproximações e desafios” e “Projeto Integrado de Prática Educativa no Curso de Pedagogia”. Também apresentamos trabalhos em Círculos de Cultura com temas propostos pela Comissão Organizadora, com espaço para relatos de experiências referentes a vivências de práticas freireanas e construção/reconstrução de saberes e conhecimento coletivo. Também foi uma experiência de aprendizagens.

Hoje sou associada do Centro Paulo Freire<sup>23</sup>, que “é uma sociedade civil sem fins lucrativos, com finalidade educativa e cultural, que se propõe a manter vivas as ideias de Paulo Freire”. Já participei de algumas ações formativas do Centro. Além do Colóquio de que participei, outros foram realizados, mas não tive como participar.

<sup>23</sup> Site: <https://www.centropaulofreire.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FIGURA 160b – Eventos do Centro Paulo Freire



Fonte: <http://www.centropaulofreire.com.br/>

**2016**

Depois de 10 (dez) anos da experiência de elaboração do PPC de Pedagogia do Campus do Pontal, fui convidada a participar do Círculo de Cultura. Participei do Ciclo II, com o tema: “O outro e nossas contradições”. Eu e Cida Satto. Tínhamos como objetivo problematizar a questão do outro, levando em consideração o tema do segundo ciclo, que era o multiculturalismo e o respeito pelo diverso. Palavras geradoras: respeito, liberdade, diversidade, diálogo, pertencimento, parceria, solidariedade e autonomia. Identidade, subjetividade, cultura. Mediamos o Círculo por meio de rodas de conversa e movimentos que conseguissem produzir algum efeito sobre as palavras geradoras e o sentido das mesmas para cada uma/um delas/es (dos/as participantes). Os temas levantados na roda foram: a diversidade brasileira e suas realidades distintas; o processo pessoal de autorreflexão e avaliação para a formação; a contribuição das aulas, estágios, projetos. As vivências em destaque, o Pibid na aproximação com a realidade escolar; a absorção – compreensão dos ensinamentos; a teoria X prática e a contribuição destas; lidar com as diferenças, processo complexo; como atender às necessidades, atingir os/as estudantes para o processo de aprender; questões de afeto para com a diversidade. Ir além destes, ser humano!; se construir, se moldar para ser uma futura profissional tanto para o contexto social, trabalho, formação como para as questões pessoais, individuais. “Ser educador/a é considerar o múltiplo e diverso, para ser um sujeito Humano incompleto, ou seja, não se restringir, não resistir ao novo, mas, sim, considerá-lo, aprender com ele. Respeitando, compreendendo, dialogando com as diferenças, aprendendo com elas, para que assim continuemos a nos construir num processo contínuo.” Esses são os registros desse momento que guardo como uma construção coletiva.

**2018**

Durante o tempo em que estive na Diretoria de Ensino, andei meio afastada dos eventos freireanos. Penso até que de Freire mesmo. Como o trabalho de gestão limita a gente nesse olhar para as outras dimensões da docência na Educação Superior. O trabalho em gestão consome, estive coordenadora de curso, sem eleição, no Curso de Pedagogia, fui coordenadora do Nespe, fui coordenadora do Núcleo de Didática, estive diretora de ensino, e todas as vezes que penso nesses cargos e funções, constato que já dei minha contribuição e que não pretendo mais assumi-los. É uma camisa de força para o sonho. Prefiro ficar do lado de cá, apoiando e dando força às pessoas que ainda acreditam que essas funções possam trazer transformações.

Participei do II Congresso Internacional Paulo Freire, o legado global, com o tema: “Formação de educadoras/es, diversidade e compromisso social”, de 28 de abril a 1º de maio de 2018, na UFMG, em Belo Horizonte. Ana Maria Araújo Freire, Miguel Arroyo, Donald Macedo, Lisete Arelaro, Sergio Haddad, Luiza Cortesão, Oscar Jara, dentre outros. Nesse evento fiquei sozinha. Sinto falta de minhas companheiras. Mas já não estava mais em Ituiutaba, precisava assumir aqui em Uberlândia uma outra luta e, por isso, dessa vez, fui sozinha, contando as andanças freireanas na UFU em Uberlândia. Participei da Mesa 78: Currículos e práticas pedagógicas no Ensino Superior: formação de professores, com o trabalho: “Princípios Éticos Freireanos como possibilidade nas licenciaturas”. Estava, naquele tempo, finalizando a primeira turma.

FIGURA 161a – Site do II Congresso Internacional Paulo Freire



Fonte: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/eixos-tematicos?lang=pt-br>

Ainda em 2018, a Unicamp realizou a III Jornada Político-Pedagógica Paulo Freire: 50 anos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Estudar, ler, refletir sobre as obras de Paulo Freire. Fui conversar sobre a *Pedagogia da esperança*.

Como ainda queria ter a oportunidade de aproximar das leituras freireanas do Instituto Paulo Freire (IPF), participei do Curso “A escola dos meus sonhos” Edição 2018, com Moacir Gadotti, com 21 horas de créditos-atividades realizado pela EaD Freireana do IPF. Foi tempo de sonhar e esperar que me acompanha na rigorosidade de Gadotti com o conhecimento. Aprendi muito e faço do IPF em companheiro de profissão: Angela, Plínio, Simone e Gadotti.

FIGURA 161b – Certificado do Curso no IPF



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Numas das prosas com a Angela, ela me contou a história de Dona Maria Edina, da Bahia, que aos 100 anos foi alfabetizada. História que fortalece a nossa convicção na mudança. Angela é portadora de muitos sonhos e eu espero estar a seu lado em muitos deles.

**2019**

Em 2019, ainda sob a decepção do pleito eleitoral, com a vitória de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil, e que dizia em seu Programa de Governo (por meio de slides) que: “Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire [...]”, nos juntamos à Frente Regional Escola Sem Mordada, para a realização dos “Encontros Freireanos: Educação bancária nunca mais”.

FIGURA 162a – Folder do Encontro Freireanos



Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/extens%C3%A3o/educa%C3%A7%C3%A3o-banc%C3%A1ria-nunca-mais-lan%C3%A7amento-frente-escola-sem-morda%C3%A7a>

Tivemos a participação de Nima e Débora (Unicamp), que trouxeram o Manuscrito da Pedagogia do Oprimido para a Faculdade de Educação. Foi um dia de luta. Um dia de dizer da importância da liberdade docente. Da liberdade de imprensa. Da liberdade dos corpos.

2020

Em 2020, já na pandemia, também participei de muitos eventos e atividades freireanas. Com muito sofrimento pelo que passávamos, tivemos a oportunidade de andar por aí sem sair do lugar. Isso fez com que cada fala, cada tempo, cada momento vivido tivesse outro significado. Estive no IFTM e na UEMG.

FIGURA 162b – Participação em eventos freireanos



Fonte: Arquivo da Autora

Nesse ano de 2020, também tive que dividir espaço com a discussão da Resolução CNE/CP nº 2/2019, em que participei de muitas atividades. Nada que me distanciasse de Paulo Freire, mas que me mostrasse como a gente luta pela formação, valorização e profissão de professor/a nesse país. Nenhum estranhamento pelo governo que tínhamos, mas uma necessária articulação para combater as mentiras, as *fake news* e o projeto de educação que queria se colocar, na realidade, antagônico a uma perspectiva progressista de educação.

Foram anos de muito sofrimento para quem estuda, lê e é curioso em Freire. Muitas mentiras, muitas inverdades sobre sua vida, seu legado, suas obras. A cada dia me surpreendia com algo diferente e mais vil. Uma delas foi o vídeo do Ministro da Educação, Weintraub, que dizia que Paulo Freire era um vodu. Dizendo de seu racismo religioso e querendo associar a imagem de Paulo Freire a algo ruim. De acordo com o *Dicionário Oxford*, vodu é a designação genérica de cada uma das divindades do panteão jeje, equivalentes aos orixás iorubas; vodum. Eventos

freireanos nesses tempos tão obscuros eram uma necessidade vital, para que continuássemos vivendo.

Ainda em 2020, tive a oportunidade de conhecer a “Rede Internacional Café com Paulo Freire”. Ana Paula (BH), Liana (RS), Ana Felícia, Priscila (MG), dentre tantas outras. Contam a sua história:

Em julho de 2018 a madrugada estava congelante, mas um papo no msn entre duas amigas (Liana Borges e Ana Felícia) esquentou tanto que daquele momento nasceu um sonho: O Café com Paulo Freire – um lugar para reinventar o pensamento de Paulo Freire, como ele mesmo recomendou, com os pés e o coração fincados na realidade.

Não sabíamos ao certo como construir e muito menos onde pararia aquela ideia – generosa e ousada em função do contexto de 2018, mas decidimos chamar 12 amigas e amigos que dedicam suas vidas à defesa da educação pública e popular e ao estudo e à vivência do pensamento de Paulo Freire.

Fizemos os convites e nos encontramos na casa da Liana, no Centro Histórico de Porto Alegre. A seguir, postamos alguns registros nas redes sociais e outras pessoas de luta começaram a dizer: “Eu também quero fazer um Café aqui na minha casa, na minha cidade”.

E este foi o cenário no decorrer do ano e segue até hoje. Neste momento, somos 23 cafés espalhados pelo país, sendo que nossa meta (a pandemia atrapalhou um pouco) é chegar em todos os estados e no Distrito Federal. Voa, Café é o que desejamos!

Desde então, através de uma Curadoria Nacional e de Curadorias Locais, os Cafés são organizados de forma coletiva. Nosso regimento é simples e respeita a realidade de cada local. Aos Cafés cabe o exercício e a vivência dos fundamentos de Paulo Freire. O diálogo e ético e amoroso acolhe uma ideia força como eixo central dos encontros. Todas as definições dele partem; e tudo a ele retorna. As possibilidades são inúmeras, sendo que a pandemia e o isolamento social nos levaram a pensar em Cafés virtuais. (Liana e Ana Felícia)

Dali surgiu uma parceria que segue até hoje. Participei do “Rumo aos 100 anos de Paulo Freire – 12 meses para (re)ler 12 obras”, com a obra *Educação e mudança*. Participei também do 4º Café com Paulo Freire de Manaus-AM.

FIGURA 163 – Participação no 4º Café com Paulo Freire



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Quando prestei o Concurso Público para Professora no Campus do Pontal, em 2006, na prova didática saiu um ponto sobre Paulo Freire. Estudei, estudei e tinha acabado de

ler, na disciplina de Alípio no doutorado, *Educação como prática da liberdade*. Como estava mais fresquinho, referenciei-me nele. Após a aula, a primeira pergunta da Banca foi: por que não usou *Educação e mudança*? Com essa pergunta, fiquei na dúvida se havia passado ou não. Mas saí com a certeza de que tinha sido reprovada. O Café com Paulo Freire me fez voltar ao livro *Educação e Mudança*.

Participei do Café com Paulo Freire em Belo Horizonte, dentro da VIII Semana Acadêmica Virtual de Letras e Pedagogia, da Faculdade Newton Paiva, a convite da Ana Paula: falei sobre o conceito de práxis em Freire. Participei também do *Podcast*<sup>24</sup> do Grupo de Pesquisas e Estudo Paulo Freire (GEPPF), com um debate sobre *Educação e mudança* também.

Participei, junto com o Café com Paulo Freire, o Fora da Asa e a Repense da UFV, de uma atividade que nomeamos: Prática da Autonomia e Autonomia da Prática. Foram 6(seis) encontros, com pessoas convidadas para discutir os saberes necessários à prática educativa. Traçamos como objetivo democratizar e aprofundar os estudos da Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à prática educativa por meio do diálogo entre a prática e a teoria, a partir de experiências educativas escolares e não escolares.

FIGURA 164 – Folder do evento sobre a Pedagogia da Autonomia



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** Esses encontros permitiram o meu encontro com Osvaldo. Um escritor baiano que tive o prazer de conhecer e de fazer o prefácio de seu último livro: *Educ@ção*. No primeiro encontro da Série, Osvaldo me pergunta como eu tinha feito para colocar o Paulo Freire em minha tela de fundo, no *google meet*. Não deu tempo de responder, ele já estava lá com sua telinha também com Paulo Freire. Um ser curioso. Mesmo sem conhecer presencialmente, assim foi meu encontro com Osvaldo. Segue o registro desse encontro.

COIMBRA, Camila Lima. Prefácio. In: JESUS JÚNIOR, Osvaldo Alves de. *Educ@ção: senões e proposições dialógicas*. Ibicaraí, BA: Via Litterarum, 2022f.

## 2021

Em 2021, devido às Comemorações do Centenário Freireano, além das atividades que organizamos, também pude participar de muitas ações desenvolvidas Brasil afora e até mesmo na Colômbia. Participei com uma fala no Grupo Atados, uma plataforma de trabalho voluntário, sobre a vida e obra de Freire. Participei de uma Mesa Redonda<sup>25</sup> “Paulo Freire: herança e presença”, com Armindo, Jussara e Maria Célia. Na Colômbia, participei do IV Simpósio Internacional Pedagogía y Desarrollo Humano, em homenagem a Paulo Freire, em que falei sobre o ser da práxis em Freire, na Universidade Católica de Pereira.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/6djlRjLaV58NOjdXd8Lvhr?si=0805c18a65564de6> Acesso em: 10 mar. 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LMHSuKON3Lw>. Acesso em: 10 mar. 2023.

FIGURA 165 – Slide de participação IV Simpósio Internacional Pedagogia y Desarrollo Humano



Fonte: Arquivo da Autora

Particpei do Eiforpecs, com o relato de experiência sobre os inéditos viáveis na formação de professor/as. Particpei com o Gabriel, de uma fala no Etec. Realizei uma palestra na V Mostra de Iniciação Científica e de TCC do IFILO-UFU, com o título: “Contribuições de Paulo Freire para a educação brasileira”. Particpei de uma atividade do ABC do Glória, apresentando as possibilidades freireanas. Participamos, eu e Simone, do encerramento da VI Semana Acadêmica da Pedagogia e II Encontro do Pibid e Residência Pedagógica, com o tema: “Inéditos viáveis em Freire: cenários possíveis para a formação de professores/as pós-pandemia”, no IFGoiano.

FIGURA 166 – Participação na VI Semana Acadêmica da Pedagogia



Fonte: Arquivo da Autora

Também ministrei uma palestra, intitulada “Da justa ira para a construção de utopias”, durante o XII Encontro Mineiro sobre Investigação na Escola, II Seminário Institucional da Residência Pedagógica e VIII Seminário Institucional do Pibid/UFU. Também particpei da Webconferências: Centenário Paulo Freire, com o tema: “Formação de Professores, pedagogia da humanização e solidariedade: Paulo Freire, o ladrilhador da Esperança”, na Universidade Estadual da Bahia.

FIGURA 167 – Participação na Webconferência



Fonte: Arquivo da Autora

Particpei da Mesa Redonda: “Centenário de Paulo Freire e Educação Matemática: contribuições e sinergias”, durante o XXI SEMAT e XI SEMEST da UFU. Particpei do Seminário Nacional de Educação em Direitos Humanos: universidade, comunidades e libertação na perspectiva de Paulo Freire, apresentando a experiência do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF-UFU), promovido pela Universidade Estadual do Paraná. Também particpei das comemorações do Centenário de Paulo Freire na Uemg, com a discussão sobre a categoria da práxis no pensamento freireano. Particpei do Curso de Formação “O pensamento de Paulo Freire”, com o tema: “Teoria e prática da luta pela Pedagogia da Autonomia”, em Viçosa.

FIGURA 168 – Participação no Curso de Formação



Fonte: Arquivo da Autora

Particpei de atividade na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFJM), na VII Semana da Integração, com o tema “Extensão, ensino e pesquisa na perspectiva de Paulo Freire para repensar a Universidade”.

FIGURA 169 – Participação na VII Semana da Integração



Fonte: Arquivo da Autora

E, por fim, mas não acabou, pois esse foi um ano de intenso trabalho com as ações do Centenário. Aqui está um tantinho bom. Encerramos 2021 com o evento do Uno e Diverso, que é de nossa Linha de Saberes e Práticas no Programa de Pós-Graduação em Educação, e que nesse ano homenageou Paulo Freire e criamos um simpósio para agregar e difundir Freire.

FIGURA 170 – Participação no XV Seminário Nacional



Fonte: Arquivo da Autora

Viva 2021! Ano de comemorações que implicou e demandou muito trabalho, mas com a convicção da necessidade de divulgar, informar, fazer conhecer quem não conhece. Onde estava a curiosidade, estava a gente circulando com as ideias freireanas. Pena que ainda estávamos na pandemia, faltaram os abraços, os afetos, tão importantes nos eventos freireanos.

São alguns dos eventos mais marcantes, alguns ficaram para trás nessa história e não porque não tenham sido importantes, mas porque quis trazer uma síntese, um extrato de tudo o que fizemos. São representações.

## 2022

Ainda em 2022, vivemos um caldinho do que existiu em 2021. Apresentei as reflexões, os primeiros achados da pesquisa (CEPF-UFU) na XVI Reunião Regional da Anped-CO, “A práxis como eixo estruturante da formação de professores/as”. Participei também de uma sessão especial, com o tema: “Poder, política e democracia: desafios para a formação de professores/as”, com Renato, Rosana e Simone. Também é importante aqui registrar como entro na Anped-CO. A UFU, por um acordo, participa da Anped-Centro-Oeste e não da Anped-Sudeste. Um dia, ainda em 2021, recebo uma ligação perguntando se eu topava assumir a vice-coordenação do GT08 da Anped-CO, pois faziam um rodízio e estava na hora da UFU. Com receio, mas honrada com o convite, aceitei. Em 2021-2022, fui vice-coordenadora do GT08 - Formação de Professores da Anped-CO. Era coordenadora a Simone. Em 2022, assumi a coordenação do GT08 - Formação de Professores, e o Renato, o vice.

**Horas antigas.** Quando eu entrei na pós-graduação. Os/as colegas diziam: você vai participar do GT 06, da Educação Popular? E eu dizia: Eu não, minha área de estudo é a formação de professores/as em Paulo Freire.

Participei de um encontro de formação com professores/as da EJA: “Paulo Freire e a educação inclusiva”, no Cemepe, de forma remota<sup>26</sup>. Participei de um Encontro de Professores/as no IF Águas Lindas falando de uma prática educativa em uma perspectiva freireana.

Estive no I Seminário Avançado “Conversas com quem gosta de ensinar”, com a experiência da disciplina Princípios Éticos Freireanos. Essa foi uma experiência muito interessante. Eu respondo quase todos os questionários de pesquisa que chegam para mim. Como pesquisadora, penso que devo participar das pesquisas de outras colegas. Recebi um desses

<sup>26</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Z-e\\_RyYX\\_Ww&t=31s](https://www.youtube.com/watch?v=Z-e_RyYX_Ww&t=31s). Acesso em: 10 mar. 2023.

questionários, por e-mail, que perguntava sobre a minha prática docente. Eu contei. Depois de muito tempo, recebi uma mensagem: “Meu nome é Maria Fernanda, sou doutoranda na PUC PR e estou entrando em contato contigo como retorno de um formulário sobre inovação docente no ensino superior que a senhora preencheu. Este formulário faz parte da minha pesquisa de doutorado e tinha como objetivo selecionar professores para promover o compartilhamento de práticas docentes e você foi uma das selecionadas.” Essa atividade, faz parte de um Projeto de Doutorado e de um Projeto da orientadora da Maria Fernanda, denominado Observatórios de Práticas. Achei a ideia muito interessante, e lá fomos.

FIGURA 171 – Participação no I Seminário Avançado



Fonte: Arquivo da Autora

Muitas falas, muitas voltas que só me fazem voltar para o meu lugar, a minha práxis que, em permanente construção, ao estar com outras pessoas compartilhando, provoca-nos a pensar, a buscar aquilo que parece ainda não estar claro e aquilo que o outro também me diz sobre o meu trabalho, sobre minhas reflexões, sobre minhas leituras. Aprendo muito com os eventos freireanos, pois eles rompem com a lógica produtivista. Os eventos freireanos, os que retratei aqui, fazem com que a gente vivencie a experiência freireana da troca, da solidariedade, da busca revolucionária de uma transformação. É na vivência das categorias freireanas que vamos nos constituindo.

Um dos meus sonhos é que nós possamos construir espaços de troca (compartilhar) em nossas Instituições. A individualidade que impera historicamente em nossa Universidade pode ser rompida, em busca de espaços nos quais possamos nos conhecer e re-conhecer pela práxis. Por aquilo que fazemos, do que somos. Sem palestras, mas com formas de com-par-trilhar. Alguns escritos nesses espaços-tempos de reflexão.

COIMBRA, Camila Lima. Desculpe o transtorno: estamos lutando pela educação. In: GARRIDO, Noêmia de Carvalho; MESQUITA, Francisco Genezio Lima de (org.). *Memorial Paulo Freire: diálogo com a educação*. São Paulo: Expressão e Arte, 2013c. v. 1, p. 99-106.

COIMBRA, Camila Lima; VALENTE, Lucia de Fatima. Um projeto e uma proposta de avaliação inspirados em princípios éticos freireanos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6., 2008, São Paulo. Anais [...]/Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/4109>. Acesso em: 10 mar. 2023.

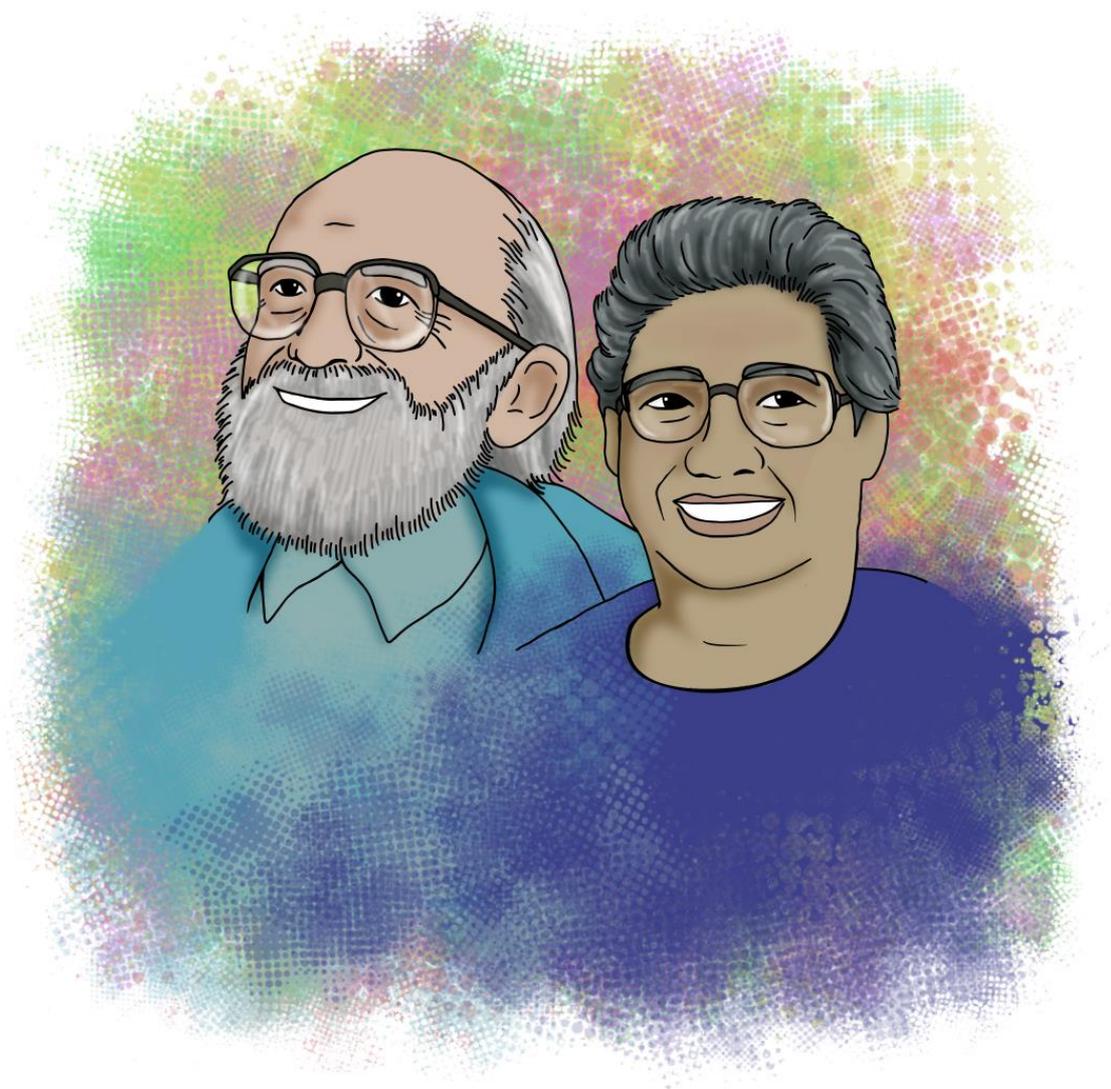
VALENTE, L. F.; COIMBRA, Camila Lima; DALBERIO, M. C. B.; RIBEIRO, B. O. L.; RICHTER, L. M. Princípios freireanos e a formação de professores: uma proposta dos ciclos de formação com o eixo da práxis educativa. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6.,

2008, São Paulo. Anais [...] / Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

COIMBRA, Camila Lima. Princípios éticos freireanos como possibilidade nas licenciaturas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: O LEGADO GLOBAL, 2., 2018, Belo Horizonte. Anais eletrônicos [...]. Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/trabalhos/principios-eticos-freireanos-como-possibilidade-nas-licenciaturas?lang=pt-br>. Acesso em: 10 mar. 2023.

Uma aula expositiva dialogada freireana

Imagem 4



Artista: Felipe Menegheti @meneghetifelipe

Uma práxis autêntica em busca de uma práxis. Assim surge essa reflexão, essa escrita sobre o que faço, como vejo e como ensino, o que penso sobre uma aula. Desse desafio nasce a escrita. Nesse Memorial, revisito um texto publicado em 2017 e, analisando o que mudaria nele a partir do olhar de quem que estou hoje, ousou reescrevê-lo. Faço aqui nessa seção uma **reescrita da aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana**. Um registro de uma práxis, escrita em 2017 e revisitada em 2023, por meio desse movimento reflexivo que é a escrita do Memorial. Começo essa reescrita com a foto de uma aula expositiva dialogada, em uma Turma do Curso de Pedagogia. Em Didática 2, no Curso de Pedagogia, trabalhamos com planejamento e avaliação. Ao planejar, criamos uma aula circular, fora da sala. É assim que vejo o que escrevi e o que vou reescrever sobre a aula expositiva dialogada freireana, uma possibilidade de criar.

FIGURA 172 – Aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana



Fonte: Arquivo da Autora

**Horas antigas.** A escrita desse artigo, em 2017, só aconteceu porque meu amigo Gilberto, colega do Campus do Pontal, da área de Ensino em Contabilidade, me convidou para escrever sobre a aula expositiva dialogada. Ele disse que eu já fazia isso, era só colocar no papel. Como se assim fosse, fiz.

Lembro da fala de uma estudante, do primeiro período do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, durante um debate na aula de Didática, em que ela diz:

– Professora, mas como é que faz? Se aula não é assim, a professora falando e nós ouvindo, como é então?

A partir desse questionamento, aceitamos o desafio de realizar uma revisão bibliográfica sobre a aula expositiva dialogada e, ainda, tivemos a oportunidade de compartilhar nossa experiência na docência na educação superior, na área de Didática. Sou professora de Didática desde 2002, há 20 anos. Esse tempo pode significar muito ou pouco, a depender de “onde” a gente vê. Queria que significasse muito pouco ainda para tudo o que preciso e quero aprender.

Assim, levando em consideração essa referência inicial, em que socializamos a nossa mobilização para a escrita, organizamos a reflexão em três momentos. O primeiro, em que respondemos aos seguintes questionamentos: Quais princípios sustentam essa aula? Quais autores/as da área já fizeram essa reflexão? Qual a fundamentação teórica? Qual método inspira essa práxis? Como compreendemos a aula? Em que medida a aula expositiva dialogada rompe a lógica tradicional? Com quais objetivos? O segundo momento, em que nos aprofundamos na práxis propriamente dita, e indagamos: Quem são os/as personagens/protagonistas aprendentes? Quem são os sujeitos? Em que contexto? Em que

tempo e espaço? Quais os conteúdos possíveis e tipos de aprendizagem? Por fim, o terceiro momento, em que relatamos a nossa experiência na apropriação da aula expositiva dialogada como uma possibilidade na docência da educação superior.

Pensar em uma aula expositiva dialogada significa, necessariamente, pensar sobre quais concepções de ensino e de aprendizagem sustentam a práxis docente. Quais são os saberes necessários à docência? Quais princípios fundamentam uma aula expositiva dialogada? Em que perspectiva trabalhamos a aula expositiva dialogada? Assim, definir os princípios norteadores dessa práxis significa pensar em que contexto? Com quais sujeitos? De que forma?

### **O contexto e o ser humano mediatizados pelo diálogo**

O primeiro princípio dessa práxis docente configura-se pelo respeito ao contexto cultural. “O respeito, então, ao saber popular implica necessariamente o respeito ao contexto cultural. A localidade dos educandos é o ponto de partida para o conhecimento que eles vão criando do mundo. ‘Seu’ mundo, em última análise é a primeira e inevitável face do mundo mesmo” (FREIRE, 1992, p. 44). A realidade, o contexto, as experiências e a vida desse/a aprendente<sup>27</sup> devem ser o ponto de partida para uma aula expositiva dialogada. Compreender o eu e o outro em uma relação dialógica, enxergar as relações imbricadas em uma relação ética e, ao mesmo tempo, dialética configuram-se como princípios fundamentais para uma práxis docente progressista.

Ao adotarmos uma práxis com base nesses princípios, em uma linha progressista, fazemos a opção por utilizar a denominação de professor/a e de estudante como aprendentes, termo que incorpora educando/a e educador/a em Freire. Esse termo sustenta uma ideia de incorporação dos sujeitos como fazedores/as de história, pois

não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1992, p. 50).

O diálogo, nessa perspectiva, torna-se a âncora de um processo formativo. Ou, ainda, uma bússola, quando Freire (1971) apresenta uma definição de diálogo como o encontro no qual a reflexão e a ação, inseparáveis daqueles que dialogam, orientam-se para o mundo que é preciso transformar e humanizar.

O diálogo e a problematização não adormecem a ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saberes se encontra na interação. (FREIRE, 1971, p. 36).

Segundo o autor, esse diálogo não pode reduzir-se a depositar ideias em outros. Sustenta-se, assim, uma concepção de educação em que a práxis educativa traz novos significados tanto para o/a educador/a quanto para os/as educandos/as.

---

<sup>27</sup> Estou achando que a melhor palavra para nos designar, em uma práxis educativa, seja mesmo a de aprendente. Estou convencida de que somos seres aprendentes.

### **A ensinagem como fundamento e a dialética como método**

Como uma práxis concebe antes ou ao mesmo tempo em que ela transcorre o seu conceito? De que concepção partem nossas escolhas docentes? Como compreendemos as questões relativas ao processo formativo e nossas escolhas? Para iniciar esse diálogo, é fundamental que o objeto de estudo da Didática, o ensino, seja concebido.

Compreendo o processo de aprendizagem como um procedimento compartilhado entre os sujeitos aprendentes, o conhecimento e suas relações, a forma de ensinar e a avaliação do processo. Nessa perspectiva, aprender é muito mais amplo que memorizar, significa construir conhecimento, estudar e persistir, utilizar a observação e a experiência, comparar, refletir sobre as dimensões do conhecimento construído. Assim, o entendimento do ato de ensinar, enquanto atividade social, tem o compromisso de assegurar que todos aprendam; dessa forma, contribuimos para a redução das desigualdades sociais, em uma perspectiva progressista.

Por isso, no exercício da docência, só podemos garantir o êxito na tarefa de ensinar, e afirmar que houve ensino se, de fato, tiver ocorrido a aprendizagem. Portanto, “o ensino desencadeia necessariamente a ação de aprender” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 205), ou, então, não houve ensino.

Acreditamos que todo o processo de ensino-aprendizagem é indissociável das etapas de ensino, aprendizagem e avaliação. Não há momentos estanques ou fragmentados. Aprende-se o tempo todo, em todas as etapas do processo. Então, “a esse processo compartilhado de trabalhar os conhecimentos, no qual concorrem conteúdo, forma de ensinar e resultados mutuamente dependentes, é que estamos denominando de processo de ensinagem” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 214). Esse conceito de ensinagem configura-se como um pilar de sustentação das estratégias que podemos usar nessa perspectiva, sendo uma delas a aula expositiva dialogada.

Outro pilar de sustentação dessa práxis de ensinagem caracteriza-se pela compreensão de que o ensino e a aprendizagem formam uma unidade dialética, caracterizada pelo papel mediador do/a educador/a e pela ação do/a estudante, mediante tarefas contínuas e integradas dos sujeitos do processo. Nesse sentido, educandos/as e conteúdos são mediados pela ação do/a educador/a, que mobiliza as ações necessárias para que os/as educandos/as desenvolvam seus processos de construção do conhecimento. Para Vasconcellos (1992), são três os momentos que configuram a metodologia dialética: mobilização do conhecimento, construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento.

A mobilização do conhecimento é o primeiro momento, no qual o/a educador/a provoca e sensibiliza o/a educando/a para despertar o seu interesse pela aprendizagem. Para tanto, devem-se articular os conteúdos com a realidade e o contexto dos/as aprendentes, com aulas teóricas e práticas, sempre com significado para os/as educandos/as. A construção do conhecimento é o segundo momento da metodologia dialética, em que ocorre o envolvimento operacional, é o momento da atividade do/a educando/a enquanto sujeito que recorre à pesquisa e estuda individualmente, organiza e apresenta seminários e trabalha em grupo, o que favorece as relações e permite identificar como o objeto do conhecimento se constitui. Nesse segundo momento, Vasconcellos (1992) aponta também algumas categorias que orientam o/a educador/a na tarefa de propor aos/as educandos/as as atividades de construção, tais como: significação, práxis, problematização, continuidade-ruptura,

criticidade, historicidade e totalidade. Na elaboração da síntese do conhecimento, o terceiro momento da metodologia dialética, há a consolidação de conceitos, a sistematização dos conhecimentos, por meio de uma síntese individual ou coletiva, sobre o tema trabalhado.

Por conseguinte, o/a educador/a deve ter uma intencionalidade em sua concepção de ensinagem, a qual orienta a escolha e a execução de uma metodologia adequada ao atendimento dos objetivos, dos conteúdos do objeto de ensino e das necessidades específicas dos/as educandos/as. Por isso, a linha progressista aqui defendida refere-se a princípios que sustentam uma práxis a partir da compreensão do processo de ensinagem e da metodologia dialética. Busco, dessa forma, a coerência possível em nossa práxis educativa.

### **A aula e suas operações**

Concebido o processo de ensinagem em uma metodologia dialética, partimos da ideia de que uma aula realiza operações, em que não somente compreendemos como o conhecimento se constrói, mas investigamos como se pode ajudar a construí-lo. Nesse sentido, o trabalho pedagógico junto aos educandos realiza-se buscando “ensiná-los a pensar, mais do que somente memorizar; ensiná-los a questionar o mundo, mais do que aceitá-lo passivo; ensiná-los a criticar a Ciência, mais do que recebê-la pronta!” (RONCA; TERZI, 1995, p. 51).

A aula operatória, nesse sentido, favorece o desenvolvimento de diversas possibilidades. Por isso, é preciso desafiar e incentivar o funcionamento pleno e criativo do pensamento.

Cada pensamento operatório que um[a] jovem aprende a elaborar constitui-se, pois, na continuidade de um denso e grave movimento histórico. A trama do operatório é incrível e dialética: ao mesmo tempo que submetido ao sócio-cultural, nele interfere, ajudando o Homem e [a Mulher] a se superar em busca da felicidade. (RONCA; TERZI, 1995, p. 58)

A partir dessa concepção de aula operatória, o/a educador/a mobiliza seus/as educandos/as para o exercício de operações, tais como: analisar, compreender, criticar, levantar características, observar consequências, agrupar, comentar, explicar, expor, conceituar, interpretar, comparar, concluir, justificar, resumir, seriar, ler, escrever, dentre outras. Tais operações permitem aos/as aprendentes compreender o estudo como necessidade para sua formação histórica e crítica, percebendo o significado de cada conteúdo para a formação do sujeito autônomo<sup>28</sup>.

Dessa maneira, a ensinagem pode ser rica e variada, buscando superar o ensino livresco, a transmissão mecânica do conhecimento, através da aula tipicamente expositiva, da cópia, da decoração e do uso de instrumentos de verificação da memória. Nesse sentido, buscam-se processos relacionais mais complexos, nos quais as ações dos educadores/as e educandos/as possam superar as ações de dar e assistir passivamente às tradicionais aulas expositivas, recorrendo a outras formas que permitam a ação concreta do/a educando/a, favorecendo a ele/ela a construção e a real apreensão do conhecimento.

### **Um brinde à ruptura: a aula expositiva dialogada**

O título desta seção refere-se a uma experiência de participação no Círculo de Cultura. Nele, desfazemo-nos de algumas práticas tradicionais vividas ao longo de nossa trajetória escolar,

---

<sup>28</sup> Esse conceito do sujeito autônomo resgatamos de Arroyo (2004), onde a autonomia se exerce em um espaço de liberdade, a partir das escolhas e decisões assumidas pelos sujeitos.

em busca de uma práxis progressista. A inspiração para o brinde à ruptura foi retirada de uma cena do filme “Amarelo”, documentário do Emicida que resgata a importância da categoria historicidade, transformando uma reflexão sobre a realidade em respeito ao contexto cultural brasileiro, com nossas identidades e diversidades.

A aula expositiva dialogada surge como uma alternativa às aulas expositivas, em uma concepção de educação bancária em que o/a professor/a detém o conhecimento e sua função é transmiti-lo aos/as estudantes, que o recebem passivamente. De acordo com Anastasiou e Alves,

A aula expositiva dialogada é uma estratégia que vem sendo proposta para superar a tradicional palestra docente. Há grandes diferenças entre elas, sendo que a principal é a participação do estudante, que terá suas observações consideradas, analisadas, respeitadas, independentemente da procedência e da pertinência das mesmas, em relação ao assunto tratado. O clima de cordialidade, parceria, respeito e troca são essenciais. (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p. 86)

Dessa forma, as concepções dos sujeitos que participam desse processo de ensinagem são fundamentais, pois partimos deles para criar as possibilidades de uma aula operatória.

É uma exposição do conteúdo, com a participação ativa dos estudantes, cujo **conhecimento prévio** deve ser considerado e pode ser tomado **como ponto de partida**. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objeto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade. Deve favorecer a análise crítica, resultando na produção de novos conhecimentos. Propõe a superação da passividade e imobilidade intelectual dos estudantes. (ANASTASIOU; ALVES, 2009, p. 86, grifo nosso)

Esse diálogo, a partir de tais referências utilizadas, é oriundo de um processo de problematização da realidade em que a educação problematizadora rompe com as relações verticais da educação bancária, resultando em outro termo para denominar a relação de aprendentes: educador/a e educando/a.

um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...]. (FREIRE, 1970, p. 39)

Por isso o ser aprendente engloba educador/a e educando/a. A pergunta assume a centralidade nessa práxis educativa, pois, a partir de tal problematização, educadores/as e educandos/as, aprendentes de um mesmo processo de ensinagem, interagem para a construção do conhecimento e a transformação da realidade. Um sujeito formado nesse processo não assume uma atitude contemplativa, mas, ao contrário, uma responsabilização, um compromisso social e uma autonomia, características fundamentais ao exercício profissional.

### **Personagens e cenários de uma aula expositiva dialogada**

De acordo com o dicionário, personagem significa “qualquer pessoa considerada do ponto de vista do seu valor pessoal ou intérprete, protagonista”, ou seja, nesse caso, falamos de todos

os/as personagens que compõem essa prática educativa da aula expositiva dialogada: educador/a e educando/a, sujeitos aprendentes do processo de ensinagem.

Ao lugar dos/as personagens em um teatro denominamos de cenário, e, em tal “trama” pedagógica, é importante pensarmos nesse tempo e nesse espaço que abrigam e acolhem os sujeitos para que a aula aconteça. Por isso, também apresentaremos o tempo e o lugar que os protagonistas educadores e educandos habitam. Quais são as condições necessárias para a aula expositiva dialogada?

### **Os/as sujeitos aprendentes**

Por que denominamos estudantes de sujeitos aprendentes? Por que nomeamos professor/a de educador/a e estudante de educando/a? Por que o/a educador/a também é um sujeito aprendente? Um anúncio inicial explica-se a partir do momento em que os significados têm presença no nome que usamos e que representam a nossa filosofia ou concepção do processo e da complexidade da educação.

Em primeiro lugar, os termos são explicados por assumirmos que, em uma relação de ensinagem, os/as sujeitos que participam desse processo têm, necessariamente, que compreender o seu inacabamento, a sua incompletude. Compreender que são aprendentes, sejam educadores/as ou educandos/as, que aprendem ao aprender, aprendem ao ensinar, ensinam ao aprender. Parece óbvio, mas precisa ser explicitado. Precisamos desmitificar a figura do/a educador/a como detentor/a do conhecimento. Professor/a-educador/a é quem medeia, quem aprende com. Estudante-educando/a é quem se identifica, quem protagoniza, quem aprende e quem ensina. Portanto, somos (todos) aprendentes.

Assim, partimos do significado de educador/a-educando/a, contido no *Dicionário Paulo Freire* – em que os conceitos aparecem como uma ruptura do paradigma de uma educação bancária –, em busca da construção de uma perspectiva de educação progressista, libertadora e problematizadora. “[...] Os pressupostos da educação bancária se assentam na narração alienada e alienante. Ou seja, há a perspectiva de educar para a submissão, para a crença de uma realidade estática, bem-comportada, compartimentada, para a visão de um sujeito acabado, concluso” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 153).

Nesse sentido, a perspectiva freireana de educação problematizadora associa-se, enquanto princípio, à aula expositiva dialogada, pois pressupõe o princípio da problematização e do diálogo.

Na obra *Pedagogia da Esperança* (1992), Freire ressalta o quanto o educando precisa se assumir como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer na relação com o outro sujeito (educador) igualmente capaz de conhecer. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 161)

A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana compreende o/a educando/a como aquele que aprende, problematiza, dialoga, conhece, interage, participa, cria, critica, conscientiza-se de seu papel no mundo e com o mundo.

Freire nos mostra, em *Pedagogia e conflito* (1985), o quanto o educador problematizador faz do objeto de conhecimento uma mediação da relação educador-educando e, da apreensão/conquista dele, um ‘caminho de

libertação', de conscientização, da humanização. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 161)

A função do/a educador/a em uma aula expositiva dialogada é problematizar, trazer as perguntas, compartilhar a realidade, questionar, experienciar, conhecer, aprender, libertar, humanizar. Por isso, nesse processo de ensinagem, denominamos esse educador/a de aprendiz.

### **Tempos e espaços**

“O tempo, artifício de nosso cérebro, na busca de apreender no mundo eventos distintos e sequenciais, definido por Aristóteles como espaço de instante que dura entre um antes e um depois, teve definições infinitas” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 401).

Quem teria inventado o tempo? Não o tempo do relógio, mas o tempo das “coisas”... Quem inventou o tempo de uma aula de 50 minutos? Qual estudo feito para determinar esse tempo? Por que acreditamos que 50 minutos são o tempo necessário para uma aula?

Felizmente, muitos estudos já demonstram a ineficácia de determinar o mesmo tempo para a aprendizagem de sujeitos tão diferentes. Nesse sentido, a psicologia da educação já comprovou que as aprendizagens se dão de formas diferentes. Coerente com esse princípio, o tempo da aula expositiva dialogada não pode ser determinado, rigorosamente, *a priori*. O que podemos afirmar é que, para essa lógica problematizadora, 50 minutos tornam-se um tempo muito curto. Defendemos as aulas geminadas, em que possa ocorrer mais de uma aula em sequência: pensar em 100 minutos, no mínimo.

O tempo está sujeito ao contexto, aos sujeitos e a cada realidade. Além disso, pensar no espaço para esse tempo também constitui um aspecto importante do processo. Onde? Que lugar abrigaria uma aula expositiva dialogada?

Se essa perspectiva pretende romper com paradigmas tradicionais, visando a uma outra lógica do processo de ensinagem, compreendemos que o espaço também deve ser organizado. O/a educador/a à frente configura essa concepção com que desejamos romper. Assim, a sugestão é de que a organização da sala seja em forma de círculo onde educador/a e educando/a circulem com suas aprendizagens.

### **Conteúdos**

Quais conteúdos podem ser trabalhados na aula expositiva dialogada? Fazemos a pergunta ao contrário: quais conteúdos não podem ser trabalhados? Não vemos qualquer impossibilidade em relação ao tipo de conteúdo, se pensarmos no significado dessa palavra de forma mais ampla.

Qualquer conteúdo/conhecimento que não se apresente como verdade uniforme e absolutizada é passível de ser abordado em uma estratégia que o problematize, que o coloque em sua relação com o contexto, que amplie suas conexões, que integre os saberes que estão na realidade, que o aproxime dos sujeitos.

Um ato de conhecer implica, portanto, a cumplicidade do sujeito que o realiza. Cumplicidade no sentido de necessitar “comparecer” com seus sentidos e percepções prévias a fim de incrementá-las ou refazê-las. Em não tendo essa ancoragem na subjetividade, o conhecimento em nada modifica

a autopercepção do sujeito e, conseqüentemente, não contribui para a modificação do seu entorno. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 96)

Os conteúdos transitam em uma prática educativa que demonstre estabelecer um processo de ensinagem, em uma metodologia dialética, por meio de uma estratégia que relacione os/as personagens/protagonistas, educando/a e educador/a, em um cenário no qual circulem os tempos e os momentos de cada sujeito. A leitura de mundo atravessa o conteúdo, nessa perspectiva, pois acreditamos em um processo de transformação individual e coletiva. Aprender transforma, modifica, conscientiza, liberta.

### **Exemplo da práxis: a espiral de uma aula expositiva dialogada freireana**

A partir da reflexão sobre a práxis docente, várias foram as construções de uma prática de aula expositiva dialogada. Já fizemos e refizemos vários caminhos nessa busca. E esse não pretende ser o fim de um caminho, mesmo porque, citando o Masetto (1997), “não há livro que termine, se fala de coisa que anda.” Cada educador/a comprometido com o processo de ensinagem deve ser criativo em suas decisões e definições dos princípios que o norteiam, a partir de suas concepções e saberes práticos que vão se constituindo em nossas experiências. Esse exemplo de aula expositiva dialogada que apresentamos na sequência é fruto de tal experiência. Não conseguimos compreender essa práxis educativa de outra forma que não seja em seu movimento.

Um movimento dialético mesmo. Ora parecemos negá-lo, ora nos parece contraditório para determinadas realidades. Ora sua complexidade atropela as expectativas, ora os/as educandos/as atravessam os sentidos e modificam a prática. Assim, acreditamos que o processo de ensinagem aconteça levando em consideração esse sujeito múltiplo e contraditório que somos, um ser aprendente.

Com o objetivo de esclarecer ou detalhar essa práxis educativa, desenvolvemos alguns passos que transformam, criam e recriam os princípios defendidos para a incorporação da mesma ao nosso cotidiano docente. Os momentos da aula, descritos a seguir, não têm a intenção de determinar a ação docente, mas de possibilitar o planejamento e uma práxis que materialize essas definições tratadas.

São os seguintes momentos de ondas em espiral: inspiração, problematização, reflexão, transpiração e síntese. Não há uma ordem sequencial linear e rígida, mas há uma lógica na sua articulação com as categorias da metodologia dialética que gravitam em torno de qualquer tema a ser trabalhado nessa práxis educativa. Não conseguimos compreender qual temática não seria possível trabalhar, pois qualquer tema/conteúdo, como já explicitado, pode ser assunto para uma aula expositiva dialogada.

A **Inspiração** é o primeiro momento da aula, em que o/a educador/a deve trazer algo que mobilize os/as educandos para o conhecimento sobre determinado tema: como inspirar os seres aprendentes para o conhecimento? Quais sentidos? Quais significados? O que esse tema tem de interessante para o grupo de educandos/as? Quais interesses e desejos se entrecruzam? É importante que sejam utilizadas outras linguagens: um poema, uma música, um trecho de filme, uma charge, uma situação concreta da realidade, um relato de uma história, que traga os educandos para o assunto. O termo inspiração foi trazido para dar margem ao processo criativo dos aprendentes. Por que esse tema me inspira? Qual a razão de sua existência? Que tipo de emoção ele provoca?

Uma dica importante para a Inspiração é conhecer o universo dos/as educandos/as, pois uma música pode trazer inspiração ou não, por isso a importância de partir da realidade do grupo. Qual o perfil dos/as educandos/as? Quem são? Do que gostam? Em que fase do desenvolvimento estão? Inspirem-se!

A segunda mola da espiral, denominada **Problematização**, é o momento em que o/a educador/a relaciona o tema/conteúdo à realidade por meio de questões que o problematizem. Nesse momento, é necessário buscar dados da realidade, situações concretas, reportagens de jornais e revistas, estatísticas, dentre outras que possam problematizar o conhecimento.

Esse momento acontece por meio de perguntas que sejam provocadoras tanto por parte do/a educando/a quanto do/a educador/a. “A pergunta certa – no sentido de busca metódica e rigorosa – se fundamenta na criatividade, no invento, no reinvento, no permanente fazer e refazer. A prática educativa problematizadora põe ênfase nos desafios [...]” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 320).

Uma dica importante para a Problematização: para criar a pergunta, é importante acreditar que o conhecimento não é algo abstrato, descontextualizado e absolutizado. Por isso, a realidade é convidada a problematizar esse conhecimento, por compreender a complexidade dessa relação, exigindo, assim, uma análise a partir de sua totalidade e de sua historicidade. Perguntem-se!

O momento da **Reflexão** é a terceira mola dessa práxis educativa e exige um movimento individual e coletivo para que educando/a e educador/a possam pensar sobre o assunto: O que sabemos? Esse movimento é denominado de síncrese, na metodologia dialética. Quais experiências já tiveram com essa temática? Já ouviram algo sobre esse assunto? O que gostariam de saber a respeito disso? Momento mediado pelo/a educador/a, mas de diálogo entre os/as aprendentes (educador/a e educando/a).

Dica importante para a Reflexão: é fundamental que os/as aprendentes sejam instigados a contar o que sabem sobre o tema/conteúdo a ser estudado. Para isso, é importante que o/a educador/a não julgue as considerações dos/das educandos, pois muitas delas serão do senso comum, da experiência vivida. É tarefa do/a educador/a pensar em estratégias de escuta e compartilhar o que já sabe sobre o tema/conteúdo. Como fazer? Qual será o fio condutor dessa escuta e desse compartilhamento? Pode ser usado um trecho de filme, uma dinâmica, uma charge ou algo que ajude no exercício da oralidade por parte dos aprendentes. Reflitam!

A **Transpiração**, quarto momento-mola dessa aula, é o momento de estudo propriamente dito sobre o tema/conteúdo/conhecimento. Pode ser individual ou coletivo, depende do assunto e da realidade de cada espaço/tempo. O/a educador/a deve propor um roteiro ou fazer coletivamente o planejamento desse estudo. Quais as referências? Onde e o que devem procurar? Indicar os lugares e possibilidades de acesso à informação é tarefa do educador, e aprofundar em leituras e estudos é tarefa do/a educando/a.

Os termos inspiração e transpiração foram incorporados a esse trabalho a partir do portfólio de uma artista. Tais termos demonstram um processo criativo com a inspiração e a transpiração necessárias para produzir/construir seu trabalho. A aula, para nós, constitui-se em um ato criativo. O momento da aula tem a mesma conotação do processo de criação artística, pois a ideia é que, nesse momento, existam a transpiração e o esforço por parte de

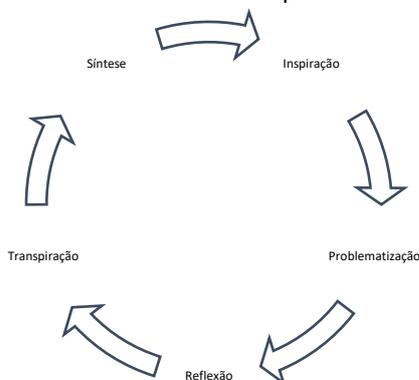
todos/as os/as envolvidos/as no processo para que a ensinagem se efetive. Como não está dado, como não é transmitido, é necessário o movimento da busca, da construção desse conhecimento. Momento de sair do “senso comum” (que foi o ponto de partida) e buscar o diálogo com outros saberes que nos ajudam a ampliar os nossos conhecimentos e leitura de mundo. É necessário fazer “suar o pensamento”.

Dica importante da Transpiração: o tempo de uma aula geminada, 100 minutos, exige que o/a educador/a leve alguns livros, textos e artigos para a sala de aula. Outra possibilidade é contar com a leitura prévia dos textos, para que no momento de transpiração possa ocorrer o debate, a discussão. Esse momento pode ser trabalhado em pequenos grupos, duplas; ou no grupo maior, dependendo do conhecimento/conteúdo da aula. Transpirem!

A **Síntese**, o movimento final dessa aula, é a capacidade individual e coletiva de incorporar o aprendido e apreendido para compartilhar, seja de forma escrita, oral ou de ambas as formas. Pode-se utilizar diversas linguagens para fazer a síntese, pois compartilhar aprendizagens não significa, necessariamente, apresentar oralmente o que aprendeu. Pode-se fazer um recorte e compartilhar a parte mais significativa do processo, sempre em relação ao conhecimento, ao tema da aula em questão. A síntese, no efeito mola-espiral, indica sempre algo novo ou a ser re-planejado. Ela fecha um tempo e indica um novo tempo de aula.

Uma dica importante da Síntese: usar a criatividade para surpreender. A pergunta a ser feita: o que foi mais significativo nesse processo? Isso é que será importante compartilhar! O que fez o/a educando/a apropriar-se do tema e encantar-se pelo conhecimento? Registrem esse conhecimento de formas variadas. Sintetizem!

FIGURA 173 – Passos da aula expositiva dialogada



Fonte: Arquivo da Autora

Inspirar, problematizar, refletir, transpirar e sintetizar são cinco verbos operativos que indicam o caminho de uma práxis que se pretende dialógica. O meio é o diálogo e o fim, o processo de ensinagem, que reinicia um novo processo que pretende ser inacabado, contínuo, permanente. Uma aula expositiva dialogada freireana desdobra-se em outro tema que indica outro caminho, que navega em outros formatos, que vão sendo articulados pelos seres aprendentes nessa perspectiva. A aula, assim, não precisa acontecer com um falando e muitos ouvindo, podemos romper com essa estrutura de aula e transformá-la em algo rigoroso e, ao mesmo tempo, significativo. “Estabelece uma relação direta, talvez paradoxal, entre rigor, liberdade e criatividade. Usa, a seguir, praticamente como sinônimo de rigoroso, os adjetivos sério e exigente. Tal como o rigor, a seriedade e a exigência podem coexistir com a alegria e a curiosidade” (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p.370)

Um/a professor/a progressista, com autonomia, que sabe escolher adequadamente e diversifica as formas de ensinar e aprender, favorece as aprendizagens, amplia repertórios culturais, instiga novas leituras de mundo, cria inéditos viáveis, assume seu posicionamento no mundo e busca as transformações necessárias para uma sociedade justa, democrática e incluyente.

Assim, uma práxis educativa deve ser compreendida a partir de um contexto, mediatizada pelos sujeitos que dela fazem parte, em busca de um processo de ensinagem. Precisa situar-se em um contexto concreto, com sujeitos aprendentes e autônomos que trazem suas histórias, suas culturas e seus valores sociais.

Qualquer práxis educativa terá suas possibilidades e suas limitações. O importante, nessa concepção progressista, é que o/a educador/a tenha clareza de seus princípios ao fazer as escolhas e, além disso, que considere os objetivos e finalidades de sua participação na formação do/a educando/a. Ao adotar a perspectiva progressista, entendemos que tenhamos esclarecido que nos comprometemos e nos responsabilizamos por uma formação para além do conhecimento em si, que atinja o sujeito em suas relações/transformações com o mundo. Nesse compromisso, a aula expositiva dialogada freireana apresenta-se como uma possibilidade real de estabelecer uma relação entre os seres aprendentes, incorporando componentes que farão parte do processo de ensinagem, visando diminuir as desigualdades sociais presentes em nosso tempo.

Minha esperança na aula expositiva dialogada freireana reside na sua necessária reinvenção. Reinventados pelo processo criativo de cada educador/a ao se apropriar desse movimento. “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. Essa é a tentativa de materializar um discurso que se vive na prática. Uma práxis. É como eu faço. Mais ainda, compartilhar saberes produzidos na experiência que articula saberes teóricos e saberes pedagógicos fundamentais para o exercício reflexivo de uma prática docente progressista.

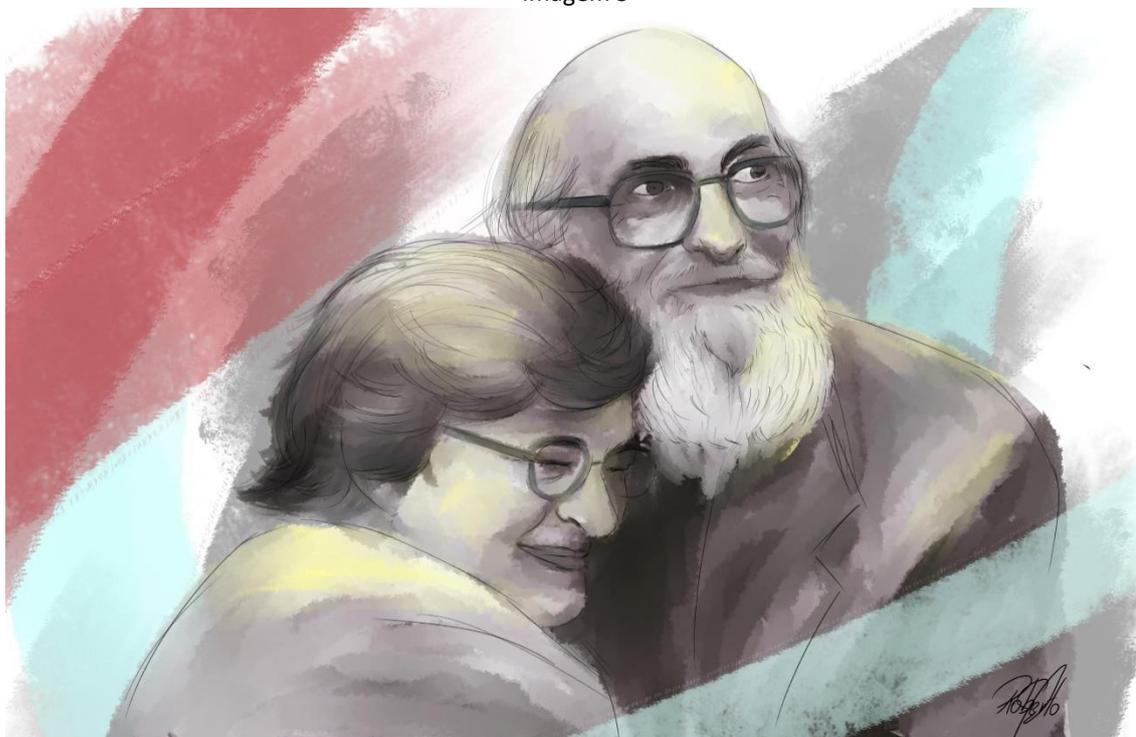
Compartilho a referência da primeira da aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana, escrita, como mencionado, à pedido de um colega do Curso de Ciências Contábeis, Gilberto, movimento inicial de registro de uma práxis educativa. A teoria do fazer está nesse processo. A escrita é esse movimento de teorizar o que faço. De refletir. De sistematizar. De encontrar as referências. De dialogar com as referências. De busca.

COIMBRA, Camila Lima. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro (org.). **Revolucionando a sala de aula:** como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem. São Paulo: Atlas, 2017a.

**PEF**

(Princípios éticos freireanos)

Imagem 5



Artista: Roberto Gonçalves @robiscos

A disciplina de Princípios Éticos Freireanos surge de uma necessidade, mas também de um desejo. Essa disciplina já existia no Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia do Campus do Pontal, como disciplina obrigatória. Costumo brincar que pedagoga adora mudar nomes, como se as coisas também mudassem. Queríamos aquela disciplina mesmo, que Uberlândia também tivesse uma disciplina optativa nos Cursos de Licenciatura, para conhecer Paulo Freire (esse era o desejo). A necessidade era histórica: como em uma universidade pública, os/as estudantes saem dos cursos de formação de professores/as sem conhecer Paulo Freire? Percorremos o processo institucional para a criação de uma disciplina na UFU. A começar da justificativa. Segue um trecho dela.

O Núcleo de Didática – ND da Faculdade de Educação, historicamente, tem enfrentado o debate de seu papel na formação de professores na UFU. Sendo assim, vem discutindo a necessidade de ampliação de disciplinas importantes para a prática educativa, a partir de seu objeto de estudo da Didática: o ensino. A partir dessas reflexões e com a proposição de contribuir nesse campo formativo, o Núcleo de Didática entendeu a necessidade de oferta de disciplinas mais específicas para a formação de professores, sendo uma delas, Princípios Éticos Freireanos. Essa disciplina já faz parte do Curso de Pedagogia da Facip/UFU e agora o ND pretende ofertá-la também para os Cursos de Uberlândia, atendendo as necessidades e demandas da instituição.

Assim, essa disciplina foi construída para, como o próprio nome diz, apresentar os princípios éticos freireanos no campo da educação brasileira. Desde as teorias críticas de currículo, dentro da pedagogia progressista, em uma perspectiva libertadora, esses princípios poderão contribuir para a compreensão do perfil profissional e humano na formação de professores. A intenção é que a disciplina seja aberta para qualquer curso de graduação da UFU, mas o enfoque será esse, a contribuição de Paulo Freire para a formação de professores no Brasil. Para tanto, alguns conceitos freireanos serão trabalhados para dar sustentação a uma concepção de educação progressista, em uma relação dialógica de construção do conhecimento. (Justificativa para a criação da disciplina)

Em 13 de abril de 2015, o ND encaminhou a solicitação de criação da disciplina no âmbito da UFU, que foi criada por meio da Resolução nº 07/2016 do Conselho de Graduação, em 1º de julho de 2016. O processo interno de criação demorou quase 2 (dois) anos, desde a elaboração da justificativa e da Ficha de Disciplina, passar a aprovação no Colegiado do Curso de Pedagogia e posteriormente no Conselho e Graduação. A ficha da disciplina apresenta a seguinte ementa:

Concepção de homem, de mundo e de realidade na perspectiva freireana. As relações entre docência e discência. Biografia de Paulo Freire. Fundamentos éticos do agir humano com a educação. Relação do homem como fazedor de história e de sua práxis social. Os pressupostos da concepção libertadora da educação. A reflexão crítica sobre a prática. Princípios éticos da formação humana e da sociedade em Paulo Freire.

A partir desta diretriz da ementa, os objetivos também foram anunciados na Ficha de Disciplina, quais sejam: compreender a importância dos princípios freireanos para a educação brasileira; compreender o princípio do respeito à diversidade como um pressuposto ético essencial para a atuação docente em uma escola que se pretende democrática e inclusiva; contribuir para a reflexão dos profissionais da educação para que trabalhem com diferentes

metodologias de ensino, coerentes com o respeito à diversidade física, ideológica, psíquica, étnico-cultural e socioeconômica presentes no cotidiano escolar.

**Horas antigas.** Quando a Ficha de Disciplina estava sendo analisada pelo Colegiado do Curso de Pedagogia, um colega, da área de Filosofia, questionou o nome da disciplina. Pediu que o ND visse a possibilidade de colocar Princípios Pedagógicos Freireanos. Argumentamos e mantivemos a proposta que enviamos: Princípios Éticos Freireanos.

FIGURA 174 – Cartaz de divulgação da disciplina



Fonte: Arquivo da Autora

Para que a disciplina saísse de uma Resolução do Congrad e estivesse nos Projetos Pedagógicos dos Cursos de Licenciatura, o ND também fez uma campanha, enviando a Resolução, a Ficha e o pedido de inclusão da disciplina na listagem de disciplinas optativas de seu Curso. Finalmente, em 2017, pudemos ofertar a primeira turma de Princípios Éticos Freireanos (PEF). Tivemos muita dificuldade com a matrícula, os/as estudantes não enxergavam a disciplina. O ND teve que fazer muita gestão na DIRAC para que conseguíssemos efetivar (formar) a Turma. A primeira. Escrevo no registro do meu caderno de planejamento, o que sinto.

*Meu sonho sempre foi trabalhar com uma disciplina que não fosse obrigatória e sim escolhida pelos/as estudantes. Início hoje a materialização de um sonho, a concretização de um inédito viável, a alegria de ser professora, a busca em ser uma educadora, a esperança na formação. Que tenhamos a oportunidade de aprender junto, por meio do diálogo, com Freire nos ajudando a reinventar nossas leituras de mundo. Que tenhamos a sensibilidade em ler muitas e tantas formas no outro e em nós mesmos, com linguagens, gestos e afetos. Que tenhamos a possibilidade de romper a rigidez da academia e possamos sentir. Enfim, que estejamos juntos/juntas e que façamos o nosso melhor para transformar esse mundo em um lugar humano, solidário e ético. (Camila)*

Nesse ano de 2023, estamos na sexta Turma de PEF. Com duas Turmas. Como disciplina optativa, só podemos oferecê-la se tivermos condições de ofertar todas as disciplinas obrigatórias. Assim, ofertamos quando dá. Quando é possível. Infelizmente. Criamos uma organização da disciplina para clarear nossas intenções e, além disso, conhecer e vivenciar Paulo Freire. Cada turma imprime suas características, define seu caminho, cria sentidos diferentes e transforma.

## Os saberes curriculares

Os conteúdos curriculares, em uma perspectiva freireana, são transformados em saberes necessários à prática educativa, como Freire (1996) anuncia em *Pedagogia da autonomia*. Quem ensina, aprende ao ensinar e quem aprende, ensina ao aprender. Essa ideia de transformar a práxis em um processo permanente e contínuo de aprendizagens trouxe a materialização de alguns conteúdos, os quais foram trabalhados no campo teórico, mas também e conjuntamente no campo da vivência da disciplina, o que materializando-se, assim, na práxis. Ao serem apresentados, eram identificados e materializados de alguma forma, para que aprendentes pudessem experienciar cada um dos conteúdos e saberes. Por isso, os conteúdos foram organizados a partir de alguns dos saberes necessários à prática educativa.

### 1. Ensinar exige respeito aos educandos, criticidade, estética e ética

Responsabilidade e compromisso ético-político: diz respeito ao compromisso de cada um de nós com a formação de professoras/es, não só com a disciplina e os/as aprendentes, mas com o exercício profissional, que exige um posicionamento crítico e um compromisso social, em uma sociedade tão desigual como a nossa. Esse olhar sensível, crítico e ético foi compreendido como um dos conteúdos importantes a serem trabalhados.

### 2. Ensinar exige saber escutar

Diálogo: ser transparente nas intenções, ações e comunicações, ouvindo e falando, respeitando e reconhecendo os sujeitos aprendentes. Condição para a organização dos assentos em círculo na sala de aula.

### 3. Ensinar exige a autonomia do ser do/a educando/a

Autonomia e respeito às diferenças: o que nos diferencia (nossas experiências de vida, nossos saberes, nossas reflexões, nossos valores, etc.), por isso várias formas de registro. Procurar valorizar o que cada um traz em sua experiência de vida, em suas reflexões, para ampliar o aprendizado do coletivo. Valorizar os diferentes saberes trazidos pelos aprendentes para uma construção coletiva do processo de ensino-e-aprendizagem-e-avaliação. Essa compreensão fez com que, mesmo com objetivos (pré)definidos, cada turma desse o contexto e a forma como estes objetivos seriam alcançados.

### 4. Ensinar exige liberdade e autoridade

Participação: envolver todas (os) no processo de decisão e escolha dos livros para leitura, bem como a forma de materializar nossas leituras. O desenvolvimento das atividades e as decisões sobre quais e como seriam compartilhadas. Alguns princípios foram assumidos em todas as turmas: a) ler, no mínimo, um livro de Paulo Freire; b) conhecer uma instituição educativa do município; c) criar uma forma de materialização da leitura e d) construir, coletivamente, a síntese das aprendizagens coletivas.

### 5. Ensinar exige disponibilidade para o diálogo

Avaliação formativa: pedagogia do diálogo e do conflito – a avaliação aconteceu ao longo do processo, de forma diversificada, entre as/os aprendentes. Cada um aprendeu de uma forma e isso não foi avaliado por meio de notas. Nos combinados iniciais da disciplina, alguns critérios éticos foram definidos coletivamente. a) Fazer a crítica de forma respeitosa e apontar propostas (denúncia/anúncio); b) Cumprir as suas responsabilidades como aprendente

integrante da turma; c) Refletir sobre o ponto de partida e o ponto de chegada (individual e coletivo); d) Esperançar sair melhor do que entramos e, para isso, estarmos abertos às críticas e, principalmente, às propostas de aperfeiçoamento; e) Ouvir o outro. O envelope para guardar as “coisas importantes” e os registros por aula contém o que-fazer de cada um, para que as reflexões e as provocações sejam efetivamente os diálogos mediatizados pelo mundo e pelo outro.

6. Ensinar exige consciência do inacabamento. Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado.

Reconhecer que somos seres inacabados e incompletos. "Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre". As visitas às histórias de cada aprendente instalam esta possibilidade concreta de um vínculo afetivo importante em um processo de ensinagem.

7. Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

O círculo, como forma de organização da sala de aula, rompe com uma estrutura hierarquizada de ensinagem e faz com as pessoas, os conhecimentos, as experiências circulem entre nós. Por isso, Freire o denominava Círculo de Cultura. O lugar do encontro.

8. Ensinar exige alegria e esperança

Os chás compartilhados. Uma mesa coletiva é montada no centro da sala/círculo com a participação de todos/as. Parece algo tão insignificante/simples aos olhos de quem não está imerso no processo, mas quem está envolvido compartilha os sabores, os tempos e os momentos de degustação da aprendizagem. Não há tempo cronológico para a aprendizagem e a troca feitas em sala de aula. Por isso, começamos e terminamos um processo, em que o chá que aquece o corpo é o mesmo que mobiliza os afetos e os conflitos necessários à práxis educativa. Cria-se um vínculo afetivo com aquilo que faz sentido para a Turma. Por isso, instalamos uma mesa com chás diversos e água quente no centro do círculo, para uso permanente e irrestrito. Qual o vínculo que pode ser estabelecido com cada turma?

9. Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo

É com a ampliação da leitura de mundo ou de sua visão inicial para a visão ampliada com a visão do outro e a construção do conhecimento que se realiza “a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo” (FREIRE, 1996, p. 46). As problematizações criadas propiciaram algumas mudanças, transformações? Por quê? Em quê? Como? Quais leituras foram feitas? Por quê? Quais diálogos foram realizados?

10. Ensinar exige pesquisa. Ensinar exige rigorosidade metódica.

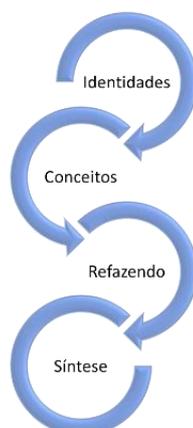
A Assunção de seu lugar no mundo e de suas concepções também configuram um espaço/tempo importantes. Vale destacar o movimento, as reflexões e críticas realizadas, em uma perspectiva de construção do conhecimento. O papel da formação também é o de ampliar conceitos, possibilitar fundamentação, avançar e não permanecer apenas no senso comum, por isso a importância dada ao conhecimento científico produzido pela sociedade. O ponto de partida é aquilo sabem, mas o ponto de chegada não pode ser o mesmo. Há, necessariamente, que acontecer aprendizagens no campo científico.

Por que só 10 (dez) dos 27 saberes necessários à prática educativa? Porque o tempo de um semestre é muito curto para o tempo das aprendizagens. Porque na lógica das disciplinas, precisamos aproveitar o tempo que temos para conhecer e vivenciar Paulo Freire. Por isso, são 10 saberes e consideramos que se esses forem compreendidos, criticados, analisados, será uma importante contribuição para a formação do/a professor/a da Educação Básica.

### Os 4 momentos da disciplina

A disciplina desenvolve-se em 4 (quatro) momentos ao longo do semestre, o que percorre um ciclo formativo. São de 15 a 18 semanas, ou seja, um semestre letivo, o que daria quatro semanas para cada momento, em média. Em algumas turmas, uns demoram mais do que outros. Não tem como enrijecer. Serve de parâmetro. Um primeiro momento em que ocorre o encontro dos aprendentes: quem somos e o que queremos? Este momento do ciclo denominamos de “Identities”. O segundo momento, em que trabalhamos com alguns conceitos importantes para compreensão dos princípios freireanos, denominamos de “Conceitos”. O terceiro momento, para a reconstrução desses conceitos, a fim de significá-los, denominamos de “Refazendo”. Por fim, o quarto momento do ciclo caracteriza-se como movimento de “Síntese”. Quais as aprendizagens construídas? Quais conhecimentos produzidos? Talvez a explicação ficasse melhor se as letras assumissem a forma de um círculo, para dar o movimento e a interação necessários.

FIGURA 175 – Momentos da disciplina



Fonte: Arquivo da Autora

A organização neste ciclo de formação ou de desenvolvimento humano traz o sujeito da aprendizagem, com todas as suas dimensões, para o centro do processo educativo. Nessa perspectiva, os ciclos visam introduzir na organização curricular uma temporalidade que leva em conta o caráter processual da construção do conhecimento e as especificidades do momento de formação dos/as aprendentes.

No primeiro momento, **Identidades**, as perguntas são: o que conheço e o que gostaria de conhecer sobre Paulo Freire? Quais perguntas tenho sobre o que sei, e o que mais pretendo conhecer? A partir desse movimento, construímos nossos desenhos-identidade (linhas do tempo) e nos reconhecemos nas turmas, para chegarmos a algumas palavras geradoras que vão surgindo com a constituição das identidades. Ainda neste primeiro momento, construímos a linha do tempo de Paulo Freire, de seu nascimento até a sua morte, passando pelo exílio e sua extensa bibliografia. Fazemos um mapeamento das obras em cada momento histórico. Essas obras são apresentadas e, a partir delas, compreendemos o itinerário, a vida

e a obra de Paulo Freire, para que as escolhas de leitura possam ser feitas. Ao mesmo tempo que aprendemos a história de Paulo Freire, também construímos a linha do tempo dos/as aprendentes. Quais fatos são significativos em cada história? Como nos vemos sujeitos/protagonistas da história? Neste momento construímos alguns movimentos.

- a) Linha do tempo com fatos marcantes na constituição de cada um dos sujeitos históricos;
- b) Linha do tempo de Paulo Freire referenciada pelo livro *Paulo Freire: uma história de vida*;
- c) Linha do tempo bibliográfica de Paulo Freire;
- d) Reconhecimento de nossas identidades culturais.

No segundo momento, **Conceitos** importantes são trabalhados a partir das palavras geradoras, criadas desde o primeiro momento e ampliadas neste momento. Alguns exemplos: politicidade, práxis, dialogicidade, conscientização, libertação, “inérito viável”, educação popular, autonomia, utopia e alegria. São as categorias freireanas que surgem em cada Turma. A cada aula, dois conceitos podem ser trabalhados no círculo, na roda de conversa, entremeados às nossas histórias, às poesias, às músicas, a dados da realidade que chegam por meio de cada um/a. Nesse movimento, cada um/a busca o seu interesse de leitura: qual livro de Paulo Freire gostaria de ler, frente ao que já conheceu? Não houve uma referência única para leitura, mas cada um/a escolhe o seu livro conforme seus desejos e necessidades. Escolhe, geralmente, o primeiro livro de Freire e, por isso, considero incoerente outra pessoa escolher por ele/a. A diretriz é que seja do próprio Paulo Freire. Este segundo momento é caracterizado pelo estudo aprofundado das **palavras geradoras**.

No terceiro momento, **Refazendo**, debatemos as palavras geradoras e criamos as reinvenções. Momento de partilha. Convidamos educadoras para a troca, o compartilhamento. Vistamos lugares. Para cada turma, pessoas e visitas diferentes, a depender das demandas apresentadas pelos/aos aprendentes. Nesse contexto, também criamos palavras, em um exercício de rever os conceitos que consideramos fundantes em uma práxis educativa progressista. Este momento da reconstrução, do refazer dentro do ciclo formativo, objetiva construir, a partir de nossa identidade, a relação com o outro, mediatizados/as pelo diálogo. No momento refazer, as leituras do livro de Freire são materializadas. Como você vai explicar o que aprendeu com Freire? O que esse livro te fez pensar? Sobre o quê? E dessas perguntas brotam a materialização. As materializações também são momentos criativos do processo. Acontecem de forma individual ou não. Qual leitura de mundo e da palavra trago para a turma? Qual síntese podemos fazer destes conhecimentos e aprendizagens construídas?

No quarto momento, denominado **Síntese**, fazemos um movimento coletivo de organização de nossas ideias e atitudes sobre Freire. O que aprendemos? Como aprendemos? O que a Turma viveu em Freire? Como registrar esse movimento da Turma? E cada Turma cria seu jeito de deixar registrado como foi, o que viveram e o que aprenderam com a disciplina Princípios Éticos Freireanos.

### Bonsai

Como mediadora, levei nas primeiras Turmas um Bonsai no primeiro dia. Levo junto um trecho de uma entrevista de Freire em que ele diz:

Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. A esperança é a história, entende? No momento em que você definitivamente perde a esperança, você cai no imobilismo. E aí você é tão jabuticabeira quanto a jabuticabeira. (FREIRE, 1993b)

Iniciamos, desde a primeira semana, a esperança em não nos tornarmos “jabuticabeiras”. O rodízio de cuidados ao longo do semestre com o bonsai pode significar o que esquecemos de fazer com o outro. Cada um que o leva, traz uma informação sobre o bonsai para o nosso círculo de cultura. Ao final, plantamos o bonsai na Universidade com uma placa criada e produzida por cada uma das turmas.

FIGURA 176 – Foto de plantação do Bonsai na UFU



Fonte: Arquivo da Autora

Na Turma de 2023, por ser no turno noturno, maioria trabalhadora, criamos outra forma de estabelecer o vínculo afetivo. Levamos dois bonecos, um de Paulo Freire e outro da Frida Kahlo. Os bonecos viajam, passeiam, vivenciam o cotidiano dos/as estudantes ao longo de uma semana. São tiradas fotos com os mesmos em situações do cotidiano. Publicamos no *google fotos*.

FIGURA 177 – Fotos dos bonecos



Fonte: <https://photos.app.goo.gl/bUjL8u9Qh9grab76>

## Os registros

Ensinar é... aprendi o quê? Surge de minha experiência com um álbum de figurinhas na infância, que se chamava: Amar é... Dali, trouxe a ideia do que é ensinar e o que tenho

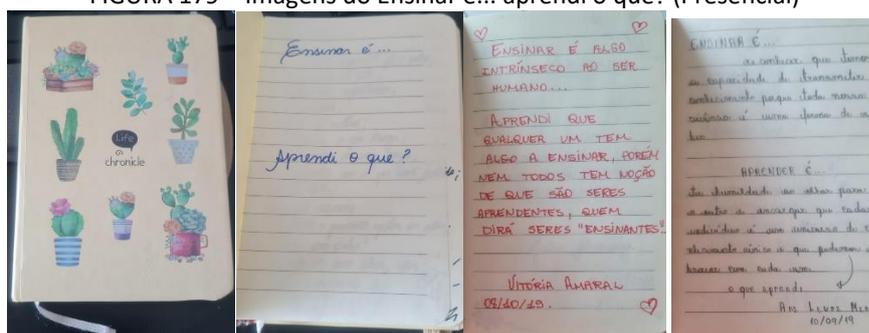
aprendido. As perguntas mobilizadoras para esse registro são: o que aprendemos com o outro? Quais valores? Quais atitudes? O que importa? O que me move? A ideia é que, nesse registro, possamos escrever ou registrar os valores, o que aprendemos por meio dos exemplos e das pessoas com quem tivemos a oportunidade de conviver. Um princípio para esse registro foi a compreensão de nossos saberes, que são oriundos de nossas experiências, vivências, decepções, amores, rancores e trajetórias pessoais e sociais. São valores que nos constituem, que são importantes para a práxis educativa, que não aprendemos somente no sistema regular de ensino, mas com a avó, com o vizinho, com a tia, com os pais, com a mãe, com amigas, dentre outros.

FIGURA 178 – Imagens do Ensinar é... aprendi o quê? (Remoto)



Fonte: Arquivo da Autora

FIGURA 179 – Imagens do Ensinar é... aprendi o quê? (Presencial)



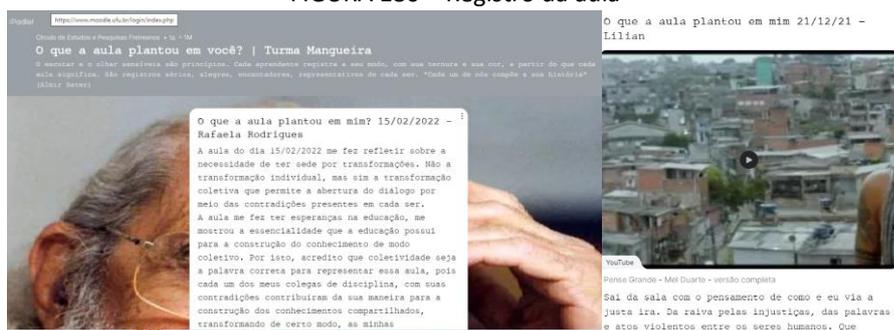
Fonte: Arquivo da Autora

O que a aula plantou em você? Um exercício de reflexão individual/social de registro livre e criativo. Essa atividade não é simplesmente a descrição de todas as atividades que aconteceram na aula, mas a forma como cada um/a sentiu/viveu/experenciou/plantou aquela aula. A riqueza dos registros de cada um/a e sua forma de aprender a disciplina. Escrevi na abertura do primeiro caderno da primeira Turma.

Músicas. Reflexões. Paixões. Vivências expressas de diversas formas que podemos registrar. O escutar e o olhar sensíveis foram o princípio. Cada participante registrou a seu modo, com sua ternura e sua cor, a partir do que cada aula significava/plantava. Foram registros sérios, alegres, encantadores, representativos de um grupo que foi se constituindo. Cada momento desse, respeitado como único no meio do universo de coisas que eu gostaria de conviver e ver ainda em minha relação comprometida com o educar. Cada palavra, gesto, emoção e canção registrados sob olhar diversos em busca de nos tornarmos “mais gente”. (Camila)

Inicialmente seria em dupla e depois passamos para um exercício individual de registro livre. Não precisava ser a descrição de todas as atividades ocorridas na aula, mas a forma como cada um/a sentiu aquela aula. A riqueza dos registros de cada um e sua forma de viver a disciplina.

FIGURA 180 – Registro da aula



Fonte: Arquivo da Autora

Desde a criação da disciplina, em 2016, tivemos 7 (setes) Turmas. A primeira turma, Pitangueira, em 2017. A segunda turma, Jabuticabeira, em 2018. Em 2019, na Turma Aceroleira, começaram com a Diva e terminaram comigo. Estava de licença-capacitação. Em 2020 não tivemos por causa da pandemia e das AAREs na UFU. Em 2021, foi a Turma Mangureira, de forma remota. No ano de 2022, a Turma Esperança. Em 2023, estamos oferecendo duas Turmas, uma com a Diva, no período da tarde e outra comigo e com a Lara no período da noite.

### Turma Pitangueira



Como primeira Turma, as tensões foram maiores. A insegurança e o medo também foram parte constituinte dessa jornada. Uma proposta que ainda não havíamos vivenciado. Eu poderia ou não alcançar meus objetivos na Turma. E se tivesse outras Nildair, me perguntando se era obrigada a gostar de Paulo Freire? Sou professora de Didática e sempre me agarrei no planejamento, nos objetivos, na clareza de minhas concepções para visualizar o horizonte. Enfim, trabalhar com essa disciplina mobilizou muitas de minhas convicções, de meus “lugares” seguros até aqui. A primeira foi muito importante para eu continuar acreditando nas possibilidades. O símbolo do bonsai marca as Turmas. Fizemos um botou da Turma Pitangueira.

Na Turma Pitangueira, o movimento de síntese escolhido foi a realização de um *podcast*. Ao final da disciplina, criamos a ideia de produzir e gravar um *podcast* com as aprendizagens realizadas ao longo do semestre. O nome do *Podcast*: Pelejantes. Incorporar os sujeitos como fazedores de história, também um desafio da disciplina.

Fazendo-se e refazendo-se no processo de fazer história, como sujeitos e objetos, mulheres e homens, virando seres da inserção no mundo e não da pura adaptação ao mundo, terminaram por ter no sonho também um motor da história.

Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança. [...] Não posso entender os homens e as mulheres, a não ser mais do que simplesmente vivendo, histórica, cultural e socialmente existindo, como seres fazedores de seu caminho que, ao fazê-lo, se expõem ou se entregam ao caminho que estão fazendo e que assim os refaz também (FREIRE, 1992, p. 91, 97).

Sustenta-se, assim, uma concepção de educação freireana em que os processos educativos trazem novos significados tanto para a professora quanto para os/as estudantes.

Na linha progressista, ensinar implica, pois, que os/as educandos/as, em certo sentido, penetrando o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo que está sendo ensinado. O ato de ensinar, vivido pelo professor ou professora, vai desdobrando-se, da parte dos educandos, no ato de estes conhecerem o ensinado. Por sua vez, o(a) professor(a) só ensina em termos verdadeiros na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, à medida que se apropria dele, em que o apreende. “Neste caso, ao ensinar o professor ou a professora re-conhece o objeto já conhecido. [...] Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico e não mecânico. A curiosidade do(a) professor(a) e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinar-aprender” (FREIRE, 1992, p. 81).

Cada passo, cada planejamento, cada prática educativa foram construídos pelo grupo de estudantes, com a mediação da professora, que solicitou à Rádio Universitária o estúdio para a gravação do Programa. Foram gravados 5 (cinco) Programas e um cordel sobre as palavras geradoras vivenciadas ao longo da disciplina. Assim, criamos um tema para cada *Podcast*, enfatizando esta mídia como originária do Rádio, que foi sempre um meio de comunicação de massas e conseqüentemente propagador da cultura popular. Assim, criamos os momentos abaixo para cada *Podcast*<sup>29</sup>.

1. Cadiquê? Parte em que se explica o porquê desta palavra geradora, quem são os participantes do Programa. Por causa de que este tema?
2. Uai? Óia o que vem na realidade. Momento em que explicamos qual a relação do tema/palavra geradora com a realidade.
3. Nuuuu... falas freireanas sobre o tema... Trechos e leituras freireanas são trazidas para fundamentar a palavra geradora do *Podcast*.
4. Pelejando na realidade: poesias e filmes. Indicações de poesias, filmes e obras que inspiram a palavra geradora.
5. Toma um chá cumnóis? Angústias, vivências, experiências, em uma perspectiva progressista. Momento de síntese, em que as experiências com a palavra geradora são compartilhadas.

FIGURA 181 – Premiação do Pelejantes



Fonte: <https://open.spotify.com/show/7wasLNxVIH9qKiqi7WOkmr?si=beb90a26d66a4166>

<sup>29</sup> Disponível em: <https://open.spotify.com/show/7wasLNxVIH9qKiqi7WOkmr?si=cb54bed8fa4044d3>. Acesso em: 10 mar. 2023.

No Dia Nacional do Podcast, 11 de outubro de 2021, o CEPF recebeu o certificado da premiação que recebeu no I Encontro Internacional de Podcasts Universitários organizado pelo @unbcast, da Universidade de Brasília. Em homenagem ao Centenário, criaram uma categoria especial Paulo Freire. Nós e o GEPPF fomos reconhecidos pelo trabalho.

FIGURA 182 – Logo do Podcast Pelejantes



Fonte: Arquivo da Autora

### Turma Jabuticabeira

A Turma Jabuticabeira, dentre outras tantas ações desenvolvidas, fez uma viagem a Campinas, para participar da III Jornada Política Pedagógica Paulo Freire, que aconteceu no dia 9 de outubro de 2019, na Unicamp. O evento foi realizado "para celebrar o cinquentenário da feitura dos manuscritos do livro *Pedagogia do Oprimido* que Paulo Freire escreveu no Chile na condição de exilado político brasileiro e que viria a ser publicado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1970, em português em Portugal, em 1972 e no Brasil em 1974."

FIGURA 183 – Fotos da viagem à Unicamp



Fonte: Arquivo da Autora

Fizemos o amigo do desaparego também nessa Turma. Experiência interessante de trocar objetos que não podem ser comprados. Na materialização, cada aprendente faz a escolha de um livro de Paulo Freire para a leitura da palavra e do mundo... A partir da leitura, aproximada aos saberes de cada um/a, fizemos a socialização e a respectiva materialização da mesma. Os livros escolhidos foram: *Educação e mudança*; *Pedagogia do oprimido*; *Política e educação*; *Educação na cidade*; *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*; *Educação como prática da liberdade*; *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*; *A importância do ato de ler*; *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. E como movimento de síntese, a Turma

Pitangueira fez a “trilha sonora de nossas vidas<sup>30</sup>”. Uma experiência que ressignificou o momento “Identidades” vivido na Turma.

FIGURA 184 – Linha do tempo musicada

### Trilha sonora das linhas do tempo de nossas vidas

Para finalização das aprendizagens, construímos linhas do tempo de significados em nossas trajetórias e a partir disso, identificamos as músicas que fizeram parte dessas memórias e tempos vividos. Cada aprendente construiu a sua trilha sonora no *you tube* e compartilhou com a turma.

Jordana	Débora	Cristina
Nathália Borges	Gabriel	Julliana
Alexsandra	Shirley	Graciela

Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/ensino/2%C2%AA-turma-jabuticabeira>

### Turma Aceroleira

A Turma Aceroleira foi da minha amiga Diva. Sentamos, trocamos, compartilhamos. Ela assumiu algumas de nossas “tradições” freireanas. O bonsai nessa Turma ganhou nome: Maria. Gabriel foi monitor. No final da disciplina, por uma necessidade humana, assumi a disciplina e acabei finalizando o que Diva fez. A criatividade, o interesse e o envolvimento da Turma deixam as marcas no que fizemos durante os tempos de aprendizagens.

FIGURA 185 – Fotos da Turma Aceroleira



Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/ensino/3%C2%AA-turma-aceroleira>

### Turma Mangueira

Pandemia. Um grande desafio. Como trabalhar com uma disciplina freireana de forma remota? Como fazer? O que fazer? Como o nosso CEPF-UFU estava caminhando de forma remota, resolvi enfrentar o desafio. Vamos tentar! Tentamos, enfrentamos, ousamos, acolhemos, mas não há forma melhor de existir do que no espaço presencial da sala de aula. O olhar, o sorriso, a mexida na cadeira, o toque, o cheiro, tudo isso compõe o que entendemos ser importante nessa relação, nessa interação. Sentimos muita falta de tudo isso, mas o trabalho com a quarta Turma de PEF, Turma Mangueira, aconteceu de forma remota.

Escolhemos o nome da Turma. Dois grupos fizeram a proposta, defenderam e votamos. Não tivemos bonsai. Não tivemos chás. Mas tivemos músicas, reconhecimento no outro, alegrias,

<sup>30</sup> Disponível em: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/ensino/2%C2%AA-turma-jabuticabeira?authuser=0>. Acesso em: 10 mar. 2023.

tristezas e busca. Muita busca de que aquele tempo fosse o melhor que pudéssemos ter, que estivéssemos presentes para o movimento na disciplina. Fizemos a Carta de Acolhimento, como forma de apresentar a disciplina antes da chegada. Organizamos as leituras freireanas em Grupos. Fizemos aulas em grupos, para definição de como fariam as materializações dos livros. Usamos muito o *padlet*, como forma de registro da caminhada.

Na organização da disciplina, denominamos este momento de sínteses necessárias, em que cada aprendente faz a socialização de sua leitura e a respectiva materialização da mesma. Os livros escolhidos foram: *Educação e mudança*; *Pedagogia do oprimido*; *Política e educação*; *Educação como prática da liberdade*; *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*; *A importância do ato de ler*; *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*; *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Para pensar os territórios acesse: Paulo Freire Vivo (@paulofreirevivo). Para se sensibilizar com poemas acesse: Sarau (@saraufreireano). Para refletir sobre a práxis acesse: Bate-papo Freireano (@batepapofreireano). Além desses, também foi construído um *site* do livro *A importância do ato de ler*: <https://atodeler.carrd.co/>. E, por fim, como movimento coletivo de síntese, como nessa Turma a imagem foi algo que esteve muito presente, resolvemos fazer um mosaico de imagens que chamamos de “Os frutos da Mangueira<sup>31</sup>”.

FIGURA 186 – Síntese da Turma Mangueira



Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/ensino/4%C2%AA-turma-mangueira>

Para essa Turma Mangueira, quis fazer uma carta que acompanha nosso mosaico de imagens.

*“À Turma Mangueira,*

*Inspirada em nosso movimento de escuta, em que acredito, esteja na dimensão do desenvolvimento humano, no tempo do registro que fizemos no “Ensinar é... aprendi o que?” Fiquei daqui pensando o que aprendi com vocês, nessa turma? O que é ser professora com vocês?*

*Ser professora, em uma perspectiva de educação libertadora, caminha junto com categorias importantes para o trabalho: ruptura, ousadia, humildade, borboletas na barriga, a certeza do incerto, a alegria do humano.*

*Saio dessa experiência, convicta de que a educação transforma. Que o respeito se constrói no ambiente do respeito. Que o diálogo materializa-se na escuta, pois historicamente, somos nós que falamos. Importante e necessário o movimento da escuta. Desse lugar da escuta, construímos os projetos-sonhos juntos.*

<sup>31</sup> Disponível em: [https://issuu.com/cepfreireanos/docs/os\\_frutos\\_da\\_mangueira](https://issuu.com/cepfreireanos/docs/os_frutos_da_mangueira). Acesso em: 10 mar. 2023.

*(...) questão fundamental é saber com que sonho e contra que sonho. Porque eu não posso sonhar em favor de alguma coisa senão sonho contra outra, que é exatamente aquela que obstaculiza a realização do meu sonho. Eu não posso sonhar se eu não estou claro, também, a favor de quem eu sonho. Daí que o ato de sonhar seja um ato político, um ato ético e um ato estético. Quer dizer, não é possível sonhar sem boniteza, sem moralidade e sem opção política. (IPF, 2022)*

*O sonho, com vocês, foi exercício de boniteza, apesar da crueldade da realidade que vivenciamos, com distanciamentos, com o ensino remoto, com a perda de pessoas importantes para as pessoas da turma. A convivência, o aprender-junto contou com a disponibilidade, com o compromisso, com autonomia, com a participação de vocês em tudo e em cada movimento proposto.*

*Espero que tudo que vivemos nessa disciplina, fique com vocês, constitua vocês, assim como me constitui. A partir de agora, vocês fazem parte de mim: Ana Beatriz, Ana Cecília, Ana Clara, Ana Júlia, Ana Laura, Ana Paula, Arthur, Felipe, Gabriel, Gabriela, Guilherme, Heloísa Milharim, Heloisa Almeida, Hugo, Isabela, Josyane, Lana, Lara, Lilian, Lorenzo, Lorrainy, Luan, Luana, Luiz Henrique, Marco Túlio, Marcus Alexandre, Maria Tânia, Mariane, Niliane, Patrick, Rafaela, Regina, Renata, Sandra, Thais, Victor Hugo, Vinicius.*

*A partir de agora somos um pouquinho de cada história que ouvimos, de cada valor que compartilhamos, de nossas leituras de mundo que se encontram com as leituras de mundo do outro. Continuo, na aprendizagem com vocês, convencida de que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. (FREIRE, 1996)*

*Quero, esperanço e acredito que somos e seremos “sementes de consciência” e de libertação por aí, que nossos sonhos sejam parte de nossa trajetória de forma amorosa, comprometida e responsável pela profissão que escolhi, exerço e defendo, sem esquecer que o mais importante em uma formação é o ser humano. Nada pode ser mais importante que a vida, que as pessoas.*

*Que vocês também sejam responsáveis por aquilo que plantaram em mim!*

*Abraço apertado na sombra de uma mangueira!”*

### **Turma Esperança**

A 5ª Turma da disciplina de Princípios Éticos Freireanos ocorreu no ano de 2022, no nosso retorno ao tempo presencial, com muitos desafios. Após dois anos de atividades remotas, retomamos o tempo e a dimensão presencial do estudo em nossas atividades cotidianas. Uma adaptação importante e necessária, mas que trouxe um movimento de percepções, sensações e sentimentos diversos e contraditórios. O isolamento, os medos, as perdas, a situação vivenciada por cada um e cada uma trouxeram características para esse retorno que a gente não poderia prever. Pessoas ansiosas, tristes, adoecidas, sem ânimo, somando-se a isso um contexto político que não acenava com qualquer esperança para um ou uma humanista ou um ou uma progressista.

Assim, formamos um grupo de 6 (seis) aprendentes. Uma Turma pequena em número que mais me surpreendeu com a grandeza em que se transformou. Turma solidária, unida, divertida, responsável, silenciosa, amigável, com muita disponibilidade para viver a experiência da disciplina, do começo ao fim.

Um movimento do jeito antigo que não deu certo nessa Turma foi o bonsai. Primeiro, não achei bonsai. Fizemos o movimento inicial com uma “flor do deserto”. Ela teve que ficar em minha casa e, infelizmente, morreu. Só contei no último dia, para não provocar um desânimo maior do que poderiam suportar. Aproveite uma plantinha que tinha recebido de um grande amigo, Leonardo Barbosa. Quando foi fazer o pós-doutorado em Coimbra, Portugal, ele fez mudas de “flor do deserto” para deixar conosco, de seu Grupo do OPP; assim, nomeei cada muda com o nome de um/uma aprendente. Vamos levar essa muda/esperança para casa.

Caminhamos juntos/as, sem soltar a mão de ninguém e decidimos, em nossa síntese coletiva, por elaborar histórias sobre nossa trajetória/vida e fazermos uma leitura para registrar as histórias. Elaboramos, criamos as histórias e fizemos a sua apresentação em roda de conversa, para nós mesmos. O sentido é singular e coletivo. Não foi fácil, mas um movimento importante vivido.

FIGURA 187a – Registros da Turma Esperança



Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/ensino/5%C2%AA-turma-esperan%C3%A7a>

## Turma 2023

Cada Turma é um desafio diferente. Cada tempo é exigente de uma transformação em nossa acomodação. Nesse ano, são 40 estudantes matriculados. No tempo presencial. Muita gente. Se ficamos felizes por um lado, por outro fica o desafio de vivenciar Freire com uma Turma grande. Já fizemos alterações no ponto de partida da disciplina. Saiu o bonsai e entrou o boneco do Paulo Freire e da Frida Kahlo. Formas que temos de nos conhecer melhor.

O movimento da disciplina assume as características de seus/suas aprendentes. Com essa disciplina me sinto em movimento. Mesmo sentada, vejo as coisas girarem. Vejo com os olhos dos outros. Vejo com as possibilidades abertas. Crio e invento com cada gesto, palavra, sentimento. Nada sei antes. Tudo sei junto, no meio, na jornada, no caminho que fazemos.

Ainda não temos nome. Ainda não sabemos o que faremos como síntese coletiva. Estamos vivenciando a materialização das leituras de Freire. Tivemos duas situações ainda não vividas. Nesse semestre eu e a Diva estamos trabalhando com duas Turmas da disciplina. Ela na quarta a tarde e eu na quarta à noite, junto com a Lara Longhini, que está participando conosco. Turmas cheias e um desafio de construir as possibilidades de aprender e vivenciar Paulo Freire. Além dessa, uma colega-amiga, da UERJ, Karine Morgan (que conheci pela Anfope), também iniciou uma disciplina nova sobre Paulo Freire. Compartilhamos nossas experiências e vamos promover o encontro das três Turmas no semestre. Experiência única.

FIGURA 187b – Turma da Karine Morgan na UERJ



Fonte: <https://www.instagram.com/kavichiett/>

É apenas uma disciplina em um currículo de 3200 horas. São apenas 60 horas. Mas por isso nomeei em vários momentos de inéditos viáveis. É o que é possível nesse tempo histórico. Com essas pessoas. Nessa Universidade. Antes não tínhamos nem 60 horas. Hoje temos 60 horas. E assim, vamos lutando para que possamos construir, coletivamente, outras propostas na formação de professores/as da Educação Básica.

Um dos meus sonhos é participar de um grupo de proposição de um curso de licenciatura sem disciplina. Em uma lógica de conhecimentos que são fundamentais na formação. Uma vez pensei em montar um curso em que cada semestre seria o nome de um livro de literatura. Riram muito de minha ideia. Parece surreal. Hoje. Quem sabe um dia, não fragmentaremos os currículos, não dividiremos as áreas de conhecimento e trabalharemos coletivamente para a formação interdisciplinar, plural e diversa? Esse é um dos meus sonhos. Segue a reflexão mais recente que fiz sobre a disciplina.

COIMBRA, Camila Lima. O inédito viável na formação de professores/as da educação básica: por onde vai uma práxis educativa. *Formação em Movimento*, [S. l.], v. 4, i. 1, n. 8, p. 152-176, 2022d. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/formov/article/view/211>. Acesso em: 10 mar. 2023.

## Entre-mundos: a Série

Imagem 6



Artista: Eduardo Gomes @eduardissimo

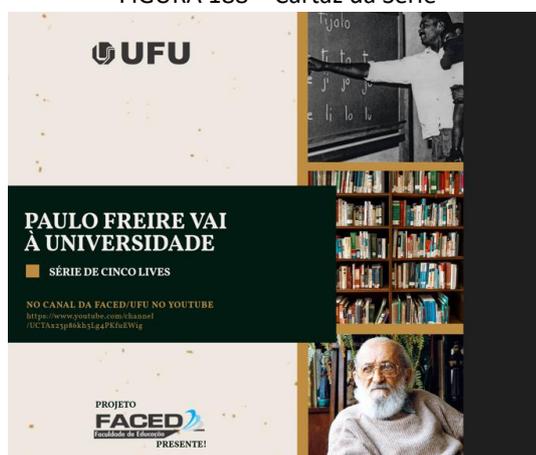
Entre a criação da disciplina Princípio Éticos Freireanos (PEF) e a existência do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF), houve uma transição, um entre-mundos que acho importante contar nesse Memorial. Primeiro, a insistência do Leonardo e do Gabriel para a criação do Grupo de Estudos. Formamos um trio. A gente não sabia como começar, por isso criamos a “Série Paulo Freire vai à Universidade”. Contou com 5 (cinco) *Lives* temáticas sobre Paulo Freire, abordando desde a sua biografia, percorrendo alguns de seus livros, com convidados/as do Brasil que discutem a temática. Criamos como objetivo a compreensão da importância dos princípios freireanos para a educação brasileira.

**Horas antigas.** Brincava que formamos o trio perfeito. Gabriel o ser sensível. Leonardo o ser rígido e desconfiado. Eu, a articuladora dos mundos. Conheci Gabriel na disciplina de Didática 2, no Curso de Pedagogia. Conheci o Leonardo na disciplina de Didática Geral no Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas. Leonardo já havia feito bacharelado. Já havia feito o mestrado em Biologia Animal pela Unesp. Voltou para fazer a licenciatura. Foi da primeira Turma, a Pitangueira. Perguntava para mim o tempo todo: isso vai dar certo? Gabriel foi da segunda Turma, a Jabuticabeira. E monitor da terceira, a Aceroleira. Cada um a seu jeito, estão de lá para cá, com ausências e paradas, ao meu lado.

Fizemos a programação para dois meses. A partir dessa Série, convidaríamos as pessoas interessadas em compor o nosso Grupo de Estudos. A pergunta era sempre essa: quem se interessaria? Quando faríamos? Qual a periodicidade? E assim convidamos para a Série conosco, Nima, Ana Paula, Alencar, Monica e Walter. Uma pessoa em cada dia. Criamos um roteiro com perguntas comuns e perguntas diferentes, específicas de para cada convidado/a. Ainda lembro o meu sentimento de surpresa quando todos/as os/as convidados/as aceitaram o convite. Saiu da ideia e virou realidade.

A Série “Paulo Freire vai à Universidade” foi uma ação dentro do Projeto “Inéditos viáveis na formação de professores/as”, surge de uma ideia compartilhada, em nossos encontros, em nossas concepções, na prosa afetiva. Ideias que eu não sei mais se são tão originais quanto deveriam e tão somente minhas ou nossas, pois foram e são constituídas de tantos/as outros/as que nos constituem hoje. A intenção é mobilizar a Universidade para a atualidade do estudo de Paulo Freire para a educação brasileira, para a formação de professores/as.

FIGURA 188 – Cartaz da Série



Fonte: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q>

**Horas antigas.** O Gabriel Ribeiro Fajardo que faz a lindeza de toda a organização visual de nosso *site*, de nosso *instagram* e de nosso *youtube*. Inclusive da Série.

### Live I

Na primeira *live*, com o título: A história do “menino que queria ler o mundo”, convidamos a Nima, minha irmã camarada. Fizemos uma prosa, bem mineira, sobre o que nos aproxima em Freire. Criamos o roteiro juntas.

Primeira parte: histórias

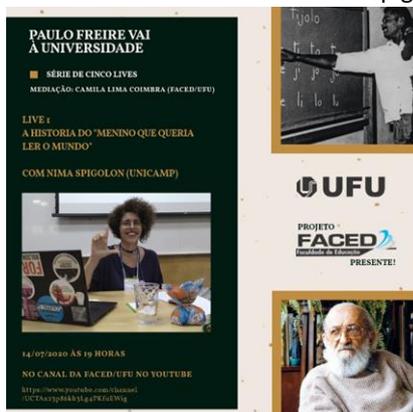
Nima, com essa história, conta: como que foi seu encontro com Elza Freire? Teve dificuldade de trazer Elza/Paulo Freire como objeto de pesquisa na Universidade? Como foi isso? Quais histórias você descobriu em sua pesquisa, do menino que lia o mundo? Como foi sua relação ao trabalhar a família viva? Conte histórias. Como você vê o Paulo Freire fora do Brasil? Já teve alguma experiência de trabalhar esse tema com pesquisadores de outros países? Como foi? Qual a visão que eles têm do PF? Você também encontrou com o Carlos Rodrigues Brandão, que escreve o livro ou os livros sobre Paulo Freire. Conte essa história também pra gente! Qual foi seu inédito viável? Qual a obra do Paulo Freire preferida? Qual foi o momento/lugar mais inusitado em que você encontrou Paulo Freire em uma universidade? Conte uma história, para encerrar este momento que só a Nima sabe.

Segunda parte: lembranças

Qual a primeira lembrança que você tem da vida? Qual a sua primeira lembrança da escola? Se você pudesse escolher uma professora hoje, para ser sua professora por um dia, quem escolheria? Que evento histórico, você gostaria de ter presenciado? Se você pudesse dar uma dica freireana para um/a professor/a, que dica você daria?

Terminamos agradecendo com um poema de Clarice Lispector: “Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim. A sombra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma.”

FIGURA 189 – Cartaz da Live 1: Nima Spigolon



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=-1kuqCP6zbY&list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q&index=1&t=4661s>

**Horas antigas.** Desde o primeiro encontro, uma relação de amizade, afeto e respeito. Nima-flor, como adjetivei o nome da Nima, é feito ela mesma, lugar de morada de flor, de afeto, de ternura, de sensibilidade. Conto nossa história no prefácio de seu livro *Pedagogia da Convivência*.

## Live II

Na segunda *Live*, o tema foi “A educação como prática da liberdade”, com Ana Paula. Como conheci a Ana Paula? Por meio do *podcast* do Grupo de Estudos que ela coordena. Achei no *Spotify*. Nós, na disciplina de Princípios Éticos Freireanos, criamos um *podcast* denominado Pelejantes e foi uma delícia encontrar outro grupo com *podcast* sobre Paulo Freire. Devorei os episódios e espero sempre mais. Entrei em contato, a conheci e ela me convidou para uma reunião do Grupo de Estudos que ela coordena, para a discussão do livro *Educação como prática da liberdade*, com a presença de Nita Freire. Foi um Café com Paulo Freire. Desses encontros, marcamos a *Live*. Abaixo o Roteiro da Ana Paula, em que já com a aprendizagem da primeira, fazemos algumas alterações.

Primeiro bloco: Identidades

Ana Paula, queria que contasse pra gente como surge o Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire (GEPPF)? Como acontece seu encontro com Paulo Freire? Falando mais especificamente da obra *Educação como prática da liberdade*. Este livro eu li no doutorado, na PUC e com olhos de Alípio Casali, um professor muito especial e importante em minha formação na PUC. Qual o contexto de escrita deste livro? Pensando em categorias importantes do livro, resalto três: conscientização, transformação e libertação. Poderia explicar um pouquinho essas categorias? Em relação a inexperiência democrática, qual a relação com nosso presente? Como você acha que esses 3 (três) conceitos freireanos poderiam entrar nas nossas escolas públicas? E na Universidade?

Segundo bloco: diálogo freireano (comecei a chamar assim)

Qual foi a maior contribuição que o Grupo de Estudos e Pesquisa Paulo Freire (GEPPF) trouxe para você (pessoal ou profissional)? Qual seu livro preferido de Paulo Freire? Escolha uma das categorias freireanas mais importantes em sua história. Se você pudesse dar uma dica freireana para um/a professor/a, que dica você daria?

Ao agradecer a Ana Paula, levei um trecho da “Canção para os fonemas da alegria”, de Thiago Mello, que abre o livro *Educação como prática da liberdade*.

“Peço licença para terminar

Soletrando a canção de rebeldia

Que existe nos fonemas da alegria:

Canção de amor geral que eu vi crescer

Nos olhos do homem e da mulher que aprendeu a ler.”

FIGURA 190 – Cartaz da *Live 2*: Ana Paula Cavalcanti

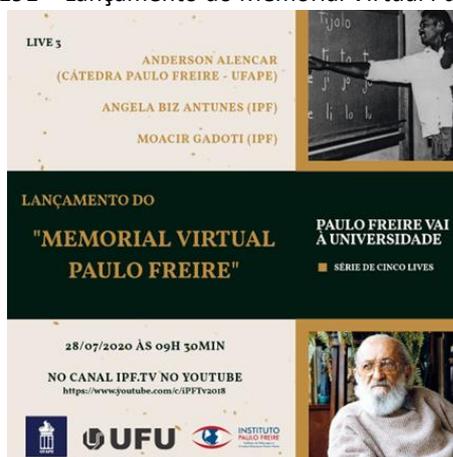
Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=Qv7uhKPP8VM&list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q&index=2&t=569s>

### Live III

A terceira *Live* foi o “Lançamento do Memorial virtual Paulo Freire”, com Angela, Gadotti e Alencar. Quando eu liguei para fazer o convite para a Angela, ela disse que já estava querendo fazer o lançamento do *Memorial* e propôs que já o fizéssemos dentro da Série. Assim fizemos.

FIGURA 191 – Lançamento do Memorial Virtual Paulo Freire



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=T1pHHQRbfFM&list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q&index=3&t=3630s>

**Horas antigas.** O Instituto Paulo Freire (IPF) sempre foi uma referência para mim, desde o meu Doutorado na PUC/SP. Convidamos a Angela Biz Antunes em 2019 para o Eiforpecs e em 2020, ela foi a primeira pessoa externa para quem eu liguei. Queria orientações de como criar uma Cátedra. Ela é uma contadora de histórias. Pessoa doce e amável que quero ter sempre pertinho.

No *Memorial Virtual Paulo Freire* você pode navegar pelo acervo digital de Paulo Freire, serve como portal de entrada para que você possa conhecer ou aprofundar seu estudo sobre a vida

e obra do educador. Estrutura-se nas seguintes seções: Conheça Paulo Freire, Linha do Tempo, Biblioteca, Glossário, Acervo e Instituto Paulo Freire. De lá até cá, o *Memorial* faz parte de meus estudos freireanos.

FIGURA 192 – Site do Memorial Virtual Paulo Freire



Fonte: <http://www.memorial.paulofreire.org/>

**Horas antigas.** Anderson Alencar foi uma pessoa que conheci pela indicação da Angela Biz Antunes e de lá para cá, sigo sua fã.

#### Live IV

A quarta *live* intitulamos: “As cátedras Paulo Freire”, com a Mônica. Conheci a Mônica também buscando uma forma de criar institucionalmente o nosso Grupo de Estudos. Foi apresentada a mim também por Angela, do IPF. Ela disse: se você quer saber como as cátedras funcionam e como acontece um trabalho interessante de pesquisa sobre sustentabilidade, procure a Monica. Obedeci e marcamos a Live! Foi super gentil ao compartilhar a forma e o caminho que tem seguido.

Primeiro bloco: Sobre a cátedra

Monica, queria que contasse pra gente como surge a Cátedra Paulo Freire na UFRPE? Como acontece seu encontro com Paulo Freire? Falando mais especificamente da organização institucional da Cátedra. Como foi esta criação? De que forma ela está organizada na Federal Rural de Pernambuco? Pensando em categorias importantes do pensamento freireano, conte um pouco sobre o projeto de pesquisa denominado “Caminhos trilhados com a Educação Ambiental nas Cátedras, Centro e Instituto Paulo Freire no Brasil”. Em tempos de emergência climática, como as ideias de Paulo Freire dialogam com a educação ambiental? E a pedagogia da Terra? O pensamento freireano influenciou a educação ambiental brasileira? Como? Como funcionam os grupos de leitura na Cátedra? Alguma dificuldade em trazer Paulo Freire para a universidade?

Segundo bloco: Diálogo freireano

Qual foi a maior contribuição que a Cátedra trouxe para você (pessoal ou profissional)? Qual seu livro preferido de Paulo Freire? Escolha uma das categorias freireanas mais importantes em sua história. Se você pudesse dar uma dica freireana para um/a professor/a, que dica você daria?

Para agradecer a presença da Monica, levei Cecília Meireles, em seu poema “Interlúdio”, que para mim representa um pouco deste momento incerto, de pausa, que estamos vivendo.

As palavras estão muito ditas  
e o mundo muito pensado.  
Fico ao teu lado.

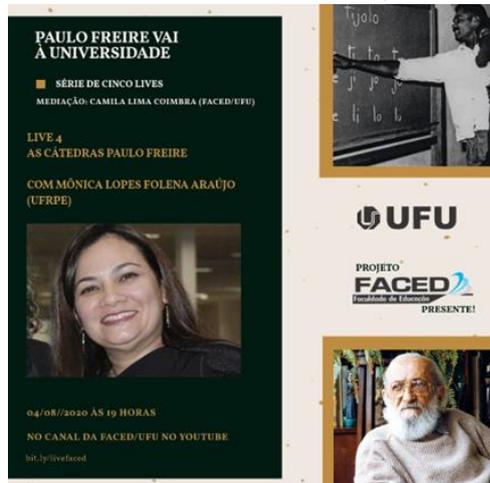
Não me digas que há futuro  
nem passado.  
Deixa o presente — claro muro  
sem coisas escritas.

Deixa o presente. Não fales,  
Não me expliques o presente,  
pois é tudo demasiado.

Em águas de eternamente,  
o cometa dos meus males  
afunda, desarvorado.

Fico ao teu lado.

FIGURA 193 – Cartaz da Live 4: Mônica Lopes Folena Araújo



Fonte:

<https://www.youtube.com/watch?v=GGgFjQgdil&list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q&index=4&t=2>

5s

**Horas antigas.** Como Leonardo sempre foi questionador, queria muito encontrar alguém que aproximasse Paulo Freire da área de conhecimento dele: Ciências Biológicas. A Monica Folena foi esse achado. Ela coordena o Grupo de Pesquisa em Formação e Prática Pedagógica de Professores de Ciências e Biologia (FORBIO) e a Cátedra Paulo Freire - Educação para a Sustentabilidade da UFRPE.

### Live V

A quinta e última Live da Série intitulamos com o nome do livro do convidado, Walter: “Paulo Freire mais do que nunca”. Em tempos de tanta polarização, sectarismo, negacionismo e

autoritarismo, a leitura do livro de Walter chegou como anúncio de bons presságios. Sei que o autor não se atreve a escrever poesia, mas li como um livro que provoca, que instiga, que recupera, que anuncia uma leitura ancorada em um saber necessário à prática educativa: ensinar exige a corporeificação da palavra pelo exemplo. O primeiro livro que eu li, em que o autor não tenha feito uma leitura exageradamente idealizada de Paulo Freire, ou, ao contrário, com uma visão cegamente esmagadora das contribuições de Freire para a educação brasileira. Não há como ler seu livro sem sentir a provocação.

**Horas antigas.** Eu li o livro *Paulo Freire mais do que nunca* em um momento muito difícil de minha vida, com meu pai hospitalizado ao longo de uma semana, com complicações advindas de uma doença de Alzheimer. Encontrei no livro, mais do que nunca, um escritor sério, rigoroso e, ao mesmo tempo, respeitoso: a categoria dialogicidade freireana está materializada em seu livro. Confesso que foi uma companhia muito amorosa em um momento frágil de minha existência. Papai morre em novembro de 2019. Período muito próximo de minha leitura, minha perda e meu encontro com o autor.

Primeiro bloco: Sobre o livro

Walter, mais uma vez, agradeço e inicio perguntando, já que acredito que em “sua obra está também a sua vida”, como foi a infância do Walter? Qual a sua primeira lembrança? Como Walter se descobriu educador? Trazendo uma fala de uma entrevista sua em que diz: “E devo dizer que não é uma obra para defender Paulo Freire ou para louvar seu pensamento. É um livro para pensar junto [...]”. Como foi pensar junto com Paulo Freire? Como foi o seu trabalho de pesquisador no Instituto Paulo Freire? Como as inspirações de uma leitura tão séria e respeitosa aconteceu? Quanto tempo? Com quais companhias? As características de seu livro, nomeado como uma biografia filosófica, fotos, entrevistas, epílogo, apêndices, notas. Foram inspirações freireanas? Vejo como um livro criativo, vivo, dinâmico. Como isso tudo foi criado por você? Os princípios ou categorias que ancoram seu livro (a vida, a igualdade, o amor, a errância e a infância). Aponte sua reflexão sobre a igualdade. Qual a relação entre a igualdade e a democracia? Algumas leituras freireanas partem da ideia de que o Paulo Freire não trata das crianças e sim de adultos, pois sua experiência retrata a alfabetização de jovens e adultos. Esta não é sua leitura de Freire, certo? Explique um pouco este princípio da infância. Explique o amar saber, saber amar e o amor político. O que seria este amor freireano, em sua análise? Intimidar, delatar, difamar professores/as cria um clima antidemocrático. Moacir Gadotti diz: Isso é um sintoma de uma espécie de involução civilizatória. Como lidar com essa polaridade, já que seu livro é, em minha singela análise, um exemplo de uma crítica respeitosa, indagadora, provocadora, para pensarmos a partir de. Com sua sensatez, e experiência de viajar por diversas pátrias e realidades, como lidar com isso? Buscando o princípio da errância: o mundo pode ser de outra maneira? O que suas errâncias trazem para o diálogo com as errâncias freireanas? E com a nossa realidade? Conte um pouco sobre as duas entrevistas do livro: Lutegardes e Esther Pillar Grossi. Quais as surpresas dessas entrevistas, poderia compartilhar conosco? A categoria politicidade em Freire não foi um princípio anunciado por você, mas foi uma importante categoria de análise. Importante que você nos explique um pouco sobre ela. Qual a importância dela em sua análise?

Segundo bloco: Diálogo freireano

Qual foi a maior contribuição da escrita deste livro para você (pessoal ou profissional)? Qual seu livro preferido de Paulo Freire? Se você pudesse dar uma dica freireana para um/a professor/a, colega da Universidade, que dica você daria?

Para agradecer ao Walter, levei Manoel de Barros, em seu poema “Retrato do artista”.

A maior riqueza  
do homem  
é sua incompletude.  
Nesse ponto  
sou abastado.  
Palavras que me aceitam  
como sou  
— eu não aceito.  
Não aguento ser apenas  
um sujeito que abre  
portas, que puxa  
válvulas, que olha o  
relógio, que compra pão  
às 6 da tarde, que vai  
lá fora, que aponta lápis,  
que vê a uva etc. etc.  
Perdoai. Mas eu  
preciso ser Outros.  
Eu penso  
renovar o homem  
usando borboletas.

FIGURA 194 – Cartaz da Live 5: Walter Kohan



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=27r-mQ1Nee4&list=PLnu29QulpfaCoiEmof58gFKkLNoDIQd2q&index=5&t=581s>

Com a Série Paulo Freire vai à Universidade, conseguimos muitas pessoas interessadas em participar de nosso Grupo de Estudos. Mais um momento de escolhas, decisões em que Leonardo e Gabriel estiveram junto comigo. Começamos com 35 pessoas que preencheram o formulário demonstrando interesse.

Foi a Série Paulo Freire vai à Universidade que mobilizou as pessoas a participarem do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF). Muitas pessoas interessadas e sofri muito de como faríamos o processo de escolha. Nada mais antifreireano do que a exclusão. Leonardo estabeleceu os critérios por categorias: estudantes de graduação, de pós-graduação, profissionais da educação, profissionais de outras áreas e movimentos sociais. No final, penso que convidamos todos/as. A seleção acabou se dando pelas condições concretas de participação.

Nesse tempo de realização da Série, fomos levantando os Grupos e Cátedras que estudam Paulo Freire. Identificamos 8 (oito) IES com as Cátedras: UFRPE, UNILA, PUC/SP, UFPE, UFV, UEPA, Universidade Católica de Santos, Universidade 9 de julho. Em relação aos Grupos de Pesquisa, cadastrados no Diretório de Grupo de Pesquisa do CNPq, encontrei 60 Grupos, e quando filtrei que fossem da área da Educação, cheguei em 48 Grupos. Fiz o filtro de Grupos que citassem Paulo Freire, se não no título, no resumo, e cheguei a 24 Grupos de Pesquisa, na área da educação que estudam Paulo Freire.

Um dos meus sonhos é que a gente possa construir uma rede de pesquisadoras/es em Freire. Sei que já existe a Rede Freireana de Pesquisadores, coordenada pela Ana Maria Saul, com página no facebook, (<https://www.facebook.com/redefreireana>), mas meu sonho é ampliá-la. Talvez uma rede de Cátedras. Que tivéssemos mais proximidade, mais contato, que conseguíssemos desenvolver ensino, pesquisa e extensão com inspirações freireanas e por isso, necessariamente coletivas, diversas e solidárias.

Pessoas que estão junto.

Alessandra Riposati Arantes  
Ana Paula Cavalcanti  
Anderson Alencar (UFAPE)  
Andréia Heloisa Arantes  
Andrelle Luane Bentes da Silva  
Angela Biz Antunes (Instituto Paulo Freire)  
Avani Maria de Campos Corrêa  
Clarice Carolina Ortiz de Camargo  
Daniele Lopes Ferreira  
Danilo Augusto da Silva Horta  
Deborah Terezinha Conceição  
Denise Marques Morais  
Emilene Julia da Silva Freitas Carvalho  
Gabriel Jose Mendes Almeida Peixoto  
Izabela Cunha Amaral  
Jefferson de Oliveira Guerreiro Filho  
Julliana Magalhães de Souza Barcelos  
Kátia Gisele de Oliveira Pereira  
Laís Alice Oliveira Santos  
Lana Ferreira De Lima  
Letícia de Paula e Silva Andrade  
Lilian Matias De Araujo  
Lorrane Stéfane Silva  
Lorrayne Borges da Costa  
Maria Augusta Silvestre de Melo  
Maria Rosilda Bonete  
Marília Freitas Araujo  
Maycow Corrêa Guimarães Dias  
Moacir Gadotti (Instituto Paulo Freire)  
Mônica de Faria e Silva  
Monica Lopes Folena Araújo (UFRPE)  
Nathália Borges Vieira  
Nima Spigolon (Unicamp)  
Polyana Aparecida Roberta da Silva  
Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça  
Rogério de Castro Ângelo  
Sandra Maria de Oliveira  
Shslayder Lira dos Santos  
Sílvia de Souza Silva  
Sônia Aparecida Faleiros Almeida  
Vinícius França  
Walter Omar Kohan (UERJ)

Imagem 7



Artista: Maria Júlia @artemaju

Nima já é, desde 2008, minha companheira em Freire. Aprendo com a história de Nima-camarada em todas as nossas prosas, nossos encontros, nossas escritas, nosso cafezinho, nossos sonhos, nossos horizontes de utopia. A disciplina estava provocando a continuidade. Alguns estudantes pedindo para continuar. Eu estava no Gepae. A pandemia assustando corações e mentes. O cenário parece que não estava para mudanças. Ligo para Ângela. Ligo para Liana. Converso com Alencar. Busco sobre as formas de organização das Cátedras. E o último empurrão foi do Estéfani. Vai.

**Horas antigas.** Estéfani foi um incentivador, mas hoje ele vê como esse trabalho foi intensificado. Ter um Grupo de estudos como o nosso, exige muito trabalho, muita dedicação, muito estudo. Sou remexida o tempo todo pela responsabilidade de ter criado e de que o Grupo permaneça existindo. Convivo diariamente com as situações-limite. Luto pela esperança e convicção de sua importância na UFU, mas sinto pouco incentivo institucional para sua existência e manutenção. Tudo que precisamos: lute! Por isso tem que ser mesmo um parceiro de vida, o nosso Grupo, pois é esse papel comprometido me fez assumi-lo.

Assim, o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos da Universidade Federal de Uberlândia (CEPF-UFU) inaugura suas atividades em 19 de setembro de 2020, no dia do nascimento (aniversário) de Paulo Freire e um ano antes das comemorações de seu Centenário. O CEPF surge da disciplina Princípios Éticos Freireanos, que teve a primeira turma em 2017 e que exigiu de nós, professores e professoras, uma nova forma de continuar aprendendo com Freire.

FIGURA 195 – Logo e convite do primeiro dia



Fonte: Felipe Menegheti

Primeiro veio o Projeto de Extensão (SIEX: 21910), denominado “Inéditos viáveis na formação de professores/as”:

Este projeto surge, assim, das experiências inquietantes que vivemos na docência. Não sabemos viver de forma morna ou fria. Sabemos ser intensas e intensos. Isso nos provoca a estar em movimento. Não negamos, em alguns momentos, cansamos. Mas no encontro com o outro, conseguimos nos convencer da continuidade única de viver da forma em que cada palavra e gesto pulsem um coração, parafraseando Clarice Lispector. Não sabemos viver no modo letargia e nem no modo omissão. Somos passagem por um mundo em que queremos VIVER, CONVIVER, APRENDER, RESISTIR e LUTAR. Nada disso é beleza pura ou romantismo da educação, mas sim, um convite ao COMPROMISSO, a ESPERANÇA e ao TRABALHO. (UFU, 2020, p. 1)

A ideia da docência em uma pedagogia progressista, em uma perspectiva de educação libertadora define o objetivo e a intenção do projeto “o projeto visa ações de ensino, pesquisa

e extensão, funções específicas da Universidade em que fragmentamos sobremaneira na formação e aqui, espera-se possamos construir este Projeto Integrador, criando estas ações de forma integrada e articulada” (UFU, 2020, p. 1).

Ancorado nesses princípios, o Projeto cria o CEPF-UFU e, assim, também anuncia a práxis como uma das suas categorias estruturantes:

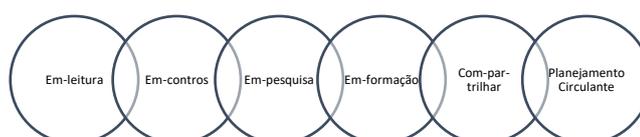
Diminuir a distância entre o que dizemos e o que fazemos, ou seja, “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo” (FREIRE, 1996, p. 38). Este fundamento serve de âncora à ideia de práxis, em uma perspectiva freireana, sustentáculo de uma concepção de educação; também se relaciona à necessária articulação entre a teoria e a prática na formação docente e, portanto, no exercício profissional. É uma via inter duplas que se relacionam. Que existem na relação com o outro. Nas palavras de Freire (1996, p. 38): “a prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (UFU, 2020, p. 5).

Sonho projetado e, após um ano de existência, como isso acontece nesse movimento da práxis autêntica? Um desenho metodológico foi pensado no Projeto e isso foi o ponto de partida para o “pensar junto”.

Para o trabalho nestas três dimensões, alguns princípios freireanos estarão presentes. A identidade cultural em que estão concentradas as ações que discutem as identidades docentes. Como nos constituímos como pessoas e profissionais? A leitura de mundo, com a finalidade de ampliar a nossa leitura da palavra, atravessada pela realidade. A problematização, como espaço educativo que implica conflito, esperança, transformação. Surge no encontro das identidades e a realidade. Neste encontro, construímos as autonomias, registramos um “jeito de pensar” construído nesse encontro entre as Identidades e as leituras de mundo. O que fazemos após o conflito, mediatizado pelo diálogo, na realidade? Quais pensamentos construímos. Registros do “Jeito de Pensar Docente”, uma ideia em que estas reflexões sejam sistematizadas e possam ajudar nas nossas práxis. Compartilhar com o outro, dividir, é uma forma de viabilizar o encontro. (UFU, 2020, p. 9, grifos do Projeto)

O jeito docente inicial de pensar modifica-se, pois incorpora os jeitos de pensamentos docentes, no plural, com gentes, com utopias verdadeiras, na construção de um grupo que pretende **viver a coerência**. Assim, construímos um caminho metodológico em que os tempos e espaços foram organizados para a realização de um movimento que incorporasse as leituras de mundo, as identidades, as diversidades, por meio do diálogo.

FIGURA 196 – Desenho metodológico do CEPF



Em cada tempo-espaço entrelaçado de nossas histórias fomos definindo cada tempo. O *Em-leitura* é o tempo da leitura freireana, a escolha e a forma de sairmos da leitura da palavra para a leitura de mundo é sempre um desafio para esse momento. O *Em-práxis*, momento de trazer a palavra ação para o diálogo, em que as pessoas do próprio Círculo se apresentam a partir de sua práxis. O tempo de *Em-contros*, quando convidamos outras pessoas que estudam, que pesquisam, que vivenciam os princípios freireanos para o diálogo. O *Em-formação*, um tempo para nossa formação e para formação de outros/as, nossa relação com o outro acontece nesse espaço. E por fim, o *Em-pesquisa*, para que possamos construir uma investigação coletiva, sermos também um espaço para que a pesquisa sobre e com Paulo Freire ocorra de forma permanente e contínua. Não há uma ordem, não há limites nem amarras para que isso ocorra. O Círculo gira em espiral, percorre os princípios, percorre os objetivos, inclui outros tantos que se fazem na presença inspiradora de gentes com seus jeitos de pensar sobre e com o Paulo Freire.

Por isso, venho insistindo, desde a Pedagogia do oprimido, que não há utopia verdadeira fora da tensão entre a denúncia de um presente tornando-se cada vez mais intolerável e o anúncio de um futuro a ser criado, construído, política, estética e eticamente, por nós, mulheres e homens. (FREIRE, 1992, p. 47, grifo nosso)

Penso que esse exemplo de práxis autêntica, em busca de uma coerência, seja a materialização dessa utopia verdadeira, de uma história que é construída nessa realidade concreta e, por isso, construída por nós. Esse é o primeiro instante e outros deles existirão. Assim nos constituímos como sujeitos e “fazedores” de história.

FIGURA 197 – Circulantes iniciais



Fonte: Arquivo da Autora

## Em-formação

São tempos de um mesmo processo formativo que articula saberes e experiências no campo das utopias. Nesse movimento do CEPF-UFU, fomos procurados em 2020 por uma Organização da Sociedade Civil (OSC), do Bairro Élisson Pietro, com uma demanda de aprofundamento, de conhecimento, em Paulo Freire. Fizemos duas reuniões virtuais, como forma de identificar os saberes, pois foi no auge da pandemia; também criamos um formulário para diagnóstico e elaboramos uma proposta de um Curso de Extensão, denominado: **Principiar em Freire**.

O formulário-diagnóstico buscou algumas informações importantes para conhecimento da realidade e das pessoas interessadas em participar da proposta, tais como: a formação, a função na OSC, a música favorita, o filme favorito, a descrição sucinta do trabalho que desenvolve na OSC, no primeiro bloco. No segundo bloco, perguntas sobre Paulo Freire: o que

conhecia, qual o livro já havia lido, o que gostaria de conhecer e como gostaria de conhecer Paulo Freire. E em um último bloco de questões: sugestões para o Curso, perguntas ou curiosidades sobre Paulo Freire, a descrição de um professor ou uma professora inesquecível e, por último, os princípios fundamentais para o trabalho na OSC. As perguntas, as curiosidades apresentadas nas respostas foram:

*A cor preferida dele. (C1)*

*Pode ser uma vontade? Vontade de ficar craque pra ter mil e um argumentos pra defendê-lo e lutar junto. Saber argumentar!!! (I1)*

*Qual a brincadeira favorita de Freire? (L1)*

*Sabendo que Freire foi influenciado por Marx e também por Foucault, além de podermos pensar em aproximações com Goffman (em relação as instituições totais), é inegável que todos e ele partem de uma sociedade burguesa, branca, machista e patriarcal, heteronormativa e capacitista como norma/ideal. Mas ainda assim, Freire propõe e desenvolve uma educação popular que não se sujeita a essa norma, pelo contrário, visa rompê-la. Fico me questionando quais autores, sujeitos, narrativas, histórias brasileiras que rompem com essa norma também atravessam sua experiência e seus escritos. E além disso, como pessoas para além norma foram inclusos nesse processo, desde a elaboração de seus pensamentos/escritos até a sua prática. (L2)*

*Ele tem filhos? (M1)*

*Tenho a curiosidade de saber o que Freire propunha como ações pra mudar a educação brasileira. (M2)*

*Sinto que não sei muito sobre a biografia do Freire, gostaria de conhecer mais. (M3)*

*Como as ideias de Freire podem estar presentes nas mais diversas áreas de atuação?(T1)*

*Vejo muitos trabalhos apoiados na teoria de Freire dentro dos assentamentos e aliados a luta pela reforma agrária e pela terra, gostaria de compreender melhor se é possível, quais contradições e quais encontros são possíveis entre o Sistema Freireano e o Terceiro Setor. (Y1)*

Essas curiosidades demonstram o ponto de partida, a escuta necessária para atender às expectativas e necessidades do pessoal que trabalha na OSC. A curiosidade, a busca, as perguntas foram mobilizadoras da elaboração do Curso. Outra pergunta que contribuiu para o nosso diagnóstico foi o que gostariam de conhecer de Paulo Freire, essas respostas foram importantes para a elaboração do Curso:

*O livro Educação como prática de liberdade e mais de suas obras. (A2)*

*Gostaria de conhecer mais sobre suas abordagens e a aplicação delas na educação. (C1)*

*Saber mais sobre sua trajetória, embasamentos... Locais onde atuou e onde percorre seus pensamentos hoje em dia... Paulo Freire na prática se possível uma prática próxima a realidade do ABC. Gostaria também de me aprofundar mais na teoria e nos conceitos! (I1)*

*Gostaria de me aproximar mais de seu percurso e suas obras, suas influências e diálogos. (L1)*

*Tenho me aprofundado na pedagogia desenvolvida por bell hooks, que se constitui e fórmula seus escritos após conhecer Paulo Freire. Acredito que há um enorme destaque em sua obra em relação às classes sociais, política, economia e a pedagogia dominante. Mas também, pensando em interseccionalidade e no território de trabalho do ABC, pensarmos em gênero e raça é fundamental para nosso trabalho. Assim, gostaria de conhecer o Paulo Freire que nos permite olhar com sensibilidade e estruturalmente para esses aspectos. (L2)*

*Gostaria de saber como os seus conhecimentos se fundamentam e de aprofundar nas suas teorias sobre a educação, tentando assim enxergar minha prática com a ajuda de suas teorias. (M1)*

*Eu particularmente gosto de conhecer sobre a teoria que foi desenvolvida, o que ele defendia e como. (M2)*

*Gostaria de começar com o básico e avançar na teoria, pois conheço muito pouco ainda sobre a teoria e as suas diversas aplicações. (M3)*

*Gostaria de conhecer mais a teoria de Paulo Freire, aprofundar os conceitos e relacioná-los com as possíveis práticas. (T1)*

*Entender como o Sistema Freireano se articula com a política atual. (Y1)*

Há diferenças nos quereres, mas talvez esteja a ideia da práxis. Saber o que defende e como defende. A primeira palavra geradora surgiu da leitura dessa palavra.

A terceira pergunta respondida e que também nos ajudou na elaboração da proposta do Curso foi em relação aos princípios fundamentais para o trabalho na OSC:

*Transparência, comprometimento, abnegação. (A1)*

*A inclusão das crianças no processo de criação das atividades e propostas da ONG, compreendendo a importância deles e de suas participações, enquanto membros ativos daquela comunidade e da ONG. Além disso, oferecer propostas que façam com que se tornem independentes e entendam que são capazes de alcançar qualquer objetivo que desejem. (A2)*

*Respeito, amor e comprometimento! (C1)*

*Do olhar atento e da fala cuidadosa. E firmar o "COM". Sempre. E amor... (I1)*

*O fundamental para mim é possuir uma postura crítica e coerente com o território e os sujeitos dali, e uma postura que esteja em movimento. Prezando sempre pelo protagonismo das crianças, adolescentes, suas famílias e comunidade. (L1)*

*Respeito, autonomia, honestidade, sensibilidade, cuidado e coletividade. (L2)*

*Empoderar para transformar. (M1)*

*Para o meu trabalho me apoio nos princípios da escuta atenta e cuidadosa, na busca por compreender aquela realidade e aquelas pessoas retirando generalizações, e na busca pela emancipação das crianças e adolescentes. (M2)*

*Busco ter uma escuta ativa tanto do que as crianças e adolescentes trazem quanto das demandas dos demais integrantes da comissão. Além disso, no último ano percebi a importância de investir na construção de vínculos com as comissões e com as crianças e adolescentes do projeto. (M3)*

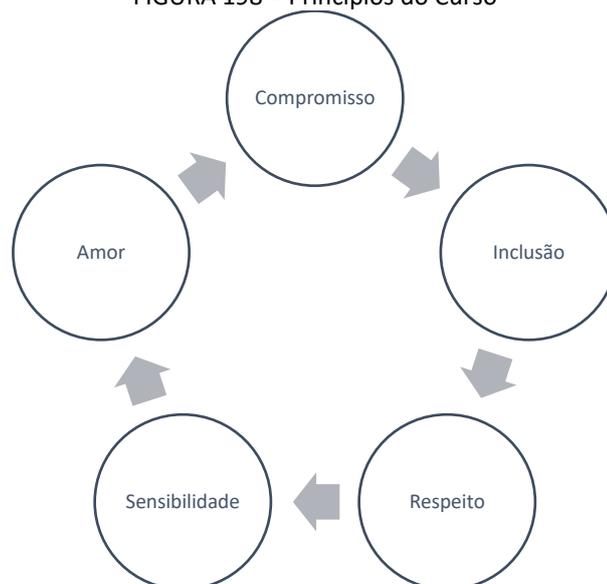
*Autonomia, emancipação, protagonismo e potência. (M4)*

*Responsabilidade, vínculo, afeto e ética. (T1)*

*Acolhimento integral, entender que a construção do nosso trabalho é um processo, diálogo e transparência. (Y1)*

Ao analisar essas respostas, percebemos as expectativas, necessidades e objetivos do Grupo de Voluntários/as dessa OSC, que buscou em nosso Círculo a possibilidade do aprofundamento e do conhecimento em Freire. Para nós, um grande desafio: como fazer um Curso de Extensão que atenda esses/as sujeitos? Na modalidade remota? Qual o tempo? E assim, o Grupo Circulante Em-formação do CEPF-UFU criou o Curso a partir dos princípios da OSC, sintetizando os pontos de aproximação com a práxis freireana, por isso o nome “Principiar em-Freire”. Os princípios compromisso, inclusão, respeito, sensibilidade e amor foram sintetizados na figura a seguir.

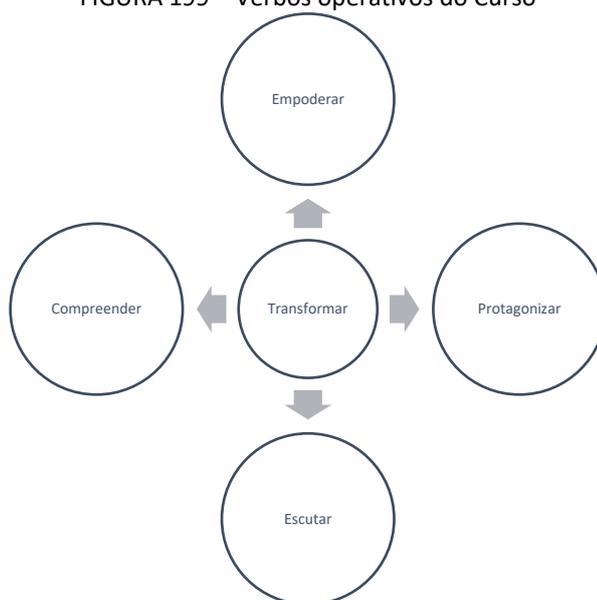
FIGURA 198 – Princípios do Curso



Fonte: Arquivo da Autora

Além dos princípios, uma pergunta inquietante também foi como aprender Freire com coerência epistemológica? Não só com a teoria, mas também com a possibilidade de vivenciar Freire? E assim, materializamos com os verbos de ação que deveriam acompanhar o Curso. O verbo transformar assume a centralidade em que transitam empoderar, protagonizar, escutar e compreender.

FIGURA 199 – Verbos operativos do Curso



Fonte: Arquivo da Autora

Pensando nos princípios, nos verbos, nos/as sujeitos, construímos os eixos a partir das categorias que emergiram dos encontros virtuais e do formulário-diagnóstico. Parece que o tempo é sempre pequeno para conhecer Paulo Freire, mas tínhamos que desenhar uma proposta para apresentar à OSC e fomos desenhando outras categorias emergentes: conscientização e libertação.

Assim, para materializar essas ideias, escolhemos dois livros de Freire que dariam sustentação ao Curso: *Pedagogia do oprimido* e *Educação e mudança*. Esse tempo de leitura fez parte do tempo de atividades assíncronas do Curso. As atividades síncronas, com tempos virtuais de encontro remoto, aconteceram ao longo de 4 (quatro) sábados, no período da manhã. O Curso de Extensão “Principiar em Freire”, com 40 horas, cadastrado no Sistema de Extensão da UFU sob o n. 24678, foi organizado com os seguintes eixos:

- a) Leitura de partida: *Pedagogia do oprimido*
- b) Eixo I. Contextualização histórica. Tempo para localizar o pensamento freireano em relação às teorias educacionais, com a sua biografia e bibliografia. Contextualizar o pensamento freireano no tempo histórico, cultural e social.
- c) Eixo II. Categorias e princípios: ser humano. A definição, a epistemologia do pensamento freireano sobre o “ser mais”.
- d) Eixo III. Categorias e princípios: conscientização e libertação. As categorias base do pensamento freireano: conscientização e libertação. Compreensão dos termos, dos sentidos e dos significados do processo de conscientização e libertação na *Pedagogia do oprimido*.
- e) Eixo IV. Categorias e princípios: práxis e dialogicidade. As categorias base do pensamento freireano: práxis e dialogicidade. Compreensão dos termos, dos sentidos e dos significados de práxis e de dialogicidade.
- f) Leitura de síntese: *Educação e mudança*

Uma proposta que consideramos simples, de acordo e nas condições que tivemos, pois a pandemia não nos permitiu o encontro presencial, o que também impede a vivência de muitos dos princípios freireanos. Porém, como o próprio nome do Curso anuncia, a ideia foi principiar em Freire, trazer alguns princípios de aproximação e que propiciassem o diálogo e as transformações necessárias a uma práxis da esperança, na utopia de Freire.

## Em-leitura

O Grupo Circulante do Em-leitura talvez seja o mais duradouro. O Grupo tem a função de provocar a discussão sobre um livro de Paulo Freire, escolhido a cada semestre por todos/as. Ampliar a nossa leitura e nosso olhar a respeito da leitura que fizemos. Criamos alguns tempos do momento Em-leitura.

FIGURA 200 – Desenho metodológico do Em-leitura



Fonte: Arquivo da Autora

Como nossos encontros são de duas horas, a ideia seria iniciar com um vídeo que inspire, que faça a gente pensar, se abraçar com os olhos, buscar um meio de conseguir um olhar curioso. O tempo das “leituras de mundo”, em que os/as leitores/as contam como foi sua experiência com a leitura. A problematização é feita com os dados da realidade trazida nas leituras de mundo. Quais perguntas temos e fazemos? A leitura da palavra foi o tempo que criamos para ler trechos, ideias originais do livro. E, por fim, as sínteses possíveis. Onde podemos reinventar essa leitura?

Esse caminho não é para ser seguido, é para possibilitar o diálogo sobre o livro. Muitas vezes, sabemos que terminamos a leitura ainda com muitas perguntas, com necessidade de retomar a leitura em busca de respostas. O Em-leitura parece um pedacinho de liberdade, aquele trecho do Manoel de Barros: Liberdade, caça jeito. A gente vive criando e recriando esse tempo. Não aparece de um jeito só, pois queremos ter a liberdade de fazer as leituras e debater as leituras em um formato que acomode e acolha tantas gentes. Já lemos, nesses 3 (três) anos: *Educação como prática da liberdade*, *Pedagogia do oprimido*, *Pedagogia da esperança* e *Pedagogia da autonomia*.

FIGURA 201 – Capas dos livros de Freire lidos no CEPF



Fonte: Arquivo da Autora

Ao final da leitura, como forma de sintetizar o livro, temos buscado construir registros. Em alguns momentos funciona bem, em outros, nem tanto. Temos trabalhado com *padlet*, *google drive*, vídeos e outras formas que possibilitam revisitar as sínteses históricas realizadas por nós. Em-leitura é movimento.

### Em-contros

Nesse tempo do Círculo, convidamos pessoas para conhecermos, além de nosso mundinho, quem tem estudado Paulo Freire, o que tem estudado sobre Paulo Freire. Essa é a nossa forma de conhecer o outro. Conhecer Grupos de Pesquisa, cátedras, pessoas, movimentos que vivenciam e experienciam a obra de Paulo Freire. Já tivemos conosco algumas pessoas nessa recente jornada.

Em 2020, conhecemos quatro Grupos de Pesquisa: a) Postulados sobre Paulo Freire para a Educação, da Unila; b) Grupo de Estudos e Pesquisas sobre abordagem freireana em ambientes escolares, da Unifal; c) Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos, da Unicamp e Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, da Unicamp.

FIGURA 202 – Convite Em-contros I



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

FIGURA 203 – Folder da V Jornada Político-Pedagógica Paulo Freire



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2021, continuamos com nossas possibilidades de encontros com outros Grupos e outras atividades desenvolvidas com Paulo Freire. Conhecemos a Cátedra Paulo Freire da Unisantos e a Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

FIGURA 204 – Convite Em-contros II



Fonte: Arquivo da Autora

Em 2022, conhecemos a pesquisa: Freire e estrangeiridade: leitura de mundo e leitura da palavra, em uma estadia na Universidade de Genebra, do IF Águas Lindas-GO. Tivemos a oportunidade de dialogar com o Grupo de Pesquisa Dialogus, da UFSM.

FIGURA 205 - Convite Em-contros III



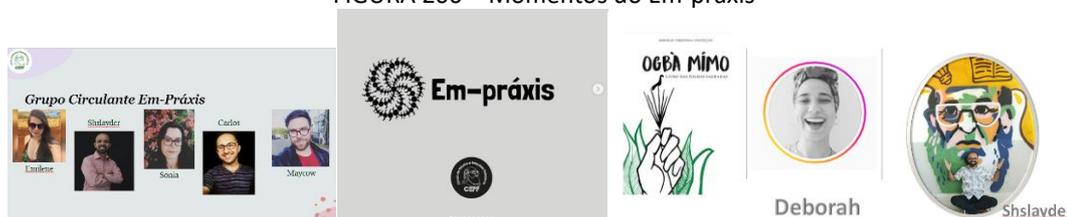
Fonte: Arquivo da Autora

Desde sempre, considero o conceito de práxis fundante para compreender o Paulo Freire. Por isso, esse tempo no Círculo caracteriza um conceito presente em nosso caminho. Mesmo para haver coerência entre o que lemos e o que fazemos. Ao buscar aqueles princípios que estavam no primeiro projeto de extensão que deu origem ao Círculo, bem como ao movimento iniciado no Gepae, encontramos um conceito que se materializa.

Como criar a teoria do fazer? De que forma podemos materializar essa construção de uma práxis freireana na vida do Círculo? Com perguntas, vamos encontrando outras... Um desassossego só. Como diz Guimarães Rosa: O que ela [a vida] quer da gente é coragem. Esse movimento está presente em diversos momentos da trajetória e vamos tentando desvelá-lo.

A práxis denuncia, anuncia, cria, reflete, analisa, compartilha, registra, sonha, mobiliza pensamentos e ações para uma transformação. Esse é o jeito da práxis revolucionária que criamos no CEPF.

FIGURA 206 – Momentos do Em-práxis



Fonte: Arquivo da Autora

Outras pessoas estiveram em nosso momento de práxis: Carol, Thaís e o Grupo Circulante têm buscado trazer as reflexões também teóricas sobre o sentido desse tempo. O Em-práxis é descoberta.

### Em-pesquisa

Nos momentos Em-pesquisa, percorremos um caminho para a construção do projeto coletivo de pesquisa circulante. Em um primeiro momento, formamos um Grupo Circulante composto por: Andreia, Avani, Ilda, Leonardo, Sandra, Sílvia e Sonia. Nesse Grupo, lemos as 7(sete) Cartas dos Encontros Internacionais do Fórum Paulo Freire, de 1998 até 2010, disponibilizadas pela Ângela Antunes, do Instituto Paulo Freire.

Além disso, fizemos algumas discussões coletivas sobre o que queremos e como queremos fazer pesquisa no Círculo. Desde o início, a ideia é que pudéssemos contemplar ensino, pesquisa e extensão. E fui transparente com o Grupo também sobre meu interesse em entrar para a pós-graduação, o que acontece em 2021. Com isso, só faria sentido se tivesse um projeto de pesquisa coletivo, com aqueles e aquelas que estavam sempre em meus sonhos.

De cada Carta, extraímos princípios que foram considerados importantes para o projeto de pesquisa-coletivo, princípios que fundamentariam uma ideia de fazer pesquisa freireana, com a nossa leitura.

A Carta de São Paulo, de 1998, trouxe como princípios: dialogicidade, solidariedade, cidadania crítica, alteridade, diversidade cultural, pluralidade de concepções, democracia e a valorização da escola e universidade pública, gratuita e laica. Em um trecho, intenciona: “ratificar a própria dialética de sua permanente reinvenção epistemológica, metodológica e praxiológica de sua incessante atualização da leitura de mundo.”

A Carta de Bolonha, de 2000, apresenta as ideias de planetaridade, eticidade, a pedagogia crítica, a cibercultura e a busca de um espírito de universidade popular para a Escola Superior Cidadã. No IX encaminhamento, afirma que “aprender precede a ensinar e ensinar se dilui na experiência fundante de aprender; não se ensina apenas conteúdos, mas a aprender, isto é, a pensar certo; pensar certo é estar sempre em dúvida com as próprias certezas, a partir da observação do mundo; a curiosidade ingênua deve ser substituída pela curiosidade epistemológica.”

A Carta de Los Angeles, de 2002, centraliza-se na ideia das eleições planetárias e tem como destinatário o povo brasileiro, e termina dizendo: “rechaçamos, veementemente, qualquer pretensão intervencionista, de quem quer que seja – nem de outros Estados, nem de organizações extra-estatais – no pleito brasileiro, ou nos processos de construção da democracia de qualquer país do Mundo.”

A Carta do Porto, em 2004, no IV Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, teve como tema “Caminhando para uma cidadania multicultural planetária”, nos desafia a “trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta” (Paulo Freire). A Carta ainda

sublinha a importância de construirmos relações humanas fundadas na convivência emancipatória, amorosa, sensível, criativa e reconhece que cumprir este objetivo impõe a substituição da ordem capitalista por uma nova ordem mundial, em que as comunidades e os povos sejam sujeitos de suas próprias histórias” e “assume o diálogo intertranscultural crítico como instrumento, como prática libertadora e como fortalecimento dos processos de conhecimento.

A Carta Valência, de 2006, defende como princípios o trabalho para a dimensão mundial do legado de Paulo Freire, a defesa da audiência às expressões da voz das oprimidas e dos oprimidos como sujeitos políticos, gnosiológicos e epistemológicos, e a luta incondicional contra qualquer tipo de discriminação e pela inclusão de todas as oprimidas e todos os oprimidos do mundo no usufruto das prerrogativas da cidadania planetária. Nesse ano, a Carta cria o Conselho Mundial dos Institutos Paulo Freire (CPMIPF), organização importante para articulação dos mesmos.

A Carta de São Paulo, em 2008, dez anos depois do I Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire, quando volta para a cidade de São Paulo a realização do VI Encontro, com o título “Globalização, educação e movimentos sociais: 40 anos da pedagogia do oprimido”. “No ano em que se celebram os 40 (quarenta) anos da Pedagogia do oprimido, os presentes reafirmam seu compromisso com o legado de Paulo Freire e com o fortalecimento da comunidade freiriana, de suas redes e de seus associados espalhados pelo mundo, impulsionando projetos comuns de intervenção, de pesquisa e de formação, sempre com ênfase no compromisso ético e político para com a defesa da causa das oprimidas e oprimidos.” Trecho da Carta que sintetiza o teor da mesma, além de fazer menção à “multiplicidade de movimentos e de eventos, dentre os quais se destacam a conclusão do projeto *Educating the Global Citizen* (Globalização e Educação, na sua versão brasileira), que congrega quase duas dezenas de países, e as seguintes reuniões: a) de continuidade do projeto da Rede IberoAmericana de Pesquisa em Educação (RIAIPE); b) da Universidade Popular dos Movimentos Populares (UPMS); c) do Conselho Internacional do Fórum Mundial de Educação; d) do Projeto MOVABrasil e e) do Programa Educação para a Cidadania Planetária.”

E, por fim, a Carta da Praia de Cabo Verde, em 2010, que assume o compromisso de “denunciar e combater toda sorte de permanência da colonialidade e da discriminação”; lutar contra toda e qualquer forma de colonização das mentes, que é a maneira mais eficaz de dominação estrutural de povos inteiros; e por fim, referenciada nos legados de Paulo Freire e Amílcar Cabral, a construir referenciais próprios e de perspectivas teórico-políticas originárias de seus lugares específicos de enunciação,

no sentido da concretização de uma nova geopolítica do conhecimento e de uma politologia que respeitem as visões de mundo, na perspectiva da cidadania planetária, apontando para o sonho e para a utopia de um mundo que abrigue a unidade na diversidade cultural e que seja mais democrático e mais justo.

A partir da leitura e análise das Cartas, sintetizamos como princípios: dialogicidade, criticidade, solidariedade, alteridade, diversidade e democracia.

FIGURA 207 – Princípios para o Em-pesquisa



Fonte: Arquivo da Autora

Essa ilustração identifica as palavras-síntese que dão sentido à função social da pesquisa coletiva do CEPF. Cada linha de pesquisa tem uma ementa própria, em que partilha de princípios em comum, tais como: criticidade, solidariedade, alteridade, diversidade, democracia e dialogicidade. Esses princípios norteiam as escolhas metodológicas de cada linha, a partir de uma coerência epistemológica e metodológica.

Para o projeto de pesquisa coletivo abarcar as pessoas que participam do Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF), criamos Linhas de pesquisa, com o objetivo de nos aproximar de áreas temáticas mais específicas. Nesse sentido, foram criadas 4(quatro) linhas de pesquisa, com ementas que podem agregar pesquisa, ensino e extensão em cada uma delas. As Linhas são: Formação de professores/as; Direitos Humanos; Escola como espaço de relações; Ecopedagogia.

FIGURA 208 – Linhas-síntese da Pesquisa



Fonte: A autora

A intenção é que possamos, a partir dessas linhas, construir coletivamente um “Observatório-Repertório- repertório de práxis freireana”, como espaço de encontro de práxis, de pesquisas e de projetos para e na formação de professores/as professoras no Brasil. Em que possamos cadastrar (mapear) grupos de pesquisa, cátedras, pesquisas de mestrado e doutorado que apresentam identificação com os princípios freireanos.

O ponto de partida de uma pesquisa nessa perspectiva é uma abordagem qualitativa de pesquisa em educação. Nesta linha, a teoria crítica apresenta-se num contexto de pesquisa como uma proposta humanística do ato de pesquisar, fundamentada, segundo Kincheloe e McLaren (2000), em alguns princípios que sustentam o grupo de pesquisadores/as. Dessa forma nasceu o Observatório Paulo Freire, em 2023, um projeto de pesquisa cadastrado na PROPP, com a finalidade de articular pesquisas nas áreas e possibilidades que temos.

FIGURA 209 – Logo do Observatório Paulo Freire



Fonte: Felipe Menegheti

O meu ingresso no PPGED-UFU foi consequência de todo o caminho/percurso que trilhei, não só com o CEPF-UFU mas também com ele e principalmente com ele. Hoje temos uma área temática na Linha de Saberes e Práticas, denominada: O pensamento de Paulo Freire na educação brasileira no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFU. Isso também permite que mais pessoas façam pesquisa sobre e com Paulo Freire. Soma-se ao que buscamos também no Círculo: uma forma de aprender e vivenciar Paulo Freire.

O Projeto de Pesquisa Observatório Paulo Freire encontra-se cadastrado na Diretoria da Pesquisa da Propp, sob o número 03/2023, cumprindo os requisitos de uma professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Faced. Tenho, em 2023, 6(seis) orientandos entre mestrandas/o, doutorandas e uma pós-doutoranda. Experiências de aprendizagem na pesquisa e na formação.

### Planejar e Trilhar junto

Todo esse movimento do Círculo é construído junto. As ideias, o caminho, o jeito de ser, são nossos. Como nasceu remoto e conta com muitas pessoas de fora da cidade, compreendemos que seja importante a sua continuidade nesse formato, mesmo que tenhamos a oportunidade de criar encontros olho no olho de vez em quando.

Fazemos alguns movimentos que considero importantes para isso. Primeiro, uma coleta de dados, por meio de formulário *google*, onde podem avaliar, analisar, criticar o que foi vivido. Com esses dados, fazemos o momento com-par-trilhar<sup>32</sup>, em que também anunciamos o que queremos ainda fazer no Círculo: qual leitura? Quais momentos? E, por fim, fechamos o ciclo do planejamento com o que denominamos de planejamento circulante, quando fechamos o cronograma do semestre a partir desses dois movimentos realizados.

FIGURA 210 – Com-par-trilhar



Fonte: Gabriel Fajardo

Essa forma de organização do CEPF não foi pensada previamente. As experiências que me compõem tratavam de lugares onde eu achava que a coordenação era centralizadora demais e outras em que eu também considerava que descentralizava excessivamente. Onde achar o equilíbrio? A resposta que eu encontro é que o equilíbrio está na escuta coletiva. O movimento é traçado por esse coletivo, fundamentado nos estudos que vamos realizando juntos/as. Esse movimento organizado foi importante para que, nesse curto espaço de existência, já tenhamos desenvolvido tantas ações e criado um lugar-tempo de encontro sistemático para estudar e vivenciar Paulo Freire. Um lugar da práxis. Um lugar do encontro. Um lugar de reconhecimento de quem somos. Um lugar de viver as relações. Um lugar de conflito. Um lugar de gente. Segue um registro que fiz de um desses movimentos nossos na extensão.

<sup>32</sup> No Círculo, vamos criando palavras, que fazem sentido. Com o par trilhar é uma das criações.

COIMBRA, Camila Lima. Qual o tempo da esperança? O significado da utopia na práxis freireana. In: GUEDES, Marilde Queiroz; REIS, Cacilda Ferreira dos; QUEIROZ, Atauan Soares de; MARTINS, Nilza da Silva (org.). *Educação e mudança social: o legado de Paulo Freire*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a. p. 36-54.

### Portal do Bicentenário<sup>33</sup>

O Círculo foi convidado, no ano de 2021, pelo Centenário, para fazer um verbete sobre Paulo Freire no Portal do Bicentenário. Seguem alguns trechos do texto:

“Nasceu em 1921, completaria 100 anos em 2021, quando o mundo comemorou seu Centenário. Paulo Freire é um clássico. Uso a definição de Calvino (1993): “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. É assim que o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) se sente quando lê ou relê uma obra de Paulo Freire.

O primeiro livro escolhido para leitura coletiva no CEPF-UFU foi *Educação como prática da liberdade* (1967), livro que apresenta uma categoria estruturante que consideramos fundamental para compreender a sua obra: o ser humano, o “ser mais” freireano:

Entendemos que, para o homem (e a mulher), o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem (e a mulher), ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 1967, p. 39)

Como ente de relações, o ser humano desumaniza-se ao adaptar-se, acomodar-se, ajustar-se, massificar-se, desenraizar-se. O que liberta esse ser humano, o que o conscientiza, o que o transforma, passa pela educação. O que a educação pode fazer é resistir aos poderes da massificação e do desenraizamento, por isso, talvez pudéssemos usar o plural na unidade: os seres humanos, da multiplicidade freireana. Somos seres múltiplos.

O pensamento freireano não isola nem divide a compreensão de totalidade do ser humano, essa premissa é importante para o entendimento de sua complexidade. Um ser também da comunicação, por isso o diálogo existe como mediador do processo educativo, nessa perspectiva.

[...]

Aproximamos a comemoração do Bicentenário do Brasil às comemorações do Centenário de Paulo Freire em 2021, patrono da educação brasileira, ao destacar sua importância na constituição de uma sociedade em transição (de 1955 até 1964), de seu exílio durante a ditadura militar (de 1964 até 1980), sem esquecer de sua recifidade e, por fim, de seus 17 anos de retorno ao Brasil (de 1980 até 1997), em que chega dizendo que precisaria “reaprender o Brasil”. Três momentos em que Paulo Freire não se eximiu de discutir a realidade e a identidade cultural brasileira, a nossa sociedade de classes e os efeitos da mesma na educação. Em toda a sua vasta bibliografia, destacamos as três pedagogias: *Pedagogia do*

<sup>33</sup> Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/paulo-freire-por-cepf-ufu/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

*oprimido*, o reencontro em *Pedagogia da esperança*, até chegar no movimento de síntese realizado em *Pedagogia da autonomia*.

[...]

Se assim somos, também identificamos em nós “a convicção de que a mudança é possível” e de que “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. Dois saberes importantes para nossa práxis, para nossa reflexão, para a ampliação de nossa leitura de mundo.

Além da leitura de mundo que precede a leitura da palavra, Paulo Freire também anuncia categorias importantes para a realidade política, social, histórica e econômica em que vivemos. O conceito de justa ira: “A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza dos seres humanos” (FREIRE, 1996, p. 30). A raiva, a rebeldia, a desacomodação contribuem para a ampliação da leitura de mundo e nos mobilizam, como sujeitos, para a transformação. “É a ‘leitura do mundo’ exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das ‘situações-limites’, mais além das quais se acha o ‘inédito viável’” (FREIRE, 1992, p. 51). Os inéditos viáveis são a materialização da práxis humana.

E para encerrar com uma outra categoria que consideramos fundamental para compreensão do pensamento freireano, trazemos a utopia: “Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens possam ser mais. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas compromisso histórico” (FREIRE, 1979, p. 42).

A utopia verdadeira de Freire anuncia uma crença incondicional no “ser mais”, na possibilidade de mudança na educação, porque feita de sujeitos históricos, sujeitos da práxis. Sujeitos que se libertam em busca do “ser mais”, mobilizados/as pela utopia que esperança a transformação social necessária. (A esperança aqui usada como verbo, como ação concreta.)

Dessa forma, consideramos que o legado de Paulo Freire contribui para os 200 anos de Brasil, nessa luta histórica pela educação, pois defende, desde a “Educação como prática da liberdade”, uma educação que resista aos poderes do “desenraizamento”, pois o ponto de partida é a identidade cultural dos/as educandos/as. E para além disso, a pergunta que se faz desde lá é: como conseguir o desenvolvimento de uma sociedade, como suporte da democracia, de que resulte a supressão do poder desumano de opressão das classes muito ricas sobre as muito pobres? Essa pergunta talvez seja uma contribuição importante ao bicentenário brasileiro, quando se complementa: “na verdade, se há saber que só se incorpora ao homem (e à mulher) experimentalmente, existencialmente, este é o saber democrático” (FREIRE, 1967, p. 92).

Os processos de transformação, conscientização e libertação freireanos residem no campo da democracia, na “utopia verdadeira” da luta e da resistência na injusta e desigual sociedade brasileira. Esse talvez seja o desafio dos próximos 100 anos brasileiros, pois ainda temos muitos inéditos viáveis a serem construídos na Educação Básica e na Educação Superior. Por isso, Paulo Freire vive! (COIMBRA, 2022e)

FIGURA 211 – Portal do Bicentenário



Fonte: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/paulo-freire-por-cepf-ufu/>

## Redes sociais

O CEPF-UFU tem uma história muito recente, mas, enquanto escrevo, vou pensando na dimensão de tudo o que já caminhamos até aqui. Penso que seja mesmo, o CEPF, a teoria do fazer. Um pouco do que acreditamos a gente transforma em ação ali. Pensa certo. Cria inéditos viáveis. Acolhe. Abraça. Inquieta. Denuncia. Anuncia. Esse é o Círculo. Já o criamos nas redes sociais, por causa do Gabriel. Já tínhamos um *Site* da disciplina que se transformou em um site do Círculo, mais amplo. Temos *Youtube*, pois nossas reuniões são gravadas e disponibilizadas. E temos *Instagram*, que é uma forma de comunicação com quem não está perto da gente. Além disso, temos uma conta *google* para armazenar nosso acervo.

FIGURA 212 – Instagram do CEPF



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

FIGURA 213 – YouTube do CEPF



Fonte: <https://www.youtube.com/c/C%C3%ADrculodeEstudosePesquisasFreireanos>

FIGURA 214 – Site do CEPF



Fonte: <https://sites.google.com/view/principioseticosfreireanos/apresenta%C3%A7%C3%A3o>

O CEPF não é um Grupo de Pesquisa cadastrado no DGP do CNPq por uma opção. Temos um Projeto de Pesquisa, somos um Projeto de Extensão, ou seja, estamos reconhecidos institucionalmente. Estamos vinculados ao Gepeja – Grupo de estudos e pesquisas em educação de jovens e adultos, da Unicamp, sob a liderança da minha camarada Nima Spigolon. Como nosso desejo é o de fazer juntos/as, queremos juntar mais gentes nesse propósito, nadamos contra a competitividade, o produtivismo e o individualismo que impera na academia. Queremos construir redes e um jeito freireano, uma teoria do fazer pós-graduação que comece desde processos seletivos mais humanizados, orientações mais amorosas, aulas mais problematizadoras, pesquisas com função social, escritas como processos criativos. Eu e Nima combinamos de alternar a liderança. Assim estamos caminhando. Não quero fechar o CEPF e sim abri-lo para os diálogos possíveis.

**Horas antigas.** Sandra, uma colega do Grupo de Pesquisa Currículo: questões atuais da PUC/SP, um dia em um almoço delicioso juntas me perguntou: Camila, você vai ganhar quanto mais para ir para a pós-graduação? Qual é seu aumento de salário? Eu dei gargalhada. A experiência dela era em uma IES privada e ela achava óbvio que se termos mais trabalho, teremos maior salário. Quando expliquei a lógica eu mesma comecei a notar a hierarquização que criamos nas IES públicas.

Como afirma Cuban (1984 apud Goodson, 1995, p. 22), “[...] a universidade parece uma concha no meio de um mar revolto”, pois tudo em nosso entorno está em inconstância e estamos ainda presos às grades, às estruturas curriculares, ao conteúdo que é preciso trabalhar para a formação deste ou daquele profissional. Não podemos acreditar que o mundo passando lá fora, nós nos voltamos para o que enxergamos como “essencial”: nossos componentes curriculares, nossas atividades complementares, nossas atividades de extensão, nossas pesquisas. Isso seria o essencial? Só se for o olhar de dentro de uma concha e para dentro de uma concha. Um olhar ensimesmado. Distante da realidade. Onde perdemos a humanidade na Universidade? Onde perdemos a criticidade na Universidade? Onde está o nosso projeto de universidade popular?

Defendo, como elemento constitutivo de uma educação libertadora, para uma sociedade justa e democrática, a universidades pública brasileira. Defendo como princípio, defendo suas finalidades, a sua organização democrática, o tripé que a sustenta: ensino, pesquisa e extensão. Defendo-a como produtora de conhecimento, como produtora de humanidades,

como produtora de profissionais em suas dimensões política, ética, técnica e humana. Defendemos como produtora de culturas, como produtora de ciência. Porém, ao anunciarmos a defesa, fazemos a crítica e denunciemos o que entendemos que pode ser transformado, em uma perspectiva do sonho-projeto de uma sociedade.

Essa realidade injusta, desigual, provoca o que Freire (1996) denomina de justa ira: “A minha raiva, minha justa ira, se funda na minha revolta em face da negação do direito de ‘ser mais’ inscrito na natureza dos seres humanos”. (FREIRE, 1996, p. 30) A raiva, a rebeldia, a desacomodação contribuem para a ampliação da leitura de mundo e nos mobilizam, como sujeitos, para a transformação. “É a ‘leitura do mundo’ exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das ‘situações-limites’, mais além das quais se acha o ‘inédito viável’”. (FREIRE, 1992, p. 51) Os inéditos viáveis são a materialização da práxis, nesta perspectiva humana.

É opção, é escolha uma práxis que defenda os direitos para todos/as, que defenda o respeito, que defenda uma sociedade justa, uma sociedade antirracista, uma sociedade feminista, uma educação libertadora. Uma universidade pública popular, laica, diversa e democrática. A utopia verdadeira de Freire (1996) anuncia uma crença incondicional no “ser mais”, na possibilidade de mudança na educação porque feita de sujeitos históricos, sujeitos da práxis. Sujeitos que se libertam em busca do “ser mais”, mobilizados/as pela utopia que esperança a transformação social necessária. (A esperança aqui usada como verbo, como ação concreta.)

Um dos meus sonhos é que toda Universidade pública no Brasil, que tenha um Curso de Licenciatura, tenha também um projeto de extensão ou um grupo de estudos ou um grupo de pesquisa que tenha como autor principal o Paulo Freire. Em minha análise, temos uma dívida histórica com o Paulo Freire, por causa de seu tempo de exílio, na ditadura militar. Por isso, temos que florificar<sup>34</sup> Paulo Freire nos Cursos de Licenciaturas.

---

<sup>34</sup> Também criamos essa palavra “florificar” pois implica uma práxis autêntica.

Pessoas que estão junto.

Adilson Caetano da Silva  
Adriana Regiane Gonçalves  
Andréia Heloisa Arantes  
Avani Maria de Campos Corrêa  
Clarice Carolina Ortiz de Camargo  
Daniele Lopes Ferreira  
Deborah Terezinha Conceição  
Denise Marques Moraes  
Emilene Julia da Silva Freitas Carvalho  
Fabiana Maria Mendes Dutra  
Gabriel Ribeiro Fajardo  
Ilda Constantin  
Ingrid Nunes Derossi  
Julliana Magalhães de Souza Barcelos  
Karen Garcia da Silva  
Laís Alice Oliveira Santos  
Lana Ferreira de Lima  
Leonardo dos Santos Gedraite  
Letícia Andrade  
Lídia Claudino Alves Vieira  
Lorrane Stéfane Silva  
Márcia Augusto de Lima Ramos  
Marília Freitas Araujo  
Maycow Corrêa Guimarães Dias  
Ricardo B de Matos  
Rogério de Castro Angelo  
Sandra Maria de Oliveira  
Shslayder Lira dos Santos  
Sílvia de Souza Silva  
Sonia Aparecida Faleiros Almeida  
Vinícius França de Sene

## Centenário Freireano Circulante

Imagem 8



Artista: Lana Maciel @quadrinhosamarelos

Esse evento surgiu do projeto de extensão denominado “Inéditos viáveis na formação de professores/as”, cadastrado no SIEX/UFU (21910), que cria o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF), da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia. O evento em si, denominado “Centenário Freireano Circulante”, também foi cadastrado no SIEX/UFU, sob o número de registro: 23160. Essas experiências inquietantes que vivemos na docência fazem brotar a nossa opção pelo compromisso com a consolidação da educação pública no Brasil. Isso nos provoca a estar em movimento. Não negamos, em alguns momentos, cansamos. Mas no encontro com o outro, conseguimos nos convencer da continuidade única de viver da forma em que “cada palavra e gesto pulsem um coração”, parafraseando Clarice Lispector (1999), conforme epígrafe do Memorial.

O Centenário Freireano Circulante teve como parceiros: o Programa de Pós-Graduação em Educação da PPGED/Faced/UFU; Coletivo de professores/as-artistas de Uberlândia; Instituto Federal do Triângulo Mineiro; Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional (Gepae); Observatório de Políticas Públicas (OPP-UFU); Instituto de Artes (Iarte-UFU); Proexc, Café com Paulo Freire; Fórum de Licenciaturas da UFU; Associação dos Docentes da Universidade Federal de Uberlândia (ADUFU); Projeto Sinalidade (UFRJ) e Unicamp.

Nessas parcerias, muitas ações foram desenvolvidas e o objetivo do projeto era esse mesmo, ou seja, construir uma agenda coletiva de comemorações do Centenário do Paulo Freire em 2021. Começamos com a descrição do Selo Comemorativo criado, o relato do Café com Pipoca, das Mesas Dialógicas, a VI Jornada Político-Pedagógica e Primavera Paulo Freire, a Revista Educação Popular e o Calendário.

### **Selo Comemorativo**

Primeira ação nossa, ainda em 2020, no final do ano, foi a criação de um selo comemorativo para o Centenário de Paulo Freire e os 105 anos de Elza Freire, para a UFU e a Unicamp. Nima e eu. A arte de Felipe. Escrevemos juntas um texto sobre o selo.

“A narrativa para esse texto, escrito a quatro mãos sob o signo da chegada do Sars-CoV-2, traz nas palavras uma nesga de dores de Brasil a pequenas alegrias cotidianas e latejam sonhos individuais e esperanças coletivas.

Palavras e imagens, iniciadas no ano passado. A ambiência para a sua feitura teve nas fotografias de Paulo e Elza Freire no *bureau* de casa as suas primeiras companhias... enquanto a casa se metamorfoseava em *home-office*, em meio ao *pandemonium* da pandemia.

Nós professoras, Nima Spigolon, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e Camila Lima Coimbra da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, demos continuidade a uma agenda institucional de parcerias, projetos e produções tendo como temática central as concepções de Paulo Freire, trabalho iniciado há mais de 15 anos.

Quando abrimos o primeiro documento para compartilhar a escrita, chávemas de café e a coloração âmbar da manhã de outono nos acompanhavam, cada uma na sua tela e na sua cidade, juntas pelos fatos político-pedagógicos que deixam de ser inexoráveis e assumem um caráter histórico. Por um lado, em 2020 a situação pandêmica do mundo, mas não só, agudizada por uma crise social, sanitária, humanitária e política no Brasil, e por outro lado, em 2021 as utopias do centenário de Paulo Freire (1921-1997) e dos 105 anos de Elza Freire (1916-1986).

Esse é um texto sucinto que narra a boniteza do encontro e se contrapõe à neutralidade de ser professora. As suas palavras são atravessadas pela necessidade de se posicionar acerca de Paulo Freire – um nome reconhecido nacional e internacionalmente, nesse momento de obscurantismo e de ataques à educação popular e pública representa.

É um texto emoldurado por uma pauta político e pedagógica que envolve o *metié* de se fazer professora. As frases e as imagens se manifestam no tocante às questões de gênero, raça- etnia e classe social que foram priorizadas nos últimos anos nas políticas afirmativas comprometidas em combater as desigualdades sociais. Professoras, letras, desenho que se ajuntam na resistência ao recrudescimento das forças conservadoras e da superação das crises instauradas no Brasil à custa de golpes a democracia.

A boniteza e a gentetude, entrelaçadas em projetos de formação humana por meio de uma arte da ciência, do respeito às diferenças e do engajamento com grupos excluídos e pouco valorizados socialmente o que nos remete, enquanto professoras e sujeitos históricos, a pensar que não apenas Paulo Freire deveria alcançar reconhecimento, mas ao mesmo tempo Elza Freire como professora, diretora de escola, educadora, mãe, mulher, esposa e companheira que esteve ao seu lado por mais de 42 anos, desde os primeiros tempos em Recife, Brasília, durante o exílio político brasileiro e no retorno ao Brasil para reaprendê-lo em 1980, até seu falecimento em 1896.

Narrativa de duas professoras inseridas na luta em defesa da educação comprometida com a vida, cuja práxis político-pedagógica trata da leitura da realidade. Epistemologicamente, à leitura do mundo precede a leitura da palavra. Portanto, leituras de mundo que antecedem as leituras das palavras, as releituras expostas no feminino em Paulo Freire que aqui se abstraem da face indiferente ou do negacionismo científico por meio das inúmeras contribuições recebidas por mulheres na produção de suas obras e de seu posicionamento ante a vida e a transformação das realidades; fato que fortalece a construção de sociedades mais dignas e amorosas tendo como partícipes os sujeitos, os grupos e as instituições democráticas e coletivas que se encontram nas fileiras contrárias ao preconceito e a discriminação, a violência e a censura.” (COIMBRA; SPIGOLON, 2021)

Eis alguns fragmentos dos princípios que orientaram nós duas, professoras Nima e Camila, na criação do selo<sup>35</sup> comemorativo ao Centenário de Paulo Freire e aos 105 anos de Elza Freire, materializado na arte de Felipe Menegheti.

---

<sup>35</sup> A CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP) em sua 349ª Reunião Ordinária, realizada em 16/12/2020, deliberou pela aprovação da Criação do selo comemorativo do Centenário de Paulo Freire e 105 anos de Elza Freire. A DIREÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, por meio de Decisão Administrativa, do dia 28/12/20 aprovou o Selo Comemorativo do Centenário de Paulo Freire e 105 anos de Elza Freire.

FIGURA 215a – Selo comemorativo do Centenário



Fonte: <https://www.fe.unicamp.br/portal-paulo-freire/2021>

“O selo marca por um lado a agenda das comemorações institucionais e em redes profissionais, acadêmicas, relacionais e freireanas no Brasil e no mundo. Por outro lado, o reconhecimento de Elza Freire na existência de Paulo Freire, ao contrário de diluir, aproximamos, reconhecemos e damos visibilidade às mulheres em uma sociedade patriarcal e machista como a brasileira. Uma escolha que representa a união, a presença no mundo com o outro.

Dois em um. Um em muitos. Muitos em dois. Trocadilho para acessar uma categoria fundamental para a compreensão do pensamento freireano: a ideia de um sujeito histórico, que se faz a partir e com suas experiências, formação, trajetória vivenciadas nas relações sociais, constituindo-se, assim, em cada identidade cultural presente na diversidade da realidade brasileira. Se assim somos, identificamos no pensamento de Paulo a presença, a convivência, a permanência, a influência da educadora Elza.

O selo apresenta o “reencontro” de Elza com Paulo, na comemoração, no reconhecimento, na historicidade de seus pensamentos e de suas práxis na concepção de um mundo menos desigual e de uma educação libertadora. Educação libertadora que não se faz com um, no singular, mas com gente, no plural. "Reencontro" na luta, na humildade, no amor, na esperança, na reflexão crítica e na confiança, mediatizada pelo diálogo. Nesse diálogo, a obra e vida de Paulo Freire são amalgamadas por Elza Freire. Encontramos, pois, a amorosidade de ambos a constituir esse legado humano, político e pedagógico. Ao reconhecer em Elza a presença de Paulo e em Paulo a presença de Elza, anunciamos, de fato, uma relação dialógica e dialética e, de direito, um conjunto de teorias e práticas no campo da transformação social. O selo, simbolicamente, representa a denúncia e o anúncio dialógico e utópico freireano, entre Elza e Paulo e entre eles e a humanidade.

O selo<sup>36</sup> é gratuito, democrático e público. Link para acesso e download <https://www.fe.unicamp.br/portal-paulo-freire/2021>

<sup>36</sup> Como citar: CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNICAMP. Deliberação n. 253, de 16 de dezembro de 2020. Deliberação pela aprovação da criação do selo comemorativo do centenário Paulo Freire e 105 anos de Elza Freire por Nima I. Spigolon e Camila L. Coimbra; arte de Felipe Menegheti. Campinas: FE-UNICAMP, 2020. Disponível em <https://www.fe.unicamp.br/portal-paulo-freire/2021>.

Ao fecharmos o documento para compartilhar a versão final, temos registros de um encontro em tempos virtuais para a escrita narrativa que propõe muitos encontros presenciais, pois as vacinas estão chegando e a primavera chegará.

As chávenas de café, de nós duas professoras, permanecem lá, agora vazias no canto das escrivaninhas, e a luz pálida do abajour marca as noites mais longas e os dias mais curtos de inverno. Assim, convidamos para esperar conosco rumo aos horizontes freireanos da utopia.

100 anos de Paulo e 105 anos de Elza, diferença cronológica, encontro atemporal, de presenças dialógicas e libertadoras nesse mundo.” (COIMBRA; SPIGOLON, 2021)

O selo apareceu em diversos meios de comunicação, dentre eles a Anped, a UFU e o G1.

FIGURA 215b – Divulgação do selo comemorativo



Fonte: Arquivo da Autora

O compromisso e a nossa intenção ao fazer o selo comemorativo era de enaltecer o Paulo Freire e suas relações, especialmente com sua primeira esposa, por ele reconhecida nos agradecimentos, mãe de seus filhos e filhas etc. Qual não foi a surpresa quando fui comunicada pela Nima, por e-mail, de uma carta que havia chegado ao Diretor da Faculdade de Educação, Renê, assinada por 28 (vinte e oito pessoas), com o seguinte pedido:

Fomos informados que a Congregação da Faculdade de Educação da UNICAMP aprovou, em 16 de dezembro de 2020, a criação de um selo comemorativo do centenário Paulo Freire juntamente com os 105 anos de Elza Freire.

Nesta carta sugerimos que a Congregação da FE-UNICAMP **pondere sobre a inconveniência de existir um selo de dupla homenagem Paulo-Elza** que pelo exposto acima, **dilui o caráter único e significativo** dos cem anos de Paulo Freire e sua obra - sem que isso signifique desconsiderar a importância de Elza.

Sugerimos que o selo criado pela Congregação da FE-UNICAMP seja direcionado a celebrações específicas, tanto com o objetivo de homenagear Elza - na data em que seria o seu aniversário – quanto com o objetivo de homenagear as demais mulheres que participaram diretamente da vida e obra de Paulo Freire. Neste caso, a presença de Nita Freire é de grande relevância, mas também podem ser incluídas outras referências, fazendo por exemplo, um grande movimento no dia internacional da mulher.

Mantemo-nos – como sempre se mantiveram Paulo Freire, Elza Freire e Nita Freire – prontos e disponíveis para dialogar.

Não esperava. Ficamos atônitas. A primeira pessoa que assina a carta é Alípio Casali, meu querido professor da PUC/SP, dentre outros por quem tenho muito respeito admiração e

carinho, mas não entendemos que o selo diluiria o caráter único e significativo de Paulo Freire. Pelo contrário, estaríamos com ele e ela; em um tempo de tanta misoginia, a figura da Elza seria agregadora, comporia com a comemoração do Centenário de Paulo Freire. A carta não chegou na UFU, apenas na Unicamp. Particpei da Congregação da Faculdade de Educação a convite e que decidiu não discutir a matéria pois o selo já havia sido aprovado. Levamos um susto, mas continuamos com nosso sonho em punho.

O Centenário Freireano Circulante (SIEX: 23160) foi cadastrado como um evento de extensão, com o objetivo de desenvolver ações para a participação da UFU nas comemorações do Centenário celebrado no mundo inteiro, e no nosso caso, tem como função específica **florificar** Paulo Freire em todos os espaços possíveis. Para pensarmos essa agenda do "Centenário Paulo Freire", além da articulação entre ensino, pesquisa e extensão (tripé que sustenta a universidade), ressaltamos quatro outros aspectos fundamentais que fundamentam as nossas proposições: o resgate da memória de Paulo Freire; a reflexão crítica de sua vida e obra; a denúncia e o anúncio (propor formas de enfrentamento à realidade, combatendo as injustiças e resgatando os direitos humanos); a análise da realidade, a partir da denúncia e do anúncio de proposições para a educação brasileira, em uma perspectiva freireana.

Nessa ideia de florificar Freire, a intenção era que fizéssemos uma ação todo mês, pelo menos. Que o Centenário Freireano Circulante fosse comemorado em círculos, em todos os meses do ano. Para isso, participamos de várias atividades e promovemos outras tantas. Esse movimento foi realizado pelo CEPF-UFU. A programação visual ficou com Gabriel e seu maravilhoso senso estético.

Muitos e muitas estiveram conosco nesse desenho: Programa de Pós-Graduação em Educação da PPGED/Faced/UFU; Faculdade de Educação, Eseba, Grupo de professores-artistas de Uberlândia; Grupo de Teatro Trupe de Truões; Instituto Federal do Triângulo Mineiro; Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional (Gepae); Observatório de Políticas Públicas (OPP-UFU); Instituto de Artes; Grupo de Pesquisa: currículo: questões atuais da PUC/SP; Café com Paulo Freire; Fórum de Licenciaturas da UFU; Unicamp, PROEX, Adufu-ss.

### **Café com Pipoca**

O Café com Pipoca fez parte do Centenário Freireano Circulante. Esta atividade que denominamos de Café com Pipoca foi uma parceria do CEPF-UFU com a Rede Internacional Café com Paulo Freire, que tem como Curadora Liana Borges.

A ideia dessa ação no Centenário Freireano Circulante surge como um Cine-debate, ideia de Gabriel Fajardo, para exibição da Série documental: "Paulo Freire, um homem do mundo", de Cristiano Burlan. A ideia foi ampliada pela Priscilla Bibiano, para o Café com Pipoca. Foram 5 (cinco) encontros. Um encontro para cada episódio do documentário. A cada encontro exibíamos o episódio do documentário e tínhamos um/a convidado/a para o debate. Foi uma atividade muito prazerosa. Pessoas de outras áreas participaram.

FIGURA 216 – Cartazes do Café com Pipoca I, II e III



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=46VEeiDvAMI&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7iIQ6qaK4z&index=30>

Em abril, é aniversário do Brandão, no dia 14. Esse foi um Café com Pipoca especial. Paulo Roberto Padilha, do Instituto Paulo Freire-SP, esteve presente e cantou músicas para o aniversariante. Fernanda Poletto também levou sua poesia. Foi nossa forma carinhosa de dizer parabéns; mesmo em tempos tão sombrios, que a arte, a sensibilidade e a solidariedade nos abracem.

FIGURA 217 – Cartazes do Café com Pipoca IV e V



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=GjiHJG-J7T4&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7iIQ6qaK4z&index=26>

Termino como Paulo Freire encerra o episódio 3 da Série Paulo Freire um homem do mundo<sup>37</sup>, de Cristiano Burlan.

Meu tempo de exílio foi um tempo de intensa aprendizagem, aprendi muito durante o exílio, não é fácil, é uma aprendizagem difícil porque você faz longe da sua realidade, do seu contexto, longe de sua família, de seus amigos, do cheiro do chão, da cor das nuvens, do gosto da comida e não é fácil a gente aguentar essa saudade grande. [...] A primeira coisa que eu aprendi no exílio era de que não é possível fazer juízos de valor para as culturas. Paulo Freire

Essa experiência do Café com Pipoca foi bastante interessante, pois aproximou um público que não era universitário. Pessoas de outras profissões e contextos participaram. Outra linguagem que convidou outras culturas a participarem conosco.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

## Mesas dialógicas

Criamos 6 (seis) Mesas Dialógicas Temáticas. A cada mês e a partir das sugestões do Círculo, fomos convidando as pessoas e organizando as Mesas Dialógicas. Uma das atividades planejadas para compor nossa agenda foi uma Mesa Dialógica em homenagem ao Dia Internacional da Mulher – 8M. Convidamos Nima, tendo em vista a sua parceria fundamental em nossa proposta coletiva, a sua trajetória de luta a favor da educação popular e seu trabalho como professora pesquisadora da vida e obra de Elza e Paulo Freire. Também convidamos para compor a Mesa Dialógica 1 “Mulheres em Freire” as professoras Simone Lee (Instituto Paulo Freire) e Tatiane Souza (UFU), no dia 8 de março, às 19h.

FIGURA 218 – Mesa Dialógica I



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

Nossas Mesas Dialógicas foram transmitidas pelo canal do Círculo de Estudos e Pesquisa Freireanos no *YouTube*. Fizemos o convite com Clarice Lispector, criação de Sônia. A mediação ficou em trio: Betânia, Daniele e Sonia.

“Do zero ao infinito vou caminhando sem parar. Mas ao mesmo tempo tudo é tão fugaz. Eu sempre fui e imediatamente não era mais. O dia corre lá fora à toa e há abismos de silêncio em mim. A sombra de minha alma é o corpo. O corpo é a sombra de minha alma.” Clarice Lispector.

A Mesa Dialógica 2 também aconteceu em março, dia 19, com o tema “Educação do/no campo e Paulo Freire”, com Isaura, Lilian, Salomão e Klívia, com a mediação do Rogério. Fizemos a Mesa II em parceria com o IFTM.

FIGURA 219 – Mesa dialógica II



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

A terceira Mesa Dialógica, em maio, teve como tema: “Teologia da libertação e Paulo Freire”, com a mediação de Gabriel, e a participação de Marcelo, Josenildo, Gabriel, Carlos, Enildo e Ana Cláudia.

FIGURA 220 – Mesa Dialógica III



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

A quarta Mesa Dialógica foi uma parceria do CEPF-UFU com o Observatório de Políticas Públicas (OPP-UFU). Definimos como tema “A participação do ISEB na construção da Universidade pública” e convidamos Caio Navarro de Toledo e Dirce Zan. Felipe foi o apresentador. Eu e Dani, as mediadoras.

FIGURA 221 – Mesa Dialógica IV



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

Na quinta Mesa Dialógica, escolhemos como tema: “Paulo Freire e a Educação Popular”. Uma parceria com o IFTM, em que participaram: Rita e Guilherme, e como mediadores: Rogério, Klívia e Lúcia Helena.

FIGURA 222 – Mesa Dialógica V



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

A última Mesa Dialógica desse ciclo do Centenário Freireano Circulante foi com o tema “Educação Básica e Paulo Freire”, com a participação de Líbia e Luciana, e mediação de Carlos e Gabriel.

FIGURA 223 – Mesa Dialógica VI



Fonte: <https://www.instagram.com/cepfreireanos/>

**Horas antigas.** Gabriel convidou um/a artista para a imagem de cada mesa dialógica. Alguns/as artistas são os/as mesmos/as do Calendário. Fazíamos uma vaquinha no Círculo todo mês para pagar os/as artistas.

### VI Jornada Político-Pedagógica e Primavera Paulo Freire

A Jornada foi uma parceria entre CEPF-UFU, Unicamp, Adufu e IFTM. A intenção era que ocorresse no mês do aniversário de Paulo Freire, em setembro, na primavera, mas tivemos que adiar a primavera para compor agendas e organizar a Jornada nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2021. Nossa intenção era juntar as Cátedras, o Instituto, o Centro Paulo Freire e as filhas. Para a Jornada, tivemos recurso do Edital PIAIEV/UFU.

FIGURA 224 – Mesa de abertura e Cátedras



Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=wD\\_YJCN84hw&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7ilQ6qaK4z](https://www.youtube.com/watch?v=wD_YJCN84hw&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7ilQ6qaK4z)

FIGURA 225 – Instituto, Centro e Fátima Freire



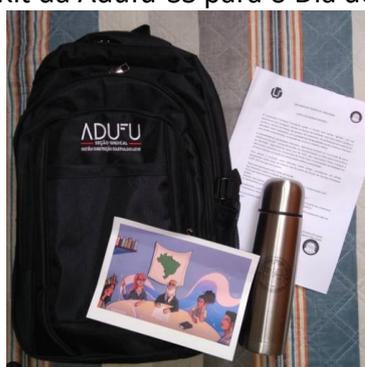
Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=wD\\_YJCN84hw&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7ilQ6qaK4z](https://www.youtube.com/watch?v=wD_YJCN84hw&list=PLVX8JvQ5GE5T6jFvrOhX-eK7ilQ6qaK4z)

A VI Jornada promoveu o encontro de muitas gentes que estudam Paulo Freire e isso nos proporcionou afetuosas aprendizagens. A proposta da Primavera do Centenário Freireano Circulante, um projeto de extensão da Universidade Federal de Uberlândia, inicialmente, foi pensada para setembro, quando nos deparamos com a quantidade de ações, rodas, círculos e atividades nacionais e internacionais no mesmo mês. Como a ideia era somar e não dividir...

Unimos e adiamos a primavera, no que já estava também previsto, que seria a VI Jornada político-pedagógica Paulo Freire, da Unicamp. Como tudo se transforma a partir da realidade, nesse momento, propusemos a junção das atividades no mês de outubro. Cada atividade foi nomeada com uma planta. As sugestões de plantas foram retiradas de: ANASTÁCIO, Ana Cristina Silva Amoroso; SANTOS, Morena Tomich (Orgs). SANTOS, Lídia Maria dos. (Coord). Guia de Plantas: flores do campo rupestre. Nova Lima (MG): CVRD, 2018. Como a ideia era florificar Paulo Freire, foram três dias com velame-do-campo, sempre-viva, quaresminha-de-lã, jasmin-do-mato, folha de serra e baririçó.

Também no mês de outubro, em comemoração ao Dia do/a Professor/a, a Associação dos Docentes da UFU (Adufu-SS) entregou um kit para todos/as os/as docentes filiados/as, com um cartão, uma mochila, uma carta e uma garrafinha com o selo comemorativo do Centenário Freireano Circulante.

FIGURA 226 - Kit da Adufu-SS para o Dia do/a Professor/a



Fonte: Arquivo da Autora

Como sexta Jornada, ao compor o projeto do Centenário Freireano Circulante, trouxemos a Primavera para florificar os encontros e as possibilidades. O movimento de receber, de forma remota, as 8 Cátedras, o IPF e o Centro foi importante nesse re-conhecimento de quem somos, o que fazemos em nossas Instituições. Iniciamos e finalizamos a proposta com o poema de Paulo Freire (2000) Canção óbvia:

É perigoso agir  
 É perigoso falar  
 É perigoso andar  
 É perigoso, esperar, na forma em que esperas,  
 porque esses recusam a alegria de tua chegada.  
 Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me,  
 com palavras fáceis, que já chegaste,  
 porque esses, ao anunciar-te ingenuamente,  
 antes te denunciam.  
 Estarei preparando a tua chegada  
 como o jardineiro prepara o jardim  
 para a rosa que se abrirá na primavera.

## Revista Educação Popular

A Revista de Educação Popular (REP) foi criada em 27 de novembro de 2001 como produto do Programa de Formação em Educadores Populares da PROEXC. Uma vez institucionalizada, a REP se tornou uma publicação da PROEXC/UFU e vem se consolidando como um meio de divulgação de possibilidades de transformações sociais, políticas, éticas e estéticas, pautada em orientações teóricas, filosóficas, científicas e artísticas que se contrapõem às práticas exclusivistas de produção de conhecimento e à hierarquia social dos objetos de estudo (Site da Revista).

A administração da revista e a aplicação de sua política e gestão ficam a cargo de uma Coordenadoria Editorial, de um Conselho Editorial e de um Conselho Consultivo, os quais adotam como referência propostas aprovadas pelo Conselho de Extensão (Consex), relativas à interlocução da Universidade Federal de Uberlândia com a sociedade.

Assim, fizemos um pedido, com justificativa, para a proposição de uma edição especial da Revista Educação Popular, em comemoração ao “Centenário Paulo Freire”. A ideia surge de dois projetos de extensão: “Inéditos viáveis na formação de professores/as”, cadastrado no SIEX/UFU (21910), que cria o Círculo de Estudos e Pesquisas Freireanos (CEPF), e outro, denominado “Centenário Freireano Circulante”, também cadastrado no SIEX/UFU, sob o número de registro: 23160.

A partir dessa origem, destaca-se que essa comemoração apresenta como intencionalidades: o resgate da memória de Paulo Freire; a reflexão crítica sobre sua vida e obra; a análise da realidade, a partir da denúncia e do anúncio de proposições para a educação brasileira, em uma perspectiva freireana. Frente a isso, compreendemos que a criação de uma sessão especial em comemoração ao Centenário de Paulo Freire justifica-se ao reconhecer a sua importância e distinção como Patrono da Educação Brasileira, conforme Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012.

Para a sessão especial, propomos como temática: “A práxis educativa em uma perspectiva freireana”. Mas em qual perspectiva? “O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano do concreto” (FREIRE, 1979, p. 15). Essa categoria está localizada na indissociabilidade freireana entre as ideias e a ação, pois a primeira condição para que um ser humano possa assumir um ato comprometido está na nossa capacidade de agir e refletir. “É exatamente esta capacidade de atuar, operar, de transformar a realidade de acordo com finalidades propostas pelo homem, a qual está associada sua capacidade de refletir, que o faz um ser da práxis” (FREIRE, 1979, p. 17).

Desta forma, inspiradas nas obras de Paulo Freire, a intenção era que tivéssemos artigos originais, resenhas, relatos de experiências e comunicados de pesquisa que discutam a práxis educativa em processos emancipatórios na formação e na profissão docente, além de identificar as contribuições de Paulo Freire para ações de ensino, pesquisa e extensão nas instituições educativas, em uma perspectiva de educação libertadora.

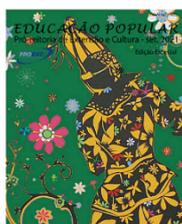
Para isso, anunciamos como proposição de objetivos da edição especial da Revista Educação Popular:

- propiciar uma aproximação ao seu pensamento de Paulo Freire, aberto à problematização e à reflexão crítica de educadores/as;

- refletir sobre temas relacionados à práxis freireana no contexto da complexidade do cenário político e educacional contemporâneo;
- contribuir para a formação de educadores/as como uma práxis transformadora da realidade;
- aproximar a realidade da educação libertadora e a práxis na formação e profissão docente.

Com essa justificativa e a parceria da Regina, fizemos a edição especial em 2021.

FIGURA 227 – Edição Especial da Revista Educação Popular



Edição Especial "A práxis educativa em uma perspectiva freireana" (ISSN 1982-7660) 2021

Edição comemorativa do centenário Paulo Freire. Os textos aqui dispostos discutem a práxis educativa em processos emancipatórios na formação e na profissão docente, além de identificar as contribuições de Paulo Freire para ações de ensino, pesquisa e extensão nas instituições educativas, em uma perspectiva de educação libertadora.

Fonte: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/issue/view/2191>

Eu e Nima fizemos um artigo de Introdução a essa Edição Especial que nomeamos Utopias compartilhadas. Escrevemos:

A partir dessas relações utópicas, em que partilhamos sonhos, afetos e desejos destaca-se como intencionalidades dessas comemorações em torno do Centenário: o resgate da memória de Paulo Freire; a reflexão crítica sobre sua vida e obra; a análise da realidade, a partir da denúncia e do anúncio de proposições para a educação brasileira, para a formação de professores/as em uma perspectiva freireana.

Frente a isso, compreendemos que a materialização de uma sessão especial da Revista Educação popular em comemoração ao Centenário de Paulo Freire, justifica-se ao reconhecer a sua importância e distinção como Patrono da Educação Brasileira, conforme Lei n. 12.612, de 13 de abril de 2012. (COIMBRA, SPIGOLON, 2021b)

E continuamos:

Para isso, anunciamos mais uma forma de com-memorar a importância de Paulo Freire em um movimento revolucionário de contraposição a um governo anti-democrático, como o que se instaurou no Brasil a partir de 2019, incluindo o golpe de 2016, com o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Resistir a esse projeto anti-democrático é outro princípio inspirador em Freire na atualidade, pois para ele "A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca — a mudança." (FREIRE, 1967, p. 97) E continua "ora, a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem (e na mulher). (FREIRE, 1967, p. 103).

Somos professores/as/educadores/as em processos de formação humana! Engajados na/com/para formação (humana, sensível e crítica) de formadores/as inseridos/as no compromisso social da Educação Pública. E assim, seres mais humanos, mais humanizadores.... mais gente!!!

Por acreditar na vida, no homem, nas mulheres, nas crianças, nos jovens, nas gentes que nos tornamos, somos seres também de esperança e de

construção de utopias, de sonhos, de inéditos viáveis. Desejamos uma boa leitura e sintam-se convidadas a uma práxis educativa revolucionária. (COIMBRA, SPIGOLON, 2021b)

As utopias compartilhadas perfazem esse caminho com. Com pessoas. Com pensamentos. Com práxis revolucionária. Com pares. Uma busca essencial ao ser mais: o outro.

### Calendário

O Calendário de 2021 foi eletrônico e em 2022, com o apoio do Hélder (Pró-reitor de Extensão), fizemos os calendários impressos. Cada mês com um artista diferente. Cada calendário foi enviado por Correio, acompanhado da carta transcrita abaixo.

FIGURA 228 – Calendário Freireano 2022



Fonte: Arquivo da Autora

O Centenário Freireano Circulante foi um projeto de extensão (SIEX 23160) desenvolvido em 2021 “que não tem hora e nem tem dia para acabar”. Existe e resiste com tantas “gentes”, em um movimento que conseguiu, mesmo na dureza da realidade, com esse cenário político e sanitário, mesmo na tristeza das perdas, do isolamento, do sentimento de ausência de liberdade, na crueldade das desigualdades sociais, tivemos e fizemos uma práxis revolucionária, no sentido de construir inéditos viáveis.

Por isso, em 2022, consolidamos o que fizemos mensalmente, em um calendário anual, para que possamos continuar as comemorações da radicalidade do pensamento freireano, na “convicção de que a mudança é possível”, na transformação, na conscientização, na “educação como prática da liberdade”.

A contradição da realidade nos convoca a pensar, repensar e reinventar a função/finalidade da universidade pública na atualidade. O diálogo talvez seja o lugar do pensar e re-existir como docentes, discentes e técnicos(as) administrativos(as) nesses tempos. Para isso, trazemos o trecho de uma poesia do Carlos César de Oliveira que faz parte do Círculo de Estudos Freireanos (CEPF-UFU) em que ele provoca:

“Num entrelaçamento entre visões de mundo

Que alimenta o sonho e o desejo de um mundo outro... Assim, por entre encontros e diálogos, implicados de amor e compromisso com gentes...

Criamos, (re)criamos, nos reinventamos...

E, coletivamente, produzimos e fazemos circular conhecimentos.”

Agradecemos a cada “gente” que contribuiu para essa forma circulante de comemorar e reconhecer a importância de Paulo Freire para a educação brasileira e convidamos todos/as a “Freirear<sup>38</sup>” no ano de 2022.

Que uma Universidade plural, diversa, inclusiva, laica e democrática seja cada um e cada uma de nós

FIGURA 229 – Calendário Freireano 2021



Fonte: Arquivo da Autora

As imagens do Calendários (2021 e 2022), criadas por artistas, foram pagas com a “vaquinha solidária” que fizemos. Cada mês uma nova vaquinha e uma nova imagem. Tivemos a participação de muitas pessoas que contribuíram, por isso, disponibilizamos os Calendários em nossas redes sociais. Para dar um sentido também estético a esse movimento do Memorial, usei essas imagens como abertura da Parte II. Uma maneira de abrir o caminho de forma freireana, que carrega um tanto de gentes junto.

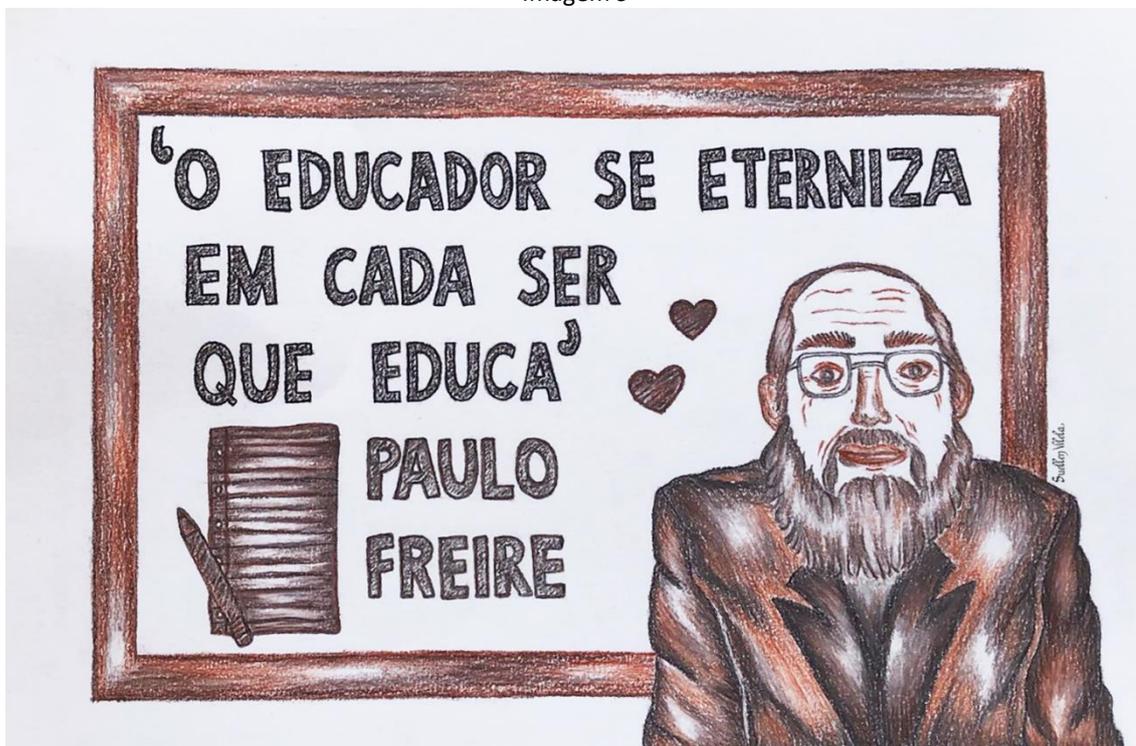
<sup>38</sup> Criamos o verbo para indicar a ação que Freire nos implica, na perspectiva da luta, da busca da educação libertadora.

## Pessoas que estiveram junto

Alessandro Rodrigues Pimenta (UFT)  
Alexandre Saul (Universidade de Santos - Unisantos)  
Ana Cláudia  
Ana Maria Saul (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP)  
Anderson Alencar (Universidade Federal do Agreste de Pernambuco - UFAP)  
Ângela Biz Antunes (Diretora Pedagógica)  
Caio Navarro de Toledo  
Carlos César de Oliveira  
Daniele Lopes Ferreira - CEPF-UFU  
Débora Mazza - FE/UNICAMP  
Enildo Gouveia  
Felipe Jabali Marques  
Fernando Conde (Universidade Federal de Viçosa - UFV)  
Gabriel Ribeiro Fajardo  
Guilherme Gitahy de Figueiredo (CEST - UEA).  
Hélder Eterno da Silveira  
Isaura Maria Ferreira  
Ivanilde Apoluceno de Oliveira (Universidade Estadual do Pará – UEPA)  
Josenildo Nunes de Oliveira  
Karina Klinke - ADUFU-UFU  
Klivia de Cassia Silva Nunes  
Líbia Busquet  
Lilian Oliveira Rosa  
Lúcia Helena dos Santos Oliveira (IFTM).  
Luciana Mello Ribeiro (Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA)  
Luciana Muniz  
Marcelo Barros  
Maria de Fátima Freire  
Maria Eliete Santiago (Universidade Federal de Pernambuco – UFP)  
Maria Erivalda dos Santos Torres (Presidenta)  
Maria Simone Ferraz Pereira - UFU  
Monica Lopes Folena Araújo (Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRP)  
Nima Spigolon (Unicamp)  
Paulo Roberto Padilha (Diretor Pedagógico)  
Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça - CEPF-UFU  
Rita de Cassia Domingues Lopes (UFT);  
Rogério de Castro Ângelo  
Salomão Antonio Mufarrej Hage  
Sônia Aparecida Faleiros Almeida - CEPF-UFU

## Exposição Paulo Freire 100+

Imagem 9



Artista: Suellen Vilela @uai\_suellen

Quando estávamos planejando o Centenário Freireano Circulante, tínhamos o desejo de fazer com que diversas linguagens e formas de ler e viver Paulo Freire estivessem presentes. Nesse sentido, convidei a Guilhermina, minha colega-companheira desde a Católica e artista, para pensar em algo para homenagear Paulo Freire. Ela fazia parte do Coletivo Professor-Artista/Polo UFU Arte na Escola/DIREC/PROEXC/UFU. A partir do convite, fizeram o Projeto. Chamaram de “Projeto 100 anos de Paulo Freire.”

Após estudos e conversas entre estes dois grupos (CEPF e Coletivo Professor-artista), chegou-se a um trabalho que dialoga com diferentes conceitos presentes na obra de Paulo Freire, criando uma interferência no ambiente por meio de uma instalação artística. Esta instalação poderia ser colocada em diferentes *campi* da Universidade, ou seja, uma instalação itinerante.

Para este trabalho foram criados 21 “dispositivos de ver”, construídos com tubos e conexões de PVC, dispostos em um círculo medindo aproximadamente 8m de diâmetro. Os “dispositivos de ver” foram 21 tubos de 100 mm, com altura entre 1m e 1,5m, dispostos na vertical e conectados na base a outros tubos também de 100mm, na horizontal, por meio de conexões do tipo T que foram fixados ao chão. Estiveram dispostos em formato de um círculo, e tiveram na sua ponta superior uma conexão chamada Joelho.

Na parte interna do Joelho há uma imagem, criada por artistas visuais do Coletivo Professor-Artista, que pode ser observada se o espectador se aproximar do “dispositivo” e direcionar o seu olhar para a abertura curva do PVC. Estes Joelhos estão voltados para o lado externo do círculo. Já na parte interna do círculo, em cada “dispositivo” esteve plotada uma frase ou um conceito elaborado por Paulo Freire, a partir da criatividade de cada artista.

Nessa instalação, o total de 21 “dispositivos de ver” remetem ao ano, e a forma circular remete aos Círculos de Cultura. A abertura em cujo interior está a imagem acessa a ideia de curiosidade. O Joelho com a abertura voltada para o exterior diz respeito ao pensamento freireano de ampliação do olhar. A verticalidade dos tubos foi pensada como resistência, sustentação, e as diferentes alturas que formam os “dispositivos de ver” provocam o espectador a sair de sua zona de conforto. Assim, este trabalho se complementa no exercício de imagens e frases freireanas. Uma forma estética e ética de diálogo do Coletivo Professor-Artista com a proposta do CEPF-UFU.

Projeto pronto, fomos criar as formas objetivas de sua realização. Primeiro os materiais, para o que tivemos o apoio da Faculdade de Educação, da Proex e do Coletivo Professor-Artista. Com a pandemia e o isolamento necessários, não conseguimos viabilizar a Exposição em 2021, e sim em 2022.

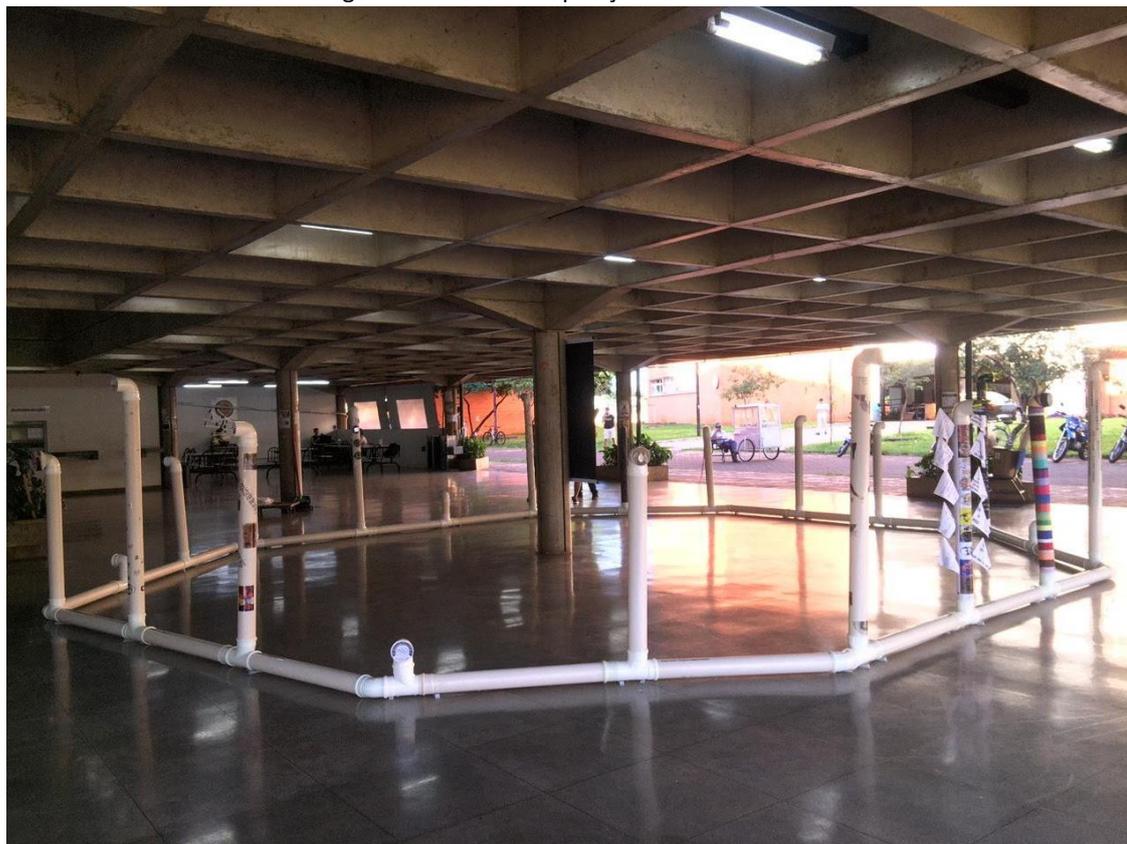
FIGURA 230 – Logo da Exposição Paulo Freire 100+



Fonte: Felipe Menegheti



Imagem 10 – Foto da Exposição Paulo Freire 100+



Autora: Arquivo da Autora

## Experimentações

Imagem 11 – Fotos das experimentações das/os artistas



Experimentações das/os Artistas/os



Fonte: Arquivo da Autora



Imagem 12 – Artista: Maria Guilhermina

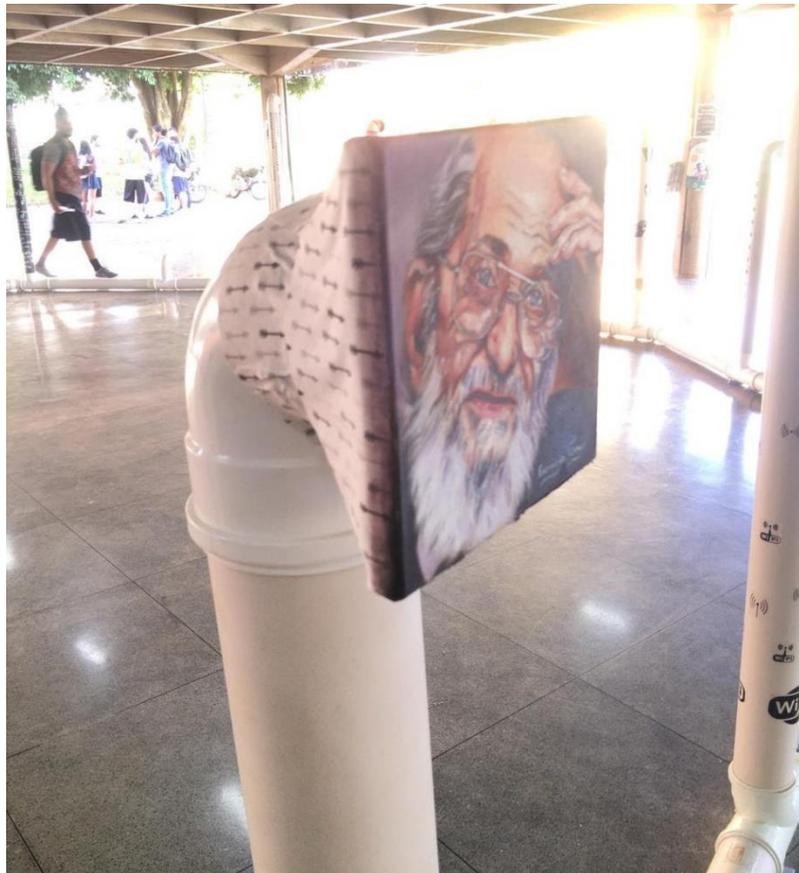
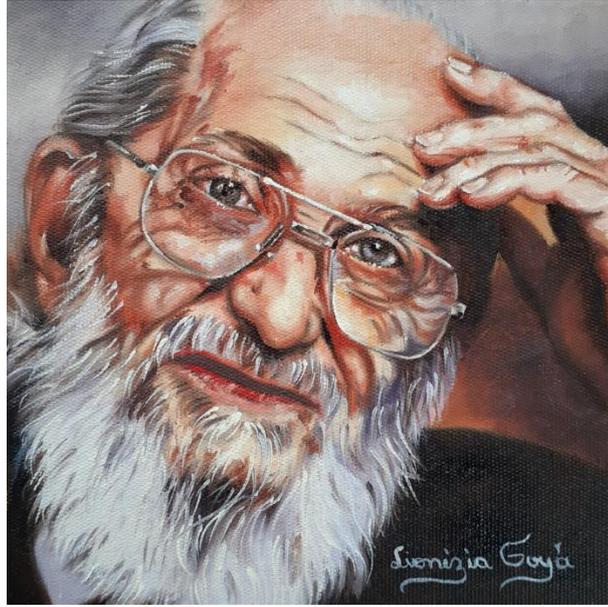


Imagem 13 – Artista: Lionizia Goyá

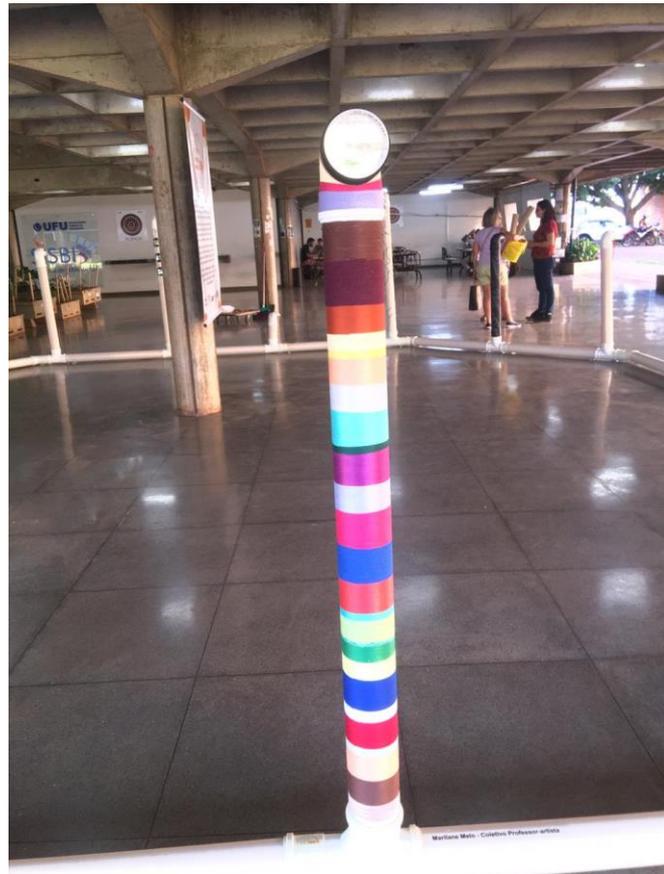


Imagem 14 – Artista: Marilane Melo



Imagem 15 – Artista: Osvanda Guerra

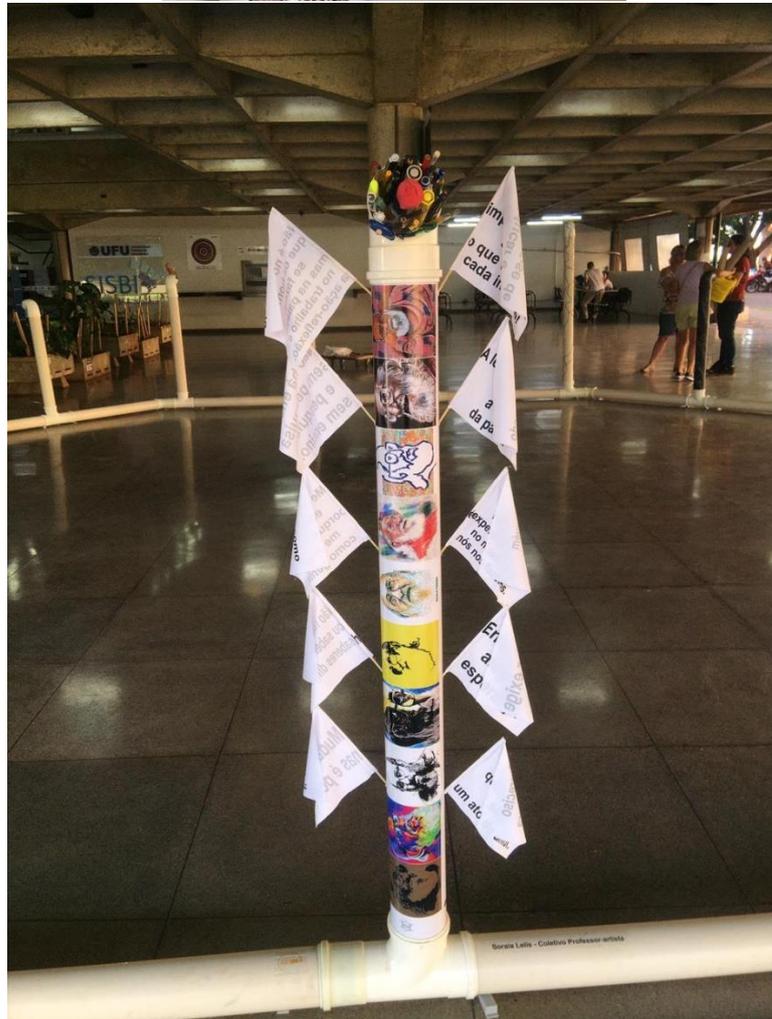


Imagem 16 – Artista: Soraia Lelis



Imagem 17 – Artista: Marileusa Reducino



Imagem 18 – Artista: Maria Rosalina Pereira



Imagem 19 – Artista: Silvana Rocha

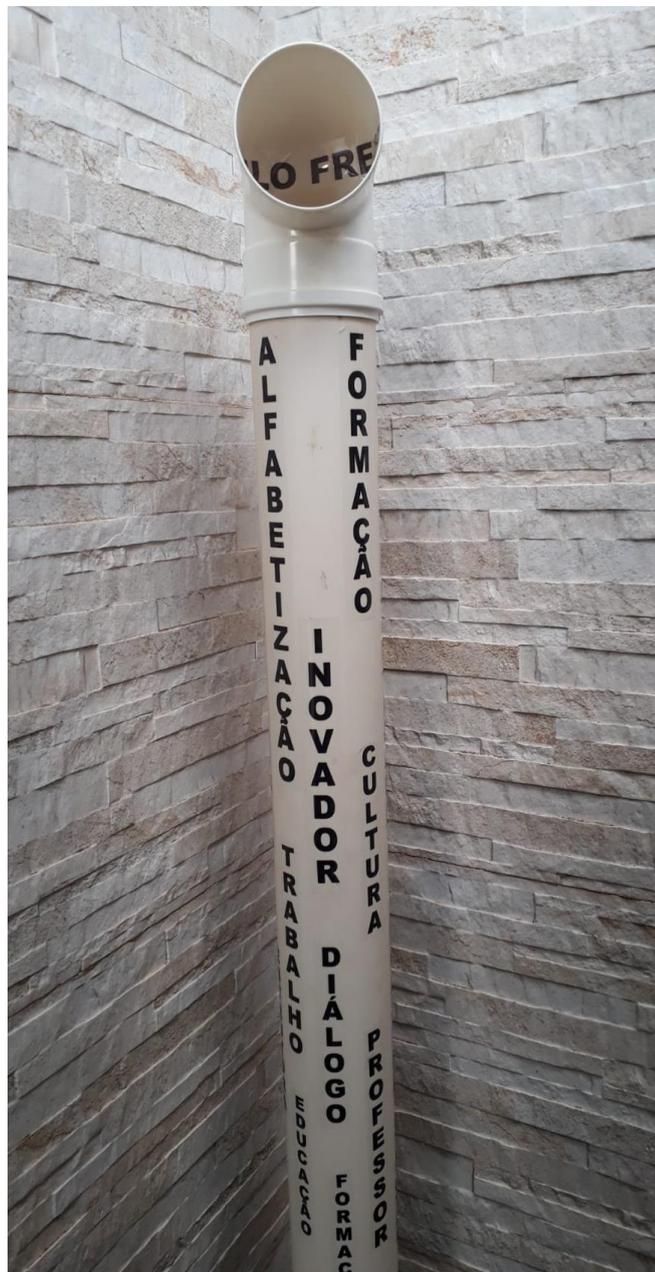


Imagem 20 – Artista: Sergio Naghettini



Imagem 21 – Artista: Alexandra Cardoso



Imagem 22 – Artista: Léa Zumpano



Imagem 23 – Artista: Cristiane Rocha



Imagem 24 – Artista: Eliane Tinoco



Imagem 25 – Artista: Iris Avelar



Imagem 26 – Artista: Maristela Bigulin



Imagem 28 – Artista: Mara Rúbia Coli



Imagem 29 – Artista: Ana Issa Barcelos

Para encerrar essa boniteza, escrevi uma carta com vários agradecimentos às pessoas que foram fundamentais para a existência da Exposição Paulo Freire 100+.

“Para fazer sentido para esse dia e esse momento, inicio com as palavras de Paulo Freire

O que importa é que somos seres, de tal maneira constituídos, que o presente, o passado e o futuro nos enlaçam. A minha tese, então, é a seguinte não pode existir um ser permanentemente preocupado com o vir a ser, portanto, com o amanhã, sem sonhar. É inviável. Sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar, significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã. (Paulo Freire)

Esse sonho, projetado em 2021, materializa-se no dia de hoje, 20 de outubro de 2022, com a participação de muitas gentes que eu gostaria-precisaria de agradecer.

À Faced, em nome de nossa diretora Professora Maria Simone e do Leonardo de Carvalho Bragança, nosso técnico que sonhou junto, que sempre tinha um “vou pensar” como resolver isso. Obrigada!

À Proex, que o Professor Helder também sonhou junto, com a escuta sensível, com as possibilidades em termos institucionais de realização dessa Exposição. Obrigada!

À nossa Biblioteca, na pessoa da Maíra, que teve tempo de me enviar um e-mail agradecendo a nossa parceria. Sendo que quem teria que agradecer, seria eu. Obrigada. Ao Guilherme e ao Lucas pela disponibilidade.

Às Diretoras das Escolas Municipais Dr. Joel Cupertino Rodrigues e Prof<sup>a</sup> Maria Leonor Barbosa de Freitas pelas liberações das artistas Osvanda, Maristela e Sérgio.

Ao Gabriel e Felipe que foram comigo nessa jornada. Companheiros de ideias e ações. Obrigada!

A minha amiga Maria Guilhermina que brilhou os olhos quando dividimos esse sonho que se tornou sonho de muitos e que em sua pessoa, agradeço a cada um e cada uma do Coletivo Professor-Artista/Polo UFU Arte na Escola/DIREC/PROEXC/UFU que fez o inédito viável acontecer. Meu carinhoso agradecimento.

Ao Grupo de Dança – Balaio de Chita que ensina a gente a dançar com os olhos, com as mãos e ... quando a gente vê, dança junto. Obrigada!

Ao CEPF, meu par perfeito nesse mundo. Obrigada!

Ao assumir esses objetivos de florificar Paulo Freire por aí, essa Exposição abre mais um espaço, mais uma possibilidade de conhecer Paulo Freire pelo olhar sensível de artistas-professores e professoras.

Ao encerrar, quero apenas registrar que a decisão que tomamos pelo espaço aberto, no saguão da Biblioteca do Campus Santa Mônica da UFU, foi uma escolha política, tentando materializar os princípios freireanos, em um lugar de conhecimento, com mais possibilidade de mais pessoas verem. Um espaço aberto e democrático. Convidamos todas as escolas municipais de Uberlândia e esperamos que essa Exposição seja mobilizadora de muitos/as estudantes da Educação Básica, para além dos nossos, de conhecer Paulo Freire. Que ela consiga curiosar as pessoas em conhecê-lo melhor. Que essa curiosidade se transforme no

belo. Em relações mais sensíveis, humanas e solidárias. Desejo bons tempos de curiosidade na Exposição.

A impossibilidade de fazer a Exposição Itinerante fez com que o desejo de florificar por aí permanecesse em nós. Quem sabe um dia... Não precisa ser apenas na comemoração do Centenário. Que tenhamos a oportunidade do encontro, de apreciar o belo, de sentir com o olho. Obrigada artistas. A proposta não poderia ter florificado mais, ter sido mais freireana do que o que foi criado por vocês. Nosso amoroso agradecimento e sentimento de que continuaremos juntas em Freire.

Pessoas que estiveram junto:

Adriana Regiane Gonçalves  
Avani Maria de Campos Corrêa  
Carlos César Oliveira  
Clarice Carolina Ortiz de Camargo  
Daniele Lopes Ferreira  
Danilo Augusto da Silva Horta  
Deborah Terezinha Conceição  
Denise Marques Morais  
Emilene Julia da Silva Freitas Carvalho  
Felipe Menegheti  
Gabriel José Mendes Almeida Peixoto  
Gabriel Ribeiro Fajardo  
Ilda Constantin  
Iris Eliane de Avelar  
Jefferson de Oliveira Guerreiro Filho  
Julliana Magalhães de Souza Barcelos  
Kátia Gisele de Oliveira Pereira  
Laís Alice Oliveira Santos  
Lana Ferreira de Lima  
Lana Issa dos Santos Barcelos  
Léa Carneiro de Zumpano França  
Letícia de Paula e Silva Andrade  
Lionizia Goyá (Lionizia Pereira Martins)  
Lorrane Stéfane Silva  
Mara Rúbia de Almeida Colli  
Maria Guilhermina Coelho De Pieri  
Maria Rosalina Souza Pereira Miguel  
Marilane Costa Leles Melo  
Marileusa de Oliveira Reducino  
Marília Freitas Araújo  
Maristela Bigulin  
Maycow Corrêa Guimarães Dias  
Mônica de Faria e Silva  
Natália Mendes  
Nathália Borges Vieira  
Osvanda Maria Ferreira Guy  
Polyana Aparecida Roberta da Silva

Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça  
Rogério de Castro Ângelo  
Sandra Maria de Oliveira  
Sergio Naghettini  
Shslayder Lira dos Santos  
Silvana Rocha de Souza  
Sílvia de Souza Silva  
Sonia Aparecida Faleiros Almeida  
Soraia Cristina Cardoso Lelis  
Vinícius França de Sene

### Posso te falar do meu sonho?

O meu sonho fundamental é o sonho pela liberdade que me estimula a brigar pela justiça, pelo respeito do outro, pelo respeito à diferença, pelo respeito ao direito que o outro tem e a outra tem de ser ele ou ela mesma. (Verbete: Sonho, Paulo Freire)

Desse lugar, de onde o céu molha o chão, do interior de Minas Gerais, das experiências e histórias que me constituem como professora, como pessoa, como um ser em busca de ser mais, em busca de sonhos, retomo a citação de Freire já realizada, “sonhar aí não significa sonhar a impossibilidade, mas significa projetar, significa arquitetar, significa conjecturar sobre o amanhã” (Freire, 2020). Projetar também significa esperar. Reproduzo também o trecho de inspiração do bonsai, na disciplina de PEF, para identificar as aproximações entre o sonho e a esperança, categorias fundamentais para a minha constituição e ação como professora.

Eu não posso desistir da esperança porque eu sei, primeiro, que ela é ontológica. Eu sei que não posso continuar sendo humano se eu faço desaparecer de mim a esperança e a briga por ela. A esperança não é uma doação. Ela faz parte de mim como o ar que respiro. Se não houver ar, eu morro. Se não houver esperança, não tem por que continuar o histórico. (FREIRE, 1993b)

Esperançar é respirar. Esperançar é se ver e fazer na história. Esperançar é vital. Sonhar é vital. Sonhar e esperançar fazem parte da experiência vital em uma perspectiva freireana. Como aponta Freire em *Educação como prática da liberdade*, (citado também na definição do Portal do Bicentenário)

Entendemos que, para o homem [e a mulher], o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem [e a mulher], ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é. (FREIRE, 1967, p. 39, grifo nosso)

O ser humano, um ser de relações, de comunicação, histórico, cultural, um ser da práxis, um ser inacabado que com o mundo cria a sua história. Um ser de possibilidades. Um ser condicionado, mas não determinado. A história não acontece, a história a gente faz. Por isso, nessas considerações finais, com a pergunta título: posso te falar do meu sonho? Também busquei citações já anunciadas no Memorial para reafirmar de que constituem também meus sonhos.

O essencial como digo mais adiante no corpo desta Pedagogia da esperança, é que ela, enquanto necessidade ontológica, precisa de ancorar-se na prática. Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 1992, p. 5, grifo nosso)

Essa âncora, na prática, indica que não pode ser no discurso, mesmo que esperançoso, é na práxis, só assim se tem a concretude histórica necessária. Esse conceito da esperança em Freire é importante para compreendermos como transformar a realidade. A transformação não está localizada na teoria, na abstração, nas ideias, mas com elas, está na práxis.

Como desembutir a teoria de dentro da prática? Como perceber a relação entre o que pensamos e o que fazemos na práxis educativa? Como ampliar a nossa leitura de mundo? Essas perguntas nos convidam a outra categoria freireana que consideramos fundamental: a utopia. Compreendendo “a utopia como a unidade, inquebrantável entre a denúncia e o anúncio” (FREIRE, 1987, p. 42).

Utopia, para Freire, não é abstração, é realidade concreta. É a indignação provocada pelas injustiças, pelo desrespeito, pela retirada de direitos, pela opressão que nos provoca a denunciar para identificar as possibilidades concretas de anúncio na realidade. “Denúncia de uma realidade desumanizante e anúncio de uma realidade em que os homens [e mulheres] possam **ser mais**. Anúncio e denúncia não são, porém, palavras vazias, mas **compromisso histórico**” (FREIRE, 1987, p. 42, grifo nosso).

Categorias que vão se imbricando para a compreensão da realidade, da nossa leitura de mundo. “A **utopia**, porém, não seria possível se faltasse a ela o **gosto da liberdade**, embutido na vocação para a humanização. Se faltasse também a **esperança** sem a qual não lutamos” (FREIRE, 1992, p. 51, grifo nosso). Utopia exige liberdade. Utopia mobiliza o ser mais. Utopia, agarrada à esperança e ao sonho, liberta.

E finalmente, no livro *Pedagogia da autonomia*, livro que considero de síntese exigente do pensamento de Paulo Freire, diferencia:

É que lido com gente. Lido, por isso mesmo, independentemente do discurso ideológico negador dos sonhos e das utopias, com os sonhos, as esperanças tímidas, às vezes, mas às vezes, fortes, dos educandos. Se não posso, de um lado, estimular os sonhos impossíveis, não devo, de outro, negar a quem sonha o direito de sonhar. Lido com gente e não com coisas. (FREIRE, 1996, p. 53)

E onde acontece a relação entre essas categorias? No sonho, na práxis, na utopia humana. “Inserção crítica e ação já são a mesma coisa. Por isto também é que o mero reconhecimento de uma realidade que não leve a esta inserção crítica (ação já) não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, precisamente porque não é reconhecimento verdadeiro” (FREIRE, 1987, p. 21). A transformação surge dessa criticidade na leitura de mundo freireana, ancorada ao (no) projeto (sonho) do que esperamos para a educação, para a práxis educativa e para a nossa sociedade.

Na entrevista que fizemos com Fátima Freire, durante o Centenário Freireano Circulante, ela diz:

Então, o meu primeiro trabalho na formação, para uma educação transformadora, reflexiva, é justamente o acordar essa criança interna. É muito bonito, porque o que segue num segundo momento nesse processo de formação, como eu concebo, é devolver a pessoa a ela mesma [...] Ao não separar o teórico do prático. Ao não separar o teu desejo e a forma que você está no mundo, você faz impacto no corpo do outro. [...] Ou seja, na verdade, o mais importante, que eu descobri ao longo desses anos, é que não importa a intensidade de seu desejo, **você não ensina a desejar, tu vives**. [...] Você está tão presente, você vive com tamanha intensidade aquilo que você acredita, aquilo que você está querendo construir que aquilo fica no corpo do outro, não tem como não ficar. (FREIRE, 2021)

Viver é o testemunho de sua teoria do fazer, de sua práxis. Fátima transpira essa ideia de que “quem ensina marca o corpo do outro”, quando diz da presença, de sua inteireza no processo. De sua busca pela coerência, mesmo ciente de sua contradição. Não separar as coisas. Talvez seja essa a aprendizagem desse movimento: juntar. Estar junto.

Ao ler o verbete *Utopia*, do *Dicionário Paulo Freire*, escrito por Ana Lúcia Souza de Freitas, reescrevo:

Utopias geram desequilíbrios, revoluções, tensões, consciência da falta: **põem fogo no desejo**. Desejo que é fome de ultrapassagem e transcendência, tensão escatológica pelo que está por vir e que, já estando aí, está em plenitude. É, pois, a esperança no presente que gera a categoria freireana do inédito viável.

Utopia é da vida humana, com a intensidade que merecemos. Viver jabuticabeira (FREIRE, 1993b) não é nada freireano. Viver freireanamente é viver com paixão, com desejo, com consciência, com luta, em uma práxis revolucionária. Mesmo que as mudanças não sejam vistas em nosso tempo existencial.

Também aprendi isso com a Luiza Erundina, deputada federal pelo PSOL (quando prefeita de São Paulo, convidou Paulo Freire para ser Secretário de Educação). Em um programa de entrevista<sup>39</sup>, diz:

Por que eu resisto? Como tenho energia para isso? Porque eu sonho. Tenho sonhos. E sonho não envelhece. Sonho não morre. O sonho é maior do que uma vida. O sonho que cabe dentro de uma vida, por mais longa que ela seja, deixa de ser sonho. O sonho tem que ser algo que extrapole o teu tempo de vida no planeta. Que seja capaz de inspirar, de contagiar outras gerações (...) (ERUNDINA, 2019)

Penso que seja assim, por isso somos constituídas de pessoas e sonhos. A minha constituinte professora é inteirinha de gentes e sonhos. O sonho faz a gente remexer, sair de um lugar acomodado, jabuticabeira (FREIRE, 1993b). Faz a gente viver no desejo, na esperança e na luta por uma educação pública libertadora, por uma sociedade justa.

Eu acho que não é possível existir humanamente, sem sonhos, sem utopias, sem sonho enquanto projeto, enquanto programa, enquanto curiosidade, enquanto querer ser diferente. Esses discursos que falam na morte dos sonhos, das utopias, são os mesmos que dizem que a história se acabou, são os mesmos que dizem que as classes sociais sumiram, mas que nós continuamos como classes sociais, continuamos com lutas de interesses entre interesses diferentes, antagônicos e continuamos a precisar dos sonhos. (Verbetes: Sonho, Paulo Freire)

Enquanto houver uma criança com fome, enquanto houver uma criança sem vaga na Educação Infantil, enquanto houver um adulto analfabeto, enquanto não houver uma universidade pública para todos/as, vamos precisar continuar a sonhar. Sonho pela liberdade. Sonho pela justiça. Sonho pelo respeito. Sonho pelo direito.

Meu sonho não cabe aqui. Meu sonho não acaba. O exercício de escrever sobre essa trajetória de identidades, de reconhecimento da minha constituição, da assunção do outro, como um

<sup>39</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2413699965576469> Acesso em: 21 fev. 2023.

ser de relações, da teoria do fazer que me percorre, como uma sonhadora pragmática, busca a pergunta título do Memorial: Posso te falar do meu sonho? São vários. Conteí alguns aqui. Mas assim como sou constituída de gentes, também sou constituída de sonhos.

As categorias freireanas são constitutivas desses sonhos. Na práxis está a possibilidade da construção da consciência crítica para a libertação. É ação e reflexão. A práxis exige a dimensão dialética, de que tantos outros conceitos fazem parte. Um conceito ontológico, epistemológico e metodológico de objetivar a transformação, à medida que ela se adjetiva como práxis revolucionária.

Ao usar o termo freireano de uma práxis revolucionária, não tem arrogância, mas, sim, humildade. Pretende ser revolucionária porque escolhe a favor de quem luta, porque respeita a identidade do sujeito e produz transformação. O movimento dialético desses momentos de uma trajetória docente remexida cria inéditos viáveis, busca a materialização dos princípios, do sonho, da utopia, da esperança, em ações.

Espero que tenha conseguido ser leal, amorosa e honesta na recriação de minhas memórias, sem ferir as memórias de outros, mas recriando o vivido, seus significados e sentidos em minha existência na docência. Honesta, comprometo-me que fui. Escrevi cada linha desse Memorial. Com o que penso e o que faço. Os momentos “horas antigas” criei para que fosse uma forma amorosa de humanizar essa trajetória, contado as histórias. E leal busquei ser, à medida que meus princípios foram declarados como materialização de uma práxis.

Espero que tenha compreendido (eu e você que me lê), que o “pensar certo” freireano significa a conscientização de nosso incabamento, quando assim compreendemos, a busca do ser mais parece se transformar na utopia-caminho, para o sonho-projeto, agarrada na esperança (vital para o ser político não-jabuticabeira).

Espero que as “arapucas da memória” não tenham fragilizado o espaço da criação, do compromisso ético e estético de demonstrar, em minha trajetória, como sou professora por escolha. Recriar esse espaço da docência, remexer esse espaço da docência, faço com gentes (pares) e com a reflexão que não me permite desistir dos sonhos.

Espero que os sonhos que alimento consigam encontrar nos sonhos de quem está comigo, a busca de uma leitura freireana que nos convida a essa práxis revolucionária. Não quero ler apenas para conhecer, mas para mudar, mesmo que sejam as mudanças possíveis, os inéditos viáveis porque meus sonhos são maiores que a minha existência. Minha vida é curta para as suas realizações. Mas acredito que o que faço seja importante no processo de mudança, por isso existo. No sonho. Com gentes. Com contradições. Mas numa resistência sonhadora de uma sociedade justa, humana, democrática, plural, diversa, antirracista e feminista.

## Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia M. T. A trajetória de um grupo de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. *Revista E-Curriculum*, São Paulo, v. 2, n. 2, jun. 2007. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/3186-Texto%20do%20artigo-7212-1-10-20100709%20(1).pdf Acesso em 14 de fevereiro de 2023.
- ABRAMOWICZ, Mere. Apresentação. In: COIMBRA, Camila Lima; POSSANI, Lourdes de Fátima Paschoaletto; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Qualidade em educação*. Curitiba, PR: CRV, 2011. (Série Currículo: questões atuais, v.4).
- ABRAMOWICZ, Mere. Apresentação. In: COIMBRA, Camila Lima; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Reflexões sobre práticas docentes de qualidade no ensino superior*. Curitiba, PR: CRV, 2013. (Série Currículo: questões atuais, v. 5).
- ABRAMOWICZ, Mere. Prefácio. In: COIMBRA, Camila Lima; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa; ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires (org.). *A construção do saber docente por bacharéis no ensino superior: desafios de uma formação*. Curitiba, PR: CRV, 2015. (Série Currículo: questões atuais, v. 6).
- ABRAMOWICZ, Mere. Prefácio. In: ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Janelas para o mundo: olhares sobre o currículo em tempos de pandemia*. São Paulo: Papo Educador, 2020. p. 18-23. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/Livro-Janelas-pdf-baixa.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.
- ALMEIDA, N. S.; COIMBRA, Camila Lima. Avaliação discente. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro (org.). *Revolucionando a docência universitária: orientações, experiências e teorias para a prática docente em negócios*. São Paulo: Atlas, 2018. v. 1, p. 59-82.
- ALVES, Rubem. *Na morada das palavras*. Campinas: Papirus, 2003.
- ANASTÁCIO, Ana Cristina Silva Amoroso; SANTOS, Morena Tomich (Orgs). SANTOS, Lídia Maria dos. (Coord). *Guia de Plantas: flores do campo rupestre*. Nova Lima (MG): CVRD, 2018.
- ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (org.). *Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. 8. ed. Joinville, SC: UNIVILLE, 2009.
- ARAÚJO, Guilherme Silva. *Programa Bolsa Família e o trabalho de crianças e adolescentes: limites e alcances*. 2009. Dissertação (Mestrado em Economia) - Programa de Pós-Graduação em Economia, Instituto de Economia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.
- ARROYO, Miguel G. *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Monica Castagna (org.). *Por uma Educação do Campo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos e interculturalidade hoje: desafios para a educação. *In: CANDAU, Vera Maria; SACAIVINO, Susana (org.). Educar em tempos difíceis: construindo caminhos*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

CARDOSO, Lavine Rocha; REIS, Delma. *Diário de Bordo*. Material Didático. Faculdade Católica de Uberlândia, Uberlândia, 2003

CHELOTTI, Marcelo Cervo. (Org) *Diálogos do Pibid com as escolas do/no campo*. Ituiutaba: Barlavento, 2016, 428 p. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19827/1/E-book%20vers%c3%a3o%20definitiva%20editora.pdf> Acesso em 22 de abril de 2023.

COIMBRA, Camila Lima; CECÍLIO, Luciana B.; TIZZO, Neila P. Jogos ortográficos. *Ensino em Revista*, Uberlândia-MG, v. 3, p. 105-110, 1993.

COIMBRA, Camila Lima. Somos o que devemos ser? Uma análise dos conceitos de pluralidade e diversidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a Pluralidade cultural. *Interações – Cultura e Comunidade*, Faculdade Católica de Uberlândia, v. 1, n. 1, 2006.

COIMBRA, Camila Lima; VALENTE, Lucia de Fatima. Um projeto e uma proposta de avaliação inspirados em princípios éticos freireanos. *In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6., 2008, São Paulo. Anais [...]/Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/xmlui/handle/7891/4109>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COIMBRA, Camila Lima; VALENTE, Lucia de Fatima. Um projeto e uma proposta de avaliação inspirados em princípios éticos freireanos. *In: QUILLICI, Armindo Neto; ORRÚ, Sílvia Ester (org.). Docência e formação de professores na educação superior: múltiplos olhares e múltiplas perspectivas*. Curitiba, PR: CRV, 2009. p. 71-86.

COIMBRA, Camila Lima; SPIGOLON, Nima Imaculada. Inspirações e práxis freireana: contribuições de Elza Freire para o diálogo e a convivência. *Caderno de Textos do GEPEJA (UNICAMP)*, v. 1, p. 78-86, 2010a.

COIMBRA, Camila Lima; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa. O que as IES aprenderam no processo de avaliação interna. *In: LARA, Marcos Rodrigues de; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa; ABRAMOWICZ, Mere (org.). Políticas públicas de avaliação: uma pesquisa em currículo*. Curitiba, PR: CRV, 2010b. p. 83-98. (Série Currículo: questões atuais, v. 2).

COIMBRA, Camila Lima. Um depoimento reflexivo: currículo em construção. *In: GOMES, Lucia Helena de Andrade; STANO, Rita de Cássia M. T.; ABRAMOWICZ, Mere. Currículo e avaliação: movimentos das políticas públicas no ensino superior*. Curitiba, PR: CRV, 2010c. (Série Currículo: questões atuais, v. 2).

COIMBRA, Camila Lima; POSSANI, Lourdes Fátima Paschoaletto; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Qualidade em educação*. Curitiba, PR: CRV, 2011a. (Série Currículo: questões atuais, v. 4).

COIMBRA, Camila Lima; OLIVEIRA, Eliana de. Qualidade da educação em Paulo Freire. In: COIMBRA, Camila Lima et al. (org.). *Qualidade em educação*. Curitiba, PR: CRV, 2011b. p. 75-84. (Série Currículo: questões atuais, v. 4).

COIMBRA, Camila Lima. *A pesquisa e a prática pedagógica no curso de pedagogia: uma possibilidade de articulação entre a teoria e a prática*. Curitiba, PR: CRV, 2011c.

COIMBRA, Camila Lima; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Reflexões sobre práticas docentes de qualidade no ensino superior*. Curitiba, PR: CRV, 2013a. (Série Currículo: questões atuais, v. 5).

COIMBRA, Camila Lima; STANO, Rita de Cássia M. T.; POSSANI, Lourdes de Fátima P. Os silêncios e cadências das entrevistas efetuadas: os ditos nos não-ditos. In: COIMBRA, Camila Lima; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Reflexões sobre práticas docentes de qualidade no ensino superior*. Curitiba, PR: CRV, 2013b. p. 23-24. (Série Currículo: questões atuais, v. 5).

COIMBRA, Camila Lima. Desculpe o transtorno: estamos lutando pela educação. In: GARRIDO, Noêmia de Carvalho; MESQUITA, Francisco Genezio Lima de (org.). *Memorial Paulo Freire: diálogo com a educação*. São Paulo: Expressão e Arte, 2013c. v. 1, p. 99-106.

COIMBRA, Camila Lima; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa; ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires (org.). *A construção do saber docente por bacharéis no ensino superior: desafios de uma formação*. Curitiba, PR: CRV, 2015a. (Série Currículo: questões atuais, v. 6).

COIMBRA, Camila Lima; FELICIO, H. M. S. Formação do docente universitário: estatuto legal, políticas e perspectivas atuais. In: COIMBRA, Camila Lima; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa; ABRAMOWICZ, Mere; STANO, Rita de Cássia M. T.; GONÇALVES, Yara Pires (org.). *A construção do saber docente por bacharéis no ensino superior: desafios de uma formação*. Curitiba, PR: CRV, 2015b. (Série Currículo: questões atuais, v. 6).

COIMBRA, Camila Lima; RICHTER, Leonice Matilde. Sons, imagens e contatos na tessitura do Círculo de Cultura: espaço-tempo de aprendizagem criativa. In: SPIGOLON, Nima Imaculada; CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves (org.). *Círculos de cultura: teorias, práticas e práxis*. Curitiba, PR: CRV, 2016a. p. 141-158.

COIMBRA, Camila Lima. A Educação do Campo: provocações sobre a identidade docente no PIBID Interdisciplinar. In: CHELOTTI, Marcelo Cervo. (Org) *Diálogos do Pibid com as escolas do/no campo*. Ituiutaba: Barlavento, 2016b, 428 p. Disponível em <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/19827/1/E-book%20vers%c3%a3o%20definitiva%20editora.pdf> Acesso em 22 de abril de 2023.

COIMBRA, Camila Lima. A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. In: LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro (org.). *Revolucionando a sala de aula: como envolver o estudante aplicando técnicas de metodologias ativas de aprendizagem*. São Paulo: Atlas, 2017a.

COIMBRA, Camila Lima. Categorias freireanas na práxis. *e-Mosaicos*, v. 6, p. 55-67, 2017b. DOI: 10.12957/e-mosaicos.2017.31162. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/e-mosaicos/article/view/31162>. Acesso em: 15 jul. 2021.

COIMBRA, Camila Lima; FELICIO, H. M. S. Ação docente no Ensino Superior: indicativos da articulação teoria e prática. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 28-32, 2017c. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2389>. Acesso em: 17 nov. 2020.

COIMBRA, Camila Lima. Princípios éticos freireanos como possibilidade nas licenciaturas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL PAULO FREIRE: O LEGADO GLOBAL, 2., 2018, Belo Horizonte. *Anais eletrônicos [...]*. Campinas: Galoá, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference-2018/trabalhos/principios-eticos-freireanos-como-possibilidade-nas-licenciaturas?lang=pt-br>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Autobiografia: sonhos e utopias em conflito. In: SEMINÁRIO DO LAGEPOP, 3. 2019, Uberlândia. Educação Popular: Valorização do Ensino, Pesquisa e Extensão. Laboratório de Geografia e Educação Popular. 14 a 16 de novembro de 2019. *Anais [...]*. Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2019.

COIMBRA, Camila Lima; MENDES, Olenir Maria. *Cadernos Temáticos*, 2019. (Prefácio, Pós-fácio, Apresentação). Disponível em: <https://sites.google.com/view/gepaeufu/publica%C3%A7%C3%B5es/cadernos-tem%C3%A1ticos?authuser=0>. Acesso em: 12 nov. 2020.

COIMBRA, Camila Lima; PEREIRA, Maria Simone Ferraz. *Insurgências curriculares: uma práxis integradora sobre a educação de crianças feministas no Curso de Pedagogia*. Trabalho apresentado no XX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (XX ENDIPE – Rio 2020). *Anais [...]*. Rio de Janeiro, 2020.

COIMBRA, Camila Lima. Os Modelos de Formação de Professores/as da Educação Básica: quem formamos? *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 45, n. 1, e91731, 2020a. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-62362020000100604&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362020000100604&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 6 abr. 2020.

COIMBRA, Camila Lima. Um modelo anacrônico para os cursos de licenciatura no Brasil: uma análise do Parecer CNE/CP nº 22/2019. *Formação em Movimento*, [S. l.], v. 2, i. 2, n. 4, p. 621-645, jul./dez. 2020b. Disponível em: <http://costalima.ufrj.br/index.php/FORMOV/article/view/623>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Portfólio: uma prosa criativa. In: NOGUEIRA, Daniel; LEAL, Edvalda Araújo; MIRANDA, Gilberto José; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro (org.). *Revolucionando a sala de aula: novas metodologias ainda mais ativas*. São Paulo: Atlas, 2020c. v. 2, p. 115-128.

COIMBRA, Camila Lima. As janelas abertas na pandemia: memórias e histórias. In: ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Janelas para o mundo: olhares sobre o currículo em tempos de pandemia*. São Paulo: Papo Educador, 2020d. p. 18-23. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/Livro-Janelas-pdf-baixa.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Prefácio. In: CROSARA, Daniela de Melo; SILVA, Leonardo Barbosa e. (org.). *A Assistência Estudantil em debate: análise dos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional brasileiro*. Curitiba: Brazil Publishing, 2020e.

COIMBRA, Camila Lima; SPIGOLON, Nima Imaculada. Centenário de Paulo Freire e 105 anos de Elza Freire. *Movimento de Educação de Base*, 30 jul. 2021a. Disponível em: <https://www.meb.org.br/centenario-de-paulo-freire-e-105-anos-de-elza-freire/#:~:text=Assim%2C%20criamos%20um%20selo%20comemorativo,no%20Brasil%20e%20pelo%20mundo>. Acesso em: 21 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima; SPIGOLON, Nima Imaculada. Utopias compartilhadas. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, MG, p. 3–8, 2021b. DOI: 10.14393/REP-2021-63427. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/63427>. Acesso em: 2 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima; COSTA, Natália Cristina Dreossi; SILVA, Leonardo Barbosa e. A evasão na educação superior: definições e trajetórias. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 47, e228764, p. 1-19, 2021c.

COIMBRA, Camila Lima. A (in)completude da práxis no pensamento freireano. In: PAIXÃO, Alexandro H.; MAZZA, Débora; SPIGOLON, Nima I. (org.). *Centelhas de transformações: Paulo Freire e Raymond Williams*. São José do Rio Preto, SP: HN, 2021d.

COIMBRA, Camila Lima. Do projeto-sonho ao caminho-sonho. In: ACEVEDO, W. de J.; TORO, J. W. (ed.). *Pedagogía y desarrollo humano: maneras de comprensión del otro y de lo otro*. Pereira, Colômbia: Universidad Católica de Pereira, 2021e. p. 6-17. Disponível em: <https://editorial.ucp.edu.co/index.php/e-books/catalog/book/66>. Acesso em: 9 maio 2022.

COIMBRA, Camila Lima (org.). A práxis educativa em uma perspectiva freireana. *Revista de Educação Popular*, Uberlândia, p. 3–8, 2021f. Edição especial. DOI: 10.14393/REP-2021-63427. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/63427>. Acesso em: 2 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Categorias freireanas na práxis: uma atualização. *Revista Multidisciplinar Humanidades & Tecnologia (FINOM)*, [S. l.], v. 32, p. 259-277, out./dez. 2021g. ISSN: 1809-1628. Disponível em: [http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM\\_Humanidade\\_Tecnologia/article/viewFile/2091/1417](http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/viewFile/2091/1417). Acesso em: 2 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Qual o tempo da esperança? O significado da utopia na práxis freireana. In: GUEDES, Marilde Queiroz; REIS, Cacilda Ferreira dos; QUEIROZ, Atauan Soares de; MARTINS, Nilza da Silva (org.). *Educação e mudança social: o legado de Paulo Freire*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a. p. 36-54.

COIMBRA, Camila Lima. As memórias das situações-limite vivenciadas na construção do inédito viável. In: BRESSANIN, César Evangelista F.; BALDINO, José Maria; ALMEIDA, Maria Zeneide C. M. de (org.). *Paulo Freire: memória, esperança e resistência*. Santo Ângelo, RS: Metrics, 2022b.

COIMBRA, Camila Lima. Os inéditos viáveis na formação de professor(es) da Educação Básica: os saberes e princípios éticos freireanos. *Revista Ciranda*, Montes Claros, v. 6, n. 2, p. 120-130, 2022c. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/ciranda/article/view/5934/5933>. Acesso em: 24 nov. 2022.

COIMBRA, Camila Lima. O inédito viável na formação de professores/as da educação básica: por onde vai uma práxis educativa. *Formação em Movimento*, [S. l.], v. 4, i. 1, n. 8, p. 152-

176, 2022d. Disponível em: <https://periodicos.ufrjr.br/index.php/formov/article/view/211>. Acesso em: 10 mar. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Paulo Freire por CEPF-UFU. *Portal do Bicentenário*, 2022e. Disponível em: <https://portaldobicentenario.org.br/timeline/paulo-freire-por-cepf-ufu/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

COIMBRA, Camila Lima. Prefácio. In: JESUS JÚNIOR, Osvaldo Alves de. *Educ@ção: senões e proposições dialógicas*. Ibicaí, BA: Via Litterarum, 2022f.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ERUNDINA, Luiza. Entrevista ao Juca Kfourri. 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=2413699965576469> Acesso em: 21 fev. 2023.

FREIRE, Maria de Fátima. Encerramento de Maria. VI Jornada Político Pedagógica e Primavera Paulo Freire, FAGED/UFU, 27 out. 2021. 1 vídeo (2:18:51). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=x\\_7IGPc80XE&t=6712s](https://www.youtube.com/watch?v=x_7IGPc80XE&t=6712s). Acesso em: 29 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Prefácio de Ernani Maria Flori. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. *Aprendendo com a própria história*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. Arapucas da Memória. 1993a. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=m5\\_ZlqU19Z8&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=6&t=321s](https://www.youtube.com/watch?v=m5_ZlqU19Z8&list=PLXzu7-reEpbLjdse-kU6AU-Neh4pvs2Aw&index=6&t=321s). Acesso em: 10 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. Entrevista a Moacir Gadotti. Nós podemos reinventar o mundo. *Revista Nova escola*, 1993b. Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo> . Acesso em: 10 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. Prefácio de Balduino A. Andreola. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo. Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. *Política e educação: ensaios*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

FREIRE, Paulo. Glossário. *Memorial Virtual Paulo Freire*, 2020. Disponível em: <http://glossario.paulofreire.org/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GARCIA, Olgair Gomes. A sala de aula como momento de formação de educando e educadores. *Revista Educação*, AEC, n. 104. Brasília: AEC, 1997. p. 62-84.

GAUTHIER, Clermont.; MARTINEAU, Stéphane.; DESBIENS, Jean-François.; MALO, Annie.; SIMATD, Denis. *Por uma teoria da Pedagogia: pesquisa contemporâneas sobre o saber docente*. Ijuí, RS: Unijuí, 2013.

GOMES, Thaís Freitas Pereira Araújo; COIMBRA, Camila Lima. Uma visão de mundo a partir da disciplina Princípios Éticos Freireanos. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6., 2008, São Paulo. *Anais [...]/Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4247/1/FPF\\_PTPF\\_01\\_0896.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4247/1/FPF_PTPF_01_0896.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

GONÇALVES, Gláucia Signorelli de Queiroz. *Inserção profissional de egressos do Pibid: desafios e aprendizagens no início da docência*. 2016. Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

GONÇALVES, Yara Pires. Um grupo de pesquisa freireano. In: GOMES, Lucia Helena de Andrade; STANO, Rita de Cássia M. T.; ABRAMOWICZ, Mere. *Currículo e avaliação: movimentos das políticas públicas no ensino superior*. Curitiba: CRV, 2010. (Série Currículo: questões atuais, v. 2).

GOODSON, Ivor F. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KINCHELOE, J. L.; McLAREN, P. L. Rethinking critical theory and qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Ed.). *Handbook of qualitative research*. 2. ed. Thousand Oaks, CA: Sage, 2000.

LARA, Marcos Rodrigues de; MONIZ, Maria Isabel de Andrade Sousa; ABRAMOWICZ, Mere (org.). *Políticas públicas de avaliação: uma pesquisa em currículo*. Curitiba, PR: CRV, 2010. (Série Currículo: questões atuais, v. 1).

LIMA, João Paulo Resende de; VENDRAMIN, Elisabeth de Oliveira; TONIN, Joyce Menezes da Fonseca; COIMBRA, Camila Lima. Processo de avaliação da aprendizagem na visão do corpo docente: aprender, punir ou responsabilizar? In: *BAFA Accounting Education Special Interest Group*, 2021.

LIRA, Lucivaldo. Apresentação. Relatório de Atividades. Fundação Conscienciarte, Paracatu, MG, 2006.

LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2003.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MENDES, O. M.; RICHTER, L. M.; MARTINS, C. A.; CAMARGO, C. O. de; COSTA, S. F. P. (org.). *Pesquisa coletiva, avaliação externa e qualidade da escola pública*. Curitiba-PR: CRV, 2018.

MORAIS, Sérgio Paulo. *Empobrecimento e inclusão social: vida urbana e pobreza na cidade de Uberlândia/MG (1980-2004)*. 2007. Tese (Doutorado em História Social) - Programa Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

MOREIRA, Nara. *Entre vivências e saberes: a construção da identidade profissional das pedagogas do IFTM Campus Uberlândia*. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

NOGUEIRA, Adriano S. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

OLIVEIRA, Larissa Chagas de; COIMBRA, Camila Lima. Os saberes da experiência: uma aproximação necessária. *Educação* (on-line), Santa Maria, RS, v. 42, n. 3, p. 705-716, set./dez. 2017. DOI: 10.5902/1984644423210.

PALUDO, Conceição. *Educação popular em busca de alternativas: uma leitura desde o campo democrático e popular*. Porto Alegre: Tomo Editorial; Camp 2001. 272p.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. Rumo à construção de uma universidade mais democrática e plural. *Conhecimento & Diversidade*, Niterói, RJ, n. 4, p. 11-24, jul./dez. 2010.

PEREIRA, Marcos Villela. *A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).

PINTO, Maria das Graças Carvalho da Silva Medeiros Gonçalves et al. *A educação não parou: o que fazer com o estágio obrigatório na pandemia?* Pelotas, RS: Editora IFSul, 2022. Disponível em: <http://omp.ifsul.edu.br/index.php/portaleditoraifsul/catalog/view/216/59/313-1> Acesso em: 1 mar. 2023.

REGO, Teresa Cristina. Trajetória intelectual de pesquisadores em educação: a fecundidade do estudo de memoriais acadêmicos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 19 n. 58, p. 77-800, jul./set. 2014.

RICHTER, L. M.; COIMBRA, Camila Lima; VALENTE, L. F. O Círculo de Cultura como prática pedagógica no curso de Pedagogia: uma experiência formativa. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6., 2008, São Paulo. *Anais [...]/Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008. Disponível em: [http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4161/1/FPF\\_PTPF\\_01\\_0818.pdf](http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4161/1/FPF_PTPF_01_0818.pdf). Acesso em: 10 mar. 2023.

RONCA, Paulo Afonso Caruso; TERZI, Cleide do Amaral. *A aula operatória e a construção do conhecimento*. São Paulo: Editora do Instituto Esplan, 1995.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SANTOS, I. O.; COIMBRA, Camila Lima. Currículo. In: MIRANDA, Gilberto José; LEAL, Edvalda Araújo; CASA NOVA, Silvia Pereira de Castro (org.). *Revolucionando a docência universitária: orientações, experiências e teorias para a prática docente em negócios*. São Paulo: Atlas, 2018. v. 1, p. 37-58.

SACRISTÁN, Jurjo Gimeno. *O currículo: uma reflexão sobre a prática*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SECCHI, L. *Análise de políticas públicas: diagnóstico de problemas, recomendação de soluções*. 1.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

STANO, Rita de Cássia M.T. Reforma universitária engavetada: desdobramentos de uma política pública de currículo. In: POSSANI, Lourdes de Fátima Paschoaletto; GONÇALVES, Yara Pires; ABRAMOWICS, Mere (org.). *Reforma Universitária: sinais do Sinaes*. Curitiba, PR: CRV, 2010. p. 133-140. (Série currículo: questões atuais, v. 3).

STANO, R. C. M. T.; COIMBRA, Camila Lima. A teoria-prática do professor-formador: contextualizações na formação docente. *Revista de Estudios e Investigacion en Psicologia y Educación*, v. 12, p. 33-36, 2017. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.12.2391>. Acesso em: 17 nov. 2020.

STANO, Rita de Cássia M. T. A amorosidade fundante de um Grupo de Pesquisa. In: ABRAMOWICZ, Mere. (Org.). *Janelas para o mundo: olhares sobre o currículo em tempos de pandemia*. São Paulo: Papo Educador, 2020. p. 18-23. Disponível em: <https://www.univas.edu.br/docs/biblioteca/Livro-Janelas-pdf-baixa.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2023.

STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (org). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VALENTE, L. F.; COIMBRA, Camila Lima; DALBERIO, M. C. B.; RIBEIRO, B. O. L.; RICHTER, L. M. Princípios freireanos e a formação de professores: uma proposta dos ciclos de formação com o eixo da práxis educativa. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DO FÓRUM PAULO FREIRE, 6., 2008, São Paulo. *Anais [...]/Programação do VI Encontro Internacional do Fórum Paulo Freire*. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Metodologia dialética em sala de aula. *Revista de Educação AEC*, Brasília, v. 21, n. 83, p. 28-55, abr./jun. 1992.

## Apêndice I

### Linha do tempo contada

Compositor de destinos, tambor de todos os ritmos...  
 Tempo tempo tempo tempo, entro num acordo contigo...  
 Tempo tempo tempo tempo...  
 Caetano Veloso (Oração do tempo)

#### Educação Básica (1979-1989)

Minha história de vida escolar inicia-se no Jardim de Infância Pássaro Azul. Cursei os anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Enéas de Oliveira Guimarães, onde, como a maioria das crianças de sete anos, assustei-me com o tamanho e a dimensão da escola pública. Nos anos finais do Ensino Fundamental, estudei na Escola Estadual Bueno Brandão. Como me tornei professora desde que nasci, prestei o exame para ingressar no curso de Magistério, nível médio, passei e curvei na Escola Estadual de Uberlândia.

#### Graduação em Pedagogia (1990-1993)

Em 1990 queria fazer faculdade de Pedagogia. Entusiasmada pelo término do Magistério, queria também ingressar na prática de ensino, ansiosa que estava em tornar-me professora. Foi o que fiz. Completara 17 anos na época e consegui um emprego no Colégio Objetivo Júnior de Uberlândia, além de ter sido aprovada no vestibular da Universidade Federal de Uberlândia - UFU. As coisas pareciam caminhar bem.

#### Colégio Objetivo Júnior (1990-1992)

As dificuldades foram tornando-se motivo de inquietação pessoal e profissional, impulsionando-me a utilizar leituras e discussões em sala de aula, no sentido de solucionar os entraves entre a teoria e a prática.

Nos primeiros anos do curso de Pedagogia, concomitantemente ao trabalho com a primeira série, pude utilizar os espaços para fomentação, troca de experiências, discussão, embasamento teórico/prático, que acredito terem sido de grande valia para o momento e para acumular propostas de intervenção na minha profissão. Quero dizer que esta fase foi de suma importância para a minha construção profissional.

Em meados de 1992, a Universidade Federal de Uberlândia passou por 90 dias de greve (de agosto a outubro), exigindo que o reitor eleito pela comunidade universitária fosse empossado pelo Governo Federal, à época sob o comando de Collor e depois Itamar Franco.

#### Diretório Central dos Estudantes (DCE) - 1993

Participei deste processo vitorioso e emocionante que conheceu momentos de extrema radicalização como a ocupação da própria reitoria, culminando na minha participação na Gestão de 1993 do Diretório Central dos Estudantes DCE/UFU. Era coordenadora de Eventos e pude experimentar nesta época uma forma de participação política e social. Desde então, não posso, assim como Gramsci, amar os indiferentes, ao contrário, “[...] acredito que viver

significa tomar partido. [...] Quem verdadeiramente vive não pode deixar de ser cidadão e partidário.”

Considero o ano de 1993, ter sido o ano em que realmente vivi a Universidade neste sentido de universal/cidade, pois tive a oportunidade de viajar, participar de Encontros, Congressos, da vida política dentro da UFU, tive a chance de ampliar meus horizontes para além das relações que se estabeleciam dentro da sala de aula, mirando para o tipo de Universidade que almejamos: pública, gratuita e democrática.

#### Programa de Educação Tutorial (PET) - 1993

Também em 1993 ingressei no PET (Projeto de Educação Tutorial), financiado pela Capes, com objetivo final de contribuir para a continuidade dos estudos das formandas do curso de Pedagogia. O projeto contribuiu para consolidar a concepção de não neutralidade das Ciências Sociais. Continuei até o meu natural desligamento, quando me formei, graduada em Pedagogia com Habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Educacional.

#### Colégio Objetivo Júnior (1994-1997)

Em 1994 voltei a trabalhar no Colégio Objetivo Júnior como professora de Educação Infantil (alfabetização). Prestei um concurso público para professor da rede municipal, passei, tomei posse, trabalhei 3 meses, mas tive dificuldade em me adaptar com uma turma de 2 a 3 anos. Eram muito pequenos. Era de manhã. Dessa experiência, só aprendi a dar mais valor às colegas da Educação Infantil, mais especificamente da creche. A escola era no bairro Santa Mônica, eu tive o prazer de ter uma diretora que me acolheu, ensinou e que é uma referência para mim até hoje, mas não consegui ficar.

#### Escola Municipal Mário Godoy Castanho (1994-1996)

No mês de agosto de 1994 fui contratada pela Prefeitura para o cargo de Orientadora Educacional no bairro Tocantins, pois havia passado no concurso para a área. Trabalhei durante um ano e meio nesta escola. Durante este tempo, ocupei dois cargos: um numa escola particular como professora e outro como Orientadora numa escola pública. Pude realmente constatar a desigualdade que vivemos em nossa sociedade. Tal realidade e toda a minha história de militância política no DCE impulsionaram-me à filiação, naquele mesmo ano, ao Partido dos Trabalhadores. As contradições, desigualdades e exclusões vivenciadas até aquele momento fizeram com que eu tomasse esta decisão de uma participação política, na tentativa de contribuição social para além do individual.

#### Pós-graduação na UFU: Especialização (1995-1997) e Mestrado (1997-2000)

Inquietei-me ao sentir, em 1995, a falta de uma discussão mais elaborada sobre a minha prática, portanto procurei um curso de Especialização em minha área e comecei a frequentá-lo. O curso foi oferecido pelo Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica da UFU com o título “Especialização em Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental”. Tal curso contribuiu muito para a reflexão (incessante e contínua) sobre a minha prática pedagógica.

Em 1997, muitas mudanças ocorreram. Início o Mestrado em Educação e assumo a Coordenação Pedagógica das Séries Iniciais do Ensino Fundamental do Colégio Objetivo Júnior em Uberlândia. Apenas um semestre. Em julho de 1997 saio da Coordenação.

#### Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais – PROCAP (1998-2000)

Cursando o Mestrado em Educação Brasileira, comecei a sentir que o cotidiano da escola de Ensino Fundamental não correspondia aos meus anseios como pesquisadora. Neste momento, fui convidada por uma professora do mestrado, que foi minha orientadora, para participar do Programa de Capacitação de Professores do Estado de Minas Gerais – PROCAP na Universidade Federal de Uberlândia. Participei de uma seleção e fui selecionada. Esse Programa durou dois anos esse Programa e pude aprender muito sobre a educação no estado de Minas. As várias Minas...

#### Universidade Federal de Goiás (1998-2000)

Durante esse tempo, prestei um concurso público para professora substituta na Universidade Federal de Uberlândia e passei. Fiquei pouco tempo, pois também prestei um outro para a Universidade Federal de Goiás, Campus Avançado de Catalão, e passei. Como esse era um concurso para professora efetiva, resolvi tentar a vida em Catalão, onde tive a oportunidade de trabalhar com os cursos de Licenciatura: Matemática, Educação Física, Letras, História e Pedagogia e pude perceber, desde então, as dificuldades das disciplinas pedagógicas espalhadas pelos cursos de licenciatura, uma vez que estas disciplinas não apresentavam um projeto mais organizado de formação docente. Fiquei dois anos... Por quê? Isso é difícil de responder, pois atribuo a vários fatores o meu pedido de exoneração. Um deles é porque não fazia parte do meu projeto individual mudar para Catalão e não queria fazer de conta que estava trabalhando em uma Universidade.

#### Faculdade Católica de Uberlândia – Católica – (2000-2006)

Concomitantemente às idas a Catalão, fui convidada por um grupo de professores aposentados da UFU para contribuir com a construção dos projetos acadêmicos para a criação da Faculdade Católica de Uberlândia. Ficamos três anos construindo esse processo, o que possibilitou a realização de uma revisão crítica dos currículos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas vividos por nós, criando propostas inovadoras, avançando nos equívocos históricos da formação inicial dos/as professores/as. Esta experiência foi interessante na tentativa de materializar em um currículo aquela fragmentação vivenciada por mim nos Cursos de Licenciatura. Neste PPC – Projeto Pedagógico de Curso, a pesquisa e a prática assumem papel fundamental, o que foi a mobilização para o meu trabalho de doutorado, em 2007, com o título: “A pesquisa e a prática pedagógica no curso de pedagogia: uma possibilidade de articulação entre a teoria e a prática”.

#### Secretaria Municipal de Educação (2001-2003)

Em 2001, assumi a assessoria pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, trabalhando com alguns programas e projetos. Uberlândia era uma cidade com mais de 500.000 habitantes e a Secretaria possuía 89 unidades/instituições educativas. A única forma de conviver com as amarras do setor público foi delimitar a minha ação, a partir de um planejamento estratégico

feito com o grupo de assessores/as, no qual cada um/a teve a possibilidade de assumir e determinar a linha de trabalho/ação.

PUC/SP: Doutorado em Educação: currículo (2003-2007) e Grupo de Pesquisa: Currículo: questões atuais (2007-2021)

No final de 2002, participei do processo seletivo para o doutorado do Programa de Educação: Currículo da PUC/SP, fui aprovada e tive a oportunidade de conhecer um outro universo, antes desconhecido, de autores/as, professor/as, estudantes, pois fui muito filha da UFU, com muito orgulho e honra, mas precisava conhecer outros mundos. A escolha da Instituição para meu doutorado se deu pela necessidade que existia em mim de conhecer Paulo Freire. Procurei um Programa que pudesse trazer mais perguntas às minhas históricas perguntas sobre a práxis. Assim, meu doutorado foi realizado no Programa em que Paulo Freire também habitou: Programa de Pós-Graduação em Educação: currículo da PUC/SP.

UFU: Campus do Pontal (2006-2010) e Faculdade de Educação (2010-...)

Início minhas atividades como professora na UFU, em 15 de setembro de 2006, no Campus do Pontal, em Ituiutaba. Em 2008, prestei um Concurso para Uberlândia, a pedido de meu companheiro que não se adaptava muito a Ituiutaba. Hoje vejo que foi muito bom, pois logo adoeci e precisei, de fato, ficar em Uberlândia para tratamento. Em 2010, quando meu Concurso estava quase expirando, a Faculdade de Educação me convoca para assumir a vaga. Assumo na Faculdade de Educação no dia 04 de junho de 2010. Como professora da Universidade, no dia 15 de setembro de 2023, completarei 17 anos de docência. Exceto pelas interrupções da vida, de 1990 à 2023, completo 33 anos de docência. Sobre esse tempo é que espero que o Memorial reconheça a história, o caminho percorrido.

**Apêndice II****Glossário da família**

*Sou constituída toda de afeto. Entendo que cada um/a de vocês contribuiu para o que me tornei. Tenho orgulho e honro cada palavra e gesto, ao lembrar de onde venho e com quem caminho. Obrigada, família.*

Antônio Carlos: meu pai. Reconheço o esforço do meu pai de não ser machista comigo. Ele foi meu parceiro na vida. Viveu mostrando, com seu olhar, o seu amor infinito por mim. Amava festa, amava a vida. Orgulhava-se de quem eu era, incondicionalmente.

Carlos: meu sogro. Ensina com o coração.

Carlos Henrique: meu irmão mais velho. Igualzinho a um irmão mais velho, amoroso, cuidadoso e rigoroso. Já vivemos muita coisa ruim juntos, mas a cada dia a vida torna-se mais leve ao seu lado.

Clarice: minha filha mais nova. A que me ensina diariamente que a filha tem vida própria. Cor, cheiro, gesto, corpo, tudo dela tem vida própria. Ensina um amor incondicional que não cabe na existência.

Daniel (Guel): meu primo. Padrinho da Clarice. Pai do Théo. Somos cúmplices de uma vida. Parceiros.

Daniela (Dani): minha prima-irmã. Mesmo sem o ser, somos irmãs. Fidelidade, afeto, amor e um sentimento de irmã construído com cumplicidade. É responsável por eu não me sentir sozinha no mundo. Muito cedo foi desbravar o mundo. Dá exemplo de coragem.

Diego: meu cunhado. Irmão do Estéfani. Exemplo de um tio carinhoso, amoroso e que tem a maior paciência de escutar as sobrinhas. Casado com a Nathalie e pai da Emília.

Elza: minha prima de segundo grau. Prima de minha mãe. Professora da UFU, do antigo Departamento de Princípios e Organização da Prática Pedagógica (Depop). Ensinou sobre a vida. Uma referência.

Emília: minha sobrinha. Filha do Diego e da Nathalie. Já nasceu poliglota. A menininha mais fofinha que eu conheço.

Enoy: minha tia, irmã de minha mãe. Morou a maior parte da vida em São Paulo. Fez economia. Sempre muito organizada e metódica. Super presente para todos/as da família. Era a comunicadora oficial da família. A pessoa mais prestativa que conheci na vida.

Estéfani: meu companheiro. Foi mesmo amor à segunda vista. Quando o conheci, era casado. Quando o vi novamente, solteiro, ficamos juntos e estamos até hoje. Completamos, em 2023, 20 anos de existência juntos. Nada fácil, mas tenho a certeza de que fiz a escolha certa. Uma pessoa sensível e cuidadosa, que tem um jeito só dele de me fazer sentir amada.

Fabiano: meu irmão mais novo. Do segundo casamento do meu pai. Um dos seres humanos mais doces que já conheci. Companheiro e carinhoso. Morou muito tempo longe, mas agora está pertinho.

Fernanda (Fefê): minha prima. Filha da Tia Zanza. Leu Paulo Freire. É professora. Temos muito em comum e espero que a vida nos ofereça mais encontros.

Fernanda: minha avó. Mãe do meu pai. Um exemplo de fortaleza. Tinha a casa de vó mais gostosa. Não queria saber de educar, só de estragar. Lugar onde eu me sentia abraçada.

Gabriela: minha irmã mais nova. Do segundo casamento do meu pai. Madrinha da Isadora. Nunca acho que cresceu. Bravinha, amorosa e carinhosa. Presença que faz a gente entender o significado da palavra irmã. Sei que posso contar, a qualquer hora, em qualquer momento.

Gisela (Gica): minha prima-irmã. Mesmo sem o ser, somos irmãs. Fidelidade, afeto, amor e um sentimento de irmã construído. É responsável por eu não me sentir sozinha no mundo. Seu filho é o Tomás, com idade muito próxima da Isadora. Compartilhamos maternagens.

Iêda: minha tia, irmã da minha mãe. Professora de Educação Física. Mãe do Leonardo, do Ivan (Gracinha) e da Gisela (minha prima-irmã Gica). Convivemos muito na infância. Alegre, animada, divertida. Uma tia com quem sei que posso chorar, estar, conversar... ser eu mesma. Casada com o Tio Maurício que sempre achei o tio mais bravo e hoje, uma leveza de ser humano.

Iolanda: minha tia-madrinha. Irmã de minha mãe. Professora de Matemática. Professora de Francês. Sempre foi a minha referência. Para tudo. Para o controle dos excessos e para o modelo de vida. Mulher forte. Mulher admirada por todo mundo que eu conheço. Mulher respeitada. Uma mulher bonita, exigente, inteligente, líder, fraterna e solidária.

Isabela (Bela): minha prima-irmã. Mesmo sem o ser, somos irmãs. Fidelidade, afeto, amor e um sentimento de irmã construído. É responsável por eu não me sentir sozinha no mundo. Casada com Jerônimo. O casal teve o Bernardo, com idade aproximada da Clarice. Importante criar essas gentes no mundo. Bela é a defensora do meio ambiente mais sensível que eu conheço.

Isadora: minha filha mais velha. A que me ensinou que ser mãe é a atividade mais difícil que eu faço nessa vida. Um ser humano cuidadoso, amoroso e impaciente. Diferente de mim, mas sempre comigo. Ensina um amor incondicional que não cabe na existência.

José Cândido (Tio Candinho): irmão mais novo de minha mãe. Trabalhou no Banco do Brasil. Morou em muitas cidades diferentes desse Brasil, como gerente do Banco. Um ótimo pescador. Pai do Fernando, da Letícia (minha prima-irmã) e do Guilherme (Guga). Casado com a Tia Elenir que me ensinou a beber cerveja.

Juliana: minha sobrinha. Filha do meu irmão mais velho, Carlos Henrique. Ela é a bailarina da família. Uma doce bailarina, no gesto delicado e no sorriso sensível. Parece que nasceu bailarina.

Leila: minha tia, irmã da minha mãe. Assistente Social. Desbravadora. Saiu mundo a fora para viver a sua vida profissional. Carinhosa e amorosa. Mãe do Marcel, do Bruno e da Isabela (minha prima-irmã Bela). Casada com o Robertinho, alma boa que traz paz a quem o abraça.

Letícia: minha prima-irmã. Foi a primeira mãe entre as primas e nos ensinou a entender melhor tudo isso.

Luca: meu sobrinho, filho do meu irmão mais novo, Fabiano. Um serzinho calmo, delicado, carinhoso e sensível.

Maria Ângela (Tia Zanza): minha tia, irmã do meu pai. Convivi muito com ela nas férias escolares, na infância. Fez Psicologia e conheceu Paulo Freire. Tenho livros que a filha dela, Fefê (minha prima-querida), me deu.

Maria Aparecida (Tia Lala): minha tia, irmã do meu pai. Lembro, quando criança, que queria que eu comesse feijão. Eu detestava.

Maria: minha avó. Mãe da minha mãe. Moramos juntas alguns anos. Meu tio Lélío chama minha avó de aroeira. Essa é a minha imagem dela. Mulher forte. Guerreira. Fez até o 5º ano do Ensino Fundamental. Mulher maciça, de fibra, que criou os filhos com caráter e dignidade. Família que honra e orgulha quem dela faz parte. Ficou viúva muito nova e cuidou de seus 7 filhos/as sozinha: Iolanda, Enoy, Marlene, Leila, Ieda, Vanderlei e José Cândido.

Marinez: minha tia. Casada com meu Tio Lelei. Sempre esteve do lado. Ajuda, cozinha, recebe, dá exemplo. Fez mestrado na UFU. Fez teatro. Animada, carinhosa e presente.

Marlene: minha mãe. Morreu quando eu tinha 6 anos de idade. Professora de História. Tenho muito orgulho da memória que crio dela. Aprendi a viver com ela como uma estrelinha. Sempre de longe, me olhando.

Maysa: minha cunhada. Pessoa constituída de paz, de calma e serenidade.

Nair: minha sogra. Ensina a ser mãe. Tenho alegria de minhas filhas conviverem com essa avó.

Nathalie: minha cunhada. Casada com o Diego, mãe da Emília. Quando estamos perto, aproveito a convivência da melhor forma que posso.

Théo: meu afilhado, filho do Guel. Insiste para que eu seja sonhadora. Um ser do bem. Não faz mal a ninguém.

Vanderlei (Tio Lelei): irmão da minha mãe. Trabalhou no Banco do Brasil. Sempre um exemplo pra gente seguir, de retidão, de justiça e de ética. Um ótimo contador de histórias. Pai do Daniel e da Daniela (minha prima-irmã Dani).

Observação importante. No glossário da família ainda falta muita gente, os primos que não tive a oportunidade temporal de colocar. Gostaria que todos/as se sentissem parte desse lugar de afeto em que guardo a minha família. Mesmo sem estar na escrita, estão em mim.